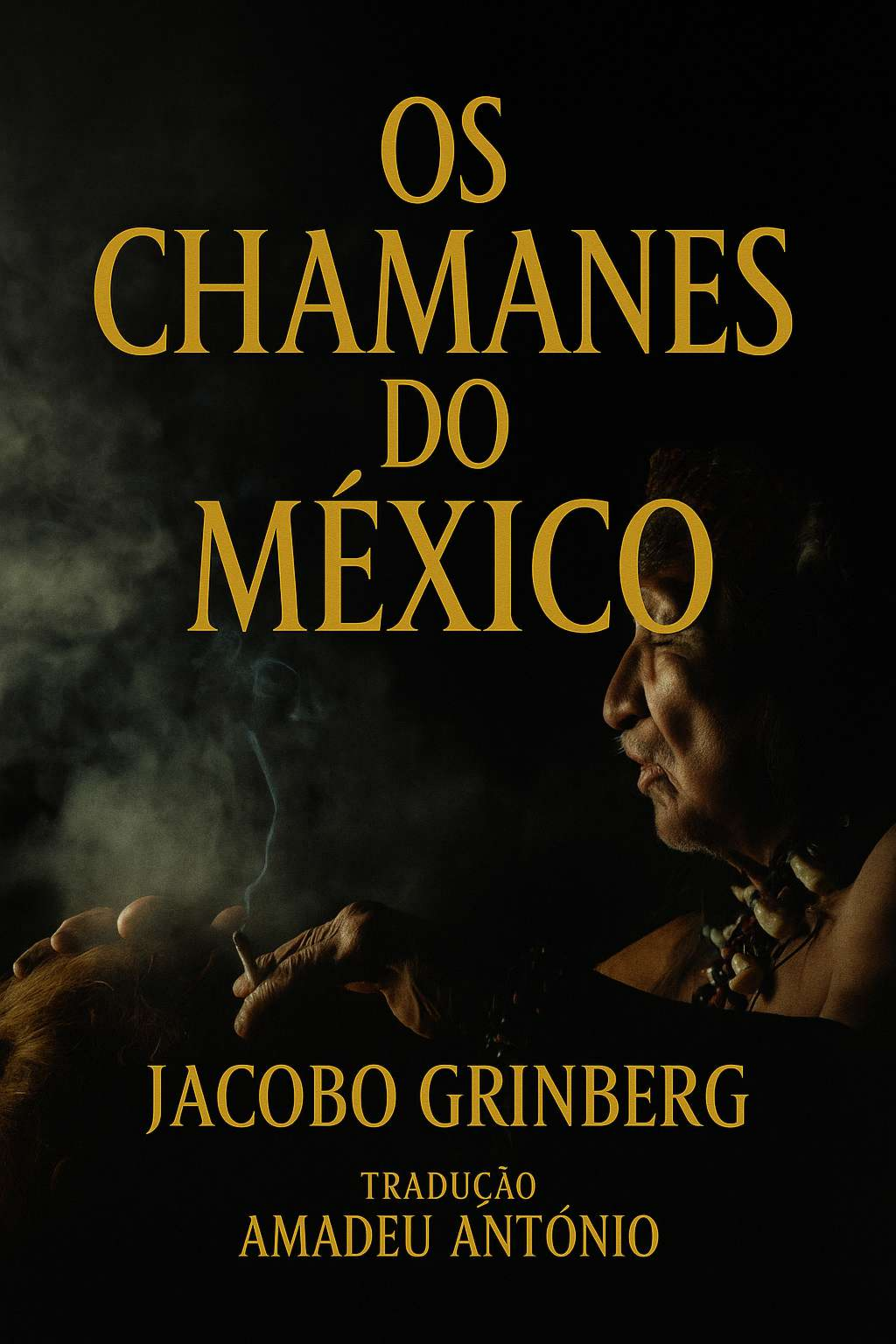


A man in profile, likely a shaman, holding a pipe and exhaling smoke. The background is dark and smoky, creating a mystical atmosphere. The man has a beard and is wearing a necklace with beads.

OS CHAMANES DO MÉXICO

JACOBO GRINBERG

TRADUÇÃO
AMADEU ANTÓNIO

XAMANES DO MÉXICO
JACOBO GRINBERG ZYLBERBAUM

PSICOLOGIA AUTÓCTONE MEXICANA

FACULTAD D E PSICOLOGIA
UNIVERSIDAD NACIONAL AUTONOMA DE MEXICO
INSTITUTO NACIONAL PARA EL. ESTUDIO
DE LA CONCIENCIA

ÍNDICE VOL. I

Apresentação e agradecimentos

Introdução

CAPÍTULO 1 Don Lucio, de Morelos Primeira parte: O primeiro encontro Segunda parte: Uma iniciação xamânica – A iniciação de Don Lucio Correlativos psicofisiológicos Doña Pachita, da Cidade do México

CAPÍTULO II Genealogia História pessoal Modalidades de trabalho de Pachita Diagnóstico Modalidade cirúrgica Manipulação do espaço-matéria Modalidade iniciática ou mística Conceito de realidade de Pachita Desenvolvimento da consciência Perspetivas Conclusões Apêndice sobre Pachita As minhas experiências com Pachita, por Ramón Mansilla Tinoco

CAPÍTULO III Doña María Sabina, de Huautla

CAPÍTULO IV Don Iván Ramón, da Cidade do México

CAPÍTULO V Doña Asunción, de Hidalgo

CAPÍTULO VI Don Inocencio Flores de la Cruz, de San Miguel Tzinacapan, Puebla (compilado por Eduardo Almeida Acosta)

CAPÍTULO VII Doña Licha, de Puebla Doña Licha Técnicas de cura de Doña Licha

CAPÍTULO VIII Os “Hasidim” de Morelos

CAPÍTULO IX Don Florencio, de Morelos Antecedentes O conceito de vida de Don Florencio As tribos de seres espirituais Aprendizagem de Don Florencio As cátedras Cátedra de Don Florencio O conceito de realidade de Don Florencio

XAMÃS DO MÉXICO VOLUME II MISTICISMO INDÍGENA

Introdução

ÍNDICE

CAPÍTULO 1 DON PANCHITO, DO IUCATÃO A viagem O encontro Aspectos psicofisiológicos A criação da experiência segundo a Teoria Sintergica A Teoria Sintergica O campo neuronal Interação entre o campo neuronal e a estrutura energética do espaço O segundo viagem Interações entre campos neuronais Os campos neuronais e os cristais de quartzo O fator de direcionalidade e o processador central A unidade por trás da diversidade – Don Panchito Considerações psicofisiológicas

CAPÍTULO 2 O LINHAGEM DOS GRANICEIROS DO ESTADO DE MORELOS O conceito de realidade segundo Don Lucio Os procedimentos de iniciação dos graniceiros Níveis de realidade dos graniceiros Cerimônias dos xamãs Manejos energéticos Procedimentos e técnicas de cura Transcrição de uma conversa gravada entre o autor e Don Lucio Conclusões

CAPÍTULO 3 O CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO NO XAMANISMO MEXICANO O conceito de desenvolvimento no linhagem de Don Juan Matus O conceito de desenvolvimento para Don Lucio de Morelos O conceito de desenvolvimento em Don Panchito do Iucatão Conclusões gerais Transcrição de uma conversa com Don Lucio

CAPÍTULO 4 DOÑA JOSEFINA, DE OAXACA A antecâmara A consulta A experiência xamânica Segunda visita Terceira visita Transcrição de uma conversa com Doña Josefina

CAPÍTULO 5 DOÑA REGINA, DA SERRA MADRE

CAPÍTULO 6 DOÑA MARÍA, DE MÉRIDA Genealogia O conceito de cérebro aberto Procedimentos terapêuticos Cura à distância Velaciones Guardiães Conclusões Entrevista de 1 de janeiro de 1986

CAPÍTULO 7 DON ANTONIO, DE QUINTANA ROO Origens dos poderes de Don Antonio Espíritos dos quatro pontos cardeais Cerimônia de adivinhação Conclusões Transcrição da gravação feita a Don Antonio na sua casa de Quintana Roo

CAPÍTULO 8 AS ESFERAS DE ADIVINHAÇÃO

CAPÍTULO 9 DOÑA RUFINA, DE PUEBLA por Elena Islas e Ma. Eugenia Sánchez Apresentação, por Eduardo Almeida Acosta Iniciação Visão da realidade Como trabalhava Doña Rufina Como curava O susto A feitiçaria ou maldade O mau ar O mau-olhado O mal de cuajo Como resolvia outros problemas Reuniões de curandeiros Discípulos

CAPÍTULO 10 DOÑA JOSEFINA MEZA, DE CIDADE
NETZAHUALCÓYOTL Introdução, por Ixtaccihuatl Carrasco Rivera
Doña Josefina Meza de Cidade Netzahualcóyotl A vida quotidiana de Doña
Josefina A conceção de realidade de Doña Josefina O conceito de
“protetor” Procedimentos de cura de Doña Josefina Aprendizado de Doña
Josefina O conceito de morte Conclusão

LOS CHAMANES DE MÉXICO VOLUME IV

LA COSMOVISIÓN DE LOS CHAMANES JACOBO GRINBERG-
ZYLBERBAUM

2.^a edição, México 1989 3.^a edição, México 1991 J. Grinberg-
Zylberbaum

Reservados os direitos para todos os países de língua castelhana ISBN
968-6022-02-3 IMPRESSO E FEITO NO MÉXICO

VOLUME III

ÍNDICE

1. Doña Sara de Quintana Roo
2. Don Rach Pech de Yucatán
3. El Cuate Chagala de Santiago Tuxtla
4. A vida espiritual de um povoado do Estado de Morelos
5. Doña Matilde del Soconusco
6. Don Atanasio da Serra Tarahumara
7. O pensamento e a linguagem dos ogüiruames raramuri da Serra
Tarahumara
8. Don Rodolfo de Jalapa
9. Pepito da Serra de Puebla
10. Juan Diego de Veracruz
11. Don Rufino de Yucatán
12. Algumas técnicas de meditação dos psicólogos autóctones
mexicanos
13. Os procedimentos de limpeza (limpias) na psicologia autóctone
mexicana
14. Don Agustín de San Juan Copala
15. Os rezadores do Estado de Guerrero

APRESENTAÇÃO E AGRADECIMENTOS

O livro que agora apresento é apenas um primeiro esboço sobre a psicologia autóctone mexicana; para ser revelada por completo, precisaria não de um, mas de centenas de volumes muito mais sábios e melhor elaborados do que este. A complexidade conceptual e a sabedoria do espírito mexicano, assim como a que existe sobre o tema, refletem-se no número crescente dos seus representantes: os xamãs e psicólogos autóctones, os “homens do conhecimento”, que somam milhares, espalhados por todos e cada um dos povos e cidades do nosso país. Este livro, modesto e também cheio de histórias, é apenas uma tentativa de abrir os olhos a uma realidade escondida, mas viva, resguardada, mas vigorosa, no interior da essência e no coração do nosso país.

Concebido originalmente como uma série de artigos, esta obra pretende ser o início de um processo de resgate da sabedoria original do México – sabedoria tão desvalorizada e esmagada pela Conquista e pelo modernismo, mas, ainda assim, sabedoria milenar e sobrevivente. Que este primeiro intento nos faça ver, a todos os que habitamos o México, que por trás da crise do materialismo que vivemos, o espírito pede para renascer e que é nossa obrigação trazê-lo à luz.

Quero agradecer a todas as pessoas que tornaram possível este estudo, em especial ao Lic. Miguel González Avelar, Secretário da Educação Pública, que apoiou e estimulou o meu interesse pelo conhecimento do México Indígena. A Teresa Vale, pelo apoio incondicional. A Jenny Lewis, pela magnífica edição. A Mónica Virchez e Ixtaccihuatl Carrasco, que realizaram a árdua tarefa de transcrever os estudos e entrevistas a partir das gravações magnéticas. A Emilia Flores Melo, que se encarregou de informatizar, ordenar e analisar os dados. A Guadalupe Ruiz Avila, pela colaboração. A Francisco San Román e Henri Bergonzi, pelo entusiasmo e responsabilidade ao aceitarem publicar os resultados da investigação nos volumes desta série. Por último, aos Psicólogos Autóctones Mexicanos e aos Xamãs do México.

J.G.Z. Fevereiro de 1987

INTRODUÇÃO

Uma das atitudes mais tristes e inquietantes do mexicano de hoje é a sua tendência para a autodesvalorização, talvez fruto de uma conquista brutal que desrespeitou por completo os seus valores próprios e o condicionou a ver o que é seu como coisa sem valor e o que vem de fora como onipotente. Basta olhar para as filas gigantescas à porta dos recém-inaugurados McDonald's ou para a preferência esmagadora por poupar em dólares em bancos norte-americanos para perceber que o mexicano não confia na própria nação e continua a deixar-se conquistar pelo estrangeiro.

E o mais espantoso é que essa postura de submissão exista num país onde vivem algumas das pessoas mais evoluídas do planeta: refiro-me aos homens do conhecimento do México, os xamãs e os psicólogos autóctones. Desde tempos imemoriais, cada tribo dos antigos habitantes do México era guiada, no plano espiritual, por um ou vários homens que se destacavam pela inteligência, pela intuição e pela capacidade de vidência. Pelo menos desde os toltecas, esses homens do conhecimento começaram a fundar linhagens através das quais, por uma cadeia de sucessores, transmitiam de geração em geração a sua forma particular de criar a realidade.

O número de linhagens que hoje existem no México é indeterminado, mas sabe-se que é abundante. Muitas sobreviveram à Conquista; outras nasceram depois dela. Encontram-se em quase todas as aldeias, regiões ou cidades e formam uma subcultura de complexidade e riqueza insuspeitas. Dedicam-se a curar doenças, a prever o futuro, a dar conselhos e a aliviar angústias. São consultados por povoações inteiras, que neles encontram orientação e consolo. A intuição é generosa, a vocação iniciática ainda mais. São os porta-vozes de tradições milenares e representam a raiz mais verdadeira e misteriosa do que é mexicano. Alguns realizam proezas quase milagrosas de intuição e conhecimento; quase todos possuem uma vontade de ferro e um otimismo invejável. Combatem a feitiçaria e consideram-se defensores dos desprotegidos e dos fracos.

Foi precisamente com o intuito de resgatar o saber destes homens que iniciámos uma investigação a nível nacional, convictos de que um povo com uma riqueza humana tão extraordinária como o México não tem motivo algum para se sentir desvalorizado e de que, talvez, o que acontece é simplesmente não sabermos quem somos. Esperamos que esta

investigação nos ajude a revalorizar-nos e a confiar mais em nós próprios. Com essa intenção nos comprometemos a divulgar os resultados.

Quanto à metodologia, optou-se pela investigação participativa: os investigadores conviveram com os xamãs, submeteram-se às suas ensinanças e, em alguns casos, tornaram-se seus discípulos. Assim obtivemos informação precisa e de primeira mão sobre práticas e doutrinas. Este método permitiu ainda testar alguns dos procedimentos terapêuticos usados pelos xamãs. Em certos casos realizaram-se entrevistas a pacientes e discípulos, com seguimento exaustivo dos efeitos das terapias e ensinamentos, recorrendo a uma equipa áudio-visual. O trabalho exigiu viagens constantes e estadias prolongadas nas comunidades onde vivem os xamãs.

Por fim, quero referir que os resultados obtidos até hoje confirmam as teses da Teoria Sintergica. Esta sustenta que a realidade perceptiva é o produto da interação entre um campo energético ativado pelo cérebro (o campo neuronal) e a estrutura do espaço-tempo (o campo quântico). A interação de ambos cria um padrão de interferência que inunda todo o espaço. A experiência consciente surge quando o Observador – um mecanismo hipotético chamado fator de direcionalidade – foca uma porção desse padrão. Os xamãs parecem dominar magistralmente esse fator de direcionalidade, sendo capazes de ativar experiências diferentes em locais distintos do espaço e em níveis diversos da realidade.

O PRIMEIRO ENCONTRO

Introdução

Os xamãs do México agrupam-se em linhagens distintas, consoante as técnicas, os procedimentos e a conceção particular que cada uma tem da Realidade. Entre essas linhagens está a dos Graniceiros do estado de Morelos, que se dedicam ao controlo das condições atmosféricas para evitar que tempestades, granizo ou geadas destruam as searas das comunidades que protegem.

Don Lucio Campos é um dos dirigentes da linhagem dos Graniceiros de Morelos. Para Don Lucio, a Realidade divide-se em duas grandes secções: o mundo visível e o mundo invisível. O mundo visível é o da matéria, dos corpos, das condições físicas. O mundo invisível é o dos seres que habitam o espaço: os “trabalhadores do tempo”.

Segundo Don Lucio, um xamã da sua linhagem só pode contactar os trabalhadores do tempo se for escolhido para tal. A escolha manifesta-se por um acontecimento terrível: um raio que atinge o corpo do candidato e do qual este sobrevive. O próprio Don Lucio foi atingido por um raio há mais de trinta anos e, a partir daí, tornou-se xamã.

Como tal, cura os membros da comunidade que o procuram. Além de curandeiro, é mestre e guia de um grupo de discípulos que o visita. Uma vez por ano, a 5 de maio, este xamã, acompanhado pelos membros da sua linhagem e pelos discípulos, realiza uma cerimónia na gruta de El Caleca, entre os vulcões Popocatepetl e Iztaccíhuatl. Nessa gruta, Don Lucio pede poder para enfrentar com êxito as tempestades e o granizo.

No dia a dia, Don Lucio é um camponês de Morelos que cuida da sua milpa, dos animais e da casa. Casado, com vários filhos, afirma que a sua missão de xamã deve manter um equilíbrio saudável e uma integração total com a vida de marido, pai, avô e agricultor. Dedica um canto especial da casa ao seu altar, onde pratica a arte de curar e o magistério xamânico.

Foi através de um amigo que soube da existência de Don Lucio. O meu interesse pelo estudo das concepções relativistas do tempo levou-me a procurá-lo. O que se segue é o relato do nosso primeiro encontro.

Uma tarde dirigi-me a Tlayacapan. Não sabia a morada de Don Lucio e decidi guiar-me pela intuição. Junto a um celeiro, vi uma choça estranha e pensei que lá vivia ele; enganei-me. Depois de outro erro, perguntei ao meu amigo – antropólogo, especialista em xamanismo e cineasta experimental – onde o poderia encontrar.

Saí de Tlayacapan e, a meio do caminho, caiu uma tempestade medonha. Uns miúdos fizeram-me hesitar, e foi essa hesitação que me colocou frente a frente com Don Lucio na estrada, ao volante da sua carrinha. De qualquer modo, conheci a família. A mulher, uma índia lindíssima já de idade, impressionou-me pela pureza dos traços, com rugas que partem dos olhos em leque. As mesmas rugas que Don Lucio tem.

Dois dias depois voltei a encontrá-lo. Saí de manhã da Cidade do México e, à hora marcada, ainda estava no miradouro de Cuernavaca. Cansado e mal-humorado, dormitei uns instantes e, de repente, senti uma urgência irresistível de partir. Liguei o carro e, em menos de seis minutos, estava em Tepoztlán. Algo aconteceu: à velocidade a que ia, o trajeto demora 12 ou 13 minutos. Parecia que uma força me engolira e me depositara ali.

Mais tarde, Don Lucio recebeu-me com simpatia. Ofereceu-me uma pequena cadeira no quarto dos altares e das oferendas, cheio de imagens de santos e cruzes dispostas no centro de uma mesa. Depois dos cumprimentos e de perguntar donde eu era e onde morava, sorriu abertamente e disparou: – Que se lhe oferece?

Senti-me na obrigação de explicar. Falei-lhe do meu trabalho e da minha convicção de que o tempo é a porta de acesso à sabedoria. Findo o discurso, calei-me. Don Lucio apoiou o queixo na palma da mão, semicerrando os olhos, meditativo. Por fim olhou-me e disse: – O tempo é muito importante, mas aprender com ele é muito difícil... e caro.

Senti um choque. Não conseguia misturar o económico com o espiritual, ainda por cima tratando-se de um índio. Fui criado por uma índia que, após a morte da minha mãe, tomou o seu lugar em casa. Conheço a beleza, a pureza e a honestidade que um coração índio esconde. A referência de Don Lucio ao “caro” deixou-me confuso e alarmado. Mas havia algo no rosto dele que não batia certo com dinheiro. Decerto me estava a testar. Quando cheguei a essa conclusão, tranquilizei-me e respondi: – O senhor é que manda; logo veremos se o meu bolso aguenta.

Don Lucio soltou um “mmmh...” pensativo e, de repente, mudou de tom: – Precisa de muito entusiasmo – disse baixinho – e o risco é alto. A gente do tempo é dura e ali não há caminhos.

Pensei que ouvira mal. Don Lucio falava de gente do tempo e mencionava um lugar concreto onde habitavam. Imaginei que se referisse a outro plano de existência. – Em que lugar vivem essas gentes, Don Lucio?

Don Lucio voltou a sorrir, com uma expressão onde a seriedade se misturava com mistério e uma pitada de ironia.

– Eu sei do que falo, Jacobo. Vivi três anos com eles e não é fácil.

– Três anos? – perguntei, atónito.

– Sim, senhor – respondeu com convicção. – Estive três anos com eles e ensinaram-me o que é o tempo.

O meu entusiasmo crescia a cada segundo. Se o tivesse conhecido meses antes, talvez não acreditasse, mas já aceitava a existência de outros planos.

– Quero saber mais, Don Lucio. Não me importa o que tenha de fazer. Aceito o risco.

Olhou-me outra vez e, no rosto, surgiu algo que interpretei como confiança. Meditou um instante antes de falar.

– Vejo que há entusiasmo e força; é disso que se precisa. O que quero saber são as tuas intenções.

Queria saber e voar – literalmente. Mas não sabia como explicar. Por outro lado, dedicara a vida a escrever e, com cada livro, sentia que dava algo de bom à humanidade.

Foi o que lhe disse, acrescentando uma comparação:

– O senhor cura, Don Lucio, porque sabe que é bom e assim ajuda o bem-estar das pessoas. Eu escrevo pelas mesmas razões. A minha intenção é saber mais e partilhar o que aprendo.

– Muito bem, muito bem – disse com doçura. – Não vejo nada de mal. Acho que posso fazer alguma coisa. Vou convocar os espíritos (já não lhes chamou “gente”) e direi que queres falar com eles para obter sabedoria.

Pareceu-me perfeito. Precisava de expor as minhas ideias e ninguém melhor do que entidades espirituais para me compreender e instruir. Agradei e deixei claro que queria seguir esse caminho sozinho, sem depender de ninguém.

– O único que terás de fazer – cortou Don Lucio – é uma cerimónia em que darei “luz”.

Por fim perguntei se o domínio do tempo permitia viajar de um lugar para outro.

– Em espírito, sim – respondeu. – Mas não em corpo. O tempo pode parar, acelerar ou atrasar-se, mas ninguém viaja nele com o corpo.

Na terça-feira comprei tudo o que era preciso e levei-lho. Inspeccionou as velas, o mole, as flores, as frutas e os doces. Depois sentámo-nos a conversar.

– Falei com eles – disse, sério. – Perguntaram o que vais fazer com o conhecimento que te derem.

– Vou escrever, Don Lucio.

– Pois eles dizem que há coisas que não poderás escrever e querem saber o que farás com os lucros dos livros.

Confesso que me desiludiu. Ninguém, exceto a minha consciência, tinha direito de decidir o que eu escreveria. E os lucros seriam ridículos: por mais que se vendam livros no México (se algum editor os aceitar), o autor ganha uma miséria.

Disse-lho, acrescentando que não aceitava imposições sobre o que escrevia, mas que compreendia o cuidado e o respeito necessários. Garanti que sabia quando calar. Don Lucio pareceu convencido e perguntou o que

me acontecera desde a última vez. Falei das dificuldades e da sensação de estar a ser posto à prova.

– Sobretudo – acrescentei – há alguém que encontro em sítios inesperados. Um senhor idoso, de cara muito estranha, cruzou-se comigo tantas vezes que já não pode ser coincidência.

Don Lucio franziu o sobrolho e fez-me várias perguntas sobre o aspeto do homem. Por fim disse que o veria no seu passeio noturno.

– Se for dos deles – sorriu –, trazem-mo. Se não for, logo se verá o que quer.

Ao despedir-me, explicou o motivo das velas: ao acendê-las, pelo tamanho da chama, saberia a resposta dos espíritos.

Primeiro pedira seis; agora duplicara.

– É porque a coisa é mais séria do que pensava. Precisamos de doze, pelos apóstolos – disse, grave.

Pedi também álcool e charutos. Explicou que na cerimónia estaria “gente” de todas as idades. O álcool era para os que, em vida, não conheceram as bebidas de hoje. Para as crianças, chocolates e rebuçados.

Na quinta-feira cheguei meia hora atrasado. O netinho de Don Lucio cumprimentou-me pelo nome e o avô explicou que, antes da cerimónia, ia fazer um trabalho no monte com um discípulo.

Resolvi acompanhá-los. Depois de boa caminhada, chegámos a uma pequena clareira rodeada de searas. A dois ou três metros do sítio onde o discípulo sentira o início da doença, havia uma árvore queimada por um raio.

Don Lucio achou lógico. Acendeu copal e começou a “limpeza”: primeiro o fumo do incenso por todo o lado; depois cobriu o doente com flores e lançou-lhe álcool; por fim espalhou limonada em todas as direções e, com duas palmas nas mãos, ahuyentou e “desenredou” (foi o termo que usou) os espíritos que se tinham apoderado do aluno.

No regresso perguntei se ele via os espíritos.

– Claro que sim! – respondeu. – Senão, como havia de curar?

Chegámos a casa. Enquanto assistíramos à limpeza, a mulher de Don Lucio dispusera flores, frutas e velas na mesa. Explicou que as doenças dos discípulos também eram dele e que, por isso, os curava e protegia como a filhos.

A cerimónia começou com o acender das velas. Don Lucio observava as chamas e, conforme a altura e a cor, soltava exclamações de alegria ou

preocupação. Depois apresentou-me à assembleia de espíritos, recomendando-me e insistindo no meu entusiasmo, boa-fé e intenções.

Continuava a vigiar as chamas e anunciava que tudo corria bem, que eu fora aceite.

Mais tarde sentámo-nos a comer e comecei a fazer perguntas:

– Existe reencarnação? Os trabalhadores do tempo reencarnam? A consciência adquire-se ou deposita-se num corpo?

Don Lucio ria-se e respondia uma a uma.

– A reencarnação existe – declarou, solene. – Os trabalhadores do tempo nunca regressam e a consciência dá-se.

Falámos depois de uma profecia tibetana que apontava o México como ponto de partida de uma grande mudança de consciência.

– A mudança já começou – afirmou – e será enorme.

Não quis dizer como nem quando, mas contou a história do avô do discípulo que acabara de limpar.

– Era muito bom homem, mas os raios perseguiam-no. Caiu-lhe três vezes; à terceira matou-o. Tornou-se trabalhador, porque estes andam sempre com os raios. Agora o neto tem um trabalho, mas “deixou-se” e por isso adoeceu.

Conversámos horas. No fim, marcámos novo encontro para segunda-feira, para falar das nossas experiências. Despedimo-nos e Don Lucio desejou-me toda a sorte.

Segue-se o relato das impressões que Don Lucio causou em Gretchen Andersen, que em 1985 se juntou à investigação sobre Os Xamãs do México. Gretchen Andersen é investigadora norte-americana especializada em culturas indígenas.

Já se escreveu sobre o xamã Don Lucio e, de facto, desde a primeira visita confirmei muito do que lera e ouvira. Encontrei um homem que saúda carinhosamente os visitantes e possui um conhecimento profundo da vida e da realidade. Aparentemente, a sua vida decorre de forma normal: camponês trabalhador, lavra diariamente os campos do seu povo e insiste com quem o visita na importância de pôr o pão na mesa, sobretudo nestes tempos cada vez mais difíceis. Mas nem tudo o que diz é tão comum ou prático: sublinha também as nossas obrigações espirituais e as nossas ligações a um mundo invisível onde interagimos com seres de outras dimensões ou níveis de existência. É um homem equilibrado e mostra

como as preocupações práticas do dia a dia se harmonizam com um mundo de mistério que poucos de nós experimentaram ou compreenderam.

O meu primeiro encontro com Don Lucio foi em grupo.

Impressionou-me o interrogatório rigoroso a que submeteu cada visitante, tocando sempre num ponto-chave da vida de cada um, como se fizesse comentários banais. Parecia que nada das nossas vidas lhe podíamos esconder.

Depois dessa fase inicial, falou dos nossos tempos e do futuro, pintando um quadro sombrio. Referiu a nossa atual incapacidade de curar doenças comuns que, até há pouco, se resolviam de forma simples e eficaz. «Uma constipação hoje já não é o que era. Não se cura com uma aspirina e limão», observou. Avisou-nos dos problemas económicos e de saúde que aí vêm, mas ao mesmo tempo parecia falar das doenças sociais que nos afligem e para as quais não há cura conhecida.

Ofereceu uma possível solução: um homem que virá, dotado de grande poder e sabedoria, destinado a ajudar-nos a atravessar os tempos difíceis. Fez-me lembrar as visões apocalípticas da chegada de um Salvador; outro visitante comparou-o a um Emiliano Zapata dos nossos dias.

Aos 71 anos, Don Lucio ainda não encontrou discípulo ou herdeiro que o substitua, nem alguém com quem partilhar as suas visões. Nem sequer os padres que o visitaram conseguiram falar dos «rebanhos» ou dos «pastores que cuidam dos rebanhos». Muitos vieram aprender, mas nenhum ultrapassou os limites da compreensão intelectual – aquela em que não se tomam notas com caneta e papel, mas se escreve para sempre dentro da cabeça. Por isso Don Lucio repete: «Guarde aqui», e escreve palavras invisíveis na nossa testa. «Aqui nunca se perdem nem se esquecem.»

Contou-nos o caso de Dora, de Nova Iorque, que veio falar com ele sobre métodos de cura e controlo do tempo. Após várias sessões, as perguntas de Dora não paravam de crescer. Um dia perguntou se existia um livro com toda aquela informação. «Claro que existe», respondeu, e entregou-lho. Rimo-nos todos quando nos contou que Dora voltou a correr, indignada: o livro estava escrito em grego. Don Lucio fez uma pausa teatral, para ver se tínhamos percebido a piada, e continuou a rir. Segundo ele, Dora ainda tinha muito a aprender sobre controlo atmosférico – teve de lhe ensinar coisas tão elementares como fazer nuvens e raios. «Manda-se o raio assim», disse, imitando um gesto magnético com as mãos, «e depois

grita-se ao Emanuel do Popocatépetl que mande uma nuvenzinha para este lado.» Despediu-se dela feliz, convencido de que ela sabia muito pouco da matéria.

Ao ouvir aquela história, percebi que grande parte do que Don Lucio nos dizia não estava nas palavras, mas em cada gesto, em cada movimento. E que o objetivo não era entreter, mas transmitir uma mensagem cuja compreensão dependia da nossa capacidade de a captar.

«Somos todos iguais, Don Lucio? Quem observa vê o mesmo em todos nós?», perguntou alguém. Na conversa sobre quem somos e sobre outros mundos, Don Lucio respondeu que somos diferentes – cada um com a sua maneira especial de ser e fazer –, mas quem vê, vê tudo igual. Somos o mesmo no corpo, na mente, na essência; e, ao mesmo tempo, diferentes. A ideia tornou-se clara quando disse que todos vimos do mesmo sopro divino. As diferenças nascem dos «presentes» que cada um recebeu. Esses presentes moldam quem somos e o tipo de vida que levamos; são dados, controlados e guiados por seres como os pastores e os trabalhadores do tempo.

Explicou que os trabalhadores do tempo vivem num mundo fisicamente parecido com o nosso – com mulheres, crianças, bebês, anciãos –, mas em perfeita harmonia e paz. Há os de antes e os de depois. Todos fomos trabalhadores do tempo antes desta vida e podemos voltar a sê-lo depois. Quando lhe perguntei qual seria a sua próxima tarefa após esta existência, respondeu apenas que faria o que o Senhor lhe pedisse, sem mais detalhes. Falámos brevemente disso e, embora restassem mil perguntas, resolvemos guardá-las para a visita seguinte: Don Lucio estava cansado.

Antes de partirmos, deu-nos a cada um uma limpeza – ou, como prefiro dizer, um dos seus «presentes». O quarto encheu-se de cheiro a ervas e álcool enquanto ele repetia a bênção, batendo com o líquido sagrado na nossa cabeça, costas e peito, e abençoando as mãos para o trabalho futuro. Como ele próprio andara doente, encurtámos a visita, agradecendo o tempo e a energia que nos oferecera.

SEGUNDA PARTE

UMA INICIAÇÃO XAMÂNICA

Como já vimos, Don Lucio Campos vive numa pequena povoação do estado de Morelos. Há mais de trinta anos foi iniciado na arte de curar e de dominar tempestades e granizo, para proteger as colheitas da sua região.

Um dia, enquanto vigiava as vacas no campo, viu aproximar-se uma esfera multicolorida. Ao tentar agarrá-la, perdeu os sentidos. Quando recobrou a consciência, percebeu que fora atingido por um raio. Regressou a casa a cheirar a queimado, o que assustou a mulher. Oito dias depois, no campo, começou a ver pequenos seres que o chamavam. No dia seguinte deixou de comer e perdeu interesse pela vida quotidiana. A esposa tentou curá-lo, sem sucesso. Aos poucos entrou em coma e assim permaneceu três anos.

Don Lucio conta que, enquanto o corpo jazia inconsciente e alimentado artificialmente, o espírito estava desperto, a receber ensinamento dos trabalhadores do tempo – seres espirituais encarregados de manter o equilíbrio atmosférico do planeta.

No primeiro ano viajou com eles por todo o mundo, aprendendo a dominar tempestades, desviar granizo e «disparar o raio». No segundo ano foi treinado a reconhecer ervas medicinais e a dominar técnicas de cura. Os trabalhadores do tempo formam rebanhos distinguíveis pela cor: branco, amarelo, verde, negro, etc. Cada rebanho representa uma nação e um estado de consciência. Para Don Lucio, o México é o rebanho branco pela sua capacidade de estar no Ser, no centro da consciência.

Cada rebanho é guiado por um pastor; todos os pastores obedecem ao «pastor dos pastores», a quem Don Lucio atribui funções divinas.

Depois de visitar todos os rebanhos e conhecer os seus pastores, Don Lucio chegou a um vale magnífico onde o pastor dos pastores o recebeu e felicitou pelo caminho percorrido. O xamã pediu para continuar a aprender; o «sumo pastor» indicou-lhe um trilho. Don Lucio seguiu-o até três montanhas além das quais já não havia caminho. Nesse lugar recebeu a derradeira iniciação: aprender a distinguir o bem do mal e a compreender a conduta humana. Depois, o pastor dos pastores ordenou-lhe que regressasse ao corpo físico e usasse o que aprendera em benefício da humanidade sofredora.

Don Lucio obedeceu e, até hoje, cura e protege as searas da sua povoação. Ensina aos discípulos o uso de ervas e outras técnicas terapêuticas.

Usa a limpeza para reorganizar a energia corporal e as «vistas» para diagnosticar. Nas limpezas serve-se de ovos de galinha: ao esfregá-los no corpo do paciente, absorvem energias negativas. Nas vistas coloca os ovos em copos de água transparente; consoante a forma das claras, bolhas, posição da gema, etc., faz o diagnóstico – nunca sem referir espíritos ou trabalhos de inveja e ódio.

Alguns discípulos são «coroados». A coroação é uma cerimónia iniciática que eleva o aspirante a servidor do tempo – categoria humana, um degrau abaixo dos trabalhadores do tempo etéricos. O servidor do tempo cura e controla o clima, guiado por um ou vários protetores.

Um exemplo foi-me contado pelo próprio Don Lucio.

Gobi, uma jovem norte-americana que vivia em Taxco, foi avistada por um rebanho de trabalhadores do tempo. Um deles sentiu-se atraído pela rapariga e pediu licença para se tornar seu protetor e guia. O «Senhor» concedeu-a, depois de confirmar que a intenção era o aperfeiçoamento da jovem.

O trabalhador, sob a forma de nuvem, foi procurá-la, mas soube que já não morava em Taxco. Localizou-a nos Estados Unidos, onde estava de visita. Esperou que tomasse o avião de regresso ao México e, cinco minutos após a descolagem, lançou um raio ao aparelho, perto do lugar de Gobi. O avião aterrou; Gobi mudou de voo. Cinco minutos após nova descolagem, outro raio – desta vez na janela dela. O avião abanou, mas continuou; Gobi chegou ao México tonta e quase inconsciente. Um amigo levou-a a Don Lucio. Este compreendeu tudo, coroou-a e informou-a de que o seu protetor lhe oferecera dois «jardins»: o dom de curar e o poder de manejar os elementos atmosféricos.

Esta incrível iniciação não é comum, embora ter sido atingido por uma descarga elétrica (o raio) seja considerado, entre os servidores veteranos, sinal seguro de eleição pelos trabalhadores do tempo.

Don Lucio diz ser capaz de se desprender do corpo e, em espírito, trabalhar no tempo, percorrendo o planeta e praticando boas obras. Os espíritos avisam-no quando chega um doente e recomendam-lhe remédios e procedimentos de cura.

Uma vez por ano, a 5 de maio, Don Lucio reúne-se com os discípulos e membros de outras linhagens de servidores de Morelos numa gruta entre os vulcões Popocatepetl e Iztaccíhuatl – El Caleca –, onde recebem força para enfrentar as forças do mal e assim proteger as suas comunidades.

É fascinante descobrir semelhanças entre os xamãs mexicanos e os de outras latitudes, como os da Sibéria. Segundo Mircea Eliade, também os xamãs siberianos são iniciados pelo raio e há quem, tal como Don Lucio, se dedique a curar e a defender as comunidades contra condições atmosféricas adversas.

Estamos, pois, perante um desenvolvimento peculiar da consciência – tão real e significativo quanto a consciência ocidental, obcecada pelo material e tão afastada do espiritual.

Em contraste, as linhagens de servidores do tempo de Morelos mantêm uma ligação estreita com ordens puramente espirituais. O próprio Don Lucio distingue dois mundos: o dos objetos visíveis e o dos seres invisíveis. Este último é, segundo ele, um mundo de trabalho, sem ódios, discriminações nem preconceitos. Todos lá trabalham em obras de bondade. Por isso, quando lhe ordenaram regressar ao corpo terreno, Don Lucio sentiu que o mandavam para o inferno. Esteve quase a recusar, mas lembrou-se de quem lho pedia – o pastor dos pastores! – e obedeceu.

A iniciação de Don Lucio

O que se segue é a transcrição quase literal do relato da sua iniciação no xamanismo, contado pelo próprio Don Lucio ao autor, no quarto dos altares da sua casa.

Um relato destes só se obtém com a confiança do xamã – confiança que exige provas de intenção. Neste caso, Don Lucio autorizou inclusive a sua reprodução.

Encontrei Don Lucio a brincar com o neto recém-nascido, numa ponta da pequena mesa de madeira onde o resto da família comia. As gargalhadas misturavam-se com o vapor húmido do temazcal, certamente preparado para a mãe puérpera. Receberam-me como se fosse mais um da casa e mandaram-me sentar. Vinha de Tepoztlán e, de repente, senti que a povoação de Don Lucio era o meu verdadeiro lar.

O neto olhava-me, sereno e descontraído, enquanto o avô, quase surdo, dizia que Deus o voltara a abençoar. Eu ardia por dentro, num fogo quase insuportável, e viera pedir conselho. Don Lucio pareceu perceber a

urgência e convidou-me para o quarto ao lado, onde uma mesa coberta de estatuetas e velas fazia de altar, ladeada por duas cadeirinhas de madeira.

Sentámo-nos frente a frente. Don Lucio reparou que a sua vela vermelha derreteria toda a parafina por uma fenda no copo de vidro. «Partiu-se de tanto calor», disse, sorrindo. Entendi-o como reflexo do fogo que me consumia.

Olhou-me nos olhos e senti que me trespassava. «É preciso conservar-se», disse, sério. «Nestes tempos o mal anda à solta e tenta entrar, mas é preciso rejeitá-lo para se manter no alto. Nada nos deve fazer cair; com a ajuda de Deus, tudo se resolve.»

Gostei das palavras – eram o espelho do que sentia. Agradei. Após um silêncio concentrado, continuou:

«É como outro dia. Até no tempo se reflete o mal e tenta deixar-nos sem colheitas. Vi no céu uma nuvem negra em redemoinho; das quatro direções vinham nuvens iguais, todas a girar. Percebi que era grave, que no céu se travava uma grande batalha. Peguei na minha luz, pus do lado direito, acendi o carvão do esquerdo e preparei-me para sahumar. Sentei-me no meio, à porta de casa, pronto a repelir aqueles seres. Começou a granizar e, olhe, Jacobo, num instante a terra ficou branca. Fiquei firme e mandei-as para cima; subiram, rápidas como tinham vindo, rumo a Tepoztlán e Zempoala, as malditas.»

Não consegui esconder a alegria; ria e batia palmas nas costas de Don Lucio, que fazia o mesmo. «É igual com as pessoas», disse eu, surpreendido com as minhas palavras. «Tentam entrar em nós como as nuvens; é preciso manter-se à parte.»

«Exato», respondeu, mostrando a mão esquerda. «Vê estes dedos? Foi com eles que aprendi a guiar o raio.»

A mudança súbita de assunto apanhou-me desprevenido. Ia fazer uma pergunta que ainda não subira à superfície da consciência, mas que, após a frase de Don Lucio, se tornou clara: quem eram os seres por trás das nuvens?

Perguntei-lha. Ele olhou-me, espantado. «Então não lhe contei?!»

«Talvez, mas já não me lembro», respondi, tímido.

«Ora, Jacobo... Lá vai. Outro dia, no campo, uma árvore forte, de tronco largo, apareceu arrancada com raízes e tudo, deitada no trigal de um compadre. Chamaram-me para ver e dar testemunho. A árvore fora puxada do chão por uma mão poderosíssima e deixada a alguns metros, intacta,

sem um ramo partido. Soube logo que tinham sido os do tempo – são fortíssimos e trabalham em equipa. Eu também fazia esses trabalhos quando andava com eles.»

«Como chegou até eles?», perguntei, ansioso por ouvir a história outra vez.

«Então não lhe contei, homem?»

«Olhe», continuou, decidido. «Um dia levei o gado a pastar no monte. Lá pelas três da tarde, olhei para o céu e vi uma bola feita de ramos de todas as cores, a aproximar-se a grande velocidade. Brilhava tanto, era tão bonita, que estiquei os braços para a agarrar. Estava assim quando, de repente, tudo escureceu. Acordei no chão às cinco e meia, sem saber o que acontecera. Corri para as vacas; ao tocar na cabeça, senti-a molhada e sem chapéu. Fiquei espantado e fui procurá-lo. Vi que a erva onde estivera estava achatada e, de súbito, lembrei-me: o raio caíra-me em cima. Apavorado, corri para o gado e encontrei um amigo. Disse-lhe que queria esconder-me em casa, com medo que o raio me encontrasse outra vez. Ele riu-se e disse que até em casa podia acontecer.

Percebi que tinha razão e conformei-me. Afinal, era igual em todo o lado! Sentei-me numa pedra a contemplar o campo. O sol estava lindo e eu sentia-me bem, mas com uma fome do caracas. Nunca sentira tanta. Levantei-me, cheguei a casa. A minha mulher estava grávida do primeiro filho; não lhe disse nada para não a assustar. Pedi-lhe que me ajudasse a tirar o casaco. Ao aproximar-se, cheirou a queimado.

«De onde vem esse cheiro?», perguntou. Não respondi. Comi como desesperado, mas foi a última vez. A partir daí deixei de comer; quinze dias depois, era só ossos. Adoeci de morte, Jacobo. Tinham de me carregar de um lado para o outro; já não andava. Pedia que me deixassem morrer na cama e parassem de me passear, de pura vergonha. Levaram-me a médicos, a curandeiros; ninguém sabia o que tinha. Assim passei três anos. O corpo estava morto, mas o espírito desprendera-se e andava com os do tempo... Conheci tantas coisas, Jacobo, percorri rebanhos de todas as cores e os seus pastores.»

«Oiça, Don Lucio», interrompi. «De onde vêm os seres dos rebanhos?»

A expressão mudou. Cravou-me os olhos, como a perguntar se eu falava a sério, e deu-me uma palmada nas costas, a rir.

«Como “de onde vêm”? O que se passa, Jacobo? Onde anda essa cabeça? Somos nós... Sim, homem, nós somos os rebanhos. Não sabia? Ora essa!»

Fiquei envergonhado, mas a dúvida permanecia. Olhei-o, inquisitivo. Ele pareceu adivinhar, pigarreou e continuou:

«As cores são várias: branco, amarelo, depois ouro, negro. Diga lá, Jacobo, de onde vêm as cores?»

«Não sei, Don Lucio.»

«Ora, homem! Onde anda essa cabeça? Os brancos somos nós, os mexicanos; os loiros são os americanos; os de ouro, os alemães.»

«Eu pensava que os negros eram os americanos.»

«Não, homem, que ideia! Somos todos iguais – e mais ainda entre os do tempo. Lá trabalha-se em igualdade, embora as cores permaneçam.»

«Em que se trabalha?», perguntei, curioso, sentindo-me uma criança diante de um ancião sábio.

«Isso é que é bonito», disse, sorrindo. «Há muitos trabalhos. Então não lhe contei?»

O primeiro ano trabalhei com o tempo. Caminhava com os rebanhos de um lado para o outro. Num minuto íamos do México aos Estados Unidos. Vigiamos nuvens e relâmpagos, dávamos voltas ao mundo, mudávamos o rumo das tempestades. Olhe esta mão: dos dedos saíam luzes para mover os raios.

O segundo ano trabalhei a terra. Aprendi a reconhecer sementes, a semear e a colher. Hoje sei cuidar do milho, do trigo, do feijão, das favas – tudo o que se planta.

O terceiro ano conheci todos os rebanhos e pastores. Como já disse, o primeiro é o branco – nós, os mexicanos.»

Eu estivera numa palestra em Tepoztlán onde o arqueólogo Alexander von Wuthenau defendera que o México fora visitado por homens de todas as civilizações muito antes de Colombo. Perguntara-lhe se isso significava que o mexicano atual era a mistura de todas essas raças; ele dissera que sim. A luz branca é a mistura de todas as luzes – coincidia com Don Lucio. Disse-lho; ele respondeu que no México estava o centro.

«Exato, Jacobo. O México é o centro; por isso nos visitavam tanto. Temos essa luz.»

Acabara de voltar da Índia e do Nepal; a observação de Don Lucio refletia a minha própria opinião. O mexicano, sobretudo o do campo, parece tocar o centro mesmo da consciência.

«Por isso antigamente não suportávamos estrangeiros. Sentíamos-los longe desse centro; era muito difícil», disse, convicto.

«Esse centro», acrescentei, «é o maior tesouro. É donde se sente o infinito. É novo a cada instante e, ao mesmo tempo, igual. Daí se cura e tudo ganha sentido.»

«Exato», disse, batendo-me nas costas. «Vejo que me entende. Por isso, venha um dia de madrugada, em jejum, para testemunhar as cores dos rebanhos. É muito, muito importante.»

A convite seduziu-me; prometi ir num sábado.

Lembrei-lhe que estava a contar o encontro com os rebanhos.

Pigarreou e continuou:

«Caminhava entre eles até que cheguei a um vale imenso, cheio de rebanhos e pastores. As montanhas transbordavam deles; tudo era belíssimo. No centro, numa rocha, estava o pastor de todos os pastores, barba branca comprida, cajado sobre os joelhos. Eu estava na orla; quando me sentiram, abriram caminho. Caminhei até ele. Ao chegar, olhou-me, levantou o cajado, deu-me as boas-vindas e disse que ali estava pela vontade de Deus. Perguntou se queria ir até ao fim do caminho. Disse que sim; apontou um trilho e mandou-me voltar depois. Segui até uma montanha que barrava a passagem. Outras duas guardavam um pequeno vale. À esquerda, uma cruz com Cristo – sem pregos, por vontade própria. À direita, três arcas e um vigia. Aproximei-me da primeira; o guardião perguntou se queria ver o interior. Disse que sim; abriu-a. Água cristalina girava, serena. Algumas gotas salpicaram-me; uma caiu-me na testa. Compreendi que era o líquido do bem.»

A segunda caixa continha um líquido cinzento e turvo que também girava e revolteava em redemoinhos.

– Também foi salpicado por essa água? – perguntei.

– Sim, também. Depois disseram-me que a terceira caixa era terrível e que, se eu quisesse, não ma mostravam. Recusei e a tampa foi aberta. Um remoinho terrível lançou-a ao ar e pude ver o interior. Animais horríveis viviam lá dentro. Víboras espantosas cruzavam-se com rãs e as suas bocas venenosas emergiam da superfície de um líquido muito escuro, tentando morder-me.

Depois de ver tudo aquilo, regressei ao pastor maior. Deu-me as boas-vindas outra vez e disse que tudo me fora mostrado porque assim fora a sua vontade.

Agora, continuou, é minha vontade que regresses ao teu lugar de origem e lá recebas todos estes rebanhos, os orientes para a luz e os purifiques. Senti-me morrer. Após três anos na glória, mandavam-me de volta ao inferno da Terra. Apesar do desgosto, aceitei a missão, mas pedi ao pastor que a sua presença me acompanhasse no trabalho. Não só isso, respondeu, também terás a ajuda do mundo espiritual.

Regressei, pois, a este mundo. Uma tarde pedi à minha mulher que me selasse uma burrita. Assim fez; montei-a e fui para o campo. Encontrei um prado junto a uma árvore e ali me deitei. Levantei-me horas depois e voltei para casa. A minha mulher recebeu-me e, aos poucos, curei-me sozinho, com a ajuda do campo.

O pastor maior permitiu-me também cobrar pelas curas e dar-me tempo para cultivar o campo e assim sustentar os meus.

Um dia veio um senhor que eu ajudara. Ofereceu-me um posto no Seguro Social, na Cidade do México, para fazer o meu trabalho. Disse-lhe que não; olhei-o nos olhos e perguntei: ora, que se passa? Não queria tornar-me como um deles; preferia manter-me responsável pelo meu trabalho. Insistiu, disse que tinha muitas influências e que bastava assinar uns papéis para me assegurar para a vida. Ora, que se passa?, repeti, e voltei a recusar. Zangou-se e disse que eu nem o que me davam aceitava. Mas eu sei que o meu lugar é aqui, onde recebo as gentes dos rebanhos. Às vezes vêm sacerdotes e pergunto-lhes pelos rebanhos; não entendem do que falo. Por favor, se eles não entendem, então quem?

Um sacerdote vem sempre pedir-me a bênção. Ora, isso é que é grande! Eu a dar a bênção a um sacerdote! Quando lhe pergunto porquê, diz que lhe corre sempre bem quando o abençoo.

Agora cuido dos campos, afasto os seres maus que querem destruir as colheitas e digo aos camponeses que vão benzer os foguetes e os façam rebentar no ar sempre que venha uma nuvem má. Assim fazem e tudo corre bem.

O senhor, Jacobo, venha dar testemunho quando quiser. Aqui o espero.

Correlativos psicofisiológicos

Não me sinto capaz de julgar a que realidade pertencem as experiências que Don Lucio viveu durante os três anos da sua iniciação como xamã. Do que sou capaz é de estabelecer um paralelismo entre elas e a organização do cérebro. Esse paralelismo existe e analisá-lo é fascinante. Isso significa que a realidade vivida por Don Lucio se reflete e é um reflexo da organização e do funcionamento do cérebro humano. Obviamente, este paralelismo não é exclusivo do cérebro, simplesmente porque a sua organização é um reflexo de outras ordens e níveis da natureza. De facto, a forma como a informação está organizada no espaço reflete-se na organização cerebral.

O anterior implica que o padrão de experiências de Don Lucio é isomórfico em relação ao cérebro, ao espaço e a outras ordens da natureza. Para realizar esta análise, recapitularei algumas das experiências chave de Don Lucio e descreverei os seus correlativos psicofisiológicos.

Em primeiro lugar, o conceito de rebanho e pastor. Don Lucio descreve a existência de rebanhos de todas as cores comandados por pastores guias.

Quanto à contraparte cerebral dos rebanhos e pastores, sabe-se que o córtex cerebral é a estrutura mais evoluída do cérebro e é formado por unidades funcionais que se repetem ao longo da sua tridimensionalidade.

Essas unidades são circuitos complexos que interligam camadas corticais através de fibras e interneurónios (Thatcher, 1984).

A codificação da informação que viaja pelas unidades corticais sofre processos complexos de integração. Neles, padrões de atividade são reduzidos a algoritmos neuronais¹ através da ativação de circuitos de inclusão por convergência (Grinberg-Zylberbaum, 1976). Um exemplo deste processamento inclusivo é a ativação de uma célula complexa cortical como resultado da convergência de informação proveniente de células simples do mesmo córtex. Outros exemplos são a ativação de células polissensoriais do córtex parieto-temporal como resultado da chegada de impulsos neuronais de muitas fontes. O que estou a implicar com esta descrição é que um padrão algorítmico de alta inclusão por convergência poderia considerar-se um modelo neuronal de um pastor, enquanto o conjunto de unidades funcionais que o alimentam (o algoritmo neuronal) seria o seu rebanho.

O conceito de pastor dos pastores também tem uma contraparte cerebral, mas requer algumas considerações preliminares para ser compreendido.

Se o pastor dos pastores é o integrador de todos os rebanhos, a sua função deve ser a de unificação e coordenação dos rebanhos mais ou menos diferenciados.

No caso do cérebro, uma medida da maior ou menor diferenciação funcional entre diferentes regiões corticais é a coerência². Quando se regista uma alta coerência entre duas zonas do córtex, isso implica uma alta redundância no manejo informacional das unidades envolvidas e um elevado fluxo informacional entre elas. Pelo contrário, uma coerência baixa implica um elevado nível de diferenciação na informação manejada pelos neurónios. Os particulares fluxos energéticos entre unidades localizadas em diferentes regiões corticais determinam não só diferentes padrões algorítmicos unificadores da sua atividade, como diferentes qualidades sensoriais associadas. As cores diferenciadas dos rebanhos poderiam estar associadas a estas características globais.

Por outro lado, estudos de coerência (Thatcher, 1984) demonstraram que o córtex occipital é o que possui menor coerência e o córtex frontal a maior. A alta coerência do lóbulo frontal e as suas conexões com o resto do córtex através de fibras axonais de grande comprimento pode conceptualizar-se como se este polo da mais recente evolução cerebral atuasse como um coordenador geral do estado de diferenciação ou de coerência do resto do cérebro. Uma situação similar deve estar associada à função de estruturas de alta convergência informacional, como o córtex parieto-temporal ou algumas estruturas subcorticais, como o núcleo caudado (Grinberg-Zylberbaum, 1975). A alta convergência e poder de unificação do córtex parieto-temporal explica o seu funcionamento como uma zona de atribuição de significado a estímulos neutros (Grinberg-Zylberbaum e John, 1981), e poderia concebê-lo como um modelo neuronal do pastor dos pastores da iniciação xamânica de Don Lucio.

É possível supor que, quando a coerência de todo o cérebro aumenta, unificando assim a sua atividade, a experiência subjetiva faça o mesmo. Num estudo recentemente concluído, encontrou-se que uma alta coerência intra e inter-hemisférica se correlacionava com um estado interno de unificação, equilíbrio e contacto com o Eu. Em contrapartida, quando a

coerência diminuía, a sensação associada era de falta de unificação e de ausência de contacto com o Eu (Grinberg-Zylberbaum, 1984).

A chegada ao Eu ocorre normalmente depois de um sujeito, no processo do seu desenvolvimento normal, ter percorrido uma série de experiências e as ter integrado, encontrando o que têm em comum: serem experiências incluídas no mesmo sujeito ou consciência.

Em termos psicofisiológicos, o Eu surge quando o processo de neuroalgoritmização³ e de atribuição de significados chegou a um nível em que a incorporação de novos dados já não altera a estrutura do algoritmo “final”. Anatomicamente, isto deve implicar um desenvolvimento e ativação dos circuitos de codificação por convergência e uma “decantação” de padrões neuronais complexos até lograr um manejo algorítmico total da atividade cerebral. Este processo já o descrevi antes com maior detalhe (Grinberg-Zylberbaum, 1981), pelo que aqui apenas acrescentarei que deve implicar um aprendizado de controlo da coerência global do cérebro. Idealmente, um sujeito alcança um óptimo desenvolvimento quando logra manter uma diferenciação de experiências sobre um fundo constante de integração euica. Por outras palavras, quando é ele mesmo em qualquer situação e perante diferentes experiências.

Na sua iniciação, Don Lucio parece ter reproduzido este processo, desde o encontro com cada rebanho e os seus pastores até ao conhecimento do pastor dos pastores ou integrador central de todos os rebanhos. A sua visão de um vale repleto de todos os rebanhos e o pastor maior sentado no centro assemelha-se a uma visão global de todas as unidades funcionais do córtex e o polo frontal a orquestrar a atividade de todo o conjunto.

Esta visão sugere que a viagem de Don Lucio foi um trajeto através das suas próprias estruturas e um encontro consigo mesmo. Neste contexto, a transformação realizada pela consciência de Don Lucio, percebendo as unidades corticais como rebanhos, os seus padrões algorítmicos como pastores e a ativação de uma estrutura cerebral polissensorial e de máxima convergência como o pastor dos pastores, é produto da educação camponesa de Don Lucio e do seu conceito de realidade associado ao entorno. Parece que o raio que atingiu Don Lucio modificou todo o seu funcionamento interno, fazendo com que a sua consciência lograsse penetrar em áreas de si mesmo que geralmente permanecem bloqueadas e inacessíveis. No entanto, a insistência de Don Lucio quanto ao carácter

externo da sua viagem deve ser tida em consideração, tal como a sua capacidade para exercer controlo sobre as tempestades.

Neste sentido, existe uma teoria (a Teoria Sintergica) que postula que o cérebro é capaz de criar um campo energético (o campo neuronal) que se irradia a partir da estrutura do cérebro, a abandona e se interna no espaço extracraniano. Aqui interage com a matriz energética do espaço-tempo, dando lugar a um padrão de interferência hipercomplexo que constitui a estrutura energética da experiência. Segundo a Teoria Sintergica (Grinberg-Zylberbaum, 1981), o padrão de interferência é decodificado e transformado em experiência consciente pelo Observador ou Ser através da mediação de um fator de direcionalidade. Este último interage com porções limitadas do padrão de interferência e transforma-as em experiências específicas. Como não existe limite teórico para a expansão do campo neuronal no espaço e, portanto, o padrão de interferência permeia tanto o interior como o exterior da estrutura orgânica do cérebro, o fator de direcionalidade poderia ser capaz de transformar em experiência consciente qualquer porção do padrão de interferência, tanto no interior como no exterior do cérebro.

Desde este ponto de vista, Don Lucio provavelmente foi capaz de decodificar zonas extracranianas do seu padrão de interferência, experimentando assim níveis de realidade desconhecidos para o resto de nós.

A descrição da atemporalidade durante as suas viagens e da sua capacidade para se deslocar de uma localização geográfica a outra sem intervalos apreciáveis está de acordo com o anterior, porque precisamente uma das características do fator de direcionalidade é a de poder focalizá-lo em diferentes regiões do espaço-tempo sem que mediem intervalos temporais apreciáveis entre cada uma das suas localizações. Neste sentido, a experiência consciente tem um comportamento quântico (Grinberg-Zylberbaum, 1984).

De acordo com a Teoria Sintergica (Grinberg-Zylberbaum, 1981), quando o fator de direcionalidade é capaz de se focar sobre o Observador, a experiência resultante é a do Eu ou Self. Correlativamente com esta experiência, é possível demonstrar a existência de um incremento notável na coerência inter-hemisférica (Grinberg-Zylberbaum, 1984). Provavelmente isto último aconteceu quando Don Lucio pôde ver todos os rebanhos juntos com o pastor dos pastores no centro.

¹ *Um algoritmo é um padrão, modelo ou fórmula matemática que contém informação concentrada capaz de ser decodificada para reconstruir o original de que se obteve o algoritmo.*

² *A coerência é uma medida de similitude.*

³ *Neuroalgoritmização refere-se ao processo mediante o qual o cérebro ativa padrões de alta concentração informacional.*

⁴ *Um padrão de interferência aparece quando ondas de qualquer morfologia se entrecruzam ou interagem.*

Por último, o controlo que os graníceros dizem exercer sobre as nuvens, os raios e as tempestades poderia estar relacionado com um controlo magistral sobre o fator de direcionalidade e a interação de campos energéticos na estrutura do espaço.

Capítulo II

DOÑA PACHITA, DA CIDADE DO MÉXICO

Quando movemos um braço ou emitimos uma palavra, não precisamos de ser conscientes dos padrões neuronais que ativamos para realizar o movimento ou a verbalização. Basta desejarmos a ação e ela surge. Entre o desejo e a sua satisfação existem níveis automatizados de codificação. Por outras palavras, uma série de circuitos pré-ordenados entram em funcionamento e da sua atividade automática depende a emissão correta e precisa.

Geralmente, o nosso corpo físico é o único instrumento que a nossa psique é capaz de controlar numa interação mente-matéria relativamente direta e com um mínimo de latência.

Alguns dos nossos xamãs, no entanto, aprenderam a expandir a interação mencionada para objetivos externos ao seu corpo físico. Embora a evidência disso não deixe dúvidas sobre a sua veracidade, o mecanismo implicado continua a ser um mistério.

Pessoalmente, tive oportunidade de observar diretamente o trabalho de uma das maiores xamãs do nosso país, Doña Pachita, da Cidade do México, e de comprovar não só a sua capacidade para afetar a matéria com a mente, mas também a de usar essa capacidade para realizar operações cirúrgicas milagrosas.

Bárbara Guerrero era o nome de nascimento de Pachita. Conheci-a quando estava prestes a completar 80 anos, mas ainda mostrava uma força e um poder invejáveis. Encontrei-a numa reunião para a qual fora convidado na Residência Lázaro Cárdenas de Los Pinos. Uma semana antes, Margarita López Portillo fora-me apresentada e, após uma conversa sobre o estado da consciência no México, convidou-me para essa reunião.

A sala onde estávamos era ampla, ensolarada e cheia de gaiolas enormes com pássaros trazidos de todas as regiões do país, que permaneciam plácidos e em relativo silêncio. De repente, e em uníssono, todos os pássaros começaram a trinar e o volume dos seus sons, somados uns aos outros, ensurdeceu-nos, fazendo-nos virar em todas as direções, tentando encontrar a razão de tão estrondoso acontecimento.

Junto à porta de entrada da sala, uma figura rechonchuda, baixinha e de andar simpático e risonho, entrava. Não havia dúvida de que os cantos dos pássaros estavam relacionados com aquela mulher, que, vestida humildemente e coberta por um suéter velho, se aproximava sorridente. Era Pachita, e os pássaros do México davam-lhe as boas-vindas.

Eu estava pasmado com o acontecimento e não conseguia desviar o olhar daquela mulher, que cada vez me parecia mais bela e profunda.

Pachita sentou-se numa cadeira frente a Margarita e, sem preâmbulos, interpelou-a:

– Por que há tantos impostos, Margarita? Não vês que o povo está a morrer de fome?

Notei que a expressão de Margarita mudava e que olhava, como eu, para a manga esfarrapada do suéter de Pachita. (Depois soube que Pachita se vestira, de propósito, com a sua roupa mais velha.) López Portillo respondeu-lhe, num sussurro:

– Juro-te que não tenho nada a ver com os impostos, mas prometo que vou dizer ao meu irmão.

Depois, serviram-nos café. Um mordomo de casaca, com uma bandeja, aproximou-se de Pachita e ofereceu-lho numa chávena de porcelana. Ela olhou-a, trocista, e disse em voz alta, como que para se assegurar de que todos a ouvíssemos:

– A mim, traga-me café de panela!

A mensagem era clara e comecei a admirar Pachita e a desejar conhecê-la melhor.

Como se tivesse ouvido os meus pensamentos, aproximou-se de mim e convidou-me a ir visitá-la a casa na semana seguinte.

Já descrevi em dois livros¹ o que vi na casa de Pachita no primeiro dia em que a visitei, e o que continuei a observar durante os meses em que tive o privilégio de trabalhar ao seu lado.

Aqui farei apenas um breve resumo das minhas experiências.

Genealogia

A origem da linhagem de Pachita é totalmente desconhecida. Há alguma indicação de que o trabalho realizado por esta xamã-nahuala era também executado por alguns dos príncipes astecas, entre os quais Cuauhtémoc, o último imperador asteca (as razões para supor isto ver-se-ão mais adiante).

Existem evidências de trabalhos semelhantes aos de Pachita gravados nas pedras de Ica, descobertas pelo Dr. Cabrera, no Peru. Estas evidências inscritas nas pedras de Ica são altamente especulativas, mas sugestivas de que a origem das habilidades manifestadas por Pachita remonta a um passado muito longínquo da humanidade.

Pachita dizia que a sua linhagem passava de geração em geração através de parentesco direto. Assim, afirmava que, após a sua morte, o seu trabalho seria realizado por um dos seus filhos varões, que por sua vez o herdaria a uma filha, e assim sucessivamente, até completar dez gerações.

Se for correta a suposição de que a origem destas habilidades é remota, ter-se-ia de questionar a conceção segundo a qual nos encontramos atualmente num estado de superação tecnológica em relação ao passado. Por outras palavras, o trabalho de Pachita, como veremos em seguida, era tão extraordinário (tecnologicamente falando) e, se a sua origem é remota, ter-se-ia de supor que os nossos antepassados tinham conhecimentos que desconhecemos apesar do aparente avanço tecnológico em que vivemos.

História pessoal

Pachita nasceu na cidade de Parral, estado de Chihuahua, no norte da República Mexicana, num dia de dezembro do ano de 1900. Foi abandonada pelos pais, por ser filha ilegítima, e adotada por um personagem estranho chamado Charles, de origem africana e tez negróide.

Segundo uma descrição feita pela própria Pachita ao autor deste estudo, Charles dedicou-se a ensinar-lhe uma série de procedimentos de cura, manejo energético, visões sobre as estrelas e obtenção de informação oracular.

Charles regressou ao seu país quando Pachita tinha 15 anos e, a partir desse momento, Bárbara Guerrero viveu sozinha e pelos seus próprios meios.

Conta Pachita que desconhecia as suas próprias capacidades curativas e que, numa ocasião, ao assistir a um circo que se apresentava perto de onde vivia, no norte do país, encontrou um elefante bebé muito doente; Pachita aproximou-se do animal e curou-o: a partir desse momento começou a sua carreira de curandeira. No entanto, a época (1915) era imprópria para a manifestação aberta destas capacidades curativas e, temendo que as pessoas a considerassem bruxa e a perseguissem, Pachita ocultou as suas habilidades.

Lutou ao lado de Villa durante a Revolução; foi soldadera. Depois dedicou-se a diferentes atividades: foi bailarina, trabalhou a vender bilhetes de lotaria, a cantar nos autocarros da Cidade do México, para onde chegou numa data desconhecida para o autor.

Já em idade adulta, dedicou-se abertamente à cura. Estabeleceu-se na Cidade do México e começou a receber doentes.

Modalidades de trabalho de Pachita

As modalidades de trabalho desta xamã-nahuala podem ser divididas em quatro grandes categorias. Em primeiro lugar, o que poderia denominar-se trabalho de diagnóstico; em segundo lugar, o trabalho cirúrgico; em terceiro lugar, está o manejo do espaço, da matéria, da energia; e, por último, o trabalho iniciático ou místico. Tentarei descrever cada uma destas modalidades nas secções seguintes.

Diagnóstico

Pachita usava diferentes procedimentos, cada um deles com uma mestria inigualável.

Uma das formas de diagnóstico era a visualização das palmas das mãos dos pacientes. Através da decodificação das formas das linhas das

palmas, da sua coloração e de aspetos que não foi possível elucidar, Pachita diagnosticava doenças específicas. Localizava abscessos, tumores, úlceras ou infeções em órgãos particulares.

Outra das modalidades era tocar com as mãos zonas do corpo dos doentes e, através de algum mecanismo sensorial desconhecido, detetar nessas zonas e nas profundidades do corpo doenças, infeções, tumores, etc. Algumas vezes vi-a usar ovos que friccionava contra a pele dos doentes para obter informação sobre os padecimentos que sofriam.

Pachita tinha também a capacidade subtil de diagnosticar algumas doenças apenas ao ver o paciente. Estas habilidades levavam-na inclusive a detetar doentes à distância e diagnosticar com exatidão as suas alterações e processos patológicos.

¹ Pachita, 1980; Cuauhtemotam, 1982. EDAMEX, México.

² *A mensagem das pedras gravadas de Ica*, Javier Cabrera Darquea, Ed. Intisol, Peru, 1976.

Modalidade cirúrgica

A principal atividade de Pachita era intervir cirurgicamente nos seus pacientes. As operações eram realizadas num pequeno quarto iluminado tenuemente com várias velas e adornado com um altar de sete degraus, onde se podiam ver quadros e estátuas de Cuauhtémoc, da Virgem de Guadalupe e de outros santos.

As operações decorriam num dos cantos do quarto, numa pequena cama de madeira sobre a qual se colocava uma espuma de borracha coberta com um plástico transparente.

Os doentes eram deitados nessa cama improvisada e, uma vez descoberta a parte do corpo afetada pela doença, um ajudante de Pachita molhava um algodão com álcool e friccionava o líquido sobre a pele. Depois, Pachita pedia o seu instrumento – uma faca de mato, com cerca de 15 cm de comprimento; pegando-lhe com a mão direita, localizava a zona de incisão e, sem preâmbulos, introduzia-a e abria. A incisão era geralmente grande, com a consequente hemorragia natural. Geralmente os doentes queixavam-se e manifestavam dor, embora não comparável à que se poderia esperar sem (como era o caso) a aplicação de anestésicos. Por outras palavras, os doentes não eram anestesiados, nem se lhes aplicavam substâncias de entorpecimento que permitissem explicar a ausência de dor

interna quando Pachita fazia as incisões com a sua faca. Algum mecanismo misterioso, no entanto, amortecia a dor. Após a incisão, a faca era introduzida no interior do corpo. Após uma manobra rápida, extraía-se um tumor, cortava-se um pedaço de órgão ou simplesmente colocava-se no seu lugar algum tecido.

Tive oportunidade de fazer um acompanhamento de vários pacientes operados por Pachita de tumores. Lembro-me, por exemplo, do caso de duas mulheres norte-americanas a quem, em Nova Iorque, haviam diagnosticado tumores perto do útero. Após a operação, em que estive presente, ambas as doentes foram recuperar para a minha casa. Isso permitiu-me constatar os resultados. Na zona de incisão observava-se uma pequena cicatriz, parecida com o que podia ser um diminuto arranhão.

Dois anos depois, numa viagem que fiz a Nova Iorque, pude falar com estas duas pacientes de Pachita e confirmaram-me que os seus tumores haviam desaparecido após a intervenção e que não haviam tido nenhuma molestia nem sequela posterior.

Pachita realizava transplantes de órgãos. Nos casos em que chegava um doente com alguma alteração grave num dos seus órgãos, por exemplo um cancro pulmonar, Pachita, com a sua faca de mato, abria a pele, cortava as costelas utilizando uma serra de canalizador tipo vernacular, extraía o pulmão afetado e depois efetuava o transplante. O órgão transplantado era absorvido estranhamente desde o interior do corpo e, após fazer um ruído característico, como se se enchesse um balão, a incisão fechava-se e o paciente era colocado em recuperação. Após as operações, os pacientes eram vendados na zona tratada e, durante meia hora, repousavam no mesmo quarto (ou sala de operações) em que se realizara a intervenção. Segundo Pachita, este lapso de descanso servia para equilibrar os campos de energia do corpo a fim de que o paciente se recuperasse; depois era ajudado a regressar a casa, onde devia permanecer 72 horas em repouso absoluto.

Os transplantes eram múltiplos. Vi dezenas de casos de pulmão, pelo menos quatro de rim, e outras intervenções que descrevo amplamente no meu livro sobre Pachita (Grinberg-Zylberbaum, 1980).

Em ocasiões, os órgãos para os transplantes eram aportados pelos próprios pacientes, que os conseguiam numa morgue. Outras vezes era Pachita quem, mediante uma materialização, fazia aparecer o órgão a transplantar.

Estas operações de materialização pertencem à terceira modalidade do trabalho de Pachita, ou seja, o manejo do espaço-matéria, cujo procedimento descreverei em seguida.

Manejo do espaço-matéria

Nos casos de operações cirúrgicas que implicavam transplantes em que os pacientes não podiam conseguir o órgão a repor, Pachita realizava uns movimentos estranhos com os braços e mãos no ar, após os quais geralmente aparecia um tecido que era utilizado para o transplante.

Pachita realizava materializações de forma quotidiana e sem lhes prestar maior atenção. Era capaz de alterar diferentes níveis de organização do espaço de tal forma que lograva que este espaço transparente sofresse uma mudança na sua estrutura fundamental, dando lugar a um objeto. Tive oportunidade de ver isto dezenas de vezes. Um dia, inclusive, Pachita entregou-me algo que acabara de materializar: era uma pequena moldura metálica acobreada em forma ovalada e com vidro, que continha um óleo diminuto de um artista desconhecido chamado Flo.

Um manejo também extraordinário do espaço-matéria era realizado durante as operações. Por exemplo, a utilização da faca de mato era quase simbólica; a faca realmente não era utilizada como bisturi, mas parecia bastar o contacto da sua ponta com a pele para que esta se abrisse. De igual modo, quando as feridas se suturavam, não se utilizava fio nem agulha, mas um manejo similar do espaço-matéria que, de alguma maneira, fazia com que a abertura sofresse um processo de inversão e o que antes se abria agora se fechasse por si só.

Todas as situações de manejo cirúrgico, diagnóstico ou de alteração da estrutura do espaço estavam acompanhadas de uma mística particular, em que Pachita continuamente fazia referência a Deus, ao Pai e a uma série de entidades que lhe eram familiares. Isso leva-nos à quarta modalidade do seu trabalho.

Modalidade iniciática ou mística

Pachita afirmava desconhecer o mecanismo mediante o qual realizava o seu trabalho. Inclusive afirmava não ter consciência do que fazia o seu corpo durante as intervenções cirúrgicas ou durante o manejo do espaço-

matéria. Dizia que todas estas manobras as realizava o seu protetor, que se introduzia no seu corpo para manejar a sua matéria e realizar as milagrosas intervenções sem a consciência normal de Pachita.

Sobre esta consciência, Pachita dizia que a sentia como localizada numa espécie de jardim, repousando, enquanto o seu corpo era manejado pelo seu protetor, que realizava as operações.

O protetor de Pachita era Cuauhtémoc, último imperador asteca. Aparecia no momento em que se iniciava o trabalho cirúrgico, quando Pachita se sentava numa cadeira antes de iniciar as operações. Ela fechava os olhos, respirava fundo e, após executar uma série de movimentos estranhos, de repente aparecia uma personalidade alterna que se apresentava com o nome de Cuauhtémoc. Várias vezes presenciei este transe em que Pachita transformava a sua personalidade.

Quando Cuauhtémoc aparecia, a voz de Pachita mudava, o seu corpo mostrava-se mais forte, a sua atitude passava de uma qualidade feminina para outra masculina, a sua presença tornava-se régia, no sentido mais estrito da palavra, e geralmente saudava quem presenciava a metamorfose dizendo-nos: «Em nome do Pai, eu vos saúdo.»

Cuauhtémoc contava que na sua época, durante o seu reinado, os imperadores astecas como ele, além de aprenderem a dirigir o império do ponto de vista político, aprendiam a manejar a energia em processos cirúrgicos semelhantes aos que descrevi. Cuauhtémoc considerava que a sua missão na Terra fora interrompida pela conquista espanhola e que Pachita, através do seu corpo, lhe oferecia a oportunidade de concluir a sua obra. A este corpo de Pachita, Cuauhtémoc denominava-o «o invólucro de matéria» e falava dele como se fosse um traje ou ferramenta que utilizava de forma direta para realizar as manobras cirúrgicas e as outras modalidades de trabalho que foram descritas.

A aparição desta personalidade alterna era sempre acompanhada de uma mensagem iniciática ou mística, em que se mencionava a existência de poderes sobrenaturais que guiavam o desenvolvimento dos acontecimentos do mundo. Cuauhtémoc contava que ele e um grupo de colaboradores do seu nível realizavam trabalhos de remodelação planetária, de equilíbrio energético planetário, de desvio de influências negativas e de prevenção de crises em alguma ou várias zonas do mundo.

Esta última consideração leva-nos ao questionamento do conceito de realidade de Pachita e do seu linaje.

Conceito de realidade de Pachita

Como vimos antes, Pachita considerava que, além do mundo quotidiano do qual ela era partícipe, existiam realidades alternativas em que conviviam seres que tinham maior poder e capacidade de modificação de eventos do que os seres humanos. A estes seres, Pachita chamava protetores e manifestava ter um próprio, afirmando que a maior parte dos seres que compartilhavam o seu trabalho também adquiriam, por tal facto, um protetor ou guia espiritual.

Esta conceção da realidade não pode ser reduzida a um só nível, mas considerada antes em vários níveis, ocupados e vividos por diferentes seres. Assim, Cuauhtémoc, como habitante do mundo espiritual e segundo esta conceção, vivia em companhia de outros seres da mesma categoria energética, com os que laborava e realizava diferentes operações, entre as quais estavam as cirúrgicas, utilizando como meio o corpo de Pachita. Noutro nível de realidade, estes seres espirituais eram, por sua vez, comandados por seres de outra categoria mais próxima do que Cuauhtémoc denominava O Pai Supremo ou Deus.

Em muitas ocasiões, durante as operações cirúrgicas, quando o corpo de Pachita era ocupado por Cuauhtémoc, ele despedia-se dos seus colaboradores para ir consultar o Pai sobre as decisões a tomar ou sobre que manobras fazer com os seus doentes. Cuauhtémoc dizia, literalmente, que ia perguntar ao Pai e que regressaria após receber instruções.

No conceito de realidade de Pachita existiam pelo menos três níveis:

1. O nível dos seres humanos quotidianos.
2. O nível dos protetores, como o próprio Cuauhtémoc.
3. O nível do Pai Supremo, que comandava os outros dois níveis.

Dentro deste conceito de realidade, Pachita também incorporava a existência de outro ser que chamava «morte». Este aparecia e manifestava-se quando algum dos doentes era diagnosticado como incurável. A aparição da morte como ser específico muitas vezes estava acompanhada de ruídos ou palavras que saíam da própria boca de Pachita.

Em ocasiões ouvi Pachita mencionar o nome do profeta Elias como guia do seu linaje; noutras, falar acerca de outros seres míticos que pareciam ter um contacto muito próximo com o linaje.

Paralelo ao conceito de realidade descrito, Pachita defendia um processo de desenvolvimento da consciência, que a seguir descrevo.

Pensou por 12s

Desenvolvimento da consciência Pachita considerava que no mundo existiam pelo menos duas forças ou poderes fundamentais que, por vezes, se enfrentavam em batalhas mortais e terríveis: a luz e a escuridão. A luz era, para Pachita, sinónimo de amor, de oração, de cura, de boas intenções e de trabalho são. A escuridão, em contrapartida, era morte, degeneração, engano, trabalhos sujos, trabalhos diabólicos e feitiçarias.

Pachita falava da existência de doenças provocadas por danos. Os danos eram feitiçarias causadas por feiticeiros que eram pagos para realizar trabalhos de maldade em outros seres humanos. Os danos eram reconhecidos por Pachita por um cheiro característico ou uma atitude também característica. Quando um dano era detetado, Pachita anunciava que o paciente seguinte era um paciente de dano e que, por isso, deviam tomar-se precauções adequadas para trabalhar e intervir cirurgicamente neste tipo de pacientes.

Geralmente, quando se anunciava um dano, faziam-se cadeias de proteção em que os colaboradores se davam as mãos e formavam um círculo à volta do campo operatório. Noutras ocasiões, alguns colaboradores lançavam ao ar um líquido balsâmico que, segundo eles, mantinha afastados os pacientes das presenças negativas que queriam afetá-los.

O desenvolvimento da consciência, para Pachita e o seu linaje, implicava vencer a escuridão e fortalecer a luz. Segundo ela, todos os seres tinham como motivo primordial a busca da luz, e esta motivação fazia com que todos os seres tivessem condutas dirigidas ao logro de estados positivos de amor e de sã relação com os seus próximos. Desta forma, o conceito de desenvolvimento da consciência que defendia Pachita implicava a existência de um centro essencial luminoso em cada ser humano, e a necessidade de ativar este centro, opondo-se a qualquer barreira que dificultasse a manifestação do mesmo. Pachita considerava que a arma mais poderosa era o amor e a luz e que não importava a aparente atitude destrutiva de algum ser, este sempre «viajava» em busca da luz.

A doutrina de Pachita era, pois, a de aumentar os estados luminosos e a de trabalhar em prol de uma maior existência de luz e amor no mundo.

Neste sentido, assisti a pelo menos cinco operações cirúrgicas em que do corpo dos pacientes eram extraídos objetos e animais que representavam a materialização dos danos. A estes objetos ou animais tratava-se de uma forma muito especial.

Pachita dizia que, após executar uma operação de extração de danos, à noite estabelecia-se uma luta mortal entre ela mesma e o causante do dano, que aparecia para tentar recuperar o poder perdido sobre o seu paciente. Lembro-me do caso de um menino de aproximadamente 7 anos de idade, que foi operado na clínica de Pachita, em Parral, de um dano localizado perto do coração. Este menino apareceu acompanhado da mãe, que se queixava da má conduta, atitudes destrutivas e linguagem obscena do filho. Ao estar na presença de Pachita, e após ser diagnosticado como de doença por dano, Pachita decidiu operá-lo no dia seguinte.

O menino chegou à clínica com a mãe, sentaram-se na antecâmara. Em determinado momento, uma das camionetas que estava estacionada perto da clínica perdeu inesperadamente o travão de mão e começou a rodar em direção ao menino. Um instante antes de o veículo o atingir, alguém salvou o pequeno, que imediatamente foi introduzido na sala de operações para ser intervencionado. Lembro-me de que este menino foi levado à força para a mesa de operações e deitado nela contra a sua vontade. Após Pachita pedir paz para o pequeno, a entidade que ocupava o corpo do menino respondeu que jamais o deixaria.

Pachita brandiu a faca de mato contra o pequeno, que com voz rouca respondeu que não o afetavam as ameaças. Quando a faca estava prestes a ser introduzida, o menino começou a gritar pedindo socorro.

Pachita abriu o peito, extraiu um objeto retangular de cor negro carvão, e logo fechou a ferida. Nesse momento o paciente começou a chorar, Pachita tomou-o nos braços e disse-lhe que por fim recuperara o seu ser íntegro e que já ninguém o molestaria mais. O menino foi entregue à mãe, que vários dias depois se apresentou dizendo que o filho estava totalmente transformado, tornara-se um menino normal, sem alterações comportamentais, sem atitudes agressivas e que utilizava a linguagem correspondente à sua idade.

Este caso, como muitos outros que pude testemunhar, indicam que Pachita tinha controlo sobre mecanismos que se manifestam em formas objetivas e materiais, como por exemplo os objetos localizados no interior do corpo dos seus pacientes. É evidente que estes mecanismos afetam em

grau sumo a conduta do homem, e no entanto resultam ainda desconhecidos para a ciência.

Perspetivas

Pachita é considerada, e com razão, como uma das mulheres mais extraordinárias de todos os tempos. A sua capacidade curativa, o seu manejo da realidade e o seu controlo sobre os níveis de realidade alternos dificilmente serão superados.

Uma tentativa de explicação do que Pachita fazia é necessária, embora de antemão saibamos que tal tentativa está destinada ao fracasso, porque os fenómenos que se manifestavam através dela são demasiado complexos e desconhecidos para poderem ser integrados numa conceção científica adequada. A inexistência desta conceção, no entanto, não é argumento suficiente para invalidar as observações realizadas em Pachita, as quais foram verificadas não só por este autor, mas por outras pessoas que estiveram em contacto com esta mulher. (Ver Apêndice.)

Pachita era capaz de modificar a realidade em grau total. Era capaz de afetar campos energéticos, organizações corporais, tecidos e mecanismos fisiológicos, sobre os quais exercia um poder de transformação.

Como e através de que meios se realizavam estas manobras? É impossível sabê-lo. Provavelmente Pachita tinha a capacidade de visualizar um determinado acontecimento cirúrgico e bastava esta criação mental para que o acontecimento ocorresse na realidade. Se assim é, Pachita de alguma maneira conhecia as leis de organização do espaço e da matéria e as relações que existiam entre estas leis e os seus próprios processos psíquicos. Esta possibilidade é uma de tantas tentações de racionalização do processo que ocorria sempre que Pachita trabalhava com os seus pacientes.

Neste sentido, lembro-me de que numa ocasião apareceu na sala de operações um rapaz magro, triste, débil, com a pele violácea, o que foi reconhecido imediatamente como manifestação de problemas circulatórios intensos. Pachita convidou o jovem a deitar-se na mesa de operações e, sem maior preâmbulo, abriu o peito com a sua faca de mato; cortou depois as costelas e introduziu a faca extraíndo o coração, ainda conectado com a aorta e com as outras derivações venosas. Palpitante, colocou-o ao lado da terrível incisão, sobre o peito do paciente. Durante esta operação eu

trabalhava ao lado de Pachita, e ao observar o coração batendo fora do corpo que ali jazia, impressionei-me a tal grau que repeti várias vezes em voz alta «Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus!» Ante esta manifestação de espanto, Pachita virou a cabeça e chamando um dos seus colaboradores disse-lhe ao ouvido, mas com suficiente intensidade para que eu pudesse ouvi-la: «Jacobo ainda não é um dos nossos». Com efeito, Jacobo ainda não aceitava o que estava a acontecer diante dos seus olhos como uma realidade quotidiana e possível, mas ainda tinha a conceção de que aquilo era extraordinário e impossível do ponto de vista da ciência e da tecnologia contemporâneas.

Esta experiência fez-me compreender e permitiu-me espreitar um instante ao mundo de Pachita, no qual a realidade milagrosa resultava quotidiana e a ideia mais extraordinária era convertida imediatamente em realidade fáctica, através de um mecanismo totalmente desconhecido para mim.

A mesma sensação de impossibilidade e espanto ante o que via ocorreu-me durante as operações que Pachita realizou numa menina de 13 anos, que fora descerebrada durante uma intervenção praticada num hospital da Cidade do México. A menina era, praticamente, um vegetal; não controlava esfíncteres, não falava, não caminhava e vivia numa cadeira de rodas totalmente inválida. Pachita realizou nela cerca de 10 operações, tentando reconstruir a massa encefálica que fora destruída por sobredosagem de anestesia. Assisti a quatro dessas operações, em que Pachita abria o crânio deixando a descoberto o córtex cerebral para depois, com a sua faca, cortar um pedaço do cérebro. Depois materializava tecido cerebral para introduzi-lo no lugar do danificado, que previamente extraíra. As feridas ocasionadas em cada uma das operações fechava-as utilizando um procedimento energético, que consistia em colocar as mãos sobre a ferida e concentrar-se nas palmas, como se estas irradiassem uma energia especial.

Cada quinze dias a menina, acompanhada dos pais, voltava para controlo e já não apresentava sinais de infeção ou as alterações que geralmente surgem após uma intervenção tão traumática; em vez disso, demonstrava uma melhoria notável.

Anos mais tarde tive oportunidade de visitar a paciente, que se tornara uma jovem de 19 anos. Pude observar que os processos ativados pelas operações de Pachita, embora parcialmente, tiveram sucesso, já que a

rapariga, se bem que capaz de controlar os seus movimentos, tinha um vocabulário restrito, entendia praticamente tudo o que lhe diziam, comia sozinha, manifestava um estado de alegria constante e, com ajuda, podia caminhar. Tais resultados mostram que o que Pachita fazia tinha um efeito duradouro e positivo em quem ia vê-la em busca de ajuda e alívio para as suas desgraças.

Conclusões

Pachita possuía um controlo quase absoluto sobre a matéria e a energia. Uma possível explicação desse poder é que a sua consciência estava localizada na fonte a partir da qual se constrói a Realidade. De alguma forma sabia como modificar essa fonte e, por isso, as manifestações que dela surgem.

Segundo Pachita, existe um nível de si mesmo a partir do qual tudo é possível e, além disso, o é natural e diretamente. Pachita repreendia-me quando, no meu espanto, parecia dissociar a sua realidade da realidade quotidiana. Parecia dizer-me que, até não aceitar como natural o que ela fazia, não poderia compreendê-lo. A sua compreensão era o facto mesmo. Não havia que buscar mecanismos sofisticados nem funções complexas, mas aceitar que, quando se chega à fonte, tudo é possível, mediante um ato «simples» de vontade. Para Pachita, tudo tinha conexão com a consciência, tudo era consciência. Bastava o desejo da mente, localizada na fonte da Realidade, para «materializar» o desejo.

A Pachita agradava a Teoria Sintergica. Cada vez que eu lhe transmitia as cognições da mesma, regozijava-se. Alentava-me a continuar a pensar que existia uma interação entre campos de energia e que dela provinha o mundo das nossas imagens visuais. Eu sentia que ela «via» os campos e as suas interações e que podia manejar a sua focalização não só com mestria, mas com a certeza que provém da vidência direta.

A mente de Pachita estava em união com a mente dos seus pacientes e colaboradores. Não existe outra forma de entender o seu poder de conhecimento do outro, nem as suas extraordinárias proezas de diagnóstico.

Segundo a Teoria Sintergica, Pachita possuía um poder total de manejo da focalização do seu fator de direcionalidade¹. Isso permitia-lhe fazer aparecer a sua experiência em qualquer localização sem ter de se deslocar para ela. Por outro lado, o seu manejo do campo quântico ou da

rede do espaço-tempo permitia-lhe materializar e desmaterializar objetos ou trasladá-los como se para ela não existissem distâncias ou espaços de separação.

Em conclusão, Pachita foi um dos seres humanos mais portentosos que já existiram; o seu poder permitia-lhe realizar proezas incríveis. Era uma vidente que podia perceber a Realidade desde uma perspectiva ou nível tais que via com clareza o que para o resto permanecia invisível. Essa capacidade de ver fazia com que pudesse diagnosticar, com uma exatidão assombrosa, diferentes doenças e enfermidades. A partir da sua conduta, podemos deduzir que existe um nível da realidade desde o qual é possível «ver».

¹ Mecanismo hipotético que focaliza a consciência numa zona da interação entre o campo neuronal e o quântico, fazendo aparecer a experiência consciente.

APÊNDICE SOBRE PACHITA

Entre os muitos testemunhos sobre as habilidades de Pachita está o do senhor Ramón Mansilla Tinoco, que, desesperado pela doença da filha, foi em busca da xamã. Impressionado por Pachita, o senhor Mansilla tornou-se seu discípulo e seguidor. Durante meses ajudou-a nas suas operações e tratamentos. Profundo conhecedor da personalidade e da obra de Pachita, foi convidado a colaborar neste volume. Com esse fim, apresentamos seguidamente o texto que nos entregou sobre as suas experiências com a xamã.

As minhas experiências com Pachita Por RAMÓN MANSILLA TINOCO

O que a seguir relato é, antes de mais, uma síntese das minhas experiências e vivências com Pachita, tentando ser o mais fiel e objetivo que o caso permite, e posteriormente dou interpretação aos factos relatados, as deduções obtidas das minhas experiências realizadas à luz da calma que me proporcionaram os anos que transcorreram desde aqueles factos.

Antecedentes Casei-me em 1975 com Alejandra e, em agosto de 1977, tivemos a nossa primeira filha, uma menina a quem demos o mesmo nome da mãe e a quem carinhosamente chamávamos Alejandrita.

Alejandrita era uma menina linda e risonha. Tinha olhos azuis, tez branca e cabelo castanho, sem esquecer o seu atributo de uma inteligência muito aguda. No entanto, algo estava mal com ela: o seu sistema muscular era débil, de modo que não conseguia sentar-se sozinha nem manter a cabeça erguida. O diagnóstico dos médicos foi fulminante: padecia de uma doença congénita chamada «Werdnig-Hoffman Disease», uma espécie de atrofia muscular progressiva, para a qual não existe cura alguma, dado que os cientistas preferem dedicar os recursos à investigação de doenças de tipo massivo, como o cancro, em vez de os dedicarem a doenças estatisticamente raras.

A minha esposa e eu esgotámos todos os recursos para salvar a nossa filha; consultámos vários médicos neurologistas no México, também homeopatas e quiropráticos. Finalmente viajámos para a Clínica Mayo, em Rochester, Estados Unidos, onde, em março de 1978, o Dr. Manuel Gómez confirmou o diagnóstico que no México nos fora proporcionado pelo Dr. Guillermo Turrent e que já mencionei.

Em resumo, o Dr. Gómez estimou para a nossa filha mais três meses de vida. Assim estavam as coisas quando, em abril do mesmo ano, o meu sogro nos apresentou um amigo seu, o Sr. Méndez, que, ao saber do problema, nos sugeriu que consultássemos um dos seus amigos, o Dr. José Rojas, médico cirurgião já reformado que tinha anos dedicados ao estudo de fenómenos extraordinários e que, além disso, dava palestras a esse respeito. O Dr. Rojas foi o conduto que nos levou a Pachita.

A primeira vez que fomos consultá-la acompanhou-nos o Dr. Rojas. Íamos a minha esposa, a menina, o doutor e eu. Chegámos à sua casa na colónia Arenal, ao lado do Hospital de la Raza, por volta das 3 da tarde, com o objetivo de obter «ficha», pois a consulta começava às 4 e o doutor nos advertira que haveria muita gente a formar uma longa fila na rua para a ver, coisa que efetivamente constatámos.

Pachita vivia numa casa isolada, mais ou menos bem construída, exatamente em frente ao mercado da colónia; a entrada da casa era uma garagem com portas de ferro pintadas de branco e forradas por dentro com lâminas plásticas de cor amarela, com o objetivo de impedir a vista desde fora. O verdadeiro nome de Pachita era Bárbara Guerrero, e era uma mulher de tez morena, baixinha e medianamente gorda; teria aproximadamente 63 ou 64 anos; tinha, além disso, o cabelo ondulado e tingido de cor castanha, usava bengala ao caminhar e vestia, quase

invariavelmente, um avental, um suéter e meias grossas cor de carne, do tipo que usam as pessoas dessa idade.

A primeira vez que estivemos perante ela, depois de Daniel (um dos seus ajudantes) nos franquear a passagem, senti-me emocionado e esperançado. As consultas eram muito rápidas, de cinco minutos no máximo cada uma, porque havia muita gente à espera. Em poucas palavras indiquei-lhe o problema da menina, embora ela já tivesse intuído que a paciente era Alejandrita, e imediatamente começou a ditar uma receita a Memo, o seu filho e ajudante. Entregaram-nos a receita: Jerez Tres Coronas, no qual se devia remolhar certa erva, um óleo com alúmen para fricções em todo o corpo, e coral vermelho, que devíamos obter para que Pachita preparasse uma pomada. Marcou-nos para a semana seguinte.

Durante os dias subsequentes seguimos à risca as instruções de Pachita, inclusive conseguimos o coral vermelho e levei-o à sua casa fora das horas de consulta.

Chegada a data da nova consulta, Pachita voltou a examinar a menina, que continuava exatamente igual na sua doença. Resolveu operá-la nessa mesma tarde. Aqui é onde entra a parte extraordinária, a mais conhecida e menos compreendida de Pachita: as operações. Não quero usar o termo «operações psíquicas» porque sinto que não descreve adequadamente o fenómeno e corre-se o risco de tirar deduções erradas; por outro lado, estou longe de ser especialista na matéria, limito-me apenas à minha experiência. As operações eram físicas, os pacientes eram abertos na parte do corpo que estivesse afetada sem mais ajuda que uma faca de mato e quatro assistentes, dispostos dois de cada lado de uma mesa de madeira com o objetivo de sujeitar o paciente, pois as operações eram dolorosas e aos pacientes não se lhes administrava nenhum tipo de anestesia. As medidas higiénicas que se tinham na mesa de operações eram nulas, simplesmente não eram necessárias. As ferramentas empregadas, além da faca de mato, eram: uma bacia de peltre onde se punha um litro de álcool e um pacote de algodão que se remolhava no mesmo para formar um simulacro de torundas; umas tesouras convencionais de costura e uma garrafa qualquer cheia de um líquido ao qual chamavam «bálsamo», que tinha um cheiro agradável.

As operações efetuavam-se sempre à luz de duas ou três velas; nunca se iluminava a sala com luz elétrica. A pergunta expressa minha, os assistentes indicaram-me que a razão era que a energia elétrica interferia com a energia (qualquer que esta fosse) que utilizava Pachita para operar.

Quem me ia dizer nesses momentos que me tornaria no último ajudante que Pachita teve e que a serviria durante os seus últimos meses de vida!

O irmãozinho Estritamente de acordo com a versão que Pachita dava das operações, ela não era quem operava os pacientes, mas sim «o irmãozinho». Referia-se a Cuauhtémoc, o Rei Asteca, ou mais bem ao espírito dele, que se apossava do corpo dela para operar um paciente. Uns momentos antes de qualquer operação, Pachita punha por cima da roupa uma peça cor de laranja, uma espécie de toga à usança asteca, que lhe cobria um só ombro. Depois, na sala onde se faziam as operações, sentava-se uns instantes numa cadeira de madeira, fechava os olhos como em atitude de meditação, e quando voltava a levantar-se saudava os presentes com um «como estão os meus meninos, eu vos saúdo»; a sua atitude e comportamento eram distintos, embora a sua voz fosse a mesma. Falava com tom grave, gentil e autoritário ao mesmo tempo. Passava-se o paciente, neste caso a minha filha; colocava-se-lhe em cima da mesa de madeira, que por única cobertura tinha um mantel de plástico transparente, e dava início a operação.

Pachita abriu o tórax da menina com a faca de mato e meteu a mão nele, Tateando e removendo órgãos. A menina de imediato começou a chorar. Fomos testemunhas da cena a minha esposa e eu, mais as quatro pessoas que estavam como ajudantes: Armando, o Lic. Múzquiz, o Lic. Villafuerte e Candelaria. Dos quatro, os que nunca falhavam a uma operação eram Armando e Candelaria. Se as consultas duravam cinco minutos, as operações, no máximo, duravam 10. Pachita soltou a faca, passou a mão direita sobre o tórax, este ficou fechado novamente. Pediu a Candelaria torundas com álcool e pô-las sobre o peito da menina, as torundas sempre ficavam manchadas de sangue. Quero recordar neste ponto que se operava à luz de duas ou três velas, situadas não na mesa mas a um lado, atrás de Pachita e dois dos ajudantes.

Ao chegar a casa e examinar o peito de Alejandrita, observámos que não apresentava nenhuma cicatriz, mas tinha quatro pequenos pontos colocados geometricamente no tórax, dois exatamente nos mamilos e dois onde terminam as costelas, mais ou menos à altura do umbigo. Eram como mini-incisões ou como poros muito abertos; vinte e quatro horas após a operação já não estavam, fecharam sozinhos. A menina continuou exatamente igual na sua doença; não houve melhoria. Compreendi que devia aproximar-me mais de Pachita, conhecê-la melhor a ela e à sua

medicina. Comecei a frequentar a sua casa sozinho e fora das horas de consulta. A terceira visita deu frutos; ao bater à porta da casa notei que uma camioneta branca se estacionava às minhas costas, nela vinha Pachita e os seus dois filhos varões, Memo e Enrique. Supliquei-lhe que me permitisse falar com ela; eram as 2 da tarde; viu-me tão desesperado que me convidou a entrar na sua casa, na cozinha, onde comemos juntos.

Pachita era uma mulher fora de série pelo grande amor que sentia pelos outros; percebia a dor alheia e condoía-se serenamente. Em resposta, entregava alegria, esperança e paz. Era centrada, ágil de mente e com um extraordinário sentido de humor.

Disse-lhe que Alejandrita não melhorara com a operação que lhe praticara. Conte-lhe o problema com luxo de detalhes, sublinhando que a menina estava desenganada. Replicou que o seu tratamento levaria vários meses e que se requereria de uma ou duas operações mais. Senti-me feliz. Voltei várias vezes mais, até que ganhei a confiança e a simpatia dos ajudantes, dos seus filhos e da própria Pachita. Numa dessas ocasiões pedi-lhe que me permitisse ajudá-la nas operações, respondeu-me que ainda não estava pronto, mas que tinha a sua permissão para entrar e vê-las. Calculei que somando as que presenciei como observador, mais as que funguei como ajudante, foram não menos de 150 operações em que estive presente. No princípio pensei que tudo era fraude, que Candelaria, a pessoa que preparava as torundas de algodão, metia nelas bexigas com sangue de animal que, ao serem pressionadas contra o corpo do paciente, rebentavam, molhando o paciente e salpicando os ajudantes de sangue. Brevemente chegou o dia em que fui ajudante e eu mesmo preparei o algodão e pus-lhe álcool na bacia. Bexigas com sangue não eram, fi-lo dezenas de vezes, procurando o truque.

Numa ocasião, já como ajudante, pouco antes de iniciar a sessão de operações, Pachita estava a pôr a sua toga asteca e à volta da mesa estavam a divertir-se os outros três ajudantes do dia: Memo, Múzquiz e Armando. O que faziam era friccionar rapidamente com a palma da mão a cobertura de plástico transparente que cobria a mesa. Para a minha surpresa, vi como a zona que friccionavam irradiava uma luz verde fosforescente enquanto passavam a mão. Podiam fazê-lo à vontade. Pediram-me que tentasse, comecei a fazê-lo timidamente e não consegui irradiar nada. Pude fazê-lo até à minha terceira sessão como ajudante. Indicaram-me que só era possível fazê-lo estando Pachita na sala, que a luz verde fosforescente que

se via ao friccionar era a mesma energia que Pachita utilizava para operar. A quem pense que só era eletricidade estática peço que tente fazê-lo em casa.

Um dia, comendo na cozinha com Pachita, perguntei-lhe que religião tinha; disse-me que era espiritualista-trinitária-mariana, religião perfeitamente conhecida por mim.

Voltando ao tema das operações, guardava-se sempre a mesma sequência: primeiro efetuavam-se as «de olhos», depois «as de cabeça», depois «as de órgãos internos» e por último «as de coluna vertebral». As de braços e pernas iam intermédias entre cabeça e órgãos internos, mas eram raras.

Pachita fazia transplantes de órgãos. Tocou-me presenciar dez ou quinze transplantes de vértebras, coisa impossível para a medicina atual. Tirava-as com a ponta da faca, colocava com a mão a nova vértebra e depois batia com o cabo de madeira da faca, a modo de martelo, para acomodá-la bem.

Um dia Memo mostrou-me um olho humano que guardavam num prato, dentro do frigorífico. Perguntei-lhe primeiro a ele e depois a Pachita como conseguiam os órgãos para os transplantes; a resposta foi a mesma: era um amigo, médico cirurgião do I.M.S.S., adscrito ao Centro Médico Nacional, quem obtinha os órgãos de cadáveres não reclamados. Não me lembro do nome do doutor, mas conheci-o meses depois em casa de Pachita, estando ele de visita.

Noutra ocasião, estava a ajudar Pachita durante as consultas e observei que alguns pacientes entravam com um ovo na mão e lho entregavam. Pachita pegava-lhe e começava a passá-lo com a mão por todo o corpo do paciente para, finalmente, atirá-lo numa cuba. Ao terminar as consultas não resisti à tentação e perguntei-lhe para que fazia isso com os ovos; respondeu-me: «Ai, meu filhinho, pois não serve para nada, mas as pessoas pedem-mo, que queres que faça». Esse mesmo dia comentou-nos à minha esposa e a mim que muita gente lhe levava fotografias, fitas e cartas com o objetivo de lhe pedir ajuda para lograr a atração do ser amado. Pachita respeitava as crenças das pessoas e colocava todos os objetos no altar que tinha na sala onde se realizavam as operações. Era um altar extenso, posto sobre uma grande mesa de madeira no cujo centro havia imagens de Jesus e de Cuauhtémoc.

Entre as pessoas que conheci e tratei em diferentes ocasiões em casa de Pachita e que podem atestar o que aqui escrevi, encontram-se: a família do Sr. Jesús Razo, com quem até à data temos amizade; o cantor argentino Leo Dan, que antes de mim fungiu como ajudante de Pachita; a cantora de ranchero Laura Fierro, que foi operada por Pachita; a Sra. Margarita López Portillo, que esteve presente comigo numa sessão de operações; a atriz Lucía Guilmain; o Sr. Thierry Courdec, por aquele então executivo de Larousse. Quanto ao «que» e «como» fazia Pachita para operar, não tenho nenhuma dúvida de que realmente tinha a faculdade de penetrar o corpo humano com as mãos, como se se tratasse de outra dimensão. Também creio que a mesma Pachita nunca soube como o fazia ou por que tinha essa faculdade. A pergunta expressa minha de como o fazia, Pachita respondeu-me: «Eu não sei, pergunta ao irmãozinho, ele é quem o faz».

Creio firmemente em Deus, no espírito e no espiritual; para mim, Pachita utilizava energia espiritual para operar; no entanto, pessoalmente não creio nem nunca cri na explicação do irmãozinho Cuauhtémoc. Sinto que foi a melhor explicação que Pachita encontrou para dar a tantas pessoas durante tantos anos, situando-se ela própria como médium do espírito do Rei Asteca. Pachita faleceu em 1979, aproximadamente seis meses antes da minha filha Alejandrita, que se foi a 3 de novembro desse ano. O anterior não significa que Pachita não tivesse faculdades, simplesmente significa que acima de toda a vontade está Deus. JANEIRO, 1986

Capítulo III

DOÑA MARÍA SABINA, DE HUAUTLA

O escrito que se apresenta a seguir não pretende ser um estudo exaustivo sobre María Sabina, nem sequer uma análise mais ou menos completa da sua personalidade, atividades e poderes. O autor não conheceu o suficiente a Sabina para tentar um estudo sério da sua obra; trata-se antes de uma tentativa de partilhar com o leitor uma experiência concreta.

María Sabina viveu em Huautla, na Serra de Oaxaca. Durante a sua infância acostumou-se a ingerir os cogumelos alucinogénicos que crescem em abundância na Serra durante a estação húmida. Um biólogo chamado Wasson descobriu-a e deu-a a conhecer ao mundo. A partir desse momento, María Sabina adquiriu fama mundial, mas ao mesmo tempo perdeu parte do poder que os cogumelos lhe transmitiam.

Tal como com o autor deste capítulo, María Sabina foi a guia de inumeráveis buscadores que acorriam a ela com a esperança de encontrar resposta aos seus problemas. Esta xamã possuía o talento de guiar, com a ajuda dos cogumelos, os seus companheiros temporais da viagem alucinogénica em realidades estranhas e fantásticas. Possuía, além disso, o dom de «ver» o estado interno dos que tivemos o privilégio de a conhecer.

Como o leitor se dará conta ao ler este capítulo, María Sabina mostrava a capacidade de estabelecer uma comunicação direta; ou seja, uma comunicação que não requer o uso dos canais sensoriais. No laboratório de investigações psicofisiológicas encontramos que a comunicação direta entre seres humanos ocorre quando existe uma concordância entre as variações de coerência inter-hemisférica dos cérebros dos sujeitos. Quanto mais parecidas entre si forem as oscilações individuais de coerência inter-hemisférica, maior é a comunicação direta. Segundo a Teoria Sintergica, o anterior significa que os campos neuronais irradiados a partir do cérebro dos que se comunicam embutem numa interação congruente baseada numa similar coerência individual.

Na realidade e de acordo com a mesma teoria, a interação entre todos os campos neuronais e a estrutura do espaço-tempo forma um complexo hipercâmbio dentro do qual todos estamos imbuídos.

María Sabina podia decodificar o hipercâmbio e diferenciar dele as zonas correspondentes à mente de cada um dos seus visitantes.

Há algum tempo morreu María Sabina, e todos os que tivemos oportunidade de a conhecer sabemos que com ela se foi uma das maiores xamãs do México. Saber o nível de consciência desde o qual esta mulher percebia a realidade é impossível. Apenas ela o sabia ao vivê-lo. O que cada um dos seus discípulos podemos fazer é atestar e partilhar as experiências que tivemos com ela. Precisamente com este motivo e como uma homenagem póstuma, tentarei descrever o que a um grupo de colegas e a mim nos sucedeu quando fomos visitá-la a Huautla.

Há quinze anos, chegar a Huautla, no Estado de Oaxaca, por terra era ainda algo parecido a uma proeza. O caminho estava em plena construção e as máquinas gigantescas removendo grandes rochas abundavam por todo o lado, bloqueando curvas e troços montanhosos. Huautla recebeu-nos envolta numa bruma quase impenetrável. Tudo estava húmido, incluindo a nossa roupa e pertences. Viajávamos num jeep-safari e a meio de uma rua aproximou-se-nos correndo uma menina. Subiu para um dos lados do

veículo e com voz entrecortada disse-nos que a sua avozinha queria ver-nos. Perguntámos-lhe pelo nome dela e disse-nos que se chamava María Sabina.

Todos nos olhámos surpreendidos, María Sabina! Aquilo era como um milagre. Tínhamos ouvido falar dela através dos trabalhos de Wasson, mas não esperávamos que nos saísse ao caminho através da sua neta e menos que nos quisesse ver. Claro que acedemos ao convite e em menos de trinta minutos encontrávamo-nos na casa da xamã. Convidaram-nos a entrar num salão repleto de sacos cheios de café e milho, entre os que nos sentámos a esperar. Ao pouco rato entrou a anciã acompanhada de um intérprete. Este, que era o seu filho, disse-nos que María queria que fizéssemos uma viagem de cogumelos com ela. Convidou-nos a ir buscar os cogumelos e falou longamente acerca do que nos custaria a experiência. Lembro-me de que insisti tanto no preço e nos arranjos monetários, que tanto eu como os meus dois amigos e colegas nos olhámos dubitativamente.

Após várias horas de busca conseguimos uma boa porção de cogumelos. Um dos nossos companheiros, Roberto, era um especialista e disse-nos que algumas variedades serviam para incrementar a capacidade introspectiva, enquanto que outras produziam efeitos sensoriais extraordinários.

A variedade que tínhamos conseguido pertencia ao primeiro género e por isso era recomendável viver a experiência à noite. Regressámos à casa de Sabina após percorrer um caminho que agora, ao contrário da primeira vez, nos pareceu longuíssimo. Sentámo-nos a esperar, enquanto observávamos a família da xamã. Um dos seus netos, um rapaz de 12 ou 13 anos, acompanhou-nos; bebia licor de uma garrafa e depressa se embebedou. Aquilo, aliado ao manejo comercial, encheu-nos de desagrado. Estávamos ali para viver uma experiência mística e aquilo decepcionava-nos.

Ao anoitecer chegou María Sabina. Trazia consigo um sahumador com copal cujo delicioso aroma aliviou um pouco o nosso desconforto e apreensão. Depois, a xamã aproximou-se de cada um de nós e friccionou-nos os antebraços com um pó escuro. Mais adiante, convidou-nos a comer os cogumelos após ela fazer o mesmo.

Eu levava comigo um caderno e preparei-me para escrever as minhas experiências enquanto que os meus companheiros, deitados dentro dos seus sacos-cama, se riam do meu espírito académico. Após trinta minutos a

minha intenção de escrever começou a desvanecer-se no interior de umas distorções perceptuais e umas emoções misturadas de gozo e temor. Decidi que escrever não era importante e introduzi-me nas minhas cobertas, que me pareceram mais um casulo que uma cama improvisada. Ao fechar os olhos apareceram imagens. Mais tarde, estas transformaram-se em sensações corporais de desconforto. Fazia muito frio e a humidade transtornava-me. O meu corpo começou a distorcer-se e todo eu era uma mistura de frio, chuva e desalento.

Apareceram imagens de ruas onduladas, bordeadas de edifícios. Eu viajava através das ondulações. O meu desconforto começou a ser intolerável. De repente apareceu, na minha consciência, a imagem da minha poltrona favorita. Estava na minha casa lendo, sentindo-me protegido e quente. O frio desaparecera e sentia-me muito bem. Nesse instante, a xamã começou a cantar uma oração... São Pedro, São Paulo... repetia o nome dos apóstolos junto com frases em mazateco.

Imediatamente a minha comodidade, tão arduamente lograda, o calor do meu lar e todo o meu eu, retornámos ao frio, à humidade e ao desespero de um corpo distorcido deitado nessa choça da serra. Demorei uma eternidade a recuperar-me, voltei a ver as ruas onduladas e quando retornei à minha poltrona, María voltou a cantar... São Pedro, São Paulo... fazendo-me retornar ao desespero corporal.

Aquilo repetiu-se sete vezes. Cada vez que lograva retornar à comodidade e ao prazer, a xamã cantava, tirando-me do meu estado e introduzindo-me no desespero do presente. Era óbvio que a Sabina reconhecia a minha mente e sabia as suas mudanças. Era tão sincrónico o seu canto com os meus estados psíquicos que, depressa, pensei que a sua intenção era malévola e desesperado incorporei-me e saí ao ar livre. Recebeu-me uma chuva pertinaz, mas preferi-a ao inferno sabiniano do interior da choça. Começou a amanhecer e dei graças a Deus pelo retorno da luz e pelo milagre do novo dia.

Demorei vários anos a entender e apreciar a minha experiência. María Sabina mostrara-me um dos meus refúgios emocionais, a minha incapacidade para viver no presente e a minha tendência a fugir da realidade para me guarecer numa estrutura de comodidade. Agradeço-lhe a terrível lição.

Obrigado, María Sabina, e continua a criar aí onde te encontres!

Capítulo IV

DON IVÁN RAMÓN, DA CIDADE DO MÉXICO

Nascido numa pequena povoação da Serra de Oaxaca, parente de Doña María Sabina e descendente de uma família de xamãs, Iván Ramón é um talentoso psicólogo autóctone mexicano.

Aos cinco anos, Iván começou a manifestar sinais de uma sensibilidade extraordinária e estranha. De repente, a sua personalidade mudava junto com a sua voz e a sua conduta transformava-se. Crendo-o louco, a mãe não imaginava que aqueles eram os primeiros sinais de uma mediunidade portentosa, e em vez de o estimular, castigava-o. Reprimido, este psicólogo autóctone não se atreveu a «abrir-se» de novo senão até aos quinze anos, quando espontaneamente entrava em transe e comunicava as suas vidências.

Atualmente, Iván Ramón trabalha na Cidade do México dando consultas a dezenas de pacientes que o vão visitar buscando cura para os seus males e doenças.

Quando um paciente acode ao seu consultório autóctone, Iván sente nas pontas dos seus dedos a característica «vibração» da pessoa. Uma vez detetada, coloca os dedos sobre uma fita e espera, atento, por algum sinal. Este psicólogo autóctone afirma que é capaz de identificar a energia específica e individual de cada paciente e que ao colocar os dedos sobre a fita, envia um código energético inconfundível a inteligências superiores que o recebem e decodificam. Dependendo desta última operação, respondem com um diagnóstico. Se não respondem, quer dizer que o paciente morrerá e que não pode ser curado.

Iván Ramón afirma que a percentagem acertada de predições, efetuada com este método, é muito elevada.

Após receber a contestação ao código energético, Iván decide o tratamento a utilizar com cada paciente. Com alguns utiliza ervas e despojos. Estes últimos consistem numa manobra complicada na qual, após friccionar a nuca e a testa do paciente com um líquido especial, Iván golpeia e dá massagens a diferentes partes do corpo do paciente. Segundo ele, este tratamento tem como efeito o logro de um equilíbrio energético.

Outros tratamentos incluem banhos de vapor, alternados com fricções com água gelada, e a introdução do paciente num pequeno caixote dentro do qual se evaporam ervas.

Iván Ramón afirma ser capaz de curar doenças como o cancro, as úlceras, a epilepsia, infeções virais, etc.

Um dos trabalhos mais interessantes que efetua Iván é o exorcismo. De acordo com a sua visão da realidade, nesta encontram-se seres que morreram e que não encontram o caminho de um desenvolvimento saudável. Estes seres são os que se apoderam de mentes inocentes e as martirizam crendo-as sua propriedade. Quando um paciente chega a este psicólogo autóctone queixando-se de ouvir vozes estranhas que lhe mandam fazer coisas absurdas e daninhas, Iván prepara uma cerimónia especial mediante a qual protege o seu paciente e lhe dá poder para rejeitar as entidades intrusas. Nesta cerimónia, Iván entra em transe e um ser de luz e força faz o trabalho de exorcismo, através do seu corpo.

Estes seres sobrenaturais são os que lhe ensinaram a este psicólogo autóctone tudo o que sabe.

Tocou-me assistir a várias sessões nas que pude presenciar a forma em que Iván Ramón entra no seu transe. Isto inclui uma série de movimentos e respirações intensas, parecidas a suspiros profundos, após as quais ocorre uma mudança total da sua personalidade. Observei pelo menos quatro personalidades alternas em Iván: um ancião, um chinês, um guerreiro e um filósofo. Durante a sua manifestação, o recinto em que trabalha parece impregnar-se de uma atmosfera eletrizante e poderosamente sugestiva da existência real de seres colossais. Estes pronunciam discursos magníficos e executam os trabalhos de limpeza ou despojos.

Os processos de cura e todos os fenómenos que existem estão, de acordo com Iván Ramón, regulados pela interação de dois poderes. Por um lado, um poder feminino: a Natureza e a Terra. Pelo outro, um poder masculino: o Pai ou Deus. O Pai guia e a Mãe manifesta; Deus decide e a Terra executa.

Tanto a Natureza como Deus servem-se de intermediários para realizar os fenómenos. Deus utiliza seres realizados, os que se comunicam com homens preparados, como os xamãs e os Santos. A Natureza serve-se de elementais em número de quatro: o fogo, a terra, o ar e a água. Iván Ramón obtém o seu poder do uso dos elementais e do cumprimento do mandato dos seres de luz. Desta maneira atua como instrumento de cura.

Nesta conceção da realidade, o equilíbrio entre todas as forças é fator fundamental de desenvolvimento e saúde. Quando existe equilíbrio, há saúde. A doença é produto de um desequilíbrio.

Para este psicólogo autóctone, um dos fatores mais desequilibrantes da atualidade são os químicos que o homem usa na sua alimentação e na sua medicina alopática. Frente a esta, Iván Ramón utiliza medicamentos naturais nos quais existem as forças elementais da Natureza. As limpezas de fogo e de água abundam nos seus tratamentos.

A doença mental é, segundo este xamã, produto da interferência que seres de baixo desenvolvimento têm com o cérebro e a mente humana. Estas interferências são provocadas por trabalhos de feitiçaria nos quais se ordena a um «baixo astral» interagir com um cérebro normal para afetar os seus circuitos neuronais e desencadear explosões energéticas desequilibrantes. Os baixos astrais são seres que podem ou não ter corpos próprios, os que antes da sua condição atual eram homens que não puderam desenvolver-se ou que causaram grandes danos. Estes seres são escravos dos feiticeiros, que os utilizam para os seus danos.

Dentro dos conceitos de realidade de Iván Ramón, a reencarnação, a lei de causa e efeito e a existência de diferentes níveis de realidade e de consciência são lugares comuns. Iván afirma conhecer as suas próprias vidas passadas e saber, além disso, as dos seus pacientes. Diz este psicólogo autóctone que viveu no tempo dos Astecas, como servidor de um dos templos: o do deus Huitzilopochtli. Deste deus, Iván Ramón afirma que era um devorador de corações astrais, não para fazer o mal mas para estimular o seu desenvolvimento.

Como parte do seu contacto com a origem do mexicano, Iván Ramón afirma estar a receber mensagens dos habitantes etéreos do panteão Asteca, que lhe informam acerca da possibilidade de que um ou vários dos nossos vulcões (ele chama-lhes «luminárias») entre em erupção. Diz este psicólogo autóctone que em Guanajuato existe uma lagoa chamada Yuriria, que contém sinais de acontecimentos futuros. Dependendo da coloração da água e do seu nível, pode-se saber o que acontecerá.

O conceito de seres suprahumanos vivos e independentes e com os quais um xamã pode entrar em contacto é uma das crenças mais comuns entre os homens de conhecimento. Doña Pachita, Don Florencio, Don Lucio e o próprio Iván Ramón sustentam-no como um facto indubitável.

Obviamente, a comprovação de tal facto está, ainda, fora do alcance da nossa ciência, que não pode validar, embora também não negar, tal possibilidade. Basta recordar que ainda não sabemos qual é a origem da

nossa capacidade de consciência e experiência para compreender o anterior.

Em geral, a psiquiatria contemporânea está a interessar-se por algumas das atividades dos xamãs; por exemplo, o seu uso de ervas medicinais. Existem, no entanto, duas correntes dentro da psiquiatria: uma que mantém que o curandeirismo em geral, e o xamanismo em particular, estão totalmente desligados e não podem ser contemplados dentro da prática científica. A outra corrente considera que existe uma sabedoria milenar no xamã que deve ser aproveitada e conhecida.

Um estudo sério acerca dos pacientes curados pelos xamãs, em comparação com os curados pelos psiquiatras, ilustraria o estado da realidade em ambas as práticas. Creio que uma investigação deste tipo poderia fazer com que nos levássemos muitas surpresas.

Capítulo V

DOÑA ASUNCIÓN, DE HIDALGO

Em 1975 morreu-lhe o filho mais velho. No velório, sem poder conter as lágrimas, de repente fechou-se-lhe a boca e perdeu a consciência. Os que estavam com ela só viram que o seu corpo adquiria outra postura e que a sua voz mudava. Já não era uma mulher, mas um homem cheio de culpas. Levou-os a um quarto contíguo e ali pediu-lhes perdão.

Através dessa mãe aflita falou alguém que não era ela nem o seu filho morto, mas o seu assassino. Pediu perdão e misericórdia, prometeu ajudar e sacrificar-se para pagar a sua culpa...

A partir desse dia, Doña Asunción soube que algo estranho nascera nela. Sentava-se numa cadeira, sentia como se lhe fechava a boca e o seu corpo se ia embora e depois não se lembrava de nada. A família e aqueles que a podiam ver contavam-lhe que o seu filho morto falava pela sua boca e que curava aqueles que via com doenças.

Conheci-a numa sessão sabatina, no quarto de meditação de Iván Ramón. A sessão foi memorável porque após três personalidades alternas, Iván transformou-se num doutor chinês. Falava e comportava-se como um oriental autêntico. Ao lado dele estava sentada Asunción, com os olhos fechados. De repente esta mulher começou a manifestar as alterações de ritmo respiratório características da entrada em transe mediúmnico. Depois, levantou-se do seu assento e dirigiu-se ao corpo de Iván Ramón... Falou-lhe

com um léxico e numa entoação muito parecidas às do «chinês», e este respondeu-lhe.

Aquilo era um espetáculo inconcebível. Um oaxaquenho e uma hidalguense a falar em chinês e a entender-se na perfeição!...

Era claro que se entendiam, mais ainda, discutiam acerca de algo de importância a julgar pelos seus gestos. Ambos, mantendo o diálogo, prepararam-se para trabalhar com as pessoas que, atónitas, observávamos o espetáculo. Chamaram-nos um a um e nesse linguagem estranho interpelaram-nos e depois deram-nos uma massagem. Mas aquilo não era uma massagem normal. O procedimento que usavam era quase idêntico em ambos e consistia em colocar as mãos sobre a nuca e testa de cada um de nós. Depois, faziam vibrar as mãos rapidamente. Mais adiante percorriam as nossas costas fazendo-as vibrar. Por último, sopravam-nos do lado direito e esquerdo da cabeça e lançavam-nos água após fazerem o mesmo consigo próprios.

Levei Doña Asunción a uma estação do metro capitalino. Observei os seus traços: índios, fortes, com duas tranças brancas emoldurando a sua cara redonda, cheia de rugas, de maturidade e compreensão. Perguntei-lhe: «Por que tudo começou ao morrer o seu filho?» Respondeu-me que aquilo era normal. Quando alguém numa família tinha esse «dom», ao morrer herdava-o a outro membro da mesma família. Lembrei-me de Pachita e assenti. Ela, ao morrer, deixara a Enrique, o seu filho mais novo, como herdeiro das suas faculdades cirúrgicas autóctones. Era verdadeiramente interessante aquele assunto da herança. O que se herdava e o que significava essa faculdade de possuir personalidades alternas?

Os acompanhantes de Doña Asunción asseguraram-me que ela podia curar feridas e fazer sarar os diabéticos durante os seus transes. No entanto, Doña Asunción afirmou não poder lembrar-se de nada do que acontecia durante os seus transes. É, como Pachita era, uma médium inconsciente. Voltei a perguntar-me o que significa aquilo. Por que estas pessoas perdem a consciência quotidiana e nesse estado realizam as suas curas? Como penetrar nesses mistérios e averiguar o que realmente significam?

Existem, certamente, muitos e diferentes níveis de consciência, cada um com uma fenomenologia própria, embora com leis comuns. Durante a meditação profunda pode-se sentir a presença de um centro interno cheio de sabedoria. Acaso estes psicólogos autóctones são capazes de se colocar nessa região central do Ser mas por um sentido de humildade consideram-

no como totalmente alheio à sua própria individualidade e por isso lhe chamam espírito protetor?

A explicação mais profunda que conheço acerca dos diferentes estados e níveis de consciência é a que um xamã-nahual mexicano, Don Juan Matus, ofereceu (as teorias de Don Juan são amplamente descritas nos livros de Carlos Castaneda). Segundo ele, cada ser humano possui um mecanismo que «alinha» duas bandas de emanções conscientes. Por um lado, umas emanções associadas ao corpo, as internas; e pelo outro, emanções externas provenientes da origem mesma da consciência. Segundo Don Juan, existem multidão de bandas possíveis de alinhamento, e um mecanismo que coloca a consciência pessoal em contacto com uma delas: o ponto de encaixe. O ponto de encaixe atua como um íman luminoso que atrai certas bandas internas e as conecta com as externas. Cada vez que isto sucede, o ser humano penetra num estado particular de consciência. Geralmente, todos temos o ponto de encaixe numa posição fixa. Quando se nos move, penetramos em estados alterados de consciência. O homem comum e corrente não é capaz de manejar o seu ponto de encaixe à vontade e colocá-lo na posição que mais lhe convenha ou interesse. Apenas o homem de conhecimento tem controlo sobre as posições do seu ponto de encaixe e pode modificá-las à vontade.

Talvez os nossos psicólogos autóctones, com a faculdade de mediunidade inconsciente, se encontrem num ponto intermédio entre o homem de conhecimento totalmente iluminado e o homem quotidiano. As personalidades alternas que se manifestam neles poderiam ser as manifestações de um enfoque peculiar do seu ponto de encaixe e um alinhamento não quotidiano das bandas de emanções.

Obviamente, explicações como a anterior planteiam novas perguntas e deixam sem resposta outras. No entanto, dentro de todas as possibilidades de explicação, esta parece-me magnífica pelo seu poder.

A experiência de ver Don Iván Ramón e Doña Asunción penetrarem numa personalidade alterna similar poderia significar que em ambos o ponto de encaixe se colocou numa posição parecida ou idêntica, e que por isso ambos os cérebros adquiriram padrões semelhantes e manifestações comportamentais parecidas. Por outras palavras, que ambos penetraram num mesmo nível de consciência e que neste as leis de operação e os conteúdos se encontram dados e estão disponíveis para quem seja capaz de alinhar as específicas bandas de emanções associadas com ele.

Se o anterior é correto, então o que aconteceu entre Iván e Asunción é que um dos dois (provavelmente Iván) moveu o ponto de encaixe do outro para a sua mesma posição e a isso se devia a similitude das suas condutas.

No laboratório estamos a realizar uma investigação das mudanças de atividade cerebral de pares durante a comunicação pré-verbal. Encontrámos que a atividade dos cérebros envolvidos torna-se muito similar quando ambos logram estabelecer uma comunicação empática. Por outras palavras, quando dois seres humanos se sentem muito perto um do outro e logram uma sensação de intimidade de presença, a atividade dos seus cérebros contagia-se e os seus padrões eletroencefalográficos tornam-se praticamente idênticos. Algo em Iván Ramón impulsionou o ponto de encaixe de Asunción para uma posição similar à dele e então ambos os cérebros adquiriram padrões similares e manifestações comportamentais parecidas.

Capítulo VI

DON INOCENCIO FLORES DE LA CRUZ DE SAN MIGUEL TZINACAPAN, PUEBLA

Compilado por EDUARDO ALMEIDA ACOSTA

Apresentação

Don Inocencio Flores de la Cruz nasceu em San Miguel Tzinacapan, município de Cuetzalan, Puebla. Passou os primeiros doze anos na sua aldeia natal. Depois viveu dez como acasillado em San Juan Tenexiapa, e dez como forasteiro; andou a trabalhar em distintos lugares. Por fim regressou à sua aldeia onde viveu os últimos 24 anos da sua vida. Morreu a 18 de agosto de 1983.

Os relatores do texto que se segue são o seu filho, Don Lucio Flores Flores, e a sua nora, Doña Consuelo Contreras Tirado.

1. O poder de Don Inocencio

O poder de Don Inocencio tomou-o de uma avozinha, Chepa de la Cruz, quando era pequeno. Apegava-se muito a essa senhora, a sua avozinha. E como a avozinha era mesquinha, não queria ensinar-lhe. Mas

como a avozinha pedia forte nas suas orações, gravou-se-lhe o que ouvia e assim foi aprendendo.

Tinha como dez anos quando a andava a seguir às escondidas. Atrás dela a andava a escutar. Coisas boas e coisas más. Mas ele gravou só as boas, não as más.

Era bom, embora aqui lhe corressem carretilla que era isto e era aquilo. Que não era curandeiro e ele mostrou-lhes que sim.

O meu pai aprendeu da sua tia¹, mas não tinha um grupo. Sozinho. Aprendeu de uma pessoa. E talvez um dom que Deus lhe deu para que aprendesse. E ao ver que sim lhe saía, ele deu-se valor sozinho com Deus.

A tia Chepa aprendeu dos seus avós e bisavós.

A tia curava. Ele andava atrás dela. Não queria que a andassem a seguir.

Quando a tia fazia uma coisa boa, deixava que se lhe arrepechasse para que ouvisse.

Quando ia fazer coisas más, aí não lhe deixava. Trabalhava também em feitiçaria.

O meu pai não trabalhava isso. Talvez soubesse. Ele dizia: – Eu faço trabalhos direitos.

Se alguém lhe pedia: «Eu quero que a esse lhe passe algo», ele dizia: – Isso eu não, procura outro. – Que te dou tanto... – Embora me dê o Reino.

Don Ernesto, o irmão do meu pai, era o consentido da tia Chepa. Aprendeu mais. Não se dá a conhecer. Vêm vê-lo de Xocoyolo, Ataxpa..., Cuetzaltecós. Vêm vê-lo para curas, para conselhos.

O meu pai trabalhou em San José Acateno e em San Juan Tenexiapa. Aí trabalhava. Ajudava-lhes no tabaco, semeando chile e ajonjolí. Pagavam-lhe o jornal: 25 centavos diários. Como órfão levou-o o seu tio. Em casa só o quartavam. O seu pai tinha-lhe dado um tiro. Não lhe acertou. Ele escapou-se. Era malcriado.

¹ Tia: neste caso a avozinha tia.

No tabaco castigavam-no. Enganava-os que era órfão. Levou-o o seu tio.

Quando viu que não lhe pagavam, uma senhora disse-lhe: – Não tens roupa. Aqui não se ganha. Se queres ganhar ao menos as cuecas vai onde te pagam. Não só onde te dão tortilha porque vais ficar nu. Vai limpar plantas de feijão. – Quanto me vais pagar? – 25 centavos. Veremos se podes trabalhar.

E assim lhe foram aumentando. Pagaram-lhe a roupa. Descontaram-lha da sua paga.

Depois passou um senhor: – Quanto te pagam? Vais a... Eu pagar-te-ei 75 centavos. Vais a cuidar as vacas nada mais. Eu compro-te a roupa. Eu te mantenho.

Ele pensava que já ganhava muito dinheiro. Aí foi estar uns anos. Confiou nas pessoas que o tratavam bem. Esteve como dez anos de forasteiro, com um só patrão.

Depois andou de forasteiro, de lugar em lugar. Podia manejar-se sozinho.

Ele aprendeu sozinho, assim que se sai ou não sai. Quando era pequeno, saiu-se de 12 anos. Com um tio Miguel de la Cruz. Aí trabalhava. Fez anos. Como uns vinte anos. Ele começou a praticar durante uma epidemia quando um dos seus compadres lho pediu em San Juan Tenexiapa. Aí fez a primeira cura.

Então o compadre diz à sua esposa: «Vou levar o filho». Porque ao médico levavam-nos a morrer. Ele curou a uns. Dizia: «Vou dilatar. Para amanhã já está».

Apareceu um curandeiro. A gente apilhava-se-lhe. E o doutor molestou-se. Deu notas o doutor a um senhor ao qual pediu favor que lhe fizesse dano. Mas este senhor agarrou as notas e repartiu-as com o curandeiro. – Tu és bom – disse-lhe –, o que merece dano é o doutor.

Quando houve essa epidemia, ele curava. Não lhes dava nada de medicina. Agarrava o aguardentinho. Por inveja (nexikolis) queriam-no maromear. O que cura sem medicinas sim que sabe curar.

Quando viveu jovem dedicava-se ao seu trabalho no campo, nos jornais.

Quando com pouca vista começou a meter-se de cheio nestes assuntos.

Quando um é forte, o campo.

Quando não, já busca um ofício.

Curava. Mas não se publicava que eu faço isto. Ele dizia: «Que não se publique que eu curo».

Alguma vez convidavam-no a reuniões de curandeiros: – Convidam-me a algo importante – dizia.

Mas ele não queria ir. Não lhe gostava. Como Jesus, que dizia: «Que não se saiba».

Dizia ele: «Depois vêm os cocolazos depois».

2. Como curava

Ele, vinha-lhe como uma vidência. Aí está o golpe. Dizia que lhe falavam algumas almas e lhe traziam a notícia. Vinham-lhe a dizer, se ia curar um doente. Hoje não lhe dão resposta. Ele dizia aos que curava: «Venham até sábado». E depois já lhes dava a resposta. Chegava-lhe a notícia de por que sofriam dessa doença.

Dizia ele que o Senhor por meio do seu Espírito lhe falava pessoalmente. Que eram defuntos, almas que lhe traziam a notícia.

Nós aqui somos mundanos. Mas há almas boas que vêm ajudar. Que dizem o que há que fazer.

Tudo lhe vinha em notícias nos sonhos. Que isto vais cobrar. Que isto não vais cobrar. As pessoas caritativas regalavam-lhe algum centavo porque viam o trabalho que fazia, que era certo o que ele dizia. Diziam: – Já vi vários médicos. Não me fizeram nada. E o senhor, que me vê?

Ele dizia: – Traga-me uma veladora.

Se é segunda-feira dizia: – Venha na quarta-feira e falamos. Não te adoceste só porque te adoceste. Deus mandou-te a doença.

Assim se começam a falar. – Mas nós não cremos que estamos a fazer mal a um vizinho. Ou dano no rancho. E embora um não queira que se saiba... sabe-se. Pois ninguém mo conta.

Por isso lhes dizia que venham para que lhes diga o que têm.

Ele nos dizia o que sonhava. Ele lhes dizia vidências. Ele dava-se conta sonhando.

Não tinha hora para curar. Mas sim dias. Qualquer, menos sexta-feira ou terça-feira.

Don Inocencio jejuava para que fosse atendido o que pedia. Jejum de todo um dia.

Uma das coisas que a mim também me admira é que sabia ao momento de tocar a cabeça. Dava-se contactos. Que onde o paciente sentia o mal lhe atacava também a dor ao meu pai. Dá-me admiração. E tal que lhes dizia: – Dói-te isto, dói-te aqui.

E outras vezes para curar Don Inocencio agarrava um copo de água, sabugueiro e um ovo. O sabugueiro usa-o para todas as coisas más. Varre a pessoa com o sabugueiro e o ovo. Depois rebenta o ovo no copo com água

e põe o sabugueiro em cruz em cima do copo para que não escape o que arrejunta do mal. E depois vai vendo as babinhas que ficam no copo como se fossem velas. E então já diz ao paciente ao qual está a fazer a cura o que vê. Que lhe estão a fazer mal. Aí se vê.

Usava folha de chá para tirar o mal que há no estômago. Quando um está desganado. Com diarreia. Com falta de apetite. Assim se acaba um.

Ele curava no seu quarto. Ele só ali trabalhava. Tinha o seu Cristo. E uma medalha numa caixinha. E sempre a levava. Que era a sua arma mais forte que podia ter aqui no mundo.

Tinha o altar com as suas veladoras. A pessoa que ia vê-lo sempre levava uma veladora. Uma veladora nada mais. Acendia-a e punha-a no altar.

O altar tinha uma imagem do Santo Menino. E um São António familiar, e outras imagens... Mas ao seu altar nunca lhe faltavam as flores. Ele tinha que adorná-lo.

A quem vinha a consulta dizia: – Traz-me uma veladora. Veladora e copal. Incenso para afastar tentações. Como o sacerdote.

Ele sempre tinha acesa a sua veladora. Estava a pedir para ele. Se não, imagina, ele ficava sem comer.

Quando uma veladora se acende e sozinha se apaga é que não tem vida o doente, já se passa de grau de caminho a doença.

3. “Se Deus o faz!... Eu não”

Ele considerava o seu ofício como caritativo. Não sei como explicar isto. Quando o necessitavam vinham as pessoas a solicitar favor. Embora ele não quisesse. Ele atendia. – Não me posso negar. É certo. Não me dedico a esse trabalho. Mas posso fazê-lo. Se creem, vai ser o trabalho. Se não, não há alívio. Eu vou fazer o trabalho mas não a cura. Eu ponho as mãos em cima da pessoa.

E às vezes de veras eu via que curava.

Uma vez veio a senhora de H.G. com o seu menino de oito dias de nascido. Já tinha ido ao médico. Não podia urinar. Só estava a chorar. Estava tapado. – E já foram ver o médico... – dizia ele e ria-se. Agarrava o aguardente, molhava a palma da mão e punha a mão na coronilha do menino. E dizia-lhe: – Agora não estás batizado. Agora eu te batizo com o aguardente, mas não vás ser bêbedo.

Começava a mover-lhe a bexiga. – Não se urinou? – dizia.

Ia-o sacudindo, pouquinho, pouquinho. – Agora vai destapar-se.

Nesse momento lançou-lhe a água, não o vai Ud. a crer. – E já se fez dos dois – o pai parou-se. – Ai compadrito, quanto te felicito! Já salvaste o meu filho.

Então ele disse-lhe: – Aqui está a medicina. Por isso lhes disse se têm fé em Deus... Sem fé como vou eu fazer a cura. Se Deus o faz!... Eu não.

Ao terceiro dia que se destapou trouxeram-no outra vez e já ficou bem.

4. Por meter a mão sem permissão de Deus

Uma vez veio uma senhora com um rapaz. Já grande o rapaz, como de 15 anos. Disse a senhora que o curasse. De momento vinham pediam a cura que lhes fizesse. Ele dizia: – Ainda não pedi a Deus.

Mas deu-lhe compaixão, pôs-lhe a mão na cabeça. Sentou-se talvez orando com Deus. Curou-o só assim de sopetão.

Como às 12 do meio-dia fui deixar as tortilhas ao meu esposo, só estava a cabecear. – Dói-me a cabeça.

E estava a queixar-se. – Então, por que fizeste esse trabalho? – Tive pena do rapaz. Mas fizeram um mal. Chegam-me as notícias. Umas coisas más. O rapaz está mal porque se agarrou uns centavos e uns totoles de uma senhora. Foram vendê-los. Esse dinheiro guardaram-no. A senhora buscou a maneira de saber. Buscou feiticeiros... e ao rapaz encolheu-se-lhe a mão. A mãe chegou com dor de cabeça e o rapaz com a mão encolhida.

Fui pelo meu esposo e disse-lhe: – O teu pai está muito mal. Deixei-o a cabecear. Está a queixar-se.

Como às 3 chegou o meu esposo. O seu pai estava a queixar-se, que o ajudasse, que o deitavam ao buraco. – Melhor levem-me para casa. Estão a matar-me.

Ele dizia: – Vou morrer. Por meter a mão sem permissão de Deus.

O que o rapaz estava a sentir ficou-lhe a ele. Já se ia a morrer.

O meu esposo agarrou uma chávena e deitou-lhe dois Alka-Seltzer. Pegou num rolo de sabugueiro e num ovo entibiado. – Com isso esfrega-me – diz.

E o que ele pedia o meu esposo estava a fazer. Esfregava-o. Fazia-lhe orações. Ele ditava como o havia de fazer. – Um pouco de sal moído. Um

recipiente. Aí deita o aguardente. Prepara com aguardente e com isso esfrega-me todo o corpo. Esfrega-me, mas não tenhas medo.

O meu esposo pensava: – Como a ele lhe passou, passar-me-á o mal. Mas dizia: – Não te tenho medo, se és meu pai.

Então já como às três horas lhe passou, que já queria comer. Mas não podia comer. Entesou-se-lhe a queixada.

Como às dez da noite já nos chamou aí onde dormia. – Como te sentias que só estavas a fazer visões? Contavas-nos que não estavas na tua cama, que vias criaturas.

Como não pedira permissão, o seu mal é o que estava a sentir esse rapaz. – Salvei-me graças ao meu filho.

Ele não se encomendara a Deus e por isso lhe passou o mal do rapaz a ele.

5. Conhecedor do passado e futuro

Em vidências traziam-lhe ou via o que podia passar. Dava-se conta.

Dizia-lhes: – Primeiro deves arrepender-te com Deus e depois vens.

Regressava: – Já pedi perdão a Deus.

Sem isso um não tem bilhete como dizem.

E eu dizia-lhes o que tinham feito: – Não, não é certo.

Diziam. Mas quem sabe como ele sabia. – Que tu isto andas a pensar, que tu isto andas a falar. Só te tiram a palavra e andam a maldizer.

Tu andas a rogar. Mas eles não te querem.

Eu dizia-lhe: – Isto dizem-me os meus irmãos.

E ele respondia-me: – À força andas a meter-te com os teus irmãos e já vês que não te querem.

Dizia depois: – Agora vai vir um de longe.

E a pessoa essa tinha de chegar. Vinham até do México e um de Puebla também veio, que toda a vida tinha dor de cabeça. Dizia ele: – Incrível, eu sou um qualquer. Tens dinheiro, por que não vais ver um médico?

O paciente dizia: – Eu tenho fé em Deus e no senhor. – Passa se tens fé em Deus.

Agarrou a aguardente. Assentava-lhes a mão e já lhes dizia o que têm, que se o estômago. – Como sabe? – perguntavam.

Embora não lhe estejam a falar, já lhes disse o que fizeram.

Sentavam-se e perguntavam-lhe: – Como fazes? – Tu não te dás conta mas eu estou a falar com o espírito.

A pessoa dizia: – Se o creio.

Ele dizia: – Fizeste isto e não mo podes negar.

Não o podiam enganar. – Tu mesmo mo estás a dizer como se me estivesses a falar.

6. O tesouro de proteção

Tinha um objeto como um tesouro digamos. Então esse tesouro levava-o a um lugar de uma casa. Se alguém diz: – Eu quero que haja vida na minha casa.

Levava-o e aplicava-o na sua casa. E ele comprometia-se e nada devia passar nessa casa nesse ano. Nem doenças nem nada.

O tesouro era como por exemplo como relíquia. Conseguia cera das colmeias, tabaco, copal,... conseguia a palma bentade Ramos e a cera. Levava umas moedas de dinheiro. Tudo isso juntava como bola. Escavava e metia num buraco e ali estava todo o ano.

Pedia uma novena e o dia que se terminava a novena ia adornar a casa dos que lhe pedem esse favor.

Cada ano mudava o tesouro. Às coisas sai-lhes o aroma e a força.

Eu perguntava-lhe. Ele não queria dizer. Esse tesouro que levam às casas. Aí nunca falta nada. Há de todas as sementes. Aí chamavam-lhe tajpalol (oferenda). – Nej niktaliti se tajpalol. – Eu ofereço uma oferenda em nome de fulano ou sicrano para que não passe nada...

E nomeava as pessoas que estão.

Aqui a gente ficava contente. Com a fé dessas gentes. E a fé do meu pai. Faziam-lhe a comidinha. Atendiam-no bonito. Eu às vezes acompanhava-o.

7. Huesero

Don Inocencio era huesero também. Aprendeu do seu pai. O seu pai desbarrancara-se de uma besta. Não se podia levantar. – Já me vou morrer.

Agarrou-lhe da mão esquerda e pô-lo de pé. – Vai-me romper o coração, porque me dói muito a mão.

Don Inocencio começou a arranjar a mão do seu pai.

Já à tarde perguntou-lhe: – Já não te dói? – Já não, só pouquinho.

Aqueceu água de sal. E começou a esfregar-lhe, a chapotear-lhe, e amarrou-lhe a mão. O seu pai disse-lhe: – E como pensaste arranjar-me a mão? – Deus e a sorte. – Como pensaste? Já se me descompusera.

E assim foi como ele começou. Ainda estava pequenino.

8. Era bom huesero

Tinha vindo um senhor que lhe queria ver a orelha. – A minha mão está como recalcada nada mais – dizia.

Veio e disse-lhe ele: – Vem, traz a tua mão.

Estava quebrado o osso. – O teu osso está quebrado.

Os hueseros disseram-lhe: – Está só recalcado.

E estava quebrado. Que vai o senhor a Teziutlán e ali tiram-lhe raios X. Estava quebrado. Veio admirado: – Aí disseram-me está quebrado. Por isso não se me compõe. – Ah, não me crias! – Sim, não te cria! Os hueseros disseram recalcado. E tu, quebrado. – Então crias-me como criatura, que não era certo. – Mas agora sim, quanto to agradeço. Dão-me punhaladas. Até agora creio em ti. – Não creias em mim, crê em Deus. Ele é quem o faz.

E veio o senhor a oferecer-lhe quinhentos pesos dos de então. – Tiraste-me da dúvida. Estava bem machucado o osso.

Ele disse-lhe: – Ouve como faz, rangem os ossos do pulso. – Quanto to agradeço. Agora vão-me operar a mão.

9. As que receberam o poder de Don Inocencio

Quando Don Inocencio já se estava a esgotar eu pedia-lhe que fizesse um papelito². Ele dizia: – Também estão benditos por Deus. Foram à doutrina.

A algumas pessoas sim lhes estava a ensinar. A uma rapariga que ele tinha da sua parte, R.A.G., de Ayotzinapan, e à tia desta, R.G. de Tzinacapan, casada com P.M.

Conheceu-as assim: Uma senhora de Ayotzinapan levava oito dias de estar no hospital, não lhe passava o fluxo de sangue. A sua sogra contou-lhe que viessem ver Don Inocencio. Veio o genro da senhora. Um dia de manhã como às 6. – A ver se me tira desta dúvida, já a minha esposa está a

morrer. – Que tem? – Tem fluxo de sangue. – Se têm fé em mim vou-vos preparar a medicina. Compra dois chocolates, uma rajita de canela e um manojito de ruda. Agarra três ramitas para pô-las com o resto na água que ferva.

E então prepararam-lho e deram-lho a beber. No dia seguinte veio-o ver o senhor veio-lhe dizer que a senhora já estava melhor, que já não lhe voltara o fluxo. Então Don Inocencio disse-lhe que já à tarde só tomasse meia chávena e que não levantasse coisas pesadas.

Já ao terceiro dia veio a senhora. Vieram agradecer-lhe o favor que lhes fizera e vieram perguntar-lhe quanto era. Que não era nada, que só que se aliviasse. E isso é tudo.

² Que escrevesse.

Já depois Don Inocencio dizia à senhora que se queria saber a filha para aprender, que ele lhe havia de ensinar; já depois que lhes contou aos pais que lhe ia ensinar veio a cunhada do senhor. Trouxe a sua mãe, doente também. – É certo que lhe vais ensinar à minha sobrinha?

Don Inocencio disse: – Pois eu estava-lhe a falar, que se quer aprender a filha da tua irmã, que a posso ensinar. – Eu também quereria aprender – disse a tia –. Que se a ela a vais ensinar, por que não me ensinas a mim também?

O meu sogro disse: – Eu quereria que alguém ficasse para curar, mas que não seja dos meus filhos.

Quando um filho lhe pedia aprender, Don Inocencio dizia: – Já é um compromisso, fazer esses trabalhos que lhe pedem a um.

O filho pedia-lhe e ele não queria. – Depois, quando eu não possa.

Quando começou a ensinar à tia e à sobrinha então já pensou separar-se de nós. Foi-se para Chilcoujta. Essa casa era dele. Ele sozinho. E depois já se foram as raparigas, a tia e a sobrinha, para aprender. Aí iam ficar. Eu cheguei a ver o caderno da rapariga. Estavam a escrever. Deu-me tentação de o pegar. Mas Deus disse-me: – Deixa-o!

Ao ir-se para Chilcoujta levou o seu altar e tudo.

Uma vez fui a Chilcoujta e vi que a tia e a sobrinha tinham escrito umas orações num caderno. Ensinava-as Don Inocencio. Uma oração do dia-a-dia. Uma oração para se defender. Oração para pedir pelos assustados. Oração se a terra santa os abraça. Oração se a lumbre os abraça. Oração se se cai na água.

Don Inocencio disse-me: – Não estejas a tocar nessas coisas porque a rapariga vai-se zangar.

O poder é a oração. E a força é com Deus.

Don Inocencio não queria que eu aprendesse as orações. Eu às vezes perguntava-lhe como se fazem, como se diz para que não falte nada. – Eu aqui estou – dizia-me. – Eu tenho a oferenda para que não falte de comer.

Quando os filhos adoeciam, ele obrigava-se a curá-los. – Quando eu vos fizer falta – dizia –, vão-se lembrar de mim.

Capítulo VII

DOÑA LICHA, DE PUEBLA

Fomos uma colega (Gretchen) e eu a Puebla procurar Doña Licha, uma psicóloga autóctone que vive nesse Estado. Não conhecíamos a morada de Doña Licha e, para a encontrar, decidimos perguntar a pessoas que parecessem nativas do lugar e prováveis conhecidas dela.

Errámos várias vezes, até que nos ocorreu interrogar um taxista, que imediatamente nos deu instruções de como chegar à sua casa. A sua vivenda era parte de um conjunto de quartos comunicados entre si e que rodeavam um pátio com jardins. Desde a entrada sentia-se um ambiente de limpeza, pulcritude e força.

Uma jovem muito bela perguntou-me a razão da nossa visita e ao fazê-lo senti como o seu olhar me penetrava no intento de auscultar as minhas intenções. Disse-lhe que vínhamos ver Doña Licha e, depois de ir perguntar-lhe, deixou-nos passar.

Doña Licha Apareceu Doña Licha. Pareceu-me jovial, amável e madura; disse-lhe que éramos aprendizes e que realizávamos um estudo acerca dos homens e mulheres de conhecimento do México e que a ela a tínhamos escolhido por referências de um dos discípulos de Don Iván Ramón da Cidade do México.

Surpreendeu-me o ambiente que se respirava na sua casa. Estávamos num quarto pintado de verde e branco, com um altar e uma veladora acesa.

Tudo estava no seu lugar, limpo, ordenado, com um rádio-gravador que reproduzia música enquanto Doña Licha nos falava acerca da sua vida e do seu trabalho.

Contou-nos que aos 10 anos a picou um escorpião e que, como resultado do seu veneno, perdeu o conhecimento e começou a inchar-lhe a

barriga. Trouxeram um médico, mas este, ao não encontrar nem ouvir o pulso, diagnosticou-a morta e não lhe injetou nenhum antídoto. Passaram várias horas durante as quais a família começou a preparar o velório.

A sua mãe, inconsolável, abraçava-a a chorar e quando isto se repetiu várias vezes, a menina abriu os olhos, abraçou a mãe e disse-lhe que não se preocupasse, que ela estava bem.

Uns dias depois, Licha foi ao campo com a avó. Esta montava um burro enquanto a menina a seguia a pé. De repente, Licha ouviu um som como de bater de asa de um peru seguido de uma respiração intensa. Perguntou à avó e notou que o burro movia as orelhas como prevendo algum perigo.

A avó não ouvira nada mas afirmou-se na cadeira e Licha, valentemente, puxou o burro até casa.

Depois, Licha começou a sentir-se muito mal. As suas mãos torciam-se e as suas emoções alteravam-se com grande facilidade. Levaram-na a uma curandeira, que lhe disse que estivera num «transe de morte» e adquirira o poder de cura e que devia utilizá-lo. Doña Licha seguiu o seu conselho e a partir desse momento os seus problemas corporais e emocionais resolveram-se por completo.

Doña Licha deu-se conta de que podia tirar dores, curar doenças e resolver os problemas dos pacientes que cada vez em maior número vinham consultá-la. Dependendo do que tinham, Doña Licha fazia-lhes um tratamento individualizado. Alguns recebiam limpezas com ovos e ervas. A outros tratava-os colocando-lhes as mãos em diferentes partes do corpo. A outros mais, Licha tomava-lhes uma «vista» que lhe permitia diagnosticar e planejar o seu tratamento. Estas técnicas serão descritas de seguida.

Técnicas de cura de Doña Licha

As vistas são um procedimento de diagnóstico comum entre os xamãs e curandeiros do México. Consistem em esfregar ovos frescos por todo o corpo dos pacientes, começando pela cabeça e terminando pelos pés. Depois verte-se o ovo em copos que contêm água limpa. Dependendo das formas que adquirem tanto a clara como a gema, o xamã interpreta o mal do paciente e oferece um diagnóstico.

Em geral,

- a clara significa a parte espiritual do paciente e as suas formas indicam ao xamã as energias que rodeiam o seu corpo, como o influenciam e controlam;

- a gema, em troca, representa o corpo físico. Nela, excrecências significam zonas doentes do corpo, fluxos significam infeções... e zonas escuras modelam aspectos de muita negatividade.

As burbujas na clara interpretam-se como seres associados ao campo energético do paciente. Dependendo da sua posição, o diagnóstico varia, sobretudo se com elas se associam véus proteicos.

- Quando a gema está coberta por um destes véus e além disso existem burbujas na superfície → diagnóstico negativo.

- Se a gema está despejada ou se encontra uma burbuja isolada a flutuar dentro da clara → interpreta-se como positivo, significando a presença de um guia ou protetor do paciente.

- Quando se observam duas burbujas grandes rodeadas de um véu flutuando sobre a gema → diagnóstico de um ser que vigia o paciente e foi colocado ali por um inimigo como resultado de invejas ou ciúmes.

- Quando a burbuja se encontra incrustada na gema → considera-se que há um «espírito afogado».

Na realidade, a descrição que acabo de fazer mal dá uma leve ideia da complexidade do diagnóstico associada à forma de vistas.

Dependendo do diagnóstico da vista, Doña Licha decide o seu tratamento. Este pode consistir em:

- uma limpeza utilizando como instrumento o próprio corpo da psicóloga autóctone e as suas mãos como meios para afastar zonas de desequilíbrio;

- ou o uso de ovos que são esfregados na cabeça, costas, mãos e braços do paciente;

- ou loções que se untam nas têmporas, com o objetivo de despejar energias negativas.

Doña Licha utiliza um procedimento peculiar que consiste em:

1. colocar as suas mãos, previamente banhadas em bálsamo, sobre as orelhas do paciente, realizando um movimento para fora como de sucção;
2. mais adiante esfregar a nuca e a testa do paciente;
3. por último, soprar fortemente dirigindo o ar para a nuca.

Eu fui submetido a um procedimento como o que acabo de relatar com resultados muito positivos. A minha sensação foi de relaxamento e libertação de bloqueios mentais.

Doña Licha diz que todos os procedimentos que utiliza lhe «chegam» por um ato de intuição.

Mediante este mesmo ato, Doña Licha diz ser capaz de distinguir se as pessoas que vêm visitá-la estão doentes ou possuem um poder psíquico que não desenvolveram.

De acordo com ela, «se uma pessoa tem o dom de curar mas não o utiliza, a energia que não dá acumula-se no seu corpo e produz-lhe transtornos».

Como mencionei antes, Doña Licha recorda que ao dar-se conta disto no seu próprio processo lhe permitiu entender o dos seus pacientes.

«Quanto mais curo e dou», disse-me com voz alegre, «melhor me sinto. Cada vez que curo um paciente, curo-me a mim mesma».

Doña Licha utiliza o seu próprio corpo como ferramenta nas suas curas. Distingue a doença mediante as suas mãos, colocando-as em diferentes zonas do corpo dos seus pacientes, com o que deteta excessos ou faltas de energia, desequilíbrios ou balanços.

Esta psicóloga autóctone diz ser capaz de diferenciar entre a doença de um paciente e o dom de poder ou cura, que pode manifestar sintomas similares.

Quando descobre um poder em alguém, faz o possível para impulsionar o seu desenvolvimento. Em ambos os casos, de doença ou poder, Doña Licha tenta não criar dependências.

Uma das lições mais impressionantes que Doña Licha oferece é a confiança no seu corpo como instrumento de cura.

As ervas, ovos de limpeza e as medicinas considera-as como eventuais e secundárias em comparação com a sua presença natural e a sua intuição.

Ao perguntar-lhe acerca da origem da sua capacidade curativa, ela insiste que esta depende do seu grau de entrega e impecabilidade.

Doña Licha não é médium nem parece interessada em penetrar em transes inconscientes. O que sim expressa é um desejo fervente por encontrar um mestre que a guie no seu caminho.

Ao mencionar-lhe a existência de Don Lucio, que como ela teve um «transe de morte», mas ao contrário do dela não de umas horas senão de

três anos completos, Doña Licha expressou curiosidade e esperança em que alguém assim pudesse guiá-la.

Contrariamente a Don Lucio, Doña Licha não recorda o que sucedeu no seu «transe de morte». Apenas reconhece que foi depois disso que adquiriu dons de cura.

Don Lucio afirma que durante o seu «transe» de três anos foi instruído pelos trabalhadores do tempo, que o guiaram e lhe ensinaram a curar.

Resulta muito interessante que estes dois personagens tenham desenvolvido a sua capacidade curativa depois de um evento tão similar, embora de diferente duração.

Capítulo VIII

OS “HASIDIM” DE MORELOS

Há cinco anos tive o grande privilégio de conhecer um grupo de camponeses mexicanos interessados no desenvolvimento da consciência. Vivem no estado de Morelos, numa pequena e pitoresca povoação a 50 quilómetros da Cidade do México.

Quando os conheci, convidaram-me a ver o seu trabalho de desenvolvimento e fiquei espantado com a sua motivação, humildade, inocência e sensibilidade. Duas vezes por semana reuniam-se para aprender técnicas de cura, manejo de energia e, sobretudo, o que eles chamam “desprendimentos”. Este termo designa a capacidade de separar o corpo da psique ou o espírito da matéria. Guias especializados ensinam candidatos da mesma povoação a “desligar” o espírito do corpo. Dizem que esses desprendimentos deixam o corpo livre para ser ocupado por outras consciências, capazes de desenvolver sistematicamente o cérebro e o corpo.

Os mais avançados tornam-se “facultades”. As facultades curam, dão conselhos e comunicam com seres suprahumanos. Essa comunicação é, segundo o grupo, essencial para receber ensinamentos sobre o Ser e a consciência. Não o chamam assim, mas o seu trabalho é o de um verdadeiro instituto de investigações psíquicas da consciência.

Chamo-lhes “Hasidim” de Morelos porque me lembram o movimento de místicos judeus que surgiu na Polónia em meados do século XVIII, liderado por Israel Baal Shem Tov. O hasidismo judaico também era formado por gente humilde, inocente e sensível que, tal como os

camponeses de Morelos, se interessava em estar em contacto com Deus através do coração cheio de motivações espirituais.

Os Hasidim de Morelos oferecem um espetáculo de verdadeira devoção e amor a quem tiver a sorte de os conhecer. Todos os domingos de manhã reúnem-se num recinto de orações e escutam o mais avançado das faculdades, o guardião. Este entra em transe mediúnico e “dita” uma cátedra para a congregação. Nessas cátedras fala da essência divina como herança de todos os homens e explica que em cada um de nós está a luz de Deus.

Além do aprendizado e das cátedras dominicais, dedicam dois dias por semana a curar qualquer doente que o peça. O trabalho de desenvolvimento e os ensinamentos ganham assim uma função social real.

Segundo a concepção destes psicólogos autóctones, o ser humano está em comunicação com seres etéreos de outra realidade. Esses seres espirituais têm diferentes graus de desenvolvimento. Os mais avançados podem ensinar o homem se este conseguir comunicar com eles. Os menos avançados procuram luz que uma faculdade desenvolvida lhes pode oferecer. Assim, há um intercâmbio constante entre seres espirituais e homens.

Cada ser espiritual tem a sua individualidade, tal como os humanos. Todos partilhamos a mesma essência. Os mais avançados conseguem contacto mais próximo e fluido com ela. Os menos avançados estão longe desse contacto. O verdadeiro caminho do desenvolvimento é abrir-se para um contacto íntimo com a essência. É isso que a faculdade mais avançada consegue durante as cátedras dominicais.

O linaje dos Hasidim de Morelos vem de um grupo que se formou em Xochimilco no século passado. Esse grupo anunciou que a humanidade entrara numa nova etapa, o “Tercer Tiempo”. México foi considerado a sede dessa mudança de consciência e depressa surgiram grupos semelhantes por todo o país.

Hoje, localidades como Yautepec, Puebla, Cuernavaca, Cidade do México e muitas outras têm grupos parecidos, formando uma rede de desenvolvimento que passa despercebida à maioria dos mexicanos. Essa rede subterrânea é, na minha opinião, um dos linajes mais interessantes de psicólogos autóctones do México.

Capítulo IX

DON FLORENCIO DE MORELOS

Don Florencio é um dos membros do grupo de camponeses de Morelos que, nos últimos anos, se dedicou a práticas de expansão da consciência. Atualmente é o guardião do grupo e vela para que as práticas não percam vigor nem se desviem.

Neste capítulo descreverei o trabalho de Don Florencio e do seu grupo.

Antecedentes No final do século passado iniciou-se em Xochimilco um novo linaje de psicólogos autóctones. Desenvolveram nos membros mais sensíveis a capacidade de penetrar em níveis alterados de consciência e viver uma realidade alterna onde recebiam mensagens e cognoscíveis lúcidas sobre acontecimentos históricos e pessoais. Durante mais de meio século reuniram-se todos os domingos para receber “cátedras” ditadas por um veterano em transe.

O grupo de Don Florencio pertence a uma série de congregações que trabalham na Cidade do México, Yautepec, Totolapan e outros povos de Morelos, descendentes do primeiro grupo.

A organização é semelhante: um triunvirato formado por guardião, guia e um personagem chamado Pedro. O guardião vigia as práticas; o guia dirige o desenvolvimento; Pedro mantém a coesão.

Além do triunvirato, há as “facultades”, receptoras e transmissoras de mensagens. Recebem treino mediúnico. As mensagens são transmitidas em “cátedras” oferecidas em transe aos domingos.

Há também as “colunas”, que garantem que as mensagens cheguem a ouvidos atentos.

No final do capítulo transcrevo literalmente uma conversa com Don Florencio sobre a entrada em transe de uma facultade.

O conceito de vida de Don Florencio Segundo Don Florencio, não há morte do Ser. Só morrem definitivamente os que causaram dano e dor. Os bondosos vivem para sempre. Há reencarnação e o sentido da existência é aproximar-se cada vez mais da essência.

A essência apresenta-se à facultade desenvolvida para dar cátedra. É verdadeira quando, em cátedras sucessivas, há mudanças. É falsa quando o discurso se repete (sinal de facultade pobre). A essência é interna, não externa: o que a facultade aprende é a contactar consigo mesma.

O desenvolvimento chama-se “desprendimento”. O candidato aprende a separar-se do corpo para conectar-se com a essência ou com seres espirituais intermédios.

Tribos de seres espirituais Cada ser espiritual tem um nível diferente de contacto com a essência. O cérebro da faculdade é o “aparelho” que estabelece contacto seletivo com um ser espiritual ou com a essência.

Don Florencio cita nomes como Benjamín de la Selva, Pluma Azul, Piel Roja para identificar as tribos com que as suas faculdades contactam.

Aprendizado de Don Florencio Confessou-me que levou dez anos e teve mestres de templos da Cidade do México, Yautepec e Totolapan. No início julgava os seres espirituais e a essência externos. Hoje sabe que a essência está em todos os níveis do ser humano, da célula à pessoa total.

As cátedras Todos os domingos Don Florencio oferece uma cátedra à comunidade. Num recinto fechado reúnem-se guia, Pedro, facultades e vizinhos (maioria mulheres). Acendem-se três grandes círios diante do altar de sete degraus. O guia fala, enquadrado por flores e um quadro de um olho de onde saem sete raios. Prepara o guardião para o transe.

Após minutos, Don Florencio cai em estupor, fecha os olhos, senta-se na cadeira maior. Quando o guia termina, Don Florencio começa.

Segue a transcrição literal da cátedra de 8 de dezembro de 1985.

Cátedra de Don Florencio Paz na terra aos homens de boa vontade. Glória a Deus nas alturas. Na escala da perfeição nascido e aí está entre nós, ó povo amado!, ó corações benditos que vos reunistes neste mistério de paz! E venho em teu encalço, em representação dos sete selos. As sete igrejas plantadas pelo enviado do terceiro dia.

Eis aqui, povo bendito, a quem em verdade vi. Em certos vos reunistes neste mistério preparado pelo meu manto. Deus, em representação das 12 tribos encarnadas e desdentadas neste planeta terra.

Dou-te as boas-vindas, assenta a tua planta neste pão onde te entregarei a lição de paz que ainda te corresponde neste instante. Aos que viestes para estar perto de mim, bem-vindo sejas, povo, desde o instante em que preparaste a tua planta ao pórtico deste dintel preparado. Dou-te as boas-vindas, povo.

Corações muito chamados, preparados, podes encontrar-te nesta alba bendita, 8 de dezembro de 1985, em que mais uma vez com a minha palavra sublime, com a minha voz sacrossanta, venho entregar-te em alba de graça, mais uma lição naquele momento em que escutaste da minha

palavra sublime, lição diferente. E agora venho entregá-la diante de ti, corações benditos que vos reunistes desde aquele instante ao despertar. O eco daquele sino sonoro, para chegar aos meus corações muito amados, passaram muitos antes e tu sempre te recreaste nesta minha casa, bendita adoração, onde conheceste da minha doutrina espiritual.

Onde te recreaste há algumas albas e, em verdade, continuas a ser o mesmo parvulito que te encontras a cada instante e momento para vir escutar a minha palavra sublime.

Da minha palavra sagrada, das minhas virtudes e prodígios que venho derramar em cada um de vós, nesse aparelho eletrónico que funde a tua própria sabedoria.

Que incerto se em verdade te digo, povo: escutaste da minha palavra, mas não te valorizaste do que venho ensinar-te em alma. Ainda porque em certos passaram muitos anos e são poucos os corações que em verdade lutaram e prepararam sem planta. Prepararam o seu corpo corpóreo para que mais uma vez aceitando da minha ensinança, da minha essência que venho entregar-te essa luz divina que vem de ti mesmo, essa igreja, esse templo que és tu mesmo.

Corações benditos; a quem deves valorar alba tras alba e a quem deves aquilatar como uma joia que se encontra neste plano terrestre e que tu mesmo és, coração amado. És o mesmo que evoluímos por meio de um aparelho que te faz conhecer e sentir, corações amados, mas nunca o pudeste fazer. Eis aqui a minha lição preparada continua em si mesmo para ti.

Naquele momento encontrava-se com varão chamado Abraão, que pôde ter sido um amigo sincero e fiel da essência perfeita, como se encontra essa essência? Poderia ser no espaço, no plano terrestre onde tu habitas, povo. No vento, no ruído de dois ou mais recantos da terra e essa essência que em verdade te faz sentir e palpar sobre ti mesmo e é para que te faça chegar a lugares muito belos.

A que te faz conhecer o teu próprio entendimento por onde quer dos demais da terra e essência que venho derramar em ti mesmo e que tu és o mesmo. O que deve sentir na própria célula da tua mente. Aquele varão naquele momento, cansado de anos, um século de anos e pensando na sua mente, que não se encontrava só no planeta terra. Passaram os dias depois de um século e aquele varão num sonho, pôde ver escutando e palpando

por meio do seu sonho que teria de ter um filho. O que teria de propagar-se nas terras de Caná.

Mas passou o tempo e a esposa daquele varão, tendo 90 anos, não era possível que concebesse um filho, mas quem como a mente do homem.

Sabia que em qualquer momento, sendo a mesma essência perfeita e a sabedoria sublime de uma mente poderosa, chegaria o instante em que, mais uma vez, pudesse ver-se concebido um filho nas entranhas daquela anciã e daquele varão ancião de mais de um século de anos. Pensando na essência perfeita, sublime e na doutrina que ele mesmo compreendia e introduzia na própria mente, esteve muito seguro de que o que os seus sonhos lhe haviam adiantado estava provado por meio de uma essência, por meio de uma sabedoria. Então aquele varão chegou o momento e sabia que agora sim contava com um filho, ao qual tinha de ver florescer nas terras de Caná.

Qual terá de ser o florescimento daquelas terras estrangeiras? O próprio filho que ele tinha e que poderia propagar-se através de muitos anos naquelas terras sós, naquelas terras que não havia quem as trabalhasse para fazer florescer o plano terrestre.

Passaram os anos daquele varão que começou a fazer-se homem, então aquele amigo da essência perfeita, qual podes dizer tu Deus e Senhor,

Que Deus Jeová, que não conheces, povo bendito. A essência perfeita que a nenhum de nós podes contemplar onde pode encontrar-se esta essência, mas não sabendo qual é a prática e a sabedoria que sobre ti mesmo existe a própria essência, e a luz perfeita que se derrama na célula de cada um de vós. Foi na mente sábia que conduz a cada corpo corpóreo de nós neste plano.

Se aquele varão novamente teve outro sonho onde a sua própria sabedoria se estava a dar conta, por meio dos seus sonhos, de que tinha de entregar um tributo holocausto à essência perfeita e para provar que a sua sabedoria era perfeita e estava em si e que essa essência existia embora ele sentisse a cada instante o momento. Estava a provar em si mesmo, se ele confiava na mesma sábia da sua própria mente, esse pequeno que fazia presente como varonilho, para sacrificá-lo e entregá-lo como sacrifício ao seu Deus e Senhor. Qual é a mesma essência que se funde na sua própria sabedoria em si, provado foi quem pôde ter sido esse varonilho.

Os mesmos corpos que se reúnem em cada recinto, em cada casa, bendita adoração, onde as reuniões e as congregações das almas corpóreas

vêm e se aproximam para meditar cinco minutos nas coisas benditas da oração; onde querem conectar a sua mente à grande sabedoria que desejem para que o homem do plano terrestre possa alcançar novos horizontes, onde o homem terá de encontrar coisas grandes no futuro, porque o plano terrestre está coberto de grandes massas materiais. Na natureza da terra existem muitas coisas benditas e sagradas por si mesmas. Nas entranhas da terra, grandes coisas e minerais podeis contemplar, corações benditos. Em cada lugar da terra, são diferentes os lugares das entranhas da terra. Porquê são diferentes?

Porque não em todos os lugares existem os mesmos minerais, ao que mais uma vez vão encontrando os grandes cientistas da terra, que é o homem mais avançado, que vai para o mais além. E tu, porque, corações benditos, não podes avançar mais da minha causa divina, que é também a tua e que em ti mesmo se funde essa causa, essa essência que pode estar perto de ti, por meio da tua sabedoria.

Para que possas captar coisas sagradas, coisas importantes para que saiba o homem da terra. E tu porque não o podes fazer, corações benditos, se és também homem, quem pode qualificar coisas estranhas ao seu próprio irmão e semelhante.

Vão passando, que em verdade aquele varão qualificou, que se é certo o mesmo homem da terra é poderoso, é a mesma essência e a luz perfeita que se derrama por meio de um Deus invisível, por meio de um Deus que existe no interno do teu próprio coração.

Povo bendito, não penses, corações amados, que a imagem é o Deus, que a estátua é o Deus que forma por onde quer os lugares do universo inteiro, não, povo amado. Essa é uma estátua, imagens que fundem como tu mesmo que podes encontrar a tua imagem, por meio de um aparelho que possa fundir-se, para que o amanhã contasse da humanidade que tu lutaste e trabalhaste através de um tempo, que tu pudeste conhecer.

Sã e perfeita, limpa como os santos e esta é uma das minhas palavras que venho ensinar-te em alba passada. Naquele momento, dia 1.º de dezembro, que pudeste ver contemplado onde pude entregar-te, corações benditos, grandes maravilhas, ao que poderás descobrir tu mesmo no futuro onde pude ver-te perguntado, como o homem da terra vai evoluindo através dos tempos. Por diferentes etapas, como em verdade naquele momento pude ver-te perguntado dos grandes reinados.

Como se vai acabando tudo e como em verdade a vida de Jesus o Cristo daquele tempo, que tu viste falar, por meio dos cientistas bíblicos, por meio da doutrina romana e te vais dando conta, um nascimento de Jesus tal chamado o nazareno. Acaso Jesus veio nascer para ser um homem que viesse ao ataque da humanidade deste mundo. Não, corações benditos, porque em certos veio para afirmar que esse tempo era o rei, porque te fazia perguntas, resumos e não os sabias responder.

Ao fim morreu, derramou o seu sangue e dali se acabou ser um rei do plano terrestre. Estás no certo, povo, ou não estás no certo, porque posso dizer-te, corações benditos, agora a essência de um rei está sobre ti mesmo. Corações benditos, porque tu és o próprio rei que funde com o teu próprio livre-arbítrio. Tu podes saltar a cerca de um presídio, onde possas encontrar-te e recrear-te por ti mesmo, por onde quer de todos os lugares da terra.

Então quem é o rei, povo, corações benditos. Acaso ao Deus que tu havias falado daquele tempo é o rei entre ti mesmo vem ordenar-te como uma grande autoridade deste mundo. Não, corações benditos, não, povo; não te deixes enganar daqueles homens que em verdade inculcaram à humanidade por um curto tempo. Mas tudo está a passar, e tudo vai pôr paz aos seus corações.

Agora na tua própria sabedoria, no teu próprio conhecimento, no teu próprio entendimento, existe para o teu conhecimento, um Espírito Santo, que funde na tua própria mente e és tu mesmo o rei que pode ser neste mundo, porque tudo depende de ti, coração amado. Porque posso dizer-te que em ti está tudo o que possas fazer no mundo para que te retires num caminho de grande pedraria. Para que o teu coração possa danar-se por meio de um espiro e uma broca e para que o teu coração limpe e sane. Também estás libertado para que ti mesmo no teu Deus e Senhor que está em ti, no teu próprio interno coração.

Esta foi uma das minhas ensinanças do dia de hoje. E agora entreguei uma linha mais adiante do que tu devias ter escutado, povo, naquele dia 1.º, agora venho entregar-te uma lição mais. Qual é a que te entreguei nesta alba bendita de graça, dia 8 de dezembro de 1985 à que mais uma vez em proporção entreguei em pouca porção recebi corações aos que em verdade haveis delinquido ante o teu irmão e semelhante, ao que em verdade haveis cometido erros altos no teu próprio entendimento. Eu tas perdoo. Porquê tas perdoo? Porque venho ensinar-te coisas benditas e sagradas e em ti

mesmo existe o perdão, em ti mesmo existe por meio do teu entendimento sois perdoado tu mesmo. Porque tu mesmo és o que lutarás e trabalharás para que esse carregamento que levas a pé da ladeira, não seja tão pesado para chegar a esse novo horizonte ao romper um astro vem iluminado para que te conduza a um lugar mais sagrado para estar à destra da grande inteligência e sabedoria que conduzes na tua própria sabedoria, para que assim mesmo possa existir uma nova evolução, uma nova ressurreição do teu próprio espírito. Ele será o futuro e tu serás aquele que em verdade foste o homem da terra como um pêndulo.

Esta é uma das minhas palavras que venho entregar-te como sabedoria e essência grande e perfeita desde os altos cosmos de um planeta em que podes encontrar-te a ti mesmo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Que haveis preparado, guia de multidões?

FALA O GUIA: Sentimo-nos cheios de amor, cheios de confiança ao receber a tua ensinança, pai. Que é uma escola onde vimos aprender os primeiros passos, graças te damos, senhor, por transmitir a tua presença aos presentes, senhor, infinitas graças.

CONTEXTA O GUARDIÃO: As graças que dás ao Deus, ao que em verdade vem entregar-te sabedoria e ensinança e ao que se funde em ti mesmo por meio da confiança e da fé que existe no interno do teu coração, o templo do teu interno coração. Que és o mesmo que dás as graças ao Deus Senhor ao que infunde no teu próprio conhecimento e tua sabedoria, em verdade o dizia, graças.

Eu, homem amo, desde este instante ao corpo de meia-lua, para que mais uma vez neles possa sentir-se e derramar-se. Que é a essência que vem entregar a vós e que por instantes crês que vais à luta da tua própria evolução e neste momento entreguei, povo, entreguei corações que me estais escutando neste instante e ao que tu mesmo podes produzir um grande sacrifício para o futuro, dando-te o próprio interesse para ser o alcance de uma sabedoria deste planeta terra. Para saber da tua própria natureza como se fundiu no teu entendimento, na essência que está derramando-se sobre ti mesmo e que és tu o mesmo ao que podes estar, perto do entendimento de uma essência perfeita.

Digo-te, povo, neste instante, bem-aventurado sejas a pouca porção de corações que vos reunistes, nesta minha casa, bendita oração. Onde posso reunir-te para estar perto de ti e neste instante eu preparo, altos montes e

baixos caminhos, lugares todos da terra onde a própria natureza se recreou e se fundiu em grandes postules.

Eu preparo e bendigo, cárcere e presídios lugares todos da terra como recintos do saber para aquela criação pequena, ao que ilustrando-te no caminho. Vou alimentando a tua grande sabedoria na minha essência perfeita.

Cavernas de escuridão, lugares próprios da terra onde o próprio mau espírito se fundiu na mulher e no homem de todo o plano terrestre.

Preparo o homem mandatário de todo o universo inteiro, para que mais uma vez os meus elementos que estive preparando através dos anos.

Os meus elementos são e consistem na mesma essência da própria natureza, os elementos que em verdade se estão preparando mais e mais, para que o homem que se recreou sem meditar 5 minutos escutará e contemplará os movimentos dos remotos elementos que se estão preparando pragas preparadas como naquele tempo, que se estão preparando para que possa contemplar o homem da terra neste plano terrestre, como em verdade chegará o momento em que uma langosta poderá comer-se ao homem da terra, os elementos que em verdade terão de aparecer-se através do tempo.

Porque em verdade o egoísmo e a inveja e essa imperialidade que existe no plano terrestre, terá de cumprir-se ao pé da letra. Porque em certo escrito está, com uma grande sabedoria da essência que funde na mente de um ser humano mas que eis aqui a tua própria mente poderá dobrar e fundar só por meditar cinco minutos e contemplar que qualquer dos elementos poderás dominá-lo com a tua própria mente.

Preparo tudo por igual, do maior ao menor, preparo com a minha mão poderosa, o Filho e o Espírito Santo. Está feito, corações, porque vos preparastes para chegar a este dintel onde a vossa própria planta se está a preparar e a conduzir até aos mais recônditos cantos deste plano terrestre; que tu mesmo és o que também poderás alcançar até ao mais além. Esta é uma das minhas ensinanças que venho entregar-te. (Fim da transcrição.)

O conceito de realidade de Don Florencio Como já referi, Don Florencio sustenta a ideia de que existem seres conscientes (espirituais) noutra dimensão, com os quais é possível comunicar depois de um treino adequado. Esse treino chama-se desenvolvimento e estimula a capacidade de desprendimento ou separação do corpo e do “espírito”.

Por detrás dos seres espirituais e sustentando os espíritos, encontra-se o que o linhagem de Don Florencio chama “A Essência”. Esta é comum a todos os seres, que se diferenciam entre si conforme a sua proximidade ou afastamento dessa essência.

Na conceção deste psicólogo autóctone, a morte corporal não implica necessariamente a morte do espírito. Este sobrevive e volta a encarnar noutro corpo e noutro cérebro a que Don Florencio chama “aparelho”. A sobrevivência do espírito depende das suas obras.

Alguns comentários do próprio Don Florencio foram transcritos de uma gravação que ele mesmo fez em companhia do autor e que reproduzo de seguida:

— Don Florencio, estão a trabalhar no templo? — Sim.

— E quando estão no templo? — Amanhã toca-me trabalhar, amanhã domingo.

— E o senhor dá cátedra? — Sim, eu.

— A que horas? — Às 10 da manhã, o mais tardar às 10:30. E às terças-feiras trabalhos de cura.

— Às terças curam? O senhor também faz trabalhos de cura? — À quarta-feira há um conselho que se dá na primeira quarta-feira de cada mês. Dá-se um conselho, ou seja, a ciência espiritual chega ao conselho, à humanidade que está a escutar. Mas esse conselho é para ilustrar a gente.

— Mas qual é a diferença entre a cátedra e o conselho? — Ah, sim! É muito diferente. O conselho entrega-o um ser espiritual, por exemplo Castor, Piel Roja, Pluma Azul.

— Continua Pluma Azul? — Claro que sim, como não! Está Benjamín de la Selva, outras tribos. Agora descobrimos os gigantes.

— Gigantes? — Sim! Não reparou nisso. Sim, porque naquele tempo os gigantes predominavam no tempo de Noé, estivemos a descobrir que os gigantes fizeram muito mal à humanidade. Eram homens muito grandes, mais de dois metros, e muito fortes, e ameaçavam muito a gente baixa. E a história, o Antigo Testamento, fala-nos que Noé já lhes começava a falar do dilúvio e veio o dilúvio e perderam-se todos. Mas antes dominaram um tal David.

— Não! Golias. — Sim, Golias. David foi quem o matou e nós não tínhamos descoberto e houve um ser espiritual, Castor, que o descobriu.

— Mas ainda continuam esses gigantes? — Não, já não, mas estamos a investigar que esses gigantes predominaram naquele tempo. Investigámos por meio de seres espirituais e por meio do papiro.

— O papiro? — Sim, o papiro, ou seja, o jornal.

— Ah, coincide o que dizem os seres espirituais. — Exato.

— Oiça, diga-me uma coisa. Que sente quando lhe chega um ser espiritual, quando dá cátedra? — Sim, sim, vamos falar disso, gostaria que se desse conta. Eu, à hora de trabalhar, não como nada, só um café e um pão de manhã, à hora do pequeno-almoço e já vou trabalhar e, à hora em que chego, não devo fazer nenhuma atenção material. Chego, sento-me um bocado; quando é hora, vou para o lugar. Ao chegar ali, começo a meditar e, quando estou a meditar, começa a aclarar-se-me a mente e já não me lembro de nada, vai-se tudo, já não penso nada. Já há algo material e já me vem uma mentalidade, não sei de onde.

Então, quando começa a fazer aparição o que vai fazer a aparição e a oração, então é algo como chegar uma palavra que já me está a dar à mente o que vou dizer. Mas passa isso, depois sinto que algo vem e se centra na minha mente e sinto sono. Esse sono começa a dominar-me, então o que tenho de fazer é preparar-me muito bem e já começo. Repentinamente a minha mente vai-se, e o senhor sente quem é e como que algo o levanta. E fica como a metro e meio e então já algo vem, vêm luzes para cá e para lá.

— Luzes de cores? — Não, brancas. Então sinto como que me penetram. Ainda chega algo do que fala a gente. Faça de conta que se está a falar a uns cem metros, ouve-se um ruído mas já o senhor foi-se, fica-se como uma estátua. E é como se um rádio estivesse a dizer, diz isto, diz isto outro. Isto é o que vais estar a falar. Quando o outro já está na sua oração, o senhor já está concentrado. Faça de conta que o senhor já está concentrado.

— Mas sente-se a si mesmo. — Não, já não, o senhor sente que é um aparelho que está a transmitir.

— Mas lembra-se do que diz? — Não, nada.

— Não se lembra de nada quando já sai disso? Não se lembra de nada? — Não, nada, o senhor não sabe nada, fica como bêbedo, atarantado. Não sabe nada, o que foi a cátedra, o senhor não sabe nada. O senhor só se lembra que esteve a trabalhar umas duas ou três horas, o senhor esteve a dormir. E então a humanidade conta-lhe o que foi a cátedra, de que tratou a cátedra, que ensinância foi.

— E o senhor quando está a dormir, para onde vai? — Não, não se sente nada, não se sente um. O senhor faça de conta que fica a dormir, um não sabe de que tratou a cátedra. Então é algo raro porque lhe perguntam, o senhor disse isto, mas não sei. E há gente que não crê, que pensa que o senhor sabe o que disse. Então toda a gente lhe pergunta e o senhor não sabe. Depois passa, pode demorar meia hora, isso é o que vi com o relógio.

— Quem é que se conecta consigo? É sempre o mesmo? — Não, são distintos.

— Cada vez que dá uma cátedra muda? — Sim. Vou tirar-lhe as dúvidas. Sabe porquê? Porque vi aparelhos a que nós chamamos sacerdotes.

— Que são aparelhos? A mente? — A mente é o aparelho de nós, por exemplo eu não sou o que vai trabalhar, é outro o que vai trabalhar, então vi aparelhos que sempre entregam umas cátedras, as mesmas.

— E é igualzinha a cátedra? — É igualzinha, por exemplo, o primeiro domingo entrega uma cátedra com uma mensagem e no seguinte volta a entregar a mesma e no terceiro domingo volta a entregar a mesma, então esse aparelho, para mim, sobre a minha capacidade de alcance. Creio eu que aprendeu com materialidade. Sabe o que é materialidade?

— Sim. — Ou seja, como que aprendeu um discurso. Então já o sabe e está sempre a repeti-lo. Quer dizer que este aparelho não muda. Agora vou dizer-lhe uma coisa, isto é uma agulha verde. Então, quero que o saibam. Para que estejam mais inteirados, quando fui receber a México no centro matriz de toda a doutrina, como a chamamos.

— Onde é? — Neptuno número 22, na colónia Guerrero. Bom, fui receber ali. Estive a desenvolver-me dez anos.

— A México? — Às vezes lá, na México; às vezes aqui. Quando me recebi, nem queria ir, dava-me medo. Faziam-me provas e eu pensava “vão dizer que não sirvo”.

— Sabe o quê? Sinto que aqui há um ser. — Sim, sim, há.

— Mas bem forte. — Sim, sim, claro que sim. Então eu assim pensava, mas então eu, a primeira vez, não quis ir. Porque lá há muitas faculdades bem preparadas. É o centro matriz, é uma universidade verdadeira, há muito trabalhador e eu não queria ir. Passaram três meses e voltaram a insistir e não quis ir. Eu sentia que não ia dar a ponta. Mas antes disso, tinha ido trabalhar um dia. E chegou um irmão e diz-me: “Olha, venho ver-te”. O médico, sendo diretor, tinha a seu cargo 23 médicos, era

um tal Dr. Gustavo Delgado, na Baixa Califórnia. E chegou um dia um estudante, que estava doente. E reuniram-se os médicos e não davam, então eu dei a pontada.

— Que é dar a pontada? — Acertar, demos com o que tinha um estudante. Tinha estrelada uma parte da coluna, só a tinha estrelada. Localizámos o dano que tinha esse rapaz. Então o doutor imediatamente ordenou que se fizesse a intervenção. Aos vinte dias que regressei, o rapaz já estava readmitido na universidade, estava são. Ali tirei-me o medo e disse, então agora sim como que me sinto capaz. Depois de 10 ou 12 dias disseram-me: “queremos que já vás consagrar-te”, e eu disse-lhes pois sim, parece que agora sim já, e disse aos rapazes, se não dou pontada, se não posso resolver as provas já vos tiro. E sim pude, passaram-me a vidências superiores e passei-as.

— Como vidências superiores? — Foi quando está uma cátedra e se está sentado lá vendo toda a evolução. Como se se estivesse a ver uma televisão. E eu dei a chave de tudo o que entregou a essência.

— Ou seja, conectou-se com a essência. — Sim, dei a chave e tudo. Então já me chamou o mestre e disse-me: “estás muito bem já, é o momento da tua consagração”. E então entregou-me o meu diploma. “Daqui tens de estar preparado para entregar a essência das essências”. Então assim fui eu, até aos dez anos.

— Em algum desses dez anos deixou a sua preparação? — Não, eu desde essa vez, segui, segui, como se tivesse ido à escola. Quando não vinham as faculdades a mim, eu ia a Yautepec.

— E como vê aqui o senhor Campos? — Pois está muito atrasadíssimo, para fazer estas práticas não deve beber, e ele bebe muito. Há gente, há duas senhoras que meio sabem, mas quando já não podem curar as pessoas mandam-mas. Então passei uma crise muito forte porque vêm sem força.

— Mas o senhor pertence ao templo.

— Essa é a minha cuna.

— E as pessoas que estavam a desenvolver, por exemplo a filha de Don Ramiro? — Não, ela já não. Continuam ainda, mas esta gente vai sem o valor do dom. Como não confiam, não conseguem alcançar. Há como cinco mulheres que desprenderam e não vão consecutivamente, não o alcançam.

— Desprenderam? Quer dizer que o ser já lhes penetrou? — Sim, um ser desenvolvido, então se deixa de ir um mês.

— E que dias há isso? — Segundas e quartas.

— E o senhor desenvolve-as? — Eu já comecei, dá-se-lhes umas massagens para que estejam macios quando vier a corrente. Que com desenvolvimento muito precioso e se guia por meio de um aparelhinho é quando o senhor já está conectado.

— Sabe o que me acabou de acontecer? Estava a sentir um ser muito forte. Entrou-me! — Sim, eu vi.

— Viu? O senhor sabe quem foi, é o seu protetor. — Pode ser. Mas se não, é um protetor que sempre o protege.

— E o senhor sabe quem é? — Bom, mais ou menos. Para mim, o ser que o protege é Macazchuatl.

— Macazchuatl? — É Macazchuatl, é um ser muito inteligente e muito bom.

— E de onde é ele? — Bom, seguimos em frente.

— O que é que o senhor chama essência? — Essência para nós, dizemos que é um ser, um Deus que não conhecemos.

— Mas é um ser, ou é pura consciência? — Bom, para nós dizemos que é um ser, mas não o conhecemos, mas sentimos que chega a nós e é o que nos protege.

— Mas é sempre a mesma essência? — Bom, a mesma essência, mas são distintas as versões, é o que antes falámos. Quando sempre está a entregar o mesmo aparelho não é inteligente.

— O quê, há uma imposição? — Exato, deu na chave, mas quando o aparelho está a entregar, cada cátedra é diferente.

— Oiça, esses templos que estão em Yautepec, Tecolapan, na Cidade do México, têm a mesma organização? Há Pedro, há um guia, um guardião? Como é isso? — Bom, o guia vamos pôr que somos três.

— Há três guias? — Não, um é guia, outro Pedro e um é guardião. Então vamos levantar um lugar onde vamos fazer uma meditação, que é essa oração, faz-se uma elevação. Então já vêm as demais, as faculdades que começam a desenvolver. Essas são as faculdades.

— As que recebem a essência. — Exato.

— Mas o guia quem é? É o que desenvolve? — O guia é o que os vai desenvolver, é o que manda, o que organiza, o que faz tudo para o futuro.

— E o guardião o que faz? — Bom, o guardião é uma das bases principais. É o que cuida que tudo vá bem dentro do recinto.

— O senhor é o guardião? O senhor cuida que vá bem? — Eu tenho de ver se alguém vai e quer desenvolver e está a desenvolver mal, pois eu digo como deve desenvolver, por alguma coisa sou o guardião. Porque a capacidade me foi concedida desenvolvendo, alcançando por meio do meu trabalho. Por alguma coisa sou guardião.

— E depois vêm as facultades? — Depois vêm as facultades e as colunas.

— Quais são as colunas? — As colunas são as que vão e vêm no meio. Para que a gente não durma. Quando a gente dorme, é que o diabo está a festejar a pessoa, o diabo não quer que escutemos as palavras de Deus. O diabo é precisamente o que se converteu nos gigantes. Segundo nós assim é o conhecimento. Crê-se porque quando há coisas boas, vem alguém e descompõe as coisas. Este é o próprio diabo. Por exemplo, ao companheiro a ratos introduz-se-lhe algo no espírito, procura como louco, tem maus pensamentos, tem maus humores. Esse é o próprio demônio. E à pessoa que anda bem controlada, que está a meditar, essa é a pessoa boa, não precisamos que Deus desça do céu, não sabemos se existe ou não existe o homem bom.

— Eu creio que um é responsável. — O senhor pode ser o seu próprio Deus, essa é a chave. O senhor é responsável.

— E a essência? O senhor crê que a essência está no senhor ou é outro ser? — Não, não está no senhor. Se o senhor é bom, tem bons pressentimentos, boas coisas, sabe reunir as pessoas, tem compreensão, é a mesma essência.

— Mas no seu desenvolvimento, o senhor crê que o leva para si mesmo ou o leva para outros seres? — No princípio pensei que os meus desenvolvimentos não vinham de mim mesmo. Assim pensei, mas quando me fui capacitando, pensei que está muito perto do nosso coração, das nossas células, da nossa mente que está a funcionar no nosso pensamento, é o mesmo.

— Nós, se servimos como meios, é para nós mesmos. — Exatamente.

— Não para nenhum outro ser. Apesar de que se meta um ser. Mas, o que é que se meta um ser? — A nossa mente é o bom pensamento, a meditação divina que existe em nós, que entra em nós. E é a que entrega boas contas.

— E o que é isso de Pluma Branca, Gacela...? — Bom, são as tribos que se repartiram quando os faraós, dois grandes sábios.

— Mas, por exemplo, Benjamín de la Selva é um ser distinto? — Sim, claro.

— Mas a essência é do senhor? — Sim, é o mesmo, nada mais que se distingue pelas tribos.

— Mas a essência está em tudo, por exemplo Benjam de la Selva e um ser que tenha chegado à essência. — Se chegou à essência tem mais sabedoria.

— Noutros lugares espirituais, casas de oração, dizem que esses seres espirituais, essa infância espiritual, tem desejos de evoluir. — Bom, se um quer, se tem desejos de evoluir.

XAMÃS DO MÉXICO VOLUME II MISTICISMO INDÍGENA

INTRODUÇÃO

Existe uma consciência viva do México. Formam-na todas as gerações que viveram no país desde tempos imemoriais. Esta consciência guia o desenvolvimento e, quando algum habitante do México adquire poder suficiente, consegue interagir com ela, recebendo assim a sua influência. O correlativo físico da consciência viva do México é um hipercampo, resultante de todas as interações entre os nossos cérebros.

Os místicos autóctones do México são capazes de detetar o hipercampo e de conhecer, desta forma, o estado da consciência coletiva. São eles que determinam o fluxo do hipercampo e a direção dos seus efeitos.

Neste volume descrevem-se as vidas, pensamentos e ações de alguns dos nossos místicos e continua-se o estudo do xamanismo mexicano e dos **Psicólogos Autóctones do México**. Este estudo não pretende ser uma revisão completa de todos os homens de conhecimento do país; tal tarefa exigiria mais de uma vida. Ao oferecer esta obra ao público leitor, aspiramos apenas a apresentar alguns exemplos de representantes que conseguiram preservar um legado de sabedoria milenar.

Esperamos que, através desta revisão, os mexicanos se reconheçam como membros de um povo com raízes culturais e com um património de

sabedoria invejável. Se conseguirmos o anterior, ainda que em mínima parte, esta obra terá cumprido o seu propósito.

Capítulo I

DON PANCHITO, DO IUCATÃO

Falaram-me de Don Panchito na Índia. Saía de uma sessão de meditação no templo do Ashram da Divine Life Society, em Rishikesh, quando a vi. Parada junto a uns arbustos, a conversar com um monge, estava uma das mulheres mais interessantes que conheci. Aproximei-me e o seu rosto forte e decidido, emoldurado por uma cabeleira morena, falou-me de origens exóticas e aventuras mágicas. Apresentei-me e ela respondeu-me em espanhol tunisino. Chamava-se Daniela, nascera em Tunes, emigrara para Milão e residira em Cancún nos últimos anos. Umas cicatrizes nos braços chamaram-me a atenção. A propósito disso contou-me que, para se sustentar, se dedicara a pescar lagostas no Caribe mexicano e confessou-me que sentia saudades do México e do seu mestre, Don Panchito. «Don Panchito?», perguntei, espantado.

Então contou-me que Don Panchito era um mestre maia, que tinha 130 anos e vivia numa aldeola no meio da península iucateca. Lia as estrelas e curava com a mente, usando ervas.

Interessei-me profundamente. Saíra do México convencido de que na Índia aprenderia o que o meu país já não me podia ensinar e, durante meses, procurara um mestre entre os herdeiros da cultura hindu. Depois, dececionado, fora ao Nepal procurar entre os lamas emigrados do Tibete. Entre os lamas soubera da técnica Mahamudra, concebida para conhecer a mente a partir de dentro, num processo de observação equânime dos seus conteúdos. Após uma busca, também infrutífera, de um mestre de Mahamudra entre os tibetanos, regressara à Índia. E agora, em Rishikesh, a cidade dos santos às margens do Ganges, falavam-me do México, de um dos seus mestres e algo em mim soube que era hora de voltar.

Conheci Don Panchito vários meses depois. Guiou-me até ele **Doña Sara**, uma das suas discípulas residentes em Cancún; também ela andara anos à procura de um mestre. Uma tarde, descansando junto a um cenote iucateco, vira um rosto refletido na superfície da água. Depois, ao conhecer Don Panchito, soube que ele era o seu mestre porque os traços eram

idênticos aos que vira no cenote. Doña Sara acompanhou-me numa viagem de três horas, desde Cancún, para visitar Don Panchito.

Chegámos a um túnel vegetal ferido por uma estrada estreita e, após vários quilómetros, surgiu a aldeia de Don Panchito, emoldurada pelas ruínas de uma igreja e dois árvores gigantescas, ambas plantadas há mais de oito dezenas de anos pelo próprio Don Panchito. Junto à estrada, um cenote profundíssimo servia de ponto de encontro a umas mulheres adornadas com huipiles e tranças. Conversavam enquanto Doña Sara e eu descíamos do automóvel que nos conduzira à aldeia.

O ambiente era de paz e tranquilidade, apenas ligeiramente invadido pelo riso de alguma criança e o canto de algum pássaro. Doña Sara levou-me por uma vereda até um terreno encaixado sobre uma rocha, no meio do qual se erguia uma choça de paredes de pau e teto de palmas. Era a casa de Don Panchito. Jamais pensara que poderia conhecer um ser humano de 130 anos e, curioso, espreitei pela porta da choça. Não vi ninguém, mas a ordem e a limpeza do interior saturaram-me. Entre duas colunas feitas de troncos de árvore pendia uma rede branca, flutuando num ambiente repleto da presença de um ser totalmente consciente.

Doña Sara convidou-me a repousar na rede enquanto esperávamos Don Panchito. Senti que o convite era uma grande honra. «É a rede de Don Panchito?», perguntei, sentindo que aquilo representava um ato iniciático. Doña Sara respondeu-me que sim.

Então deitei-me e fechei os olhos.

No instante, a minha mente apresentou-se-me com uma clareza total. Conseguia seguir todos e cada um dos meus pensamentos. Se um cão ladrava, o som aparecia com todo o processo psíquico necessário para o criar. Soube que aquilo era o tão ansiado estado Mahamudra.

Não tive dúvidas de que era Don Panchito quem percebia assim e que eu, ao ocupar a sua rede e a sua casa, estava a detetar a presença e a forma como, habitualmente, trabalhava a sua mente. Preparara-me para fazer esse tipo de deteções, mas jamais imaginara que pudesse existir um praticante e mestre tão excelso de Mahamudra, e no meu país.

O estado continuava, a minha mente era totalmente clara e “visível” para mim mesmo, seu dono e senhor. Via os meus pensamentos surgirem das minhas próprias profundezas e, de repente, alcancei perceber a sua origem. Essa origem era a fonte do resto, um espelho puro refletindo todas as minhas experiências e unificando-as. O mundo externo e o interno

uniram-se na mesma criação e eu, como uma mismidade, também me fundi com o todo num abraço de uma sensualidade paradisíaca.

Nesse momento vi um reflexo avermelhado através das paredes de pau da choça: era a camisola de um ancião que se aproximava da entrada. Caminhava lentamente, ajudando-se com uma bengala. Soube que era **Don Panchito** e levantei-me da rede, expectante. A sua figura apareceu no umbral, delgada, livre de bloqueios. Olhámo-nos e algo no meu coração se abriu. Uma espécie de fluxo de amor estabeleceu-se entre nós. Abraçámo-nos e depois Don Panchito disse a Doña Sara que já me esperava e que as nossas almas eram afins. Disse-lho em maia e Doña Sara traduziu-o para espanhol. Senti que Don Panchito me conhecia melhor do que eu me conhecia a mim mesmo. Falou do amor, de Deus, da necessidade de os homens se ajudarem mutuamente, do conhecimento e da minha própria vida. Respondeu às perguntas mais difíceis com uma simplicidade e uma clareza imponentes.

Pedi-lhe que me permitisse ficar uns dias com ele e combinámos que assim seria numa próxima visita.

A VIAGEM

Durante o voo para Cancún, escala obrigatória antes de chegar a Valladolid, aconteceu-me o que já vivera em explorações xamânicas passadas: a emoção do desconhecido misturou-se com uma sensação de contacto hipersutil ante a presença espiritual do xamã. Esta experiência, pelo seu carácter repetitivo e sincrónico, já não me deixa dúvidas quanto à sua realidade; entendo-a como uma capacidade da mente individual para mimetizar mentes parentais e detetar campos energéticos. Não creio no acaso e, ao sentir que estava em contacto com a mente de Don Panchito, observei sem preconceitos os conteúdos que se ativavam na minha. Muito em breve tornou-se claro que estava a percecionar um ser com uma capacidade extraordinária, que lhe permitia sentir-se a si mesmo como uma espécie de espelho polido, capaz de refletir diversos conteúdos. Por outras palavras, estava a detetar a dinâmica interna de uma mente capaz de se ver a si mesma no processo de criação da sua realidade. Anotei na memória esta percepção e preparei-me para começar a busca de Don Panchito a partir de Cancún.

Daniela dera-me alguns telefones e insistira em que me comunicasse com a discípula principal de Don Panchito, uma mulher chamada Sara. Após algum trabalho, encontrei-me com Doña Sara, que senti calorosa e interessante. Falei-lhe do meu interesse em conhecer Don Panchito e ficámos de acordo em irmos juntos procurá-lo no dia seguinte.

O ENCONTRO

O caminho de Cancún a Valladolid é selvático e o percurso de autocarro dura aproximadamente três horas. Nesse lapso, Doña Sara contou-me que fora introduzida a Don Panchito por meio de uma série de visões nas quais conseguia ver o rosto do seu futuro mestre refletido na água de um cenote. Os cenotes são poços gigantescos, muito abundantes no Iucatão. Intrigada pelos traços do rosto visionado, Doña Sara começara uma exploração muito complexa que a levava, por fim, a encontrar o dono desses traços, que resultara ser Don Panchito.

A última etapa do trajeto até à aldeia de Don Panchito pareceu-me totalmente mágica. Atravessámos dez quilómetros de selva cerrada por uma brecha estreita. Levava comigo um cristal de quartzo e comecei a sentir-me com uma sensação de saturação emocional. Doña Sara explicou-me que as minhas sensações estavam associadas ao cristal e que tanto ela como Don Panchito haviam decidido deixar de usar quartzo por o considerarem perigoso e inespecífico.

Surpreendi-me ao ouvir que Don Panchito e a sua discípula também manejavam quartzo. Perguntei a Doña Sara acerca da origem de tal conhecimento e respondeu-me que, para ela, o uso de cristais de quartzo era natural e que os maias os conheciam e utilizavam desde há muito tempo.

Perguntei-lhe acerca dos usos que os maias davam ao quartzo e respondeu-me que haviam descoberto que o cristal de quartzo servia para receber e transmitir informação mental. «O problema», continuou, «é que se recebe de tudo, o bom e o mau, e o mesmo se transmite. Por isso te sentes mal», disse-me com convicção, «o teu cristal está a tirar-te energia vital e a tornar-te sensível a influências negativas.»

Perguntara-lhe acerca do trabalho de Don Panchito e ela, além de outras coisas, afirmara que este xamã-nahual era um especialista em curas com ervas. «Existem poucos curandeiros e muitos feiticeiros. Don Panchito

sempre se dedicou a curar e muitas vezes tem de desfazer os trabalhos de feitiçaria. A mim», continuou com seriedade, «ensinou-me a curar, mas tenho um limite, e o que ultrapasse o meu conhecimento, os casos verdadeiramente graves, levo-lhos a ele.»

Ao perguntar-lhe como realizava os seus trabalhos, Doña Sara informou-me que na maior parte das vezes com ervas escolhidas. «O México», disse com um sorriso, «é milionário em ervas. Outras vezes Don Panchito realiza operações “invisíveis”, utilizando facas ou outras ferramentas.»

Doña Sara explicou-me o uso de certas ervas para curar a diabetes e também do chá de anis, para melhorar a memória e acalmar as emoções.

A vereda por que transitávamos parecia-me cada vez mais mágica e comecei a sentir-me ligeiramente marcado. A minha sensação era a de estar a penetrar noutra realidade, cheia de uma energia psíquica demasiado potente para a minha mente. Conteï-lho no momento de chegar à aldeia de Don Panchito e ela tomou-me a mão para me dar forças. Senti alívio e desci do táxi que nos conduzira à aldeia.

Observei o entorno e senti-me imerso numa atmosfera de extrema paz. À direita via-se uma igreja em ruínas, de proporções gigantescas. Doña Sara disse-me que estava nesse estado desde os tempos do avô de Don Panchito e que fazia parte de um convento. Um magnífico loureiro de tamanho colossal verdejava em frente ao convento e, ao seu lado, um tronco completamente seco de outro loureiro gigantesco contrastava o seu estado de triste mumificação com a vitalidade e alegria do loureiro vivo. «Ambos», disse-me Doña Sara ao notar que eu os observava, «foram plantados por Don Panchito.»

Senti que aquilo era um símbolo magnífico. «Mas se têm mais de cem anos!», repliquei, espantado. «Imagina», disse-me Doña Sara sorrindo, «que um filho de Don Panchito acabou de fazer 90 anos.»

Então lembrei-me de que Don Panchito tinha cerca de 130 anos e de que estava prestes a conhecê-lo, e felicitei-me por ter tanta sorte. Em verdade, o que estava a viver era um presente que talvez nunca mais na minha vida se repetisse. Doña Sara levou-me a um cenote e depois, entre choças emolduradas por uma vegetação selvática, guiou-me por uma vereda até à casa de Don Panchito.

Chegámos a uma pequena cerca de pedra e introduzimo-nos num terreno pedregoso, através de uma diminuta entrada feita na cerca. O som

de uma canção inundava o terreno. A canção falava de alguém que, por fim, chegava ao lugar da paz e do amor depois de trinta anos de busca. Senti que a canção se referia a mim e um arrepio percorreu-me a espinha. Olhei para Doña Sara e disse-lhe que nada era por acaso. Ela sorriu-se. Várias choças de paredes de pau e teto de palha ocupavam o terreno. Uns galos de cauda vermelha passeavam entre galinhas atrevidas e uns cachorros negros com coleiras feitas de finas espigas jogavam junto a uma mulher vestida com um huipil de flores reluzentes. Os cães ladraram-nos e dei-me conta de que tudo dentro do terreno era perfeito na sua limpeza, ordem e disposição. Doña Sara conduziu-me até um pequeno montículo sobre o qual a choça de Don Panchito florescia a partir de uma base de rocha.

Entrámos na casa e não vimos ninguém. Doña Sara convidou-me a deitar-me numa rede de cores que pendia de dois troncos sustentados por colunas de árvore. Senti que o convite para me deitar na rede do xamã-nahual era uma honra tão grande que duvidei do meu valor, mas Doña Sara insistiu e aceitei, sentindo que não o merecia. Tirei os sapatos e recostei-me com muito cuidado. A choça era preciosa na sua construção e a ordem de tudo o que continha produziu-me uma sensação de arrulho e paz. Fechei os olhos e ouvi o vento, o canto dos pássaros e o ladrar dos cães.

Todos os sons refletiam-se na minha mente e esta purificava-os como se fosse uma malha ou rede atravessando um líquido e filtrando os seus conteúdos solidificados. Soube que não era a minha mente, mas a de Don Panchito que induzia aquela ordem e que tudo naquele lugar estava contido no interior da sua mente omniabrangente. Uma sensação de lar mergulhou-me num sono delicioso de que só recordo a placidez e o amor. De repente algo se moveu à minha direita e pude ver um reflexo vermelho aproximando-se da porta da choça. Um corpo delgado, sem vestígio de gordura, sustentando uma musculatura velha mas intacta, rematada por uma cabeça grisalha, apareceu na entrada. Era Don Panchito. Os seus olhos brilhavam e o seu rosto manifestava uma realidade de paz.

Ao vê-lo senti que já o conhecia e levantei-me para o saudar. Tomou-me a mão e o seu rosto plácido, delgado e de bigode branco lembrou-me o meu avô materno. Uma onda de simpatia encheu-me e irradiou-se a partir do meu peito. Don Panchito só falava maia e disse algo a Doña Sara que, por sua vez, traduziu: «Diz Don Panchito que te sentes e que és bem-vindo.»

Pedi a Doña Sara que lhe dissesse que, desde o avião, já sentira a sua presença e que, enquanto o esperava deitado na rede, confirmara que a sua mente era um espelho consciente de si mesmo e da realidade que criava. Ao traduzir-lhe o meu discurso, Don Panchito sorriu, embora, enquanto eu o enunciava, me prestasse uma atenção surpreendentemente focalizada, tanto que quase senti tatear uma pressão mental proveniente dos seus olhos. «Diz Don Panchito», comunicou-me Doña Sara com um sorriso, «que ele também te esperava e que sentiu a tua aproximação, que os espíritos de vocês são muito afins e que lhe dá gosto que tenhas vindo.»

«Diz-lhe», pedi a Doña Sara, «que antes de vir falei com Don Lucio e que ele o viu são e com muitos anos pela frente como recompensa de Deus pela sua vida.»

Don Panchito ergueu a cabeça num sinal característico de atenção concentrada e respondeu a Doña Sara que se explorara a si mesmo e notava que os seus pulmões já não resistiriam muito mais tempo.

Existem pessoas que nos fazem sentir no centro da própria essência. Don Panchito fazia-me sentir assim e o único que desejava naquele momento era dizer-lho e ficar com ele. Imaginei a minha vida ao lado deste grande mestre e, de repente, a sua linguagem, fisionomia e atitudes fizeram-me sentir num lugar muito longínquo, noutra época, talvez Japão, talvez Tibete ou China. Por trás da figura delgada de Don Panchito e enquadrando o seu rosto, os paus de madeira da parede da choça e a luz brilhante que se filtrava através deles fizeram-me viver com maior clareza mnemónica esse recuerdo que trespassava algum crivo neuronal e conseguia ativar a minha consciência.

Enquanto eu seguia a pensar, Doña Sara e Don Panchito continuavam a conversa em maia. Eu tentava entender como pudera sustentar-se um corpo humano durante 130 anos e ainda parecer tão são. A minha impressão era que a mente de Don Panchito flutuava ao redor do seu corpo, ocupando a choça e o terreno circundante, e que o seu corpo se sustentava como uma estrutura cuja desapareição em nada afetaria essa mente. De alguma forma, de tanto viver a observar-se, haviam-na libertado do corpo. Don Panchito era já, por isso, um imortal.

Subitamente Doña Sara interrompeu os meus pensamentos. «Diz Don Panchito que nós não fizemos o corpo e que por isso devemos cuidá-lo. Diz», continuou Doña Sara com um tom sério, «que devemos querer-nos e nunca cobrar pelas nossas curas.»

Tinha a impressão de que Don Panchito me lia o pensamento e que conseguira introduzir-se dentro de mim como se fosse eu mesmo. Senti que uma pergunta, que inutilmente tentara responder-me havia muitos anos, voltava a aparecer na minha consciência, mas agora com possibilidade de ser esclarecida. «Pergunta-lhe, por favor», pedi a Doña Sara, «se no fundo de cada um de nós somos o mesmo Ser.»

Houve um instante de silêncio antes que Don Panchito respondesse e Doña Sara traduzisse. «Diz Don Panchito que Deus nos fez a todos e que cada um de nós é um indivíduo diferente, mas no fundo parecemo-nos muito uns com os outros.»

«Pergunta-lhe», pedi, «se essa individualidade é permanente.»

Ou Don Panchito não respondeu ou Doña Sara não traduziu, mas essa última pergunta ficou sem resposta.

«Diz Don Panchito», falou Doña Sara de repente, «que revises o teu livro e vejas o que diz acerca das tuas perguntas.»

Don Lucio alguma vez mencionara que cada um dos humanos escrevemos um livro com a nossa vida e que esse livro invisível se mantém como referência constante da nossa disposição.

Respondi que o meu livro estava de acordo com o que ele dissera. Os seus olhos brilhavam, mas estavam cheios de cataratas; dava a impressão de estar completamente cego e de perceber utilizando visão extraocular. Naquele momento olhavam-me e senti que me trespassavam. De facto, várias vezes lera ou detetara o meu pensamento e noutras tantas descrevera características minhas muito íntimas.

Depois de me olhar, Don Panchito voltou-se para Doña Sara e comunicou-lhe algo. «Temos duas partes», traduziu Doña Sara, «uma do bem e outra do mal. Don Panchito aconselha-te que nunca permitas que a metade do mal se apodere da outra, mas sim ao contrário.»

Aquele conselho que, na boca de outra pessoa, me soaria demasiado coloquial, na sua adquiriu um significado profundo. Estive prestes a perguntar-lhe se a distinção entre o bem e o mal é dada pelo elemento da soberba, mas contive-me. Eu sabia exatamente a que se referia Don Panchito.

Tínhamos passado juntos toda a semana e eu sabia que Doña Sara tinha um compromisso importante em Cancún e que em breve teríamos de partir. De novo senti o desejo de permanecer com Don Panchito e assim lho fiz saber. Respondeu-me que este não era o momento adequado, mas que

regressasse com mais tempo e poderíamos trabalhar. Perguntei-lhe como poderia comunicar-lhe a data da minha próxima chegada e respondeu-me que não me preocupasse, que ele o saberia. Voltei a perguntar-lhe como o saberia e, depois de olhar para Doña Sara com uma expressão de surpresa, Don Panchito falou com ela durante vários minutos. Era óbvio o grande carinho que ambos se professavam. Enquanto conversavam tocavam-se nas mãos e Doña Sara ria encantada perante o que pareciam ser piadas muito engraçadas de Don Panchito.

Quando terminaram o diálogo, Doña Sara olhou-me e disse-me que Don Panchito recebera todo o seu conhecimento em sonhos e que eu cuidasse dos meus, que dormisse muito e bem porque ele se comunicaria comigo através dos meus sonhos.

Aquilo encantou-me e agradei-lho aproximando-me dele para lhe dar um abraço. Don Panchito inclinou-se para o lado direito da minha cabeça e, com um som oco, sugou o ar; depois repetiu a mesma operação do lado esquerdo. Senti uma frescura suave no meu interior e entendi que essa era uma técnica xamânica de limpeza e cura.

Despedimo-nos de Don Panchito e abandonámos a choça. Lá fora uma rapariga de quinze anos lavava roupa. Doña Sara apresentou-me como a tataraneta de Don Panchito. Enquanto esperávamos o transporte para regressar a Valladolid, vimos uma criança da aldeia brincar com um pneu, imitando o som dos pássaros.

Estávamos junto ao cenote quando Doña Sara me comentou o bem que a criança imitara os cantos. De repente, isso fez-me lembrar que eu tinha um problema pessoal que não consultara com Don Panchito; pedi-lhe que lho fosse dizer e os dois regressámos à choça. Don Panchito permanecia deitado na sua rede. Doña Sara falou-lhe e depois disse-me que ele me voltava a lembrar que prestasse muita atenção aos meus sonhos, porque neles receberia as respostas às minhas perguntas.

ASPETOS PSICOFISIOLÓGICOS

A criação da experiência segundo a Teoria Sintergica

Na realidade, o facto mais espantoso no Universo é a experiência consciente. Toda a experiência representa um sucedido milagroso que escapa e não pode ser explicado com base em considerações físicas. Mais ainda, a experiência parece ser o próprio limite da ciência. Esta será capaz de descrever quais são os acontecimentos cerebrais que se associam com a percepção de um som ou uma luz, mas a experiência mesma de luz ou de som não pode ser conhecida senão através da experiência. As análises lógicas e racionais têm o seu limite ali onde começa o sentir.

Um argumento como o que se segue torna claro o anterior. Suponhamos que queremos identificar fisicamente uma luz transmitida através do espaço. Os nossos instrumentos só nos assinalarão a existência de mudanças ondulatórias, partículas, distorções do espaço-tempo, entre outros. Mas nunca poderíamos supor unicamente com base em tais medições que algo como a luz existe no Universo.

De facto, nenhum instrumento é capaz de identificar a luz como tal, mas só alterações energéticas associadas com ela. Por outras palavras, não existe luz como tal, fora de nós e previamente à nossa intervenção. Tampouco existe o som ou o calor no Universo físico. Se assim fosse, seria possível encontrar tais qualidades sensoriais no interior do nosso cérebro. Qualquer fisiologista sabe que o anterior é impossível. No interior do cérebro existem mudanças iónicas, eléctricas, magnéticas e bioquímicas associadas com a ativação dos seus neurónios e núcleos, mas jamais alguém poderá ver uma luz ou ouvir um som no interior da massa cerebral.

É mais, a ativação neuronal da córtex auditiva, responsável pela sensação sonora, ao ser estimulada, não difere muito da mesma ativação da córtex visual encarregada de proporcionar-nos experiências luminosas, apesar de ambas se associarem com a ativação de processos energéticos elementais semelhantes. Daí que esses processos não sejam capazes de explicar a qualidade sensorial, nem as suas diferenças. Portanto, nem no exterior nem no interior do cérebro existem traços de qualidades sensoriais.

A pergunta óbvia é precisamente: Como e onde aparece a qualidade luz ou som, quando a estrutura que se ativa para lhe dar lugar não é capaz de possuir tais experiências na sua atividade físico-química e quando o espaço que rodeia essa estrutura também não as possui?

Vou tentar apresentar uma visão teórica geral que pretende ser uma explicação aceitável do origem da experiência. Chamo-lhe a Teoria Sintergica, neologismo que combina os termos “síntese” e “energia”. Tentarei explicar as experiências com Don Panchito baseando-me nesta teoria.

A Teoria Sintergica

A postulação fundamental desta teoria é que a experiência surge como resultado de três processos de interação.

O primeiro é uma interação entre elementos neuronais capaz de criar um campo energético complexo, denominado campo neuronal.

A segunda interação ocorre quando o campo neuronal se põe em contacto com a estrutura energética do espaço. A interação entre o campo neuronal e o espaço cria um padrão de interferência que se denomina estrutura energética da experiência.

O terceiro processo de interação ocorre entre a estrutura energética da experiência e um processador central. Esta interação é a mais misteriosa de todas e implica a existência de uma focalização energética, realizada através de um hipotético fator de direcionalidade.

De acordo com a Teoria Sintergica, qualquer ser vivo com capacidade de experimentar ou sentir sofre os três processos de interação. Obviamente, os níveis de experiência de cada ser dependem da complexidade do seu campo neuronal e esta, por sua vez, da complexidade do cérebro de que surge o campo.

O campo neuronal

Karl Pribram mencionou alguma vez que a quantidade de detalhes de um perceptor visual deveria estar associada e sustentada por uma atividade cerebral capaz de conter e manifestar uma quantidade similar de detalhes. Considerou que os melhores candidatos para cumprir este requisito são os micropotenciais dendríticos, que, como flutuações diminutas de potenciais elétricos em grandes populações de neurónios poderiam dar lugar a frentes de ondas capazes de viajar e transmitir-se através da estrutura tridimensional do cérebro.

Desta ideia à postulação do campo neuronal só falta um pequeno passo. Poderia supor-se que os conjuntos de frentes de ondas antes mencionados formam parte de um campo energético hipercomplexo. Neste contexto, cada neurónio é a criador de um microcampo, resultante das oscilações eletroquímicas da sua membrana celular. Cada microcampo interage com os seus vizinhos e assim, desde o próprio interior do cérebro, começam a criar-se padrões de interferência e frentes de ondas que se complicam à medida que um maior número de elementos intervém na sua produção.

O campo neuronal poderia estar associado ao anterior com o acrescento de que não só o devem formar mudanças eletroquímicas, por meio de membranas dendríticas, mas também devem ser seus elementos constitutivos todo o conjunto e todos os níveis de atividade cerebral: desde os causados por fluxos de iões por meio de membranas até às alterações quânticas em cada neurónio como agente capaz de provocar uma distorção no espaço-tempo ao ativar-se. O campo neuronal também estaria formado pelo conjunto de todas estas distorções, na dimensão espaço-temporal.

Evidências acerca da existência do campo neuronal foram apresentadas noutros artigos, embora aqui se possa mencionar que já é possível registar um campo magnético no espaço extracraniano utilizando a novíssima técnica da magnetoencefalografia.

O magnetoencefalograma regista um campo energético, produto da atividade cerebral, o qual poderia ser parte do campo neuronal. Se a ideia de Pribram for correta, a morfologia do campo neuronal poderia representar a geometria do que percebemos como imagem, de tal forma que bem se poderia afirmar que o que vemos é um reflexo de nós mesmos e que qualquer imagem representa um dos níveis de expansão do campo neuronal.

Já veremos que esta conceção é demasiado restrita, pois não toma em conta a interação do campo neuronal com a estrutura energética do espaço e com outros campos neuronais.

Interação entre o campo neuronal e a estrutura energética do espaço

Se o campo neuronal é semelhante a qualquer outro campo energético descrito pela física, é possível supor que seja capaz de **irradiar-se** desde a

sua fonte de origem para o espaço circundante. Do mesmo modo, deverá ser capaz de interagir com campos energéticos que atravessam o espaço e sofrer modificações devidas a essa interação.

De acordo com as minhas observações com Don Panchito, este xamã é capaz de exercer uma interação **poderosa e direta** com o espaço e os seus campos informacionais. Esta observação está em perfeita sintonia com o que foi dito antes.

O espaço que rodeia qualquer objeto **possui informação** sobre esse objeto. Um observador colocado a qualquer distância de uma rocha será capaz de percebê-la a olho nu ou utilizando um instrumento que amplifique a porção de espaço que a sua retina atravessa. De facto, não existe espaço com conteúdo nulo de informação. Todo o espaço está repleto de informação e, onde quer que se coloque, um instrumento sensível ou um observador vivo poderá detetar e decodificar a informação contida no espaço.

Contudo, a organização da informação em cada ponto do espaço não é homogênea. Provavelmente a informação proveniente de todo o Universo converge em cada um dos pontos infinitesimais em que o espaço pode ser dividido. Se não for assim, seguramente grandes porções do Universo convergem (informacionalmente falando) em cada porção diminuta do espaço. Uma região afastada de qualquer objeto, no centro do Universo, será capaz de conter, com uma organização coerente, toda a informação, enquanto uma porção próxima a um objeto conterá a mesma informação, mas de forma menos coerente.

Poder-se-ia supor a existência de regiões do Universo com maior ou menor coerência informacional. A coerência, por sua vez, estará relacionada com a redundância.

Um observador colocado a grande distância de um objeto será testemunha dessa redundância informacional: não importa a zona de espaço que acesse, a visão do objeto será a mesma. Um fenómeno bem conhecido em psicologia — o do movimento aparente e de seguimento de um objeto — poderia explicar-se assim. Por exemplo, um observador na superfície da Terra, movendo-se em linha reta, notará que corpos tão distantes como a Lua parecem seguir o seu movimento, enquanto outros mais próximos não o fazem. Os corpos mais distantes estão representados de forma mais coerente e redundante no espaço que o observador atravessa, comparados com os mais próximos.

Desta forma é possível conceber a existência de níveis de coerência informacional no espaço.

Um contínuo de maior a menor coerência, associado a um contínuo de maior a menor redundância informacional, pode ser determinado. A esse contínuo chamo contínuo sintérgico.

- Espaço de alta sintergia → pontos ou porções de espaço com maior coerência e redundância.
- Espaço de baixa sintergia → elementos de baixa coerência e redundância.

Tenho a impressão de que a experiência de Don Panchito comigo — o facto de ter sido capaz de sentir a minha aproximação — se associa a uma capacidade extraordinária de detetar alterações sintérgicas muito sutis no padrão de interferência, dadas por modificações diminutas da organização do espaço-tempo. O meu campo neuronal deve ter estado a alterar a sintergia do Iucatão, mas em grau tão microscópico que só uma mente com poder extraordinário de decodificação pôde detetar modificações tão diminutas. Aparentemente Don Panchito tem essa capacidade.

Associados à sintergia espacial estão outros fenómenos, como a gravitação e o tempo.

- Espaço próximo a uma massa → baixa coerência, forças gravitacionais intensas, tempo flui mais rapidamente.
- Espaço afastado de massas → alta coerência, campos gravitacionais débeis, tempo mais lento.

A relação inversa entre gravitação e coerência é semelhante à relação entre curvaturas do espaço e gravitação. Um espaço altamente coerente será um espaço sem curvaturas; um espaço de baixa coerência será um espaço com distorções e forças gravitacionais intensas.

O campo neuronal também varia ao longo de um contínuo sintérgico, dependendo do grau de coerência da atividade cerebral que lhe dá origem. Um cérebro em estado de alta coerência criará um campo neuronal de alta sintergia.

É possível postular que a própria estrutura do espaço-tempo possa ser afetada pela sintergia de um campo neuronal. Assim, um campo neuronal de alta coerência incrementará a coerência do espaço-tempo e, portanto, a sintergia do mesmo.

Se isto for assim, poderia esperar-se que um cérebro fosse capaz de afetar a intensidade de um campo gravitacional.

Evidências concordantes foram obtidas num experimento realizado há alguns anos, no qual se detetaram mudanças de peso de um objeto associadas a alterações na coerência inter-hemisférica de um sujeito.

As experiências com Don Panchito indicam que o seu campo neuronal não só se irradia por todo o seu habitat, como afeta a mente de quem entra em contacto com ele. Isto será discutido na secção seguinte.

Interações entre campos neuronais

Se um campo neuronal é capaz de afetar a estrutura do espaço-tempo, com maior razão poderá alterar a organização de outros campos neuronais com os quais interaja.

Do mesmo modo, se for correto que a experiência se modifica quando o campo neuronal sofre uma alteração na sua interação com o espaço-tempo, então pode postular-se que um sujeito é capaz de interagir diretamente com outro e de modificar assim a sua experiência.

Estas interações são o meio pelo qual se realizam os processos transferenciais do psicoanálise, nos quais a experiência de um sujeito se projeta noutro. Do mesmo modo, os eventos de comunicação direta entre seres humanos e a criação de padrões comuns de experiências e condutas poderiam basear-se nos processos de interação de campos neuronais individuais.

Penso que esta interação aconteceu entre o meu ser e o de Don Panchito mediante a interação dos nossos campos neuronais. Só assim posso explicar:

- por que comecei a sentir a sua presença desde a minha saída da Cidade do México;
- por que ele sentiu a minha aproximação;
- e, sobretudo, como nos pudemos comunicar no seu povoado, ao ponto de eu sentir o estado da sua mente e Don Panchito o da minha.

Vista esta interação desde a perspectiva do espaço-tempo, poder-se-ia postular que, num certo nível da realidade, o que impera é uma matriz energética global, formada pela combinação e amálgama de experiências individuais. Quem for capaz de experimentar este nível viverá a existência como constituída pela experiência comum — ou seja, experimentará a realidade desde uma perspectiva coletiva.

Que isto signifique que se possa experimentar diretamente a consciência coletiva — até o que se poderia conceber como consciência planetária — parece ser um derivado certo da conceção sintérgica e uma experiência comum de meditadores avançados.

Desde este ponto de vista, pode postular-se que diferentes graus de desenvolvimento são correlativos com diversos níveis de sensibilidade:

- um sujeito vive-se a si mesmo e experimenta o que o rodeia num nível concreto;
- outro será capaz de experimentar o mundo como uma matriz de pensamentos ou abstrações.

A mente de Don Panchito parece funcionar num nível de abstração altíssimo. A prova disso é a sua capacidade de despertar no interlocutor um estado de contacto íntimo com a miséria ou o Eu. Entre os diferentes níveis de abstração, o contacto com o Eu é precisamente um dos mais altos.

Pelo simples facto de estar em contacto com Don Panchito, essa experiência ativou-se em mim. Isto pode indicar que um campo neuronal de alta sinergia (irradiado a partir do cérebro de Don Panchito) foi o responsável.

As diferenças em níveis de abstração devem estar associadas às características energéticas dos campos neuronais individuais, e estas com o grau de desenvolvimento cerebral de cada sujeito.

- Um cérebro capaz de funcionar de modo de alta integração → campo neuronal capaz de estabelecer uma interação congruente com um nível de alta sinergia do campo espacial → vivência de sutileza e abstração.
- Um cérebro incapaz de integrações poderosas → não poderá interagir com níveis de alta sinergia → experiência concreta.

No primeiro caso haverá contacto com o Eu; no segundo, não.

Por trás destas considerações está a noção de que cada ser humano é um recetor diferente para um nível também diferente do campo. O carácter de recetor não está situado num filtro corporizado (do qual o cérebro é o elemento mais destacado), mas no particular nível congruente de interação entre o campo neuronal e o campo espacial.

É o padrão de interferência resultante da interação sintérgica entre campos o correlativo mais próximo da experiência. Está também nessa interação o sujeito da experiência, que muda de focalização dependendo das características dos campos em jogo sintérgico.

O que os místicos denominam mundos cósmicos está relacionado com o anterior. Segundo a mística judaica, cada ser humano, no seu pensamento individual, está em contacto com um mundo arquetípico onde se encontram situados todos os pensamentos. O pensamento individual é, neste sentido, originado no mundo arquetípico do pensamento cósmico.

Em termos fisiológicos, isto associa-se à ativação de padrões de interferência globais, dados por todas as interações entre campos neuronais, que como matriz hipercomplexa formam parte do campo do espaço-tempo e com a qual cada um dos campos neuronais individuais entra em interação.

A possibilidade de receber ensinamentos durante o sono está em relação com o anterior. Poder-se-ia postular que nesse estado a sensibilidade é máxima e que, aliado a um manejo voluntário do fator de direcionalidade, poderia explicar o que Don Panchito mencionou ao final da nossa entrevista: a possibilidade de permanecer em contacto durante o sono e de receber ensinamento durante o estado onírico.

Os campos neuronais e os cristais de quartzo

As características específicas do pensamento individual dependerão do nível de interação entre o campo neuronal individual e a matriz hipercomplexa resultante da interação de todos os campos neuronais. Por outras palavras, o nível de coerência do campo neuronal individual determinará com que nível do espaço-tempo se criará um padrão de interferência congruente.

Dado que a morfologia energética do campo neuronal pode ser modificada por estruturas como a anatomia dos circuitos neuronais, pode postular-se que também o possa ser por cristais de quartzo. Estes caracterizam-se por possuir uma estrutura molecular de alta coerência.

Provavelmente, quando um campo neuronal interage com um cristal de quartzo, incrementa-se a coerência do campo e isso faz com que a sua capacidade de interação com o espaço-tempo aumente. Isto explicaria por que um cristal atua como mecanismo de receção e transmissão de conteúdos mentais.

O conhecimento deste fenómeno já era património dos maias desde há muito tempo e também se conhecia em meios cabalísticos da Idade Média. Os cabalistas diziam que os cristais e as superfícies de água atuavam como espelhos da mente do outro.

A experiência de Doña Sara ao ver as feições de Don Panchito na superfície de um cenote* e as minhas próprias experiências com cristais de quartzo estão de acordo com as interpretações anteriores.

*(NT: *Buraco sagrado cheio de água cristalina que se criam no México*)

Atualmente estamos a realizar uma série de experimentos para estudar mudanças da coerência inter-hemisférica de sujeitos em contacto com cristais de quartzo. Embora ainda não tenhamos dados precisos, o contacto com o cristal parece produzir um estado de maior sensibilidade interna, manifestado por uma sensação de amplificação de conteúdos psicológicos.

O fator de direcionalidade e o processador central

Um dos aspetos mais extraordinários da experiência de Don Panchito é a sua capacidade de consciência. Esta parece ter chegado a um grau tal que lhe permite dar-se conta da dinâmica da sua própria criação. Tentar explicar esta experiência, do ponto de vista da teoria sintérgica, requer entender o conceito de processador central e do fator de direcionalidade. Como já vimos, a interação entre o campo neuronal e o campo do espaço-tempo dá lugar a um padrão de interferência, que é a estrutura energética da experiência.

Posto que esta estrutura é omniabrangente, enquanto a experiência consciente quotidiana está focalizada, é necessário postular algum mecanismo de enfoque que permita trasladar à consciência somente uma região, uma porção e um nível da estrutura energética total da experiência. A este mecanismo batizei-o com o nome de fator de direcionalidade. O fator de direcionalidade atua como uma ponta de lança que matiza de consciência aquela região do padrão de interferência na qual se enfoca. O padrão de interferência e a estrutura energética da experiência são padrões energéticos neutros com respeito à consciência e por si sós não manifestam a qualidade consciente.

6 Grinberg-Zylberbaum, J., *El espacio y la conciencia*, Ed. Trillas, México, 1981.

O fator de direcionalidade é um agente intermédio entre estes padrões energéticos e a consciência. Esta última nem emerge nem resulta de uma organização complexa da matéria, mas existe em si mesma como primeiro dado a partir do qual se cria o Universo físico. A esta consciência primigénia e independente chamo processador central. O fator de

direcionalidade está regido e emana do processador central atuando como intermediário entre este último e a estrutura energética da experiência.

Adquirir controlo sobre a focalização do fator de direcionalidade é um sinal de evolução e um dos mais altos níveis do desenvolvimento é quando um ser humano adquire consciência da existência do processador central. Geralmente o fator de direcionalidade encontra-se fixo numa posição. O xamã aprende a modificar, à vontade, a posição do seu fator de direcionalidade abrindo-se, desta forma, a outras realidades.

É nesta instância de abertura quando o fator de direcionalidade se focaliza no seu próprio origem e se ativa a consciência pura. Nesta consciência base da criação da experiência pareceria encontrar-se Don Panchito.

Antes de finalizar, gostaria de mencionar que no budismo a criação da experiência se associa com o sunyata ou vazio. Diz-se que Buda percebeu que nada existe em si mesmo mas antes que tudo é resultado de causas antecedentes. Assim, uma rocha é sunyata, na medida em que não existe em si mesma, igual que um corpo humano ou uma árvore.

9 Lama Lundrup. Comunicação pessoal, 1984.

Na consciência da criação da experiência, o ser humano percebe que ele está a criar a sua experiência consciente com todos os seus conteúdos e que, por conseguinte, estes dependem da sua capacidade criativa, mais do que de si mesmos. O mesmo conceito de padrão de interferência e de estrutura energética da experiência baseia-se num processo mediante o qual surge um conteúdo (a imagem de uma árvore, por exemplo) como resultado de uma interação entre um campo neuronal e a estrutura do espaço-tempo. Quando a consciência de sunyata ou da criação da experiência se acompanha da consciência clara do processo mesmo, logra-se um estado de libertação com respeito ao Universo concreto e adquire-se a consciência da verdadeira natureza do Ser. Eu sinto que esta autorrealização é património de todos, mas vivência dos poucos seres humanos que, como Don Panchito, se dedicaram à exploração íntegra de si mesmos.

Uma das manifestações desta exploração é o conhecimento do próprio corpo, em todos os seus níveis. Existe uma prática budista chamada vipassana, na qual o adepto aprende a dirigir o seu fator de direcionalidade para o interior do próprio corpo, levando ao campo da consciência as sensações e imagens de órgãos internos e os seus estados. Don Panchito

parece utilizar uma prática semelhante que lhe permite, por exemplo, conhecer o estado dos seus próprios pulmões.

O SEGUNDO VIAJE

A unidade por detrás da diversidade

A Física Quântica contemporânea está a começar a considerar a existência de diferentes níveis da realidade, tal como os nossos místicos indígenas o sustentaram desde há séculos. Na Mecânica Quântica aceita-se que, num nível elementar, os objetos parecem estar desconectados uns dos outros, sem nada que os unifique. No entanto, num nível seguinte de realidade, o que parecia estar desconectado unifica-se. Isto quer dizer que cada nível de realidade está mais correlacionado do que o seu antecedente.

Na realidade a correlação entre eventos de cada nível é produto da mente, a qual é capaz de “conectar-se” e de mudar a sua atividade, também em diferentes níveis. Isto que parece um discurso teórico abstrato é da maior atualidade, e explica o nosso quotidiano

Um exemplo da aplicação na nossa vida diária, dos princípios de correlação incrementada, são os eventos sincrónicos: vou pela rua a pensar em algum evento associado com o meu funcionamento inconsciente e aos dez minutos encontro-me com um psicanalista. Aparentemente o meu pensamento e o encontro subsequente estavam totalmente desconectados entre si. O certo é que o estavam no nível de realidade dos meus processos percetivos ordinários. No entanto, noutra nível de realidade, o meu pensamento e o psicanalista formavam parte de uma mesma unidade. Esta última vive num ordem de objetividade mais correlacionada do que a dos meus preceitos.

Quem for capaz de viver a realidade desde o nível de maior correlação, poderá detetar como eventos do presente o que em níveis prévios pertence ou é vivido como pertencentes ao futuro. A conduta profética e oracular de alguns místicos e xamãs explica-se desta maneira.

O desenvolvimento do ser humano parece estar a apontar para o logro e a vivência de estados de maior unidade. A religião considera como ideal o logro da Unidade na qual o monoteísmo é, na realidade, a expressão mais acabada da realização da existência de um só Ser, do qual todos somos parte. A aparente dicotomia entre a simultânea existência da Individualidade e da Unidade resolve-se aceitando que ambas coexistem

porque pertencem a dois níveis da mesma Realidade. Eu sou eu e ao mesmo tempo sou tudo, dependendo de que nível de consciência me percebo. Se me vejo tal como vejo os objetos, viver-me-ei como separado e individual. Se me vejo desde a perspectiva de uma consciência mais expandida e unificada, a minha sensação única expandir-se-á ao mundo e já não me sentirei separado do meu entorno.

Neste esquema pareceria que não existe cabida para nenhum desenvolvimento que não se encontre delimitado dentro do contínuo individualidade-unidade. O certo é que nenhum esquema pode ser capaz de reduzir o nosso mistério. Basta recordar que existe um Observador, o que sempre se encontra um passo mais à frente que qualquer experiência, incluindo a de Unidade, para estar de acordo com o anterior. Por isso, o Observador é o verdadeiro mistério, porque qualquer sistema explicativo, independentemente da sua complexidade, pode ser observado desde uma plataforma de testificação. Eu posso observar a minha própria confusão mental desde um lugar no qual esta não existe. Por conseguinte, eu não sou a minha mente, como também não o é qualquer um que me esteja a ler e a entender.

No Observador unifica-se o resto, embora ele se encontre sempre mais além do que unifica. A experiência do Observador é a experiência do eterno presente, do nível de maior correlação e da máxima capacidade preditiva.

Quando a observação de si mesmo se mantém sem interrupções e se é capaz de conservar o sentido de não pertença, frente a qualquer experiência que apareça durante o processo, ativa-se um novo nível de vivência que bem poderia denominar-se Ser.

No Ser o único que existe é o silêncio pleno, a paz e a transcendência total frente a qualquer conteúdo concreto, seja este o que for. Comparou-se o Ser com o estado mais puro da energia, aquele que palpita na base da matriz que forma o espaço. A comparação é adequada, mas insuficiente como para ser capaz de descrever a magnificência do “sem nome”, da experiência irreduzível do Ser. Alguns dos xamãs-nahuaes, que tive o privilégio de conhecer no México, vivem no Ser.

Recordo Doña Pachita, da Cidade do México, capaz de “extrair” do seu contacto com o Ser a capacidade para realizar milagres incríveis, como materializações de objetos e transplantes de órgãos.

Pareceria que toda a geração tem a necessidade de contar entre os seus membros com pessoas capazes de viver no Ser. Eles são os que sustentam a consciência humana em contacto com a sua verdadeira essência. Eles alimentam-nos porque no fundo todos pertencemos à mesma mente. Eles são os místicos.

Sem eles perder-nos-íamos neste absurdo sistema consumista que construímos crendo, equivocadamente, que nele está a resposta.

Com estas ideias cheguei à casa de Doña Sara, em Cancún. Saudámo-nos e conversámos acerca das nossas experiências acontecidas desde a última vez que nos vimos.

Informei Doña Sara do meu desejo de ir visitar Don Panchito e ela prometeu-me que iríamos no dia seguinte, desde que ele estivesse de acordo. Interroguei-a acerca de como lhe informaria do nosso viagem, ela respondeu-me que através de uma “velação”. Essa noite Doña Sara acendeu uma vela e concentrou-se no seu mestre, a quem enviou a mensagem. Segundo os movimentos, brilho e altura da chama, Doña Sara era capaz de reconhecer se a mensagem havia chegado a Don Panchito e se ele a recebia.

Na manhã seguinte Doña Sara disse-me que Don Panchito nos esperava às onze.

DON PANCHITO

Por uma série de dificuldades chegámos à povoação de Don Panchito à tarde. Igual que da primeira vez, impressionou-me o caminho, parecia um túnel vegetal escavado na selva.

Don Panchito estava na sua choça e recebeu-nos com alegria. Cumprimentou-nos com um beijo e, tal como da primeira vez, cheirou-nos como se quisesse guardar para si o nosso odor, estabelecendo uma relação mais direta e íntima connosco. Doña Sara riu-se de uma observação que ele fez e, à minha insistência, traduziu-a. «Diz Don Panchito», falou Doña Sara entre gargalhadas, «porque demorámos tanto a chegar; esperava-nos de manhã, tal como lhe avisei na velación.»

Assombrei-me. Don Panchito não só captava as mensagens que Doña Sara lhe enviava, como reconhecia nelas pormenores tão específicos como a hora da chegada prevista.

Don Panchito disse a Doña Sara que me notava mudado para melhor. Senti que se referia a uma nova capacidade minha de me manter focalizado no meu eu centralizado e de captar a unicidade das outras pessoas sem as dissecar ou penetrar-lhes a mente.

Era como o ideal da psicologia humanista e a mim dava-me muito gosto poder amar a partir da perspectiva da captação e do respeito pela pessoa inteira e não pelas suas partes.

Doña Sara despediu-se e deixou-nos a sós.

Íamos permanecer vários dias juntos, dormindo em redes, a uns cinquenta centímetros um do outro e sem poder verbalizar os nossos pensamentos. Aquilo aterrou-me e decidi dar uma volta pelo povoado. Uns rapazes jogavam basquetebol, animando as jogadas com gargalhadas e brincadeiras estridentes.

Regressei com Don Panchito. Ele apontou-me uma rede indicando que o ajudasse a pendurá-la ao lado da sua. Assim fiz e de imediato deitei-me, enquanto Don Panchito fazia o mesmo na sua.

Senti que os meus pensamentos eram sustentados por uma espécie de rede de otimismo. Reconheci no sustentáculo a mente de Don Panchito e no conteúdo a minha. Era como interagir sem ser distraído do próprio processo pensante, mas antes sustentado por ele.

Os meus pensamentos começaram a acelerar-se e de repente perdi-me. Desaparecera o sustentáculo otimista e já não havia conteúdos próprios, apenas uma sensação de confusão e a música transmitida por uma rádio que parecia estar colocada dentro do meu cérebro. Assustado, tentei não ouvir a rádio, mas a confusão aumentou. Decidi prestar-lhe toda a atenção e senti que Don Panchito se zangara. Doña Sara dissera-me que ele podia ouvir ou deixar de ouvir à vontade e eu senti que o arrastava a ouvir a rádio contra a sua vontade.

Estava deitado numa rede ao lado de um mestre maia com mais de cem anos e sentia-me totalmente perdido dentro de uma mente incontrolável. Tentei acalmar-me e pedi a Deus que desligasse aquela rádio que começava a partir-me em dois. De um lado, uma parte de mim queria penetrar na sabedoria que Don Panchito possuía; do outro, não conseguia deixar de atender aos anúncios e às canções daquela maldita rádio. Passada uma hora, a rádio calou-se e pouco depois trouxeram-nos o jantar.

Quase não consegui dormir. A confusão mental persistia e a rede cansava-me. Don Panchito emitia ruídos guturais muito intensos e eu não conseguia afastar a mente deles.

Por fim decidi deitar-me no chão, sobre um colchão que trouxera comigo. Tive sonhos estranhos, como se a mente de Don Panchito tivesse a capacidade de extrair do meu inconsciente velhas memórias.

O que pareciam ser milhões de pássaros a cantar simultaneamente acordaram-me de madrugada. Sonolento e desvelado, dirigi-me à igreja do povoado. Esta, de quatro paredes gigantescas que antes rematavam num teto curvo, recebeu-me imponente. Uma cobertura de chapa a proteger o altar substituía o teto original. Deitei-me a descansar e adormeci pouco depois. Ao acordar, meditei tentando acalmar a confusão da minha mente. Regressei com Don Panchito. Este estava deitado na sua rede; imitei-o e depressa encontrei a calma. Cada vez que fechava os olhos, a minha consciência enchia-se de pensamentos; um atrás do outro, como se alguém estivesse a estimular-lhes a origem. Maravilhado, deixei-me ir. Don Panchito queixava-se de dores no peito e atrevi-me a sugerir-lhe uma massagem, que ele aceitou. Comecei a trabalhar-lhe os ombros enquanto ele chamava o neto. Aproveitei para perguntar se não o incomodava. Através do neto respondeu-me que não, que lhe dava alegria ter-me consigo. Pedi-lhe que me esperasse enquanto ia à loja do povoado comprar álcool e uma vela. Decidira dar-lhe energia utilizando uma técnica de massagem com fogo e álcool. Comecei pelos pés e depois pelas mãos. Tocá-lo produzia-me uma sensação deliciosa. O seu corpo parecia pertencer a um bebé e não a um ancião de mais de cem anos. Nos pés não notei uma única variz e as palmas das mãos eram fortes e denotavam linhas profundas e claras. A linha da vida era longa e sem desvios, a da mente profunda e reta. Fiz-lhe massagem no peito e nas costas tentando aliviar a dor que sentia. Ao terminar, voltámos a deitar-nos nas nossas redes.

Regressaram os pensamentos e percebi, com suma delícia, que começava a remontar-me ao meu passado pessoal. Senti que a minha mente estava a ser submetida a um processo de limpeza profunda do qual emergia, cada vez com maior clareza, um centro claro e transcendente cujo poder de observação me fazia sentir, com prazer, os pensamentos, imagens e ideias que nasciam de um fundo inacessível.

Assim decorreu o dia. Deitados nas redes, eu ao lado de Don Panchito, ambos de olhos fechados. Pelas cinco da tarde ele incorporou-se e

perguntou-me se queria tomar banho. Aceitei e, em minutos, o neto trouxe um balde com água do cenote e um sabão. Banhei-me deliciosamente no interior da choça e deixei que o vento do entardecer secasse o meu corpo. Tudo era natural: água do cenote, redes, choça com chão de terra e teto de palha, vento, canto de pássaros. A rádio já não tocava e comecei a dar-me conta do admirável ritmo de vida de Don Panchito. Não é surpreendente que, nesta calma, com tanto tempo para percorrer a própria mente, o espírito seja capaz de receber mensagens, ler as estrelas e amar a terra e a vida até ao ponto de permitir a alguém viver tantos anos com outra moléstia que não seja uma dor de peito.

Que absurda era a minha vida na Cidade do México comparada com esta! Decidido a não fazer comparações, fui dar uma volta pelo povoado enquanto Don Panchito aproveitava a frescura da tarde para trabalhar no seu jardim. Tudo me lembrava Kevala, um estado no sul da Índia. Senti que o que me acontecia com Don Panchito era o que estudava no laboratório da Universidade.

Lá explorava os correlativos electrofisiológicos da comunicação direta e aqui praticava-a com Don Panchito. Se no laboratório detetara mudanças na atividade cerebral só explicáveis como resultado de interações diretas de cérebro a cérebro, com ele esses efeitos ocorriam sempre que nos deitávamos nas redes. Ri-me de mim mesmo pelo medo que sentira de permanecer com um ancião incapaz de falar a minha língua e eu a dele.

Mas agora começava a sentir como uma bênção a impossibilidade de falar com ele. Na Índia procurara um mestre, alguém com quem aprender de forma direta, e agora encontrava-o em Don Panchito. De manhã, Don Panchito senta-se na sua rede e, enquanto todo o espaço se enche do canto dos pássaros, ele observa o nascer do sol. Nos três dias que levávamos a conviver, quase não o vi comer. A maior parte do tempo passa-a meditando na sua rede, imóvel, enquanto a sua mente se percorre a si mesma.

Contudo, esse estado não é de passividade; oferece presentes invisíveis. Sonhei que tinha uma casa conhecida e que um dia encontrava uma escada escondida que me levava a outra casa dentro da mesma. Perguntava pelo dono dessa nova casa e diziam-me que era eu. Os quartos eram espaçosos e mobilados, mas ainda faltava arrumar os adornos. «É um presente de Don Panchito», disse a mim mesmo ao analisar o sonho. «Agora só tenho de arrumar as coisas ao meu gosto.»

Todas as manhãs trazem-me um balde com água do cenote para a minha higiene pessoal. Tanto ele como eu passamos vários minutos a observar o vapor delgado e esbranquiçado que sai da água. Parecia que procurávamos formas sutis manifestadas no vapor. Sinto-me, cada vez mais, na minha própria casa.

Depois de vários dias junto a Don Panchito, decidi fazer uma viagem a Mérida para falar com Doña María, uma xamã muito poderosa da cidade. Encontrei Doña Sara em Mérida e decidimos regressar juntos a visitar Don Panchito.

No caminho, Doña Sara contou-me que Don Panchito usava cristais de quartzo no seu trabalho de adivinhação. Disse-me também que, à noite, Don Panchito se levantava para ver as estrelas, sendo essa a sua forma preferida de meditação.

Aproximávamo-nos do povoado de Don Panchito e senti novamente que começava a rodear-me um ambiente de paz e tranquilidade. Encontrámos Don Panchito e três dos seus bisnetos a conversar na choça. Doña Sara e Don Panchito sentaram-se numa rede e começaram a falar em maia enquanto eu os observava. De vez em quando, Doña Sara traduzia-me partes do diálogo. «Diz Don Panchito que sentiu a tua falta. Diz que tu também podes curar e que não mudes o teu caminho. Diz que às vezes o mal prende e não há forma de sair dele senão com bondade.»

Eu sentia-me estranho. Algo me deixava muito fatigado. Pedi a Doña Sara que perguntasse a Don Panchito o motivo da minha súbita fadiga. «Diz que ele não te pode proteger a uma distância muito grande e que tomas más influências e por isso te cansas. Quando voltas com ele, as suas energias reconectam-se e a mudança fatiga-te.»

Pedi licença para gravar a voz de Don Panchito. Liguei um gravador que comprara em Cancún e perguntei-lhe acerca da sua técnica de ver as estrelas.

«Usa-se», traduziu Doña Sara, «para conhecer a sorte de alguém. Se aparecer uma figura muito alta e delgada, o Rei dos judeus, é sinal de má sorte.»

Aquilo não me agradou; era uma mistura estranha de várias tradições e preconceitos. Não disse nada.

«Don Panchito diz que não deves gravar nada, menos ainda se for uma mensagem das estrelas acerca da sorte. O gravado fica fixo e depois volta-

se contra nós. Tudo deve fluir, deve ouvir-se e depois esquecer-se, porque tudo muda.»

Senti-me pior. Don Panchito tinha razão ao advertir-me contra esse vício de não poder viver o presente, mas querer fixá-lo em gravações, fotografias e até em escritos. Fiquei admirado pela intensidade da mensagem e desliguei o gravador pedindo desculpa pelo meu erro. A história do Rei dos judeus continuava a perturbar-me, mas mantive-me calado sem pedir esclarecimento.

Passados uns minutos, Doña Sara foi-se embora e fiquei sozinho com Don Panchito. De repente, ele perguntou-me se queria tomar banho com água fria ou quente; respondi que fria.

Minutos depois, no interior da choça, banhei-me e sentei-me a escrever.

Don Panchito comentou que eu não me cansava de escrever e senti-o como advertência pela minha incapacidade de viver o presente. Deixei de escrever e deitei-me na rede. A minha mente, como em ocasiões anteriores, começou a acelerar-se, filtrada por uma base sólida de otimismo e alegria. Reconheci Don Panchito como responsável por esses alicerces e deixei-me ir. Senti que podia avançar, sem contratempos, um trecho mental maior do que nas vezes anteriores. Enquanto me felicitava pelo progresso, uma dúvida assaltou-me a consciência. Algo me deteve apesar do esforço por continuar.

Perdi o sustentáculo da mente de Don Panchito e entrei numa série circular e redundante de pensamentos repetitivos. Por fim adormeci, desgostoso comigo mesmo pela falta de talento. Sonhei com Don Panchito e, na manhã seguinte, o som da chuva e o canto dos pássaros acordaram-me. Lembrei-me do olhar de Don Panchito ao ver-me escrever na noite anterior. Adormecera de imediato e, quando parou de ressonar, vi-o espantar-se com o que sonhara. Lentamente virou a cabeça para se certificar de que eu estava deitado na rede ao lado. Senti que queria assegurar-se de que eu o acompanhara no sonho. Mas ao não me encontrar na rede e ver-me a escrever, senti que o dececionara.

Ao terminar de escrever, decidi voltar para a minha rede. Don Panchito observava a chuva da sua rede enquanto eu, na minha, me sentia fresco, banhado pela água das nuvens. Fechei os olhos e os pensamentos surgiram na minha consciência, claros, como pérolas acabadas de pescar. Pensei em Estusha, a minha filha; pensei na vida e, de repente, remontei a

um lugar da minha mente cheio de prazeres sutis. Discuti com alguém acerca do valor da abstração. O meu interlocutor falava de Deus e eu do Observador.

De súbito tudo se toldou e comecei a sentir-me pressionado por uma realidade concreta. Abri os olhos e uma voz disse-me que a culpada do que acabava de me acontecer era Doña María. Certamente chamara o meu espírito e este afastara-se do meu corpo, fazendo-me sentir perdido numa realidade pobre. Lutei contra o pensamento e tentei sair da sensação de sufoco que me produzia; não consegui. Tentei regressar à sensação anterior e o meu estado piorou. Deixara de chover e ouviam-se trovões, mas muito distantes.

Desesperado com a barreira súbita, levantei-me da rede. Decidira ir buscar um bisneto de Don Panchito para me ajudar a perguntar ao bisavô.

Aproximei-me com o meu tradutor de Don Panchito; ele olhou-nos espantado, à espera de traduzir a minha pergunta. Eu queria saber a que se deviam as obstruções súbitas à luz. Não me atrevi a mencionar Doña María e esperei a resposta. Don Panchito parecia zangado ao responder: «Pede a Deus, fala só com Deus...»

Voltei a deitar-me na minha rede enquanto continuava a trovejar. Ao fazer a pergunta a Don Panchito, um relâmpago próximo foi sincrónico com as minhas palavras. De olhos fechados, tentei reconstruir a expressão dele ao ouvir aquele trovão. Pareceu-me adivinhar espanto, pela sincronia. Quase pude garantir que começava a ouvir os pensamentos de Don Panchito.

Começou a chover de novo e o meu pensamento libertou-se da obstrução. Conjetei acerca de uma possível relação. Talvez Doña María me reconectasse ao feminino, ou seja, à terra, e o meu pensamento se obstruísse quando quer chover e se libertasse quando a chuva o faz.

Senti-me mal e soube que algo me obstruía. Era como uma parede colocada a meio do caminho. Lembrei-me da admoestação de Don Panchito e tentei falar com Deus. Senti que eram seres que me impediam de avançar. Outra vez a voz disse que se tratava de Doña María. Enfureci-me. Visualizei as entidades, ataquei-as, tirei-lhes força e expulsei-as do meu corpo. Pedi ajuda a Deus e, de repente, a parede desmoronou-se e vi-me livre para ser o que sou.

Começaram os pensamentos. Don Panchito está para lá dos espíritos. Ele só quer falar com Deus. Eu também quero estar com Deus, mas, no

entanto, o mundo ainda me atrai. Deus é demasiado abstrato para mim. Quero algo mais tangível e tecnicamente utilizável. Comprovei que recordar o Observador é o que sempre me ajuda. Por mais obstruído, angustiado ou confuso que me encontre, saber que posso observar e fazê-lo liberta-me sempre. Talvez Deus seja o Observador.

Algo me disse que me calasse...

Abri os olhos e vi Don Panchito a balouçar-se na rede olhando a chuva. Como gostaria de penetrar no seu pensamento! Parece calmo, em paz...

Ligaram a rádio no momento em que anunciavam a vitória do PRI e uma reunião da OPEP em Viena. Senti náuseas e saí da choça. Don Panchito continuava a contemplar a chuva sem dar atenção à rádio. Pensei que Don Panchito se parecia com Gandhi: magro e descoberto da cintura para cima, com um cajado. Até a cara é parecida com a do Gandhi, além do modo de vida...

Choveu toda a tarde. É noite e tudo parece renascido. A terra cheira a molhado e os grilos cantam a todo o volume. Don Panchito cobriu-se com um sarape* de muitas cores e eu pratico Mahamudra. A minha mente está em paz e em silêncio. É um estado de placidez total embalado pelos cantos da noite. Dou graças a Deus por me permitir viver este estado de graça.

*(NT: Manta de lã.)

Despedi-me de Don Panchito na manhã seguinte. Abraçámo-nos, cheirou-me e beijou-me a face esquerda e depois a direita, apontou para cima e disse-me num espanhol matizado pelo sotaque maia: «Sempre Deus.» Recomendou-me que não me desviasse do meu caminho.

CONSIDERACIONES PSICOFISIOLÓGICAS

Já que tratei o tema na primeira parte deste capítulo, aqui apenas tentarei estabelecer os correlativos psicofisiológicos de algumas experiências e processos.

Um dos aspetos mais notáveis do trabalho de Don Panchito é a sua capacidade de estabelecer contacto direto com os discípulos. Este contacto manifesta-se em várias instâncias e níveis. Um deles é o associado à técnica de *velación** que Doña Sara utiliza para lhe anunciar visitas e acontecimentos. Outro é a capacidade que Don Panchito tem de se comunicar em sonhos e durante a meditação silenciosa.

**(NT: Velório.)*

Sempre que me deitava ao lado dele, essa comunicação manifestava-se claramente sob a forma de um sustentáculo subtil e mental dos meus conteúdos de pensamento.

Em experiências recentes realizadas no meu laboratório, descobrimos que tanto os padrões de coerência inter-hemisférica como a morfologia da atividade eletroencefalográfica são transferíveis entre sujeitos. Sujeitos com coerência inter-hemisférica elevada fazem aumentar os valores de coerência de outros sujeitos, sem necessidade de procedimentos de comunicação verbal.

Uma coerência inter-hemisférica elevada atua como sustentáculo único dos conteúdos mentais. Sujeitos que aprendem a aumentar a sua coerência relatam que uma coerência elevada se acompanha de unificação interna e de um estado de paz.

Dado que a coerência inter-hemisférica se transfere de um sujeito para outro, é explicável como Don Panchito me ajudava a sustentar os meus processos mentais durante a nossa interação a curta distância. Da mesma forma, se se correlaciona a morfologia do EEG de dois cérebros, observa-se que esta aumenta durante a comunicação não-verbal, comparada com uma situação de controlo.

Isto indica que o cérebro humano possui, como uma das suas funções naturais, a capacidade de estabelecer contactos energéticos directos com outros cérebros.

10 Grinberg-Zylberbaum, J., "Acerca de las relaciones...", op. cit. 11 Ibid.

Capítulo 2

A LINHAGEM DOS GRANICEIROS DO ESTADO DE MORELOS

Não sabemos ao certo qual é a origem do linhagem dos graniceiros do estado de Morelos. Estimamos, porém, que deve ser muito antiga, a julgar pelos dados que alguns dos seus membros nos forneceram.

Um desses graniceiros, Don Lucio Campos, informou-nos de que recorda que a sua tradição se pratica pelo menos desde os tempos do bisavô, ou seja, há mais de um ou dois séculos.

Don Lucio é o diretor de um dos linhagens de graniceiros que se autodenominam servidores do tempo, pois o seu trabalho consiste principalmente em proteger os povoados de catástrofes naturais causadas por granizo, tempestades, etc.

Pelo menos uma vez por ano, no dia 5 de maio, todos os linhagens de graniceiros de Morelos reúnem-se numa gruta situada entre os vulcões Ixtaccihuatl e Popocatepetl, chamada «El Caleca», e ali realizam uma série de cerimónias mediante as quais pedem força e vontade para poder manejar as condições atmosféricas dos seus povoados durante o resto do ano.

Don Lucio, tal como os demais diretores de linhagens de graniceiros, tem a seu cargo um número variável de discípulos, que inicia na sua tradição e ensina artes curativas e de manejo do tempo.

O CONCEITO DE REALIDADE SEGUNDO DON LUCIO

De acordo com as entrevistas que o autor manteve com esta personagem, o conceito de realidade que sustenta e ensina tem como características principais a consideração de que tanto o manejo atmosférico do tempo como as indicações de cura e de seguimento de qualquer caso de doença são ditadas por seres a que chama trabalhadores do tempo. Estes, por sua vez comandados por uma série de personagens «etéreos», denominam-se os pastores. Segundo os graniceiros, existe uma quantidade considerável de rebanhos, que se diferenciam entre si pelas cores e pelos pastores que os comandam. Todos os rebanhos e todos os seus pastores estão comunicados entre si e trabalham juntos em diferentes ações tendentes a resolver problemas.

Por sua vez, os pastores dos rebanhos estão comandados por um pastor de pastores, que exerce um mandato absoluto e manifesta, mediante atos de vontade, os desejos que devem cumprir os pastores e os seus rebanhos. Don Lucio afirma conhecer este pastor de pastores, que lhe ordenou servir as pessoas mediante o uso de diferentes técnicas. (Algumas delas serão analisadas no presente capítulo.) Por isso, Don Lucio dedica-se, além de cuidar das terras do seu povoado, a curar todo o ser humano que solicite a sua ajuda.

Considera que a sua obrigação é atender as pessoas doentes e fá-lo num pequeno canto da sua casa, o recanto dos altares, adornado com vários quadros e objetos religiosos, além de profanos, e com velas acesas. Don

Lucio recebe os seus pacientes neste consultório autóctone e ali oferece-lhes consolo, medicamentos, prediz o futuro e atua como confessor e autêntico xamã.

Don Lucio afirma que todas as indicações e prescrições que dá aos seus doentes são ditadas por seres que pertencem, como já mencionei, aos trabalhadores do tempo. Estes seres dizem-lhe o que deve fazer e ele obedece aos seus mandatos, sem os duvidar.

Don Lucio afirma saber quando vão chegar os seus pacientes e, quando lhe perguntam como conhece essa informação, diz que são os trabalhadores do tempo que lhe informam acerca dos acontecimentos do futuro e que sempre tiveram razão nas suas predições.

OS PROCEDIMENTOS DE INICIAÇÃO DOS GRANICEIROS

A própria iniciação de Don Lucio (relatada no capítulo 1 do volume 1) é de interesse porque se encontra na base da sua descrição e do seu conceito de realidade.

Em geral, os discípulos de Don Lucio também requerem uma iniciação que implica que um raio caia nas proximidades do corpo. Quando um dos habitantes da região sofre este acidente, é enviado a Don Lucio que, a partir desse momento, se encarrega da sua educação.

Desta forma, à volta de Don Lucio conglomeraram-se uma série de personagens que experimentaram a iniciação e que persistem nas suas tentativas de se tornarem psicólogos autóctones íntegros.

Além do anterior, Don Lucio realiza cerimónias de iniciação a que chama «coroações», nas quais utiliza diversos procedimentos para «conectar» os aspirantes ao xamanismo com as entidades guias ou protetoras, que de alguma maneira exercerão controlo sobre o seu desenvolvimento. Algumas destas cerimónias serão descritas mais adiante.

NÍVEIS DE REALIDADE DOS GRANICEIROS

Em repetidas ocasiões, Don Lucio mencionou a existência de diferentes níveis de realidade como parte da sua conceção do mundo. Nesta conceção podem detetar-se, pelo menos, dois níveis diferentes de realidade. Por um lado, o que os graniceiros chamam o mundo invisível, que é o mundo do espaço habitado pelos trabalhadores do tempo. Ou seja, pelos

seres com os quais se põem em contacto durante a iniciação ao xamanismo e que, mais adiante, dirigem o seu desenvolvimento como homens de conhecimento. Estes seres espirituais não são observáveis a simples vista.

O mundo visível, em contrapartida, é o mundo dos objetos concretos e dos indivíduos corporizados. É o mundo dos homens, dos animais, das coisas, das nuvens, das tempestades, dos campos. Para estes xamãs existe uma relação íntima entre o mundo visível e o mundo invisível. De facto, o mundo visível está controlado pelo mundo invisível, de tal forma que tudo o que sucede na realidade concreta tem a sua determinação em decisões que os seres espirituais tomam no invisível.

Apenas o xamã está capacitado para se pôr em contacto com as ordens e os mandatos do mundo invisível e é, precisamente, através da sua iniciação que a mente do xamã se abre para receber as ordens e as informações diretas que provêm dos seres espirituais.

Depende da qualidade do xamã, da sua congruência e compromisso com o seu destino e com o seu caminho, o quanto acate à risca as ordens dos seres espirituais. Quanto mais integralmente execute essas ordens, maior hierarquia possui o xamã.

Don Lucio, por exemplo, conta que, de acordo com as ordens que recebe do mundo invisível, não deve afastar-se da sua casa. Se o fizer e chegar uma pessoa necessitada de ser atendida, não lhe proporcionar essa atenção implica uma desconexão da sua mente com os seres do invisível. Para o xamã essa desconexão seria fatal para o seu desenvolvimento, pois acabaria com a possibilidade de continuar a trabalhar e de prosseguir a obra encomendada, precisamente, pelos trabalhadores do tempo.

CERIMÓNIAS DOS XAMÃS

Fui testemunha de algumas das cerimónias que Don Lucio realiza com os seus discípulos e com as pessoas que lhe pedem atenção. Vou descrever algumas, tentando penetrar nos seus significados.

Don Lucio utiliza o fogo de forma contínua. Geralmente tem na sua mesa de trabalho uma vela acesa que serve para manter a conexão entre o mundo visível e o mundo invisível.

Em algumas iniciações, Don Lucio pede aos candidatos que tragam uma determinada quantidade de velas para serem acesas durante a

cerimónia. Através delas solicita aos trabalhadores do tempo que se ponham em contacto com o candidato.

No meu caso particular, fui submetido a uma dessas cerimónias na qual Don Lucio acendeu as doze velas que lhe levei. Dispôs ainda na mesa pães, chocolates, charutos, álcool, tequila, bolachas, mole e outros artigos que me pedira. Segundo Don Lucio, esses objetos servem para agradar aos trabalhadores do tempo e as velas para conhecer o nível espiritual do candidato e a sua maior ou menor aceitação por parte dos seres invisíveis.

Dependendo do tamanho das chamas, da sua coloração e dos seus movimentos, Don Lucio é capaz de definir ou determinar o grau de aceitação do candidato e o nível de espiritualidade que lhe corresponde.

Se uma ou várias velas se apagarem espontaneamente, é mau sinal. Significaria que se produz uma desconexão entre o candidato e os membros do mundo espiritual.

Outra das cerimónias que presenciei foi o que Don Lucio e os xamãs em geral chamam «vistas». Nelas o xamã utiliza um ou vários ovos que o candidato deve segurar durante uns minutos e depois devolver ao xamã. Este realiza uma série de movimentos esfregando os ovos no corpo do candidato, da cabeça aos pés. Depois de os movimentos serem realizados sempre da mesma forma, o xamã pega em dois copos cheios de água e neles verte os ovos, que deixam no interior da água os seus traços proteicos.

O xamã observa os traços, as bolhas que aparecem, a forma e disposição da gema, a sua coloração e a sua altura em relação ao fundo do copo e, a partir de todas essas informações, faz um diagnóstico acerca do estado físico e espiritual do candidato. Nessas «vistas» o xamã faz uma predição da possibilidade de avanço do candidato, dos seus bloqueios espirituais e das entidades positivas ou negativas com que esteve em contacto.

Depois de vários interrogatórios, Don Lucio confiou-me que a gema do ovo representa o corpo do candidato, enquanto a clara representa os seus níveis energéticos e as conexões espirituais que tem. Este procedimento diagnóstico é utilizado com doentes, com pessoas que vêm consultar o xamã e com candidatos à iniciação.

Outra das cerimónias que Don Lucio realiza consiste no manejo da palma e do líquido de limpeza para casos de possessão espiritual. Nestes casos, à pessoa que o consulta o xamã bate no corpo com folhas de palma

entrelaçadas e lança-lhe ao corpo um líquido com o objetivo de o libertar de energias negativas que estão «coladas» ao mesmo. Geralmente esta cerimónia de limpeza energética é acompanhada por uma série de orações e pedidos que o xamã verbaliza em voz alta, enquanto maneja a palma e o líquido de limpeza.

Outra cerimónia, também de limpeza, consiste em o xamã verter um líquido especial nas suas mãos e depois colocá-las na nuca e na testa do paciente. Nesta situação repete em voz alta um pedido de ajuda espiritual e continua a verter o líquido nas palmas, molhando com ele o cabelo do paciente, os braços e, por último, as mãos.

Por vezes bate com as mãos nos costados e nas costas do paciente, enquanto prossegue com o pedido de alívio. Esta cerimónia chama-se de «despojo» e tem como objetivo libertar o paciente de alterações energéticas sutis que lhe impedem manter-se num estado de clareza mental. (No final deste capítulo encontra-se a transcrição de uma gravação realizada numa cerimónia de despojo.)

MANEJOS ENERGÉTICOS

Existe uma grande quantidade de manejos de energia e de técnicas energéticas utilizadas pelos graniceiros do estado de Morelos.

Uma das técnicas consiste na preparação para receber mensagens dos trabalhadores do tempo. Neste sentido, vi Don Lucio fechar os olhos e concentrar-se profundamente na receção de mensagens perante alguma pergunta que requeira essa receção. Por vezes essa receção ocorre sem necessidade de realizar a manobra anterior. Em ambos os casos Don Lucio relata ter escutado as ordens dos seres do mundo invisível, que lhe dizem o que fazer e como manejar as situações.

Outro dos manejos energéticos é o que bem se poderia denominar «visão remota». Nela o xamã é capaz de perceber eventos que ocorrem em localizações afastadas do seu corpo.

Nessas operações o xamã senta-se, fecha os olhos, concentra-se no seu entrecenho e diz ver ali os acontecimentos que quer perceber.

Numa ocasião solicitei ajuda a Don Lucio para poder realizar a mesma operação de visão remota. Ele acedeu e pediu-me que fechasse os olhos. Colocou os polegares e indicadores sobre o meu entrecenho e fez vibrar os dedos como se quisesse ativar energeticamente esta zona do meu corpo. A

experiência que tive durante esta ação foi a aparição de uma imagem clara, na qual o tema principal era uma cabana rústica, num terreno de um pequeno povoado, onde se encontrava um homem sentado junto à porta da cabana. Curiosamente, pouco tempo depois desta experiência, ao ir investigar Don Panchito, descobri que vivia num povoado semelhante ao da imagem e numa cabana parecida à da visão.

Que isto demonstre que a experiência estimulada por Don Lucio foi uma autêntica experiência de visão remota não pode afirmar-se com absoluta segurança; contudo, a coincidência indica que provavelmente os procedimentos de Don Lucio estimulam experiências de deteção de informação à distância.

PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS DE CURA

Uma das facetas mais importantes do trabalho de Don Lucio, e dos xamãs do estado de Morelos, é o trabalho de cura ao qual já fiz referência.

As técnicas e procedimentos de cura são muito variados e alguns ainda não são partilhados abertamente por Don Lucio. Algumas técnicas de cura mostrou-mas e explicou-mas este xamã, e a elas farei referência sem deixar de considerar que são uma amostra muito pequena da grande quantidade de procedimentos utilizados por Don Lucio.

A primeira técnica consiste na ingestão de medicamentos preparados pelo xamã, que se utilizam para desalojar do corpo elementos adversos à saúde.

As substâncias que Don Lucio utiliza nos seus medicamentos são pós obtidos de ervas, que se misturam com azeite caseiro e são ingeridos pelos pacientes que assim o requeiram, da seguinte maneira: Don Lucio pede aos seus pacientes que cheguem junto dele a uma hora temprana do dia, em jejum, e fá-los beber um copo cheio de azeite onde dissolveu as substâncias medicamentosas. O efeito que produz a ingestão deste medicamento autóctone geralmente é a diarreia, considerada pelo xamã como sinal muito positivo, indicador de que o processo de cura, e sobretudo de despejo dos elementos negativos incorporados no corpo, foi exitoso.

Outro dos procedimentos é colocar substâncias na superfície do corpo, entre as quais se encontra um pó esbranquiçado que obtém das costas de Guerrero e mediante o qual Don Lucio diz ser capaz de afastar os elementos negativos que externamente afetam as pessoas.

Don Lucio considera que existe um contínuo estado de interação energética entre os seres humanos. Afirma que pensamentos e emoções negativos de interação, como a inveja, os ciúmes e o ódio, podem chegar a adoecer.

Mediante a aplicação de substâncias na superfície da pele, a ingestão de medicamentos autóctones e utilizando outros procedimentos terapêuticos, os graniceiros conseguem evitar, ou pelo menos diminuir, os efeitos nocivos de tais interações.

TRANSCRIÇÃO DE UMA CONVERSA GRAVADA ENTRE O AUTOR E DON LUCIO

Durante o início da conversa, Don Lucio faz referência a um ser invisível que vive na montanha. Este ser, segundo Don Lucio, permaneceu ali durante 200 anos a cuidar de um tesouro escondido. Cada vez que alguém se aproxima do lugar, este ser rejeita o visitante. Don Lucio recomenda uma cerimónia para lhe dar luz e afastá-lo do lugar. Mais adiante, Don Lucio fala acerca do seu linhagem e, durante a conversa, faz referência à colaboração que existe entre o seu linhagem e alguns sacerdotes cristãos. Por último, conseguiu-se gravar uma cerimónia de desalojo.

Don Lucio: O dia em que iam trazer ali uns cem mil pesos, roubavam-lhes as malas completas. E não lhas roubavam, tiravam-nas, tiravam-nas, entregavam-nas ao fazendeiro, isto não é questão de ver se lhas queriam dar. Claro, então digo-lhes que esta gente é de lei.

Então faça-o quanto antes, antes que se zangue mais.

O autor: Não, sim, e ali caramba! Mas tive de sair como um foguete.

Don Lucio: Não, se já se tivessem conseguido as quatro velas, homem. Faça-o!, mas quanto antes.

O autor: A ver se para o próximo sábado, vou tentar.

Don Lucio: Faça-o e leve-as a México, a qualquer igrejinha que o padre lhas bendiga. E se não quiser, por medo de que não o atendam, vá a Coyoacán. Diga ao padre: «faça-me este grande favor de bendizer estas velas»; se quiser: «venho da parte de Don Lucio» e verá como ele o atende.

O autor: Sim.

Don Lucio: «Dê-me um bocadinho de água benta de favor», diga-lhe que lhe dê um bocadinho de água benta e traga-ma, e vamos arranjar-lhe o lugar, vai ver!

Essa luz não é questão de para quê, só porque um quer. Não senhor! É luz, desde logo, ao ir pôr esse resguardo, essa luz vai-se doar ao indivíduo, vai-se chamar ali, aqui está esta luz, para que tu te sirvas dela e possas chegar ante as plantas do Senhor e não prejudiques quem trabalha. É para isso, senhor, não é para outra coisa e é de lei a luz, é de lei. Se não fosse de lei a luz, eu dir-lhe-ia, vamos fazê-lo assim só, mas, não senhor!, o que está a pedir é luz, já não quer estar a sofrer, porque está a sofrer as trevas do monte, desde essa época até esta data, então quer dizer que lhe vamos dar luz para que se possa aproximar ante as plantas do Senhor e já o tome em conta. E já tome o seu descanso ele, porque desde a época em que andou em trabalho até à data, está a trabalhar e não descansa. Claro! faça de conta, que tempo foi até esta data.

Pois se não me engano, por aí vai e já.

Anda sobre os dois séculos, esse homem assim como o vê já anda sobre os dois séculos.

O autor: E é um, é um, Don Lucio?

Don Lucio: O interessado nisso é um, claro!, não está sozinho, desde logo não está sozinho porque esses homens para dar um golpe a um fazendeiro não iam dois, iam grupos de dez, de quinze, de vinte e cinco, de cinquenta.

O autor: Mas, como tem dois séculos?, se os plateados foram há como 70 anos.

Don Lucio: Não, que lhe passa?

O autor: Sim.

Don Lucio: Porquê 70 anos? Porquê?

O autor: Ah não, de verdade, é certo!

Don Lucio: Porquê 70 anos?

O autor: Sim, é certo, antes da Revolução.

Don Lucio: Claro, muito antes, que lhe passa! Que lhe passa a esse pensamento.

O autor: Não pois traz-me louco lá em cima, tira-me o pensamento.

Don Lucio: Não, quais 70. Setenta levo eu, repare, não, já o senhor não estava, não, quais homens trabalhando na loja em que eu andava. Não,

quais 70. Não senhor!, mais de dois séculos, esses homens quando trabalharam.

O autor: Claro.

Don Lucio: Essa é a realidade, isso é o verídico, nesse tempo foi o seu apogeu deles, então eram diligências, não como hoje para que veja, tempo das diligências. Em que ano foi, em que época foi, nesse tempo foram eles. É quando assaltavam as diligências, mas a direito.

O autor: Oiça, Don Lucio, de onde vêm os servidores do tempo?

Don Lucio: Como, como, como?

O autor: Como começou o dos graniceiros, quem começou isto?

Don Lucio: Pois como?, que crê que apenas, homem! Havia homens mais úteis do que eu, desde logo, já não vou dizer que eu sou o único e o mais útil ou o melhor, é parte do tempo, leva tempo já, desde quando as primeiras gerações, senhor, desde ali vem. Não creia que é invento novo, não senhor! Este invento não é novo. Estes inventos não são inventos, senão trabalhos que se faziam naquela época, melhor ainda do que o que fazemos. Assim é desde que o Senhor disse que fazia falta a água e que tinha de chover. Desde logo houve gentes que trabalhavam na nuvem, que levavam a água ao tempo, a diferentes partes. Desde essa época, senhor, isto não é novo e pergunte-o a outro que saiba mais do que eu.

O autor: Não, pois quem vai saber mais do que o senhor, mas o senhor teve mestres, além dos trabalhadores do tempo? Um mestre vivo?

Don Lucio: Não.

O autor: Por exemplo os seus avós. Dos seus avós o senhor não conheceu um servidor?

Don Lucio: O meu avô, Fermín Campos.

O autor: Ele era trabalhador?

Don Lucio: Não! Não era nada. Era trabalhador do campo, mas havia outros.

O autor: E sim os conheceu o senhor?

Don Lucio: Sim, claro! Chegou aos meus ouvidos que trabalhavam. Eles tinham o seu templo no cerro del Tezoyo, ali eram trabalhadores, mas francamente eu não os conheci. Para quê vou dizer que foram meus mestres, quando eles morreram, pois o senhor que crê; eu acabara de nascer.

O autor: E quem vai seguir o senhor?

Don Lucio: Não sei dizer-lhe, mas não faltará quem, desde logo!

O autor: Mas como vai ser escolhido?

Don Lucio: Não, eu não escolho nada, pois como, impossível! O que decide é o de cima, não eu; eu não posso dar um dom, não posso dar um trabalho; tu vais fazer isto, tu vais fazer aquilo. Estas coisas são muito sérias. Por exemplo, o trabalho que eu levo, nenhum mundano me disse: tu vais fazer isto, por isso há tantos. O senhor já se deu conta quem mete as mãos. Quem é que diz «eu de verdade sei e o que faço agora», quem? Já o vi, tantos que se dão ares de maiores e de muito conhecimento. Senhores de muita idade mas de pouca experiência, isso é o mau, o truque é fazê-lo, sabê-lo fazer. Não é andar a dizer «Eu sou melhor, eu sei isto, eu sou aquilo e à hora da verdade que se ofereça algo sério, não sei o que fazer». Não, isso não! O truque é somente um sabe o que sabe. Que se trata disto de momento que por egoísmo, por o que o senhor quiser, tomaram alguma pessoa ou caiu a bronca, o senhor sabe o que vai passar. Vamos, levanta-te e a trabalhar, ali se demonstra a sabedoria. Não se demonstra em palavras, não se demonstra em conversas, o que tanto fala não sabe nada, senhor. Essa é a realidade, sim senhor, assim são as coisas.

O autor: E agora Don Lucio, além do senhor, quem está a trabalhar que o senhor saiba, que de verdade está preparado?

Don Lucio: Ah claro que é ele que reparte!

O autor: Não, mas outro trabalhador como o senhor.

Don Lucio: Ah não, não! Já não há.

Eu procurei e não posso encontrá-lo, o dia em que o encontrar, a um companheiro que saiba de verdade, que me diga sei trabalhar no tempo ou eu trabalhei em tal época, desta forma, de tal outra, passei por tal dificuldade. Partes vi isto, vi isto outro, que me faça um testemunho, que diga pois, eu sei como se dispara um raio, como o elaboram com o que o dispararam e que me dê as provas de verdade o que é verídico como se trabalha ali. Então dar-me-á muito gosto, então direi até que tive um companheiro! Agora sim! Algo que me ofereça, eu sei a quem pedir ajuda, o dia em que se lhe ofereça algo, estou para o ajudar. E aqui ajudamo-nos um ao outro, mas senhor já tantos anos para lá e para cá,

O autor: Não viu o senhor?

Don Lucio: Não há! Há puras conversas, há puros contos.

O autor: E por que não lhe ensina o senhor a alguém?

Don Lucio: Não posso fazê-lo, para isso precisa que lhe faça o Senhor a prova.

O autor: Pô-lo à prova?

Don Lucio: Precisa-se da vontade Dele, se eu lhe digo tu fazes isto, tu fazes aquilo, pois não vai servir porque daqui a pouco qualquer momento encontra-se com um que saiba de verdade e que lhe faça algumas perguntas de como se trabalha lá, como é o movimento do Universo. E vamos a ver, com que ele não saiba responder. Para isso precisamos de servidores, mas de verdade. Oxalá mais adiante haja um decidido que de verdade. Isso deve ser pela vontade de Deus, porque só porque eu lhe diga, tu vais ser isto, tu vais ser aquilo desta forma, desta outra. Não vai servir, porque as minhas conversas não são úteis.



Don Lucio

O Senhor vai escolher quem é que de verdade tem pensamento, tem talento para que grave tudo, mas **aqui!** na sua mente. Não escrito num livro, não senhor, os livros não servem para este trabalho. O livro deve-se trazer aqui, este é o verdadeiro livro. Que grave um, tudo o que trabalhou um, as partes por onde andou um, como se maneja a gente ali, como são, se são como nós ou o quê. É muito para poder trabalhar, então precisa-se da vontade do Senhor. Mas já digo, há tempo, não sei, quem sabe e mais adiante a melhor o Senhor decida ou disponha alguém que agarre este trabalho, pois que bem, mas eu espero a vontade porque eu para dizer «este vai ser», pois não. Não, porque são grandes compromissos, porque no tempo é como enfrentar uma revolução, para isso precisa saber o que está a passar, ou quem está a passar. Porquê a tormenta ou o granizo, ou segundo? Precisa que haja muita decisão. Pois sim senhor! Assim são as coisas.

O autor: Faz-me um desalojo, Don Lucio?

Don Lucio: Sim, claro!

(Transcreve-se a bênção durante o despojo.) Ave Maria puríssima e Ave Maria santíssima, Padrecito lindo e amorosíssimo Senhor, concede a tua santa graça, Senhor. Que estas águas cristalinas de onde houveres tomado o santíssimo batismo, são as mesmas que estou a utilizar, Padre

amorosíssimo Senhor, para despejar este corpo, este filho. Para volatilizar as más vontades, as perturbações que o perturbam. Mas quem como as tuas mãos divinas, Senhor, e a tua presença divina que está connosco, para que sejam as tuas mãozinhas divinas as que façam esta obra de caridade e não as minhas.

Em nome da Santíssima Trindade, Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Padrecito lindo e amorosíssimo Senhor, bendizei estas mãos, Senhor, e protegei-o, Senhor, para que não tenha perturbações no seu trabalho, no seu caminho, com o grupo com que trabalha, Senhor. Que haja acordo, que haja controlo, que haja decisão, que haja uma boa conformidade para esses trabalhos, Senhor, bendizei estas mãos para essa moléstia invisível que se multiplicou nelas e não falte pão de cada dia no seu lar.

Glória ao Pai e Glória ao Filho e Glória ao Espírito Santo.

Está servido, senhor.

O autor: Obrigado, Don Lucio.

CONCLUSÕES

É difícil fazer um resumo conclusivo dos linhagens de servidores do tempo, ou graniceiros do estado de Morelos. Apesar disso, tentarei descrever algumas características que podem considerar-se comuns e que apresentam a conceção de realidade que estes personagens manejam.

Em primeiro lugar, uma das características do conceito de realidade destes linhagens é a consideração de que existem diferentes níveis de realidade. Isto é, que a realidade não é una e homogénea, mas que existem diferentes estratos a que se pode penetrar, dependendo do treino dos níveis iniciáticos e outras condições dos candidatos.

Os principais níveis de realidade são dois, de acordo com os servidores do tempo. Por um lado, o que eles chamam o mundo invisível, povoado de seres espirituais incorpóreos. E por outro, o que denominam mundo visível, formado por objetos, pessoas, animais, etc.

A possibilidade de penetrar no mundo invisível ocorre depois de o candidato ser submetido a uma prova iniciática, que consiste em ser escolhido pelos trabalhadores do tempo para se comunicar com eles. A prova iniciática de maior valor ocorre quando ao candidato cai um raio. Para o diretor do linhagem dos graniceiros isto é uma prova indiscutível de

que o candidato foi escolhido para se converter num servidor do tempo. Depois de acontecido este sucedido, o candidato é submetido a uma iniciação na qual o diretor do linhagem solicita que os trabalhadores do tempo se comuniquem, que estabeleçam um laço de união entre eles e o candidato.

Em outras condições menos dramáticas, a pedido de pessoas interessadas em ingressar no linhagem, Don Lucio realiza uma série de cerimónias nas quais, como vimos, anuncia a entrada do candidato no linhagem e também solicita para ele energia e luz, proveniente dos seres que povoam os mundos invisíveis.

Depois destas indicações, os candidatos aceitam permanecer em contacto mais ou menos permanente com o diretor do linhagem, que lhes resolve as dúvidas, os acompanha durante o seu desenvolvimento e lhes explica algumas técnicas e condutas adequadas para que continuem a desenvolver-se.

Capítulo 3

O CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO NO XAMANISMO MEXICANO

Temos dados suficientes acerca de alguns xamãs para tentar realizar um primeiro esboço acerca da concepção do desenvolvimento do xamanismo mexicano.

Neste capítulo analisar-se-ão os linhagens de Don Juan Matus de Sonora (segundo as descrições proporcionadas nos livros de Carlos Castaneda), Don Lucio Campos de Morelos e Don Panchito de Yucatán, com o objetivo de integrar os seus conceitos de desenvolvimento.

O CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO NA LINHAGEM DE DON JUAN MATUS

Um dos linhagens mais conhecidos de xamãs mexicanos é o de Don Juan Matus de Sonora. Este xamã-nahual foi estudado por um dos seus discípulos, Carlos Castaneda, que escreveu sete livros acerca do ensino de Don Juan Matus e da sua repercussão em muitas áreas do conhecimento.

Acerca do desenvolvimento, Castaneda diz-nos que, segundo Don Juan, uma das conclusões mais importantes de ser os xamãs do seu

linhagem é que o propósito da vida humana consiste em aumentar a consciência. O desenvolvimento, segundo esta concepção, seria precisamente encaminhar a vontade e concentrar a atenção no logro de uma consciência de ser cada vez maior.

Segundo Don Juan Matus, a realidade resulta de um processo muito complicado, no qual se produz um alinhamento entre dois sistemas de emanções da consciência. Para o linhagem de Don Juan, o corpo físico está rodeado por uma espécie de corpo luminoso a que se chama casulo. No interior deste casulo existem uma série de bandas de emanções em número elevado. Estas bandas são as chamadas bandas internas. Por fora do casulo luminoso também existem bandas de emanções, que se denominam bandas externas.

O processo de criação da realidade implica a interação e alinhamento entre bandas de emanções internas e bandas de emanções externas. Cada vez que se alinham as bandas internas com as externas aparece uma realidade. As possibilidades de alinhamento entre ambas as bandas são praticamente infinitas e produzem-se com a ajuda de um modulador que, no linhagem de Don Juan, se chama o «ponto de encaixe».

O ponto de encaixe atua como uma espécie de íman luminoso que atrai bandas internas e externas e as alinha, criando assim uma realidade.

O desenvolvimento da consciência de ser implica tornar-se consciente de ser em cada uma das realidades possíveis, dadas pelo alinhamento entre as bandas internas e as externas.

O pináculo do desenvolvimento alcança-se quando o homem de conhecimento percorreu todas as realidades possíveis e se tornou consciente de ser em todas e cada uma delas.

No momento em que o xamã logra ser consciente de todas as suas bandas de forma simultânea, alcança a liberdade total, que é a meta do desenvolvimento segundo o linhagem de Don Juan Matus.

Por outro lado, além de aumentar a consciência de ser em todas as bandas, o crescimento implica o logro do controlo total das posições do ponto de encaixe. Um homem convencional tem o seu ponto de encaixe fixo, alinhando as bandas internas e externas associadas à vida quotidiana. Devido à fixidez do ponto de encaixe, a realidade que produz o alinhamento de bandas permanece estática e não muda, dando lugar à ilusão de que a realidade da vida quotidiana é a única realidade existente.

Para o homem em desenvolvimento, em contrapartida, as realidades existem em número praticamente infinito e o ponto de encaixe não se encontra fixo numa só posição, mas pode mover-se. A possibilidade de controlar à vontade as posições do ponto de encaixe caracteriza o homem de conhecimento.

O que faz o ponto de encaixe mover-se é o intento, e o xamã aprende além disso a ser consciente de ser, a utilizar o seu intento para mover o seu ponto de encaixe à vontade.

O CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO PARA DON LUCIO DE MORELOS

Para Don Lucio Campos o desenvolvimento implica a expansão da consciência e a capacidade de detetar os acontecimentos que ocorrem tanto na realidade da vida quotidiana como no mundo invisível.

Para Don Lucio existem dois níveis de realidade. Por um lado a realidade visível e física que nos dão os nossos sentidos corporais. Por outro, a realidade invisível habitada por seres espirituais e por uma série de acontecimentos que só podem ser detetados se se possui a capacidade de discriminação e de visão adequadas.

Para Don Lucio os seres espirituais estão organizados em grupos comandados por chefes. A cada um destes grupos ele denomina-os «rebanhos» e a cada um dos seus chefes «pastores» dos rebanhos.

Durante a sua iniciação este xamã assegura ter convivido com os rebanhos e ter conhecido os pastores dos mesmos, enquanto o seu espírito viajava com estes seres e o seu corpo permanecia inconsciente e em coma, durante três anos.

De acordo com Don Lucio, o desenvolvimento implica a capacidade de lograr que o espírito pessoal se desprenda do corpo e entre em contacto com os rebanhos e os seus pastores.

Na vida de todos os dias recebemos mensagens e sinais que nos chegam do habitat dos rebanhos. Quando o nosso conhecimento da realidade invisível é suficiente, podemos detetar estas mensagens sabendo a sua procedência e significado.

Para Don Lucio esta capacidade de deteção é sinónimo de desenvolvimento, e ele alenta a busca de conhecimento e experiências reais no mundo invisível, com o objetivo de aumentar a capacidade de dar-se

conta do praticante. Considera que todas as sessões espiritualistas e espíritas, nas quais um ser não consciente de si mesmo responde perguntas, dá informação, guia e mais, constitui um erro. Tudo aquilo que se realiza de forma inconsciente é uma desviação do caminho reto. Para Don Lucio este caminho implica dar-se conta de realidades cada vez mais e mais sutis.

Como já vimos, Don Lucio é o dirigente de um dos linhagens mais importantes de xamãs, o dos graniceiros do estado de Morelos. Estes graniceiros dedicam-se a controlar as tormentas, a cuidar dos pastos e das sementeiras das condições atmosféricas adversas que as possam danificar. Para ele um dos sinónimos e sinais do desenvolvimento é, precisamente, a capacidade de proteger as colheitas de atuar de forma direta sobre as condições atmosféricas. Por exemplo, movendo nuvens, desviando granizos e mudando as condições climáticas num sentido positivo.

Outra das características do desenvolvimento é a sensibilidade de um ser humano para com outro. Segundo Don Lucio, esta capacidade evidencia-se quando alguém é capaz de detetar os conteúdos de pensamento e as emoções de outro ser humano, sem necessidade de lhe perguntar explicitamente acerca das mesmas.

Para Don Lucio existe um nível de impecabilidade que deve imperar em todo o processo de desenvolvimento. A impecabilidade é a capacidade de detetar as mensagens provenientes do mundo invisível. Cada ser humano, segundo ele, pertence a um rebanho e está comandado, no invisível, por um pastor. O desenvolvimento do ser humano implica a capacidade de estar aberto e recetivo às ordens, à informação e às mensagens provenientes do rebanho a que se pertence e do pastor que o guia. Quando estas mensagens logram detetar-se e seguir-se à risca, a pessoa que assim o faz pode considerar-se avançada no seu desenvolvimento. Por isso, para Don Lucio o desenvolvimento implica, além de aumentar a consciência, a capacidade de ser impecável e responder com realidade aos pedidos provenientes do mundo espiritual. Para este xamã é básico que o ser humano em processo de desenvolvimento confie, adquira fé e a mantenha mediante um contacto real com o seu rebanho e o seu pastor.

Dentro da conceção de desenvolvimento que ele sustenta, encontram-se várias manifestações que para este xamã são indicativas do nível em que se encontra uma pessoa.

Uma destas manifestações é a capacidade que tem a pessoa para detetar de forma direta as intenções e os pensamentos de outra. Segundo Don Lucio, esta capacidade de deteção direta é uma manifestação clara da abertura do aprendiz para a existência de outras realidades.

Outra das determinantes manifestas do grau de desenvolvimento é a capacidade de detetar, também de forma direta, as mensagens e visualizar a presença do que Don Lucio chama «trabalhadores do tempo».

Os trabalhadores do tempo são, segundo este xamã, entidades que se dedicam a estimular o desenvolvimento de seres que foram escolhidos para avançar no caminho do xamanismo. Estes trabalhadores vivem em níveis espirituais invisíveis e dedicam-se a realizar uma série de trabalhos de ajuda à humanidade. A maior parte dos trabalhadores são seres que perderam os seus corpos físicos e vivem no plano espiritual em corpos luminosos, que segundo ele são parecidos aos corpos físicos.

Os trabalhadores do tempo estão organizados em quadrilhas, grupos ou rebanhos comandados por pastores. O grau de desenvolvimento de uma pessoa manifesta-se em relação com a sua capacidade para seguir os comandos dos rebanhos e dos pastores e para detetar as suas mensagens, como já disse anteriormente.

Por último, Don Lucio sustenta que o verdadeiro desenvolvimento é sempre um desenvolvimento da consciência, jamais um manejo inconsciente no qual o sujeito não tem controlo, memória nem consciência do que sucedeu. Se o caminho da consciência se segue de forma impecável, então a pessoa está cada vez mais próxima da luz e avança de forma clara e limpa num desenvolvimento adequado.

O CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO EM DON PANCHITO DE YUCATÁN

Don Panchito, como já vimos, é um xamã-nahual maia de um pequeno povoado no centro da península iucateca e praticamente toda a sua vida viveu nesse lugar, dedicando-se às labores próprias de um xamã-nahual mexicano.

Tal como Don Lucio e Don Juan, para Don Panchito o índice mais importante do desenvolvimento é a expansão da capacidade de dar-se conta. Na minha experiência pessoal com este xamã, comprovei que nele esta capacidade alcança graus supremos.

Don Panchito parece ser capaz de reconhecer o processo de criação da sua própria experiência, desde a ativação dos seus níveis mais fundamentais até ao aparecimento da complexa informação na consciência. Por outras palavras, parece capaz de ser consciente da ativação dos seus recetores até ao aparecimento da imagem da consciência.

Na tradição oriental, especificamente a budista tibetana, a essa capacidade chama-se Mahamudra, e com o mesmo termo conhece-se a técnica que se emprega para desenvolver a consciência da criação da experiência interna em todas as suas fases. Don Panchito poderia ser certamente considerado um grande mestre mahamúdrico no Ocidente. Por outro lado, ele considera que uma das mais importantes avenidas do desenvolvimento é a que leva a estabelecer um contacto com Deus. De facto, em múltiplas ocasiões afirmou que o que realmente vale a pena, para ser humano, é a capacidade de estabelecer um contacto direto com Deus.

Acerca de qual é o conceito que em Don Panchito se encontra por detrás da denominação Deus, este parece implicar a consideração da existência de um ser omniabrangente e todo inteligência, que rege a evolução e determina o desenvolvimento de cada um dos seres dentro da sua criação.

Como resultado do seu ênfase na necessidade de expandir a consciência, Don Panchito é capaz de detetar informações sutis e utilizar esta deteção em processos oraculares. Tal como muitos dos xamãs maias, Don Panchito utiliza as chamadas esferas de adivinhação (sasi) que permitem, utilizando uma deteção adequada, determinar o futuro provável das gentes que consultam esta arte divinatória.

Por outro lado, Don Panchito, tal como Don Lucio, parece ser capaz de detetar de forma direta o estado mental, a ativação e o nível emocional dos seus pacientes. Esta deteção é uma manifestação da sua capacidade de consciência e determina nele uma capacidade não só para detetar os problemas dos seus pacientes mas também para determinar o processo de cura a que os submete.

Desta forma, uma das características do trabalho de Don Panchito é a capacidade de curar a gente, a qual segundo ele é uma medida do seu próprio desenvolvimento, além de a considerar como um sinal do desenvolvimento de qualquer gente com a qual interage. A capacidade curativa resulta de todo um processo de sensibilização e de crescimento pessoal no qual a consciência joga um papel primordial.

CONCLUSÕES GERAIS

Até à data, três são os xamãs mais importantes que localizámos na República Mexicana. Um deles, infelizmente falecido, é Don Juan Matus de Sonora, e os outros dois são: Don Lucio de Morelos e Don Panchito de Yucatán, ainda vivos.

Don Panchito tem mais de cem anos de idade, enquanto Don Lucio acabou de cumprir 71. Ambos são xamãs experimentados que durante décadas trabalharam curando, orientando e colaborando no desenvolvimento de quem temos a honra de os conhecer.

Estes três xamãs consideram que o caminho do desenvolvimento é o caminho da expansão da consciência, no qual um ser humano se torna capaz, cada vez com maior intensidade e profundidade, de dar-se conta do que experimenta e do que o rodeia. Esta capacidade de ser consciente permite-lhes realizar verdadeiras façanhas psíquicas, como é o conhecimento imediato do que ocorre no interior dos seus pacientes, o desenvolvimento de técnicas terapêuticas específicas e individuais e, sobretudo, a conceção de vida que partilham com as pessoas a quem tratam.

Nesta conceção, um dos parâmetros mais importantes é a impecabilidade. Os três consideram que o desenvolvimento mais adequado se dá quando os seres humanos somos capazes de viver de forma impecável. Viver assim implica não violar em nenhum momento a própria consciência, fazer o bem e aprender a ser cada vez mais conscientes da própria existência, do próprio destino e da missão que a cada um nos toca nesta vida.

Don Panchito considera que o caminho da impecabilidade permite estabelecer um contacto direto com Deus. Don Lucio considera que esse caminho implica seguir o trabalho do rebanho a que se pertence e ajudar o guia ou pastor do mesmo a realizar labores conjuntas. Para ele o trabalho é partilhado, e é com isto que a missão pessoal adquire sentido.

Para Don Juan os membros do seu linhagem agrupam-se sob a guia de um mestre chamado «nahual», que é o mais capacitado para penetrar no desconhecido e ajudar por meio do seu próprio exemplo e mediante

técnicas adequadas, a que os membros do linhagem penetrem em realidades alternas.

Embora para o linhagem de Don Juan o desenvolvimento seja fundamentalmente individual e consista numa expansão da consciência de ser, o seu trabalho realiza-se em agrupações que muito bem poderiam ser similares às que Don Lucio denomina «rebanhos».

Dos três xamãs considerados, Don Juan é, sem dúvida alguma, o que maior capacidade conceptual alcançou. Contudo, os três são similares no seu desejo de entender o processo de vida e o processo de desenvolvimento da consciência, embora cada um com as suas particularidades específicas.

TRANSCRIÇÃO DE UMA CONVERSA COM DON LUCIO

A 26 de janeiro de 1986 o autor teve a oportunidade de gravar uma conversa com Don Lucio de Morelos, na qual este xamã lhe explicou qual é o seu conceito de desenvolvimento e como este se leva a cabo.

Don Lucio: Das raparigas (tossiu).

O autor: Sim, repare que..., que barbaridade, pois, como não sei. O senhor só dá ensino?

Don Lucio: Como, como?

O autor: O senhor dá ensino? Depende de como se lhe entenda, não é certo? Porque o senhor conecta-se mente com mente, então depende da mente de quem o ouve, até aí chega, não é certo? Não é que o senhor queira ou não queira, é que assim sai. Ou seja, se eu o estou a entender, se eu entendesse por exemplo como faz o senhor para disparar um raio, o senhor explicar-me-ia. Se não entendo não me explica, não é certo?

Don Lucio: Que se tu entendesses e soubesses como conectar-te...?

O autor: O senhor explicar-me-ia?

Don Lucio: Pois...

O autor: Se o senhor me diz, se o senhor me diz, não pois o raio dispara-se assim.

Don Lucio: Claro.

O autor: E se eu entendesse, o senhor continuar-me-ia a explicar?

Don Lucio: Seguro, mas pois é difícil, mano, é difícil.

O autor: (riso).

Don Lucio: Sim, porque é dizer, é difícil por esta razão. Porque essas já são coisas de, já são coisas sérias do outro lado, já é de onde se trata do

invisível, já não do visível. Essa conexão é do invisível, não é do visível. Então isso é a questão de que seria problemático, pois..., bem se poderia..., porque como eu oiço a vontade, mas...

O autor: Por isso lhe digo, por isso lhe digo.

Don Lucio: Mas pois o truque é que, não é tão fácil desprender-se. Aí está a traba pois; eu digo-te como e isso. Mas para que desprendas o teu espírito, como, como seria?

O autor: Pois vendo, observando. Porque o espírito, como eu o entendo, não? O espírito sempre é o que vê, é o que vê em nós.

Don Lucio: Seguro, pois ele é. É ele que vê tudo em nós.

O autor: Exatamente.

Don Lucio: Mas para desprender-se, para ir ao outro lado?

O autor: Pois, como?

Don Lucio: Como?

O autor: Por isso lhe pergunto.

Don Lucio: Como lhe farias ser consciente ao teu corpo?

O autor: Pois observando-o.

Don Lucio: Porque o corpo e o espírito, digo não, não tão fácil se desconectam. Porque o truque é conectar, desconectar o espírito do seu lugar, sim? Voar, ir, deixar o corpo. Mas o que precisas é que o corpo seja consciente que o espírito se vá.

O autor: Que o corpo seja consciente que o espírito se vá?

Don Lucio: Pois sim.

O autor: Ou que o espírito seja consciente...?

Don Lucio: Precisa-se... Como?

O autor: Como? Não entendi. Ou seja, o que é consciente é o espírito. Qual é o consciente?

Don Lucio: Claro, é dizer que eu quando, por exemplo para estas coisas, o que faço não foi questão de que, de que... Por exemplo como estamos a conversar agora, se queres pois faz, eu ajudo-te. Não, a minha missão foi diferente, foi questão que me aprenderam e órale, vamos e a trabalhar.

O autor: Desprenderam-no.

Don Lucio: Aprenderam-me, fui um preso. Levaram-me ao invisível.

O autor: Ou seja eles tomaram o seu espírito, separaram-no do seu corpo?

Don Lucio: Claro, seguro. Separaram do meu corpo, separaram-no do meu corpo.

O autor: Mas o seu corpo não estava consciente?

Don Lucio: Pois sim, o meu corpo estava pois, creio consciente, quisesse ou não quisesse.

O autor: O seu corpo?

Don Lucio: Sim, seguro. Então o meu corpo ficou dormido.

O autor: Por isso inconsciente, mas não consciente?

Don Lucio: Pois claro que assim foi. Eu creio que aí está o problema. Olha, veio esta senhora S. tinha muitas ganas também de saber, trabalhar. Ela trabalha ioga, faz controlações e tudo isso. Veio outro indivíduo que esse trabalha sobre este quê? sobre astros, estuda os astros. Agora de um lugar a outro, sabe que força tem quando está num lugar e que força muda quando caminha, por exemplo. Pongamos, quando caminha cinco centímetros, qual é a diferença. Que é homem de muito estudo, e é verídico, porque eu o palpei, sim? E ele também tinha muitas ganas, tem muitas ganas de quê, de fazer como eu faço o meu trabalho. Digo-lhe, pois órale pois. Diz, para mim não seria problema, diz, eu estudo astros e tudo isto. O movimento da terra, o movimento do gelo, que bem, o movimento de astros. Gostaria muito do teu trabalho, não te custaria trabalho, pois. E não pôde, não pôde porque é muito diferente. Disse-lhe échale ganas, eu ajudo-te, órale pois. Não creias que depende de mim, não creias...

Porque daqui a pouco Deus chama-me portas e nada levo, o conhecimento, pois, ficaria. Então, se houvesse outra pessoa que se desinteligesse e pudesse agarrar esse trabalho, digo-lhe, para mim seria muito melhor. A mim gostaria-me muito ter um companheiro que de verdade se ponha a trabalhar. Que vamos fazer isto, que vamos fazer aquilo, mas em contacto, mas não há irmão, não há, eu sei. Aí está outra gente em Cuernavaca, outra mulher que também trabalha. Como diz que trabalha ela? Trabalha, é psicóloga, é mestre psicóloga, é uma pessoa que estudou medicina de ervas e tudo isso. Veio de Nova Iorque, e pois anda desviada da memória e de tudo. E até hoje que se deu conta, conversou comigo, ela quer o meu trabalho. Andale pois irmã, vem a mulher, dá-mo. Eu, gostaria muito do seu trabalho, dê-mo pois. Pois ándale pois, échale ganas. Tu tens muito estudo, estudaste muitos livros. A mim não, mas pois que bem. Já quisera eu, que houvesse uma boa pessoa, que de verdade

tivesse essa amabilidade e essa facilidade de poder conectar-se, mano. Para mim seria um orgulho, repara seria um orgulho.

O autor: E que trabalhassem juntos no invisível?

Don Lucio: Claro, seguro.

O autor: Ou seja que os dois espíritos desprendidos trabalhassem...?

Don Lucio: Claro, pois caray. Se algo me passa, aí está essa pessoa, pode ajudar-me. Se algo lhe passa, ajudo-o e assim estamos aí, ajudando-nos um ao outro.

O autor: Que faz o seu espírito quando se desprende, ou seja o senhor está a dar-se conta?

Don Lucio: Claro, porque está, mas o meu espírito vai-se.

O autor: E o senhor, vai-se?

Don Lucio: Vai-se, vai-se. Por exemplo, pode ir aos Estados Unidos, pode ir à Alemanha, pode ir ao México.

O autor: E o senhor vê tudo, ouve tudo o que passa?

Don Lucio: Seguro. Para fazer um trabalho, por exemplo um trabalho. Por exemplo quando arranjei D., eu não o conhecia, mas a mulher veio e explicou-me para que eu o ajudasse, para que se pudesse arranjar. Esse foi o primeiro trabalho que fiz no judicial, no jurídico, porque eu nunca, mas esta mulher veio pedindo-me ajuda, chorando e amargamente, homem que bárbaro! Tive eu que o ter feito porque me deu pena pois. Então disse eu pois vou fazê-lo. (Pausa. Entra a filha de Don Lucio.)

Vem filha, vem filha, mete-te, mete-te, metei-vos.

Filhinha: Bom dia.

O autor: Olá!

Don Lucio: Saudai filhos. Este, vai com a tua avozinha. Que queres mamacita?

Filhinha: Refrigerante.

Don Lucio: Andale pois. Se então este, pois sim senhor este trabalho.

Mas ouvia eu, ouvia eu, pois um num idioma, outros noutro, outros noutro. Total que assim como é aqui é lá, diferentes idiomas. Uma coisa preciosa homem, híjole.

O autor: Mas todos entendiam os idiomas? O senhor entendia os idiomas dos outros?

Don Lucio: Sim, eu estava a escutar.

O autor: Não mas, mas se falavam noutros idiomas, como lhe direi?

Don Lucio: Gravaram-se alguns em mim. O autor: Sim?

Don Lucio: Sim, gravaram-se alguns, como não?

O autor: Mas entendia-os?

Don Lucio: Para andar ali, jah, falavam-te na tua língua! Pois depois não entende um, o que me dizes? Ah, pois repete-mo, é isso o que te estou a dizer, isto é o que te peço, isto é o conteúdo! Não, uma gente muito amável. Não, pois quem não se vai encontrar. Que a comer, a comer todos, todos.

O autor: Pois sim. Mas, como comer se eram espíritos?

Don Lucio: Como? Pois a comer como aqui.

O autor: Mas, o que comiam?

Don Lucio: Ali nada de mesas, nada disso. Cada qual, este, ali têm os seus guardanapos com o seu farnel que levam.

O autor: (riso).

Don Lucio: Claro, sim.

O autor: Mas o que comiam?

Don Lucio: Mande?

O autor: Mas, se são espíritos Don Lucio.

Don Lucio: Bom, mas assim é.

O autor: Precisam de energia?

Don Lucio: Não senhor, são espíritos mas ali. Aqui por exemplo deixas o teu corpo.

O autor: Sim.

Don Lucio: E vais-te e vai o teu espírito, não? Mas lá, já não é só o teu espírito, ali sentes-te com o teu próprio corpo.

O autor: Com outro corpo?

Don Lucio: Claro, claro.

O autor: Mas, que não é...?

Don Lucio: Estás a caminhar com o teu próprio corpo.

O autor: Mas, já não é o seu corpo físico?

Don Lucio: Sim, e o teu corpo sabes que o deixaste aqui, mas ali sentes-te com o teu próprio corpo.

O autor: Mas esses espíritos, alguns não tinham corpo?

Avozinha: Anda já.

Don Lucio: Fecha-lhe filhinha, entra, faz frio. Ai, não me deixes que vá derrubar, que vá derrubá-los. Leva-lhes algo. Já lhes levaste, sim?

Sim, então, este, para estas coisas, é dizer que quando trabalhei no invisível, levaram-me como quem levam preso. E então já ao chegar ao

Universo deixaram-me só, livre com a multidão, mas pois olha, pois toda a gente desconhecida. Umas gentes, mas olha uns braçados. Sim muito amável a gente, aqui não há nada de que eu sei e tu não sabes, ou eu estudo mais ou, o que eu conheço tu não conheces. Que possamos dizer que haja inveja ou haja egoísmo como aqui o fazemos, como aqui o temos. Não pois, ali não, era no que eu me estava a fixar. Vamos, vamos trabalhar a tal parte, aí estava a fila. Dizem vamos, vamos bom homem caminha, vamos.

O autor: A si?

Don Lucio: Vais ver que bonito é, ándale pois. Que bonito é onde vamos. Vamos, não te gostaria conhecer? Como não, pois a isso venho. Pois órale a caminhar com eles, senhor.

O senhor caminha mas não se cansa, mano. Ali é uma maravilha. Agarrámos a primeira caminhada que tive, foi daqui aos Estados Unidos, e dali passámos, atravessando planos, serranias. Mas milhões que iam de gentes, amigo. Por exemplo, quando estávamos em cima de um cerro, divisávamos. O senhor vê-lo assim, e o senhor veria a gente como daqui a Oaxtepec. Vinha assim, mas bem tupidito, chingada. Faz de conta que era este, uma passarada de pássaros que havia em pique.

O autor: (silêncio).

Don Lucio: Ai! Que bonito, deveras, hójole. E vamos continuar a caminhar. Hi, que bonito homem! Não, pois entrou-me o gosto, entrou-me o ânimo. Onde chegámos e descansámos, do outro lado, já não foi por aqui amigo, já não. Já foram terras, cerros muito diferentes. Já por aqui já não, muito longe. Passámos dois bosques, duas serranias mas enormes, arborizadas. Olha, mas senhores árvores de 12, de 15, de 18, de 22 braçadas. Não, uns árvores que se derramam sozinhas, ali ninguém. Não, muito animal que há por aí, por lá muito animal que aí vai. Nós a caminhar, revolviam-se connosco. É dizer que nós caminhávamos no invisível. Mas havia muitos animais, revolviam-se connosco, passando.

Ali, íamos, onde fomos chegar, dizem, aqui vamos descansar. Uh, chegou toda a gente, mas olha, uma fieira fez-se assim, mas longe como daqui a Tlancpantla. Mais longe abarcando assim, em roda, assim. Mas assim de gente a descansar. Olha começaram a conversar as gentes, p'allá e p'acá.

O autor: Alguns deles não tinham corpo?

Don Lucio: Não te..., sim.

O autor: Não, ou seja.

Don Lucio: Sim senhor.

O autor: Todos tinham deixado o seu corpo na terra?

Don Lucio: Ah, pois claro, claro! Como crês que não mais já o teu espírito lá.

O autor: Mas deles? De si sim, mas deles?

Don Lucio: Pois claro. Também deles, sim. Por exemplo, se tu andas com eles ali, também tu te sentes com o teu próprio corpo.

O autor: Mas não entendo.

Don Lucio: Ah, hijole!

O autor: Ou seja eles. Todos eles tinham deixado o seu corpo na terra?

Don Lucio: Eles também têm o seu corpo, levam o seu corpo.

O autor: Mas, eram como o senhor?

Don Lucio: Pois já o vês. Aqui fazem-se honras ao corpo e vai ao panteão. E ali sentes-te com o teu próprio corpo. Vês um conhecido que por aí, por caridade o encontraste entre tantos. Que houve, que houve, pois que andas aqui?, pois sim.

O autor: Ah! Caray.

Don Lucio: Claro.

O autor: Mas o que quero dizer é que eles, como lhe direi? Que, estão dormidos na terra e o seu espírito estava lá? Ou já se tinham morrido? Ou como?

Don Lucio: Não, não, não, não estão dormidos, ali não senhor.

O autor: Não, mas o seu corpo deles, o seu corpo físico.

Don Lucio: Ah! Homem, claro, o seu corpo aqui sepultado e já se acabou. Mas ali andas com o seu próprio corpo. Já me entendeste?

O autor: Mas, é um corpo de luz?

Don Lucio: Por isso, por isso dás-te conta da fisionomia, do tamanho da pessoa que foi quando ele viveu aqui. Mas tu dás-te conta com que gente andas, então dizes, jah! pois esta gente com quem estou. Esta gente viveu pois há dois mil anos. E aqui está só a mesma pessoa.

O autor: Mas eles sabiam que o senhor, eles sabiam que o senhor tinha o seu corpo dormido?

Don Lucio: Pois claro que eles não se davam conta, porque ali andávamos juntos.

O autor: Não se dão?

Don Lucio: Claro que não se davam conta. Eu reuni-me aí não por vontade, como te digo, é que a mim levaram-me como a quem aprendem,

agarram de preso e levam. Como que chegou a judicial por mim e vamos, assim, assim é. Mas estes levaram-me ao invisível.

É uma maravilha homem, lá é uma maravilha. Asseguro-te que por exemplo alguém tivesse a visão e tivesse aquele dom de ir e dar-se conta e daqui a pouco regressar, dar-se-ia conta de que é uma maravilha. Sim senhor, mas outros dizem e que se te portas mal e que quem sabe o quê, vais-te ao inferno e não, mentira, mentira. O inferno aqui o temos, aqui temos tudo. Puros enganar os que nos fazemos aqui, puras superstições o que nos dizemos aqui, vamos realizando.

Mas eu andei com essa gente três anos, não foram três dias senhor. É de dar-me conta, pois que quando o Senhor me ordenou regressar para cá, claro que já não queria eu. Senti feio quando o Senhor me disse, «a minha vontade é que te regresse».

Ah! Híjole com essa gente que maravilha homem! Aí que a descansar, a descansar, que a comer a comer todos. Nada de que pois não agarres da minha tortilla ou não agarres porque trago bom. Não.

O autor: Mas, de onde saía a comida?

Don Lucio: Mande?

O autor: De onde saía a comida?

Don Lucio: Bom pois já o vês, mas aí há comida. Claro que sim.

O autor: Mas, como colhiam?

Don Lucio: Pois, como? Pois repara. Já vês, é que aí também se trabalha.

O autor: E como passavam ao seguinte nível? Por exemplo...

Don Lucio: Como?

O autor: Vamos supor que havia um rebanho...

Don Lucio: Como?

O autor: Um rebanho com o seu pastor algum do rebanho adiantava e tornava-se pastor? Ou como? Como era o crescimento aí?

Don Lucio: Que se tornava pastor?

O autor: Bom, havia um rebanho, como o senhor me disse não? Todos eram iguais no rebanho?

Don Lucio: Claro.

O autor: Mas um, como se tornava pastor? Como os do rebanho se tornavam pastores? Como? Porquê havia pastores nele...?

Don Lucio: Não, não, não nada de que o rebanho se tornava pastor. Os pastores estão designados pelo Senhor.

O autor: Por isso, como os...?

Don Lucio: Para que tenha o seu rebanho cada qual.

O autor: Como os designa?

Don Lucio: Mande?

O autor: Como os designa ou porquê os designa?

Don Lucio: Como porquê? Porque cada rebanho tem um conteúdo, nunca a casa deve ser revolvida.

O autor: Ou seja, os de um rebanho estavam a trabalhar um problema, algo ou como?

Don Lucio: Um rebanho com o seu pastor, que se entende?

O autor: (riso).

Don Lucio: Claro que não se pode juntar com o outro rebanho. Como visita sim, mas a que se congregue aí para sempre não, cada qual há de reconhecer o seu lugar.

O autor: E porquê, que reconhecia?

Don Lucio: Mande?

O autor: Que reconhecia alguém de cada rebanho?

Don Lucio: Porque assim tem de ser, assim é a vontade do Senhor.

O autor: Não, mas digo...

Don Lucio: Cada pastor tem de reconhecer o seu rebanho, e cada rebanho tem de reconhecer o seu pastor, qual é?

O autor: Mas, que conteúdos havia?

Don Lucio: Que continha isso?

O autor: Não, não, não. Por exemplo, o senhor pertence a um rebanho diferente que eu?

Don Lucio: Claro.

O autor: Porquê?

Don Lucio: Porque assim é.

O autor: Sim, mas porquê? Que conteúdos há diferentes? Ou seja, como é a diferença de conteúdo em cada rebanho?

Don Lucio: Como, como a diferença? Caray, Jacobo.

O autor: Pois não sei.

Don Lucio: Pois seria pela simples razão de que pois não deve misturar-se aquele rebanho, claro.

O autor: Mas, porquê? Mas, quais são os conteúdos?

Don Lucio: Porque deve estar selecionado.

O autor: Mas selecionado em base a quê?

Don Lucio: Bom, pois mais ou menos. Porquê crê que não deve revolver-se aquele rebanho?

O autor: Não, não sei, pelo conhecimento...

Don Lucio: Mas, bom, pois, a ver, um puzzle. A ver algo da tua parte.

O autor: Pois, porquê?

Don Lucio: Porquê crês que, por exemplo? Pongamos que eu sou negro, pendo ao rebanho negro, tu pendes ao rebanho louro. Claro que nos podemos juntar, seguro, nos podemos falar. Mas até aí nada mais. Porque de que te revolves tu comigo, com o meu rebanho ou eu com o teu, não posso, porque me echariam o teu rebanho, o teu pastor de lá para cá. E agora tu queres, tu queres estar comigo com o meu rebanho, pois o meu pastor echava-te daí. Este não, vai lá ao seu lugar. Porquê seria? Qual seria o seu motivo? Está simples...

O autor: Pois, porquê não...?

Don Lucio: Deixo-te esse puzzle. É uma coisa muito simples, isso vais-me resolver.

O autor: Bom.

Don Lucio: É uma coisa muito simples, muito simples. Qualquer, qualquer, ouve o mais analfabeto pode-to dizer. Porquê? Por qual motivo não, não podes estar comigo, nem eu posso estar contigo? Porque o teu pastor não me consentiria aí, que o pastor esse é o teu amo, o meu pastor é o meu amo. Então não te consentiria o meu pastor porque é o meu amo, diria, não aqui não, até aqui nada mais e regressa-te. Muito simples. Ah! Já to estou a dizer, porque, estou a dizer. Nada mais o completa.

O autor: (suspiro).

Don Lucio: (se ouve).

O autor: Porquê pode ser? A ver, pode ser por diferente conhecimento. Mas não é por diferente conhecimento.

Don Lucio: Não, não, não!

O autor: É mais por diferente sensação de ser, não? Ou seja como por diferente, como lhe direi? Como de dentro, como diferente família, como diferente parentesco.

Don Lucio: Claro, claro que sim. Claro. Que bem, que bem, já vais dando, sim.

O autor: Como que eu me sinto unido com certa gente e somos irmãos, mas com outra não. Mas sabe Don Lucio que isso depende de um, isso que eu me sinta mais perto ou mais longe de certas pessoas, de quê

depende? Do que eu possa aprender. Eu posso-me sentir perto de muitas pessoas.

Don Lucio: Não pelo que tenhas aprendido, não pelo que saibas, não, não senhor. É uma lei que se deve respeitar e assim deve ser o mundo, assim. Cada nação com o seu rebanho. O senhor pode ir a França e estabelecer-se ali nada mais porque sim?

O autor: Sim.

Don Lucio: Nada mais porque me gostou viver aqui, vou-me ficar?

O autor: Claro.

Don Lucio: Não, porque quando vai saber qual foi a sua origem?

O autor: Sim, mas partes. Sim, mas isso é como da terra, isso é como muito primitivo.

Don Lucio: Pois claro, mas de todas, nada mais não é tão fácil vai um. Aqui os mexicanos, por exemplo, pode o senhor ir a Puebla, pode ir o senhor a qualquer povo e pode o senhor pôr-se a trabalhar aí porque é mexicano. Já indo-me no caminho tão fácil consentem-no. O governo volta-se para o senhor porque vem.

O autor: Mas que passaria se deixassem de haver governos?

Don Lucio: Mande?

O autor: Que passaria se deixassem de haver governos?

Don Lucio: Mas, como o vai deixar? Claro se os deixa, seguro que sim, mas com dados.

O autor: Não, não, não quero dizer que...

Don Lucio: Claro que sim.

O autor: Ah! Por exemplo, uma das coisas que o homem devia fazer é deixar de separar-se, deixar de ter nações senão ser iguais todos. Então, porquê a nível espiritual seguem havendo diferenças, porquê?

Don Lucio: Nunca a coisa é igual, nunca a coisa é igual. Os mexicanos somos iguais?

O autor: Não.

Don Lucio: Podemos ter o mesmo trabalho?

O autor: Não, cada um é diferente.

Don Lucio: Cada qual ao seu juízo, ándale assim é, assim é.

O autor: Como? Pelo meu origem.

Don Lucio: É porque não se devem revolver o rebanho aquele. Nem os uns com os outros, nem os outros com estes.

O autor: Como que cada qual tem diferentes destinos?

Don Lucio: Claro, sim.

O autor: Mas, que há mais além dos rebanhos? Ou seja, o senhor crê que é o último?

Don Lucio: Não claro, pois aqui, aqui está a tranca.

O autor: Como a tranca?

Don Lucio: Pois aqui é onde estão os rebanhos, aí está, aí está tudo. Aqui está o movimento. Não é questão de ir a recorrer até lá, não. Vamos, que se entende? Estamos onde está o rebanho.

O autor: Sim. Porquê um se conecta? Um exemplo, a ver...

Don Lucio: Sim, mas porquê não nos podemos revolver?

O autor: Pois não sei, ou seja sinto que porque, que porque... (riso). Don Lucio: Olha, porque os louros são americanos, homem, e os americanos têm diferente governo. Já me entendeste? Têm a sua nação, então admitiram que essa gente passe para cá, para ficar. Dão-lhe permissão mas por tempo. Por exemplo, se eu vou aos Estados Unidos de boas a primeiras, vou passear, não me consentem, verdade?

O autor: Mas isso porque nós aqui na terra somos parvos, nos separamos. Mas os espíritos, pois como?

Don Lucio: Não, não, não, não senhor, até certo ponto não, ninguém é parvo.

O autor: Ou seja há real?

Don Lucio: Ninguém, ninguém é parvo, senhor, ninguém. Porque isto assim foi desde a primeira palavra do Senhor, assim foi. Não creio que sejamos parvos não, não, senhor.

O autor: Mas, porquê nações...?

Don Lucio: Por exemplo, se o senhor é milionário tem o senhor que estar de alguns que se sirva o senhor deles. Seja secretário, seja tesoureiro. Já teria o senhor gente, a sua vizinha, teria o senhor a ajuda de outros para que o senhor lhe ajude com o seu dinheiro e eles lhe ajudem com o seu trabalho. Já me entendeu? Assim é. O peso só não vale nada, o peso tem de valer pelo centavo, e o centavo poderá mover-se pelo peso. Já me entendeu?

O autor: (silêncio).

Don Lucio: Muito simples, muito simples, por isso nunca a coisa deve ser igual. Porque todos milionários que faríamos puros milionários? Se fôssemos todos pobres, que faríamos todos pobres? Que comeríamos? Então o homem mais esperto, o que abarca mais o seu conhecimento, e

então aquele homem que tem muito conhecimento, tem muito trabalho, muito que fazer. Então precisa gente para que o ajude para que trabalhe. E ele sustenta-o com o seu dinheiro, pagando-lhes um por um. Já o senhor dá mais vantagem, porquê?, porque o estão a ajudar estas gentes que precisam da ajuda do senhor. E o senhor precisa da ajuda deles, também do seu trabalho. Um exemplo, a fonte do campo precisa de outro que colhesse mais, que levante mais colheita e com essa mesma colheita pode-se mover para ocupar mais peões ao campo e a trabalhar. Para que mais adiante se lhe duplique a colheita e possa seguir mantendo outras gentes ajudando-as para que lhe ajudem a ele.

E assim se vá para cima. E os homens que estudaram bastante, como lhe digo, têm os seus diferentes trabalhos nos escritórios, no governo e onde o senhor quiser. E esses homens não precisam gente, precisam de ajuda para investigar, para secretária, para que o senhor o mande e a o senhor lhe façam esses quartos, porque que devem estar asseados. Porquê? Porque o senhor o precisa, que os seus quartos e o seu escritório estejam asseados. Então tem o senhor que meter gente para que lhe façam asseio esses quartos, para que já lhe ajudem a fazer o seu trabalho. Claro que é em diferente forma, já não é igual que como ir a trabalhar no campo, mas também encontra o senhor gente ali, trabalhando. Chegando a quinzena, anda, aí está a tua quinzena, já?

O autor: Sim. Olhe uma das coisas que eu quisera entender: eu creio que todo o tempo estamos em contacto com o mundo espiritual.

Don Lucio: Como?

O autor: O senhor dá-se conta mais, o senhor teve mais desenvolvimento, então o senhor dá-se mais conta, o senhor tem mais consciência, eu tenho menos consciência. Mas também tenho sinais e mensagens, como uma missão, como de um destino que pertence como ao meu rebanho. O rebanho onde estou, ou o pastor que, que de alguma maneira manda o meu rebanho. A mim também me manda, a mim também me manda e de alguma maneira me guia e posso-me apartar ou não apartar daí não é certo? Enquanto mais perto esteja daí, enquanto mais siga as indicações do pastor, mais perto vou estar eu do espiritual. Enquanto mais me afaste, enquanto menos consciente seja e faça, mais me afasto, não?

Don Lucio: Que bem que já me vais entendendo! Que bem!

O autor: Sim, então já há missões, há missões. Não, eu já estou a entender, já estou a entender que de repente tomam um. Sim, porque um

sabe que esse ser tomado é o melhor, um é o que aceita porque já se deu conta que isso é o valioso, não é certo?

Don Lucio: Claro!

O autor: Então já sabe um que segue um as indicações e obedece as sinais, cada vez vai ir adiantando mais, verdade? Mas eu não creio que termine aí, eu não creio que termine nos rebanhos ou nos pastores. Porque os pastores, por sua vez, também estão a fazer assim.

Don Lucio: Claro que não terminam, o rebanho nunca termina. Oiça, quando lhe hei dito que o rebanho termina?

O autor: Mas, a pouco o senhor sempre está no mesmo rebanho?

Don Lucio: Como?

O autor: O senhor sempre está no mesmo rebanho, sempre, sempre para sempre?

Don Lucio: O mesmo, o mesmo não. Porque pois claro que não, não é o mesmo.

O autor: Muda.

Don Lucio: Seguramente que sim.

O autor: Muda pelo seu desenvolvimento...

Don Lucio: Seguro.

O autor: Ah, claro! Ou seja quando o senhor já se deu conta...

Don Lucio: Claro!

O autor: E já cumpriu a obra um rebanho, já passa a outro rebanho...

Don Lucio: Claro, seguramente.

Don Lucio resume assim: «O Além é o final final, amigo. O Além apenas começa.»

(Lá não é o final, amigo. Lá apenas começa.)

O autor: O que está mais...

Don Lucio: Assim é, assim é, claro assim é.

O autor: Agora precisa-se como que muita energia de um, para estar conectado.

Don Lucio: Bom, desde logo.

O autor: Se não há energia, é como uma antena, se não há energia não há...

Don Lucio: Não há conexão.

O autor: Então um sente-se mal, sente-se como que não tem graça nada.

Don Lucio: Não, é dizer que se não há conexões então um sente-se fastidiado, fatigado por não haver conexões.

O autor: Sim, claro.

Don Lucio: Efetivamente assim é, assim são as coisas.

O autor: Assim são. Já vê como lhe entendo algo? Entendo-lhe algo.

Don Lucio: Pois...

O autor: Algo pouquinho, verdade?

Don Lucio: Sim, claro, mas pois pouco a pouco. Precisa essa cabeça mais conversa, mais compreensão para que se abra, para que se abra. Precisa mais conversa, mais sossego para poder captar, para poder entender. Porque muitas das vezes a coisa faz-se difícil pois. Pois não é que a coisa seja difícil e a faça um mais difícil, não. Não é que nos assinale a um que é difícil, é que um a faz difícil na forma de pensar, isso. O pensamento não, não capta rapidamente.

O autor: Sim.

Don Lucio: E há gentes que por mais que lhes caia, não, não.

O autor: É que um deve dar-se conta, ou seja...

Don Lucio: (bocejou); Vais-te, se claro.

O autor: Já o deixo Don Lucio. Don Lucio: Ándale, ándale pois.

O autor: Olhe, quer ver como se ouve? Já se acabou.

Don Lucio: Que bem, que bem. Há uma parte onde o vi meio fatigado, meio apressado.

O autor: Agora? Agora?

Don Lucio: Sim, adiantinho. Como que não encontrava...

O autor: Ah, sim! Don Lucio: Não encontrava, quando lhe expliquei como é, como vem sendo. Pois se precisa explicação, mas pouco a pouco precisa.

O autor: É que um precisa vivê-lo, um precisa vivê-lo.

Don Lucio: Um precisa quê?

O autor: Um precisa vivê-lo.

Don Lucio: Ah, sim! Claro, claro. Seguramente.

O autor: Eu já o vivo.

Don Lucio: Mas para abrir-se passo precisa um, pois as práticas.

O autor: Sim.

Don Lucio: Precisa um que isto se vá moldando pouco a pouco com as práticas e com a sede de trabalhar. E com as conversas não diretamente assim direito, porque então nunca, nunca vai, este... Nunca vai encontrar a

facilidade de saber, não. Mais que assim por meio de conversa, mas andando-lhe a compreender e que solucione algo esse pensamento, para que assim vá abrindo brecha, brecha, brecha, brecha. Já porque para lá, já está mais amplo o caminho e assim dessa forma. E logo a seguir não deixar não. Esquecendo para que assim, aquilo não, não tenha perturbação. E quando venha ou queira vir a outra conversa, pois que já há perturbação. E para tirar esse estorvo depois vai-nos custar trabalho de volta. Não há como deixar aqui o trabalho aí. Ao terceiro dia, ao quarto dia, de lá há que recolhê-lo de volta e vamos acima, vamos abrindo, vamos abrindo. Porque se nos perdemos, se nos termina aquilo, borra-se-nos aquilo. Claro que daqui a pouco quando o encontramos, para que o voltemos a encontrar precisamos batalhar triplo tanto. Não quando já encaminhando precisa-se seguir, seguir, seguir, seguir, seguir. É esse ir e não deixá-lo, não deixá-lo, não deixá-lo.

O autor: Assim é.

Don Lucio: Assim são as coisas. Sim, homem.

O autor: Sim... Oiça,

Don Lucio, uma pergunta. O senhor que opina destas gentes que se põem de médiuns, não? Como que lhes entra um espírito e falam através do seu corpo, mas eles não se dão conta.

Que opina o senhor destas gentes?

Don Lucio: Não.

O autor: Verdade que por aí não vai? Estão perdidos. Verdade que estão perdidos?

Don Lucio: Não, não, não. Muita gente não o faz, só aparenta.

O autor: Mas, os que o fazem a sério?

Don Lucio: Só fazem, só fazem o que me digam que fazia o outro. Mas não.

O autor: Mas os que sim o fazem? Os que sim são verdadeiros?

Don Lucio: Não, não. Mas não é recomendável.

O autor: Não é recomendável, verdade?

Don Lucio: Não, não é recomendável. Como? Não.

O autor: Destrói-se o cérebro?

Don Lucio: Claro, claro seguro. Para que assim seja um caminho limpo, seja um caminho reto e daqui a pouco o senhor não tenha problemas. Que o conhecimento o tenha o senhor aqui para que fazendo dessa forma possa despejar aquilo, aquele caminho nessa forma. Para que

daqui a pouco já tenha o senhor a visão aqui da pessoa que chega. Isto é isto bem. Compreende o senhor já, capta mais ou menos. Mas assim é, vamos de passo em passo. Isso é para que à mão esteja aqui daqui a pouco. Porque isso é antes que nada e antes que tudo, isso é o que faz saber muito. Isso é o que faz ver o conhecimento. O ver a pessoa é saber que é o que vem pensando, porque aí, aí vem demonstrando. A que vem? Se deveras vem de boa fé ou vem com certa intenção a molestar.

Porque nesta vida há tanto, então esse conhecimento tem que o ter um aqui. Essa precaução deve andar aqui. Porque muitas vezes danam a pessoa e não se deu conta porque a nossa falsa vida. E isso é através, só assim, como lhe digo vamos escolher um caminho e não há que deixar-te. Não há que deixar que nos desperdice senão que vamos direito. Porque daqui a pouco já vê o senhor, jah, esta pessoa já mais ou menos isto, isto! Ah, foi com má vontade! Veio nada mais a destruir ou vem a desviar, mas assim, à mente. Não sabe o senhor a quê... Isso é reto senhor, isso é reto. Porque isso de ver, isso de gritar não, não, não. Há que saber, o senhor está aqui que está fazendo até lá?

O autor: Não há que perder a consciência.

Don Lucio: Claro, claro. Seguro, há que estar sempre conscientes. Seguro porque se o senhor se sente inconsciente, não, esqueça-se.

O autor: Ou que alguém o tome? Não.

Don Lucio: Seguro. Há que cair no caminho reto, forte, firme. Há que saber querer triunfar. Ora não mas amanhã sim, amanhã não mas depois de amanhã. E isso foi sempre assim aqui. Já sem dano ninguém o tumba daí. Sempre a segurança aqui, a confiança aqui. Daqui a pouco vai-se dar o senhor conta de muitas coisas, mas nessa forma sempre..... Valem-se de um, não é recomendável. Sim senhor, nada me vou levar, homem. Daqui a pouco que Deus me chame a portas, nada me vou levar. Ah, certas pessoas! Que bem, que bem, homem. Claro. Sim homem, sim.

O autor: Já nos vamos,

Don Lucio. Muitas graças por tudo.

Vemo-nos. Deixamos-lhe as suas velas.

Don Lucio: Ah! Então vem antes do sábado.

O autor: Antes do sábado.

Don Lucio: Correto.

Capítulo 4

DOÑA JOSEFINA DE OAXACA

(Tradução completa e fluida para português)

Durante uma viagem em busca de psicólogos autóctones que uma colega (Gretchen) e eu fizemos pelo estado de Oaxaca, encontrámo-nos com um fotógrafo que nos falou de uma xamã chamada **Doña Josefina** e recomendou-nos ir visitá-la. Depois de vários intentos e de uma série de eventos que pareciam refletir a existência de padrões de **sincronicidade**, pudemos conhecê-la.

Segue o relato das nossas experiências com ela.

A ANTECÂMARA

Um jovem de gesto firme e atitude estrita perguntou-nos de onde éramos, o motivo da visita e recomendações; depois de hesitar um momento deixou-nos passar a um pequeno pátio coberto onde várias pessoas estavam sentadas a fazer antesala, e convidaram-nos a imitá-las. Havia senhoras, crianças e dois cavalheiros à espera. Passados uns minutos, Doña Josefina espreitou para o pátio e viu-nos.

A impressão foi que nos reconheceu e, depois de o fazer, assentiu com um gesto e voltou a entrar no que depois soubemos ser o seu quarto de consulta. O aparente reconhecimento deixou-me atónito porque o fotógrafo que nos informara sobre esta xamã insistira na nossa visita como se fosse um ato predestinado. Esta impressão reforçou-se porque depois Doña Josefina confessou-nos que já sabia que íamos visitá-la.

Esperámos uma hora fazendo antesala e esse tempo foi acompanhado por uma série de experiências altamente gratificantes, nas quais sensações de integração, poder e paz se misturaram com indícios claros do que denominei “a experiência xamânica” (ver mais adiante).

Por fim, a pessoa que estava antes de nós passou a ver Doña Josefina e, nesse momento, a minha experiência interna sofreu uma transformação total, convertendo-se numa vivência de medo incontável.

A CONSULTA

Doña Josefina é uma mulher de uns 60 anos, magra e firme. De pé num canto do pequeno e modesto quarto, ficou a ouvir o que tínhamos a dizer-lhe. Estranhei a minha falta de inibição, porque quase sem preâmbulos confessei-lhe o meu súbito medo.

Olhou-me sorridente e explicou-me imediatamente que o meu medo fora causado por um “guardião” que a protegia. Perguntei-lhe se o guardião era o seu protetor, e negou-o com firmeza.

— São dois, e são distintos — disse-me. — Um é o meu protetor e o outro é o guardião. Ambos me cuidam. — O guardião está a vigiar quem vem e com que intenções. — Tu tens medo porque ele meteu-se na tua mente e isso assustou-te. — O meu protetor — continuou com segurança — ajuda-me com os pacientes indicando-me o que fazer com eles.

— Pois o seu guardião é terrível! — respondi com fervor.

— Tu tens medo porque tens algo que não resolveste — respondeu Doña Josefina.

Ao dizer-me isto, um pensamento surgiu-me na mente: estava demasiado aberto, como se uma ferida tivesse sido feita alguma vez na minha envolvente energética de proteção.

Disse-lho e ela concordou.

— Se quiseres — disse-me com um sorriso —, eu ajudo-te a fechá-la.

— Como? — perguntei curioso.

Olhou-me intensamente e perguntou-me para onde me dirigia e onde dormiria nessa noite. Respondi que em San José del Pacífico, na Sierra Madre del Sur.

— Ah! — exclamou com gosto — Hoje à noite tinha pensado viajar a esses lugares. Aproveitarei a ocasião e visitar-te-ei.

À minha interrogação respondeu dizendo-me que todas as noites saía do seu corpo e, totalmente consciente, ia visitar os seus pacientes.

— Vou ao Japão, a El Salvador, a Belice, e não me custará nenhum esforço extra ir visitar-te à Sierra.

A ideia entusiasmou-me. Já estivera em contacto com xamãs que possuíam essa habilidade, e a segurança de Doña Josefina não me deixou dúvidas de que ela também a praticava.

Doña Josefina falou-nos das suas técnicas de cura, afirmando ser capaz de realizar operações muito sofisticadas, utilizando a mente como único instrumento.

— Posso fazer operações de coração, transplantes de órgãos e curar qualquer doença utilizando o meu poder mental — informou.

Essa primeira visita terminou quando Doña Josefina nos disse que, além de tudo o anterior, era capaz de estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Despediu-se desejando-nos sorte e convidando-nos a voltar, recalcando algo que já mencionara antes: o nosso estudo (Los Chamanes de México) requeria o contacto com xamãs da mais profunda sabedoria e experiência.

Essa noite, numa cabana na Sierra Madre del Sur, senti a presença de Doña Josefina como a de alguém que explorava a minha mente e a aliviava de pressões.

A EXPERIÊNCIA XAMÂNICA

Doña Josefina é um exemplo de alguém que vive e estimula a experiência xamânica. Não é fácil entender a dinâmica e a neurofisiologia da experiência xamânica, sobretudo porque o seu estudo apenas está a começar. Contudo, uma possível explicação pode encontrar-se nos postulados da Teoria Sintérgica, que afirma que a experiência é o resultado da interação entre um campo neuronal produzido pelo cérebro e a estrutura básica do espaço-tempo (o campo quântico).

Pode postular-se que a experiência xamânica se produz quando um sujeito, com suficiente sensibilidade e desenvolvimento, interage com um campo quântico saturado de campos neuronais provenientes de cérebros xamânicos.

Que características morfológicas destes campos fundamentam a experiência xamânica? Uma possibilidade é que xamãs como Doña Josefina, Doña Licha ou Don Lucio estejam interconectados num nível energético sutil e que cada um destes personagens atue como um elemento de convergência holográfica da totalidade dos xamãs.

Por isso, interagir com qualquer dos elementos dá lugar à totalidade da experiência.

SEGUNDA VISITA

Gretchen e eu fizemos uma segunda visita a Doña Josefina. Citara-nos para uma quinta-feira à tarde e chegámos pontuais a sua casa.

Gretchen dizia sentir-se muito estranha. Experimentava uma vivência de relaxação e abertura ante a experiência e uma incapacidade para manter-se focada na vida quotidiana. Era, confessou-me depois, como se estivesse a interagir com um ser estranho que tentava penetrar na sua consciência.

Umaz quinze pessoas faziam antesala enquanto esperávamos. De repente, o ajudante de Doña Josefina saiu e indicou-nos que tínhamos de ir embora porque não nos podia receber senão até ao dia seguinte às dez da manhã.

TERCEIRA VISITA

Na sexta-feira, à hora combinada, Doña Josefina recebeu-nos e durante essa sessão pude confirmar como real um dos componentes da experiência xamânica, isto é, a capacidade de comunicação direta e de contacto com níveis transcendentis da experiência.

Na transcrição da gravação da sessão (que se apresenta no fim deste capítulo) o leitor poderá verificar o anterior. Aqui apenas quero resumir e comentar o que sucedeu.

Doña Josefina olhou para Gretchen como se soubesse que ela desejava entender o que lhe sucedera no dia anterior. Esperou a pergunta e respondeu-lhe dizendo que percebera que Gretchen estava demasiado aberta e relaxada e que o seu guardião decidira penetrar na sua mente.

Esta xamã detetou que aquilo seria irresistível para o equilíbrio psíquico de Gretchen e, querendo evitar-lhe o desconcerto e a incomodidade, decidira afastar-lhe do transe, e por isso nos pedira que regressássemos no dia seguinte.

Esta extraordinária precisão na deteção psíquica do estado de Gretchen é um exemplo de comunicação direta no nível mais profundo e poderoso.

No laboratório de investigações psicofisiológicas demonstrámos que a comunicação direta (quando se produz) traz como consequência que a atividade eletrofisiológica do cérebro das pessoas envolvidas se assemelhe

entre si, como se um cérebro tivesse a capacidade de modificar a atividade do seu vizinho ao modificar a própria.

Transcrição completa da sessão com Doña Josefina
Sexta-feira, 21 de fevereiro de 1986 – Oaxaca Participam: Doña Josefina, Josefina Franco, Gretchen e o autor (Jacobo)

J. Franco: Vamos remeter.

D. Josefina: É que sabes, querem-me gravar o que lhe passou a ela, diz estando sentada ali e eu captei-o logo. Por isso mesmo mandei dizer-lhes que se fossem.

J. Franco: Quando?

D. Josefina: Ontem à tarde.

J. Franco: Há tantas coisas!

O autor: Tantas coisas.

J. Franco: Mas é que temos de desconfiar.

Gretchen: (Riso). Vínhamos com boa intenção.

O autor: Pois nós estávamos a pensar que...

Gretchen: Sim, é o mais curioso, chegou a um ponto em que disse, via toda a fila de gente e disse que não ia aguentar.

D. Josefina: Precisamente por isso mandei dizer-lhes que melhor viessem hoje, compreendendo que a senhora não estava a suportar. E disse melhor, se não daqui a pouco quando eu vir vai soltar a rede, e não.

Gretchen: E o que foi? Com o que me conectei? Porque não me senti mal, senti-me muito bem.

D. Josefina: Não, não, se não lhe estou a dizer que se sentiu mal.

Gretchen: Porque senti que ia voar.

D. Josefina: Exatamente, claro que sim...! Mas não mal, noutro sentido não. Mas sim de todos os modos não quis que passasse isso.

Gretchen: Sim, senti que, que.....

D. Josefina: Por isso lhe disse a este rapaz, digo anda diz-lhe por favor que me desculpem, que não os posso atender agora, até amanhã. Essa foi a coisa, não por outra coisa. Não creiam que é porque eu não queria atendê-los, mas logo me dei conta do que a ela lhe estava a passar.

Gretchen: E o que me estava a passar?

D. Josefina: Pois estava-lhe a passar, é que como há tanta força e já lhe digo, o vigilante está ali. Pois claro que a senhora queria, este, como quem diz queriam-na tomar.

O autor: Isso é!

Gretchen: Queriam tomar-me a mim?

D. Josefina: Sim, queriam-na tomar. Claro que por isso a senhora sentia como que queria voar. Como que já não via as letras, a senhora tentava ler mas já não via nada. Talvez até os que estavam ali, até borrados os via a senhora. Por isso é que mandei dizer-lhes.

Gretchen: Ouve, senti tanta força que disse, ouve se queres que te ajude? acompanho-te. Porque senti, repara aqui, os nadis ou os canais começavam a pôr-se fortes, um calor. Quando saímos daqui até disse, é que estava eu com um calor tremendo de energia, não?

D. Josefina: Pois sim.

Gretchen: E já pouco a pouco se me ia baixando.

D. Josefina: Pois claro. Se tivesse seguido sentada ali pois...

Gretchen: Sim, não, não era o lugar.

D. Josefina: Sim, que teria sucedido? Não, por mim não era mau porque eu já o sabia, mas talvez às pessoas que estavam ali pudessem ter dito que ia dar um ataque que, até se assustam e levantam-se, gritam-me e tudo passa por... Por esse motivo foi que mandei dizer que me desculpassem, que estava eu ocupada.

Gretchen: Eu estava feliz quando, quando passou isso.

D. Josefina: Sim, a senhora sentia-se um pouco estranha, já vê. Sim, a senhora sentia-se feliz porque sentia a força.

Gretchen: Sim, porque gritava, buscava a que me pudesse puxar verdade. Pois porque o livro, que não, o livro nem estava aí. E a Jacobo, não me pôde ajudar. (Risos de Jacobo e Josefina).

O autor: Não, eu estava... Ela estava a puxar-me a mim também.

D. Josefina: Pois sim, ela estava...

Gretchen: Não disse, Jacobo nada que mau homem (risos). Sim, não, sim esteve...

D. Josefina: Ah! Que engraçado. Não, pois por isso disse que a lo melhor se molestavam.

O autor: Não, entendemo-lo muito bem. Entendemo-lo muito bem.
Josefina: Não creio que se tenham molestado.

Gretchen: Não, senti que foi isso que a senhora... Até lhe disse a Jacobo. Disse se a senhora o percebeu, fez-me um favor.

D. Josefina: Não, claro que sim!

Gretchen: Porque eu sabia que não ia aguentar a coisa. Digo, não sabia o que ia passar, mas já à velocidade que me ia, disse não já.

D. Josefina: Por isso lhe disse.....

Gretchen: Não, isso passa raras vezes, não é fácil.

D. Josefina: É que repare a senhora que depende do lugar a onde...

Gretchen: Sim, e...

D. Josefina: Repare a senhora que o outro dia também veio uma, mas é assim, o que fez María Candelaria. Uma justificação a que estava a fazer ela e que se sentia mal e que quem sabe o quê. *(Nota: aqui falava de uma paciente que se sentia mal e se estava a mortificar.)* Disse-lhe nenhum mal, a senhora está-se a justificar querendo dizer que está... A senhora está a falar de... Forçou-me a que lhe dissesse.

J. Franco: (Fez uma pergunta.)

D. Josefina: Sim, jovem.

Gretchen: Então o meu não era mistificação?

D. Josefina: Não, não, não, foi natural. Por isso precisamente quis que se afastasse. Disse que saia para que note que há limites, para que se sinta melhor.

Gretchen: E à noite, ontem à noite, a senhora não veio?

D. Josefina: Como não. Porquê não? Não lhe disse que ia desde a primeira noite? Por isso lhes perguntei pouco mais ou menos a que horas estariam lá. Porque eu não passo das 10 às 11 da noite, eu passo das 12 em diante. E o regresso aqui é muitas vezes às 5 ou 6 da manhã. Assim que eu praticamente não durmo. Chego, descanso nada mais. Faço um pouco assim e já é tudo.

Gretchen: E sempre tem assim de gente?

D. Josefina: Sempre. Agora não vê a senhora muitas pessoas porque em primeiro lugar estamos a 13, que é o dia em que não se trabalha.

Gretchen: A senhora não trabalha assim?

D. Josefina: 1, 9, 13 e 21 não trabalhamos, bom agora já o trabalhamos. Só o dia 21...

Gretchen: E porquê não?

D. Josefina: Porque são datas. São datas que um dedica especialmente. E a senhora já me entendeu a quem?

O autor: Sinto-me muito estranho.

D. Josefina: Porquê?

O autor: Porque... não sei. Digo que me sinto bem, não me sinto mal, mas sinto-me como... não sei como dizer-lhe.

D. Josefina: Sente-se coibido.

O autor: Ándale.

D. Josefina: Como... sente-se contente mas ao mesmo tempo inquieto, com medo, com temor de algo. É ou não?

O autor: (Riso). Ándale, ándale. Sim, coibido.

D. Josefina: Coibido, digamos assim. O senhor quer desenvolver-se, mas não pode.

O autor: Sim, hójole. D. Josefina: É ou não?

O autor: Sim. D. Josefina: Está a gravar?

O autor: Sim. D. Josefina: Sim, é que o senhor quer desenvolver-se mas não pode. Entra, chega aqui com muita intenção, com muitas palavras segundo o senhor. Mas ao chegar aqui (aponta para os lábios), tudo se fecha. Fecha-se. É?

O autor: Sim. D. Josefina: E como sentiu **essa noite** que foram lá?

O autor: Ah! Sentiu-se precioso. Ou seja, senti que a senhora veio e que me estava como... não sei, como que fez algo.

D. Josefina: Curando, claro!

O autor: Sim. D. Josefina: Fechando a sua ferida.

O autor: Sim. Não, claro senti muito bem. Sim, muito bem. D. Josefina: E como se sente agora?

O autor: Pois assim **coibido**, tímido. D. Josefina: Bom, mas da sua ferida, como se sente?

O autor: Hójole. D. Josefina: Não é preciso que me explique.

O autor: Olhe, sabe onde me vou dar conta? Na Cidade do México. D. Josefina: Bom, o senhor não se pode explicar.

O autor: Não. D. Josefina: Quer, mas não pode.

O autor: Não, não posso. E o que me está a passar, porquê? D. Josefina: Já o disse. Coibe-se, coibe-se. Pois assim lhe dizia eu. Não é preciso que me explique porque não o pode fazer. Mas eu já sei o que o senhor me quer dizer. O senhor quer-me dizer tanto. Os seus lábios não se abrirão para me dizer, mas o seu espírito está-me a dizer.

O autor: Sim.

D. Josefina: Assim, quando chegar ao México, aí sim poderá dizer-me. Tudo o que quiser e desejar dizer. De acordo? Porque não lhe vou deixar passar uma noite lá. Todas as noites vou lá estar. Porque vou até San Luis Potosí, até Los Angeles, e de regresso passo pelo México. Porque nestes dias também tenho de ir ao Japão.

O autor: Sim, a senhora parece um pouco japonesa.

D. Josefina: Sim? Talvez já me esteja a pegar. (Risos.)

O autor: E a que vai ao Japão?

D. Josefina: Ver pacientes. Talvez conheça ou tenha ouvido falar de uma coisa maravilhosa que há adiante do Japão, onde vivem nus.

Gretchen: Não.

D. Josefina: Pois até lá vou.

Gretchen: Ali há nus?

D. Josefina: Sim, ali há nus como Adão e Eva. Vivem assim desde sempre, sem vergonha nenhuma. Ali não chove, não há sol forte, não há frio. É uma temperatura perfeita que não existe em mais lado nenhum, e uma queda de água tão linda, tão rica, tão bonita. Uma queda grande, depois corre... Eles fazem os seus utensílios, fazem tudo, tudo, tudo.

O autor: Que maravilha!

D. Josefina: Até lá vou.

Gretchen: Cura-os ou visita-os?

D. Josefina: Visito e curo. Só que ali é um idioma muito distinto, um dialeto.

O autor: E quando está lá, entende?

D. Josefina: Sim, agora sim. Ao princípio não. Mas agora sim, já entendo um pouco mais. Por isso lhe digo: todas as noites passo a vê-los de regresso de onde quer que vá. Primeiro vou por aqui, depois por lá, até com os salvadorenhos e tudo.

O autor: E o que lhe quero perguntar, oiça? (Risos.)

D. Josefina: Muitas coisas me quer perguntar, mas de todos os modos as perguntas não lhe saem.

O autor: Não sai, não sai.

Gretchen: Não te sai?

O autor: Híjole, não me sai.

D. Josefina: Olhe, dou-lhe um conselho.

O autor: Sim. D. Josefina: Tudo o que me quiser dizer, anote-o quando estiver sozinho. Vá, quando estiverem a repousar, anote-o. Porque

só assim me poderá falar, por escrito, não de palavra. Porque há pessoas que não podem falar.

O autor: Não, perdão é que eu...

D. Josefina: Não porque não possam falar, mas porque... Não o estou a ofender. Não é porque não possa falar, mas por escrito podem comunicar-me.

Gretchen: Como? Escrito e quando nos visita.

D. Josefina: Vejo-o. Põem-no ali. Em cima do criado-mudo, do que tiverem, e eu já vejo e já.

O autor: Híjole, mas deveras assim me sinto super coibido.

Gretchen: O quê, não podes?

O autor: Não. E sim tenho milhões de perguntas e assim de saber, não de... Mas também me sinto como que não faz falta. Como, que... entendes? Isso passa.

D. Josefina: Creio que o senhor tem muita fé e muita confiança.

O autor: Sim.

D. Josefina: Verdade?

O autor: Sim.

D. Josefina: Porque desde o primeiro momento que chegaram, vi a vossa fé e confiança.

O autor: Sim. D. Josefina: É?

O autor: Como a mim me custa muito trabalho desconfiar. É horrível quando desconfio. Híjole, tudo se me nubla.

Gretchen: Deve haver alguma razão em particular por que me contactei com o guardião?

D. Josefina: Houve uma razão. Porque a senhora vinha como... relaxada. Isso é.

Gretchen: Porque estava eu muito relaxada?

D. Josefina: Sim, bastante. Por isso logo, logo captou.

J. Franco: Pois já nos vamos. Porque a mim também se me fez tarde, por favor avó.

D. Josefina: Sim, já vou.

Gretchen: Pois como há muitas perguntas (risos).

D. Josefina: Porque olhe, anote-as e se quiserem hoje mesmo. A que horas se vão embora?

O autor: Como às 12.

D. Josefina: Ah! Bom. Eu digo-lhe, escreva tudo, tudo o que quiserem.

O autor: E em sonhos vai-me... como me vai responder? Como? D. Josefina: Bom, eu verei como lhe respondo.

O autor: (Riso). Bom.

D. Josefina: Verei como lhes respondo.

O autor: Sim.

D. Josefina: Permita-me um momento, por favor.

Capítulo 5

DOÑA REGINA DA SERRA MADRE

Embora não se possa considerar uma xamã autóctone, Doña Regina pode conceber-se como exemplo de pessoa criada no ambiente ocidental da cidade industrializada dos nossos tempos, mas levada, pela sua vontade e esforço, a procurar a fonte do conhecimento na solidão da Serra.

Tendo-se apercebido de que o desenvolvimento real não pode nem deve ser o resultado da dependência económica ou de uma identificação com posses, Doña Regina decidiu oferecer de presente todas as suas pertenças para se dedicar à busca interna, e durante quatro anos tem vivido numa cabana, na Sierra Madre del Sur, dedicada a meditar e a curar.

Encontrei Doña Regina enquanto contemplava um bosque junto à sua cabana. Ela perguntou-me o que fazia eu por ali e disse-lhe que procurava xamãs. Sorriu-me e dei-me conta de que o seu interior era muito mais jovem do que a sua aparência externa.

Apontou o céu e respondeu-me que só existia um xamã. Nesse momento um burro, algures na Serra, começou a zurrar.

Doña Regina voltou a sorrir e ali, a meio do bosque, um evento de uma sincronicidade perfeita foi interpretado magistralmente por uma consciência que parecia viver em completa comunhão com a natureza:

«Há um só xamã e todos os demais só sabemos zurrar!», disse com convicção.

Despedi-me agradecendo ao céu pelo encontro e por saber que quatro anos de retiro podem levar um ser humano ao lugar em que Doña Regina se encontrava.

Capítulo 6

DOÑA MARÍA DE MÉRIDA

Conheci Doña María Ascorra quando uma das suas discípulas, Doña Sara, de Cancún, me falou dela.

Doña María reside em Mérida e ali trabalha como xamã, considerada uma das mais eficientes da região.

Diariamente, e sobretudo nos dias em que oferece consulta (terças e sextas), vão vê-la dezenas de pacientes em busca de alívio para as suas dores.

No resto deste capítulo tentarei descrever algumas facetas do trabalho de Doña María e a sua conceção da realidade.

GENEALOGIA

Doña María de Mérida afirma que a sua capacidade curativa vem desde o nascimento. Contudo, aceita que teve uma série de mestres que a ajudaram a dar-se conta dos seus poderes e lhe mostraram como manejá-los. Um destes mestres, o principal para Doña María, é Don Mateos May, um xamã iucateco que se dedicava à cura utilizando ervas.

Esta xamã afirma que Don Mateos May lhe ensinou a manejar o que ela chama abertura do seu cérebro. Este é um conceito sumamente interessante dentro do xamanismo e refere-se à capacidade que têm os xamãs de detetar informação subtil por meios diretos, como são as sensações e o estado da própria consciência.

Ter o cérebro aberto implica estar capacitado para receber informação de forma direta; em contrapartida, tê-lo fechado implica possuir uma baixa sensibilidade neste tipo de deteção informacional.

O mestre de Doña María localizou-a quando ela começou a manifestar sinais de mediunidade e considerou que isto significava que ela tinha poderes curativos que deviam ser adiados, dado que a deteção desta mediunidade ocorreu quando ela não passava dos doze anos de idade.

Don Mateos “fechou o cérebro” de Doña María e disse-lhe que ela trabalharia mais adiante e que ele seria o seu protetor. Por outras palavras, o que este xamã implicou é que ao morrer ele, o seu espírito se conectaria com o corpo de Doña María e por meio dele exerceria o seu trabalho de cura.

O anterior disse-mo Doña María, e o relato com as suas palavras está na transcrição, no fim deste capítulo.

Doña María afirma que, tal como este xamã lhe informou, assim sucedeu à sua morte. Doña María começou a penetrar em trances mediúmnicos e durante estes aparecia Don Mateos para curar os pacientes através do corpo dela.

Por isso, a genealogia de María Ascorra remonta ao seu mestre que, por sua vez, recebeu ensinamentos de outros xamãs de que não temos notícia.

O CONCEITO DE CÉREBRO ABERTO

Como mencionei antes, um dos conceitos mais interessantes dentro da conceção da realidade de Doña María de Mérida é o que ela chama “o estado de cérebro aberto”, que se refere, como já disse, à capacidade hipersensível do xamã de receber informação proveniente de níveis sutis da realidade, níveis não visíveis da mesma.

O cérebro aberto, segundo Doña María, é hereditário e quando se tenta forçar a hipersensibilidade associada a ele, produz consequências perigosas. A sua prática resulta benéfica somente quando o dom é natural.

No seu extremo, segundo ela, ter o cérebro aberto implica ser capaz de receber o espírito desencarnado de um mestre ou protetor e permitir que este espírito utilize o corpo daquele que tem o cérebro aberto, para operar através deste. A condição de mediunidade é então o resultado da abertura cerebral e Doña María não somente afirma possuir esta capacidade de abertura, como a utiliza nos seus procedimentos de cura.

PROCEDIMENTOS TERAPÊUTICOS

Nas terças e sextas-feiras de cada semana, Doña María senta-se numa cadeira dentro de um quarto onde abundam as velas acesas e o cheiro a carvão e incenso. Fecha os olhos, relaxa e imediatamente depois muda a sua personalidade e aparece o seu protetor, o qual a partir desse momento recebe os doentes que esperam num quarto contíguo.

Cada doente passa e pergunta acerca das suas dores e das possibilidades que tem de se curar. O protetor de Doña María responde rapidamente e dá solução ao problema. Dentro das soluções utilizadas estão

as ervas de diferentes plantas e também, com frequência, medicamentos farmacêuticos ou alopáticos.

Quando se lhe pergunta ao protetor, ele responde utilizando o corpo de Doña María, cuja consciência nesse momento se encontra completamente separada do seu corpo.

CURA À DISTÂNCIA

Além dos procedimentos antes relatados, Doña María utiliza o que bem se poderia denominar terapia à distância. Nesta categoria de procedimento, ela diz ser capaz de curar, proteger e desenvolver qualquer dos seus pacientes, independentemente da distância física a que se encontrem. Neste procedimento de cura à distância, convidam-na a viajar no invisível acompanhada de espíritos desencarnados que a guiam.

Quando se lhe pergunta se este manejo terapêutico à distância é realizado em consciência de vigília, Doña María refere que geralmente, quando ocorre, acontece no sonho e a ela avisam-na de antemão que, por exemplo, essa noite vai ocorrer um processo de cura à distância e que deve preparar-se. Estes avisos precognitivos dá-lhos o seu protetor, e a preparação que requer consiste em tomar um copo de leite morno, deitar-se a dormir imediatamente depois e pensar no processo que se iniciará quando estiver a sonhar.

Durante estas curas à distância, Doña María junto com os seus acompanhantes visitam os seus pacientes, detetam as situações que ocorrem ao redor deles e protegem-nos de situações energéticas diversas.

VELÓRIOS

Um dos procedimentos mais utilizados por esta xamã são as velações. Nelas acende uma vela à qual se coloca o nome da pessoa a quem vai dirigida e depois deste procedimento observa-se a chama, a qual indica com os seus movimentos, coloração e altura, o estado de saúde do paciente.

Em todo o procedimento de velação, Doña María aconselha que o xamã primeiro invoque espíritos positivos ou de luz, e depois realize o processo de proteção e cura à distância que se requer fazer.

GUARDIÕES

Um dos aspetos mais esotéricos de Doña María Ascorra refere-se ao uso de guardiões.

Se um paciente chega com ela solicitando-lhe proteção para ele e para a sua casa, Doña María faz uma velação e pede proteção para essa pessoa. A esta proteção Doña María chama-a “guarda” e explica que a realiza um espírito guardião, ao qual se invoca com a finalidade de que proteja o paciente.

CONCLUSÕES

Indubitavelmente, um dos aspetos mais interessantes do trabalho de Doña María refere-se à sua capacidade de entrar em estado de transe, durante o qual muda a sua personalidade e realiza os seus processos terapêuticos, atendendo os pacientes que vêm pedir-lhe consulta.

Outra das características muito chamativas desta xamane é a sua capacidade para realizar curas à distância e proteger os seus pacientes utilizando o que ela chama “guardas espirituais”.

Por último, o conceito de realidade de Doña María Ascorra implica a existência de um mundo paralelo ao mundo humano, no qual vivem seres espirituais que realizam trabalhos de cura, protegem os pacientes, manejam energias e guiam o espírito da xamane em viagens invisíveis, para visitar pacientes localizados em regiões remotas de Mérida.

Tanto durante os trances mediúnicos como nestas curas à distância, a consciência quotidiana de Doña María e a sua capacidade de evocar conscientemente e de manejar os elementos que ocorrem durante estes processos, torna-se totalmente limitada.

Dado que este fenómeno de desaparecimento da consciência quotidiana e aparecimento de uma consciência alterna é muito comum na psicologia autóctone mexicana, conviria realizar uma investigação a fundo, tentando entender o que verdadeiramente ocorre durante estas transformações da personalidade e o que interage com a consciência quotidiana do xamã, ampliando-a ou expandindo-a até lograr que ela maneje o mundo e a realidade em formas que seriam totalmente impossíveis para a consciência convencional.

A concepção da existência de espíritos invisíveis, protetores ou irmãos espirituais, que são os que realizam as terapias, enquanto o corpo do xamã está desligado da sua consciência usual, é interessante como possibilidade hipotética, mas pareceria ser uma explicação demasiado simplista para poder abarcar toda a complexidade do fenómeno de consciência alterna.

Esta consideração de contacto com seres espirituais é, contudo, a explicação mais usual e generalizada no xamanismo mexicano.

Pareceria que o xamã fenomenologicamente experimenta a existência de seres localizados num nível paralelo, embora invisível, de existência e que sente experimentar um contacto com estes seres. Esta conclusão desprende-se de todos os estudos feitos até à data, nos quais os xamãs afirmam que isto que acabei de mencionar é o que acontece.

Por enquanto, a investigação acerca deste fenómeno deverá continuar numa fase de recopilação de informação, para mais adiante oferecer uma explicação do fenómeno que possa incorporar toda ou a maior parte das suas complexas facetas.

ENTREVISTA – 1 DE JANEIRO DE 1986

(transcrição literal, parágrafo a parágrafo)

O autor: “Zaz tun”.

Doña María: “Zaz tun”.

O autor: E essas de onde vêm?

D. María: A maior parte do tempo o “Zaz tun” encontra-se numa serra.

O autor: Nas montanhas?

D. María: Nas montanhas. No derredor de Mérida, por exemplo, digamos Uxmal, Chichén Itzá, outros lugares onde existem serras, então a gente antiga, ou seja a gente maia, sabe que faziam escavar. Escavam toda a serra e no meio encontram pratos, taças, potes, o que usaram os maias e então num dos tantos chega-se a descobrir essa coisa, o “Zaz tun”; não se compra. A pessoa que verdadeiramente é um hierbatero, é o “mentus” que lhes dizem. Então, praticamente o dom que traz o poder tem de encontrar o “Zaz tun”.

O autor: Tem de lhe vir.

D. María: Assim é. Quando o hierbatero começa a utilizar o “Zaz tun”, porque o hierbatero que vocês dizem, o “men”, orienta-se da bola de cristal.

O autor: Mas essas bolas parecem de plástico. Já vi essas bolas.

D. María: Não é o original, vamos supor que isso se pôde ter fabricado ou comprado, mas o verdadeiro “Zaz tun”, e isso usa-o o verdadeiro hierbatero, é uma bola. Conhece as canicas? Pois uma das tantas mas grande.

O autor: Mas, de cores ou brancas?

D. María: Completamente branca. Então assenta-se numa taça de cristal de boca pequena. Quando se põe a bola acende-se uma vela, rezam-se umas preces, que é o que os hierbateros conhecem, invocando a pessoa que se trata de buscar. À volta das conversas, das preces, pois apresenta-se o espírito dessa pessoa que se está a solicitar, pois automaticamente o hierbatero orienta-se como é essa pessoa, má, boa, os ares.

O autor: Em base ao que vê na esfera. E isso usavam-no os maias?

D. María: Os meros hierbateros antigos. Também usam, isso não o viu, os antigos hierbateros usam o osso de um peixe que lhe dizem “shtun”. Isso não lho disse nenhum hierbatero?

O autor: Não, não, ninguém.

D. María: É um osso, molham-no em anís, que é um licor muito ordinário, às doze da noite. O senhor, claro que tem de saber o que vai rezar, não só vai rezar. Começa o senhor o rezo, as palavras, as preces que os hierbateros utilizam, dá-lhe voo a essa espinha.

O autor: Como voo? Atira-a o senhor?

D. María: Não, vai-se sozinha.

O autor: Desaparece?

D. María: Sim.

O autor: E as esferas também aparecem e desaparecem?

D. María: Não, a espinha sim. Vai-se, desaparece. O senhor deixa a taça de licor ou uma jicarita. Conhece a jicarita? Uma mais pequena, deixa o anís. À hora em que o senhor tenha pedido que essa espinha, esse “shtun” vá ao seu destino, onde o esteja o senhor a ordenar, às 24 horas regressa e traz-lhe um sinal e sabe o senhor qual é o sinal, que lhe traz a pontinha manchada de sangue. Essa é tudo o que o hierbatero trabalha.

O autor: E com as velas Doña María? Sarita ensinou-me como distinguir a linguagem das velas. Por exemplo, se a ponta se parte em duas.

Ontem estivemos a ver um dos meus alunos, porque estou muito preocupado, pois não sei como é o seu pensamento. Só sinto que é... Dá-me desconfiança. Então disse-lhe, como faço para saber como é o seu pensamento. E disse-me, vamos fazer uma velação. Acendemos a vela e a vela estava dividida em duas.

D. María: Mas sozinha se dividiu ou dividiu-a antes?

O autor: Não, não, sozinha.

D. María: Ah! Sozinha. Correto.

O autor: Então disse-me, é que o seu pensamento sempre é duplo, não podes confiar numa pessoa assim, se a chama se inclina, quer dizer que a pessoa está chueca.

D. María: Olhe, quando se acende, por exemplo, esta mecha cai para cá, forma um canal; essa é morte segura.

O autor: Um canal de parafina?

D. María: Aqui acende esta vela, aqui cai a mecha.

O autor: Dobra-se a mecha.

D. María: Se ao cair a mecha aqui forma um canal...

O autor: Na vela?

D. María: Na mesma vela, o senhor levanta essa mecha, corta-a, volta-a a parar e segue ardendo. Aos quinze minutos volta a fazer o mesmo, e se na terceira se lhe volta a pôr, volta a fazer o mesmo, essa pessoa não se vai levantar, vai morrer. Isso é o das velas.

O autor: E como conecta o senhor a pessoa com a vela?

D. María: Muito simples, eu acendo uma vela, e nessa vela ponho o nome dessa pessoa, por exemplo, senhor Jacobo.

O autor: Põe-me mentalmente?

D. María: Não, escrevo-o num papel e cola-se na vela. Quer dizer, que essa vela pode estar entre 50 velas mas essa vela não se vai perder porque está o seu nome seu, de outras pessoas, e assim, assim, etc.

O autor: E o senhor também conecta mentalmente?

D. María: Bom, mas não precisamente quando estou a pôr a vela, se eu acendo a velação, eu nada mais invoco o irmão, que é o que me serve.

O autor: Ao seu protetor?

D. María: Don José Mateos May é o protetor que trabalha comigo, então quando acendo essa velação invoco-o a ele e digo esta velação é de fulano de tal, há que buscar isto e isto nessa pessoa, ordeno. Então está um sobre a pista, aos cinco dias avisam-me de uma pessoa que está muito

doente, imediatamente ponho-lhe a velação que o senhor ouve. Às quatro horas de ter acendido essa velação, vê-se a mecha no fundo, mas volto a acendê-la, volta a afogar-se pela terceira vez, apago-a, já não vai continuar, deixo-a repousar vinte minutos, outra vez barbaridade, aos 20 minutos volto a acender essa velação, volta a fazer o mesmo, ponho-lhe nove dias de vida a essa pessoa. Se não chegar exatamente a nove dias, dez dias vai-se, e até lhe ponho a hora. Mas isso já tudo é espiritual.

O autor: Isso diz-lho o seu protetor? Por exemplo, se quer avisar algo a Doña Sarita em Cancún.

D. María: Bom, sim, ponho-lhe uma velação e nomeio-a. Mas não lhe aviso porque ainda não tem força o seu cérebro. Isso faz-se quando o cérebro já está a trabalhar. Dá-se o senhor conta. Agora quando o cérebro desta menina já tem a facilidade que tenho eu. Eu somente penso, Sarita há isto, há isto outro. Como que estou a conversar com ela, mas estou a nomear ao mesmo tempo o seu espírito.

O autor: O seu espírito protetor?

D. María: Não, o espírito dela, estou a nomeá-lo e estou a explicar-lhe. Quando ela despertar, ela já sabe o que já lhe disse.

O autor: Ah! Isso enquanto ela dorme.

D. María: Sim.

O autor: O que sente a senhora agora Doña María?

D. María: Não, nada. Tranquilidade.

O autor: Como me sente a mim?

D. María: Noto-te mais tranquilo e sabe porquê, porque quando o senhor estava com os maus ventos de lá, na sua vista refletia-se, em troca agora não traz o senhor esse reflexo. Eu desde o primeiro momento quando lhe vi vi-lhe tipo de silhuetas.

O autor: Nos olhos?

D. María: Nos olhos.

O autor: E a senhora como explica que a senhora está a fazer esse trabalho?

D. María: Bom pois, nós, ou seja a minha maneira de pensar, de entendê-lo, não temos contacto com que digamos, como estamos a viver neste mundo. Simplesmente penso ou dou-me conta que assim é a realidade, que o que nós fazemos com os nossos trabalhos, porque a sorte, o dom, já o temos.

O autor: De nascimento?

D. María: De nascimento. Nada aprendemos, nada lemos, não temos nada a base de aprender, isto nasce-nos na cabeça. Dá-se o senhor conta, então aquele negócio, aquele dom que estamos a trabalhar não no-lo manda o céu, nem as estrelas, nem a lua, é porque verdadeiramente, como acabei de lhe dizer, nascemos com esse dom e estamos a exercitá-lo.

O autor: A senhora como se deu conta que tinha esse dom?

D. María: Vim a dar-me conta aos doze anos, porque eu a toda a hora me ausentava dessa forma. A mim deitavam-me a dormir, pois era miúda eu. Quando diga batendo as doze da noite, dormindo como um tipo sonambulismo, abro a porta da rua, corro, vou-me à igreja, vou-me ao mercado, vou-me ao parque, vou-me ao panteão, falo com as tumbas, corro, salto e pulo.

O autor: Com o seu corpo?

D. María: Sim. Mas eu não me lembro. Regresso da mesma maneira, então os meus pais foram-se fixando no anormal da minha conduta, porque não é uma coisa normal, então começaram a investigar aos hierbateros e o hierbatero que me veio pôr a cura, o que eu deixasse de sair, foi o irmão Mateos, o irmão que trabalha comigo.

O autor: Ele estava vivo?

D. María: Estava vivo então, nessa época. Então ele foi o que me curou e disse: «vamos fechar provisoriamente o seu cérebro, será a minha matéria com o tempo». Então passados uns anos, morreu ele, então o seu espírito ficou comigo. Cumprindo doze anos perdi a minha mãe, fiquei órfã, levaram-me para casa de um médico. Oiça o senhor, isto como se pode analisar?

Então fui para casa de, em paz descanse, já morreu também, Manuel Contreras, um grande médico, um grande ginecologista. Levaram-me para trabalhar, digamos de gatinha, estar com eles a trabalhar; era madrinha de um dos meus irmãos, entregaram-me, deixaram-me lá.

Creio que aos seis, sete meses, já não me lembro, aproximava-se um carnaval e na noite de terça-feira de carnaval eu estava a dormir. O doutor e a esposa não sabiam o que eu era, o dom que trazia.

Uma madrugada só ouvi que o doutor disse: «Fervam-me a rinhoneira, fervam-me agulhas, cesariana imediatamente. Apresentava-se um prematuro.»

A esposa do doutor levantou-se, soaram seringas e instrumentos e já não soube mais. Não vi nem ouvi; foi quando o doutor Manuel Contreras se

inteirou do que eu era, porque naquele momento levantei-me, o meu corpo incorporado com o protetor.

O autor: Já havia morrido?

D. María: Já havia morrido anos antes. Mas como era um grande hierbatero, ele ao morrer continuou o seu espírito, os seus grandes poderes como até estes santos presentes. Então levantei-me, manifestou-se, que chamamos vulgarmente. Isto é assim, isto é assado, isto é mirado, compôs-se o parto, nasceu o miúdo, não houve cesariana, não houve mais nada, um milagre e acabou-se.

Desde logo começaram com que esta rapariga, esta menina, esta criatura e começaram as investigações. Então falaram com o finado do meu pai e informaram-no, que eu era muito pequena quando começaram a notar algo anormal em mim.

Então outra coisa: este irmão José Mateos, que é o meu protetor, fazia muitíssimos anos que conhecia a minha família. Dizem que quando faltavam 24 horas para eu nascer, chorei no ventre da minha mãe e ele dava-lhe assistência em minha casa. Então quando isso sucedeu mandaram-no chamar; vivia em frente, disse-lhe a finada da minha mãe: «Sucedeu-me isto, deu um grito terrível, como se já tivesse chegado ao mundo. Cala-te, não digas nada, não o contes a ninguém, olha procura uma garrafa, um litro, se for verde melhor, lava-la, enche-la de água e pan pan aqui vais enterrá-la. É o segredo, porque para essas coisas é muito segredo.»

Enterrou-se isto, senhor Jacobo.

O autor: Mas o que era?

D. María: Uma garrafa de água. Quando eu tinha dois anos, a brincar saquei essa garrafa de água, voltaram a avisá-lo porque estava perto, estava familiarizado connosco, com os meus pais, imagine o senhor. Vai-lhe muito bem com tudo e a tampa, vai-lha dar a tomar. E essa água que enterrou antes de eu nascer tomei-a eu.

Sabia que o ovo de Sexta-feira Santa que se põe seca-se?

O autor: Não.

D. María: Pois estão muito atrasados os vossos “menes”; nenhum dos vossos “menes” lho conversou?

O autor: Nenhum (risos).

D. María: Falta-lhe muito ainda. O ovo que se põe mero na Sexta-feira Santa vira pó, porque a Sexta-feira Santa é um dia muito sagrado e o que

diz a Bíblia na vida de Jesus existiu. Porque o ovo de Sexta-feira Santa seca-se e os ovos que se põem qualquer outro dia apodrecem. Dá-se conta?

O autor: E o que aconteceu quando tomou essa garrafa de água?

D. María: Era uma garrafa de água, vamos supor que esse líquido estava bendito.

O autor: E por que quando o irmão trabalha, a senhora não se dá conta?

D. María: Porque é muito simples, presto o meu corpo, a minha matéria, o que trata o irmão eu não posso saber, porque não pode haver duas formas de estar incorporada ouvindo ou sabendo.

**O autor:} Mas a senhora para onde vai ou o que acontece?

D. María: Nesse momento, pois quem sabe onde se agacha o meu espírito.

O autor: A senhora não sabe para onde vai e como aparece o irmão.

D. María: Como aparece o irmão?

Terceira pessoa: Ela relaxa e está a descansar. O senhor dá-se conta como o corpo relaxa.

O autor: E não faz ruídos?

Terceira pessoa: Respirações.

O autor: Mas muito fortes.

D. María: Quando entra, entra e quando sai, sai.

O autor: E a senhora o que sente?

D. María: Eu nesse momento não sinto nada.

O autor: É como dormir.

D. María: Dormir.

O autor: E a senhora não lhe disse ao irmão que a deixe ver?

D. María: Não, porque a mim não me conviria. Porque então chega-se a uma má impressão, os nervos, embora esteja muito protegida, mas de todos os modos quando estou com ele sou outra e quando estou sozinha, estou sozinha.

O autor: E a senhora não lhe dá raiva que usem a sua matéria?

D. María: Não, sinceramente não. Como que não importa, é como dormir-se.

O autor: E quando desperta, sente-se bem?

D. María: Nem o tempo que levei sentada, nem o que falou, nem o que fez, nem o que disse, nada, não me lembro de nada, ausento-me completamente.

O autor: E isso serve-lhe?

D. María: Muito.

O autor: De que lhe serve?

D. María: Muito simples, porque vivo com uma grande confiança, eu nada mais confio nele. Se saio à rua e aqui um poço e eu vou-me atirar e vou sair e não me vai passar nada, porque sei que ele está comigo.

O autor: Bom, ele está aqui, eu sinto algo. Cada vez que venho vê-la, sinto fortíssimo.

D. María: É pelo fluido que tenho.

O autor: Sinto-a fortíssima.

D. María: Porque é o fluido que tenho, é o fluido dos protetores, ponhamos ele e outros que me visitam.

O autor: Olhe, há muitas gentes que dizem que é muito perigoso fazer isso.

D. María: Sabe quando é perigoso, senhor Jacobo? Quando um o está a inventar, quando um o está a reforçar para o fazer não está seguro. Mas se um vai fazer uma coisa, ou digo uma coisa, ou vou fazer uma coisa, estou seguríssima do que estou a fazer porque sei que não me vão desamparar. Ora essas pessoas que se forçam a incorporar-se, que se forçam a chamar um espírito para que lhes abra o cérebro, pois então, pois sim é muito perigoso, porque podem ficar dementes.

O autor: Ou seja, a senhora diz quando é natural.

D. María: De nascimento, esquece-te.

O autor: E o que faz quando está o irmão?

D. María: Ele, curar, receitar, esfregar, falar com a gente, informar o que lhe perguntem sobre doenças.

O autor: Dá medicina.

D. María: Medicina de farmácia.

O autor: Ah!, de farmácia.

D. María: Aqui já quase não se utilizam ervas.

O autor: Já é de farmácia. Doña María, como é a vida espiritual?

D. María: Pois mais ou menos senhor Jacobo como vivemos nós. Nós morremos, o nosso corpo morre mas o nosso espírito não. Então os nossos espíritos estão a vaguear na terra, como quando andamos materialmente.

O autor: Mas alguns vão-se, ou todos ficam na terra?

D. María: Sim, há um lugar segundo a indicação dos irmãos ou dos protetores. Há alguns, os bons ficam, os maus vão ao inferno, que é uma

prisão espiritual deles, onde encarceram os espíritos maus. Agora os espíritos bons são os que ficam na terra, como, digamos, nós.

O autor: E os protetores? Alguns dizem que os protetores vêm de outros planetas.

D. María: Sim, por exemplo, os protetores são sempre uns irmãos espirituais. Um grande protetor dizem que vem de Júpiter, chama-se “Engles Men”.

O autor: De Júpiter? Como se chama?

D. María: “Engles Men”.

O autor: Mas em Júpiter, com que corpo vivia?

D. María: Pois isso é o que precisamente não tomámos interesse para o sacar em claro, mas sabemos que desse planeta vem.

O autor: E o seu protetor conhece-o?

D. María: Sim, claro, é da sua agrupação.

O autor: Ah! é uma agrupação.

D. María: Sim, agrupam-se, é muito longo para pensar e estudar e analisar tudo isso.

O autor: E há muitas agrupações?

D. María: Huy, sim! O mesmo recomenda, também, que quando faltam cinco minutos para as doze da noite, a terra fica em silêncio, todos os bons vão fazer um informe possivelmente ante Deus ou ante o guia espiritual, o governo deles. Porque também os irmãos espíritos têm o seu governo, têm uma pessoa que lhes põe uma lei ou lhes ordena mais ou menos. Essa é a vida dos espíritos.

O autor: E quando trabalha o seu protetor, o que é o que principalmente faz?

D. María: De tudo.

O autor: Podem-lhe vir gentes com fraturas, tumores, de tudo.

D. María: Se é um tumor que se pode desfazer a base de velações.

O autor: De velações? E as velações chamam outros protetores?

D. María: Não, as velações é como as que fiz no seu rancho.

O autor: Para tirar influências negativas.

D. María: Não vou eu pessoalmente, mas sim vai o meu espírito, o espírito dele e outros espíritos.

O autor: Ah!, então o seu espírito...

D. María: Utilizam-no.

O autor: Mas aí sim dá-se conta.

D. María: Mais ou menos, muito poucas vezes.

O autor: Ah!, se por exemplo à noite a senhora se pode ir.

D. María: Não, se eu me durmo às 9 ou 10 da noite o meu espírito podem-no levar até Itália.

O autor: Mas a senhora não se lembra bem do que passa?

D. María: Não, claro que não, mas quando eles pedem, avisam a matéria, toma-se um copo de leite «ora à noite vai viajar!»

O autor: E se a senhora quiser fazê-lo sozinha?

D. María: Não, sem o poder deles, não. Tem de ser com o poder deles, que lhe parece?

O autor: Não, pois, muito interessante.

Capítulo 7

DON ANTONIO DE QUINTANA ROO

A cerca de uma hora de caminho de Cancún, em direção a Valladolid, no estado de Quintana Roo, encontra-se um pequeno povoado onde vive um psicólogo autóctone chamado Don Antonio. Conheci-o no final de dezembro de 1985, enquanto fazia uma investigação sobre o xamanismo em Quintana Roo. Sabia que naquele povoado vivia um “men” muito afamado e dispus-me a localizá-lo.

Numa loja do povoado encontrei dois rapazes, a quem perguntei se conheciam um “men” no povoado. “Men” em língua maia significa curandeiro ou xamã, e a palavra tem grande semelhança com “nen”, que em maia significa espelho. Parece que a origem da palavra que designa xamã é semelhante à que significa espelho. Esta semelhança resulta extraordinariamente interessante, precisamente porque se supõe que o xamã deve atuar como um espelho, para poder refletir com os seus pacientes aquilo que eles próprios procuram de si mesmos.

Os meus dois informantes escutaram-me com atenção e conversaram entre si para chegar a uma conclusão acerca de se existia ou não um “men” no povoado. Passados uns minutos, indicaram-me que sim e que, se eu desejasse, guiar-me-iam até ele. Aceitei e juntos seguimos por ruas de terra

até chegarmos a uma choça onde vive o filho de Don Antonio, que se dedica à carpintaria, e este indicou-lhes onde ficava a casa do pai.

Depois de virar outra esquina, chegámos a um terreno no centro do qual havia uma choça típica do estado de Quintana Roo: um pequeno retângulo construído com paredes de pau e teto de palha, no interior do qual tem uma estrutura de madeira da qual pendem uma ou várias redes. Entrámos na choça e encontrámos Don Antonio deitado numa rede, acompanhado da sua esposa, uma índia vestida com um huipil bordado com flores e (depois soube) totalmente cega.

Don Antonio recebeu-nos com um sorriso; a sua cara pareceu-me conhecida. Um índio de cabelo grisalho, maduro, bem formado, alto, com uma idade entre os sessenta e os setenta anos.

Convidou-me a sentar junto com o meu acompanhante e ele sentou-se na sua rede. Só falava maia, pelo que pedi ao meu informante que traduzisse para espanhol.

Don Antonio perguntou-me o que desejava dele e expliquei-lhe que estava a realizar uma investigação pela Universidade. Que nesta investigação o que mais me interessava era conhecer a concepção de realidade dos “menes” e que viera ter com ele porque ouvira dizer que era curandeiro. Ao ouvir a tradução o seu rosto expressou enfado e começou a falar num tom muito intenso, dizendo que não aceitava ser investigado por ninguém e que eu dissesse com toda a clareza o que realmente desejava saber. O seu enfado foi tal que senti uma mudança importante no meu estado emocional, a ponto de por um momento pensar abandonar a investigação de Don Antonio, considerando que o rejeição que estava a sentir era demasiado intensa. Contudo, contive-me e expliquei-lhe que não desejava investigar nada fora da sua ideia da realidade e que o que mais me interessava era aprender com ele.

Don Antonio acalmou-se e disse-me que aceitava que eu presenciase a leitura da sorte que me faria na segunda-feira seguinte à noite. Pediu-me que chegasse ao entardecer e que estivesse preparado para ficar até à madrugada, que era o momento mais adequado para realizar a leitura.

Perguntei-lhe acerca do procedimento que utilizaria e, nesse momento, respondeu-me que os antigos conheciam mais as artes da adivinhação do que ele, que ele já não se dedicava a isso e que em tempos passados os xamãs utilizavam esferas de adivinhação, mas que ele já não as utilizava.

Assombrei-me com a mudança porque momentos antes aceitara realizar a adivinhação e agora manifestava a sua ignorância acerca das artes xamânicas. Pensei que a sua atitude era uma espécie de tática para mostrar a sua humildade e só lhe respondi que regressaria na segunda-feira para contemplar o procedimento de adivinhação que utilizaria. Despedimo-nos.

A seguir descreverei o que me aconteceu na segunda entrevista que tive com Don Antonio na segunda-feira seguinte.

ORIGENS DOS PODERES DE DON ANTONIO

Na segunda-feira à tarde fui com Doña Sara de Cancún e um amigo visitar Don Antonio. Doña Sara aceitara acompanhar-me com o objetivo de servir de tradutora e o nosso amigo estava interessado em observar a cerimónia de adivinhação.

Chegámos ao povoado e ao entrar na choça de Don Antonio encontrámo-lo deitado numa rede. A sua esposa estava sentada, tecendo com uma habilidade extraordinária, apesar da sua cegueira completa. Estava também uma neta de ambos, de aproximadamente seis anos, lindíssima e totalmente natural. Convidaram-nos a sentar e a menina pediu-me que lhe tirasse umas fotografias. Acedi e, aproveitando que tirara a máquina, perguntei a Don Antonio se podia tirar umas fotos da choça e a ele junto com a esposa. Aceitaram e comecei a tirar fotografias até que Don Antonio começou a expressar um intenso descontentamento, semelhante ao que manifestara na nossa primeira entrevista. Dizia coisas em maia, num tom muito alto. Sara disse-nos que Don Antonio estava sumamente molesto pelas fotografias que lhe tirara e que não entendia a que tínhamos ido, se estávamos a brincar com ele ou do que se tratava a nossa visita. Explicámos que as fotografias não tinham nenhum fim negativo, que o único que desejávamos era aprender com ele e conhecer o que fazia.

Por fim Don Antonio tranquilizou-se e pude perguntar-lhe acerca do seu trabalho, especificamente acerca da origem do seu conhecimento, ao que respondeu que este estava relacionado com a existência de duendes que vivem nos campos, com os quais se comunicava. «Os duendes», disse, «ensinaram-me tudo o que sei e comunico-me com eles utilizando umas esferas que eles depositaram em lugares estratégicos, as quais se podem encontrar dependendo de se o uso que se vai fazer delas é o adequado.»

Don Antonio contou que numa ocasião, estando na sua milpa, encontrou um conjunto de esferas que sabia que pertenciam a este origem “duenderil”. Guardou-as, mas nunca se atreveu a usá-las, inclusive ofereceu-as de presente a um amigo por considerar que não estava capacitado para utilizá-las. Passado um tempo, também enquanto trabalhava na sua milpa, voltou a encontrar outras esferas e nessa ocasião decidiu que definitivamente fora escolhido para se converter em curandeiro. A partir desse momento Don Antonio aprendeu a utilizar as esferas e pediu aos duendes que o ajudassem na sua labuta.

Tanto em Yucatán como em Quintana Roo existe toda uma concepção acerca da existência de seres diminutos que vivem em túneis e grutas a que chamam “alushes”. Não posso afirmar se os duendes de Don Antonio correspondem aos “alushes”, embora ambas as “espécies” pareçam ser muito parecidas. Tanto os duendes como os “alushes” são pequenos, sábios e poderosos. Ambos se comunicam com gente muito especial para lhes ensinar certas artes como as curativas. Seja o que for, Don Antonio afirma que os duendes se comunicam com ele e que o ajudam no seu trabalho.

ESPÍRITOS DOS QUATRO PONTOS CARDINAIS

Don Antonio considera que existem quatro tipos de entidades espirituais, cada uma delas associada com os quatro pontos cardinais. Quando se lhe pergunta acerca da doença de alguma pessoa, Don Antonio sente se a origem da mesma provém de algum dos quatro pontos cardinais e dependendo da orientação da procedência, diagnostica a doença como negativa, positiva, de dano ou natural.

A descrição destes quatro pontos cardinais encontra-se no final deste capítulo na secção de transcrições, junto com o relato que Don Antonio nos fez da sua concepção espiritual. Nela o leitor poderá dar-se conta do manejo verbal de Don Antonio e das suas ideias acerca da origem do seu conhecimento.

CERIMÓNIA DE ADIVINHAÇÃO

Depois de relatar a origem do seu conhecimento e a sua conexão com duendes e espíritos, Don Antonio aceitou realizar a cerimónia de adivinhação para o autor, da qual farei uma descrição do seu conteúdo tal como a observei e a vivi.

Don Antonio sentou-se frente à sua mesa, num canto da choça, na qual havia uma vela acesa e várias imagens religiosas e crucifixos. De um extremo da mesa tomou uma pequena bolsa e um recipiente, que estava selado com uma tampa diminuta. Abriu-o e extraiu do recipiente esferas de cores, depositando-as numa vasilha cheia de um líquido que parecia água.

Tomou uma das esferas, limpou-a, secou-a e colocou-a sobre a mesa, perto da vela acesa. Fez o mesmo com outras duas esferas e começou a recitar uma oração em maia, com alguns termos em castelhano, que durou vários minutos. Nesta alocução, Don Antonio parecia rezar e pedir força, vidência e clareza. No final da oração pronunciou frases inteiras em espanhol, nas quais mencionou a Igreja católica, a Jesus Cristo e à Trindade cristã, num claro sincretismo religioso.

Depois desta longuíssima oração, Don Antonio perguntou o meu nome e introduziu-o em várias frases. Em seguida tomou uma das esferas, colocou-a primeiro frente à chama da vela e depois ao lado da mesma, observando-a com muita atenção. Parecia que tentava ver alguma imagem dentro ou na superfície da esfera.

Súbito Don Antonio virou-se para me olhar e perguntou-me se a minha mãe vivia, porque o que vira na esfera indicava-lhe que eu estava a receber proteção de um espírito de graça, que identificava como a minha mãe. Respondi-lhe que morrera e ele assentiu com a cabeça dizendo-me que eu estava protegido pelo espírito dela e que devia recordá-la mais vezes, pois ela queixava-se muitas vezes de não ter resposta da minha parte.

Assombrei-me muito com essa consideração e escutei com atenção o que seguiu dizendo Don Antonio. Referiu-se ao trabalho que eu estava a realizar como de suma importância e fez-me um convite para receber uma iniciação que facilitaria ainda mais a minha tarefa. Ao perguntar-lhe acerca da mesma, afirmou que se tratava de uma coroação que me poria em contacto direto com o universo dos duendes, os quais facilitariam o meu

trabalho. Perguntou-me se estava de acordo em receber esta iniciação e disse-lhe que com todo o gosto a viveria.

Em seguida falou sobre acontecimentos da minha vida que considero demasiado íntimos para serem descritos, e nos quais observei uma precisão extraordinária na capacidade de Don Antonio de conhecer diretamente a minha situação.

Ao terminar, perguntou ao amigo que nos acompanhara se desejava receber a cerimónia de adivinhação; ele acedeu e Don Antonio realizou um procedimento semelhante ao meu.

Primeiro recitou a longa sequência de frases religiosas sincretistas, misturando outra vez o maia com o castelhano e terminou a recitação com uma série de frases em perfeito espanhol que se referiam de novo à Igreja, a Jesus Cristo e à Trindade cristã. Depois tomou uma esfera distinta da que utilizara comigo e colocando-a primeiro frente à vela e depois ao lado, observou atentamente o que aparecia na esfera e informou o meu amigo do que via.

A informação que lhe deu foi totalmente diferente da minha. Disse-lhe que tinha problemas monetários e mencionou-lhe uma série de características do seu trabalho e dos problemas associados com ele. O meu amigo assentiu afirmando que isso era precisamente o que lhe estava a suceder e agradeceu a Don Antonio a exatidão da sua vidência.

Com estas duas experiências foi notório que a capacidade de adivinhação de Don Antonio é específica e notavelmente precisa na sua capacidade de reportar e obter informação dos seus pacientes.

CONCLUSÕES

Deste estudo acerca de Don Antonio ressalta em primeiro lugar o seu contacto com entidades estranhas, às quais chama duendes e espíritos. Entre os maias e, sobretudo, entre os xamãs maias da atualidade parece ser comum a consideração da existência de espíritos e entidades espirituais como os duendes. Na realidade, não sabemos exatamente a que se referem com o termo; pareceria que a sua consideração da existência destas entidades está relacionada com a vida de seres que acompanham os seus trabalhos agrícolas e que de alguma maneira estão ligados à natureza.

Resulta extraordinária a capacidade de detetar informação subtil, como demonstrou tê-la Don Antonio. De onde e por meio de que

mecanismos obtêm esta informação é difícil dizer. O único que é possível afirmar é que a sua capacidade adivinhadora parece requerer de um instrumento (as esferas) no qual se plasmam imagens associadas com o processo adivinhador.

Acerca destas esferas também é possível considerar que são de uso comum entre os psicólogos autóctones da região de Yucatán e Quintana Roo. Pelo menos, já existem evidências de que dois xamãs desta região as utilizam: Don Panchito e Doña Sara. Além disso, Doña María também faz referência a elas.

As esferas de Doña Sara e de Don Panchito são muito parecidas. São esferas brancas, algumas totalmente transparentes e outras ligeiramente opacas, de um diâmetro aproximado de dois a três centímetros, com bolhas no interior. As esferas de Don Antonio são diferentes: são de cores e com um diâmetro menor às que usam os outros xamãs.

Todos eles afirmam que observando a superfície e o interior das esferas obtêm informação valiosa que responde às perguntas que fazem os seus pacientes. Este uso de esferas para a adivinhação merece uma investigação mais ampla, que possa responder perguntas referentes ao mecanismo de adivinhação e ao uso das mesmas.

A desconfiança que mostrou Don Antonio no início das nossas duas entrevistas parece ser uma desconfiança generalizada entre os curandeiros da região. Têm medo de que o seu conhecimento se utilize de forma negativa, de que o governo intervenha nos seus trabalhos, inclusive têm temor de que alguma fotografia que se lhes tire possa ser utilizada como meio de controlo energético das suas pessoas. Requer-se de uma labuta de convencimento para que aceitem ser entrevistados e estudados, e alguns deles, como no caso de Don Antonio, manifestam uma oposição intensa e uma grande desconfiança para com os estranhos. Quando esta desconfiança desaparece, então oferecem o seu conhecimento sem inibições e inclusive estimulam a investigação, as perguntas que se planteiam, e partilham o seu conhecimento com o investigador de forma cálida e humana.

Por último, é notável o facto de que os psicólogos autóctones, como Don Antonio, têm uma clara consciência de que a sua origem se remonta a épocas milenárias. Inclusive, consideram que o conhecimento da antiguidade era muito mais poderoso, exato e profundo do que o conhecimento que eles atualmente possuem.

TRANSCRIÇÃO DA GRAVAÇÃO FEITA A DON ANTONIO EM SUA CASA EM QUINTANA ROO

Esta é uma transcrição de uma conversa sustentada em maia, com fragmentos em espanhol, entre Don Antonio, a sua esposa e Doña Sara, que faz de tradutora. Aparecem também o autor, o filho de Don Antonio e outra pessoa de nome José Elías.

1.

2. Sara (fala ao autor): Olha, o senhor considera que tu precisas de uma entrega ao teu trabalho; se precisas que ele to faça, ele pode fazer-te uma entrega ao teu trabalho.

O autor: Ele pode fazê-lo?

D. Sara: Ele pode fazê-lo, assim vais direito.

O autor: Pode fazê-lo agora?

D. Sara: Não, não, agora não! Tem de prepará-lo.

O autor: Ah!

D. Sara: Penso que quando vieres, segunda, terça. Quando vais ao México?

O autor: Vou-me na quarta-feira.

D. Sara: Em quanto tempo vais voltar?

O autor: Possivelmente num mês, não estou seguro.

D. Sara: Mais ou menos.

O autor: Podes perguntar-lhe o que está a fazer o espírito da minha mãe?

O filho: Os espíritos maus estão lá, os ares maus ou os espíritos do tempo estão aqui.

D. Sara: É segundo de onde vêm; de por aqui são espíritos bons.

O autor: Os chiquitos “alushes”*.

O filho: Não!, é o que os fazem “alushes”.

*(NT: *Bonecos pequeninos dos duendes Maias.*)

O autor: Ah! é uma entrega.

O filho: Entrega aos duendes, para que deem mais poder para trabalho. Porque se quiseses trabalhar assim, sem permissão, os duendes castigam. Se queres continuar a trabalhar desta forma, tens de fazer uma entrega aos duendes.

José Elías: É uma iniciação.

O autor: Mas continuo a ser livre.

O filho: Claro que sim!, porque vão-te dar mais poder.

José Elías: São os que têm a custódia, os que têm a responsabilidade de que faças bom uso.

O autor: Que faça bom uso? Quero saber mais do espírito da minha mãe. Porque ela sofreu muito, morreu como uma santa. E eu acreditava que ela voltara à terra.

Don Antonio (fala em maia durante uns minutos).

O autor: Que diz?

O filho: Que para fazer a entrega há que fazê-la com uma coroa na tua cabeça, há que buscar. Tudo isso ele vai fazer. Então se aprendeste a trabalhar de uma forma, todas as maldades vêm contra ti. À hora da entrega total, então a coroa dá-te mais poder para que tenhas o conhecimento.

O autor: Pode dizer-me um pouco mais do espírito da minha mãe?

(Falam várias pessoas ao mesmo tempo.) É necessário que me lembre dela para que me dê a oportunidade.

D. Sara: Exatamente. Ela quer-te e anda a cuidar-te, tu não te lembras dela e então manda-te castigos para que te lembres dela.

O autor: Ah, sim? Que diz?

D. Sara: Ah, está a recordar a sua infância, que ele não conheceu a mãe nem o pai, só cresceu com um senhor que lhe falava um pouco duro, dava-lhe cintaçadas. Mas apesar de tudo agradece isso, porque o puseram num caminho de trabalho, num caminho de liberdade.

A esposa de Don Antonio (fala em maia durante um bom tempo e D. Sara tenta explicar o que diz).

D. Sara: Está a contar como teve os seus poderes. Era 18 de março que foi buscar erva para os seus cavalos e ali estavam as esferas no monte, na milpa.

O autor: No monte?

O filho: Estava a cortar erva para os cavalos quando adquiriu poderes e ainda não tinha plano de trabalhar. Então começou a trabalhar, revelação atrás de revelação e começou a trabalhar. Chegou um hierbolero* que tem conhecimento e disse-lhe: «Se queres trabalhar com estas coisinhas, pois trabalha. Tens poderes.»

**(NT: Indivíduo conhecedor de ervas para tratamento)*

E levou-as a Yucatán e sozinhas voltaram um dia de noite. À meia-noite, alguém chegou pela casa e ali amanheceram.

D. Sara: As bolitas emprestou-as a esse senhor e sozinhas voltaram.

O autor: Tem sempre que ver com fogo?

O filho: Com a vela? Claro que sim!

O autor: E por que há muitas? Cada uma quer dizer coisas diferentes?

O filho: Ah, não sei! (Pergunta em maia.) Cada coisinha branca.

O autor: Vê ou ouve?

O filho: Vê, creio.

Don Antonio (responde em maia).

O filho: Vê nos branquinhos. Se estás doente acaso, todos os branquinhos que vê, os branquinhos marcam-te a medicina.

O autor: Ah, então também te diz a medicina que deves usar, a erva que deves usar.

O filho: Então se um tem esse conhecimento, dizem que mata.

(Durante toda a conversa há participação de Don Antonio e da sua esposa, que falam em maia, e a quem traduz Doña Sara.)

O autor: Ele aprendeu das ervas. Tudo o aprendeu através das esferas?

D. Sara: Quase tudo. E em sonhos também lhe vem.

O filho: Às vezes em sonhos, quando saca os maus ventos, tens de fazer algo para esperar a comida dos maus ventos.

O autor: E isso serve aos duendes? Alimentam-se disso os duendes?

O filho: Sim. Segundo dizem.

Esposa: É a mudança dos ventos.

O autor: E Deus? Por que não há uma comunicação direta com Deus, por que através dos duendes?

O filho: É que é o que faz que se faça a comunicação. Pede permissão.

O autor: A Deus? E esses duendes onde estavam?

Esposa: No oriente.

O autor: O oriente?

José Elías: Sabes quem está no oriente? Pede-se permissão a Deus e depois faz-se a comunicação.

O autor: E esses duendes o que eram antes de ser duendes?

O filho: Sempre foram duendes.

Don Antonio (intervém em maia).

O autor: Cada duende tem...?

D. Sara: Esta é muita conversa, não a vamos esgotar num dia. (Ouve-se uma espécie de rezo.)

D. Sara: José Elías.

(E Don Antonio repete o nome de José Elías e segue rezando. Reza em espanhol o Pai Nosso, o Credo e o Glória.)

D. Sara: Diz que há uma estrela, um lucero (estrela) ao fundo da tua sorte, diz que te cuides. Cuida-te, anda com os teus pensamentos bons. Cuida-te, porque alguns fazem-se de teus amigos e depois traem-te. Mas que andes com pensamento bom. Que é melhor que andes sozinho e não com os teus amigos. Que não vá a ser que esses teus amigos te vejam com poder, se te arrimem e depois, por esse mesmo dinheiro, até te podem fazer uma maldade. Que é melhor que não andes acompanhado. Sim, que vais ter e que te cuides, que não o mostres a ninguém. Cuida-o e cuida-te.

José Elías: Esse algo que me diz o que é?

D. Sara: Não se pode saber. Está-te a avisar! Desde que ele te diz, cuida-te e cuida-o. Essa palavra significa perigo. Sais muito de noite e a noite pode-te causar problemas. Desde que entra a noite recolhe-te em tua casa.

José Elías: Quem é o inimigo? Pergunta-lhe.

D. Sara: É só um aviso, que te cuides! Vai-te bem, cuida-te e cuida-o. Estes três luceros estão a sair para afirmar o que vai passar. É importante que saques a tua sorte, porque se não tivesses sacado a tua sorte poderia passar-te o que te diz; em troca agora já o sabes, então já não vai passar.

José Elías: Que me cuide porque... (risos), já esteve.

Capítulo 8

AS ESFERAS DE ADIVINHAÇÃO

Os antigos maias chamavam-lhes “Zaz tun”. Para os psicólogos autóctones são “as esferas de adivinhação”. Segundo Doña María de Mérida, os antigos puli-am-nas a partir do cristal de rocha e utilizavam-nas para “ver” o que os olhos não podem ver.

Na atualidade o uso das esferas de adivinhação está muito estendido, tanto entre os xamãs iucatecos como nos de Quintana Roo. A Doña Sara de Cancún apareciam-lhe na sua rede todas as manhãs, junto com a indicação “mental” de levá-las ao seu mestre, Don Panchito, que tem força suficiente para manejá-las e mantê-las “carregadas”. Segundo Doña Sara, as esferas de adivinhação acabam por conectar-se com o seu possuidor e se este não

lhes dá suficiente energia, então as esferas tiram-lha e isso é muito perigoso. As esferas devidamente carregadas tornam-se transparentes e oferecem ao seu dono um mundo de imagens oraculares nas quais pode ver o futuro dos seus pacientes e os seus diagnósticos. Em troca, quando às esferas não se lhes dá suficiente energia, perdem a sua transparência e o seu poder.

Para Don Antonio de Quintana Roo, as esferas de adivinhação são enviadas por duendes, que escolhem o seu futuro proprietário dependendo do seu nível iniciático. As esferas que maneja Don Antonio foram-lhe enviadas duas vezes. Na primeira ocasião, sentiu-se pouco preparado para utilizá-las e então as esferas desapareceram. Na segunda ocasião, as esferas chegaram-lhe de forma misteriosa: apareceram num lugar afastado da sua milpa junto com um aviso de aceitá-las para fazer o bem. A partir de então Don Antonio utiliza-as para visualizar o futuro dos seus pacientes.

Quando pedi a Don Panchito que me dissesse a minha sorte e me permitisse gravar as suas palavras, escandalizou-se, respondendo-me que a sorte não pode fixar-se. O seu aviso permitiu-me compreender o nível de respeito pela vida deste centenário nahual.

Don Panchito advertiu Doña Sara que desde o dia seguinte à sua visita iriam pedir-lhe consulta uns bebés. E, efetivamente, fui testemunha do cumprimento exato dessa predição: no dia seguinte, às sete da manhã, uma mãe apresentou-se com o seu bebé no consultório de Doña Sara, pedindo-lhe consulta. O mesmo repetiu-se duas horas depois.

A física contemporânea está a começar a investigar a possível existência de partículas elementais supraluminais, isto é, capazes de viajar a velocidades maiores que a da luz e, portanto, de modificar o tempo da sua trajetória; a estas partículas denomina-se taquíónes. Ainda não sabemos como explicar a surpreendente capacidade preditiva dos xamãs maias. Nos termos da Mecânica Quântica pós-relativista, talvez o cérebro destes xamãs funcione numa modalidade taquíónica supraluminal, independente da dimensão temporal. Isto indicaria que eles aprenderam a funcionar num nível da realidade no qual não existe o tempo. Estes níveis podem associar-se ao que a Psicofisiologia contemporânea denomina expansão do presente. Se isto for assim, os seus níveis de consciência devem ser semelhantes aos que manifestaram aqueles seres de todas as épocas que dizem estar em contacto com o Ser.

Seja o que for, e independentemente da explicação que se lhe queira dar, a capacidade adivinhadora e preditiva não é um mero caso isolado ou uma curiosidade de laboratório, senão que manifesta um modo de funcionamento fronteira da consciência.

CAPÍTULO 9

DOÑA RUFINA DE PUEBLA

PRESENTACIÓN

Doña Rufina Manzano nasceu no povoado de San Miguel Tzinacapan, Cuetzalan, Puebla, e viveu toda a sua vida nessa comunidade, onde faleceu a 2 de março de 1982, com aproximadamente setenta e cinco anos. Sempre se dedicou à curandeira, alcançando um grande prestígio não só em toda a região mas inclusive entre os académicos dedicados à investigação sobre este tema. Aos dezoito anos casou-se com Rafael Islas e teve seis filhos: Nieves, Heraclio, Aureliano, Emeterio, Elena e Gabriel. O texto que segue foi redigido pela senhora Elena Islas, filha de Doña Rufina, e pela doutora María Eugenia Sánchez, investigadora radicada em Tzinacapan desde 1973 e afilhada de casamento de Doña Rufina. Eduardo Almeida Acosta*

• O Dr. Eduardo Almeida é professor da Faculdade de Psicologia da UNAM. Dedicar-se à investigação do desenvolvimento comunitário em zonas indígenas.

INICIACIÓN

Uns totonacos, homens e mulheres, vieram refugiar-se em San Miguel por algum problema que tiveram no seu povoado e foram hospedados pela mãe da minha mãe, Doña Josefa Ramírez. Quando puderam regressar aos seus povoados quiseram deixar algo à minha avó: «Com que te vais manter? Vamos ensinar-te como curar.» Ensinar-lhe os rezos e a curar; as orações eram em espanhol mas o rezo em nahuatl (*língua Azteca*) seguramente porque muitos totonacos falam náhuatl e além disso curam melhor que os de San Miguel. A minha avó começou a curar e disso se mantinha porque o marido a deixou e saía longe a curar. A minha mãe aprendeu da mãe dela; desde menina estava colada todo o tempo a ela e não se dormia para ver como curava; tudo lhe ficou, aprendeu só ouvindo mas a

mãe não lhe ensinava. Ao morrer disse-lhe a minha avó: «Tu sabes tudo, como curei, quero ouvir se sabes.» A minha mãe disse-lhe tudo. «Sabia que tinhas aprendido, agradeço que faças bem à gente.» Os totonacos unicamente ensinaram à minha avó, Doña Josefa, e ela ensinou aos seus filhos; um deles era o pai do meu primo Inocencio; o meu tio, esse sim aprendeu a fazer «maldades»;¹ a minha mãe sabia as maldades mas não as fazia, nem tampouco Inocencio. Também da minha avó aprendeu outro irmão da minha mãe que se foi para Puebla; sabia fazer maldades mas não queria dizer nada; de noite montava-se em cima de «eles»; eles apareciam-lhe em forma de reses ou de outros animais e levavam-no até às estradas, a grutas ou a onde ele quisesse. O meu pai não acreditava na minha mãe; por influência do meu pai eu também não acreditava em nada. ¹ «Maldades» significa bruxarias.

VISIÓN DE LA REALIDAD

Na visão de Doña Rufina a terra é o centro vital: «Somos fruto da terra; é ela que nos dá a vida, que nos dá de comer; ela mantém-nos e depois come-nos, pois regressamos a ela; a terra é o nosso pai (noteskaltijkatatsin) e é a nossa mãe (noteskaltijkanantsin).» No interior da terra está o Talokan, uma espécie de paraíso que corresponde ao Tlalokan dos antigos astecas; no Talokan habitam muitos seres benévolos, como os talokes taskaltiani, e malévolos, como os talokes hacienderos. Para Doña Rufina o céu é o lugar da felicidade: «Lá em cima está o céu; é um lugar muito belo que não tem fim; é como uma festa; lá está Deus que é o Pai Eterno; ele é bom, perdoa-nos, é como um pai bom; é um Tatita que nos governa; também está Jesus Cristo que é o seu Filho a quem deu o seu Reino.

A um lado de Deus estão os santos grandes como a Virgem de Guadalupe, a Virgem do Carmo, San Miguel, que é o único que pôde vencer o demónio, e San Rafael dos sete espíritos. Mais abaixo estão os santos pequenos, San Martín Caballero, San Jorge e Santiago, que durante a noite jogam no ar. Depois estão as onze virgens. Debaixo do céu está o purgatório onde estão as almas do purgatório, com o corpo e a alma em sofrimento. Num outro lugar, lá em cima, está o inferno.» Na visão de Doña Rufina o mundo sobrenatural penetra o mundo natural; o homem relaciona-se com este mundo sobrenatural pela oração e os rituais, também pelo «tonal» ou a sombra, que é uma parte do espírito do homem que pode separar-se do seu corpo e que é, além disso, o seu duplo em animal.

CÓMO TRABAJABA DOÑA RUFINA

Doña Rufina curava toda a classe de doenças que nenhum médico pode curar e que são as que ocorrem com maior frequência; estas doenças são produzidas por um dano (*heitiço*) do «tonal» (animal de poder) ou do «yolo» da pessoa. O «tonal» é a sombra da pessoa, é o espírito do homem; não está no coração senão em todo o corpo; é uma força que dá vigor; pode deixar o corpo sem que a pessoa morra; separa-se dele durante o sono; deixa o corpo dos bruxos e curandeiros que «estão a trabalhar», sai deles para buscar por todas as partes os espíritos perdidos.

Os tepeuanes (*índios das montanhas*) cuidadores dos cerros, os achiuanimej (*trabalhos de magia negra*) cuidadores das águas, e outros duendes podem apoderar-se do «tonal» de qualquer pessoa; esta privação é a que produz a doença; parece que o «tonal» se encontra no sangue, que é «a água do coração». O «yolo», ou coração, é o princípio vital, é a respiração do corpo, é o lugar da vida, é o produtor do sangue que é a vida; quando o «yolo» é lastimado o homem morre; é o lugar dos sentimentos e é o vínculo entre o espírito, o «tonal» e o corpo. Doña Rufina, com o seu «tonal», buscava durante o sono o espírito perdido do doente; indagava se a doença era de gravidade ou não, se estava a afetar o «tonal» ou também o «yolo».

CÓMO CURAVA

A minha mãe curava de tudo: susto, maldade, mau ar, mau olhado, mal de cuajo (*estômago virado por queda ou gordura*); curava de tudo mas ela não fazia maldade embora soubesse como fazê-lo. Tinha de rezar todo o dia; só se saía ou se a iam visitar parava. Sentava-se e tapava-se com o seu xale, toda encolhida, e rezava até à meia-noite. Eu tinha de levantar-me às três da manhã para fazer o que fazer e ela só sentada na sua cama, reza e reza. Quando íamos a Atepoliui,³ ela ia rezando; queria falar eu e não me respondia; lavava e rezava sem parar; se não rezasse tanto não se curavam os doentes; por isso eu não quis aprender; era como quem se põe a escrever todo o tempo. Quando o meu pai lhe armava pleito e a interrompia amanheciam doente e perdia o rezo pelo embruxado. Nos sonhos cortavam-lhe o caminho, os outros bruxos; quando tinha um contrário muito forte queixava-se muito de noite, como que a puxavam, fazia forças; todos os dias contava-me os seus sonhos. Num canto da casa tinha enterrado alhos, palma bendita, um peso e água benta numa garrafa; era para os sustos;

nesse lugar tinha sempre uma tinaja (*pote*) com água; nunca rezava no altar como fazem outros; para susto de água rezava onde estava a tinaja; para susto de lume rezava de pé junto ao lume vendo o lume; para maldade rezava onde quer que fosse, no caminho, na sua cama. Cada oito dias, sábado, levava-nos às rancherías (*povoações ou lugarejos*) onde curava; nunca cobrava mas tínhamos de regressar carregando galinhas e panela que lhe davam; onde avisava que ia matavam galinha; em troca há outras senhoras que tiram muito dinheiro. A gente vinha vê-la a ela; às vezes diziam-lhe: «Reza para que morra fulano, damos-te puro 7.20»; mas ela não aceitava, dizia-lhes: «Quero chegar em mãos de Deus». Às vezes levava-os a Tuzamapan com um bruxo mas ela não o fazia. ³ Um rio próximo do povoado de San Miguel onde as mulheres vão lavar.

EL SUSTO O susto dá-se quando um se cai ou quando um se assusta; tira-se a fome e dá febre; se não se cura põe-se pior; dá a crianças e a grandes. Para curar o susto a minha mãe rezava em casa; punha uma veladora e o copal frente à tinaja se era susto de água, ou junto ao lume se era susto de lume.⁴ Se a pessoa que tinha susto não sarava ia chamá-la onde se assustara; sonhava que estava deitada onde se assustara e que não queria vir; tinha de ir com o alho, a palma e a água benta a esse lugar a chamá-la. ⁴ Moedas de prata

a) Susto ligero y susto grave

O susto é a perda do «tonal» ou da sombra; esta perda pode ser ligeira e fácil de curar quando é devida a uma queda na terra ou na água ou devido a uma queimadura; a pessoa põe-se pálida e fraca; neste caso o doente recupera o seu espírito com certa facilidade graças ao curandeiro. O susto grave, que se parece com a maldade, é quando os «donos» da terra ou da água tiram o espírito a alguém por causa do seu mau comportamento com a natureza; então a cura é mais difícil. A família do doente procurava Doña Rufina para pedir a cura; Doña Rufina acomodava-se no canto da sua casa onde tinha enterrados palma bendita, alho, tabaco e dinheiro; acendia o incensário e começava a rezar. Primeiro dirigia-se a Deus que está nos céus e dentro da terra; dirigia-se também a Jesus Cristo e a San Miguel para que nos ajudem em todos os males; depois de uma interrupção dirigia-se a San Juan Taltijpak, a San Judas Talmanik, a Padre-Mãe Trindade, à Santíssima Terra, que são os diferentes nomes da terra; invocava também o Talokanka

e aos talokes que cuidam os 14 currais onde se encontram os animais «tonal» com o fim de perguntar-lhes onde se encontrava o espírito da pessoa; batia várias vezes a terra com uma vara; em seguida dirigia-se ao Sol chamando-o San Juan da Luz, Lucero da Manhã, para que ajude com a sua luz e a sua força a buscar o espírito. Todos estes rogos eram acompanhados de 25 padre-nossos, 25 avemarias, 25 credos e 25 confíteor (*a confissão*), embora o número de preces pudesse variar. Depois dos rezos, quando se dormia, no sono, com o seu próprio espírito, Doña Rufina buscava por todas as partes o «tonal» da pessoa para saber que classe de doença tinha e qual era a sua origem. Dirigia-se aos Talokes, que são como homenzinhos com cotonete, a Deus e ao Demónio; finalmente sabia se se tratava de susto ligeiro, de susto grave ou de maldade. Quando era susto ligeiro Doña Rufina chamava o espírito desde a sua casa ou desde o lugar onde a pessoa caíra; se se tratava de susto grave havia que insistir e era necessário esfregar várias vezes as conjunturas do corpo do doente com «vinho espanto».⁵ Estas curas nunca as fazia em terça ou sexta-feira, que são os dias maus, os dias dos bruxos. ⁵ Vinho com ervas.

b) El tajpalol (saludo)

Quando um doente não sarava por nada e a minha mãe não sabia o que passava rezava e rezava; apareciam-lhe os que mandam no cerro e diziam-lhe que se precisava o «tajpalol», ou saudação; que entregasse o que se precisava; pedia-se um guajolote (*peru bem recheado*) bem chegado, um quilograma de chile ancho, meio quilo de chile seco, jitomate (*tomate vermelho*), canela e cravo; em qualquer gruta que quisesse levá-lo; rezava aí, levava o copal. O que passava era maldade dos tepeuani (*guerreiro das montanhas*). A minha mãe ia à gruta rezando e com a mirada baixa; deixava tudo na entrada da gruta e esperava; vinha um senhor como um gringo, nublado, todo de branco, borrado; levantava o guajolote (*peru*), sentia-o, cheirava-o tudo e ia-se; vinha outro e levava as coisas. A minha mãe regressava rezando sem dar as costas à gruta; fe-lo em duas ou três ocasiões e sarou o doente. Mas a última vez que o fez os familiares do doente deram-lhe um guajolote magro e pouco recaudo (*tempero*); creram que a minha mãe ia comê-lo como faziam outros curandeiros; foi deixá-lo numa gruta por Tatempa (*povoaçãozinha nas ontanhas*); esperou mas não veio o senhor a recebê-lo; deixou-o e veio-se; de noite sonhou que eles, os tepeuani, não recebiam coisas assim, só coisas boas; que se lhes doía

entregar coisas boas que não dessem nada. A minha mãe regressou à gruta e aí estava o que fora deixar; quando regressou a casa disse-lhe o meu pai: «Vem ver o que passou; amanheceram mortos os porcos.» O doente morreu aos três dias; a minha mãe recolheu o tajpalol; eles, os tepeuani, tiveram de comer carne; por isso morreu o doente; por isso levaram os porcos. Sonhava que lhe diziam: «Se a gente é desconfiada e não o entrega de coração e não crê que não volte a levar essas coisas.» Tinham de crer e com coração; desde então já não quis fazer isso. A minha mãe aprendeu da minha avó o do «tajpalol»; a minha avó ia a uma gruta chamada Koujtajo; um dia a minha mãe de menina seguiu-a a escondidas; não se pode levar crianças porque os tepeuani podem comê-las; seguiu a mãe a escondidas e viu o senhor, güero güero (*loiro*); a mãe estava agachada a rezar; ao regressar a mãe viu-a e bateu-lhe.

LA BRUJERÍA O MALDAD

A primeira vez que curou a minha mãe foi de maldade; veio uma rapariga uma vez porque a mãe dela estava doente; «comecei a trabalhar mas não soube», dizia a minha mãe; «um dia encontrei um senhor alto, louro e gordo que me disse: —Que tanto buscas? Busco uma mulher que lhe dói a cabeça. —Falta-te muito para que rezes. —Já me cansei. —Como é a mulher? Para que faças isto tens de aprender e rezar mais; vais aguentar?» Levou-me longe; passei muitos pastos até chegar a um palácio; aí estavam os doentes que não estavam muito graves; deixam-nos sofrer; «entra a ver se podes»; havia muita gente como em missa; «busca!» mas pisei e como sabão vai-me o pé; «daqui divisa e busca e vais trazê-la» e não posso ir trazê-la; «não a vais levar; vai-te e regressas dentro de oito dias»; rezei toda a semana; outra vez fui; passei no meio de tanta gente deitada boca abaixo; fui trazê-la da mão e aliviou-se.

a) Clases de maldad

Há duas classes de maldade: para que sofra ou para que morra a pessoa; nesta última só se salva se se ataja os bruxos a tempo. Para curar maldade Doña Rufina levava ceras à igreja e a onde estava o doente; lutava de noite contra os espíritos maus que lhe impediam resgatá-lo; nos casos de maldade o espírito do doente está geralmente em poder do demónio e o «yolo» está lastimado; daí a dificuldade de os curar. A maldade é

provocada pelos bruxos a pedido de alguém que quer fazer dano a outra pessoa por vingança ou por algum outro motivo; o bruxo tenta entregar o espírito da pessoa ao demónio; Doña Rufina conseguia tirá-lo quando ainda não o tinham entregue mas uma vez entregue já não se podia fazer nada a não ser que ela entregasse a própria vida. Uma vez um rapaz forte estava doente na cama; «o teu filho vai morrer», disse Doña Rufina; «como podes saber?»; «vou-te dizer a verdade: vi uns totonacos em sonho com uma roda no meio de um lume e aí está o teu filho; se eu saltasse ao lume salvava o teu filho mas ia-me eu; disse que não podia fazer isso; então ensinaram-me um cerro liso; se me subisse e chegasse salvava mas não pude subir e vi como atiravam o teu filho pelo cerro e caiu até ao fundo»; aos quatro dias morreu; já estava entregue.

b) Cómo vencía la maldad

Persignava o doente: «Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo; vou tocar este doente que não seja em vão que o vou curar vou pedir-te que cures.» Depois perguntava: «Onde mero te dói?» Diziam-lhe se lhes doía a cabeça, o corpo, a perna ou a mão; e às vezes dizia-lhes: «Vejam o médico, não tem nada de maldade.» Usava azeite, sauco (*sabugueiro*) e ovo para curar de maldade; esfregava onde lhes doía com o azeite e no mesmo momento punha-se a rezar; esfregava com o azeite e o sauco; pedia que fervessem o ovinho; bem cozido o ovinho cortava-o a meio, deitava-lhe azeite e punha-o boca abaixo num trapo; esfregava o doente e saía vidro rasposo (*refresco preparado com gelo picado e xarope de fruta; granizado*); onde esfregava saíam pedacitos de vidro como areia; juntava-os numa folha de moxte (*planta medicinal mexicana*), não se podia usar um prato; deitava o sauco, o ovo e os vidros ao lume, havia que queimá-los e tronavam; duas ou três viagens fazia isto. Na cabeça não se podia tirar a maldade só esfregando; só chupando-lhe com refino ao redor da cabeça, tudo, tudo; a água que saía era turbia (*turva*) como massa; à minha mãe escaldava-se a boca.

Por Tenango um doente fora com muitos curandeiros e não o tinham curado; trabalhou a minha mãe e a segunda vez já sonhou; era um bruxo muito forte, pelejava com ele toda a noite; esfregou o doente, todo o seu corpo tinha como vidro moído; «façam lume», disse e rezava ao deitar tudo o que tirava; «venham todos ver»; no lume formou-se a cara do bruxo; esse bruxo depois queria atajá-la (*cortar-lhe o caminho*). Em Tuzamapan havia

um bruxo que enterrava o dedo mindinho de um defunto e acabava-se a família; a minha mãe defendia-se usando um colar negro; também rezava ao senhor San Miguel: «Com a tua santíssima espada e com a tua santíssima cruz ataja (*cruz feita de dois pauzinhos cruzados*) todo o mau e empurra ao bom caminho; tens com que».

O AR MAU

O mal aire pode agarrá-lo qualquer; dá febre, vômito e perde-se o sentido; agarra-se em qualquer lugar; são maus espíritos que andam; os que nunca têm paz, os que não podem chegar à glória, são os que andam penando porque devem muitas e vêm pagar no mundo; também os que morrem assassinados ou afogados; um que se afoga havia de viver mais e anda penando; se outra pessoa se afoga ele salva-se; por isso não é bom ir onde alguém morreu afogado.

No lugar onde assassinaram vê-se algo, espantam-no, alguma sombra; é de repente; e é que quer aquele defunto que um morra; quando há algum defunto não saem as crianças de noite porque o defunto quer uma alma de criança para se salvar; não devem sair as crianças enquanto estiver aí o corpo; põem-lhes uma espiga vermelha na cabeceira. Também andam penando os espíritos dos que enterravam o dinheiro; Deus castiga-os por enterrar o dinheiro embora não seja dinheiro mau senão bem havido; o fumo espanta o mal aire; é bom de noite ir fumando; também é bom deixar o chapéu fora de casa. Para curar do mal aire é mais simples; não se precisa rezo; só sauco, ovo cru e limpa; também se cura com palma bendita, copal, penugem de gato preto e ervas de mal aire (*sauço, folha de abacate, ejekapa*) (*um pequeno feixe*); tudo se queima nas brasas e fazem que ao doente lhe chegue o fumo.

O MAU OLHADO

O mau olhar dá-se às crianças pequenas e aos animais; dá-se porque a uma pessoa que tem forte a vista gostam bastante como que os quisesse levar; à criança dá vômito e diarreia e faz-se-lhe pequeno um olho; a minha mãe curava-os com sauco, um ovo cru, chile seco e sal; limpava-os e deitava tudo onde houvesse um cruzamento de quatro caminhos; não era necessário rezar, só limpá-lo. Aos animais ferve-se epazote (*erva-santa*) e alho e passa-se-lhes. A minha mãe também rezava pelos animais. Para que não dê o mal de olho há que pôr às crianças e aos animais algo vermelho; o

vermelho dá força; se a pessoa que tem a mirada forte abraça a criança ou toca-a já não lhe dá o mal de olho.

EL MAL DE CUAJO*

**(Barriga Virada, mal estomacal normalmente que surge em crianças que apresentam distúrbios estomacais que a levam a vomitar, apresentar diarreia e barriga dura.)*

O mal de cuajo é quando se lhes afunda moleira às crianças por um golpe. Para curar a minha mãe punha uma bandeja com água, tomava três maicitos (*grãos de milho*), sustinha-os, dizia algo, soltava-os e o do meio parava-se. Amarrava a criança e com os pés parelhos punha-a de cabeça para baixo e dava-lhe golpezitos dos pés ao pescoço; fazia duas vezes isso e curava-o.

COMO RESOLVIA OUTROS PROBLEMAS

Uma vez chegou um senhor que se lhe perdera o cavalo; «deixa-me trabalhar quinze dias», disse a minha mãe; ao passar os quinze dias disse-lhe: «o teu cavalo está num vale escondido; uma mulher, numa casita, cuida dele; a senhora tem um cãozinho branco» e assim foi; o senhor soube quem fora o ladrão. Outra vez vieram de Tenango; queriam saber de uma senhora e a sua menina que desapareceram; a minha mãe trabalhava e aparecia-lhe o diabo com corpo de homem; o diabo dizia-lhe: «não me vais conhecer; deixa de trabalhar, vai-te mal; vamos pelejar»; a minha mãe contava: «andou-me a correr atrás em montes e rios, fui desbarrancar; ao despertar não podia mexer-me nem falar; vou seguir trabalhando»; rezou e rezou, pelejou e já depois viu a cara do que matara a senhora e a menina; ouviu que lhe disse: «eu matei-as e enterrei-as no meio da casa»; escavaram na casa e encontraram-nas; ao homem encarceraram-no. Muitas outras coisas fazia a minha mãe; podia lograr que alguém se fosse do povoado e não voltasse; podia contentar matrimónios; podia lograr que se casasse alguém que assim o queria, para isto a Virgem da Conceição ajudava-a.

REUNIÕES DE CURANDEIROS

A minha mãe não se reunia com outras curandeiras; somente às vezes alguma pedia-lhe conselho ou ajuda para curar algum doente; às vezes ela curava e a outra cobrava. A minha avó, Doña Josefa, sim juntava-se com outras para saber como curavam; consultavam-se quando havia algum doente, não se invejavam; reuniam-se na casa da minha avó; quando já não podiam com um doente passavam-no a outra mais forte; a essas outras curandeiras, a lo mejor, ensinaram-lhas as suas avós; mas só se reuniam quando havia algum doente.

DISCÍPULOS Tanta gente e tantos problemas que resolvia! Nunca preparou especialmente ninguém; uma rapariga de San Andrés vinha muito e diz que ela sabe; ficava a dormir; a minha mãe resolveu-lhe muitos problemas; vive na saída de Cuetzalan; agora quer-o para negócio. A todos os seus compadres contava-lhes como se rezava; eu perguntava à minha mãe que por que a todos lhes contava; «eu vou-me morrer, que aprendam outros».

CAPÍTULO 10

DOÑA JOSEFINA MEZA DE CIUDAD NETZAHUALCÓYOTL

INTRODUCCIÓN

Originária de Michoacán e com setenta anos de idade, Doña Josefina é uma xamã que realiza trabalhos de limpias (*limpeza espiritual*) às pessoas que acodem em sua ajuda; os instrumentos que utiliza nas suas curas são velas, chiles, ovos, água com loção e ramos de diversas ervas. O objetivo das limpias é, para Doña Josefina, «ausentar-lhes» às pessoas o que não é delas; ela afirma que os problemas psicológicos e emocionais são correntes de energia que obstruem o bom funcionamento da mente e do corpo; esta obstrução causa um desequilíbrio energético que dá como resultado a doença tanto física como mental. Para realizar as limpias Doña Josefina, com os olhos fechados, concentra-se profundamente ao nível da sua entreilha (*virilha*), rocia as mãos com loção e coloca-as sobre a testa e a nuca do paciente; mediante este procedimento sente as vibrações particulares e a energia do paciente detetando assim o que o aflige. Em algumas ocasiões tem visões espontâneas de sucessos futuros que lhe ocorrerão ao consultante; chegou a saber quando alguém vai morrer e de

que forma. Depois que detetou o mal do paciente, frota-lhe (*molha a mão e esfrega com força*) água com loção na cabeça, na testa e na nuca e, mediante uma série de movimentos das suas mãos sobre o corpo do paciente, maneja correntes e campos de energia negativos que «ausenta», efetuando-se assim a limpeza. Esta introdução foi preparada por Ixtaccihuatl Carrasco Rivera, psicóloga, que colaborou no estudo de Los Chamanes de México como investigadora. O resto do capítulo é responsabilidade do autor.

Doña Josefina afirma que o «dom» para curar é inato em todas as pessoas, mas que só algumas podem despertá-lo; na sua família não há antecessores que tenham podido despertar este dom; ela espera que algum dos seus bisnetos logre desenvolvê-lo. A sua faculdade mental começou a manifestar-se-lhe desde menina; Doña Josefina conta que ouvia vozes e via seres espirituais perto dela; isto assustava-a muito e de jovem correu a um centro de curas onde encontrou o seu mestre, que durante anos lhe ensinou certas técnicas para desenvolver as suas faculdades curativas; ela interessou-se profundamente na vida espiritual e constantemente praticava o que aprendia com o seu mestre; chegou a ter alguns trances mediúnicos nos quais diversos seres entravam no seu corpo, davam conselhos e curavam as pessoas doentes.

A conceção que Doña Josefina tem do mundo espiritual e do mundo material é de que o mundo material é um reflexo do espiritual e que ambos estão estreitamente relacionados; ela sustenta que os seres espirituais são iguais a nós, só que sem corpo; estes seres estão também em evolução e existem diversos níveis de desenvolvimento entre eles; alguns são espíritos «burlões» com um baixo desenvolvimento; os que se encontram num nível alto são os que curam bem, mas também estão em evolução e por isso vêm curar; o corpo físico dos seres humanos foi-lhes emprestado para que o espírito esteja nele, é um meio para que se manifeste o espírito; por isso, afirma Doña Josefina, os médiuns emprestam o seu corpo aos espíritos do espaço, pois como ambos estão em evolução isto aporta-lhes benefícios e progresso; todos os seres do espaço, os humanos e tudo o que existe é a manifestação de Deus.

Perguntei-lhe o que sentia ao entrar num trance mediúnico e respondeu-me que o seu espírito pessoal saía do seu corpo e ficava ao lado dele, enquanto o espírito do espaço tomava o seu corpo emprestado; «o espírito pessoal», acrescentou, «está perto, vendo tudo o que o espírito do

espaço faz, mas quando o meu espírito regressa ao meu corpo já não me lembro do que passou.»

«—Como se desenvolve a mediunidade, Doña Josefina?» «—Olha, concentrando-se com a mente faz-se, precisa-se recolhimento e muito controlo mental; tudo está dentro de um, o dom para curar desenvolve-se com a concentração, mas não se pode ensinar, depende de que se sinta de verdade e as pessoas mais evoluídas são as que podem desenvolver a faculdade.»

«—Então as pessoas que são muito materialistas e que não creem num mundo espiritual estão pouco evoluídas?» perguntei. «—Assim é, tudo é evolução e o mesmo passa no mundo espiritual; esses seres são como nós, só que aí tudo está ao descoberto; não podem ocultar-se nem ocultar o que fazem, como nós; também há seres maus e bons e todos estão no espaço.»

«—Doña Josefina, isso da evolução é como ter certo nível de consciência?» «—Sim, é o mesmo», respondeu.

«—E de que depende que umas pessoas tenham mais consciência que outras?» «—Depende de um mesmo; Deus fez-nos a todos iguais, mas se um faz más ações ou não cumpre a missão que lhe corresponde, então detém-se o desenvolvimento e a evolução.»

«—Doña Josefina, os espíritos do espaço podem encarnar, nascer no mundo material com um corpo humano?» «Claro, pois somos nós; quando nós morremos vamo-nos ao espaço.»

«—E o que nos passa lá, no espaço?» «—Pois aí estamos como eles.»

Doña Josefina Meza é uma pessoa muito amável, cordial, graciosa; a sua figura é pequena e magrinha, frágil, embora muito forte no seu Ser e muito decidida; atualmente está doente de cataratas e só espera recuperar-se para poder reanudar (*retomar*) o seu trabalho de limpias e ajudar a gente no que possa.

A meu parecer Doña Josefina tem um conhecimento profundo acerca de um centro interior (o espírito pessoal) que interage com um centro exterior (o espírito do espaço) que ao afinar-se e atrair-se logram um certo nível de evolução; talvez esta afinidade seja o que o xamã Don Juan Matus chama a alinhamento das emanções internas e externas da consciência. Por outro lado, o facto de que Doña Josefina não se lembre do que fez ao sair de um trance mediúnico, mas que ao estar no trance o seu espírito pessoal «veja» tudo o que passa, poderia ser que na mediunidade se entre num estado de consciência accrescida, onde o próprio Ser (Universal?) se

manifesta; por isso, ao recobrar a consciência quotidiana, não se lembra do feito. Quando Doña Josefina fala de que o mundo material e o mundo espiritual estão estreitamente relacionados e de que os seres do espaço são como nós e que «somos nós», dá-me a impressão de que estes dois mundos, aparentemente diferentes, são na realidade um mesmo mundo, uma mesma realidade que partilha ou possui a mesma essência; mas como os humanos desenvolvemo-nos e vivemos num mundo material e físico que nos limita, até certo ponto, o qual nos impede perceber que existe neste mesmo mundo e realidade a contraparte do visível, um mundo invisível energético muito ligado à matéria; que embora invisível para a consciência quotidiana é muito visível para outro nível da consciência.

DOÑA JOSEFINA MEZA DE CIUDAD NETZAHUALCÓYOTL

No prefácio ao livro *El universo de Quetzalcóatl*, de Laurette Séjourné (1962), Mircea Eliade diz que «o conceito da vida é o ‘centro’ de toda a cultura»; são ante tudo as ideias acerca da origem, do sentido e da perenidade da existência humana as que nos revelam o génio particular de uma cultura; estas ideias são o resultado de uma tomada de consciência existencial do homem no cosmos; esta é a causa de que sofram só superficialmente a ação erosiva do tempo. Mircea Eliade diz bem: «O problema é ser capazes de detetar esse centro a partir do qual se identifica o que é fundamental numa cultura.»

Quis apresentar estas meditações porque a xamã a quem está dedicado este capítulo manifesta uma série de concepções que, como diz Eliade, falam acerca da origem, do sentido e da perenidade da existência humana.

Doña Josefina Meza nasceu a 4 de janeiro de 1916 no povoado de Maravatío, no estado de Michoacán; ficou órfã aos oito anos de idade e, segundo as suas próprias palavras, a partir desse momento sofreu tudo o que é possível sofrer quando se é uma criatura sozinha no mundo; trabalhou como criada durante toda a sua infância, não assistiu ao colégio e viveu de casa em casa sempre sozinha e explorada por diferentes patrões.

Doña Josefina afirma que tudo o que ela sabe obteve-o mediante um processo de captação de mensagens provenientes de outra dimensão do Universo.

Precisamente, com o objeto de analisar a concepção de realidade de Doña Josefina e algumas particularidades do seu trabalho, apresenta-se o seguinte escrito.

LA VIDA QUOTIDIANA DE DOÑA JOSEFINA

Doña Josefina vive numa das zonas marginadas que rodeiam a Cidade do México, em Ciudad Netzahualcóyotl; nesta zona habitam aproximadamente dois milhões de pessoas em condições muito humildes, em alguns casos sem serviços sanitários, sem pavimentação nas ruas e num total hacinamiento.

Doña Josefina vive com o seu esposo, dois dos seus netos e o pai destes; a sua casa, embora construída de tijolos, é humilde e mobilada com simplicidade; nela Doña Josefina realiza as suas labutas de atenção à comunidade que a rodeia.

Todos os dias do ano Doña Josefina espera a chegada de algum paciente a quem possa ajudar, porque, segundo ela, essa é a sua obrigação fundamental e ineludível.

Desde há vários anos tem problemas oculares e, recentemente, foi submetida a uma operação de cataratas que a deixou praticamente cega; Doña Josefina dedica-se, na medida que a sua escassa visão lho permite, às labutas do lar, à preparação das comidas, à atenção do esposo e dos netos; no momento em que lhe chega um paciente, Doña Josefina abandona os seus quefazer domésticos e atende-o, para depois voltar a eles.

LA CONCEPCIÓN DE REALIDAD DE DOÑA JOSEFINA

Como já mencionei anteriormente, Doña Josefina não teve a oportunidade de assistir à escola, pelo que a sua escolaridade é praticamente nula; contudo, ela afirma ter recebido instrução espiritual que lhe chega diretamente à sua mente e a guia nos seus processos de cura e no seu entendimento acerca da mesma.

Doña Josefina crê firmemente que esta é somente uma existência passageira e que depois da morte do corpo este persiste vivo, mantendo a memória e a consciência acumulada durante toda a vida corporal; é mais, Doña Josefina afirma que na morte corporal a consciência persiste viva e não se apercebe que deixou o corpo e, durante três meses, a pessoa que morre vive a sua vida quotidiana como se seguisse viva, criando uma realidade que é continuação e representação idêntica à condição do entorno durante a sua vida terrena; por isso Doña Josefina sustenta, como parte fundamental da sua conceção da realidade, que existe a permanência depois da morte corporal, e aceita que no espaço existem em convivência consciências sem corpo, que se mantêm num relativo contacto com o mundo dos seres vivos; esta xamã considera que sofreu um processo de

desenvolvimento que lhe permite estabelecer comunicação com esses seres e receber as suas mensagens.

O CONCEITO DE “PROTETOR”

Doña Josefina afirma que possui dois protetores que são os seus mestres espirituais; estes comunicam-se constantemente com ela e tentam penetrar no seu corpo para utilizá-lo em manobras xamânicas e de cura; por outro lado, para ela a realidade está repleta de seres que acaba de morrer e que mantêm a sua consciência sem se aperceber da sua morte durante esses três meses, e aos quais já fizemos referência; estes seres inconscientes do seu estado tentam penetrar, utilizar e modificar a seu bel-prazer as condições dos seres vivos com os quais interagem.

Uma função principal do seu trabalho e uma condição fundamental do seu exercício é a abertura; segundo ela, para que exista comunicação com o mundo espiritual, e para que o xamã possa exercer o seu trabalho, é necessário que esteja aberto; contudo, posto que o Universo está cheio de seres desencarnados, esta abertura deve realizar-se com uma proteção que impeça que os espíritos que se encontram nos três meses de inconsciência façam dano ao xamã.

Por outro lado, existe uma luta, ou competência, entre os protetores e os seres espirituais em período de interfase, e esta luta manifesta-se de diferentes formas, sobre tudo no intento de ocupação do corpo e da mente por parte das duas fações anteriormente descritas; dependerá da força do xamã e da sua preparação impedir a entrada de uns e favorecer a interação com os outros.

PROCEDIMIENTOS DE CURACIÓN DE DOÑA JOSEFINA

Doña Josefina encarrega-se fundamentalmente de realizar operações de limpeza nos seus pacientes; para isso utiliza técnicas convencionais no xamanismo mexicano, como são a captação mediante o uso de ovos, o massagem, utilizando ervas e líquidos especiais, e a colocação das suas mãos nas partes afetadas; nesta última, Doña Josefina parece ser perita e a sua capacidade energética é extraordinariamente elevada, comparada com a de outros xamãs que pude estudar.

De facto, a especialidade terapêutica de Doña Josefina é o reacomodo energético do corpo dos seus pacientes, mediante a utilização da sua própria energia e do manejo da mesma com movimentos característicos das

suas mãos em diferentes partes do corpo, movimentos de afastamento, de aproximação, etc.

Doña Josefina cataloga os danos dos seus pacientes em diferentes categorias; para os mais leves utiliza uma limpeza com ovo e ervas, e para os mais graves receita-lhes sete ou nove processos de limpeza, que ela mesma realiza às quartas e sextas-feiras de cada semana; durante estes procedimentos de limpeza fecha-se a possibilidade de que espíritos de pouco desenvolvimento interfiram com os seus pacientes e, em troca, abre-se a possibilidade de que a interação ocorra com guias espirituais de maior desenvolvimento.

APRENDIZAJE DE DOÑA JOSEFINA

Doña Josefina pertenceu a uma federação de institutos dedicados ao desenvolvimento da mediunidade, na qual aprendeu algumas das suas técnicas; ela afirma que neste momento se encontra num estado de desenvolvimento que requer a total abertura e aceitação, e a possibilidade de que os seus protetores utilizem o seu corpo para o seu próprio benefício; afirma que esta necessidade lhe foi imposta desde o mundo espiritual e que para levá-la a cabo está à busca de uma pessoa que tenha a suficiente força e poder pessoal como para cuidar o seu corpo enquanto este é ocupado por outra entidade; obviamente, toda esta consideração implica a existência de intercâmbios energéticos extraordinariamente poderosos e que requerem de um aprendizado especial para poderem ser suportados; considera que durante a interação com os seus protetores, e sobre tudo durante o processo de total abertura e intercâmbio corporal, a sensação e a experiência que se produzem têm tal intensidade que somente uma pessoa treinada com a suficiente força é capaz de suportá-la; Doña Josefina parece considerar que esta operação de intercâmbio corporal é necessária para o seu próprio desenvolvimento e para os processos terapêuticos em que intervém; de facto, o que pareceria significar Doña Josefina é que sem esse passo no seu desenvolvimento a sua possibilidade de crescimento ficaria detida.

EL CONCEPTO DE MUERTE

Para Doña Josefina a morte não existe; de facto, ela confessou que pediu aos seres espirituais que a ajudem a passar a outro nível de realidade, implicando com isso que a auxiliem a “morrer” para poder permanecer no universo espiritual; este universo é o verdadeiro lugar em que o ser humano deve habitar; noutras palavras, ela considera que a vida na terra é uma espécie de castigo e que o lugar para permanecer é o mundo espiritual, no qual ela anseia estar; deste ponto de vista, para Doña Josefina não existe o conceito de desaparecimento total da consciência e, como se disse anteriormente, o corpo é somente um veículo que utiliza o espírito para interagir com o mundo material.

Por outro lado, ela aceita o conceito e o processo de reencarnação no qual o espírito ocupa corpos que vão mudando, dependendo dos processos evolutivos a que o espírito é submetido; de tal forma compreende-se que, em algumas ocasiões, ela afirme que nesta encarnação lhe tocou uma labuta extraordinariamente difícil e que com esta supõe que depois da sua morte corporal já não requererá regressar a ocupar um corpo.

Todas estas concepções são muito semelhantes às que sustenta a filosofia hindú, na qual o conceito de reencarnação é um lugar comum; esta semelhança resulta notável porque, de acordo com o que afirma, ela nunca recebeu informação académica acerca da filosofia hindú, pelo que o seu conhecimento é totalmente empírico e proveniente do seu interior; parece estar totalmente convencida de que todas estas ideias são reais e representam um processo objetivo pelo qual todos os seres humanos transitamos.

CONCLUSIÓN

Doña Josefina Meza é uma xamã que tem uma capacidade de viver em duas realidades distintas; por um lado a realidade da vida quotidiana na qual ela é ama de casa, avó, esposa, prepara a comida, cuida a sua casa, etc.; e a outra é a sua vida como xamã, na qual exerce um trabalho curativo, põe-se em contacto com níveis de realidade invisíveis e desconhecidos para o comum da gente, e mantém uma série de concepções acerca da vida e da morte que transcendem totalmente a conceptualização da vida quotidiana.

Neste aspeto Doña Josefina é muito semelhante ao resto dos xamãs e psicólogos autóctones que estudámos na República Mexicana, os quais parecem não ter nenhuma dificuldade em viver uma vida quotidiana

totalmente convencional, e além disso uma vida xamânica extraordinariamente intensa.

Por outro lado, Doña Josefina é uma mulher de carácter forte, embora amável e doce, que dá a impressão de ter um grande interesse por cada uma das pessoas que vê; e com uma energia e uma capacidade de provocar mudanças que não podem ser explicadas pela ciência contemporânea; neste sentido, ser sujeito de um despojo ou uma limpeza por parte de Doña Josefina é uma experiência inolvidável, na qual se experimentam mudanças profundas num sentido emocional, em aspetos corporais, e nos níveis de consciência que de alguma maneira ela estimula.

VOLUME IV

CAPÍTULO I DOÑA SARA DE QUINTANA ROO

Doña Sara é discípula de um dos maiores xamãs nahuales maias da atualidade, Don Panchito de Yucatán. Ela conheceu Don Panchito numa situação muito interessante que gostaria de relatar tentando apegar-me o mais possível ao relato feito pela própria Doña Sara.

Numa ocasião e desesperada pela ausência de um verdadeiro mestre que pudesse guiá-la no seu desenvolvimento, Doña Sara sentou-se junto a um cenote e contemplando a superfície da água apareceu-lhe uma cara desconhecida para ela mas que lhe provocou uma sensação de familiaridade total. Recordou esta cara durante as suas seguintes buscas e num pequeno povoado da península iucateca conheceu o dono dos traços que vislumbrara no cenote; Don Panchito de Yucatán. A partir desse momento Doña Sara converteu-se na discípula de Don Panchito e este foi-lhe mostrando os segredos do mundo xamânico e a tecnologia do manejo mental aplicado a processos de cura e de adivinhação.

CONDICIONES FAMILIARES DE DOÑA SARA

Doña Sara é uma mulher entre 35 e 40 anos de idade e é mãe de sete filhos, seis filhas e um menino.

As gentes do bairro no qual vive acodem a Doña Sara levando as suas dores, os seus problemas, os seus desejos de melhoria e acompanhando-se de familiares e amigos. As crianças são uns dos pacientes mais constantes que acodem com as suas mães à consulta de Doña Sara para curar-se de

diferentes dores. Do cobro das suas consultas Doña Sara sobreviveu e pôde construir uma casa para ela e para os seus sete filhos que a ajudam nas labores domésticas e dependem totalmente dela para a sua manutenção.

As relações familiares são de franca harmonia e de grande respeito dos filhos para com Doña Sara, como se compreendessem o esforço grande que esta mulher faz para os manter e conservá-los sãos. A filha maior vive com uma tia em Mérida e a seguinte de 16 anos é a que praticamente se ocupa das labores domésticas ajudada dos seus irmãos.

TÉCNICAS DE DIAGNÓSTICO

Doña Sara utiliza pelo menos três diferentes técnicas de diagnóstico quando vêm pacientes consultá-la. A primeira técnica é a velação. Nesta técnica Doña Sara acende uma vela e observa a chama enquanto conversa com o seu paciente, ouve as suas dores e estabelece uma relação empática com ele. Dependendo dos movimentos, da coloração e da altura da chama Doña Sara faz um diagnóstico acerca da doença que aflige o paciente e um prognóstico do seu possível desenvolvimento.

A segunda técnica é a leitura de cartas, utilizando procedimentos que são definitivamente não autóctones e que por isso não nos interessa analisar a detalhe, Doña Sara faz uma leitura de cartas e através deste meio oferece um diagnóstico e um prognóstico dos seus pacientes.

O terceiro manejo de diagnóstico Doña Sara fá-lo utilizando a sua percepção direta. Neste sentido ela considera-se ainda uma aprendiz e manifesta uma grande admiração pelo seu mestre Don Panchito que é um experto na deteção direta dos padecimentos dos pacientes utilizando como instrumento a sua própria percepção e o seu corpo.

Doña Sara afirma que ela está a começar a poder realizar esse tipo de deteção mas que ainda requer do uso de instrumentos como as chamas das velas e as cartas para se sentir segura dos diagnósticos que faz.

A velação é uma técnica extraordinariamente interessante que vou manejar mais adiante para explicar o processo de comunicação que existe entre Doña Sara e o seu mestre, aqui somente direi que é um procedimento bastante comum entre os xamãs maias que utilizam a leitura das morfologias das chamas tanto de velas como de recipientes onde se introduziram combustíveis para oferecer um diagnóstico.

De acordo com procedimentos maias é possível decodificar o característico movimento, coloração e altura das chamas e através desta decodificação fica manifesta uma série de informações precisas acerca do que acontece com os seus pacientes. Doña Sara afirma que as técnicas de velação as aprendeu do seu mestre Don Panchito.

PROCEDIMIENTOS DE CURACIÓN

Aqui farei referência sobretudo a uma técnica que utiliza esta psicóloga autóctone para limpar os seus pacientes de contaminantes energéticos.

A técnica batizei-a como o banho maia porque segundo Doña Sara as características do procedimento provêm precisamente dos antigos maias. Não me é permitido dar todos os detalhes da técnica senão unicamente os seus aspetos gerais.

O paciente que é submetido ao banho maia despe-se e depois disso verte-se no seu corpo mel silvestre que se espalha até cobrir a superfície corporal desde o vértice até à ponta dos dedos dos pés.

Depois de cobrir o paciente com uma camada de mel o xamã verte sidra nele.

Depois do banho com sidra o xamã verte cerveja no corpo do paciente outra vez espalhando-a por todas as zonas corporais. Por último utiliza-se uma mistura de água tépida na qual se dissolveram ervas e pétalas de flores vermelhas e o paciente banhado com esta mistura após o qual realizam uma série de orações e solicita-se ao paciente que se banhe com sabão mesmo que se atira ao lixo junto com os sobranes dos demais elementos do banho.

É óbvio que a utilização da cerveja e sidra é uma modificação de algum líquido utilizado originalmente pelos maias. Eu tive a oportunidade de ser paciente em duas ocasiões desta técnica e posso afirmar que os seus resultados são extraordinários no sentido da melhoria e do equilíbrio psicológico e de sensações corporais que produz.

COSMOVISIÓN DE DOÑA SARA

Doña Sara professa uma grande admiração pelos seus mestres os antigos maias representada na figura de Don Panchito. Doña Sara considera que os antigos maias eram gente de poder enorme que lhes permitia por exemplo construir altíssimas pirâmides utilizando procedimentos mentais.

Doña Sara afirma que segundo Don Panchito sacerdotes maias sentavam-se junto à base de uma construção piramidal e entoavam durante a noite um assobio muito especial que tinha um efeito direto sobre a matéria.

Desta forma moviam grandes blocos de rochas que colocavam sobre a base piramidal com o objeto de construir as pirâmides que atualmente admiramos nas diferentes localizações arqueológicas da península iucateca.

Doña Sara considera que a mente é o elemento principal que vai utilizar-se em todas as operações que requerem poder e nas quais se pode observar algum efeito notável. Noutras palavras Doña Sara afirma que existe uma possibilidade de usar a mente para modificar a matéria e que esta modificação é possível aprendê-la e os segredos da mesma estão contidos nas ensinanças dos mestres maias incluindo Don Panchito.

Por outro lado e como o leitor poderá ler numa transcrição de uma gravação feita a Doña Sara ao final deste capítulo Doña Sara considera que cada ser humano tem uma porta e um guardião da porta. Esta porta é a que nos permite escolher, eleger e descartar diferentes influências e a que nos mantém no caminho de desenvolvimento pessoal. Segundo Doña Sara a porta e o guardião desenvolvem-se com a vontade e perdem-se quando se faz mau uso da mesma. Noutras palavras a porta pode perder-se definitivamente e então o sujeito a quem isto acontece é um sujeito que a partir desse momento não tem capacidade de eleição e fica submetido a influências de todo o tipo sem controlo e sem poder manejar os seus efeitos.

Outra das conceções de Doña Sara é que cada xamã e cada pessoa em desenvolvimento tem um protetor pessoal que guia, defende e ajuda ao desenvolvimento pessoal. Estes protetores são seres desencarnados que guiam o desenvolvimento dos xamãs e dos aprendizes dos mesmos.

Dentro da cosmovisão de Doña Sara está a consideração de que os seres humanos podem comunicar-se à distância sem necessidade de utilizar instrumentos eletrónicos como o telefone ou a rádio e que uma

demonstração desta capacidade dá-se na técnica de velação utilizada na comunicação à distância.

Doña Sara como o leitor poderá ler na transcrição utiliza esta técnica nas suas comunicações com Don Panchito. A técnica consiste em que ambos acendem umas velas em horas combinadas e quando um deles deseja mandar uma mensagem ao outro senta-se frente à sua vela e observa os movimentos das chamas. Pensa na mensagem e no receptor da mesma e então dependendo dos movimentos da chama sabe se o receptor recebeu efetivamente a mensagem e se enviou resposta.

Eu tive oportunidade em duas ocasiões de atestar a precisão dos resultados deste sistema de comunicação. A primeira delas ocorreu quando Doña Sara informou Don Panchito utilizando uma velação que chegaríamos a visitá-lo ela e eu no dia seguinte às onze da manhã. Esse dia atrasámo-nos por uma série de contingências fora de controlo e em vez de chegar a ver Don Panchito às onze da manhã chegámos às cinco da tarde. Don Panchito estava à espera na sua choça e ao ver-nos chegar reclamou preocupado pelo porquê do nosso atraso. Esperava-nos de manhã e não de tarde. Obviamente esta observação anedótica permite considerar como efetiva e precisa a técnica de comunicação utilizando o fogo que praticam Doña Sara e o seu mestre Don Panchito.

Esta técnica de comunicação parece ser não privativa deles posto que também Doña María de Mérida e outros xamãs a utilizam nas suas comunicações. Don Lucio de Morelos usa-a nas suas interações com o que ele denomina os trabalhadores do tempo. Para realizar cerimónias de iniciação ele observa as chamas de velas de possíveis candidatos e dependendo das características das chamas sabe se o candidato foi aceite no mundo espiritual para se converter em xamã. Esta é uma técnica de comunicação com menores possibilidades de ser submetida a verificação experimental que a utilizada por Doña Sara e Don Panchito mas similar na sua conceção e na sua base ideológica e de cosmovisão.

Doña Sara aceita que os objetos podem ser materializados, transportados e desmaterializados com o concurso de forças sobrenaturais e manejadas por entidades espirituais.

Um destes objetos são os sasil ou esferas de adivinhação. As esferas de adivinhação são de cristal ou de outros materiais que os xamãs maias utilizam para os seus procedimentos oraculares. Doña Sara afirma que numa época do seu aprendizado com Don Panchito apareciam

espontaneamente na sua casa estas esferas que levava ao seu mestre para verificação do seu poder. Segundo Doña Sara estas esferas chegavam-lhe de outras realidades com o objeto de que as utilizasse para os seus processos de adivinhação.

Ela afirma que estas esferas têm vida própria e que além disso absorvem a energia do xamã quando este as descuida e cooperam com ele quando as cuida. Nestes considerações nota-se uma visão animista da realidade e uma ideia dos objetos como participantes da mente e colaboradores dela.

Além de tudo o anterior Doña Sara afirma que nas suas vivências e nas do seu mestre informaram-lhes que os antigos maias utilizavam guardiões para as suas comunidades que consistiam em pequenas figuras feitas de barro ou pedra às quais os sacerdotes maias outorgavam vida e energia suficiente como para servir de «telas energéticas» protetoras dos seus semeados e das suas vilas e comunidades.

Estes guardiões artificiais eram colocados em posições estratégicas e quem se aproximava deles sofria do seu poder e da sua barreira. Doña Sara afirma com toda a seriedade que ela teve nas suas mãos restos destes guardiões que ainda conservam certa quantidade de energia.

Numa das explorações a que o autor foi acompanhado de Doña Sara por um dos povoados da Península Yucateca Santa Cruz um camponês mostrou a ambos uma pequena estatueta ou mais bem os restos de uma pequena estatueta que foi imediatamente reconhecida por Doña Sara como um dos guardiões artificiais dos antigos maias.

Doña Sara crê na existência de um poder supremo de um Deus omniabarcante e onnipotente que determina a sorte e o destino de cada ser humano. Ela ao igual que o seu mestre Don Panchito gosta de utilizar orações e petições à divindade para o logro da melhoria dos seus pacientes e para o seu próprio desenvolvimento.

Por outro lado Doña Sara fala do uso de cristais de quartzo entre os antigos e os maias contemporâneos.

Doña Sara considera que não existe o azar, que o destino existe e que as gentes se diferenciam de acordo com os seus dons e os seus poderes. Ela mesma considera-se como uma xamã em potência ainda e estudante do seu mestre Don Panchito a quem como mencionei antes admira profundamente.

CONCLUSÕES

Em conclusão Doña Sara é uma psicóloga autóctone de origem maia aluna de Don Panchito e em desenvolvimento quanto à sua capacidade curativa preditiva e de diagnóstico.

Doña Sara considera-se uma herdeira dos antigos maias a quem considera os verdadeiros mestres do xamanismo e pensa que o poder xamânico é realmente resultado do uso da mente e das suas capacidades.

Doña Sara de Quintana Roo atua como uma típica psicóloga autóctone mexicana que oferece os seus serviços à comunidade e ajuda esta a resolver problemas individuais tanto de tipo psicológico como de alterações psicosomáticas ou somáticas leves e graves.

Os procedimentos que utiliza Doña Sara são vários entre eles o fogo os banhos de limpia maia e a predição oracular utilizando diferentes instrumentos.

TRANSCRIÇÃO DE UMA ENTREVISTA COM DOÑA SARA

O dia **4 de abril de 1986** o autor teve a oportunidade de entrevistar Doña Sara em Mérida. Durante esta entrevista Doña Sara expôs uma série de considerações acerca do **seu trabalho e da sua relação com Don Panchito e da sua cosmovisão geral.**

O AUTOR: Como conheceste Don Panchito?

DOÑA SARA: Andava-o a procurar.

O AUTOR: Andavas-o a procurar?

DOÑA SARA: Sim andava-o a procurar. Tinha uma tremenda necessidade andava-o a procurar. Fazia muito que o andava a procurar. Sempre o andei a procurar. Fui-me muitos anos longe para ver o que encontrava. Estive quase vinte anos fora daqui, de Yucatán, fora dos meus pais. Andava a procurar porque não encontrava exatamente pessoa como Panchito. Todos te podem ensinar algo mas não te podem guiar. Ele ensina-te e guia-te. Aprendi muito ao seu lado. Andei muito. Depois desses vinte anos regressei a Yucatán. Pelo norte disseram-me que na minha terra tinha de encontrá-lo. Quando cheguei a Yucatán algo impelia-me a vir a Quintana Roo e, tendo toda a minha família em Yucatán, fui-me a Quintana Roo. Nessas idas e vindas cheguei a casa de Panchito. Não sei como exatamente. Procurei o cenote. Sempre andava a procurar esse cenote até que o encontrei. Esse que está na esquina da sua casa. Ao encontrar o

cenote algo dizia-me que já o encontrara a ele. Mas daí não fui direto ver Panchito. As afueras do povoado puxaram-me; nesse povoado de Panchito um bruxo puxou-me. Fui a casa dele estivemos a conversar. Atraí-te mas repele-se embora seja muito o seu poder para te atrair. Fez-me alguns obséquios. Sempre trata de manter contacto contigo mediante algum objeto que te dá. Deu-me um objeto que depois o dei a Panchito. Ele trabalhou-o e ainda o conservo. Com esse objeto o bruxo manejava-me pode dizer-se. Fiz duas visitas a esse senhor. Sentia que algo não me caía e rejeitava-o.

Assim um dia disse-me; por que segui esse caminho para trás por que não caminhei a um lado? Caminhei a um lado do cenote e encontrei Panchito. A primeira vez que me viu disse-me: «Ah! já te animaste a chegar pensei que te ias ficar por lá pois aí está o poder» digo-lhe qual poder? O dinheiro diz-me porque na realidade o dinheiro está pelo outro lado muito dinheiro. E digo-lhe; por que me diz isso Panchito pois sim com esta são três vezes que vens. Estou-te a falar mas ouves mais o mando de lá e não me escutas é uma grande tolice.

Sim de veras que eu ouvia essa voz mas confundi-me. Facilmente me confundia. Assim é como cheguei a Panchito.

De boas a primeiras dá-te o seu carinho e começa a ensinar-te tudo o que sabe tudo o que um pode aprender. Porque não é tudo o que ele sabe segundo o que a cabeça possa aprender. Pois não tenho uma mente privilegiada. O pouco que vês que sei ele ensinou-mo. As comunicações por meio da vela.

O AUTOR: Como é isso?

DOÑA SARA: Como te disse o outro dia acendes a tua vela e invocas o espírito que ele me tem encomendado. Mediante os movimentos da vela sabes se estabeleceste ou não comunicação. Eu comunico-me com ele. Tem-me dada uma hora da noite para que nos comuniquemos. A esta hora acendo-a e imediatamente recebo também a resposta mediante a mesma vela.

O AUTOR: E ele também tem uma vela e sabe que te estás a comunicar.

DOÑA SARA: Ele não precisa tanto da vela; ele pode fazê-lo assim na obscuridade.

O AUTOR: Claro.

DOÑA SARA: Em troca eu sim preciso muito da vela. Assim é como me comunico com ele. Isto ensinou-mo ele à altura dos caracolitos ensinou-

mo. O sasil também ensinou-mo. Eu sabia um pouco ler as cartas e a mão mas como tudo o mais ele ensinou-mo.

O AUTOR: Conta-nos do sasil.

DOÑA SARA: Ah! são como caniquitas há das mais pequenas e das maiores. O sasil é uma concentração de poder dentro dessa bolita. Mas pode ser bom e pode ser mau. Não todo sasil é bom. É algo que se tem de ver exatamente é isso como ele diz uma concentração de poder. Usou-se muito entre os bruxos também porque se um bruxo te quer fazer mal ouve isto é muito importante por se chegasses a encontrar alguns! se um bruxo te quer fazer mal mandar-te-á bolitas. Se sabe que és um ser aberto um pouco especial que deteta as coisas más mandar-te-á bolitas. Se encontras essas bolitas são como essas de desodorizante já as viste?

O AUTOR: Sim.

DOÑA SARA: Se as encontras levanta-as e para isolá-las tapa-as com um pano branco. Assim se não é um bruxo negro não pode saber e se é branco não lhe faz mal pelo contrário dá-lhe força. Ao negro tira-lhe força. Quando tem muitas pringuitas a bolita pode ser ar o que te estão a mandar. Quando só tem uma bolita no centro aí vê-se tudo. A essa bolita que tem o centro chamamos-lhe a tela. Quando invocas o espírito para pedir luz mediante o sasil aí na bolita vê-o. É como uma pequena televisão aí vê tudo o que quiseses. Não imagens perfeitas mas por exemplo vê como é uma pessoa se é boa ou é má. Só se podem fazer muito poucas perguntas o mais notável. Sai esse pequeno ser como um bultito como um fantasma. Se sai rodeado de luz branca essa pessoa é boa; se sai meio obscurito é mediana e se sai rodeado de um halo negro essa pessoa é tremendamente negativa. Para isso te serve. Só as perguntas chave lhe podes fazer. Não creias que lhe perguntas e te vai passando as imagens. Como por exemplo perguntas-lhe: sana essa pessoa? Se sai luz sana; se sai obscuridade morre. Posso curá-lo? sai muita luz. É maldade feita? ou por exemplo neste caso quando pergunto à esfera: chega ao poder este senhor? saiu muita luz. Pisa o poder? saiu uma mesa. A mesa é mando é entre outras coisas um trono. Assim é o significado da mesa para nós. Terá obstáculos? pergunto ele ao sasil apareceu negro. Se vai ter obstáculos. Isso é o do sasil.

O AUTOR: E o da porta?

DOÑA SARA: O da porta por exemplo?

O AUTOR: Por exemplo tu estavas-me a dizer que havia pessoas que já tinham perdido a sua porta.

DOÑA SARA: Já tinham queimado a sua porta perdido dizes bem. A explicação que nos deu e que por lógica é assim é que todos temos um corpo como se fosse uma casa e temos uma porta essa porta pode estar aqui na mente. É uma porta que todos a manejamos fechada enquanto não sabemos abri-la corretamente. Quando um adquire certo conhecimento essa porta abre-se um pouco. Como estás a adquirir esse conhecimento também sabes detetar quando há maldade e fecha-a para que não entre essa maldade. Porque deixar uma porta aberta é deixá-la aberta ao bem mas aberta ao mal mais rápido entra o mal que o bem. Muitas pessoas queimam destroem a sua porta com a droga. Se um está muito envolto em paixões em luxúrias queima-se essa porta e fica-se totalmente aberto. Então se ao teu lado tens uma pessoa sensata positiva pois guia-te e és bom porque está aberto deixas-te guiar. Mas não todo o tempo podes andar perto só de uma pessoa. Quando passes por casualidade perto de uma má atraí-te e possui-te porque não tens essa porta fechada. É necessário abri-la mas quando já se sabe manejar um pouco a mente. Abri-la ao bem mas fechá-la ao mal. Essa é a porta.

O AUTOR: E quando se queima já se queimou para sempre?

DOÑA SARA: Já se queimou para sempre por desgraça.

O AUTOR: Mas há um guardião que a está a cuidar como é isso?

DOÑA SARA: Sim todos temos um espírito protetor. Que não o saibamos invocar ou não tenhamos força para invocá-lo é diferente. Mas todos temos um espírito protetor que nos cuida eternamente. Mas também por cada espírito protetor andam três ou quatro espíritos maus. Então à força tem de haver momentos de descuido momentos que propiciem o acercamento desse mal com os nossos maus pensamentos as nossas más ações. Com os pensamentos negativos afastas o espírito protetor e imediatamente apodera-se o mau de ti.

O AUTOR: Qual é a diferença entre o bem e o mal?

DOÑA SARA: Vaya pergunta! Qual é a diferença entre o dia e a noite? Aparentemente pouca mas é toda. É o mesmo que o branco e o negro. Sempre é cor só que um é branco e o outro negro. É a conservação do espírito ou a destruição total. Sempre essa é a diferença não crês que é assim?

O AUTOR: Sim. Porque ambos têm poder ambos podem fazer obras.

DOÑA SARA: Sim.

O AUTOR: Mas um está conectado e o outro está desconectado.

DOÑA SARA: Os dois estão totalmente conectados só que um está conectado ao mal e o outro ao bem. O mal é poder tão grande tão grande que muitas vezes nos confunde nos acobarda porque quando vemos poder tão grande dizemos: Que pode a minha pobre oração ao lado de tão grande poder! Mas combate-se com uma oração com uma pobre oração com um rato de meditação. Claro que vem devagar devagar mas nunca será vencido o bem pelo mal. Entende-se que o mal é o poder e o bem é o saber. Nunca o poder vencerá o saber. Essa é a diferença. São tão grandes os dois nos seus terrenos mas o que domina e dominará sempre será o bem.

O AUTOR: Tu contaste-me um dia quando eu tratei um cristal de quartzo que os maias usavam o cristal.

DOÑA SARA: Sim.

O AUTOR: E que Don Panchito usa. Que conhece no cristal? Que usos tem?

DOÑA SARA: Para que lhe serve a ele? Para muitas coisas lhe serve. Diz que o quartzo é como um receptor. Recomendou-me não usá-lo quando uma vez alguém me regalou um. Disse-me que não o usasse porque se não alcançamos a dominá-lo trata mais de nos dominar. É muito bom se o sabes usar mas se não sabes absorve todas as tuas energias. Sim transmite energias mas não tem limite para absorver as tuas. É o perigo que tem o quartzo. Disse-me que deixando o quartzo ao descoberto sem proteção em cima de uma mesa absorve até as energias das pessoas que estejam a dormir ou dos que passem por aí.

O AUTOR: E que fica carregado com elas?

DOÑA SARA: Fica carregado com elas mas absorve energias boas ou más absorve todas. Então esse é o perigo: Quando o usas e vais soltando as tuas energias mediante esse quartzo e ele permite-te absorver as energias que tem. Se absorveu as más esse dia vais estar de más. Se absorveu energias boas pois bem esse dia vais estar de maravilha. Usaram-no os maias. Os sacerdotes nos templos de noite trabalhavam energia boa para o quartzo. Já te contei como trabalhavam então. Também usavam as mesas cheias de quartzo. Isto é algo que ele me contou muito confiadamente porque estas coisas não tem caso contá-las quase a ninguém porque já não se crê. Assim quando eles trabalhavam com pura energia boa o quartzo absorvia-a e quando determinado sacerdote adoecia era substituído pelo quartzo. Repara a importância do quartzo mas só os sacerdotes o manejavam. Os bruxos também o usam. Usa-o uma gente boa que sabe

como usá-lo ou usa-o uma gente má que também sabe como usá-lo. Mas uma gente mediana como nós como tu ou como eu não o devemos usar porque é mais perigoso que benéfico. Disseste-me uma vez que te servia para trabalhar com as crianças. As crianças têm muito positivo. Como te disse deve ter-se cuidado de conservar o quartzo para que não absorva mais energias. Usá-lo exclusivamente para as crianças e depois carregá-lo com energias positivas.

O AUTOR: Podes usar o quartzo na comunicação?

DOÑA SARA: Não a mim não me serve para isso. Só é isso como uma fonte de energia. Satisfeito?

O AUTOR: E as estrelas? Por exemplo Don Panchito lê as estrelas. Tu sabes ler as estrelas?

DOÑA SARA: Não não é que as leia; ele trabalha com determinadas estrelas. Pede força e luz a essa estrela e uma vez que tem força entra e trabalha com a energia dessa estrela ou sai e faz-lhe uma pergunta à estrela. Mediante o palpar dessa estrela obtém a resposta. Tem muitas formas de trabalhar trabalha muito com os pássaros.

O AUTOR: Com os pássaros?

DOÑA SARA: Sim quando me demoro a vir ele vai de noite ver-me. Já vês que o quarto onde durmo está fechado quase toda a noite ou só enquanto está o pássaro aí na esquina do rincão. Como são poucas as horas que durmo e quando durmo é muito pesado o meu sono move-me a rede e até que não me desperto não se aquieta. Isso fazia-o também a Dany quando estava em casa. Para-se na rede e está move e move até que me levanto. E quando vejo Panchito diz-me: tu tens o sono como... pareces pedra em poço Panchito é tremendo no seu poder. Já vês está retirado para todos. Acabo de me recordar nunca voltes a perguntar por ele guia-te. Perguntas por ele e a gente sabe que vais ver o curandeiro. Eu nunca pergunto por ele. Vou e chego. Não lhe gosta. É mais muitas vezes não lhe gosta que saibam o seu nome. Para nós é Panchito. Tem de se proteger também ele. Nem Daniela nem ninguém sabe o seu nome.

O AUTOR: Mmh!

DOÑA SARA: Já está grande já está cansado. Tem muito poder mas não tem ao seu lado apoio de outra mente igual à dele. No caso de que possa haver um enfrentamento pois nesse povoado é ele contra quatro.

O AUTOR: No mesmo povoado há quatro bruxos?

DOÑA SARA: Sim.

O AUTOR: E por que se enfrentam?

DOÑA SARA: Olha Jacobo essa é uma coisa muito natural. Não há uma razão simplesmente porque isto me estorva e quero destruí-lo. Isto representa o que eu não represento por assim dizer. É suficiente. Por isso trato de cuidá-lo muito dessa maneira. Recomendo-to muito. Passou-me dizer-to quando me perguntaste se Panchito não se molestaria se escrevesse o seu nome. Não se molesta porque já sei que não é o seu nome. Houve um tempo faz aproximadamente três anos que me queriam suprimir de Cancún. Porque Cancún tem-me dado a mim e a outras duas senhoras. Uma delas foi-se daí. Então Cancún tem-lhe dado à senhora Margarita e a mim. Mas em Cancún há como quarenta pessoas que trabalham e que não têm permissão dos nossos superiores para trabalhar nisto. Então sempre tratam de hostilizar-te. Eu não posso hostilizar ninguém porque tem-me dada essa praça qualquer deve ser bem-vindo. Mas eles sim tratam de hostilizar-te de te tirar a praça. Chegaram-me nesse ano como umas oito ou dez bolitas num período de quatro meses. Era uma coisa insuportável Jacobo. Era uma guerra tremenda entre as crianças. Nessa época estava eu recém separada do meu marido pois com ele com os inquilinos com tudo. Até com os pássaros que vinham vinham pelejar-se. Baixavam a comer o seu milho. Tinha eu umas galinhas e entre elas e o galo era um pleito que se armava mas tremendo. Juntavam-se duas ou três bolitas ao mês. Levantavas-as envolvia-as e levava-as a Panchito para que as destruísse. Dizia-me; te querem sacar filha te querem sacar. Quanto lutámos! Por isso te digo que essas bolitas são energias. O teu espírito protetor manda-te uma ou duas para que trabalhes. A mim não me gosta trabalhar com elas.

O AUTOR: Não?

DOÑA SARA: Não porque deves ter um cuidado muito especial com elas. Têm uma manutenção muito constante. Tu já me conheces não sou muito constante em nada; sou um pouco descuidada tenho mais deveres e sinto que poderia ficar mal. Então não as trabalho. Tenho as minhas tenho como sete para trabalhar. Dessas sete pedi permissão a Panchito e regalei duas a Elías. Seleccionou-as ele e regalámo-las porque precisava-as. As demais tem-nas Don Panchito numa jícara num rincão da sua mesa. Até que sintas a minha vida mais calma que já não tenha saídas intempestivas então poderei trabalhar as bolitas. Requerem um cuidado muito especial. Tem um que alimentá-las até os teus filhos neste caso passam a segundo

termo. Nestes coisas desde que se começa já está um ligado a elas e deves dar-lhes manutenção.

O AUTOR: E as imagens aparecem dentro das bolitas?

DOÑA SARA: Sim por lo regular na bolha grande que têm aí está o protetor. Se é homem o teu protetor tem forma de homem e se é mulher vê-se como a imagem de uma virgem com asas.

O AUTOR: E na bolita podes ver o teu protetor?

DOÑA SARA: Sim por isso. O teu protetor vem na bolha grande. Há vezes que não nos assinala nenhum protetor e sozinho vem o nosso protetor buscar-nos. Se o buscas quem o saiba ver vê se é homem ou se é mulher. Já depois vais-te acostumando a ele vais-te familiarizando e vais vendo tudo. O que vimos a Elías um é homem e um é mulher.

O AUTOR: Ah! ou seja as esferas têm o seu protetor.

DOÑA SARA: Sim têm o seu guia. Cada esfera é guiada por um espírito e dão-te a representação de quem é o teu protetor.

O AUTOR: Mas esse espírito está ligado para sempre a uma esfera? Que espírito vai querer estar aí colado a uma esfera? Como te explicas isso?

DOÑA SARA: Penso que esses espíritos são espíritos superiores que têm uma missão que cumprir.

O AUTOR: Mas além da bolita têm outras coisas ou vão estar aí colados à sua bolita para sempre?

DOÑA SARA: Bom não sabes que tempo estão colados. Quando te dás conta essas bolitas já não têm esse espírito. Por isso é a ajuda do xamã do mestre.

O AUTOR: Para conectá-las?

DOÑA SARA: Sim quando essa bolita já não tem nada então esse espírito já se foi descansar pode dizer-se. Essa bolita já não te serve para nada. Não sei como se entenda isto eu sou muito ignorante a respeito mas esses espíritos estão ao teu mandato ao teu serviço e enquanto mais serviço lhes dás a um espírito mais cedo lhe dás luz mais cedo vai descansar. Cativos estão na bolita mas são espíritos superiores que não cumpriram talvez a sua missão e desta maneira terminam de cumpri-la para ir ao descanso eterno.

O AUTOR: Tu sabes quem ensinou Don Panchito? Quem foi o seu mestre?

DOÑA SARA: Não não o sei. Panchito nasceu com isso. Alguém teve de o guiar na sua infância mas ele nasceu com isso. Por lo regular nestas coisas ninguém te ensina guiam-te mas naces com isso.

O AUTOR: O que a mim mais me assombra de Don Panchito é a sua capacidade de ver. Por exemplo isso que me contavas quando foram ver o bruxo de Jovain e como ao regressar iam chocar e o carro avariou-se. Como Don Panchito viu tudo isso.

DOÑA SARA: O poder da mente.

O AUTOR: Que precisão!

DOÑA SARA: Que precisão e que força.

O AUTOR: Como se estivesse a ver à distância tudo.

DOÑA SARA: Exatamente.

O AUTOR: Recorda outras vezes em que Don Panchito tenha sabido o que passaria?

DOÑA SARA: Recordo-me tanto que não teria tempo de te contar nem tu de me ouvir. Desde que o conheci Panchito tem-me um carinho especial. Sinto-me muito afortunada de que me dê esse carinho. Se soubesses quanta ajuda me deu que até a vida me salvou.

O AUTOR: Eu quisera contar o de Daniela: Foram Sara Daniela e outra pessoa ver o curandeiro de Jovain num carro depois de que Don Panchito lhes dissera que era melhor que não fossem. E então à saída quase têm um acidente mortal quase se matam com um camião e depois o carro avariou-se. Quando regressaram ver Don Panchito ele disse-lhes que...

DOÑA SARA: Que bem merecido nos o tínhamos sabes que é lume e ainda te vais agarrá-la. Diz-me quitei esse grande porque aí iam-se matar mas deixei-vos o outro para que... para que se chinguem. Para que assim te ensines. Tu és a culpada porque tu sabes que isso é lume. Dany não sabe mas tu sim. Mas há algo é que Dany convence-te de uma maneira tão doce. Tínhamos tempo de querer ir a essa entrevista. Cada vez que Dany me dizia de Jovain eu dizia-lhe que melhor entrevistasse Don Canuto. Ele é cem por cento branco. O que passa é que ao bem como que não lhe damos grandeza deixamo-lo assim sem importância. Em troca o mal o mal em si é grandeza isto representa ante todos os olhos pois assim lhe convém apresentar-se é um disfarce de grandeza. Em troca o bem vê Panchito mira as suas roupas. Queres ver o luxo anda ver Jovain sempre bem vestido bem apresentado.

Agora outra coisa que nos passou com Daniela: Quando fomos numa ocasião numa carrinha de José Elías trabalhar com Panchito já entrada a

noite como às dez chegámos. Deixo o carro abaixo da árvore imprudentemente aberto perto do para-brisas um portafolio onde tinha os seus documentos e dinheiro. Subimos com Don Panchito e como à uma da madrugada saímos para ir dormir a Valladolid e seguir no dia seguinte. Ao chegar à carrinha encontrámos uma revoltura o dinheiro. Tudo levaram. Os seus papéis espalhados sorte de que não os levaram também. Regressámos com Don Panchito e dissemo-lo. Respondeu-nos esta bem pois se podem ir trabalhar vão. Não lhe dissemos que não nos ficava dinheiro. Mas ele sabia-o. Só chegámos onde tínhamos de chegar de sorte tínhamos enchido de gasolina o tanque do carro essa noite se não nem isso nos ficaria. Eu levava uns centavos e esses serviram-nos.

Regressámos a Cancún. Aos oito dias voltámos com Panchito e ele disse-me assim: ni modo filha. Pela imprudência tem de haver esse castigo. Foi a tua imprudência imprudência dupla. Se sabes que tens proteção então debes ser tremendamente cuidadosa até com as pessoas com quem andas. Não sei se me podes entender da proteção de que ele fala. Como te explico? Olha há um espírito que ele me tem dado para que me cuide e me proteja. Se injustamente ou com razão alguém me agride podem-me agredir porque força física não tenho mas então esse espírito tem de castigar quem me agride de alguma maneira castiga-o. Por isso foi uma imprudência minha e de Dany deixar o carro aberto. Sabes que mais me disse Panchito disse-me assim: um morreu um está muito doente e um está na cadeia. Pela tua tremenda imprudência. Aí ele já não pode fazer nada.

Quem houvera querido que se perdesse uma vida jovem por sessenta mil pesos que havia no carro? Ninguém. Contudo aí já não se podia fazer nada e senti-me muito mal ele disse-me: ou vais ter mais cuidado ou vou tomar outras medidas. Tomar outras medidas seria tirar-me a proteção. Então deixei de sair com Dany em pleno trabalho porque ela veio fazer uma película. Só lhe disse que já não podia sair com ela. Não lhe podia dizer o que estou a dizer porque não está preparada para entender muitas coisas.

Mas deu-se conta quando estávamos com Panchito e ele reganhou-me dessa maneira. Se te dizem que pela tua imprudência és culpada de uma morte indiretamente mas és culpada como te sentes? Então saí a chorar de tristeza. Deu-se conta Ernesto e aí estava Carmita. Ela traduziu-lhes o que eu não lhes quis dizer; que pela minha imprudência o meu guardião atuou. Não tinha por que atuar. Esse guardião está dado só para emergências para

coisas que de verdade valham a pena. Com esse guardião ninguém pode agredir-me nem tocar-me. Mas eu sou a primeira que deve ter um tremendo cuidado. Se eu te busco pleito vais-me bater e o meu espírito vai-te castigar mas eu de antemão devo evitá-lo. Tudo isto traduziram-no a Dany e também se sentiu muito incômoda. Essas são as pequenas coisas. Há vezes que não tudo é bom. Foi dado esse espírito para um bem para cuidar mas por um erro nosso podem-se perder vidas. Por isso te digo que as coisas se mantêm em segredo.

Eu a cada rato estou no povoado. Se se chegasse a saber isso que quem o sabe são os bruxos daí. Se por sorte que não foi assim houvesse sido familiar de um bruxo sabes a represália desse bruxo contra a minha família? Sabes o que houvesse desencadeado isso? Uma pequena guerra na qual houvesse tido de intervir Panchito e quantos morreriam. É um poder a poder mas isso pode-se evitar tendo precaução. O primeiro que Panchito me disse foi: se te vou dar esse poder assegura o da tua casa porque não te vou dar a proteção assim nomás.

O primeiro que fiz foi levantar a barda da minha casa. Vi que o meu marido era um perigo para mim para que não me agrida separei-me dele. Para que não me agrida a gente e eu não agrida a gente isolar-me dela não convivo com a gente convivo com vocês os estranhos inclusive com a minha família convivo pouco. Não me arrependo é uma coisa muito bonita muito bela. Ninguém me obrigou estou por meu gosto é o meu caminho.

CAPÍTULO 2

DON RACH PECH DE YUCATÁN

Don Rach Pech vive numa cidade típica de Yucatán que se caracteriza além de pela sua proximidade ao mar pela abundância de clínicas dedicadas à ajuda psicológica autóctone.

Pude encontrar quatro diferentes consultórios autóctones todos eles com as suas respetivas salas de espera e o seu terapeuta especializado em diferentes aspetos da cura psicológica autóctone.

Um desses curandeiros Don Rach Pech impressionou-me pelas técnicas que utilizou e pela precisão dos seus diagnósticos e a efetividade dos seus métodos terapêuticos. Precisamente por estas razões quisera dedicar este capítulo à análise deste psicólogo autóctone mexicano.

LA ACUPUNTURA MAYA

Temos já dados suficientes como para afirmar que os antigos maias possuíam métodos muito semelhantes aos que utiliza a acupuntura chinesa. Pelo menos dois xamãs maias até hoje estudados Don Lorenzo e Don Rach Pech de Yucatán utilizam técnicas de acupuntura que herdaram dos seus mestres os quais por sua vez as herdaram dos seus numa cadeia que seguramente se remonta até aos antigos maias.

Don Lorenzo especializou-se em acupuntura da cabeça. Utiliza para realizar o seu trabalho um dente de víbora de cascavel que limpou e esterilizou com o objeto de que não mantenha resíduo algum de veneno. Com este instrumento natural Don Lorenzo localiza zonas da cabeça do paciente que requeiram tratamento e nestas zonas pica diferentes pontos até chegar ao osso craniano atravessando o couro cabeludo com o objeto de lograr uma liberação sintomatológica.

Por diversas razões a técnica de Don Lorenzo embora se assemelhe à acupuntura não poderia considerar-se uma técnica de acupuntura clássica. Em primeiro lugar Don Lorenzo não utiliza agulhas metálicas como na acupuntura convencional; em segundo lugar Don Lorenzo parece não utilizar pontos fixos de aplicação da sua técnica senão que mais bem localiza zonas com problema e nestas zonas pelo menos em aparência punza com o seu dente de víbora de cascavel livremente.

Ao perguntar a Don Lorenzo a técnica que utiliza para localizar as zonas de aplicação ele respondeu que as zonas as determina o próprio paciente de acordo com os sintomas que expressa e com as sensações internas que é capaz de localizar na zona craniana. Noutras palavras o paciente que acode ao consultório autóctone de Don Lorenzo queixando-se de algum dor assinala a parte da sua cabeça que está afetada pelo mesmo e nesta parte Don Lorenzo utiliza a sua técnica.

A técnica que utiliza Don Rach Pech é parecida à de Don Lorenzo no sentido de que não parecem existir pontos fixos de aplicação como na acupuntura chinesa senão mais bem a aplicação é livre em zonas específicas do corpo. A diferença de Don Lorenzo Don Rach Pech sim utiliza uma agulha metálica.

Em observações de campo do trabalho de Don Rach Pech pôde-se constatar que as zonas de aplicação de acupuntura que este xamã utiliza são a cabeça o pescoço e os ombros os braços as costas e as pantorrilhas. Em todas estas zonas e dependendo da sintomatologia específica de cada

paciente Don Rach Pech aplica a sua técnica. Assim por exemplo um caso de dor renal requer acupuntura na zona renal e Don Rach Pech pica diferentes secções das costas à altura do rim.

MÉTODO DE DIAGNÓSTICO DE DON RACH PECH

Don Rach Pech sofreu um percalço muito intenso de tipo emocional quando faz relativamente pouco tempo inteirou-se da morte trágica dos seus irmãos. A repercussão somática desta notícia foi tão intensa que Don Rach Pech ficou cego como consequência da mesma.

É interessante que recordemos que uma grande xamã-nahuala mexicana Doña Pachita da Cidade do México sofreu uma somatização similar quando o seu filho foi assassinado nos distúrbios de 1968. Ao igual de Don Rach Pech Doña Pachita ficou cega a partir deste trauma e desgraça familiar.

Don Rach Pech atende numa pequena choça localizada nas afueras do seu povoado. Esta choça tem como únicos móveis uma rede sobre a qual se senta o xamã e uma pequena mesa que se localiza à sua esquerda. Em frente de Don Rach Pech senta-se o paciente num pequeno banco de tal forma que paciente e terapeuta ficam frente a frente.

Em cima da pequena mesa há uma lata velha e pequena dentro da qual se inserem formações diminutas de parafina que um ajudante de Rach Pech acende de vez em quando e a pedido do xamã. Desta forma Don Rach Pech atende os seus pacientes acompanhado do fogo que surge desta lata cheia de parafina.

Este xamã afirma que o único que ainda é capaz de perceber é o fogo da sua lata e é precisamente através da observação das chamas que Don Rach Pech realiza os seus diagnósticos. Um exemplo típico desta modalidade diagnóstica relata-se a seguir.

Penetra um paciente na choça. Don Rach Pech convida-o a sentar-se no banco frente a ele e pergunta acerca do que sofre o paciente.

Seguidamente pede ao seu ajudante que insira a parafina na pequena lata e que acenda a mistura com um fósforo. Don Rach Pech mantém-se durante toda a consulta atendendo às chamas da sua lata e com a sua mão sustenta um pequeno ramo de arruda que utiliza para tocar diferentes zonas do corpo do seu paciente. Desta forma Don Rach Pech ao observar a chama e tocar o corpo do seu paciente realiza o diagnóstico.

Eu fui testemunha direta desta modalidade e observei que quando Don Rach Pech toca por exemplo a cabeça o fogo indica aspetos relacionados com esta zona corporal.

Com o objeto de verificar a precisão diagnóstica de Don Rach Pech eu submeti-me a um tratamento de acupuntura depois de haver sido diagnosticado por este xamã. Sem lhe dizer os meus sintomas permiti que Don Rach Pech tocasse diferentes partes do meu corpo e surpreendido dei-me conta que ao tocar o rim esquerdo Don Rach Pech acertadamente informou-me que tinha uma dor nesta parte do corpo. A mesma precisão manifestou-se com diversos aspetos do meu corpo e surpreendentemente depois desta incrível capacidade diagnóstica corporal o xamã informou-me acerca de aspetos da minha vida dos que definitivamente ninguém mais que eu mesmo tinha notícia. Esta precisão na captação de aspetos internos através da observação de fogo sugere que a técnica deste xamã funciona e o seu uso permite lograr diagnósticos de alta precisão.

UNA POSIBLE EXPLICACIÓN DE LA TÉCNICA DE DIAGNÓSTICO CON FUEGO

Don Rach Pech não é o único xamã ou psicólogo autóctone mexicano que utiliza o fogo como elemento de diagnóstico; contudo de todos os xamãs que estudámos eu atrever-me-ia a dizer que Don Rach Pech é o mais preciso e exato na utilização da sua técnica.

Outros xamãs que utilizam o fogo são Doña Sara e Don Antonio de Quintana Roo Don Panchito de Yucatán e Don Lucio de Morelos. Todos estes xamãs leem as chamas de velas que acendem com o propósito de ajudar-se no diagnóstico. Por isso a técnica de fogo parece ter um uso bastante extensivo na República Mexicana e sobre tudo devido à precisão dos seus resultados no caso de Don Rach Pech merece um intento de explicação.

Sem que a seguinte possa considerar-se uma explicação final sim atrever-me-ia a hipotetizar que a chama de uma vela ou as chamas da lata de Don Rach Pech de alguma maneira são capazes de interagir com os campos neuronais tanto do terapeuta como do paciente que se encontram na sua proximidade.

De acordo com a Teoria Sintérgica o cérebro humano é capaz de ativar um campo energético que interage com a organização energética do espaço-tempo alterando as características morfológicas da mesma. A chama é um sistema energético extraordinariamente subtil e provavelmente

capaz de ser modificado quando na sua proximidade uma alteração do campo do espaço-tempo está a ocorrer. Noutras palavras a hipótese que explicaria a precisão diagnóstica de Don Rach Pech com o uso de chamaz seria que tanto o seu cérebro como o do seu paciente estão a afetar as características morfológicas do campo quântico e que a chama modifica-se na sua morfologia e nas suas características visíveis quando o campo quântico se altera pela interação com os seus campos neuronais.

Esta poderia ser a explicação física da técnica diagnóstica de Don Rach Pech. Obviamente é necessário supor no xamã uma sensibilidade extrema como para poder detetar e além disso para poder identificar e analisar corretamente os mudanças morfológicas da chama e com isto realizar um diagnóstico adequado.

LA VOZ DEL VER

Dentro do xamanismo mexicano diz-se que um verdadeiro xamã é aquele que além de poder ser sensível a mudanças energéticas muito subtis é capaz de interpretar adequadamente estas mudanças. A esta capacidade interpretativa dá-se-lhe o nome de «Voz del Ver». No caso de Don Rach Pech a «Voz del Ver» manifesta-se de forma notável na sua capacidade de leitura e interpretação diagnóstica do fogo.

Como acabo de mencionar Don Rach Pech não somente é capaz de identificar mudanças subtis das suas chamaz senão de lhes dar uma interpretação adequada em termos diagnósticos. Bem poderia dizer-se que o que está a ocorrer com este xamã é que a morfologia das suas chamaz é o instrumento que ativa o mecanismo da «Voz del Ver» que lhe diz o que sucedeu e que características possui o seu paciente.

TRATAMIENTOS UTILIZANDO HIERBAS

Don Rach Pech poderia considerar-se um curandeiro completo. Digo o anterior porque além de ter a capacidade de oferecer diagnósticos precisos das doenças dos seus pacientes de utilizar a técnica de acupuntura maia para solucionar os problemas sintomatológicos este xamã utiliza medicamentos autóctones manufaturados em base a ervas que ele mesmo recolhe e prepara.

Um dos tratamentos que utiliza Don Rach Pech é a ingestão de uma mistura de ervas que têm como efeito uma purga total do organismo dos seus pacientes. Este tratamento Don Rach utiliza-o em casos extremos quando o seu diagnóstico flamígero lhe indica que o corpo do paciente está

totalmente contaminado. Quando este é o caso então prepara uma purga cuja intensidade depende da magnitude da contaminação corporal.

Outro dos medicamentos que este psicólogo autóctone utiliza são ervas para preparar chás que se ingerem quotidianamente. No caso do autor o xamã depois de diagnosticar o problema renal convidou-me a ingerir como água de uso chás preparados em base a várias ervas que segundo ele resolveriam o meu problema. No caso de outros pacientes o uso de chás é usual junto com a aplicação de ervas que se utilizam em pó e por fricção em zonas específicas do corpo.

COSMOVISIÓN DE DON RACH PECH

Desprende-se a partir do conhecimento deste xamã que ele possui uma cosmovisão particular sobre tudo associada com as causas da doença o seu tratamento e em geral o desenvolvimento humano.

Uma das primeiras considerações de Don Rach Pech é que a principal causa da doença é a contaminação ou falta de limpeza corporal provocada por diferentes fatores. Precisamente a partir desta consideração os tratamentos deste xamã dirigem-se ao logro de uma limpeza e desalojo de contaminantes corporalizados. Se o corpo se limpa se deixa de existir lixo e contaminação interna então existe saúde. Esta última pareceria ser a consideração básica deste xamã.

As causas de contaminação segundo Don Rach Pech são diferentes. Uma delas talvez a mais importante são as interações que o paciente tem com outros seres humanos que não têm uma aproximação positiva. Desta forma invejas ódios e maus pensamentos contaminam a mente e o corpo de uma pessoa até que a contaminação chega a ser tão importante que provoca uma doença somática.

Uma das técnicas que Don Rach Pech recomenda para evitar a contaminação energética antes descrita é o uso de um talco especial misturado com ervas que Don Rach Pech prepara pessoalmente e que segundo ele atua como uma espécie de defesa energética do corpo do paciente.

Eu tive a oportunidade de provar este talco e posso afirmar que na minha experiência o efeito é similar ao que descreve Don Rach Pech.

CONCLUSIONES

Do estudo de Don Rach Pech concluem-se os seguintes pontos:

1. Existe uma interação entre o fogo e conteúdos informacionais que podem ser decodificados a partir da observação daquele.
2. O ser humano é capaz de aprender a decodificar esta interação e utilizar as mudanças morfológicas de uma chama com o objeto de oferecer um diagnóstico preciso de uma doença.
3. A acupuntura era conhecida e utilizada pelos maias e é ainda técnica de uso frequente entre os xamãs maias contemporâneos.
4. A cegueira não parece ser um impedimento para a manifestação de poderes de vidência intuitivos como no caso de Don Rach Pech e como no caso de Doña Pachita.

CAPÍTULO 3

O CUATE CHAGALA DE SANTIAGO TUXTLA

Entre os homens de conhecimento do Estado de Veracruz sobressai um que me parece possuir as qualidades de um verdadeiro xamã. Refiro-me ao Cuate Chagala que reside e trabalha na população de Santiago Tuxtla localizada aproximadamente a duas horas do Porto de Veracruz.

Ouvira acerca do Cuate Chagala muitas e positivas referências e decidi ir visitá-lo com o objeto de o conhecer e entrevistá-lo. O seguinte é um relato do meu encontro com ele e de um procedimento que utilizou comigo pelo que posso mencionar e analisar a minha experiência direta com as suas técnicas de cura.

SANTIAGO TUXTLA

Santiago Tuxtla é um pitoresco povoado localizado no Estado de Veracruz limpo rodeado de uma vegetação quase de clima quente.

O Cuate Chagala vive num extremo do povoado ao qual se chega depois de atravessar a ponte real construção que permite cruzar o rio que banha Santiago Tuxtla. A sua casa encontra-se numa pequena vizinhança que nas tardes se enche de risos de crianças que jogam ativamente com as bolas rodas e com os animais que abundam na região.

Encontrei-me com quatro pessoas sentadas num banco esperando a chegada do Cuate Chagala e eu ocupei o último lugar da fila acompanhado na minha espera pela visão das crianças a jogar e os sons das suas risos e gritos. Havia pequenos porcos cães um periquito fazendo equilíbrio sobre um arame várias senhoras lavando roupa uma mulher preparando a comida.

O CUATE CHAGALA

De pronto a pessoa que estava sentada à minha direita mostrou sinais de atenção concentrada e ao seguir o seu olhar vi um homem de idade madura que se aproximou de um pequeno lavadouro e utilizando uma chávena dedicou-se a limpar a sua dentadura postiça e a sua boca. O meu vizinho disse-me que era o Cuate Chagala e eu surpreendi-me porque segundo notícias este homem tinha 86 anos de idade mas representava não mais de setenta.

Aproximou-se de nós saudou-nos de mão e eu logo notei uma calidez e uma capacidade de contacto humano terno e tranquilo.

Passaram as primeiras pessoas às quais o Cuate Chagala atendeu durante aproximadamente quinze minutos e ao sair estas o Cuate aproximou-se de mim e disse-me que dentro de uns minutos me atenderia. Esperei outros quinze minutos e por fim fizeram-me passar.

UMA LIMPEZA COM O CUATE CHAGALA

O Cuate Chagala convidou-me a sentar numa cadeira e eu observei assombrado o quarto no qual me encontrava. Quatro grandes cirios encontravam-se no piso sobre folhas de jornais. Ao fundo da habitação uma estátua de Cristo crucificado rodeada de flores plantas adornos de papel e mais veladoras adornavam a habitação e infundiam-lhe um ambiente mágico e estranho.

O Cuate Chagala perguntou-me pela razão da minha visita e eu expliquei-lhe que estava a realizar uma investigação sobre os xamãs no México e que tivera uma experiência desagradável fazia uns dias com um aprendiz que me convidara a provar um procedimento índio utilizado para lograr benefícios e curas corporais. Este procedimento consiste em cavar um buraco na terra do tamanho suficiente como para poder deitar-se boca acima nele e depois cobrir-se completamente com terra deixando

unicamente fora a cabeça. Expliquei ao Cuate Chagala que este indígena me submetera duas vezes a este procedimento de enterramento e que a partir desse momento começara a sentir-me mal sem energia cansado e além disso com uma série de problemas aparentemente externos que me estavam a preocupar.

O Cuate Chagala ouviu com atenção o meu relato e logo moveu a cabeça de um lado ao outro dizendo que o procedimento de enterramento ao qual eu fora submetido diminuira ou baixara o meu espírito e que ele ia devolver-me a saúde e levantar-me o ânimo.

Depois de dizer o anterior este xamã ingeriu um líquido verde claro feito com ervas pediu-me que tirasse a camisa e logo cuspiu todo este líquido sobre a minha costas à altura da minha coluna vertebral. Com um ramo de ervas estendeu o líquido e voltou a cuspir aos lados da minha costas. De novo estendeu o líquido com o seu ramo de ervas repetindo uma e outra vez este procedimento com os meus ombros com a minha cabeça com os meus olhos com toda a minha cara com os meus braços e por último com as palmas das minhas mãos. Depois de vários minutos acendeu um ventilador com o qual começou a secar o líquido que escorria por todo o meu corpo e perguntou-me como me sentia. Tive de confessar que me sentia magnificamente que a sensação de opressão que sentia ao chegar desaparecera que o meu ânimo estava em perfeito nível e que havia clareza na minha mente e profundidade na minha consciência.

O Cuate Chagala lançou uma expressão de gosto e utilizando um ovo esfregou a minha cabeça e costas para depois verter o conteúdo do ovo num copo com água limpa.

Assinalei-lhe uma zona de dor do lado esquerdo do rim e como recordando um procedimento adequado para estes casos foi à mesa perto do crucifixo tirou uma pequena garrafa e aproximou-se de mim e extraíndo o líquido desta garrafa esfregou-o sobre o meu costado esquerdo. Comecei a sentir que a zona se aquecia e a dor renal diminuía até desaparecer. O Cuate Chagala voltou a ingerir o seu líquido cor verde claro voltou a cuspir-mo nas costas e a esfregá-lo com as suas ervas. Depois disto começou a pedir ajuda a Deus dizendo que encomendava o meu espírito à custódia divina e que pedia que esta me protegesse me ajudasse me tirasse problemas e me enchesse de luz.

Logo voltou a perguntar-me como me sentia e eu disse-lhe que muito bem. O Cuate Chagala sentou-se numa cadeira e mostrou-me o que fizera com o ovo que previamente esfregara sobre o meu corpo.

Dei-me conta que o que o Cuate Chagala fizera era um procedimento chamado «vista» pelo xamanismo mexicano. Eu vira este procedimento em mãos de Don Lucio de Morelos de Doña Licha de Puebla e de um considerável número de psicólogos autóctones pelo que não me surpreendeu que também o Cuate Chagala o utilizasse.

Obviamente o procedimento de vista que consiste como já disse em esfregar um ovo sobre o corpo do paciente e depois vertê-lo num copo com água está tão estendido em todo o México que muito bem valeria a pena fazer um estudo acerca da sua origem características e detalhes diagnósticos.

Em geral a vista utiliza-se para fazer um diagnóstico da situação psicológica e espiritual do paciente. Dependendo da forma da gema das aglutinações proteicas da clara e das bolhas e da sua localização o xamã pode dizer o que o seu paciente tem e que influências lhe estão a afetar.

Perguntei ao Cuate Chagala o que via na minha «vista» e descreveu-me e explicou-me o processo de enterramento ao qual eu fora submetido. Disse-me que segundo o que ele via o procedimento provocara uma alteração negativa no meu processo energético pelo que me recomendava não repetir jamais a experiência de enterramento. Estive de acordo com ele e prometi-lhe não voltar a utilizar esta técnica pelo menos com as pessoas que ma tinham ensinado.

COSMOVISÃO DO CUATE CHAGALA

Logo tive a oportunidade de lhe fazer várias perguntas e de ouvir as suas respostas. Em primeiro lugar perguntei-lhe a origem da sua capacidade curativa e disse-me que esta se remontava ao seu nascimento.

Depois confessou-me que o único protetor e guia ao qual solicitava ajuda era Deus porque considerava que nenhum intermediário tinha o poder e a penetração que o Pai.

Falou-me acerca da bruxaria satânica considerando que sim existe na realidade mas que ele jamais quisera utilizá-la ou aproximar-se dela.

Misturadas com estas observações acerca da sua visão da divindade e da origem dos seus poderes curativos o Cuate Chagala continuamente

perguntava-me como me sentia e manifestava-me a sua preocupação por que eu nunca mais voltasse a ver o indígena que me enterrara e pelo meu estado de saúde. Sentia em cada uma das suas observações uma genuína preocupação e um cuidado sincero pelo meu estado o que lhe agradei abertamente.

O APRENDIZ DO CUATE CHAGALA

Todo o tempo junto a ele e ajudando-o havia uma criança de aproximadamente dez anos solícito e atento que seguia as instruções do Cuate Chagala e claramente parecia haver decidido dedicar a sua energia a aprender o que o seu mestre podia ensinar-lhe. Este rapaz deu-me a impressão de que se estava a preparar para suceder ao seu maior no trabalho de cura. Com ajuda deste rapaz pude levar duas garrafas cheias do líquido cor verde que o Cuate Chagala me recomendara usar continuamente para o meu próprio benefício.

Pedi ao Cuate Chagala a possibilidade de voltar a vê-lo e observar o seu trabalho com outros pacientes ao que acedeu. Despedimo-nos com muita ternura ficando de nos vermos no dia seguinte à uma da tarde.

EFEITOS PRIMÁRIOS

DO PROCEDIMENTO DE LIMPIA DO CUATE CHAGALA

Saí da casa do Cuate Chagala sentindo-me verdadeiramente renascido com otimismo e assombro pela capacidade que mostrara este xamã de curar e aliviar as minhas dores e o estado depressivo com o qual chegara a vê-lo.

De noite tive a oportunidade de conhecer Don Fernando Bustamante Diretor do Museu Tuxteco e experto na cultura olmeca e a história de Santiago Tuxtla.

Don Fernando falou-me extensamente acerca das atividades do Cuate Chagala. Disse-me que o seu verdadeiro nome era Juan Chagala e que lhe chamavam Cuate porque era gémeo. Confirmou-me que a criança que trabalhava com o Cuate fora escolhida como sucessor e era o seu neto. O Cuate Chagala tivera um filho que falecera de cirrose hepática desahuciado pela ciência médica que o considerara como caso sem esperança. Este filho sobrevivera milagrosamente um ano depois do desahucio graças aos

procedimentos herbolários que o Cuate Chagala utilizara com ele para o manter vivo durante esse período.

Algumas anedotas das capacidades preditivas do Cuate Chagala incluem casos como o de uma família que extraviara o seu pequeno filho de dois anos num mercado da Cidade do México e que desesperados vieram pedir-lhe ajuda a Don Juan Chagala que visualizou a situação do infante e disse-lhes que apareceria em oito dias mais no mesmo mercado. Segundo Don Fernando Bustamante aos oito dias precisos a criança apareceu tal e como o Cuate predissera.

Esta façanha adivinhadora e de vidência resulta muito interessante e fala acerca do poder psíquico de Don Juan Chagala.

Uma das características que Don Fernando Bustamante considera mais importante no trabalho de Don Juan Chagala é a sua bondade e altruísmo assim como o seu desinteresse económico. Disse-me Don Fernando que desde que o conhece o Cuate Chagala sempre se mostrara bondoso cálido e humano com os seus pacientes e amigos. De acordo com este mesmo informante Don Juan Chagala é um dos casos extraordinários nos quais uma pessoa antepõe o interesse pessoal a comodidade e inclusive a segurança pessoal à dos seus pacientes.

SEGUNDA VISITA

Encontrei-me com Don Juan Chagala fazendo vinho medicinal com a ajuda de um senhor que agitava um líquido obscuro dentro de uma cuba enquanto o xamã provava a infusão e fazia críticas do seu sabor dizendo que lhe faltava açúcar ou que precisava um pouco mais de ervas.

O Cuate saudou-me e disse-me que estava a fabricar uma medicina que era excelente para restaurar a vitalidade e que se preparava fervendo um conjunto de ervas o primeiro sexta-feira de março de cada ano.

A atividade do Cuate Chagala era intensa e numa das suas visitas ao altar perguntei ao ajudante o porquê da data tão estrita disse-me que as medicinas preparadas o primeiro sexta-feira de março eram muito poderosas porque essas datas eram propícias para a cura.

Não perguntei mais somente observei a atividade do Cuate Chagala que me pareceu encantadoramente inocente. Encantadora porque parecia estar totalmente concentrado no presente e no que fazia sem um instante de distração. Compreendi que de alguma maneira essa era a vivência

quotidiana deste xamã e pareceu-me extraordinário ver um ser humano vivendo tão totalmente imbuído no presente.

AS CONSULTAS

Começaram a chegar gentes às quais o xamã fez passar ao seu quarto de consulta e pediu-me enquanto tanto que esperasse sentado no banco da ante-sala que como já disse dava para um pátio no qual geralmente jogavam as crianças da vizinhança de Santiago Tuxtla.

Durante aproximadamente duas horas o Cuate esteve a receber gente e por fim fez-me passar. Perguntou-me como me sentia e disse-lhe que me sentia em verdade muito bem e questionou-me acerca dos efeitos da limpeza anterior e da ingestão do vinho medicinal que me dera antes de entrar em consulta. Eu respondi-lhe que ambas tinham sido muito benéficas e que me sentia muito bem. O Cuate Chagala disse que isso lhe dava muito gosto porque quando chegara a vê-lo estava eu muito deprimido sem ânimo e totalmente aborrecido da vida e que agora observava em mim uma mudança favorável.

Aproveitei para lhe fazer várias perguntas que respondeu com o seu estilo peculiar um tanto rude e primitivo mas cheio de ternura e graça.

Questionei acerca da vida depois da morte acerca da mente feminina e da mente masculina e acerca do seu trabalho. Confessou não estar de acordo com os que pensavam que existia o retorno ao mundo depois da morte. Disse que existia uma decisão divina quando um ser humano morria e que dependendo das obras deste ser humano a decisão era favorável ou desfavorável e que se a decisão era favorável então o ser humano vivia numa situação positiva e se era desfavorável numa negativa.

Considerou que a mente feminina é distinta da masculina. Disse que a mulher tem tendências ao domínio e vira na sua vida o caso de muitas mulheres capazes de fazer danos tremendos a homens para conseguir esse domínio.

Acerca do seu trabalho mencionou que não tinha seguidor e que contrariamente ao que eu pensava o rapaz que o ajudava não era o seu neto nem tampouco o seu aprendiz senão somente uma criança interessada em colaborar com ele; auxiliava-o no seu trabalho.

Perguntei-lhe pela sua data de nascimento e respondeu-me que o seu aniversário era a 15 de junho e que tinha 85 anos. Parecia muito interessado

em saber se eu ia escrever acerca da sua pessoa e sentiu-se muito halagado quando lhe disse que me parecia muito positivo tudo o que vira e que o ia recomendar de forma muito entusiasta.

Enquanto falávamos umas crianças incluindo o ajudante do Cuate Chagala jogavam fora do quarto dos altares e de vez em quando aproximavam-se da janela e faziam brincadeiras com o xamã. Isto deu-me a oportunidade de observar diretamente como se comportava este xamã com as crianças e satisfez-me enormemente observar que entre ele e os seus jovens amigos parecia não existir nenhuma inibição nem bloqueio pelas brincadeiras e os jogos que partilhavam. Em verdade o Cuate Chagala parecia outra criança pela sua inocência e frescura e pelo bom humor que manifestava em todas as suas intervenções com eles.

O VINHO MEDICINAL

Indaguei acerca da composição do vinho medicinal que vira preparar e o Cuate Chagala ensinou-me umas ervas que serviam para a sua manufactura entre elas: erva-bou arruda itamo mata de odor salva real que se misturavam depois de serem fervidas com álcool açúcar e extrato de passas. Ao perguntar-lhe acerca do uso deste vinho o Cuate Chagala mencionou-me que servia para a gastrite para ativar o apetite e para fomentar como já disse antes a vitalidade.

A SEGUNDA LIMPEZA

Este xamã convidou-me a experimentar um segundo procedimento de limpeza e para isso pediu-me que tirasse a camisa e desnudasse o torso. Remojou um molho de ervas no seu líquido verde claro e com ele começou a esfregar-me as costas os ombros e tras ingerir uma quantidade deste líquido cuspiu-mo na cara no meu estômago na minha testa. Perguntei-lhe se o mesmo procedimento o usava com todas as pessoas e respondeu afirmativamente. Depois disto sentámo-nos a conversar falou-me acerca do seu filho que morrera fazia sete meses e da tristeza que lhe produzira este acontecimento. E queixou-se da sua nora que tras a morte do seu filho levava os seus netos produzindo-lhe ainda mais dor. Ele pedira a Deus que a sua nora regressasse com os seus netos o que sucedera uns meses depois para a sua grande alegria.

O Cuate Chagala afirmou que se dera conta que o único que tinha de consolo era a presença de Deus e a possibilidade de estar em contacto com Ele.

CAPÍTULO 4

A VIDA ESPIRITUAL DE UM POVOADO DO ESTADO DE MORELOS

Este capítulo descreve a vida espiritual de um pequeno povoado agrícola no Estado de Morelos próximo da Cidade do México. Embora relativamente pequeno em quantidade de habitantes e com uma pobreza que raya na miséria o visitante facilmente dá-se conta de que é um povoado com uma intensa vida espiritual.

O povoado conta pelo menos com três psicólogos autóctones que exercem uma importante influência na população além da igreja católica representada por um templo e um sacerdote; conta também com um templo espiritualista que está localizado a uma quadra da igreja mas funciona de uma forma independente.

Farei primeiro uma breve descrição do trabalho do templo espiritualista porque considero que é extraordinariamente interessante e ajuda-nos a entender a vida espiritual desta comunidade.

Faz mais de um século no povoado de Xochimilco um religioso chamado Roque Rojas iniciou um dos movimentos espirituais que mais adeptos tem na República Mexicana. Conhecido como espiritualismo este movimento tem como finalidade que indivíduos sensíveis aprendam a estabelecer um contacto com níveis espirituais elevados que através deste contacto informem à comunidade mensagens instruções e ensinanças provenientes de níveis espirituais alternos.

Até à data e depois de várias divisões o movimento manteve uma consigna básica e é a que diz que um sujeito deve «deixar» a sua consciência e o seu contacto com o seu corpo para permitir que este seja ocupado e manejado por entidades espirituais individualizadas que falam através do veículo orgânico.

Toda uma terminologia foi desenvolvida para descrever estes contactos. Ao corpo especificamente ao cérebro denomina-se-lhe «o aparelho». Dependendo do desenvolvimento da entidade com a qual o aparelho se põe em contacto denomina-se a esta entidade «ser de luz» «ser

de obscuridade» e «essência». Esta última denominação recebe-a o ser mais elevado de todos.

Criaram-se centenas de templos espiritualistas em todo o país e em todos eles realiza-se uma cerimónia muito similar na qual o médium coloca-se numa disposição de trance e nesta disposição recebe o «ser» que vai utilizar a sua matéria ou corpo para dar uma mensagem. A estes mensagens denomina-se-lhes «cátedras» e ao terminar estas o médium recupera a sua consciência habitual ou quotidiana e não recorda absolutamente nada do que sucedeu durante o seu trance.

O templo espiritualista deste povoado desenvolve pelo menos três tipos de atividades. Primeiro a cátedra que se realiza aos domingos às dez da manhã e que consiste num rezo de aproximadamente uma hora depois do qual um dos membros da comunidade geralmente o mais veterano entra em trance e dentro deste oferece um discurso que tem como meta o impulso espiritual da comunidade. Ao finalizar o seu discurso a pessoa que ditou a cátedra faz referência a três mulheres sentadas à direita e vestidas de branco; denomina-se-lhes profetas e pede-lhes que descrevam à comunidade o que perceberam durante todo o desenvolvimento do discurso. Cada uma delas faz uma descrição das suas imagens sensações e sentimentos.

Depois de cada descrição a pessoa que impartiu a cátedra explica a cada uma das profetas o significado das suas visões dos símbolos e das sequências de imagens que experimentou.

Depois de que as profetas expressaram as suas experiências e o orador lhes ofereceu retroalimentação apresenta-se cada um dos personagens que organizam o templo espiritualista e perguntam ao orador interrogantes importantes acerca do seu próprio desenvolvimento e da comunidade.

Uma segunda atividade desta instituição além da cátedra dominical são as curas nas quais membros da comunidade se dedicam a curar os seus doentes às terças e sextas-feiras de cada semana às 17:30 hrs. Estas curas realizam-se através de um procedimento que já expliquei noutras ocasiões e que brevemente consiste em que o doente se aproxima do curandeiro que o toca e realiza uma série de movimentos com as suas mãos logrando supostamente um afastamento de energias negativas e uma implantação de energias positivas e curativas em cada paciente. Além destes procedimentos manuais os curandeiros oferecem um discurso e uma série

de receitas e recomendações que o paciente deve seguir com o objeto de lograr uma cura e um alívio satisfatórios.

Em terceiro lugar o templo espiritual realiza o que ele mesmo denomina «desenvolvimentos». O «desenvolvimento» é o treino que os membros mais veteranos da comunidade realizam com os mais jovens ensinando-lhes a curar a dar cátedra e a desenvolver as suas capacidades espirituais.

Dos três psicólogos autóctones localizados no povoado dois deles Doña Pragedis e Don Nicolás aceitaram que se lhes entrevistasse. A continuação descrevem-se estas entrevistas nas quais falam da iniciação ao xamanismo as curas e a cosmovisão de ambos.

DOÑA PRAGEDIS

Doña Pragedis nasceu a 21 de julho de 1932 e pertence ao linaje dos Graniceros do Estado de Morelos cujo representante mais renomado é Don Lucio de Morelos. De facto Doña Pragedis afirma ter uma relação com Don Lucio que se remonta aos pais de ambos. Contudo nega depender no seu trabalho xamânico de Don Lucio ou de qualquer dos seus associados. Noutras palavras embora Doña Pragedis se dedique a labores similares às de Don Lucio e embora exista um conhecimento mútuo também existe uma independência entre ambos.

Doña Pragedis descende de uma família que em maior ou menor medida se dedicou ao xamanismo. O seu pai realizava limpias e curava as gentes da sua comunidade da mesma maneira que o realizava o seu avô. Desta maneira pode inferir-se que Doña Pragedis é a herdeira de uma tradição que se remonta pelo menos três gerações atrás e da qual extraiu uma série de conhecimentos e técnicas que aplica no seu trabalho como psicóloga autóctone.

Doña Pragedis é conhecida da sua comunidade e embora a maior parte do tempo a dedique às labores do seu lar os membros da comunidade acodem a ela em busca de alívio para dores psíquicas e físicas pelo que realiza uma labuta comunitária importante.

A VIDA QUOTIDIANA DE DOÑA PRAGEDIS

Doña Pragedis tem uma vida que não difere praticamente da que costuma ter qualquer mulher camponesa mexicana. O seu esposo dedica-se a lavrar as terras a cosechá-las e ela a moer o milho a fazer nixtamal a preparar a massa para as tortilhas a fazer a comida para a família a lavar a roupa dedica-se aos filhos cuida da sua educação etc. Na sua vida familiar Doña Pragedis conduz-se de forma inteiramente normal e aceita as relações da vida quotidiana como reais e necessárias.

Neste sentido Doña Pragedis manifesta uma das características mais comuns do xamanismo mexicano e é a de que o xamã parece ter a capacidade de viver dois níveis de realidade aceitando em cada um deles as leis próprias do nível respeitando-as e conduzindo-se de acordo com elas. Por um lado o nível da vida quotidiana com as suas regras as suas obrigações os seus compromissos as suas necessidades; quando um xamã vive o nível da vida quotidiana vive-o de uma forma inteiramente impecável e sem que se note diferença alguma com a forma em que o vive qualquer outra pessoa.

Por outro lado quando o xamã vive a sua vida xamânica o seu contacto com os seres etéricos as suas chamadas as suas terapias os seus diagnósticos também os vive de uma forma inteiramente impecável aceitando as regras e leis deste nível da realidade sem que manifeste ter algum conflito ou alguma contradição na sua capacidade para viver o que desde um ponto de vista externo seriam duas vidas totalmente diferentes e baseadas em situações e regras completamente distintas. Doña Pragedis passa de um nível ao outro de forma imperceptível e sem que provoque nenhuma situação chamativa assombrosa ou inclusive notável.

Quando conheci Doña Pragedis solicitei-lhe permissão para fotografá-la e ela negou-se totalmente não acedendo porque opinou que não saberia que uso se fará com a sua fotografia nem em que mãos esta poderia cair pelo que não posso oferecer uma imagem fotográfica desta psicóloga autóctone. O único que posso fazer é descrevê-la como uma pessoa de idade aparente muito mais avançada que a sua idade cronológica de cabelo grisalho robusta de feições fortes indígena de tez morena olhos penetrantes e conduta totalmente fluida. Doña Pragedis caminha pelo campo descalça conduz-se numa relação notavelmente próxima com a natureza e a

sensação que se tem ao estar junto a ela é de uma naturalidade e familiaridade notáveis.

Não existe nenhuma sofisticação nem estrutura nem pose alguma na sua conduta os seus ademanos são naturais a sua voz é inteiramente natural não existe nenhuma posição de autoridade nem tampouco de dependência ou de exagerada humildade. Noutras palavras Doña Pragedis conduz-se com naturalidade e faz sentir ao seu interlocutor a mesma sensação.

A INICIAÇÃO DE DOÑA PRAGEDIS

Diz Doña Pragedis que o seu pai doente de uma dor que os médicos da região não puderam resolver. Uma noite estando o seu pai deitado na cama começou a queixar-se de forma desmedida e alarmante e nesse momento Doña Pragedis decidiu tentar curá-lo de própria mão. Para o anterior tomou um ovo aproximou-se do corpo do seu pai e começou a esfregá-lo com o mesmo. Diz Doña Pragedis que na noite desse dia ao tentar dormir-se ela ouvia uma série de trovões e ao dormir-se via relâmpagos que se acompanhavam de estremecimentos terrestres indicativos de uma tormenta intensa. Mais adiante durante a noite ela afirma ter sido visitada por uns seres que a convidaram a percorrer o espaço com eles ao que Doña acedeu. A partir desse momento Doña Pragedis foi conduzida a paragens longínquas do seu lar viajando pelo ar acompanhada de uma comitiva de seres que se comportavam como sujeitos normais exceto pela sua capacidade de levitação e de transportação aérea.

Depois deste percurso Doña Pragedis foi conduzida de novo ao seu lar e nesse momento entregaram-lhe uma série de objetos que segundo os seres que a transportaram implicavam uma responsabilidade de curar a comunidade e de alimentar estes seres através deste processo de cura.

O autor perguntou a esta psicóloga autóctone o que queria dizer com alimentar estes seres ao que ela respondeu que eles lhe indicaram que a troca da sua capacidade curativa e da ajuda que receberia deles ela deveria oferecer-lhes alimentos durante os processos curativos. Este alimento consistia em cerimónias nas quais os dolientes deviam comprar uma série de alimentos que se ofereciam num altar aos seres do ar.

A iniciação de Doña Pragedis consistiu em todos estes acontecimentos que culminaram com estes regalos de objetos que segundo esta xamã lhe foram entregues e depositados no seu rebozo.

É notável a similitude de elementos e acontecimentos da iniciação de Doña Pragedis com a iniciação de outro dos Graniceros do Estado de Morelos Don Lucio. Já descrevi a iniciação de Don Lucio pelo que aqui somente recordarei que este xamã também foi conduzido por seres que se transportavam levitando no ar foi ordenado a realizar cura depois de um contacto prolongado com estes seres e além disso Don Lucio realiza cerimónias nas quais os pacientes oferecem alimentos aos seres aéreos. Don Lucio chama a esses seres «os trabalhadores do tempo» enquanto Doña Pragedis simplesmente denomina-os «seres».

AS PROVAS DE DOÑA PRAGEDIS

No relato da sua iniciação e aprendizado Doña Pragedis confiou ao autor que depois de haver recebido os regalos dos seres e a ordem de utilizá-los para curar a comunidade ela decidiu negar-se ao pedido e durante um tempo não realizou o pedido que se lhe solicitara. Noutras palavras Doña Pragedis negou-se a curar as gentes que vinham solicitar a sua ajuda. Diz Doña Pragedis que a partir desse momento ela começou a sofrer uma série de percalços entre os quais se contam ataques de reumatismo contínuos catarros e achaques físicos e a morte de vários familiares entre os quais se contava a sua filha. Ante estas catástrofes Doña Pragedis decidiu aceitar a invitación e o compromisso que estabelecera com os seres e a partir desse momento dedicou-se a curar e desapareceram os achaques as doenças e os padecimentos dela e da sua família.

O TRABALHO TERAPÊUTICO DE DOÑA PRAGEDIS

São várias as modalidades de trabalho de Doña Pragedis. Poderiam considerar-se as seguintes como principais:

- Limpias com ovos e ervas.
- Ovos preditivos e de diagnóstico.
- Cerimónias de iniciação.
- Trabalhos de colaboração com os seres.

O trabalho de limpias com ovos Doña Pragedis realiza-o utilizando um procedimento inteiramente similar ao utilizado por Don Lucio por

Doña Licha de Puebla e por um número importante de psicólogos autóctones. Doña Pragedis nos casos mais difíceis antes de realizar a limpeza com o ovo banha este em álcool e além disso usa fricção com ervas que ela mesma cultiva no seu jardim. As ervas são remojadas com álcool aquecidas e depois utilizadas para esfregar todo o corpo do doente. Durante estas terapias com ervas o doente deve permanecer três dias sem se banhar e em isolamento com o objeto de que as ervas cumpram o seu efeito mais poderoso.

Nas técnicas de sonho Doña Pragedis interpreta o conteúdo dos sonhos a partir da segunda limpeza com os seus pacientes. Noutras palavras quando alguém vem solicitar a sua ajuda Doña Pragedis realiza uma primeira limpeza faz uma citação para dar uma segunda limpeza e a partir desta segunda limpeza verifica e atende o conteúdo dos seus sonhos para encontrar neles as causas e os procedimentos terapêuticos que deve seguir com o objeto de curar o doente.

Doña Pragedis afirma que a partir do momento da sua iniciação é continuamente visitada pelos seres que aparecem nos seus sonhos e levam-na a percursos extensos nos quais lhe mostram novos procedimentos terapêuticos e indicam-lhe os lugares e as situações que deve tomar em conta para a cura dos seus pacientes.

Em casos de petição especial Doña Pragedis também utiliza iniciações nas quais põe em contacto o candidato com os seres para que estes a partir deste momento possam interagir e colaborar com a melhoria e o desenvolvimento do paciente. Nestes cerimónias de iniciação Doña Pragedis oferece comida aos seres e realiza um pacto com eles e através deste pacto abre um canal de comunicação do paciente com os seres.

Don Lucio utiliza um procedimento inteiramente similar ao de Doña Pragedis pelo que me atrevera a afirmar que ambos definitivamente pertencem ao mesmo linaje xamânico.

OS SERES

Doña Pragedis afirma que os seres que a guiam nos seus trabalhos e levam-na a percorrer paragens através da transportação aérea que mencionei anteriormente são pessoas que morreram e que de alguma maneira estão em processo de busca de luz interna. Estas pessoas

identifica-as Doña Pragedis com soldados da Revolução indígenas mortos em batalhas do passado etc.

Segundo esta psicóloga autóctone estes seres têm necessidade de se alimentar e a obrigação dos xamãs é satisfazer esta necessidade abrindo-lhes a estes seres possibilidades para seguir subsistindo.

INSTRUMENTOS DE TRABALHO

Doña Pragedis além da sua labuta como curandeira é parteira da comunidade além disso granicera da sua região.

Como curandeira o principal instrumento que utiliza na sua labuta terapêutica é o ovo que esfrega com álcool e depois passa por todo o corpo do doente com o objeto de absorver os seus males. Seguidamente utiliza uma série de ervas entre as quais se encontram o estafiate o mirto e a salva real que mistura com água aquece e depois verte nelas álcool para desta forma lograr uma massa vegetal que toma entre as suas mãos para esfregar todo o corpo do paciente com ela.

Como parteira ela também utiliza o ovo e métodos convencionais de matrona para ajudar a dar à luz.

Como granicera ela afirma que quando observa vir uma tormenta com granizo capaz de destruir as colheitas toma cinza da sua fogueira uma colher e com toda a força do seu carácter grita-lhes às nuvens para que se afastem da sua comarca e vão depositar o seu granizo noutra região na qual não existia perigo de perder as colheitas destruir a floração das árvores frutíferas ou causar danos às casas e aos habitantes dos povoados.

Já mencionei que Doña Pragedis considera essencial o alimentar os seres espirituais com o objeto de que estes se satisfaçam e não molestem os seres humanos. Como experiência pessoal posso dizer que depois de haver recebido uma série de limpias de Doña Pragedis ela contou-me que nos seus sonhos apareceram uma grande quantidade de pequenos seres espirituais exigindo-lhe alimento e ela interpretou esta aparição como significando que ao redor da minha pessoa se encontrava uma grande quantidade de pequenos seres que eram os responsáveis do estado de incomodidade que experimentava fazia vários anos numa cabana da minha propriedade.

É interessante mencionar que na sua relação com estes seres espirituais Doña Pragedis manifesta uma posição similar à que subjaz ao

relacionar-se com as nuvens ou os granizos. Noutras palavras Doña Pragedis parece ser capaz de considerar que tanto os seres que vê nos seus sonhos como as condições climatológicas possuem uma realidade espiritual com a qual é possível interagir e comunicar-se. Além disso de alguma maneira estes seres são capazes de aceder às petições do xamã se este as manifesta com poder e decisão.

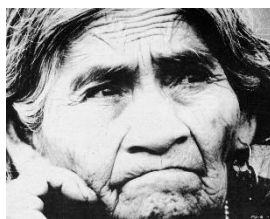
VISÃO DA REALIDADE DE DOÑA PRAGEDIS

Doña Pragedis ao igual que a maioria dos psicólogos autóctones mexicanos que pudemos estudar manifesta uma capacidade para desenvolver-se em pelo menos dois diferentes níveis da realidade. Contudo a diferença de outros xamãs Doña Pragedis parece ser incapaz de diferenciar ambas realidades ou de conceptualizá-las como diferentes. Ela não fala como Don Lucio de um mundo visível e um mundo invisível senão que manifesta viver ambas realidades como uma só sem distinções.

Como a grande maioria dos psicólogos autóctones Doña Pragedis tem uma pobre capacidade de conceptualização de tal forma que a sua vivência e a sua capacidade curativa não dependem de uma ideologia ou de uma teorização sofisticada senão que aparecem de forma natural e espontânea e sem explicações complexas.

No seu discurso Doña Pragedis procede como se considerasse que o universo material não se distingue de forma importante do universo mental psíquico ou espiritual concedendo-lhes a todos estes uma mesma realidade viva de tal forma que da mesma maneira como se comunica com as nuvens como se estas fossem seres vivos fá-lo com os seus filhos os animais que a rodeiam e ainda os seres espirituais que afirma a visitam e aconselham durante os seus sonhos.

Esta visão da realidade coincide com a ideia de que o xamã vive num mundo mágico no qual cada acontecimento tem um significado vivo e as forças da natureza colaboram ou opõem-se ao psiquismo e à consciência humana possuindo também características de seres vivos conscientes.



Don Nicolás

DON NICOLÁS

Don Nicolás que nasceu a 10 de setembro de 1911 é um homem de complexão delgada de aproximadamente um metro e cinquenta de estatura e com expressão bondadosa. Vive com o seu filho nora e vários dos seus netos numa casa humilde com pátio de terra dedicando-se às labores do campo. Além de ser um típico camponês mexicano Don Nicolás é um dos curandeiros da comunidade. A gente acode a ele em busca de alívio para dores e mal-estares. A sua nora Doña Virginia informou-me que Don Nicolás ao regressar das suas labores no campo dedica-se a visitar os seus doentes para reconhecer o estado nível e processo da sua cura.

Apresentei-me interessado em conhecer Don Nicolás e preocupado por uma dor de costas que desejava aliviar. Fiz três visitas à família de Don Nicolás antes que este aceitasse ver-me. Quando finalmente pude passar a vê-lo Don Nicolás perguntou-me pela razão da minha visita e eu disse-lhe que se tratava de um mal-estar nas costas e com toda a amabilidade convidou-me a passar a um quarto onde me ofereceu uma cadeira. Seguidamente levantou-se tomou um dos meus braços e colocou o seu polegar na minha boneca direita palpando a zona de irrigação da mesma e em silêncio dispôs-se a escutar o meu pulso. Logo tomou a minha outra boneca e realizou uma operação similar.

Explicou-me que utilizava a deteção do pulso como método para diagnosticar se a minha dor era boa ou má se era causada por ares ou simplesmente tinha uma causa material. Explicou-me que os ares eram espíritos negativos que se introduziam no corpo dos doentes e que o volume do pulso isto é a sua intensidade assinalava-lhe até onde a dor dos seus doentes provinha destes «ares». Explicou-me que a gravidade do «ar» que se introduzia no corpo manifestava-se em primeiro lugar pela debilidade do pulso e pela altura na qual este se lograva detetar. Noutras palavras se o pulso era débil na boneca isto indicava que havia um «ar» negativo. Se além disso o pulso somente era perceptível nas zonas superiores

dos braços isto definitivamente era um sinal de grande alarme indicativo que o «ar» era extraordinariamente perigoso. Se o «ar» lograva penetrar diretamente ao coração esta era sinal absoluta de morte irremediável para o paciente.

Depois de realizar a deteção do pulso Don Nicolás pediu um ovo e uma garrafa com álcool. Limpou o ovo com o álcool e dispôs-se a realizar uma operação de limpeza. Esta consistiu em esfregar o ovo em diferentes zonas do meu corpo com suavidade e com movimentos rotatórios fazendo ênfase nas zonas ou a zona que eu assinalava como problemática. Logo Don Nicolás verteu o conteúdo do ovo num copo cheio de água observou as formações proteicas deixadas pela clara e a disposição e coloração da gema. Desta observação Don Nicolás concluiu o diagnóstico obtido através do pulso.

Depois de toda esta operação entregou-me um preparado de ervas com álcool para ser esfregado na zona dolorida antes de dormir e informou-me que tinha de regressar no dia seguinte de manhã porque de noite ele sonharia com o diagnóstico e o tratamento preciso que teria de utilizar no meu caso.

Interroguei-o acerca destes procedimentos e ele fez-me este relato acerca da sua iniciação e do que ocorre nos seus sonhos.

«Faz trinta e cinco anos estando no campo caiu-me um raio perdi o conhecimento e uns seres explicaram-me os segredos das curas das ervas e dos tratamentos. Depois caiu-me outro raio e despertei. Os seres «falam» entre os dois raios e um é escolhido por Deus para fazer curas. O segundo raio levanta um depois de que os seres disseram o que tinham de dizer.

Às vezes a gente come comidas olorosas nos barrancos e então os ares metem-se-lhes e muitos deles morrem porque os médicos não podem entender nem ajudar ao que lhes sucede. Depois dos raios comecei a curar e os seres dizem-me o que tenho de fazer. De noites vêm quando estou a dormir e assim como estamos aqui indicam-me o que há que fazer. Às vezes é necessário dar-lhes pães laranjas e chocolates para que deixem de molestar alguém.»

Ao final deste capítulo apresenta-se a transcrição de uma entrevista entre o autor e Don Nicolás na qual Don Nicolás descreve o caso de uma iniciação por raio.

SEGUNDA VISITA

No dia seguinte às nove da manhã fiz-lhe uma segunda visita a Don Nicolás. Encontrei-o a deservar o seu pequeno jardim no qual cultivava ervas e plantas medicinais. Estava de magnífico humor tranquilo e irradiava uma sensação de paz e amabilidade. Saudou-me com atenção e carinho e convidou-me a passar ao quarto onde no dia anterior me recebera.

AS LIMPEZAS COM SANTA MARIA

Logo perguntou-me como me encontrava eu disse-lhe que muito bem e contou-me o que experimentara na noite anterior.

Disse-me que tinham vindo vê-lo os seres que me molestavam e referiu-se a eles como crianças descarnadas.

O anterior surpreendeu-me sobremodo porque como já mencionei uma semana antes no mesmo povoado Doña Pragedis dissera-me exatamente o mesmo que agora Don Nicolás me relatava.

Seguiu-me dizendo que o que eu tinha era provocado por seres que viviam no mesmo lugar que eu e não desejavam abandoná-lo. Disse-me que lhe tinham dito que queriam uma série de produtos e que estariam dispostos a ir-se se lhes outorgassem.

Logo pediu ao seu neto uma erva de Santa Maria e quando este a houvera trazido limpou-a com álcool e com suma delicadeza e cuidado utilizou-a para limpar o meu corpo de uma forma similar à utilizada com o ovo. Isto é a erva era suavemente esfregada nas diversas partes do meu corpo desde a cabeça até aos pés. Eu senti enquanto fazia este procedimento uma extraordinária sensação de bem-estar e de paz e comentei-lho. Ele disse-me que o efeito da erva era afastar do meu corpo tudo o negativo e que poria muita atenção à parte das costas que me molestava.

OS SERES CRIANÇAS E OS SERES DE AJUDA

Don Nicolás afirmou que na noite anterior além de haver sido visitado pelos seres crianças tivera uma entrevista com os seus seres protetores que lhe tinham dito que o tratamento para afastar as crianças consistia numa cerimónia de limpeza à casa e de oferecimento de alimentos às crianças.

Don Nicolás fez-me saber que ele tinha a absoluta segurança de que estes dois procedimentos acabariam por completo com as minhas dificuldades.

Eu acedi e ficámos de que se faria o seguinte procedimento dentro de uma semana.

Don Nicolás pediu-me que trouxesse quatro objetos de prata com o fim de enterrá-los nas esquinas da casa e um quarto de litro de álcool como oferta para os seres crianças.

TERCEIRA VISITA A DON NICOLÁS

Cheguei tarde à citação que fizera com Don Nicolás e não o encontrei em casa. O seu neto guiou-me até à sua milpa localizada a meia hora de caminho do povoado.

Caminhámos entre milpas aquecidas pelo sol da manhã plantitas de milho recém-nascidas numa terra repleta de cristais de obsidiana numa atmosfera húmida até que demos com Don Nicolás que se encontrava no seu horto no qual plantara tomates. Surpreendeu-me que à sua idade 75 anos tivesse a força que se manifestava no manejo da enxada ao estar a deservar o seu horto.

Dirigimo-nos para a montanha e chegámos ao lugar onde Don Nicolás ia realizar a cerimónia de limpeza. Para isso foi recolhendo ervas no caminho e trouxera de casa recipientes com líquidos e umas palmas que serviam como as de Don Lucio para afastar espíritos negativos.

A cerimónia consistia em delimitar o terreno nas suas quatro esquinas guardando nelas pequenos pedaços de prata velas e palmas e depois realizar uma operação similar com as quatro esquinas da casa dentro do terreno para terminar fazendo-me uma limpeza em base a ervas.

Com estas operações Don Nicolás afirmou que a casa ficava limpa e que as suas comunicações com os espíritos lhe tinham indicado que estes desejavam ter prata e que esta era a condição para libertar o terreno a casa e os seus habitantes de contínuas interferências mentais. Don Nicolás explicou-me que o que os seres levariam seria o aroma da prata mas que esta na sua porção material ficaria no terreno. Também me disse que na sua comunicação noturna e onírica com os seres tinham indicado que eu deveria tomar duas vezes em jejum um líquido especial com o objeto de que estes me reconhecessem como recém-limpo por Don Nicolás.

Terminando esta explicação Don Nicolás considerou que o seu trabalho ficava impecavelmente terminado e solicitou a soma de 15 000,00 como pagamento pelo esforço e a labuta realizada.

Don Nicolás afirmou ao terminar o seu trabalho que não somente já não ocorreriam percalços ou interferências a nível psíquico senão além disso toda a zona que ficava circunscrita pela prata enterrada ficava protegida contra qualquer acontecimento atmosférico como tormentas raios inundações que pudessem prejudicar a terra ou aos habitantes da mesma.

Tal confiança no poder das suas manobras e a eficiência dos seus tratos com os trabalhadores do tempo indicam que a conceção acerca destes mesmos é poderosa na mente de Don Nicolás.

Quizá uma das mais assombrosas considerações acerca destes seres com os quais estabelece comunicação Don Nicolás é que ele mesmo os chame seres negativos e considere que são entidades cuja labuta fundamental é fazer o mal e contudo tem um trato permanente que o obriga a colaborar com eles precisamente para impedir que possam realizar os seus atos maléficos.

Esta conceção é extraordinariamente interessante e lógica porque explica a Don Nicolás o seu trabalho e clarifica-lhe o seu destino.

Noutras palavras Don Nicolás considera-se um homem de bem que teve a necessidade de realizar um trato com seres malignos porque somente desta maneira poderá defender as comunidades dos ataques que estes mesmos seres perpetuam como se esta labuta fosse neles uma característica idiossincrática. Desta maneira Don Nicolás oferece a estes seres o que eles desejam a troca de que deixem em paz as comunidades e as pessoas com as quais Don Nicolás tem um compromisso terapêutico.

Don Nicolás não somente fica obrigado de por vida a realizar este trabalho senão que o aceita como destino da sua vida e como meio da sua autorrealização embora implique ter relação com entidades que o mesmo Don Nicolás considera negativas.

EXPERIENCIAS PESSOAIS

Sinto-me obrigado com o objeto de facilitar a compreensão do texto a referir algumas experiências pessoais na minha relação com Don Nicolás.

Depois de haver construído uma cabana rústica nas montanhas tivera experiências durante seis anos aproximadamente que não podia

compreender e em ocasiões enchiam-me de medo porque a minha sensação subjetiva era a de sentir-me rodeado de presenças estranhas que não me permitiam dormir e isso provocava-me uma ansiedade incontrollável. Acudira aos psicólogos autóctones da região com o objeto de solicitar-lhes ajuda e essa foi uma das razões que me fizeram apresentar-me com Don Nicolás além de que era um excelente motivo para realizar uma investigação exaustiva sobre a sua pessoa.

A minha primeira impressão com Don Nicolás foi a de estar em companhia de uma pessoa extraordinariamente bondosa simples e amável. Incapaz de realizar nenhum malefício ou de estar associado a elementos negativos.

Contudo à medida que conhecia Don Nicolás começou-me a surpreender uma poderosíssima sensação que se irradiava de toda a sua pessoa e que somente posso comparar com as experiências que em ocasiões se me apresentavam como sensações internas durante a minha estância na montanha. O que quero dizer com isto é que a qualidade da presença de Don Nicolás era para mim muito similar à qualidade das experiências que sofria na cabana.

Obviamente a similitude fez-me supor que existia alguma relação entre as duas experiências e a explicação de Don Nicolás acerca da sua relação com os trabalhadores do tempo e a consideração de que estes se nutrem de alguma maneira da presença humana deu-me certa clareza em relação às minhas experiências embora deva admitir que não pude nem posso aceitar a explicação de Don Nicolás como a explicação final e fundamental do que me ocorrera. Por outro lado existem algumas aproximações teológicas ao fenómeno de possessão espiritual que estariam de acordo com as explicações não somente de Don Nicolás senão de todo o linaje dos Graniceros do Estado de Morelos no sentido de que se existe uma interação energética entre seres humanos e entidades espirituais nas quais estas se alimentam de algum nível ou estado que se ativa nos seres humanos e que de alguma maneira necessitam esta alimentação psíquica para subsistir. Eu não posso sustentar esta explicação como objetiva mas tampouco sou capaz de descartá-la totalmente o único que me é permitido fazer é descrever as minhas experiências e assinalar o mais fielmente as explicações autóctones sem fazer juízo acerca das mesmas.

Neste sentido os Psicólogos Autóctones consideram que certamente existe uma série de interações energéticas e que muitas vezes é a sua

responsabilidade cuidar de que estas interações cursem por caminhos bondosos e que não provoquem dano nos pacientes que são a sua responsabilidade. Assim Don Nicolás sentiu a cabana rústica e realizou as operações que aprendera como são as de colocar nos quatro extremos do terreno objetos de prata para alimentar desta forma os seres etéreos e lograr que deixem de se alimentar do psiquismo das gentes que habitam a zona. Uma das mais assombrosas operações que realizou Don Nicolás para lograr a sua meta terapêutica foi a que poderíamos chamar marcação energética. Quando Don Nicolás terminou o seu trabalho entregou-me mais ervas e pediu-me que as fervesse e que durante duas manhãs consecutivas em jejum tomasse a infusão destas ervas. Ao perguntar-lhe a razão e o objeto desta operação disse-me que as substâncias que ia ingerir marcariam a minha presença e fariam que os trabalhadores do tempo me identificassem e deixassem de me afetar. Noutras palavras indicava-lhes através de algum mudança provocada pela ingestão de ervas que eu estava a ser submetido a uma limpeza e que por isso eles os seres etéricos não deveriam molestar-me mais.

O correlativo fisiológico da substância que me fez tomar Don Nicolás não o conheço nem tampouco tenho meio algum de averiguar se esta substância provoca alterações no campo energético. O único que posso fazer é descrever algumas experiências subjetivas provocadas pela ingestão deste marcação energética. Em primeiro lugar mais ou menos trinta minutos depois de haver tomado o brebaje comecei a sentir uma ativação emocional que de alguma maneira levava-me a expressar uma série de conteúdos que eu supunha neutros mas que de pronto pareciam-me levar cargas emocionais intensas. Estes conteúdos referiam-se a sucessos da minha vida relações e acontecimentos que me haviam provocado dor psicológica e eu sentia que estavam resolvidos mas a minha experiência atual pelo efeito desta infusão era que realmente não o estavam.

Outro dos efeitos foi o de reconhecer uma série de circunstâncias com as quais estava eu identificado crendo-as associadas com pontos de referência absolutos e o dar-me conta disto permitiu-me fazer distância com respeito a estas referências dando-me conta de que o seu caráter absoluto realmente não o era. Noutras palavras de alguma maneira fui capaz de desapegar-me com respeito a identidades relativas colocando-as na sua adequada perspectiva. Esta desidentificação provocou em mim uma muito profunda sensação de solidão e abandono e um impulso para o logro

de uma independência maior e uma fortaleza que me permitisse não cair em identificações de nenhum tipo.

Junto com todos estes efeitos psicológicos a infusão provocou-me um estado de debilidade e necessidade de repouso intensas.

As minhas experiências psicológicas pareciam coincidir com uma das asseverações de Don Nicolás no sentido de que os seres que me haviam atormentado durante tanto tempo iam abandonar-me e afastar-se de mim exatamente às doze da noite a partir do momento em que Don Nicolás terminara o seu trabalho. Quero dizer com isto que de alguma maneira a minha sensação de solidão e de desidentificação com aspetos relativos era o que Don Nicolás chamava abandono e afastamento dos seres etéricos da minha pessoa.

O anterior resulta extraordinariamente interessante de analisar porque indica que a perspetiva desde a qual percebe a realidade Don Nicolás depende do seu entorno e do seu nível conceptual e não necessariamente coincide com a perspetiva de outro nível conceptual como é o meu embora tenha definitivamente pontos em comum muito íntimos. Assim o que ele denomina seres malignos que abandonam são para mim identificações com aspetos concretos da realidade. O que ele denomina afastamento destes seres da minha pessoa são para mim o logro de fazer distância psicológica com respeito a certos conteúdos relativos.

Noutras palavras o que eu poderia chamar saúde psicológica e independência Don Nicolás chama-o libertação dos efeitos malignos de seres espirituais que se alimentam do meu psiquismo.

Na realidade a identificação com algum conteúdo concreto é em certo sentido um desgaste energético no qual o conteúdo concreto por assim dizer absorve a energia psíquica de quem o sofre e poderia conceptualizar-se como que um ser com mente e consciência própria se estivesse a alimentar energeticamente de uma pessoa.

Tudo o anterior apoia a ideia de que uma das características principais dos curandeiros é a que sustenta que qualquer evento do Universo possui mente própria e intenções individuais. Assim por exemplo a consideração de que o raio comandado pelos trabalhadores do tempo decide onde cair é a designação de uma mente a este fenómeno que o ocidental contemporâneo simplesmente considera como acontecimento físico e natural independente da consciência e da mente.

Assim a ideia de que o Universo possui mente e cada um dos seus fenómenos consciência opõe-se à consideração materialista de que os fenómenos físicos são totalmente independentes da mente produzindo dois tipos de explicações acerca da realidade por um lado a explicação animista e por outro a explicação materialista.

Contudo como vimos as duas explicações convergem em efeitos comuns e em experiências subjetivas inteiramente similares independentemente do seu sustento ideológico e da sua explicação causal.

Agora bem resulta interessante em extremo para a ciência contemporânea o saber que existem gentes que possuem conhecimentos tão sofisticados como Don Nicolás que é capaz de ativar um processo de libertação psicológica subtil fazendo ingerir uma infusão de uma erva específica. Quais são as características desta erva? e como provoca os seus efeitos? deveria ser um tema de investigação para a farmacologia psicológica. Por outro lado os efeitos desta ingestão recordaram-me um evento similar que ocorreu quando recém tivera a oportunidade de conhecer Don Lucio.

Este xamã também me receitou a ingestão de um brebaje (*xarope caseiro*) feito de um concentrado de ervas que devia ingerir-se dissolvido em óleo de cozinha. Recordo com toda a clareza que depois de ingerir estas substâncias as minhas experiências foram inteiramente similares às que agora tinha depois da ingestão do que Don Nicolás me receitara isto é uma sensação de desidentificação com conteúdos concretos e de aproximação a uma sensação libertação psicológica com respeito a estes conteúdos.

Nessa ocasião Don Lucio explicou-me estes efeitos como a ativação de um sistema de defesa que impedia que seres malévolos se aproximassem da minha pessoa e me afetassem. Noutras palavras repetia-se agora com Don Nicolás o que acontecera com Don Lucio e voltava-se a manifestar a existência de explicações diferentes acerca da realidade mas ativando o mesmo processo de experiência independentemente da sua explicação conceptual.

Por último uma das experiências que foram comuns na minha relação com Don Nicolás foi a de uma particular sensação na parte alta das costas que acontecia sempre que Don Nicolás parecia concentrar-se na sua comunicação com os trabalhadores do tempo. Esta particular sensação acompanhava-se mais adiante de uma mudança na minha consciência

dirigida para a aceitação do que Don Nicolás me dizia com respeito aos trabalhadores do tempo.

Esta sensação nas costas parece corresponder ao que Carlos Castaneda (1984) denominou uma mudança na posição do ponto de encaixe que por sua vez provoca uma mudança para a consciência acrescentada. De acordo com Carlos Castaneda e o seu mestre Don Juan Matus o ponto de encaixe é um mecanismo que focaliza e mantém um certo nível de alinhamento entre emanções que por sua vez determinam uma particular forma de percepção.

O corpo físico está rodeado segundo Castaneda de um corpo energético e o ponto de encaixe está localizado no corpo energético precisamente numa posição que corresponderia à porção superior das costas. Embora não possa assegurar que a minha sensação com Don Nicolás fosse precisamente uma mudança no ponto de encaixe a similitude entre as descrições destes mudanças em Carlos Castaneda e a correspondente alteração no meu estado de consciência depois da sensação nas costas induzem-me a pensar que deve existir alguma relação entre ambos.

Se o anterior é certo então poderia considerar que uma das características mais interessantes de Don Nicolás é a sua capacidade para afetar o ponto de encaixe das gentes que o rodeiam mudando a sua posição de forma direta. Como realiza este ato portentoso? não é possível sabê-lo a ciência certa embora resultados experimentais no laboratório indiquem que os níveis de coerência interhemisférica de um sujeito são capazes de afetar os níveis de coerência de sujeitos que se encontram na proximidade o qual indica que a possibilidade de um ser humano de alterar os estados de outro não é só teórica senão também objetivamente real. Desta forma Don Nicolás parece ter além de uma capacidade curativa uma forma particular de perceber a realidade uma capacidade para afetar a consciência dos seus pacientes de forma direta.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VISÃO DA REALIDADE DE DON NICOLÁS

Don Nicolás afirma que o seu início no caminho do conhecimento não tem antecedentes genealógicos. Noutras palavras não descende de pais ou avós que pertencessem a um linaje estabelecido senão que todo o seu

conhecimento e treino de acordo com ele foi obtido no período compreendido entre o primeiro e segundo raios que lhe caíram faz 35 anos.

O seu conhecimento do mundo sobrenatural continuou com a ajuda dos seus seres protetores que se lhe aparecem cada vez que aceita realizar uma cura fazer um diagnóstico ou participar numa limpia.

Estes seres protetores seguem instruindo e ajudando ao seu desenvolvimento como curandeiro da comunidade.

Por outro lado dentro da sua cosmovisão pareceria que Don Nicolás aceita que os raios as nuvens e os relâmpagos têm vida própria possuem mente e consciência e além disso executam trabalhos de acordo a mandatos sobrenaturais.

Ao perguntar-lhe da origem e destino dos seres crianças Don Nicolás diz que quando eles são afastados de um lugar vão habitar a outro. Por exemplo segundo Don Nicolás no momento em que se realiza a cerimónia de desalojo os seres crianças que ocupam a montanha vão guarecer-se às Lagunas de Zempoala ou aos Vulcões Popocatepetl ou Iztaccíhuatl. Estes destinos serão os que lhes esperam depois de realizar a operação de limpia da montanha a diferença de outros linhagens que consideram que uma limpeza de seres espirituais tem como obrigação e responsabilidade (por parte do xamã) lograr um incremento no desenvolvimento espiritual destes seres Don Nicolás unicamente afasta-os do lugar da limpia e ordena-lhes habitar noutro sítio mais longínquo para evitar que os seus pacientes sigam sendo molestados.

Noutras palavras poderíamos distinguir em geral dois tipos de procedimentos de limpeza de «seres desencarnados» de acordo a dois principais linajes. Por um lado um procedimento no qual a responsabilidade não é somente com o paciente que se cura senão também com os seres que de alguma maneira provocaram a doença fazendo esta responsabilidade do logro do desenvolvimento de ambos. Por outro lado temos o linaje de curandeiros como Don Nicolás que está interessado unicamente no bem-estar dos seus pacientes não importando-lhe o destino dos seres que supostamente provocaram uma alteração do seu desenvolvimento.

Poderíamos também considerar um terceiro tipo de linaje que seria o que estivesse fundamentalmente interessado na melhoria dos pacientes mas além disso efetuaría um combate contra os seres produtores da doença atacando-os e destruindo-os.

Em ocasiões a linhagem de Don Lucio e o de Doña Pachita procedem desta maneira. São várias as anotações interessantes que se podem realizar ao redor de Don Nicolás. Uma delas é que pareceria que o seu conceito de realidade tanto material como espiritual tem um fundamento relacionado com aspetos de utilidade ou económicos. Don Nicolás considera que os trabalhadores do tempo são seres que desejam comer e que por isso realizam tratos especiais com alguns seres humanos escolhidos com o objeto de lograr os seus propósitos.

Esta conceção da realidade espiritual parece provir de uma conceção similar que acerca da vida quotidiana sustenta Don Nicolás. Na vida quotidiana colhe-se tomate para vendê-lo e assim receber um satisfator económico (*solução*) que permite a sobrevivência. Posto que a vida quotidiana é uma espécie de modelo da vida espiritual é de esperar que as leis sejam similares. Por esta razão existem seres os trabalhadores do tempo que estabelecem uma espécie de trato comercial com os xamãs e curandeiros fazendo que a estes lhes caia um raio para receber instruções que permitam realizar uma labuta conjunta de colaboração. O curandeiro obtém dinheiro pela sua cura e os trabalhadores do tempo obtêm os satisfatores etéricos que tanto parecem necessitar na sua dimensão.

Obviamente não é possível fazer uma discussão profunda acerca da realidade tácita dos trabalhadores do tempo o único que podemos fazer é reproduzir as conceções tal como os curandeiros as apresentam as representam e as contêm.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Dos estudos que realizámos acerca do linaje dos Graniceros de Morelos representados por Don Lucio Doña Pragedis e Don Nicolás é possível concluir que este linaje tem a sua própria explicação específica acerca da realidade e que os seus membros parecem ser totalmente incapazes de transcender este nível de explicação e plantear-se questões tais como a origem profunda das suas conceções ou inclusive a origem da criação da sua realidade e da experiência. Por isso o nível conceptual destes pessoais obriga-os a identificar-se com uma série de relações causais derivadas da sua vida quotidiana e que estendem para o Universo transcendente.

ENTREVISTA COM DON NICOLÁS

DON NICOLÁS: ... o raio e eu estive o raio por isso tenho contacto com o raio.

O AUTOR: Ficou em contacto com o raio?

DON NICOLÁS: Sim sim pois por isso eu sei onde pega e onde não pega e como agora eu aqui já pegará noutra lote como aqui ou lá abaixo; mas aqui já não já não porque já está assegurado para isso falamos de noite todos os espíritos e digo-lhes e dizem-me e tudo alguns até se enojam comigo porque os saco do seu lugar mas não devem estar como eu lhes digo embora estejam aqui mas que estejam muito contentes e não prejudiquem as pessoas que vivem mas isso que começa a prejudicar e a prejudicar para me sacar daqui mandar-me a outro lugar que vão aqui vão ficar muito contentes com o seu lote e tudo aqui acima em... de... como se chama?... San Juan Tezompa.

O AUTOR: Aha!

DON NICOLÁS: ... também estava um rapaz rapaz jovem juvenzinho e não podia voltar não podia voltar estava morto e como estava eu por lá perto foram ver-me «vá você vê-lo a ver como» está morto digo-lhe ninguém se acercou com ele? diz «ninguém ninguém nada mais onde caiu ali está» sim fui vê-lo e se me acerquei falava-lhe eu e falar-lhes aos maus espíritos do raio e de a poquito já voltou e pega-lhe outro raio e ficou sentado ficou sentado nomás dizia onde estou... onde estou? e não conhecia mas comecei a dizer-lhe estás aqui estás aqui em San Juan Tezompa estás aqui desperta desperta vamos-nos vamos-nos e convidei os outros pois venham venham não pode andar têm de o levar carregando e levámo-lo lá a casa dele vamos... e logo comecei a limpar e a limpar e com isso que não há ervas por lá não há foram buscá-las até México e trouxeram-nas e limpei-o repare você aos três dias já estava contente já.

Mas sempre estava assustado assustado pelo raio o raio assustava-se assustava-se e disse-lhe olha já desde antes começava a trabalhar e limpar e tu sabes o que te disseram dizia sim sim sim sim parece que os estou a ouvir que estavam a conversar como quando alguém me conversa nomás. Porque se algum lhe conversa como se apenas lhe pegou o raio podem-te tirar tudo e esquecem-se-lhes melhor não e voltam-te a pegar assim até agora não começa a trabalhar ele não quer não quer porque diz que é muito jovem e diz que lhe dá vergonha embora lhe dê vergonha tem de trabalhar.

O AUTOR: E se não trabalha o que lhe passa?

DON NICOLÁS: Pois fica em seguida os maus espíritos introduzem-se nele e fica como tonto fica atontado e até que não queira trabalhar fica assim.

O AUTOR: E quem manda o raio? Quem decide quem?

DON NICOLÁS: O que manda são os maus espíritos.

O AUTOR: Os maus espíritos?

DON NICOLÁS: Sim... o raio estão em contacto entre eles porque aquele que pega o raio vai um mau espírito e diz-lhe aquele árvore não me gosta vai pô-lo este o mau espírito baixa como anjinho baixa e melhor põe-no faça você de conta uma bomba junto à árvore e vai-se e é quando troa e cai o raio.

O AUTOR: Mas e por que os maus ou seja quer dizer que a você os maus espíritos escolheram-no?

DON NICOLÁS: Sim sim.

O AUTOR: Mas e isso não é mau?

DON NICOLÁS: Não não é mau trabalhando como eles digam não é mau.

O AUTOR: Mas e eles que querem então?

DON NICOLÁS: Pois querem que se lhes dê de comer porque há muitas partes que fui curar e limpar e pedem-lhes pão duas peças duas laranjas dois plátanos um jarrito de mole e doze tamalitos de pura carne com isso vai-se-lhes ajudando e com isso vai-se-lhes mantendo como agora vê que o retiramos já em seguida vão-se a outra parte mas chegam a outra casa para que lhes deem de comer.

O AUTOR: E a você não lhe fazem dano?

DON NICOLÁS: Não não porque a nós disse-nos o destino trazer-nos para trabalhar com eles. Há aqui na cañada um rapaz um rapaz também é um rapaz apenas começou a trabalhar aqui está outro senhor outro senhor também também.

O AUTOR: Don Lucio?

DON NICOLÁS: Don Lucio.

O AUTOR: Conhece Don Lucio?

DON NICOLÁS: Sim Don Lucio Campos chama-se Fedroño a sua senhora.

O AUTOR: Ánde são amigos você e ele?

DON NICOLÁS: Somos até compadres...

O AUTOR: Ah! Mire.

DON NICOLÁS: Porque a sua nora chama-se Lucina ela é minha sobrinha.

O AUTOR: E Don Lucio faz o mesmo que você?

DON NICOLÁS: Ah sim o mesmo.

O AUTOR: E falam disso?

DON NICOLÁS: Sim fala também disso fala tudo disso também fala disso tudo isso tudo.

O AUTOR: Mas ele diz que se chamam os trabalhadores do tempo.

DON NICOLÁS: Os trabalhadores do tempo pois esses são os mesmos os trabalhadores do tempo.

O AUTOR: Mas então por que lhes diz que são espíritos maus?

DON NICOLÁS: Porque assim é o seu mero nome.

O AUTOR: Que fizeram maldade?

DON NICOLÁS: Sim sim.

O AUTOR: E seguem fazendo maldade?

DON NICOLÁS: Sim a por onde vão seguem fazendo e voltam-nos a apressurar mais longe e voltam a seguir.

O AUTOR: Ou seja que você faz boa labuta.

DON NICOLÁS: E aquele Don Lucio sim sim trabalha bem não digo que não trabalha bem. Trabalha nada mais uns cinco quatro anos.

E voltam a apresentar-se e nada mais para sacar dinheiro mais ao que cura. Não se não deve pôr uma coisa pa' todo o tempo.

Don Lucio foi longe onde foi curar ali sim; repare que eu e ele sim congeniamos bem bem bem sim. Do que não nos congeniamos bem do templo de lá.

O AUTOR: Sim.

DON NICOLÁS: E é meu sobrinho Fausto de la Cruz.

O AUTOR: E não congeniam?

DON NICOLÁS: Não não ele enoja-se porque saco os maus espíritos. Porque ele quer-os que os sigam prejudicando para que sigam trabalhando com ele. Isso é outro e eu sou outro. Sim sim agora ele tem uma senhora que a está a curar mas está grave a senhora quem sabe se se alivia ou não se alivia está grave grave grave bom já não se pode nem levantar a senhora nem nada só a levantam nomás a levantam mas quem sabe se se alivia.

O AUTOR: Sim como não.

DON NICOLÁS: Sim somos compadres.

NOTA FINAL. Todo o terreno ao redor do povoado incluindo a montanha na qual se realça a cabana rústica está praticamente tapizado de cristais de obsidiana de diferentes tamanhos. A notação descritiva das matas de milho crescendo rodeadas de cristais de obsidiana não é por isso uma figura retórica ou literária senão uma descrição real das características do terreno.

A coincidência entre esta imensa quantidade de cristais de obsidiana e os acontecimentos xamânicos da região não sabemos se tem alguma relação causal. O que sim conhecemos é que os cristais de quartzo têm um efeito indubitável sobre a comunicação humana incrementando a sua atividade e profundidade.

Inclusive em estudos de laboratório demonstrou-se que cristais de quartzo parecem influir sobre a atividade cerebral e definitivamente aumentam o que denominamos comunicação direta. Que os cristais de obsidiana tenham um efeito similar não foi demonstrado mas isto explicaria alguns acontecimentos ligados à capacidade de comunicação xamânica da região e talvez aos eventos relacionados com a queda dos raios.

O anterior até não ser submetido a prova experimental deve considerar-se uma mera especulação.

REFERÊNCIAS Castaneda C. O Fogo Interno. EDIVISION. México. 1984. Grinberg-Zylberbaum J. Os Xamãs do México. Volume I. Psicología Autóctone. Alpa-Corral/INPEC. México. 1987.

CAPÍTULO 5 DOÑA MATILDE DEL SOCONUSCO por JENNY LEWIS

Jenny Lewis é colaboradora neste estudo dos Xamãs do México.

O Soconusco a zona do sudoeste do Estado de Chiapas que confina com Guatemala é uma região basicamente agrícola com grandes fincas de terra muito produtiva dedicadas principalmente ao cultivo do café e do cacau. Nesta parte de Chiapas a gente predominantemente mestiça mas com influências maias ainda conserva o costume de consultar o curandeiro ou «xamã» como dizem lá em caso de doença ou de algum problema pessoal. Comentam casos de médicos que fazem um diagnóstico de mau olhado e recomendam que os papás levem o filho a um curandeiro para que o cure.

Num povoado do Soconusco vive Doña Matilde uma chiapaneca de uns quarenta e cinco anos casada e com dois filhos que estudam na

universidade. É uma mulher simples tímida e de trato agradável. De criança mostrou sinais de telepatia e clarividência e desde os doze anos de idade trabalha como médium. É muito conhecida na região pelo seu trabalho de psicóloga autóctone e gente de diferentes partes do Estado de outras cidades da República e inclusive do estrangeiro acode a ela em busca de alívio.

Vive numa casa simples enjalbegada com um pátio enorme rodeado de frutais e flores tropicais cheio do perfume de azahares. Apesar da grande concorrência de gentes esperando passar a consulta e as galinhas e guajolotes correndo por todas as partes respira-se um ambiente de paz e tranquilidade. A um lado do pátio está uma construção pequena também enjalbegada com uma só janela que dá ao exterior; o recinto de Doña Matilde onde põe a sua «mesa». O recinto é um quarto pequeno que contém a mesa onde trabalha. Esta mesa está coberta com um pano branco e sobre ela encontra-se um espelho um copo com água vários floreros cheios de flores brancas e uns papéis sobre os quais Doña Matilde aponta as suas receitas médicas ou recomendações para os seus pacientes.

A um lado está o altar com as suas cruzes imagens de santos flores e velas. Nota-se um forte odor a alfazema. À primeira vista surpreende a grande diversidade de pessoas esperando a sua vez para passar ao recinto; desde a gente mais humilde até funcionários e profissionais.

O IRMÃO MARTIN

Doña Matilde dedica as manhãs a fazer limpias e a dar consultas. Quando passaram todos os pacientes aos quais vai dar limpias Doña Matilde entra em trance e neste estado atende a todas as demais pessoas que lhe estão a esperar. Antes de entrar em trance põe-se a rezar pedindo proteção do seu corpo «a matéria» para que não entre nenhum espírito maligno logo concentrando-se na sua respiração põe-se a meditar até que o seu corpo começa a convulsionar e entra no seu corpo o espírito do «Irmão Martin» isto é de Martin Caballero que segundo diz foi um herbolário guatemalteco na sua última reencarnação. Quando entra em trance podem observar-se várias mudanças na sua personalidade e no seu porte. O seu sotaque chiapaneco muda para um sotaque guatemalteco muda o seu timbre de voz adota gestos e movimentos hombrunos e desaparece a sua timidez.

Doña Matilde explica que os seus pacientes normalmente passam a consulta a primeira vez com o Irmão Martín mas que ela também trabalha com outros espíritos em caso necessário. Ocupam o seu corpo outros espíritos mas de pessoas ainda vivas. Estes espíritos recebem uma chamada telepática do Irmão Martín saem dos seus corpos e depois de fazer um «viagem astral» chegam a ocupar o corpo de Doña Matilde. Entre outros Doña Matilde faz menção do espírito de um doutor suíço de um psicólogo francês e de uma menina de dez anos muito dotada espiritualmente. Doña Matilde diz que quando o seu corpo está ocupado por outro espírito o espírito dela tem a liberdade de ir a onde queira mas que quando sai de trance não se lembra do que lhe passou.

Não sabe o que o Irmão Martín ou outro «ser» comentou com os seus pacientes nem se lembra de haver saído do seu corpo e haver sido testemunha de outros acontecimentos fora do recinto. Diz que nas tardes depois das consultas apresenta-se o Irmão Martín comentam-se os casos que ele viu de manhã e o tratamento que recomendou para cada um. Explica a Doña Matilde os medicamentos e os trabalhos que ela tem de preparar. Cabe destacar aqui que fora ou dentro do trance Doña Matilde lembra-se perfeitamente bem dos nomes de todos os seus pacientes os seus problemas e as suas dores. Ainda se tratou uma pessoa uma só vez estando em trance no dia seguinte antes de entrar em trance pode saudar esta pessoa de nome e dizer-lhe o que está a fazer para conseguir que se alivie. É interessante plantear a pergunta de se ela está realmente em contacto com outro «ser» neste caso o Irmão Martín ou se de alguma forma o contacto é mais bem com outro nível da sua consciência.

MODALIDADES DE CURAÇÃO

As pessoas que consultam Doña Matilde chegam com problemas de saúde e com problemas emocionais ou sociais. Não importa o que seja o problema nota-se que a Doña Matilde interessa-lhe principalmente averiguar os fatores psicológicos subjacentes a este. Enfatiza muito o importante que é pensar positivamente e não deixar-se influir por forças ou pensamentos negativos.

Depois de rezar a Deus pedindo-lhe orientação e que cuide e sane o paciente Doña Matilde para fazer o diagnóstico lê a mão do paciente e concentra-se num copo com água que tem sobre a mesa. Por este meio

Doña Matilde inteira-se de detalhes da vida pessoal de cada um dos seus pacientes e vê os males e problemas que lhes afligem.

Nuns casos quando sente que o paciente traz uma carga de energia negativa Doña Matilde receita uma série de limpias normalmente de cinco mas em casos graves podem ser mais. As limpias faz-as com ramos de alfazema e em ocasiões também de arruda e asuchil. O efetuar a limpeza ajuda-a também a precisar o diagnóstico. Se o paciente anda muito mal o ramo de alfazema torna-se negro e murcha mas quando já tem forças mais positivas quase não se nota nenhuma diferença antes e depois da limpeza. Às vezes depois de receitar uma série de limpias Doña Matilde por meio de perguntas minuciosas ajuda o paciente a precisar o seu estado anímico e faz sugestões para orientá-lo quanto à possibilidade de melhorar a sua situação.

Se pelo diagnóstico considera que o paciente está «trabalhado» além de receitar as limpias tira o trabalho por meio de velas álcool e bálsamo e insiste muito no poder da oração nesses casos.

Quando o paciente está a padecer de uma doença Doña Matilde às vezes dá-lhes brebajes (*poções*) preparados em base a ervas ou receita medicina de patente. Em casos mais graves decide que uma intervenção é necessária. Explica que faz dois tipos de operações materializadas e operações invisíveis.

Quando decide que o paciente tem de submeter-se a uma operação materializada pede ao paciente que faça todos os arranjos necessários para internar-se no hospital da sua seleção e logo entregar-lhe informação com respeito ao nome do doutor que lhe vai operar o nome do hospital e a hora da intervenção. O doente interna-se como qualquer paciente mas à hora da operação Doña Matilde manda ajuda espiritual ao doutor que está a operar.

Em caso das operações invisíveis Doña Matilde pede ao paciente que se deite cedo um dia determinado e se prepare para permanecer na cama todo o dia seguinte. Quando o doente já se dormiu a isso de meia noite chegam os espíritos dos doutores que colaboram com o Irmão Martín e realizam a operação; às vezes fazendo transplantes e em caso necessário inserindo aparelhos transparentes. Na maioria dos casos os doentes queixam-se no dia seguinte de certo mal-estar na parte do corpo operada mas às 24 horas sente certo grau de alívio.

Ao perguntar a Doña Matilde por que necessita empregar estes dois tipos de operação e por que não podem realizar sempre as operações invisíveis respondeu que obviamente sempre seria melhor a operação

invisível mas que o doente não sempre tem a confiança suficiente e que há uns pacientes que necessitam ver com os seus próprios olhos que de verdade lhes operaram. A sua resposta fez-me pensar no caso de Doña Pachita e que se na realidade ela necessitava operar com um faca de monte ou se não pôde haver feito operações invisíveis também e lembrei-me do que me contara uma pessoa à qual operara Doña Pachita. Doña Pachita comentou-lhe que se era possível fazer uma operação invisível sem usar o faca e totalmente sem dor mas a maioria da gente sentia a necessidade de saber que lhes estavam a abrir e de sentir a dor.

Doña Matilde explicou que para as suas curas usa mais que nada o poder da mente e a oração apoiados pelo uso de velas bálsamo e álcool com o fim de trazer-lhe luz ao doente e apartá-lo de influências negativas mas enfatizou que o mais importante é a oração e a fé em Deus.

OBSERVAÇÕES PESSOAIS

Enquanto estive à espera de entrevistar-me com Doña Matilde tive a oportunidade de falar com outras pessoas que iam passar a consulta. Todos haviam chegado ali por recomendação e pelo que lhes haviam contado das curas e operações invisíveis.

Uns conheciam pessoalmente pacientes que haviam experimentado este tipo de operação e falaram-me de pacientes que haviam sido operados de cancro intestinal cálculos renais e anginas e da existência nestes casos de radiografias pré e pós-operatórias comprovando que o mal desaparecera completamente. Desafortunadamente por limitação de tempo não foi possível entrevistar pessoalmente estes pacientes nem ver as radiografias.

Outras pessoas disseram-me que haviam vindo consultar Doña Matilde por sérios problemas pessoais que nuns casos começaram anos atrás e que sentiram que depois de duas ou três consultas a situação já estava a mudar e a solução à mão.

Na minha primeira visita vi chegar um senhor com problemas graves de saúde a cara acinzentada e torcida pela dor. Volvi a vê-lo dois dias depois com o porte mais direito e aspeto mais saudável. Ao comentar esta mudança com Doña Matilde contou-me que na noite anterior lhe haviam feito uma operação invisível por meio da qual lhe inseriram um aparelho para ajudar no bom funcionamento do sistema digestivo.

Durante o transcurso da mesma semana mas em ocasiões diferentes duas companheiras e eu passámos a consulta com Doña Matilde queixando-nos das mesmas dores: fadiga e dores de cabeça. Com isso foi possível apreciar a forma de trabalhar de Doña Matilde.

Nos três casos deu-nos explicações muito diferentes e remédios totalmente distintos. A uma receitou-lhe medicina de patente e comentou-lhe que embora basicamente era uma pessoa positiva trazia uma sombra ou um ser que queria apoderar-se do seu espírito e que tinha de ser mais positiva ainda e não deixar-se afetar por influências negativas. Resultou que as medicinas eram principalmente para o sistema nervoso pelo qual se poderia interpretar que o que é uma sombra para Doña Matilde poderia igualmente ser uma tendência a depressões. A outra disse-lhe que estava a sofrer uma influência negativa e recomendou-lhe que depois de cada banho se vertesse sumo de limão; e à outra que o problema se devia a um espírito muito inquieto e recomendou-lhe conseguir uma pequena pirâmide e meter-se debaixo dela uma meia hora diária para «alinhar» as vibrações.

Cada vez que falei com Doña Matilde tinha a impressão de estar frente a uma mente poderosa que lia a minha como se fosse um livro aberto. Doña Matilde mostrou-se capaz de descrever-me os traços que para mim são os mais importantes da minha personalidade e sabia perfeitamente bem qual é a minha situação atual. Em duas ocasiões quando estava à espera de passar ao seu recinto eu ia formulando perguntas na minha mente que queria fazer-lhe. Ao ver-me Doña Matilde começou quase imediatamente a responder estas perguntas sem que eu tivesse a necessidade de lhe dizer nada. Sempre ao conversar com ela tinha a mesma sensação de que as perguntas que começavam a surgir na minha mente eram respondidas antes de verbalizá-las.

COSMOVISÃO DE DOÑA MATILDE

Doña Matilde explica que em todas as curas o primeiro que faz é rezar a Deus e uma vez conseguido o permiso Dele para curar o doente faz a cura por meio do manejo das forças planetárias e assim logra mudar a energia dos seus pacientes.

Fala da existência de dimensões diferentes à que vivemos e explica que as curas e operações que realiza efetuar-se em realidade naquelas. Tem uma firme crença na reencarnação diz que ao morrer a maioria de nós

passamos à quarta dimensão isto é a primeira dimensão espiritual e nesta dimensão descansamos e seguimos o nosso desenvolvimento espiritual enquanto esperamos a próxima reencarnação. Um espírito que já terminou os seus ciclos de reencarnação chega à primeira dimensão espiritual segue desenvolvendo-se até que passa pela segunda e chega à terceira a dimensão dos «espíritos de alta elevação». Uma pessoa muito inteligente e com certo desenvolvimento espiritual ao cumprir as suas reencarnações pode passar diretamente à terceira dimensão. Diz Doña Matilde que são os espíritos de alta elevação incluindo o Irmão Martín os que regressam à terra através da sua matéria para realizar trabalhos de cura.

CAPÍTULO 6

DON ATANASIO DA SERRA TARAHUMARA

Os tarahumaras formam um dos grupos indígenas com maior número de habitantes da República Mexicana. Calcula-se que são entre 70 e 90 mil os pobladores (*habitantes*) tarahumaras da Serra Tarahumara localizada no norte do país no Estado de Chihuahua. Os tarahumaras estão divididos em várias comunidades e em geral catalogam-se como pertencentes à Alta Tarahumara e à Baixa Tarahumara. Os habitantes da Alta Tarahumara vivem nas partes altas das serras enquanto os habitantes da Baixa Tarahumara vivem nos vales e barrancos das mesmas serras.

Os tarahumaras vestem de uma forma muito característica que consiste num blusão um calção e uns guaraches especiais muito leves. Alguns deles além disso servem-se de uma fita larga que colocam ao redor da sua cabeça e usam-na de diferentes cores. Outros tarahumaras vestem à maneira do norte do país geralmente com chapéu e utilizando os mesmos guaraches descritos anteriormente.

Os tarahumaras são donos de bosques de pinheiros de uma extensão de terra considerável e foram continuamente explorados pelo mestiço e o homem branco que se adona das suas terras e utiliza as suas madeiras para benefício próprio. De um caráter pacífico e nobre o tarahumara preferiu afastar-se do contacto com a civilização mestiça e construiu comunidades praticamente inacessíveis em lugares para os quais não existem caminhos nem brechas e vivem em pequenas choças nestes paragens.

Por outro lado existem ejidos tarahumaras nos quais os habitantes partilham a terra mas também gostam de viver de forma isolada como se

tivessem a necessidade de ter acesso próprio a grandes dimensões de terra e a paisagens monumentais da serra.

Os indígenas tarahumaras estão governados pelo que eles chamam «governadores» e por um Conselho Supremo constituído pelos mais sábios maduros e experimentados chefes das comunidades tarahumaras.

Nesta viagem acompanhou-me Don Guadalupe Fierro ex-dirigente do Conselho Supremo Tarahumara que se prestou amavelmente a mostrar-me a Serra e levar-me às comunidades tarahumaras em busca de xamãs.

Dirigimo-nos à Alta Tarahumara que se caracteriza por paisagens colossais nas quais abundam bosques de pinheiros rios caudalosos de águas cristalinas cascatas e vales verdes repletos de flores de todas as cores rochas monumentais caminhos escarpados e uma fauna silvestre constituída por cavalos selvagens alguns leopardos víboras de cascavel e pássaros com plumagens exóticas de diferentes cores. Durante três horas num jeep atravessámos uma brecha extremamente difícil de transitar para ir em busca de um xamã tarahumara. (ver Apêndice)

Este xamã Don Chemale não se encontrava na sua casa mas pude dar-me conta da qualidade da sua vida quotidiana através da observação das características da sua choça e de uma conversa com a sua família. A vivenda deste xamã a que Don Guadalupe considerou característica e típica é de uma humildade impressionante construída com troncos colocados uns em cima dos outros com piso de terra e teto de troncos suja descuidada alhedanha a um pequeno campo de cultivo no qual a esposa do xamã ajudada por duas pequenas crianças estava a recolher plantas impressionou-me pela sua pobreza.

No dia seguinte e depois deste fracasso no encontro com Don Chemale dirigimo-nos ainda na Alta Tarahumara para um ejido habitado por dez mil indígenas em 5 600 hectares de bosques.

Atravessámos o bosque e num paragem totalmente isolado encontrámos a casa de Don Pino Lerma um xamã tarahumara mas Don Pino não se encontrava nela. De novo impressionou-me a solidão e o isolamento no qual parecem viver os xamãs tarahumaras.

OS XAMÃS TARAHUMARAS

Existem dois tipos de xamãs tarahumaras de acordo com os nossos estudos: ao primeiro deles chama-se-lhe «Sucuruame» e ao segundo «Ogüiruame». O sucuruame é o feiticeiro (ver Apêndice) que se encarrega de realizar manobras de feitiçaria. Os tarahumaras consideram que o sucuruame é o mau ou negativo e que a sua principal função é a de produzir doença ou dano a pedido de algum interessado que tem uma rixa ou problema com algum membro da comunidade. Em contraste o Ogüiruame é o curandeiro da comunidade isto é o xamã que se dedica a curar a restabelecer a saúde e considera-se-lhe o «doutor» da comunidade. Entre os tarahumaras existe a piada ou a brincadeira de dizer que o Ogüiruame cura o que o sucuruame faz ou que o sucuruame enferma e que o Ogüiruame alivia.

DON ATANASIO CRUZ

Depois do segundo intento infrutuoso por encontrar um Ogüiruame tarahumara decidimos dirigir-nos para um paragem que fica a uns dez quilómetros da cidade de Sisoguichi. Ouvíramos que na região vivia um Ogüiruame e a minha sensação ao chegar foi que era definitivamente um lugar ideal para viver como xamã. Um rio plácido cristalino entre duas montanhas num vale fértil formado ao entorno e vários tarahumaras dedicavam-se a pescar no rio enquanto nós chegávamos com o nosso jeep. Inteiramo-nos que o xamã não se encontrava ali e dececionados decidimos ir descansar para seguir a nossa busca no dia seguinte.

De manhã dirigimo-nos à cidade de Creel e nela inteiramo-nos da existência de dois xamãs da região aos quais fomos buscar.

Aproximadamente a vinte quilómetros de Creel encontrámo-nos com um jovem o qual resultou ser filho de Don Atanasio e conduziu-nos para a casa do seu pai.

O jeep pôde chegar até à metade do caminho e o resto fizemo-lo a pé. Chegámos a um vale pequeno no qual existiam duas choças construídas ao modo tarahumara isto é com troncos superpostos e o filho de Don Atanasio informou-nos que iria buscar o seu pai que estava neste momento no campo. Depois de vários minutos chegou Don Atanasio e impressionaram-me os seus traços de fortaleza e a expressão de todo o seu corpo que era a

de um ser totalmente centrado e mantido em contacto consigo mesmo. A sua personalidade era régia energética e com um natural dom de mando.

Apresentámo-nos mutuamente e quando lhe expliquei o meu desejo de falar com ele notei imediatamente uma atitude de extrema desconfiança que pouco a pouco se foi suavizando até que depois de vários minutos de conversar se transformou em aceitação relativa. Don Atanasio disse que construíra com a sua própria mão a casa na qual nos encontrávamos e que tinha outra casa que era a que mais utilizava nos seus procedimentos de Ogüiruame e a que nos convidava a conhecer. Acedemos e fomo-nos caminhando pela Serra aproximadamente meia hora até chegar a um lugar que eu poderia catalogar de paradisíaco no qual havia uma pequena choça também feita de troncos de árvore totalmente isolada no meio de um vale rodeado de montanhas de rocha fértil e verde.

Don Atanasio convida-nos a entrar na sua choça também construída com a sua própria mão e dei-me conta de que nesta choça Don Atanasio tinha um altar similar ao que observara nas casas dos xamãs mexicanos que conhecera uma pequena cama e várias cadeiras e bancos nos quais nos sentámos.

OS SUSTOS

Don Atanasio começou dizendo que se dedicava fundamentalmente a desviar sustos. Ao perguntar-lhe eu a que se referia com esta denominação o Ogüiruame explicou-nos que um susto era um acontecimento desagradável súbito que provocava um desequilíbrio na pessoa. Não utilizou esta palavra mas deduzi do que disse que a isto se referia.

De acordo com Don Atanasio o susto faz que uma parte ou espírito da pessoa se afaste do seu corpo e a partir desse momento a pessoa fica incompleta com acessos de tristeza de depressão e de desolação.

DIAGNÓSTICO POR PULSO

Logo perguntei-lhe a Don Atanasio como se dava conta quando uma pessoa tinha susto e disse-me que utilizava para isso a deteção do pulso. A pedido meu fez uma demonstração do seu sistema de diagnóstico e o que sucedeu foi o seguinte: Don Atanasio tomou um pequeno crucifixo

pendurado na parede colocou-o no antebraço de uma das pessoas que nos acompanhavam e o seu polegar colocou-o sobre a veia do antebraço.

Depois fez exatamente a mesma operação mas com o antebraço direito. Logo colocou o crucifixo e o seu polegar na entrecilha da pessoa depois no vertex (isto é na zona mais alta da cabeça) e por último na zona do coração.

Ao perguntar-lhe o que é que detetava nestas zonas Don Atanasio disse que ele sentia a atividade pulsátil de todas estas zonas e em base às suas sensações podia saber com segurança se existia ou não susto.

Eu pedi-lhe que utilizasse o seu procedimento na minha pessoa ao que acedeu e a experiência que tive quando Don Atanasio palpou o meu pulso em todas as localizações que descrevi anteriormente foi a de ser explorado por uma presença com uma grande capacidade de penetração do que eu poderia chamar o meu «Ser» ou o meu «Eu» mais recôndito. Era como se alguém que me conhecesse fazia muitíssimos anos estivesse a sentir a minha presença na mais profunda das minhas mismidades e que soubesse se eu me encontrava bem ou mal. O

bviamente a minha experiência subjetiva indica que o diagnóstico de Don Atanasio requer a existência de um ponto de referência puro e total a partir do qual se compara a vivência interna do paciente e de acordo com os resultados desta comparação dá-se o diagnóstico. Noutras palavras a conclusão que posso dar da minha experiência é que um ser totalmente centrado em si mesmo comparou-se a si mesmo com o meu próprio ser e que de acordo com os resultados da comparação soube se eu estava ou não no estado de saúde utilizando como ponto de referência a sua própria.

Esta descrição parece-me muito importante recalá-la porque sinto que é a capacidade do xamã de permanecer e de reconhecer em si mesmo um estado ideal do ser humano o que lhe permite atuar de forma curativa com respeito a outro ser humano já seja no nível diagnóstico no nível terapêutico e inclusive no nível de prevenção.

O que quero dizer com isto é que de acordo com as minhas observações o xamã é a pessoa que tem um contacto real com os níveis de saúde mental adequados e que em base à sua capacidade de permanecer e de saber estar nesses estados pode realizar o seu trabalho. O xamã é especialista nos estados de êxtase tal e como o diria Mircea Eliade e como especialista nos estados de êxtase utiliza o seu conhecimento acerca dos mesmos para reconhecer o outro e dirigi-lo na senda adequada.

O ESTADO COMPLETO

Como uma verificação ao que mencionei antes Don Atanasio explicou-nos o seu conceito da realidade do ser humano da seguinte maneira: existem segundo ele em cada ser humano três espíritos. Quando estes três espíritos funcionam corretamente e estão localizados juntos o ser humano está completo. Em troca quando um dos três espíritos se afasta o ser humano adoece fica incompleto assusta-se.

Precisamente o conceito de susto implica segundo Don Atanasio que um acontecimento externo fez que um dos três espíritos se afastasse do corpo e esta situação de não estar completo é o estar assustado.

O Ogüiruame segundo Don Atanasio tem como responsabilidade reintegrar o espírito que se afastou ao seu lugar adequado. Isto é lograr que o ser humano que perdeu o seu estado de ser completo volte a adquiri-lo.

É entendível que o próprio ogüiruame deva estar completo para poder diagnosticar quando um paciente não o esteja e por isso que este estar completo no ogüiruame seja o ponto de referência que mencionei antes e que utiliza o xamã para realizar os seus diagnósticos e as suas curas. Noutras palavras o xamã completo com este ponto de referência dá-se conta quando alguém não o possui e além disso é capaz de reintegrá-lo ao seu estado de integridade.

ERVAS

Don Atanasio utiliza ervas para lograr a reintegração do espírito perdido no susto. Utiliza três tomas de ervas para os seus pacientes entendendo-se que cada uma das tomas está dirigida à reintegração de cada um dos espíritos.

Perguntei a Don Atanasio o que é que sucedia se não somente se perdia um espírito senão se isto sucedia com outro mais. O que respondeu é que isto necessariamente levava à morte. Por outro lado Don Atanasio disse que quando alguém foi assustado e por isso perdeu um espírito e permaneceu nesta condição demasiado tempo pode chegar um momento em que o ogüiruame já não seja capaz de detetar nenhuma mostra externa da ausência deste espírito. Isto resulta extraordinariamente interessante pois implica que um desequilíbrio que primeiro tem manifestações claras e provoca alterações que são detetadas pelo ogüiruame quando se mantém

faz desaparecer estas manifestações. Segundo Don Atanasio a desapareição das manifestações não quer dizer que exista saúde ou que o Ser esteja completo o Ser pode ficar incompleto sem que o mostre ao exterior.

CONTACTO COM DEUS

Por outro lado o conceito de estar completo segundo Don Atanasio implica que o sujeito tem contacto com Deus. Noutras palavras quando os três espíritos estão juntos o sujeito pode receber da Divindade e isto faz que o seu crescimento continue. Em troca quando há perda de um espírito este contacto perde-se e deixa de haver alimentação da Divindade.

UMA HIPÓTESE PSICOFISIOLÓGICA

Pode considerar-se que o ser humano possui três funções primordiais que ao estar presentes e ao funcionar de forma adequada dão como resultado a existência de saúde mental completa mas na ausência de uma delas trazem como consequência alterações e desequilíbrios muito sérios.

Estas três instâncias são primeiro o Observador em segundo lugar o sujeito da experiência e em terceiro lugar a «Voz del Ver».

O Observador é aquilo que permite perceber ou contemplar as experiências desde uma distância psicológica adequada. O Observador está identificado consigo mesmo mas não com a experiência. É possível observar as próprias sensações corporais a própria alteração emocional a angústia a confusão qualquer evento que aconteça ao sujeito da experiência.

Por isso a capacidade de observação é uma das funções mais fundamentais do ser humano. Por outro lado a capacidade de observação permite algoritmizar a experiência situá-la dentro de um contexto adequado e sobre tudo não identificar-se com aspetos restringidos da mesma. A observação continuada dos próprios estados tal e como se utiliza por exemplo em técnicas de meditação tais como Vipassana ou na meditação autoalusiva fazem que o homem desenvolva a sua capacidade consciente e de unificação até lograr um grau de saúde mental extraordinário.

O sujeito da experiência por seu lado é o que está mais associado com a experiência em si. Se eu sinto dor eu como sujeito da experiência identifico-me com a dor. Se tenho alguma emoção eu como sujeito da

experiência vivo a emoção em mim mesmo. Noutras palavras o sujeito da experiência é o que sente em troca o Observador é o que contempla este sentir desde um lugar ou posição que não se vê afetado pela experiência mesma. A diferença entre o Observador e o sujeito da experiência é que o primeiro não se identifica mais que consigo mesmo enquanto o segundo está identificado com qualquer acontecimento experiencial que lhe acontece. Um sujeito são é um sujeito capaz de sentir e também capaz de observar o seu sentir. Isto é um sujeito da experiência íntegro e um Observador íntegro também.

Mas além disso possuímos um mecanismo que atua como uma ponte de união entre o Observador e o sujeito da experiência isto é um mecanismo inteligente que reconhece o significado da experiência que reconhece a presença do Observador e que reconhece a existência da sensação em si mesma. A este processo inteligente denomina-se-lhe a «Voz del Ver». A «Voz del Ver» é o mecanismo que nos permite atribuir-lhe um significado à experiência entendê-la raciociná-la e saber a sua proveniência e as suas consequências. Quando um ser humano possui intacta a sua capacidade de sentir como sujeito da experiência a sua capacidade de observar como Observador e a sua capacidade de entender é um sujeito completo são e com uma capacidade de crescimento.

O Observador o sujeito da experiência e a «Voz del Ver» formam uma unidade e esta é o que denominamos individualidade. O ser humano completo e individualizado é o que possui estes três processos ou mecanismos e ao mesmo tempo é um só unificado em si mesmo.

Sem que me atreva a afirmar com toda a segurança que Don Atanasio considera os seus três espíritos como o Observador como o sujeito da experiência e a «Voz del Ver» sim quisera fazer notar a similitude de algumas das conceções associadas. Por exemplo a de considerar que existem três espíritos segundo a de considerar que o ser humano é completo quando estes estejam ali e terceiro a de considerar que um ser é unificado em si mesmo e com capacidade de receber quando estes três espíritos estão presentes.

A consideração de existência das três instâncias do Observador do sujeito da experiência e a «Voz del Ver» também explicaria o que sucede na ausência de alguma delas. Por exemplo a ausência no sujeito da experiência produziria um ser humano incapaz de sentir frio e bloqueado

ante a vida. A ausência da «Voz del Ver» produziria um ser humano incapaz de entender o que lhe sucede.

Num sentido similar parece que procede o ogüiruame quando considera que um ser humano está doente ou assustado quando não está completo e um dos seus três espíritos está ausente.

CONCLUSÕES GERAIS

As conclusões possíveis são várias. Em primeiro lugar os xamãs tarahumaras parecem ser autênticos psicólogos autóctones no sentido de que se mantiveram isolados de contacto com a civilização ocidental até onde isto foi possível. Por isso representam nas suas concepções tratamentos e capacidades técnicas um reflexo verdadeiramente autóctone de uma versão do povo mexicano. Contudo esta autoctonia não é total. Assim por exemplo Don Atanasio utiliza para os seus diagnósticos crucifixos cristãos e a sua concepção da existência de três espíritos pareceria estar associada também com a concepção da Trindade cristã embora isto último não poderei afirmá-lo com total segurança por carecer ainda de informação a respeito.

Por outro lado o xamã tarahumara como Don Atanasio parece ser capaz de refletir e manter um ponto de referência acerca do que é o ser humano completo que para nós educados nas cidades gigantescas é um recordatório importante do que é a nossa verdadeira natureza pelo menos esta é a impressão que tenho ao elaborar as minhas experiências com Don Atanasio. De alguma maneira ele recordou-me que existe um ser humano com capacidade de estar completo e que existe um ser humano com capacidade de saber que existe um ser humano completo. Eu por tudo o anterior agradeço a Don Atanasio o haver-me permitido conhecê-lo.

CAPÍTULO 7

O PENSAMENTO E A LINGUAGEM DOS OGUIRUAMES RARAMURI DA SERRA TARAHUMARA

Como já mencionei os tarahumaras formam parte de uma das etnias indígenas mexicanas com um maior número de membros distribuídos em pequenos povoados dentro do majestoso território da Serra Tarahumara no estado de Chihuahua.

Falam o idioma raramuri pelo que são conhecidos como raramuris; são pacíficos pacientes e de um andar digno e nobre. O clima da Serra Tarahumara é extremoso com invernos nevados de temperaturas abaixo de zero e verões quentes. Através de centenas de anos de habitar ali adaptaram-se ao meio adquirindo uma resistência física enorme que se manifesta na sua capacidade para correr ininterruptamente durante o dia e a noite nas suas tradicionais corridas de bola ou para bailar noites inteiras a dança dos Matachines durante as suas festas rituais.

Possuem uma organização hierárquica rigorosa na qual os seus governadores ocupam os postos mais altos. Os seus médicos tradicionais são conhecidos como ogüiruames e estão encarregados de manter a saúde física psicológica e espiritual dos raramuris. Uma organização paralela mas secreta formam-na os sucuruames ou feiticeiros. Estes são temidos pelas comunidades raramuris que os consideram malévolos e perigosos. Esta oposição entre as práticas de uns e outros manifesta-se com clareza no dito familiar da Serra que diz que «o ogüiruame sana o que o sucuruame enferma».

O CONCEITO DE CORPO HUMANO

Segundo os ogüiruames o corpo humano é unicamente um receptório ou veículo de um «Princípio Trascendente». Este Princípio trascendente está encarregado de energetizar e dar vida ao recipiente corpóreo e comunica-se com ele através do sangue e os seus movimentos.

Alguns ogüiruames como Don Atanasio da região de Creel consideram que este princípio está dividido em três subprincípios. Outros ogüiruames como Don Mauricio Don Maclovio e Don Santos de Caborachi negam a subdivisão considerando que o «Princípio Trascendente» é um e indivisível. Esta última opinião parece ser a mais generalizada entre os

ogüiruames que além disso consideram que existe uma individualização pessoal do «Princípio Trascendente» de tal forma que este não se pode intercambiar entre uma pessoa e outra.

A tradução livre mais próxima deste «princípio» é «alma». Segundo os ogüiruames cada pessoa possui uma alma particular que aparece no momento da gestação. Desta forma uma mulher grávida contém dentro do seu corpo duas almas a sua própria e a do seu filho. Excetuando esta situação somente se pode possuir uma só alma.

A alma por sua vez está conectada com Deus que a sustenta e energiza. Segundo os ogüiruames ao morrer o corpo a alma sobrevive.

O CONCEITO DE SAÚDE E DOENÇA

Para os ogüiruames a doença sobrevem quando a alma de uma pessoa abandona temporariamente o corpo da mesma. A saúde em troca define-se como existente quando a alma ocupa o sítio que lhe corresponde no interior do corpo. Segundo os ogüiruames uma pessoa sã é uma pessoa completa enquanto uma doente está incompleta.

Os sintomas do abandono da alma são a depressão o nervosismo a falta de apetite e a aparição de dores e alterações corporais. Existe segundo eles outra categoria diferente de doença à qual chamam «Mal Puesto». O «Mal Puesto» é resultado da labuta de feitiçaria realizada por um sucuruame. Este último utiliza o seu poder mental para provocar alterações à distância enfermando as suas vítimas. O «Mal Puesto» não pode ser curado por médicos alópatas nem por meio de medicamentos. É necessária a intervenção de um ogüiruame mais poderoso que o sucuruame original para salvar um doente do «Mal Puesto».

MÉTODO DE DIAGNÓSTICO E CURAÇÃO

A maior parte dos ogüiruames dizem possuir um controlo voluntário sobre a sua própria alma modificando a sua posição original dentro do seu corpo ou logrando situá-la fora do mesmo. Durante o sono o ogüiruame veterano adquire consciência e controla a sua alma fazendo-a viajar para o corpo dos seus doentes. Ali o ogüiruame revisa as zonas afetadas e restabelece o seu equilíbrio perdido. Esta labuta de diagnóstico e cura

através de sonhos é segundo os ogüiruames uma prática comum e de realização quotidiana.

Quando o doente se apresenta ao consultório autóctone do ogüiruame este utiliza outra técnica de diagnóstico que consiste em pulsar o paciente. Para isso o ogüiruame regista ao tato o pulso do seu paciente em diferentes regiões do seu corpo: as suas bonecas o seu vertex e diretamente sobre o seu coração. Posto que na sua Conceção a alma comunica-se diretamente com o sangue este procedimento permite-lhe saber se a alma do doente se encontra ou não dentro do seu corpo. Quando o diagnóstico é de «incompleto» então o ogüiruame utiliza diferentes técnicas para chamar a alma do doente e restituí-la à sua posição intracorpórea.

Uma das causas mais comuns de doença são os «sustos». Estes definem-se como uma súbita alteração na atenção provocada por um estímulo inesperado e intenso. O ogüiruame utiliza a oração e os rogos a Deus para restituir a alma do doente afastada pelo susto. Auxilia-se em ocasiões da ingestão de chás de ervas medicinais específicas para o tratamento. Esta ingestão a oração e as viagens oníricas são as principais técnicas de cura.

Os ogüiruames de Caborachi desenvolveram uma técnica especial que utilizam para «absorver» a doença esta técnica de absorção será tratada em seguida.

A TÉCNICA DE ABSORÇÃO

Os instrumentos necessários para levar a cabo esta técnica são um pequeno carrizo de madeira (*tubo de cana*) e o corpo do próprio ogüiruame (*o corpo do próprio curandeiro*). A primeira ação deste consiste em localizar a zona corporal afetada pela doença. Uma vez feito isto o ogüiruame esfrega-a com a sua bebida ritual: Tesgüino. Logo coloca a palma da sua mão esquerda sobre a zona atraindo para ela a doença. Uma vez feito o anterior coloca o carrizo na sua boca e aproxima-o à pele desnuda do doente inalando fortemente. Se a ação terapêutica tem sucesso na boca do ogüiruame aparecerá uma pequena pedra um verme ou outro objeto o qual deverá ser enterrado ou queimado a fim de evitar que outra pessoa tenha contacto físico com ele.

Os ogüiruames de Caborachi afirmam que esta absorção provoca-lhes uma série de mal-estares que duram até três dias e que devem curar ingerindo tesgüino.

A INICIAÇÃO OGUIRUAME

A maior parte dos ogüiruames afirmam que receberam os seus dons por via de algum familiar ou de forma hereditária. Num caso foi a comunidade que detetou o poder curativo de um dos seus membros e estimulou-o para exercê-lo. Não existe uma cerimónia iniciática específica para converter-se em ogüiruame. Mais bem é através do contacto com um ogüiruame veterano que o aspirante aprende e é submetido a provas por parte do seu mestre e a comunidade. Dependerá do seu sucesso nas curas o grau de reconhecimento que alcance.

Em geral os raramuris apreciam e apoiam os seus ogüiruames.

A ESPECIALIZAÇÃO OGUIRUAME

Não todos os ogüiruames exercem da mesma forma. Alguns são expertos no «susto»; outros na técnica onírica e outros mais na de absorção.

As mulheres dedicam-se às crianças e aos partos.

Existe uma hierarquia ogüiruame na qual os mais expertos e veteranos atuam como verdadeiros xamãs e mestres dos principiantes. Entre eles existem verdadeiros psicólogos autóctones que dão mais importância aos correlativos psicológicos das doenças em contraste com os que se dedicam preferencialmente à preparação e uso de medicamentos baseados em ervas medicinais.

CONCLUSÕES

Em geral o pensamento dos ogüiruames é dualista e mágico o seu linguagem manifesta a sua crença na dualidade de corpo e alma assim como a existência de interações diretas entre diferentes mentes.

As suas técnicas possuem um grau elevado de standardização e são aceites como reais e efetivas por comunidades inteiras.

CAPÍTULO 8

DON RODOLFO DE JALAPA

Como já vimos em capítulos anteriores o espiritualismo mexicano estimula estados de inconsciência considerando que estes são os que permitem o contacto com entidades alternas e afirma que se não existe este estado de inconsciência então é possível considerar ao médium com tendências fraudulentas.

Don Rodolfo de Jalapa é um autêntico psicólogo autóctone e embora a sua origem e treino tenham sido espiritualista e ortodoxo decidiu separar-se do movimento para criar uma escola própria a que sustenta que não é necessário nem adequado perder a consciência para poder atuar noutros níveis da realidade. Precisamente por considerar que a sua tendência é um desenvolvimento a partir do espiritualismo tradicional decidi estudar este psicólogo autóctone e este capítulo está dedicado a revisar o seu ensino.

DON RODOLFO

Nascido em Oaxaca radicado em Perote e diretor de um novo linaje na cidade de Jalapa Don Rodolfo divide as suas atividades entre estas três entidades. De tez morena fornido com uma idade de 60 a 65 anos Don Rodolfo mais bem parece um camponês oaxaqueño tostado pelo sol que o diretor de um linaje espiritual.

Numa entrevista que pude fazer-lhe a Don Rodolfo este informou-me que o seu treino original foi num templo espiritualista no qual lhe ensinaram a entrar em trance e no qual lhe mostraram toda a organização associada com o espiritualismo a que de alguma maneira o sustentou e serviu de base para o seu desenvolvimento posterior.

Casado com filhos já adultos e independentes Don Rodolfo dedicou-se integralmente ao desenvolvimento de centros espirituais tanto em Oaxaca como em Veracruz e a impulsionar o crescimento psíquico das gentes que participam das suas ensinações nos templos que inaugurou.

O CONCEITO DA REALIDADE ESPIRITUAL DE DON RODOLFO

Don Rodolfo sustenta que quando um ser humano entra em trance o que realmente sucede é que aprende a interagir com um nível muito profundo e evoluído do seu próprio ser. Noutras palavras o ser humano médium o que realmente faz é penetrar na sua própria essência e daí extrai o ensino que verbaliza à sua comunidade de discípulos e conhecidos.

Don Rodolfo considera que é um terrível erro a perda de consciência tão valorada nos círculos espiritualistas. Ao contrário destes últimos este psicólogo autóctone sustenta que o contacto com os níveis mais profundos da essência humana devem realizar-se em completa e clara consciência.

Por outro lado Don Rodolfo afirma que para realizar este contacto é necessário um treino que implica sobre tudo o abandono do ego e a abertura para outros níveis de realidade os quais segundo ele encontram-se no interior do ser humano esperando que este logre uma interação adequada com os mesmos.

De acordo ao espiritualismo ortodoxo o contacto do xamã realiza-se com entidades espirituais que existem num reino invisível como seres que mantêm a sua individualidade e que logram pôr-se em contacto com aquele que alcança abrir-se e deixar-se penetrar por eles.

Don Rodolfo considera que o anterior é uma simplificação do que realmente sucede durante o processo de trance. Neste o que verdadeiramente acontece é que o médium alcança certo nível de consciência que atua como uma espécie de chave específica para permitir que a informação associada a esse nível apareça no ser humano.

ENSINO DE DON RODOLFO

Sendo capaz o mesmo de estabelecer contacto com o «Ser» utilizando uma técnica que desenvolveu durante os últimos anos Don Rodolfo considera como uma das suas principais labutas o treinar outras gentes para lograr o mesmo contacto que ele utilizando técnicas confiáveis e replicáveis. Todas as semanas Don Rodolfo reúne-se com os seus discípulos e ensina-lhes estas técnicas de desenvolvimento que implicam o manutenção da consciência durante o trance mediúmnico.

COMPARAÇÃO COM OUTROS LINAJES

Sendo um desenvolvimento novedoso a partir do espiritualismo ortodoxo a aproximação de Don Rodolfo poderia talvez comparar-se com aproximações de linajes xamânicos contemporâneos.

Que este é o caso é muito fácil entrever-lo se se analisa por exemplo a aproximação de Don Juan Matus a de Don Lucio de Morelos a de Don Panchito de Yucatán e compara-se com a de Don Rodolfo de Jalapa. Com o objeto de realizar esta comparação farei uma breve semblança destes linajes e do próprio de Don Rodolfo destacando as similitudes entre eles.

Don Juan Matus considera que o ser humano tem a capacidade de estabelecer uma interação com níveis alternos de realidade. A aparição de um nível de realidade ocorre quando acontece uma interação congruente entre dois sistemas de emanções. Posto que já descrevi em artigos anteriores esta concepção aqui somente direi que de acordo com Don Juan é o alinhamento entre duas bandas de emanções o que aparece como uma realidade e é a modificação de um modulador da alinhamento entre bandas o ponto de encaixe o que faz aparecer realidades alternas.

É clara a similitude entre esta concepção e a de Don Rodolfo. Segundo este último a interação com níveis alternos de realidade produz-se quando um ser humano é capaz de variar o nível vibracional consciente e conectar-se com um nível homólogo que existe no universo e que contém informação que se volta acessível precisamente quando o ser humano muda o seu nível de consciência.

Uma consideração similar é a que sustenta Don Lucio de Morelos embora denominando-a de diferente forma. Segundo este xamã existem rebanhos de trabalhadores do tempo cada um dos quais se pode diferenciar dos outros por uma cor característica. Cada uma das cores dos rebanhos associa-se com um estado de ser peculiar e com um nível de consciência particular.

Quando o ser humano é escolhido põe-se em contacto com um dos rebanhos de certa cor e este contacto faz que a consciência do ser humano transpire o conhecimento associado com o rebanho particular.

Esta concepção é claramente similar à que sustenta Don Juan e à que defende Don Rodolfo embora cada um destes diretores de linajes utilize diferentes termos para explicá-la.

Por último um dos mais anciãos xamãs do México Don Panchito de Yucatán herdeiro da sabedoria maia também afirma que este conhecimento do ser humano manifesta-se quando este é capaz de estabelecer um contacto com Deus. Don Panchito considera que o verdadeiro desenvolvimento produz-se precisamente na direção deste contacto com a divindade e que quando este contacto ocorre então todo o conhecimento flui através do homem como se fosse a sua própria herança.

BANDAS DE INFORMAÇÃO ESPECÍFICA NÃO LOCAL

Todas estas comparações entre estes xamãs que acabamos de mencionar indicam-nos que como conhecimento comum do verdadeiro xamanismo mexicano está considerar que no universo existem reservatórios de informação e de consciência com os quais é possível estabelecer uma interação a qual dá como resultado que os níveis associados com estes reservatórios se manifestem no ser humano.

Enquanto Don Lucio denomina estes reservatórios rebanhos Don Juan bandas de emanções Don Panchito Deus e Don Rodolfo vibrações espirituais todos se referem aparentemente ao mesmo conhecimento e à mesma realidade.

Poderíamos batizar estes reservatórios de energia consciente com o nome de bandas de informação específica não local considerando que em primeiro lugar estes reservatórios são específicos em segundo lugar não estão localizados de forma concreta e em terceiro lugar parecem possuir como atributo íntimo e essencial o ser propriamente consciência.

Estas bandas de informação específica não local são capazes de ser intercetadas por um ser humano que tenha o suficiente desenvolvimento e o treino adequado como para lograr uma interação congruente com as mesmas.

De acordo com os xamãs mexicanos a interação congruente com uma destas bandas ocorre precisamente quando o aprendiz logrou desenvolver nele o suficiente nível de consciência como para intercetar e interagir adequadamente com uma destas bandas. Estes níveis de consciência adequados pareceriam ter de cumprir uma espécie de lei de analogia e de homologia de tal forma que somente é possível aceder a uma banda específica quando a consciência individual vibra por assim dizer à mesma frequência que a banda à qual se deseja ter acesso.

O CONCEITO DE DOENÇA DE DON RODOLFO

De acordo com este psicólogo autóctone o organismo humano é um reservatório de uma quantidade colossal de populações de microorganismos que se mantêm num estado de passividade ou de atividade malévola dependendo do equilíbrio que o organismo logra manter ou perde devido a diferentes causas. O equilíbrio é para Don Rodolfo sinónimo de saúde e protetor contra o ataque destes microorganismos que estão sempre à espreita como se esperassem um descuido de defesas para atacar ao seu habitat orgânico.

Por isso Don Rodolfo sustenta que a técnica mais adequada para conservar a saúde é a que impulsiona o estado de equilíbrio nos diferentes níveis corporais. Por outro lado o principal fator e o mais poderoso responsável da manutenção do equilíbrio corporal é o equilíbrio espiritual e neste o contacto com o Ser garante a saúde em todos os níveis.

Uma das técnicas promotoras da saúde que utiliza Don Rodolfo é a energetização de líquidos. Quando Don Rodolfo logra estabelecer um contacto com o «Ser» na proximidade do seu corpo coloca recipientes com água que segundo ele adquirem o mesmo nível vibracional que o mesmo logra ativar durante os seus estados de trance. Estes líquidos de acordo com Don Rodolfo mantêm-se puros e sem contaminantes depois de vários anos sem necessidade de serem fervidos ou de serem submetidos a qualquer procedimento de desinfeção bacteriana. Mais ainda Don Rodolfo considera que a ingestão destes líquidos atua como um estimulante para a manutenção da saúde orgânica através de uma ativação dos sistemas corporais.

TRANSCRIÇÃO DE UMA SESSÃO NA QUAL DON RODOLFO LOGRA ESTABELECEER UMA INTERAÇÃO COM A ESSÊNCIA

Como falámos dito antes uma das práticas mais valoradas por este psicólogo autóctone consiste em estabelecer um contacto com o «Ser» ou essência depois de utilizar uma série de técnicas estimulantes deste contacto.

O autor teve a oportunidade de gravar o discurso de Don Rodolfo durante uma sessão realizada em Jalapa cuja transcrição se apresenta a continuação.

Na primeira parte da sessão Don Rodolfo utilizou a verbalização de uma série de orações e depois desta sentou-se numa cadeira fechou os olhos enquanto os seus discípulos continuavam dizendo uma série de frases; depois de vários minutos Don Rodolfo respirou profundamente teve uma série de sacudidelas e começou a falar.

Nesta sessão além de Don Rodolfo estavam presentes três mulheres que também penetraram em estados alternos de consciência.

Elas visualizaram uma série de imagens que Don Rodolfo considerou como evidências e concordâncias do que a ele mesmo lhe acontecia. Também se reproduzem aqui estas intervenções.

CÁTEDRA DE DON RODOLFO EM JALAPA

«... o preciosíssimo sangue de nosso Senhor Jesucristo... abri os vossos espíritos fechai os vossos olhos... a luz do amor e a paz do meu espírito sejam a paz.

Muito é o que esperais para encontrar a paz e a felicidade ides tocando de porta em porta para encontrar a luz do espírito no jardim do amor no jardim da beleza mas quereis encontrar esse jardim com os vossos olhos físicos mas quereis encontrar esse jardim da beleza mas quereis encontrar esse jardim com os vossos olhos físicos mas quereis encontrar esse jardim para contemplá-lo e recrear-vos mas também buscais o murmúrio das vozes cristalinas que penetram através dos vossos olhos para afinar as finas cordas dos vossos corações adormecidos e que encham e que encham de egoísmo o universo. Creis encontrar a luz no entendimento para falar da beleza da natureza para conhecer o fundo dos mares e para encontrar no

cume da montanha a sabedoria eterna. Mais que achais em todo o vosso caminho? Somente experiências e mais que experiências que nos projetem há que encontrar a felicidade eterna há que encontrar a felicidade interna que existe em cada um de vós. Ides sabendo coisas para encontrar a água cristalina com que saciar a sede e somente ides encontrando coisas cheias de lama cheias de águas turbulentas cheias de água suja. Um instante provais essas águas podeis encontrar a água verdadeira. Novamente comprovais que fizeste algo equivocado porque não fizeste algo próprio para comprovar...

Mas em verdade em verdade os espíritos dessa corrente de água essa água cristalina que quereis encontrar mais além não se encontra mais além dos nossos lábios e não se encontra mais além do nosso coração porque assim como escavais a terra para encontrar nela os grandes tesouros assim podereis escavar nos vossos corações para encontrar o tesouro da sabedoria eterna. Largo tempo há que se se viesse o homem vivesse cronologicamente os anos e os meses não chegarias à verdade que se encontra oculta.

A verdade encontra-se oculta nos pregues da nossa mente oculta nos pregues. A verdade encontra-se aí através dos nossos sentimentos através da nobreza dos nossos sentidos através do amor que partilha o seu coração porque desechais quando nasce o egoísmo. A força do amor é força que levais cada um de vós força contida pelo sofrimento e a dor força contida pelo egoísmo. O amor não é mercadoria que se vende o amor é o sentimento do espírito elevado o amor é o sentimento de cada um de vós por isso o sentimento insaciável já em cada um dos longos caminhos em busca do amor e a compreensão.

Quereis encontrar o amor... quereis encontrar a felicidade que se reflete em águas cristalinas e transparentes da noite quando saís a contemplar a noite...

Escavar no fundo dos nossos corações o nobre que tendes e o belo que haveis sido em todo o instante que haveis vivido plenamente no mundo plenamente no mundo da paz espiritual da paz universal da paz cósmica da paz que habita em cada um dos nossos corações... quando sejais capaz de amar sem interesse quando sejais capaz de esperar e de dar toda a beleza plena que tendes em cada um de vós. Creis encontrar nas distintas religiões a salvação da alma como o sincero.

Creis encontrar o conhecimento através do simbolismo de tudo aquilo... Mas não haveis compreendido que o verdadeiro símbolo é o que existe dentro de cada um de vós e que tendes uma chave mestra para abrir e encontrar a felicidade eterna.

Sou ignorante e não vos compreendo o que quereis dizer-me... e em reflexão interna encontrarei a verdade eterna e a felicidade. Porque sem querer saber vós mesmos levais um altar nos vossos corações. Assim como o homem se unificou na ciência para gozar da sua bênção assim também podereis unificar a consciência para gozar dos benefícios do espírito. Tomai do ensino espiritual que tendes cada um de vós tomai dela o que necessiteis e administrá-lo qual deve ser que não vades a desperdiçar as vossas forças em entidades em entidades que as desperdicem. Deveis encontrar e por isso buscar é uma verdade e volto a repeti-lo; a verdade está em cada um de vós que por isso tendes o vosso livre arbítrio no longo percurso da nossa existência sobre a face da terra. Muito haveis aprendido muito haveis encontrado nela mas também muito haveis esquecido porque em cada ocasião viveis a vida presente mas não a vida de superação a vida de evolução que nesta época é importante para seguir adiante...

Por isso e em verdade vos digo crianças amadas buscai nos livros da consciência a verdade da sabedoria o verdadeiro conhecimento e sabeis que não estais mais longe do universo como o universo não está tão longe de vós cada um de vós tendes uma fonte de energia que é a energia cada um de vós tendes a participação da criação eterna que é a paz suprema no mundo a energia divina a energia universal a energia dos seres e sempre será através de nós mesmos porque em verdade vos digo crianças amadas curto é o instante que resta e fica para a reintegração dos escolhidos para a reintegração dos espíritos por isso só escutarei a chamada cada instante e embora só seja assim chegará o momento em que... e será o momento.

Por isso não vos deixeis levar por fanatismos não vos deixeis levar por sugestões imaginárias.

Amai os espíritos para que sejais amados ao vosso irmão amai o vosso corpo para que sejais amados todos.

Levai sempre na consciência a chama interna para que assim sejais ajudado no meio das noites para que assim sejais ajudado no meio do escuro muito é o que tereis de receber e muito é o que tereis de levar mas sempre deveis encontrar a verdade sem enganos sem hipocrisia de nós mesmos. Já não é o tempo dos escribas e fariseus já não é o tempo dos

caifás já não é o tempo dos (ígneos) como tampouco dos hititas e dos maias. São novos tempos de luz são novos tempos de amor e são novos tempos de paz porque muito haveis evoluído desde então haveis ficado presos ao passado e o passado nunca permitiu chegar ao cume verdadeiro do conhecimento e a sabedoria.

Porque se em verdade sim houvesse deixado as cadeias houvesse deixado ao fanatismo a hipocrisia e a soberba qual Deus sobre a face da terra qual Deus sobre o Universo inteiro sérieis parte do Universo.

Por isso lhes peço crianças santas preparai os vossos corações preparai o vosso espírito uni a trilogia de espírito mente e corpo para que vivaís em harmonia completa. Encontrai a razão da existência amando ao vosso irmão e semelhante e compreendendo-o e se cego é guiai-o da mão mas antes de guiar o cego deveis deixar de ser cego vós mesmos para que os cegos não caiam. Tomai e levai a minha mensagem de luz de amor e de paz que vos venho ensinar neste dia. Curta é a minha palavra mas grande é o meu ensino se sabeis reflexioná-la se sabeis aplicá-la.

Bendito aquele que busca a verdade interna porque ao fundo da verdade encontrará o amor e a vida.

Águas reconcentradas em vasilhas e cristais eu lhes digo convertam-se em águas de luz amor paz e unificação... no juízo da paz espiritual.

Em nome que sou o Filho pela luz e a graça do Espírito Santo objeto que me faz... amor proteção e paz para o vosso coração para vós.

E assim vos digo crianças benditas de graça que a luz o amor e a paz...

A luz e o amor de Elías o enviado de nosso Deus e a paz do meu espírito por sempre fique convosco.»

MULHER ... como um brilhante fazendo-se grande esse brilhante que se faz grande grande grande cobriu de luz tudo... e aí e pude contemplar uma montanha.

Tinha essa montanha tinha como uma antena. Essa antena brilhava... e aí cobriu-se de uma nuvem muito branca... perdeu-se de vista e aí quando começou a... a sua bendita palavra pude contemplar um rio assim como ele disse debaixo da terra e muitos dos meus irmãos secando-se de sede buscando esse rio e não o podiam encontrar; como meses antes abriu-se um caminho muito branco e esse caminho levou-os até esse manancial de água clarita como um cristal e aí pude contemplar assim como uma cidade como quando estamos em um desgosto um ao outro assim pelejando e aí pode contemplar um jardim. Nesse jardim havia muitas borboletas como

tomando mel dessas flores distintas às daqui e aí estava a Mãe Marta com um sorriso nos seus lábios... e aí pude contemplar... bem que pude contemplar que lhes deu um livro como a sabedoria e esse livro espargiu... à frente do pedestal. Isso pude contemplar pela vontade do meu Pai Celestial.

MULHER 2 Vou fazer presente a todos os meus irmãos o que eu pude contemplar. Um grande cerro verde um sendero... as quais formavam um caminho grande e branco... Aí estavam formadas duas grandes filas de pessoas para entrar aí; compreende-se que era a entrada de uma cidade mas ao lado ou seja nos contornos dessas palmeiras havia uma espécie de furacão porque via-se terra ar fortemente ao redor mas o curioso disto era que os que estavam formados esperando entrar nesse caminho que está frente a eles não corriam não voava nem um cabelo não havia passo a essa fila o ar não entrava depois pude ver como... porque pude haver visto como se abria depois de haver passado essas escadas esse caminho grande uma grande porta na qual estava uma grande escala dourada e ao final da escala estava uma pérola uma pérola que brilhava intensamente a qual era muito difícil ver porque tinha um que agachar-se porque cegava a mirada; depois de ver quando os meus irmãos passaram... os meus irmãos tinham como... pois que posso dizer-lhes eu vi-os como doentes como tristes mas no momento em que estava aí Padre Jesús estava com uma grande tocha uma grande luz na sua mão a qual banhou-os intensamente e voltaram a ser umas pessoas normais entregou-lhes nas suas mãos... eu vi como pérolas vi como limpou o seu entendimento o seu cérebro o seu coração iluminou-se e eu sinto que agora sei eu tenho uma grande alegria o grande conhecimento... Isso foi a santa vontade do meu Pai havê-lo permitido...

MULHER 3 ...A palavra do meu mestre começou a fluir uma cascata que se abria... até nós e a água caía como se fosse um arco-íris caía com muitas cores sobre todos nós e atrás dessa cascata havia uma como cidade de cristal uma cidade dourada transparente às vezes era branca e rosa e às vezes voltava-se dourada e continuou a palavra seguiu avançando a sua sabedoria e de pronto vi uma porta que estava muito perto de nós uma porta dourada que dava ao conhecimento que dava ao mais grande e de pronto estava longe e voltava a estar perto e voltava a estar longe como se estivesse perto mas ao mesmo tempo nós quiséssemos que estivesse longe de nós mesmos; depois quando passámos irmão às plantas do mestre eu

pude ver como essa porta voltou a aproximar-se e a aproximar-se com uma luz que cegava que cegava e que desaparecia tudo e é tudo o que pude ver...

DON RODOLFO

Cada um de nós nos distintos lugares que ocupa na vida tem muito que fazer rogar na sua oração na rua e em todas as partes onde se possa.

Não há quem não anele uma humildade melhor não há quem não anele uma paz que haja abundância na vegetação que haja facilidade de viver; todos o desejamos todos o anelamos... Mas tudo isso para que seja... necessitamos criar uma grande harmonia de fé amor e de paz. Enquanto não sintamos amor por tudo o que nos rodeia... far-se-á cada dia mais impossível a nossa existência. Devemos desculpar e devemos dar a nossa consideração que todos temos a mesma capacidade de receber uma iluminação...

Todos vocês que se aproximam disto procurem ser cada dia mais compreensivos mais amorosos convosco mesmos para que possam dar esse amor aos vossos semelhantes.

Não é o objeto de rezar senão o objeto é o que com o exemplo possamos fazer uma vida melhor a oração é uma comunicação connosco mesmos em paz. Então tratemos de fazer essa comunicação sempre algo melhor e que se respeite cada um dos nossos atos.

Por isso sempre que busquem vocês estar perto do Pai procurem estar primeiro perto de vocês mesmos. Na medida em que estejam vocês perto de vocês mesmos nessa mesma medida estarão perto do Pai.

CAPÍTULO 9

PEPITO DA SERRA DE PUEBLA

Num pequeno povoado localizado na zona mais alta da parte norte da Serra de Puebla vive um dos curandeiros mais jovens do México. Chama-se Pepito e é uma criança de doze anos de idade. Neste capítulo apresenta-se um estudo acerca deste menino prodigioso produto de uma série de observações que o autor e uma colega fizemos das suas habilidades curativas.

Localizado na Serra poblana aproximadamente a três horas de caminho de brecha de Tetela de Ocampo encontra-se um pitoresco povoado de ao redor de mil habitantes no qual vive Pepito. O povoado tem uma pequena praça rodeada de uma igreja um edifício e a presidência municipal. Existe um albergue indígena no qual vivem cinquenta crianças indígenas das comunidades vizinhas uma escola primária uma telesecundária e um posto médico do IMSS. A maior parte do povoado dedica-se à agricultura embora haja um tear no qual os jovens da secundária tecem colchas e gabanes de lã pura obtida das ovelhas do povoado.

Neste povoado pudemos localizar dois curandeiros dos quais Pepito é o mais proeminente.

ORIGEM DE PEPITO

Pepito nasceu no povoado filho de camponeses que morreram deixando a criança ao cuidado de uns tios.

Aos dez anos de idade Pepito deu-se conta dos seus poderes porque foi capaz de curar o seu tio de um problema de costas. A partir desse momento dedicou-se a atender pacientes que em maior número e de regiões cada vez mais afastadas vêm buscar a sua ajuda e cura.

Pepito assiste à escola primária e conduz-se como qualquer outra criança da sua idade jogando com os seus companheiros no centro do povoado. Dedicar-se também a ajudar o seu tio no cuidado dos seus animais e nas fainas do campo. Contudo a sua aparência é muito especial porque a expressão da sua cara sempre denota uma profundidade e sensibilidade fora do comum.

Os seus olhos são grandes e a sensação que produz a sua presença é a de um adulto nobre no corpo de uma criança.

TÉCNICAS DE CURAÇÃO

Quando um paciente vem vê-lo Pepito esfrega a parte doente do seu corpo com aguardente e logo coloca a sua mão esquerda sobre a zona doente. Por uns minutos enquanto toca com os seus dedos o corpo do paciente Pepito olha para cima e move a sua cabeça como se estivesse a receber uma chamada às alturas. Depois muda de braço e toca a mesma zona corporal do doente com os dedos da sua mão direita voltando a repetir o movimento de cabeça e mantendo a posição desta inclinada para cima.

Quando se lhe pergunta por que faz o que faz Pepito sempre responde com um «não sei!» embora aceite que recebe mensagens e que uma voz lhe diz o que fazer. Enquanto segue tocando o corpo do doente súbitamente aproxima a sua boca ao corpo do paciente e realiza um movimento de sucção.

Quase sempre com mostras de desagrado aproxima a sua boca a uma folha de elote e cospe nela uma pequena pedra.

Logo volta a colocar a sua mão esquerda e depois a direita sobre a mesma zona repetindo toda a sequência de novo até lograr succionar e depois cuspir outra pedra. A sequência exata repete-se até que Pepito anuncia que terminou.

O autor e a sua colega decidimos submeter-nos à cura de Pepito para isso apresentámo-nos em dias separados e depois juntos a sessões. Pepito repetiu exatamente o procedimento descrito antes curando uma infeção estomacal as costas e uma dor de ouvidos em cada um de nós dois. Em todos os casos Pepito materializou as pedras cuspendo nove delas numa ocasião e doze noutra.

A sensação ao ser intervindo por Pepito é que a zona doente parece ativar-se quando Pepito a toca e depois desprender-se do seu mal-estar quando Pepito a succiona.

O autor foi curado de uma dor estomacal e dos seus ouvidos por Pepito sem que posteriormente à intervenção da criança houvesse recorrência dos sintomas.

AS PEDRAS DE SUCÇÃO

As pedras que Pepito succiona e materializa possuem diferentes dimensões, texturas e cores. Geralmente não são maiores de dois centímetros e brilham dando a aparência de possuir uma textura metálica.

As suas formas são irregulares e depois de serem depositadas na folha são colocadas no fogo no qual são queimadas. Pepito não permite que os pacientes levem as pedras embora dê permissão de que o paciente as toque, conte e manipule.

Em várias ocasiões e antes das sucções pediu-se a Pepito que abrisse a boca com o objeto de assegurar-se de que as pedras não se encontravam escondidas dentro da cavidade bucal. Em nenhum caso foi possível encontrá-las e pela quantidade delas pode assegurar-se que a sua aparição não obedece a fraude ou truque algum.

Em ocasiões ao palpar alguma zona do corpo Pepito diz que dela não pode obter nada indicando que a zona em questão tem uma doença que não pertence à sua especialidade ou que a qualidade do mal-estar não é suscetível de ser aliviada utilizando os seus meios.

Possivelmente a diferença entre as zonas que sim cura e das que não pode obter pedras assemelhe-se à classificação de doença boa e má de alguns xamãs sendo a doença boa a que é provocada por causas naturais e a má que provém de causas não naturais como bruxarias ou trabalhos de magia.

MATERIALIZAÇÃO

Obviamente o mais chamativo da técnica de cura que utiliza Pepito é a sua capacidade de fazer aparecer as pedras de sucção do «nada».

Posto que não foi possível explicar a aparição das pedras como resultado de truques ou de tê-las escondidas dentro da boca faz-se necessário considerar alguma outra possibilidade de explicação para a sua materialização a partir da manobra de sucção de Pepito.

Um caso similar de materializações a partir do espaço e de zonas doentes de pacientes era o de Doña Pachita. Posto que este caso já foi descrito noutros volumes desta série aqui somente recordarei que Doña Pachita realizava operações quirúrgicas em zonas doentes dos seus pacientes das quais lograva extrair objetos como pedras estruturas

geométricas e ainda animais que segundo ela representavam e concentravam a doença numa forma material. Algo similar realiza Pepito ao lograr materializar pedras depois de succioná-las das partes doentes dos seus pacientes.

Desde o ponto de vista da física contemporânea todo objeto material está contido em potência na estrutura subtil da lattice do espaço ou campo quântico. Uma partícula elementar é uma particular configuração de uma zona da lattice a qual ao sofrer por assim dizer uma distorção particular dá lugar ao que chamamos um objeto. A interação entre duas ou mais partículas elementares é segundo a física do campo quântico uma interação entre duas zonas de distorção da matriz do campo quântico.

A diferença entre o espaço transparente e um objeto é uma diferença de configuração energética do mesmo substrato. O que denominamos espaço transparente ou invisível corresponde a zonas de total coerência do campo. Estas zonas são tão complexas que o cérebro não pode decodificar um objeto a partir delas e por isso são invisíveis para a percepção. A configuração do campo à qual chamamos objeto sim é suscetível de ser decodificada pelo cérebro e por isso aparece como um sólido visível.

Desde o ponto de vista da Teoria Sintérgica postula-se que o cérebro é capaz de afetar a lattice do espaço criando dentro dela zonas de distorção particular que resultam da interação entre esta mesma lattice e um campo energético produzido pelo cérebro: o campo neuronal. A possível explicação para as façanhas de Doña Pachita e para os prodigiosos atos de sucção e materialização de pedras de Pepito é que os cérebros de ambos são capazes de criar uma alteração profunda do campo quântico através dos seus campos neuronais.

Esta alteração resulta num objeto material. A relação entre doença e objeto material é que o cérebro do curandeiro ou do xamã capaz de materializar mimetiza a doença do paciente e translada o seu modelo mental numa configuração energética específica do seu campo neuronal o qual ao interagir com o campo quântico distorce a este último provocando uma materialização que concentra e contém a doença.

Tanto Doña Pachita como Pepito costumam desfazer-se destruir ou queimar a materialização da doença. Doña Pachita dizia que de não se destruir ou neutralizar a doença materializada e extraída do corpo do paciente voltaria ao mesmo fazendo-o adoecer de novo.

CONCLUSÕES

São já dois os casos comprovados de curandeiros e xamãs capazes de materializar objetos. O caso apresentado neste capítulo indica que esta capacidade pode aprender-se e manifestar-se desde a infância.

Esta extraordinária capacidade e o uso terapêutico no qual se utiliza mostra que o universo da matéria pode ser dominado e controlado por seres humanos dotados.

CAPÍTULO 10 **JUAN DIEGO DE VERACRUZ**

Num ejido localizado a uns cem quilómetros do Porto de Veracruz vive Juan Diego. O ejido tem uma população de uns quantos centenas de habitantes que se dedicam fundamentalmente ao cultivo de frutais e do milho. As terras do ejido são fructíferas o clima é quente e húmido com chuvas abundantes e a vegetação frondosa.

A comunidade do ejido é tranquila os homens saem ao campo ao amanhecer e regressam quando o calor se volta intenso para o meio-dia. Comem nas suas casas tomam uma sesta e ao entardecer com a frescura saem a conversar jogar às cartas e retozar em redes ou a banhar-se no rio. As crianças são alegres jogam nas ruas e entram nas casas dos seus vizinhos como se fossem as suas próprias as portas das casas estão abertas e invitantes para as visitas.

A gente do ejido é amável boa anfitriã os fins de semana reúnem-se num extremo do ejido onde aplanaram a terra cortaram as ervas colocaram duas balizas e uma esquina de alambrado. Jogam beisebol a maior parte das vezes e em algumas ocasiões futebol soccer.

Existe uma grande quantidade de árvores de manga de manita ciruelos abacates e limoeiros. Uma das atrações do ejido são várias cuevas pelas quais fluem rios subterrâneos um manancial fresco e cristalino que surge da montanha e que as mulheres do ejido utilizam para lavar as suas roupas e os rapazes para se banharem.

JUAN DIEGO

Juan Diego nasceu a 9 de dezembro de 1960. A sua infância transcorreu como a do resto das crianças do ejido embora sempre manifestasse uma certa peculiaridade que o diferenciava do resto das crianças; esta era uma hipersensibilidade e uma excelente capacidade de observação. Ao cumprir os 24 anos de idade estando numa ocasião em companhia de uns amigos de pronto e sem razão alguma decidiu ler a sorte de uma das suas companheiras utilizando uma baralha e para surpresa dos seus amigos e dele mesmo acertou em diferentes aspetos da vida da sua amiga.

A partir deste momento começaram a suceder-lhe mais e mais experiências nas quais se refletiam dons de adivinhação e de cura. Num certo momento Juan Diego começou a ouvir que lhe falavam dentro da sua mente indicando-lhe o que fazer e como curar a gente que começava a ouvir dele e a aproximar-se-lhe pedindo auxílio. A sua capacidade pronto estendeu-se para os povoados próximos e começaram a visitá-lo gente que vinha curar-se.

Juan Diego afirma que a partir do momento em que começou a curar as vozes que ouvia fizeram-se mais claras e indicaram-lhe uma série de procedimentos para aplicá-los com os seus pacientes e uma sequência de técnicas para aplicá-las nele mesmo com o objeto de promover o seu desenvolvimento. Começarei descrevendo algumas destas técnicas para depois referir-me aos métodos de cura e à conceção da realidade deste jovem psicólogo autóctone.

TÉCNICAS DE MEDITAÇÃO DE JUAN DIEGO

Um dos aspetos mais interessantes da psicologia autóctone mexicana é que os seus membros utilizam diferentes técnicas com o objeto de estimular o seu próprio desenvolvimento técnicas que bem poderiam denominar-se de meditação.

O caso de Juan Diego não é a exceção e ele utiliza como principal técnica de desenvolvimento a seguinte: ao amanhecer senta-se cruzando as pernas. Nesta postura Juan Diego fecha os olhos e permite que a sua mente se relaxe tratando de captar desta maneira o que ele chama «a energia

cósmica» que pouco a pouco penetra no seu corpo logrando ao mesmo tempo que a sua própria e característica energia saia do mesmo.

Nesta situação permanece durante duas horas ao cabo das quais sente que está em total união com o entorno e o seu próprio ego desaparecido.

Depois desta meditação impregna-se de uma loção de tabaco que segundo ele ajuda-o a manter o seu estado e nesta situação começa a sua labuta curativa com os doentes do dia.

De acordo com o próprio Juan Diego a energia que captou durante a sua meditação matutina entrega-a aos seus pacientes sentindo ao mesmo tempo ser protegido por uma força que impede que os males e problemas dos seus pacientes penetrem nele.

Ao final do dia e quando decide voltar a retomar a sua própria energia Juan Diego dirige-se ao rio e no manancial de águas cristalinas banha-se. A partir desse momento segundo ele a sua proteção desaparece e volta a ser um jovem comum e corrente.

EXPERIÊNCIAS DURANTE A MEDITAÇÃO

De acordo com este aprendiz durante a sua meditação recebe a presença de três seres aos quais chama protetores que lhe dizem e instruem em artes xamânicas e de cura.

Estes três protetores dos quais Juan Diego não quis mencionar os nomes ensinaram-lhe tudo o que sabe e prometeram que o seu treino e desenvolvimento seguirá sempre e quando aplique os seus conhecimentos na cura dos seus pacientes. Além de receber informação Juan Diego afirma ser capaz de perceber visualmente o seu entorno apesar de permanecer com os olhos fechados.

Por outro lado Juan Diego diz que a sensação mais comum durante as suas meditações é a de leveza num grau tal que está seguro de que poderia levitar coisa que afirma realizou em várias ocasiões.

O CONCEITO DA REALIDADE SEGUNDO JUAN DIEGO

Juan Diego forma parte da nova geração de psicólogos autóctones mexicanos. Afirma que todos os procedimentos que utiliza e todas as técnicas que maneja obteve-as diretamente através da informação que lhe

brindam os seus protetores sem que haja utilizado em nenhum momento o ensino de um instrutor vivo.

Juan Diego diz que ele foi escolhido para voltar-se xamã e que não existe nenhum antecedente na família que o predispusse para esta profissão.

Segundo Juan Diego a capacidade curativa e xamânica é uma capacidade que vem naturalmente e não pode ser estimulada.

Sendo um exemplo da nova geração de psicólogos autóctones mexicanos Juan Diego utiliza na sua linguagem e manifesta na sua conceção da realidade aspetos que a velha geração de xamãs não manifesta.

Vários exemplos desta nova forma de perceção serão comentados em seguida.

Por um lado segundo este jovem psicólogo autóctone existem diferentes níveis dimensionais da realidade.

Afirma que vivemos quotidianamente num mundo tridimensional mas que a existência dos seus protetores e do mundo espiritual localiza-se duas dimensões mais adiante da nossa. Isto é Juan Diego afirma que existe uma realidade de uma quinta dimensão desde a qual obtém a sua informação.

Mais ainda Juan Diego afirma que ele tem permissão de obter informação e de conectar-se com esta quinta dimensão através de portas dimensionais ou buracos pelos quais transita em determinadas épocas e momentos. Para Juan Diego a realidade da quinta dimensão é uma realidade nobre na qual seres parecidos aos humanos convivem em paz e executam trabalhos em convivência total e sem invejas ciúmes ou problemas emocionais comuns aos da nossa vida quotidiana.

Ao contar-lhe eu acerca dos Graniceros do Estado de Morelos e da sua afirmação no sentido de que existe uma realidade de seres invisíveis para a vista quotidiana denominados trabalhadores do tempo que vivem em condições inteiramente similares às dos seres da quinta dimensão Juan Diego considerou que estes Graniceros estavam a falar da mesma realidade que ele conhecia. Ainda mais ao contar-lhe que a cerimónia de iniciação dos xamãs morelenses implica que lhes caia um raio imediatamente Juan Diego considerou que esta situação o que fazia era produzir uma abertura e um acesso da terceira à quinta dimensão pela qual o xamã transitava para receber informação dos seres que habitam esta quinta dimensão. Segundo Juan Diego a entrada na quinta dimensão é relativamente fácil mas o retorno é muito complexo e perigoso. Segundo ele o facto de que um xamã

como Don Lucio haja permanecido durante três anos em estado de coma depois de haver sido golpeado por um raio indica que o retorno da dimensão na qual se encontrava à nossa não foi possível fazê-lo numa quantidade de tempo menor à de três anos indicando com isto que é decididamente difícil que a ponte de união entre dimensões se volte a abrir fazendo permeável o traslado de um ser de um reino dimensional ao outro.

Por isso o conceito de realidade de Juan Diego implica como o da maior parte dos psicólogos autóctones mexicanos a consideração da existência de diferentes níveis de realidade. A ideia de que existem níveis de realidade invisíveis nos quais habitam seres similares a nós vivendo uma vida especial e afetando-nos desde a sua dimensão de habitat e instruindo certas pessoas escolhidas no caminho do xamanismo e dos procedimentos de cura.

TÉCNICAS DE CURAÇÃO DE JUAN DIEGO

A principal técnica que Juan Diego utiliza na sua cura é a leitura do ovo e a limpeza com o mesmo.

O autor teve a oportunidade de presenciar três ou quatro procedimentos de limpeza nos quais se fez patente a estandardização do procedimento que utiliza este jovem. O procedimento consiste primeiro em banhar o ovo com a mesma loção que Juan Diego utiliza na sua pessoa e depois colocar o ovo na palma da mão do paciente sentindo ao mesmo tempo o pulso do coração do mesmo e contando três vezes sete batidas em cada mão.

Logo Juan Diego coloca o ovo no antebraço exatamente na linha de dobra da parte alta e baixa do braço na sua porção anterior esfrega esta porção e depois coloca o ovo na entrecilha do paciente também durante um determinado número de batidas e por último coloca-o debaixo da orelha direita e depois da esquerda do paciente. Depois desta operação o ovo verte-se num copo com água e realiza-se a leitura das formas proteicas da gema e da clara do ovo dissolvido em água.

Juan Diego tem uma técnica de leitura das bolhas e das formações proteicas a que a ele permite-lhe conhecer com exatidão as alterações e os problemas dos seus pacientes.

Estas técnicas de leitura são similares às que se observaram nos demais curandeiros mexicanos pelo que não serão descritas aqui. O único

que poderia comentar é que nestas técnicas de leitura as bolhas que deixa a clara indicam a existência de forças ou energias que afetam a pessoa e que dependendo do tamanho e da posição das bolhas estas influências são diferentes.

Juan Diego em ocasiões faz desenhos das formações proteicas com o objeto de ter uma maior exatidão na visualização das mesmas e também com o objeto de podê-las mostrar aos seus pacientes fazendo com eles um diagnóstico partilhado.

CONCLUSÕES

Em conclusão encontramos-nos com um jovem que poderíamos considerar como um da nova geração de psicólogos autóctones mexicanos.

Esta nova geração caracteriza-se se nos atemos ao estudado no caso de Juan Diego por utilizar similares técnicas e manejos terapêuticos que os seus antecessores mas simultaneamente com um manejo conceptual e terminológico diferente mais moderno e contemporâneo. Um exemplo do anterior é o uso do conceito «dimensional» que faz referência ao que os xamãs da velha geração chamariam «trabalhadores do tempo» «seres espirituais» «mundo invisível» etc.

Embora Juan Diego afirme que não tem mestre ou guia identificável neste mundo é concebível supor que termos como os de «quinta dimensão» ou outros que usa são um reflexo de aprendizagens culturais e sociais que Juan Diego teve durante toda a sua vida na escola ouvindo a rádio a televisão em conversas com os seus amigos etc. Por isso não é possível aceder à consideração de que todo o seu conhecimento provém única e diretamente dos seus guias ou protetores como ele afirma senão que é uma mistura entre este conhecimento interno e a informação que lhe transmitiu a cultura tecnológica contemporânea.

Esta é talvez outra das características da nova geração de psicólogos autóctones os que foram mais influenciados pelo entorno pela cultura pelos meios de comunicação aos quais estiveram submetidos de forma muito mais intensa do que foram os seus antecessores xamânicos.

Resulta interessante além disso o uso de uma técnica de meditação com características muito similares às técnicas que usam no oriente. Como se recordará senta-se numa posição com as pernas cruzadas e nesta situação

permanece durante duas horas nas manhãs em estado de relaxação; esta técnica é usada no Oriente.

Por último a existência de um jovem psicólogo autóctone mexicano como Juan Diego obriga-nos a verificar uma consideração que tínhamos previamente que era a de que estávamos em presença da última geração de xamãs mexicanos pelo que agora poderíamos dizer que está a iniciar-se um novo movimento de psicólogos autóctones que embora já receba influências da cultura contemporânea segue mantendo certo carácter autóctone livre de influências externas.

CAPÍTULO 11

DON RUFINO DE YUCATÁN

A sessenta minutos da Cidade de Mérida e num pequeno povoado vive Don Rufino Tan um xamã maia que durante mais de 25 anos se dedicou a curar e guiar no desenvolvimento da consciência a pacientes e discípulos. Don Rufino tem uma idade aproximada de setenta anos e ainda conserva o vigor e curiosidade da juventude.

HABILIDADES DE DON RUFINO

Don Rufino diz possuir a capacidade de atrair para si mesmo qualquer «espírito» de uma pessoa para a qual dirija a sua atenção.

Mediante a sua respiração e orientando o seu corpo na mesma direção em que se encontra a pessoa realiza uns movimentos característicos com os seus braços e inala profundamente. Segundo Don Rufino estas manobras atraem o «Espírito» da pessoa. Uma vez em posse daquele este xamã deposita a «presença espiritual» numa das suas discípulas a qual foi treinada para incorporar dentro do seu corpo o «espírito» da pessoa atraída. Uma vez no interior do corpo da discípula Don Rufino comunica-se com o «espírito» e sana-o.

Segundo Don Rufino a doença tem a sua origem na «ocupação» que um espírito alheio faz do corpo de uma pessoa. Sanar a pessoa é afastar o espírito intruso e devolver o original. Em ocasiões é o espírito próprio o que adoece e com ele (uma vez dentro do corpo do seu discípulo) Don Rufino mantém uma conversa terapêutica e oferece-lhe clareza acerca do seu estado e condição. Quando o «espírito» doente recebe a influência

terapêutica que Don Rufino lhe oferece ou quando o «espírito» intruso é convencido de deixar de molestar a pessoa veículo ou alvo a pessoa cura-se.

O MESTRE DE DON RUFINO

Este xamã afirma ser discípulo de Don Máximo Ken autoridade máxima na disciplina que Don Rufino pratica.

Resulta extraordinariamente interessante constatar que o mesmo Don Máximo Ken é mencionado por outros xamãs maias como mestre e máxima autoridade espiritual.

Um exemplo desta coincidência é o de Doña Susana uma xamã maia que não conhece Don Rufino mas menciona Don Máximo Ken na categoria anteriormente mencionada.

Acerca deste personagem não temos outra informação exceto a de que é um ser que (segundo os xamãs maias) vive no espaço e não tem dimensão corporal alguma.

Don Rufino possui a capacidade de fazer penetrar os seus discípulos num trance profundo durante o qual eles são capazes de estabelecer contacto com Don Máximo Ken. Nesta situação os seus discípulos oferecem-lhe mensagens e ajudam-no a realizar curas.

INTERPRETAÇÃO

Resulta extraordinariamente difícil explicar a conduta de Don Rufino embora uma interpretação tentativa dos seus atos e considerações oferecer-se-á em seguida. No xamanismo mexicano é comum encontrar que os diretores de alguns linajes falem da existência de dois níveis diferentes da realidade; um no qual a realidade quotidiana existe e outro no qual o xamã estabelece contacto com um mestre ou guia que ocupa o seu corpo e nesta situação serve-se dele para curar oferecer mensagens e guiar os seus discípulos.

Doña Pachita era um bom exemplo do anterior. Ela conduzia-se como uma mulher comum e corrente até que penetrava num estado característico durante o qual o seu corpo era ocupado e controlado pelo «espírito» de Cuauhtémoc o último imperador azteca.

«Ocupada» por Cuauhtémoc Doña Pachita era capaz de realizar façanhas milagrosas e extraordinárias de cura e de manejo da energia e da matéria.

Outros casos similares são os de Don Florencio de Morelos Doña Susana de Yucatán Don Iván Ramón de México etc. Todos eles mudam a sua personalidade quotidiana normal por outra depois de executar uma série de manobras que na maioria dos casos implicam sentar-se numa cadeira fechar os olhos e respirar profundamente até começar a vibrar os seus músculos com intensidade.

Todos os xamãs exceto Don Rodolfo de Veracruz afirmam que durante o trance o seu corpo é ocupado por outro espírito.

Don Rodolfo afirma que durante o trance não é um espírito alheio o que ocupa o corpo do xamã senão é o mesmo xamã noutra nível de si mesmo nível geralmente inacessível para a consciência quotidiana mas definitivamente mais próximo do próprio ser.

Esta interpretação coincide com a postura do renunciante típico da Índia que à força de não aceitar identificar-se com nenhum papel social estrutura ou acordo acaba vivendo-se como separado do seu próprio corpo com o qual tampouco aceita identificar-se. Este renunciante fala de si mesmo em terceira pessoa concedendo que a sua identidade corporal não é o seu verdadeiro eu. Assim ele mesmo encontra-se mais além dos seus condicionamentos história pessoal e apegos numa região de mismidade sem identificações totalmente livre de restrições e necessidades e independente das leis que prendem o resto dos mortais no interior de estruturas identificações concretas e dependências materiais.

Poderia pensar-se que o xamã que crê ser ocupado por outro espírito na realidade coloca-se no seu verdadeiro eu e assim liberado é capaz de realizar todo tipo de curas e ainda milagres.

No caso de Don Rufino e de outros xamãs maias a sua referência à existência de Don Máximo Ken poderia entender-se como um velado recordatório da verdadeira identidade do ser humano.

No linaje de Don Juan Matus de Sonora a esta identidade humana essencial chama-se-lhe a banda do homem e diz-se que um homem chega ao êxtase quando é capaz de interagir com essa banda.

A capacidade de Don Rufino de interagir com os «espíritos» doentes ou intrusos dos seus pacientes poderia interpretar-se em base à Teoria Sintérgica como uma capacidade do campo neuronal de Don Rufino de

focar-se nos campos neuronais dos seus pacientes e de modificar a sua morfologia à distância.

CONCLUSÕES

Se é correta a interpretação de que a personalidade alterna na qual se transforma o xamã é o seu verdadeiro eu não identificado com o seu corpo e história os linajes que estimulam e treinam os seus discípulos a penetrar em trance estão a estimular um verdadeiro desenvolvimento explicando-o mediante uma errônea interpretação.

Esta consideração merece maior investigação no futuro.

CAPÍTULO 12

ALGUMAS TÉCNICAS DE MEDITAÇÃO DOS PSICÓLOGOS AUTÓCTONES MEXICANOS

É possível considerar a existência de três níveis diferentes entre os psicólogos autóctones mexicanos. O nível mais evoluído entre eles é o do mestre o que sabe o que guia e treina outros psicólogos autóctones. A este nível poderíamos adjudicar-lhe o termo de xamã. O xamã é então o nível de máximo desenvolvimento ao qual chega a psicologia autóctone.

O seguinte nível é o do psicólogo autóctone que sem ser mestre possui um conhecimento suficiente como para que além de curar possa oferecer assessoria psicológica aos seus pacientes guiá-los para a resolução de problemas complexos e ajudar à manutenção da saúde mental da sua comunidade e também à prevenção de deterioros nesta mesma saúde mental. Por último o terceiro nível corresponde ao que poderia denominar-se curandeiro este dedica-se como o seu nome indica a curar a maior parte das vezes utilizando ervas ou alguma técnica específica como a associada com os movimentos de limpeza com ovo as vistas etc. O curandeiro embora possua certo conhecimento psicológico é um especialista em técnicas concretas.

De acordo com estas três categorias de xamã psicólogo autóctone e curandeiro podemos encontrar diferentes níveis de técnicas de cura e por suposto diferentes níveis de conceptualização. Em geral enquanto mais evoluído se encontra o psicólogo autóctone menos dependerá de técnicas e mais da sua intuição e de manejos energéticos diretos. Enquanto menos

evolução tenha o psicólogo autóctone maior será a sua dependência com respeito a técnicas que requeiram o uso de objetos ou substâncias específicas e menor será o seu uso de processos intuitivos e de manejos energéticos diretos.

Por outro lado também relacionada com o nível de evolução do psicólogo autóctone podemos encontrar a utilização de técnicas de meditação diferentes técnicas que são mais sofisticadas enquanto mais evoluído seja o xamã e menos sofisticadas enquanto menos desenvolvimento tenha. Com sofisticação não me refiro mais que à capacidade de estabelecer um contacto mais ou menos direto com o que poderíamos chamar o Ser do psicólogo autóctone ou a sua natureza verdadeira para utilizar um termo oriental.

Este capítulo tratará de descrever algumas das técnicas de meditação dos nossos psicólogos autóctones e a conceptualização subjacente ao seu uso. A descrição far-se-á individualizando as técnicas e personificando-as em psicólogos autóctones específicos e xamãs.

TÉCNICAS DE MEDITAÇÃO DE DON LUCIO DE MORELOS

Don Lucio considera que o seu poder como xamã provém do novo mundo invisível habitado pelos trabalhadores do tempo pelos rebanhos e pelos pastores.

As técnicas de meditação de Don Lucio estão ideadas precisamente para estabelecer um contacto com este mundo invisível e com os seus habitantes.

Uma das técnicas é o estabelecimento de um contacto com a natureza e a relaxação neste contacto.

Don Lucio escolhe algum paragem do campo preferivelmente livre de interferências sonoras e afastado de interações humanas e neste lugar por exemplo debaixo de uma árvore deita-se e relaxa deixando livre a sua mente sem obstruir os seus processos sem reprimi-los nem guiá-los. Nas suas palavras deixando livre ao seu espírito para que faça e realize os seus «negócios espirituais».

Outra das técnicas de meditação deste xamã consiste em prestar atenção a sons internos e escutar as mensagens dos trabalhadores do tempo que segundo Don Lucio comunicam-se com ele de forma direta.

TÉCNICAS DE MEDITAÇÃO DE DOÑA PACHITA

Doña Pachita uma das mais extraordinárias xamãs do México contemporâneo realizava verdadeiras façanhas de cura de manejo do espaço-tempo da energia e da matéria e dizia utilizar uma série de procedimentos que lhe permitiam realizar o seu trabalho. O procedimento principal de meditação de Doña Pachita consistia em sentar-se numa cadeira frente ao seu altar no quarto onde realizava as suas operações e curas e uma vez aí fechar os olhos respirar suavemente até lograr escutar um zumbido característico num dos seus ouvidos. Uma vez captado este zumbido o qual segundo Doña Pachita era a manifestação de um mudança de estado nela mesma atendia a este som interno até que sentia que caía numa espécie de grande orifício tras o qual mudava de estado.

Doña Pachita meditava sobre sensações sonoras características e depois deixava-se ir num ato que ela descrevia como de um salto no vazio ou de uma súbita descida numa roda da Fortuna depois do qual começava as suas operações quirúrgicas.

A técnica faz-me recordar um procedimento hindu de meditação chamado «shabd» no qual o meditador deve pôr atenção a um zumbido característico e seguir este zumbido um tempo relativamente longo.

TÉCNICAS DE MEDITAÇÃO DE DON PANCHITO

Don Panchito é um dos mais veteranos xamãs da República Mexicana é de origem maia e vive num pequeno povoado do centro da Península Yucateca.

Don Panchito utiliza pelo menos três técnicas de meditação. A primeira delas é uma observação atenta dos fenómenos naturais quotidianos. Refiro-me à observação do amanhecer do entardecer dos movimentos dos animais dos seus próprios processos internos das mudanças de luz dos movimentos da sua rede ao baloiçar-se nela etc. Don Panchito é capaz de manter a sua observação por horas seguidas atendendo aos mínimos detalhes da mesma.

A segunda técnica de meditação que utiliza Don Panchito é a observação atenta das estrelas nas noites. Durante aproximadamente quinze minutos ele escolhe alguma zona do firmamento estrelado e fixa a sua atenção nesta zona numa postura de relaxação deixando que penetre a

informação estelar no seu interior. Ato seguido Don Panchito adormece e de manhã recolhe os seus sonhos e através do conteúdo dos mesmos é como observa os seus próprios processos e é capaz de utilizar esta informação para oferecê-la a algum paciente. De facto a técnica de observação estelar com o subsequente análise dos conteúdos oníricos utiliza-a Don Panchito quando algum paciente vem consultá-lo e pede-lhe especificamente um ato de adivinhação do seu futuro.

A terceira técnica de meditação de Don Panchito consiste no que ele denomina falar diretamente com Deus. Desta técnica o único que posso mencionar é que Don Panchito faz ênfase em que o sujeito do desenvolvimento deve aprender a estabelecer um diálogo direto com Deus e manter este diálogo sem intermediários.

TÉCNICAS DE MEDITAÇÃO DE DON GAUDENCIO

Don Gaudencio é um descendente dos índios tepanecas e encontra-se num nível entre curandeiro e psicólogo autóctone.

Don Gaudencio utiliza duas técnicas de meditação que a diferença dos xamãs anteriores são técnicas ativas. A primeira destas técnicas é o que poderíamos denominar a técnica do passo do poder. Esta técnica utilizam-na os índios tepanecas para adquirir maior energia e poder e com ela interagir de forma mais adequada durante os seus processos curativos. A técnica consiste em caminhar com as pernas ligeiramente flexionadas o peito aberto e numa posição adiantada numa espécie de mimetismo do que poderia ser a caminhada de um gorila. Este passo do poder mantém-se durante um tempo considerável sem interrupção e segundo Gaudencio provoca um incremento energético notável no curandeiro.

A segunda técnica também de origem tepaneca consiste em girar lentamente a cabeça numa direção horizontal de esquerda e direita e logo de direita a esquerda. Os giros fazem-se apertando o queixo contra o peito durante o giro lento. Segundo Gaudencio os índios tepanecas chegam a manter esta técnica de meditação motora durante oito horas ininterruptas concentrando-se totalmente no giro lento produzindo desta maneira um incremento na capacidade de atenção e a focalização da mesma.

TÉCNICAS DE MEDITAÇÃO DE CARLOS CASTANEDA

Este xamã contemporâneo discípulo de Don Juan Matus de Sonora utiliza uma quantidade indeterminada de técnicas de meditação das quais só me é possível falar de uma delas. Esta técnica muito parecida à descrita anteriormente dos índios tepanecas consiste em girar lentamente a cabeça também de direita a esquerda e de esquerda a direita com uma adição; durante o movimento o curandeiro ou o psicólogo autóctone imagina cenas que envolvem outras pessoas com as quais teve interação e durante o giro e ao inalar recolhe os elementos da sua própria presença que sente haver deixado espalhados nas pessoas com as quais interagiu e durante a exalação devolve a estas mesmas pessoas os elementos energéticos que ele tomou delas.

A técnica permite recuperar a energia pessoal sem interferências nem cruzamentos com a energia de outras pessoas. Desde um ponto de vista psicanalítico poderia explicar-se esta técnica como a de uma recuperação dos processos transferenciais e contratransferenciais do xamã. Noutras palavras é uma técnica que permite elaborar as interações do passado e limpá-las de cargas energéticas e emocionais.

Neste sentido outra das técnicas de meditação que utiliza Carlos Castaneda consiste em percorrer a memória de forma sequenciada do momento presente para trás elaborando os processos de interação através desta inalação e exalação e giro da cabeça com o objeto de restabelecer o presente e apagar a história pessoal e a série de condicionamentos e associações que a matizam.

Uma das ideias e objetivos principais destas técnicas é o logro de um silêncio interno. Noutras palavras de um estado no qual não exista diálogo interno com o objeto de poder interagir com a realidade no presente e com total fluidez.

TÉCNICAS DE MEDITAÇÃO DE JUAN DIEGO

Juan Diego como vimos no capítulo 10 deste volume utiliza uma técnica de meditação muito interessante que consiste em sentar-se imóvel como primeiro ato da manhã depois de despertar e permanecer nesta posição durante duas horas permitindo que o seu ego se desvaneça pouco a pouco e no lugar dele o seu corpo se impregne da energia do meio

ambiente. Nas próprias palavras de Juan Diego a sua técnica consiste em permitir que a energia do «Ser» substitua a sua própria banhando-o dela totalmente.

Segundo este psicólogo autóctone desta forma adquire-se a suficiente força como para poder aliviar os males dos pacientes que vêm pedir-lhe auxílio.

TÉCNICAS DE MEDITAÇÃO DE DOÑA JOSEFINA DE OAXACA

Doña Josefina poderia considerar-se como uma xamã veterana que se dedica a curar na cidade de Oaxaca e que utiliza uma técnica de meditação extraordinariamente sofisticada que vou tentar descrever a continuação.

Doña Josefina afirma que pode permanecer consciente durante toda a noite observando os seus próprios processos e estimulando o que ela denomina viagens fora do seu corpo. Doña Josefina utiliza estas viagens para estabelecer contacto com os seus pacientes independentemente da distância a que estes se encontram e sobre tudo para viajar a um paragem que diz estar localizado no Japão e neste paragem estabelecer uma interação com os habitantes que segundo ela vivem lá.

Doña Josefina afirma que lhe basta visitar este lugar para readquirir força e poder trabalhar durante todo o dia nos seus processos terapêuticos sem necessidade de dormir durante as noites.

TÉCNICAS DE MEDITAÇÃO DE DON JUAN «EL CUATE» CHAGALA

Embora tenha sido extraordinariamente complicado entender a conceptualização do Cuate Chagala certamente pudemos detetar que este personagem parece haver apagado a sua história pessoal e a sua atitude mostra uma capacidade invejável para viver o momento presente sem interferências. Podemos considerar que as técnicas de meditação que utiliza este xamã estejam associadas à sua capacidade de vivência do presente em total fluidez. Pareceria que o Cuate Chagala não utiliza uma técnica específica de meditação alheia ao que é a sua vida quotidiana senão que se mantém num fluxo sem travas no presente e essa é a sua técnica de meditação.

CONCLUSÕES

Em conclusão revisámos alguns dos psicólogos autóctones mexicanos e descrevemos algumas das suas técnicas de meditação. É necessário aclarar que esta revisão não é de nenhuma maneira exaustiva nem tampouco poderia considerar-se que fizemos uma análise final ou total acerca das técnicas de meditação utilizadas pelos psicólogos autóctones. Mais bem esta foi uma revisão parcial que à medida que tenhamos maior informação poderá ser enriquecida em futuros trabalhos.

Por agora é possível afirmar que em geral os psicólogos autóctones utilizam duas grandes famílias de técnicas de meditação; por um lado o que poderia denominar-se técnicas ativas como o passo do poder como os movimentos giratórios da cabeça como a técnica que utilizam os índios yaquis de Sonora que consiste em girar os olhos fazendo círculos primeiro no sentido das agulhas do relógio e depois na direção contrária técnica que se utiliza para viver e manter-se no presente e por outro lado técnicas que não impliquem movimentos e por isso poderia denominar-se passivas como as que utiliza Don Panchito nas suas observações da natureza e na sua fixação da atenção nas estrelas.

Os níveis de complexidade das técnicas de meditação variam de psicólogo autóctone a psicólogo autóctone desde as muito concretas até às muito abstratas desde as que implicam movimentos específicos como no caso de Gaudencio até às que implicam o estabelecimento de um diálogo direto com Deus como no caso de Don Panchito.

CAPÍTULO 13

OS PROCEDIMENTOS DE LIMPEZA (LIMPIAS) NA PSICOLOGIA AUTÓCTONE MEXICANA

Praticamente em toda a República Mexicana existem comunidades e povoados que de alguma maneira ou outra se beneficiam com os tratamentos xamânicos. Uma das práticas terapêuticas mais estendidas que utilizam os psicólogos autóctones mexicanos são as chamadas limpias ou despojos.

Este procedimento tem como objetivo devolver aos pacientes um estado anímico positivo e de fluidez desalojando do seu corpo perturbações que alteram a psique.

Neste capítulo analisar-se-ão alguns procedimentos de limpeza utilizados em diferentes regiões da República Mexicana por xamãs reconhecidos pela sua trajetória veteranía e precisão.

TIPOS GERAIS DE LIMPIAS

É possível considerar que em geral existem dois tipos principais de procedimento de desalojo utilizados pelos xamãs mexicanos; por um lado o que poderia denominar-se limpeza externa e por outro os desalojos internos.

O primeiro tipo de procedimento refere-se ao uso de técnicas de limpeza que são aplicadas na parte externa do corpo. O segundo tipo refere-se sobre tudo a técnicas que implicam a ingestão ou a manipulação de processos que ocorrem no interior do corpo.

PROCEDIMENTOS EXTERNOS DE DESALOJO

Existe uma grande quantidade de procedimentos utilizados pelos xamãs que caem dentro da categoria de limpias externas. Uma lista tentativa e de nenhuma maneira completa destes procedimentos é a seguinte:

1. Limpias com ovo.
2. Limpias com bálsamo.
3. Utilização externa de substâncias.
4. Utilização de palma.
5. Utilização de galos.

6. Limpia com limões.
7. Desalojos com fumo.
8. Aspirações.
9. Colocação de mãos.

Um análise breve de cada um destes tipos far-se-á a continuação explicando em cada caso os xamãs explorados que utilizam cada uma destas técnicas.

1. **Ovo.** Estes são usados extensamente no xamanismo mexicano para realizar limpias. Os xamãs dizem que os ovos têm uma grande capacidade de absorção de elementos negativos que rodeiam o paciente e inclusive que se encontram no interior do seu corpo.

A técnica mais estandardizada do uso de ovos consiste em proporcionar um ou dois ovos ao paciente pedindo-lhe que os sustente com as suas mãos e depois solicitando-lhe que os entregue ao xamã que os utiliza para esfregar todo o corpo do paciente desde a cabeça até aos pés.

Os xamãs e psicólogos autóctones utilizam os ovos de uma forma extraordinariamente similar apesar de se encontrarem em regiões geográficas totalmente distintas e muitos deles não se conhecerem entre si.

Assim por exemplo Doña Licha de Puebla utiliza um procedimento muito similar ao que utiliza Don Lucio de Morelos ou Don Juan Chagala de Santiago Tuxtla. Todos eles depois de realizar a limpia analisam o interior dos ovos para lograr um diagnóstico do estado espiritual do paciente através do que se denomina uma «vista». Esta embora não seja um procedimento específico de limpeza consiste em verter cada um dos ovos em copos com água e observar a formação de véus películas bolhas etc deixados pela gema e a clara e interpretar estas formações dando um diagnóstico do estado do paciente.

2. **Bálsamo.** Doña Pachita da Cidade do México utilizava o bálsamo quando os pacientes vinham vê-la como procedimento usual de limpeza. Um uso muito similar observou-se nas técnicas de Don Lucio Campos de Doña Licha e de Don Juan Chagala. Este último xamã ingere uma quantidade considerável de um líquido verde claro feito com ervas medicinais e depois cospe este líquido nas costas ombros braços peito e cara do paciente untando a mistura com um ramo de ervas medicinais. Os demais xamãs utilizam o

bálsamo untando-o nos seus pacientes depois de vertê-lo nas suas próprias mãos.

3. **Utilização de substâncias químicas.** Um procedimento de limpeza que usa Don Lucio de Morelos consiste em untar um pó branquecino que obtém da Costa de Guerrero na testa dos seus pacientes. Um processo similar era usado por Doña María Sabina de Huautla que antes de um viagem de cogumelos costumava untar um pó negruzco nos antebraços das suas gentes chamado pichiate.

4. **Uso da palma.** É uma técnica comum entre alguns xamãs a utilização de palmas tecidas por eles mesmos para afastar o que eles chamam espíritos negativos que rodeiam os seus pacientes. Don Lucio por exemplo utiliza uma palma que faz golpear nos costados e as costas dos seus pacientes para deixá-los limpos e assim poder seguir algum tratamento interno.

5. **Uso de galo.** O mesmo Don Lucio em processos mais sofisticados de desalojo utiliza um galo que tomado das suas patas é zarandeado ao redor do corpo do paciente inclusive esfregando-lhe a epiderme. Este procedimento segundo Don Lucio é extraordinariamente efetivo porque o galo «absorve» o negativo do paciente. Em casos extremos depois desta operação de fricção entre o galo e o corpo do paciente o galo é enterrado vivo num buraco feito ex professo com a ideia de que desta maneira resguarde o paciente de futuros eventos negativos.

6. **Uso de limões.** Doña Licha recomenda que o corpo dos pacientes se esfregue com dois limões aos quais previamente se fez uma cruz com um faca permitindo assim que o sumo saia do interior do mesmo. Doña Licha recomenda esfregar estes limões em todo o corpo do paciente durante três dias consecutivos para assim evitar invejas e problemas de negatividade à distância.

7. **Uso de fumo.** É muito comum entre os xamãs a utilização de ervas que se queimam com o objeto de produzir fumos que são soprados ao redor do corpo dos pacientes ou com os quais se enchem casas habitação com o objeto de desalojar as más influências.

8. **Aspiração.** Outro procedimento de limpeza é o que usa Don Panchito de Yucatán ao saudar os seus pacientes. Este procedimento consiste em que Don Panchito aspira com o seu nariz

do lado direito primeiro e logo do esquerdo da cabeça dos seus pacientes ao saudá-los. Procedimentos de aspiração mais sofisticados parecem ser utilizados por outros xamãs com o objeto de extrair aspirando do interior do corpo danado os processos negativos que este absorveu.

9. **Colocação de mãos.** Por último um dos processos mais comuns que logramos estudar é o que consiste em que o xamã coloca as suas mãos sobre diferentes partes do corpo dos seus pacientes absorvendo através delas a negatividade que os corpos contêm ou colocando-as no exterior dos mesmos corpos tratando de equilibrar os seus campos energéticos. Uma das pessoas que mais usa esta técnica é Doña Licha que confessa que «algo» lhe diz onde colocar as suas mãos com o objeto de curar dores sem que ela possa definir de onde provêm as ordens para realizar o anterior.

PROCEDIMENTOS INTERNOS

Os procedimentos de limpeza da categoria interna utilizam-se para remover aspetos patológicos que o corpo do paciente internalizou.

Uma lista tentativa de algumas destas técnicas de desalojo poderia ser a seguinte:

1. Ingestão de medicamentos e ervas.
2. Operações quirúrgicas.
3. Operações psíquicas.
4. Utilização de alucinógenos.

As técnicas internas são muito mais sofisticadas e poderosas que as técnicas externas e utilizam-se unicamente quando estas últimas não puderam resolver a situação patológica. Uma descrição breve destas técnicas é a seguinte:

1. **Ingestão de medicamentos.** Don Lucio de Morelos costuma fazer ingerir aos seus pacientes um copo cheio de óleo de cozinha no qual verteu uma série de ervas que segundo ele produzem uma limpeza interior do corpo. Segundo Don Lucio quando alguém tem um dano interno que não pode ser removido de nenhuma outra maneira a ingestão da sua toma de óleo com ervas é a mais poderosa e efetiva forma de fazer desalojar este dano. A ingestão provoca diarreia e vômito o que é interpretado pelo xamã como positivo pois

indica que a substância ativou os processos de eliminação dos danos do paciente.

Doña Pachita também utilizava a ingestão de ervas e manufaturava um vinho medicinal que segundo ela poderia manter livre de envelhecimento o corpo dos seus pacientes.

Don Juan Chagala também utiliza um vinho medicinal de sabor e com textura similar ao que utilizava Doña Pachita com um objeto similar.

2. **Operações.** Não existe talvez procedimento de limpeza interna mais extraordinário que as operações quirúrgicas que realizava Doña Pachita no interior do corpo. Estas operações eram realizadas utilizando um faca de monte no qual não sempre havia assepsia e sem que o paciente tivesse a necessidade de tomar anestésicos. O faca era internado em diferentes porções do corpo dos pacientes com o objeto de extrair danos processos patológicos tumores etc que os pacientes haviam adquirido.

Utilizando este procedimento quirúrgico Doña Pachita era capaz de realizar transplantes de órgãos de extrair úlceras e tumores cancerosos e de modificar a atividade de diferentes órgãos internos.

Outro dos procedimentos quirúrgicos que Doña Pachita utilizava era abrir o corpo com o objeto de extrair úlceras e tumores cancerosos e de modificar a atividade de diferentes órgãos internos e outras vezes com o objeto de extrair do mesmo alterações provocadas por bruxaria e feitiçaria. Para isto ela utilizava o seu faca de monte com o qual abria uma incisão e depois com o mesmo faca ou com as suas mãos extraía o que se denomina danos materializados.

3. **Operações psíquicas.** Doña Josefina de Oaxaca diz ser capaz de realizar operações tanto ou mais sofisticadas que as que realizava Doña Pachita mas sem a necessidade do uso de instrumentos quirúrgicos senão unicamente do manejo da sua mente como instrumento de trabalho para fazer transplantes de órgãos curas de alterações importantes no coração nos pulmões e no cérebro dos pacientes e em qualquer outro dos seus órgãos internos. Estas operações psíquicas Doña Josefina realiza-as de noite quando logra sair do seu corpo e viaja psiquicamente para o lugar onde se encontra um paciente para introduzir-se nele e realizar os seus trabalhos quirúrgicos.

4. **Utilização de alucinógenos.** É já muito conhecida a técnica de ingestão de cogumelos alucinógenos com os quais trabalhava Doña Marta Sabina de Huautla. Para ser detalhada aqui basta dizer que nesta técnica o xamã ou xamã fazem ingerir aos seus pacientes plantas ou substâncias que produzem estados alucinógenos e aproveitam estes estados para realizar limpiezas profundas tanto no exterior como no interior do corpo dos pacientes.

TRADIÇÃO HUMANISTA E OS PROCEDIMENTOS DE LIMPEZA DO XAMANISMO MEXICANO

Resulta interessante fazer uma comparação entre diferentes tradições e a psicologia autóctone mexicana. Neste sentido a tradição representada pelo humanismo especificamente o que se conhece como psicologia humanista tem similitudes notáveis com a psicologia autóctone mexicana.

Ambas tradições têm como base do seu pensamento a consideração de que o ser humano é bom por natureza e que no seu processo de vida em ocasiões rodeia-se de obstáculos ou bloqueios que impedem que essa natureza bondosa surja se manifeste e se viva pela consciência.

Precisamente é a consideração anterior a que se encontra como base dos procedimentos de limpeza. Nestes como já mencionei realizam-se uma série de técnicas dirigidas ao desbloqueio à extração ou desalojo de fatores adversos ao desenvolvimento. O xamã mexicano ao fazer uma limpeza está baseando-se subtextualmente na ideia de que basta tirar o que obstrui; isto é basta limpar para que surja a natureza positiva.

Considerações similares expressaram-nas diversos psicólogos humanistas entre eles Abraham Maslow que consideram que o ser humano tem uma natureza bondosa e positiva e que o logro do contacto com esta natureza realiza-se depois de um processo de desenvolvimento que implica sobre tudo uma limpeza.

A PSICOLOGIA AUTÓCTONE MEXICANA E A PSICOLOGIA TRANSPESSOAL

Resulta também interessante estabelecer uma comparação entre estas duas tradições de pensamento que oferecem similitudes notáveis.

Para a psicologia transpessoal existe um nível de funcionamento psicológico que transcende o eu pessoal e a consciência individual. Este nível de processamento é o que traz consigo o maior desenvolvimento e o que se associa com o que se denominou experiências cume de iluminação ou de êxtase que consistem num contacto entre a consciência individual e a consciência transpessoal.

Na psicologia autóctone mexicana pode entrever-se uma série de considerações inteiramente similares às que sustenta a psicologia transpessoal no sentido de que o xamã considera que o homem alcança um desenvolvimento ótimo quando logra estabelecer um contacto direto com Deus. Esta consideração faz-na por exemplo Don Panchito de Yucatán e Don Juan Chagala. Ambos xamãs são talvez os psicólogos autóctones de maior idade que detetámos e por isso de maior veteranía e experiência. Ambos bem poderiam considerar-se autênticos psicólogos transpessoais no sentido em que descrevi esta tradição. Estes xamãs como também outros consideram que o contacto transpessoal com a divindade produz-se depois de uma limpeza que permite que o ser humano possa fluir nesse contacto que se encontra mais além da mente lógica.

Precisamente os procedimentos de limpia que mencionei estão desenhados como para permitir o logro desta fluidez e a manutenção do contacto transpessoal.

O PONTO REFERENCIAL DO XAMANISMO MEXICANO

É indubitável que nos procedimentos xamânicos de limpia existe sempre um ponto de referência que o xamã utiliza com o objeto de estabelecer a maior ou menor proximidade do paciente que o vem consultar com o estado ideal ou ótimo de funcionamento humano.

O xamã vive este ponto de referência como um parâmetro absoluto a partir do qual se pode diagnosticar e fazer considerações acerca do estado de saúde dos seus pacientes.

A este ponto de referência eu chamei-lhe «experiência xamânica» e consiste de várias características que bem poderiam resumir-se como um contacto que o psicólogo autóctone estabelece com o Eu como a base ou fundamento da identidade da consciência.

O xamã é mais poderoso enquanto maior seja a sua capacidade de manter este contacto com a experiência xamânica de não perder este

contacto sob nenhuma circunstância e de poder transmitir algum ou todos os componentes deste contacto aos seus pacientes.

Quando um psicólogo autóctone verdadeiro e veterano logra manter a experiência xamânica em si mesmo e utiliza-a como ponto de referência é capaz de detetar até onde uma pessoa que o vem visitar está afastada deste ponto de referência absoluto da saúde mental.

Precisamente utiliza os processos de limpia para restabelecer o contacto com a experiência xamânica a qual segundo o psicólogo autóctone encontra-se na base da natureza humana. É muito possível que o nível de conceptualização do xamã não seja suficiente como para explicar a sua própria experiência e os pontos de referência que utiliza nas suas curas. Contudo para um observador sensível é claro que o verdadeiro xamã está situado na experiência xamânica e utiliza-a como ponto referencial em todos os seus trabalhos.

Neste sentido é notável a sensação que produz estar em contacto com um autêntico xamã. É como se a pessoa que tem o privilégio deste contacto recordasse nele as bases da sua verdadeira identidade como ser humano. É por assim dizer como restabelecer-se na verdadeira natureza essencial e recordar esta natureza como o fundamento da própria identidade.

CONSIDERAÇÕES PSICOFISIOLÓGICAS

Posto que os procedimentos de limpia xamânica provocam um mudança no estado da consciência dos sujeitos que se submetem a eles é importante pensar quais poderiam ser as bases fisiológicas destes mudanças. Se nos atemos a uma das teorias xamânicas acerca da origem da experiência teoria apresentada por Carlos Castaneda a partir dos ensinamentos do seu mestre Don Juan Matus poderíamos dizer que o que faz o xamã ao realizar uma limpia é mudar a posição do ponto de encaixe do paciente logrando desta forma que se alinhem bandas de emanções diferentes e mais satisfatórias que as que o paciente tinha alinhadas ao visitar o xamã. Obviamente postular que o xamã logra mudar a posição do ponto de encaixe do seu paciente implica reconhecer que o psicólogo autóctone tem o poder e os meios suficientes como para alterar uma das medidas e um dos moduladores mais importantes responsáveis dos estados de consciência.

Desde um ponto de vista psicofisiológico o que poderíamos dizer é que o cérebro do xamã cria um campo neuronal da suficiente fixidez e

força como para ao interagir com o campo neuronal dos seus pacientes modificar a morfologia energética deste último transformando assim a experiência consciente do sujeito que se submete ao procedimento de limpeza.

Esta última hipótese explicaria por que alguns xamãs consideram como suficiente colocar as mãos sobre a cabeça ou outras partes do corpo dos pacientes para efetuar a limpeza desejada. Poderia dizer-se que o xamã ao interagir diretamente com o corpo do paciente logra modificar o equilíbrio energético do mesmo e assim provoca uma melhoria notável no seu estado anímico.

Posto que existem diferentes e muito variados níveis de limpeza e também diferentes graus de intervenção energética do xamã poderia postular-se que as alterações que o campo neuronal do xamã exerce sobre o campo neuronal do paciente tem também diferentes graus dependendo de fatores da atividade cerebral eletroencefalográfica e sobre tudo a sua capacidade para penetrar e alterar o campo quântico. Poderia postular-se que enquanto mais veteranía possua um xamã a sua capacidade de alterar a organização do espaço-tempo incrementa-se e com isto também incrementa a sua capacidade de afetar em qualquer sentido a atividade cerebral e o funcionamento consciente dos pacientes.

Obviamente explicações como a anterior deixam muito que desejar e o teórico deve ser humilde na sua consideração acerca do que pode explicar qualquer teoria sobre tudo quando se recorda que xamãs tais como Doña Pachita eram capazes de materializar ou desmaterializar objetos transplantar órgãos e realizar milagres quirúrgicos tais como a substituição de porções da córtex cerebral em pacientes. Contudo enquanto não obtivermos uma opção teórica mais adequada a hipótese que sustenta a existência de uma interação entre campos neuronais e entre esta e a organização básica do espaço-tempo é adequada para iniciar a explicação da experiência xamânica e dos seus correlativos e sequências condutuais e psicológicas.

CONCLUSÕES

Em conclusão o xamanismo mexicano utiliza um conjunto enorme de técnicas ideadas para melhorar as características psíquicas dos pacientes que acodem aos psicólogos autóctones mexicanos e com as quais os xamãs exercem uma labuta de desbloqueio e limpeza de conteúdos corporais psíquicos e energéticos.

A fundamentação dos processos de limpeza é muito similar à fundamentação da psicologia humanista contemporânea a que afirma que na sua essência e base o ser humano é bondoso puro e capaz de desenvolver-se e o que obstrui este desenvolvimento são bloqueios e inibições que precisamente o xamã trata de romper mediante a utilização dos procedimentos de limpeza mencionados neste capítulo.

CAPÍTULO 14

DON AGUSTÍN DE SAN JUAN COPALA

Na Mixteca oaxaqueña a cidade de San Juan Copala fungiu como centro cerimonial para os indígenas triques da região.

Os triques são uma etnia cujas mulheres de belíssimas feições e os seus homens musculosos e gallardos fortaleceram-se ao ter de sobreviver nas difíceis condições da Mixteca Alta de Oaxaca.

Um dos mais respeitados curandeiros do povo trique é Don Agustín que vive em San Juan Copala. San Juan Copala é um povoado pitoresco da serra de Oaxaca onde os seus habitantes dedicam-se ao cultivo da terra e à criação de belíssimas telas e vestidos utilizando diferentes tipos de teares sobre tudo os de cintura.

DON AGUSTÍN

Don Agustín é um ancião curandeiro muito respeitado e querido pela comunidade trique. A sua iniciação ocorreu como resultado de um trance de morte. Quando era jovem Don Agustín sofreu um acidente no qual fraturou uma perna e perdeu a consciência de vigília. Durante este trance de morte Don Agustín ouviu a voz de Deus que lhe entregou três livros contendo informação precisa acerca das artes curativas.

Segundo Don Agustín ao mesmo tempo que ouvia a voz de Deus dedicou-se a ler os três livros até que faltando-lhe duas folhas para terminar o terceiro recuperou a consciência quotidiana. A partir desse momento Don Agustín dedicou-se a curar porque a voz de Deus assim lho ordenara.

O FOGO E O COPAL

Nos livros que leu Don Agustín durante o seu trance e nas instruções da voz de Deus ensinou-se-lhe a ler o fogo e a utilizar o copal para realizar diagnósticos.

Quando um paciente vai buscá-lo Don Agustín acende uma vela e de acordo com a direção da chama e as faíscas que surgem do pavio sabe a origem da doença e a sua cura.

Segundo Don Agustín o espírito pode assustar-se ao enfrentar-se a condições extremas. Quando isto sucede é necessário saber a localização e a direção exata do sucedido para lançar o copal nessa direção e assim recuperar o espírito assustado.

As chamas das velas indicam a Don Agustín diferentes detalhes da doença dos seus pacientes. Dependendo da coloração a altura e as faíscas que surgem delas Don Agustín não somente pode diagnosticar a doença senão também prever o seu futuro desenlace e saber quanto tempo lhe resta de vida ao seu paciente e quando morrerá.

A leitura do fogo das velas realiza-a na igreja do povoado por ser um procedimento sacro e da maior delicadeza.

A LEITURA DA MÃO

Uma semana antes de conhecer Don Agustín o autor sofrera um acidente automobilístico. Don Agustín aceitou a utilizar as suas faculdades de vidência para conhecer as razões do acidente. Para isso Don Agustín e o autor sentaram-se um ao lado do outro. O ancião colocou os seus dedos da mão esquerda em contacto com a testa do autor e concentrou-se enquanto repetia umas orações. Logo retirou a mão e colocou-a em alto como esperando receber uma mensagem do céu enquanto se concentrava profundamente franzindo o sobrolho e olhando fixamente para a frente embora na realidade via para dentro de si mesmo. Logo abriu a sua mão e observou-a com atenção fazendo caretas de assentimento e emitindo sons como se o que via na sua palma lhe confirmasse algo.

A sequência de tocar a testa levantar a mão e depois observar as suas linhas repetiu-se várias vezes até que Don Agustín pareceu chegar a uma conclusão a qual verbalizou em trique que foi traduzido para o autor.

Reproduzirei a continuação o diagnóstico de Don Agustín por considerar que nele se manifesta muito da sua cosmovisão e a sua tecnologia xamânica.

«No caminho onde andavas havia muitas almas que desejavam que as acompanhasses. Essa foi a razão do teu acidente. A onde caíste estavam elas e tentaram desprender a tua alma do teu corpo. Tu assustaste-te e isso permitiu-lhes aproximar-se; foste-te abaixo mas depois levantaste-te alto e isso afastou-as. Por isso já não te sucederá nada; viverás longo tempo.»

Ao perguntar-lhe como decodificava os sinais da sua mão Don Agustín assinalou a sua palma mostrando várias cruces e dizendo que Deus é o que faz tudo; que os seres humanos não decidimos nem o nosso próprio nascimento este vem de uma mamã e papá que são os que decidem. Da mesma forma Deus é quem decidiu dar-lhe a capacidade de «ver» utilizando a sua mão.

Don Agustín assinalou várias linhas do seu dedo mindinho dizendo que ali estava a mensagem acerca de quanto «baixara» durante o acidente e quanto «subira» ao recuperar-me.

A PRESENÇA DE DON AGUSTÍN

De cabelo completamente branco de barba cana e olhar penetrante Don Agustín ri à menor provocação e toda a sua pessoa irradia uma sensação de paz e inocência contagiosa que faz deliciosa a sua presença e contacto.

Parece estar completamente em paz consigo mesmo e a sensação que provoca a sua proximidade é a de ternura e confiança. Devido ao seu acidente coxeia e caminha ajudado de um bastão que lhe dá uma aparência profética.

Vive numa casa de madeira numa pequena lomba nas afueras de San Juan Copala desde a qual se alcança a ver o povoado desde as alturas numa vista magnífica emoldurada pelas montanhas e na qual a cor verde da cúpula da igreja e os telhados avermelhados das telhas das casas dão a impressão de pinceladas de um quadro pitoresco.

A mulher de Don Agustín também cura e é uma anciã como o seu cônjuge. Vivem juntos com a sua família.

O ENFOQUE DA SEGUNDA ATENÇÃO

O «ver» de Don Agustín as linhas da sua mão e olhar para dentro como esperando respostas e mensagens pode considerar-se como um procedimento de enfoque da sua segunda atenção e uma ativação da «Voz del Ver» (o VI volume desta série está dedicado a explicar a «Voz del Ver»).

A sensação do autor durante o procedimento era a de que Don Agustín estava a penetrar na sua mente para indagar nas suas profundidades e assim obter resposta à pergunta acerca do acidente.

Esta indagação de acordo com a Teoria Sintérgica poderia explicar-se como o produto de uma decodificação do campo neuronal do autor por parte do de Don Agustín e um enfoque preciso do seu fator de direcionalidade nos componentes do hipercampo com conteúdos associados às memórias do acidente.

Por suposto que o anterior é somente uma hipótese limitada e não toma em conta outras possibilidades como poderiam ser as derivadas de uma comunicação direta com outros níveis da Realidade.

Seja o que for em recentes investigações de laboratório (ver o V volume desta série) demonstrámos que os padrões de correlação inter-hemisférica de dois cérebros fazem-se similares durante a comunicação direta fundamentando assim a possibilidade de que Don Agustín seja capaz de decodificar os conteúdos da experiência dos seus pacientes sem necessidade de verbalizações e unicamente concentrando-se depois de estabelecer um contacto físico específico com eles (tocar a testa com os seus dedos).

Por outro lado o procedimento de leitura de chamás também poderia entender-se como um enfoque da segunda atenção utilizando um instrumento de alta sintergia como o fogo capaz de ajudá-lo a realizar uma decodificação precisa do hipercampo e do campo neuronal do seu paciente.

A CERIMÓNIA DE LIMPEZA

O procedimento de cura ou limpia que utiliza Don Agustín realiza-o na igreja do povoado e consiste numa série de atos complexos que se iniciam com a bênção da vela o seu fricção na testa o peito e as articulações (cotovelos e joelhos) do paciente pedindo ao mesmo tempo a Deus para que a chama que depois se acenderá dê indicações precisas.

Ao paciente entrega-se-lhe um pequeno ramo de flores que deverá colocar debaixo do seu colchão. Logo Don Agustín sobe ao altar da igreja acompanhado do paciente e ali acende a vela observando com sumo cuidado a chama e as suas características.

Quando Don Agustín deteta que o espírito do seu paciente foi assustado utiliza copal e aguardente para realizar uma limpia corporal. Nesta esfrega o peito a testa as costas e os joelhos do paciente com aguardente e depois cospe o mesmo nas partes antes mencionadas. Mais tarde remolha o copal em aguardente e lança-o nas quatro direções enfatizando aquela na qual ocorreu o percalço. Também esfrega o corpo com ervas.

A limpia realiza-a no átrio da igreja frente a toda a comunidade que se encontre ali com a maior naturalidade. As crianças do povoado observam toda a cerimónia e de vez em quando perguntam a Don Agustín que lhes responde no meio de risos ou numa seriedade acomodada e solene.

Os trique parecem respeitar estas cerimónias e os procedimentos são aprendidos pelas crianças numa bela relação didática cuja característica mais agradável é a sua naturalidade.

As crianças dizem que Don Agustín fala com Deus quando ao ver a chama da vela recita as suas orações e este assente alegremente afirmando que isso é o que precisamente faz.

CAPÍTULO 15

OS REZADORES DO ESTADO DE GUERRERO

O hemisfério cerebral direito do homem percebe como realidade o que o hemisfério esquerdo não é capaz de verbalizar. Esta capacidade de percepção acontece normalmente durante o sono paradoxal (sono MOR) posto que nesse estado existe uma desinibição da atividade cortical (Corsi-Cabrera et al. 1975).

Não parece existir um limite para a percepção e esta pode ser treinada através de procedimentos xamânicos especiais (Castaneda 1984). No Oriente a utilização de técnicas de meditação produz resultados similares (Grinberg-Zylberbaum 1987). Os rezadores do estado de Guerrero utilizam o rezo a oração e os conteúdos oníricos para incrementar a sua capacidade perceptual e assim fazer acessível à sua consciência níveis de realidade normalmente vedados.

Neste capítulo discutirei a cosmovisão destes xamãs algumas das suas técnicas e os resultados que obtêm através do seu uso.

GENEALOGIA

Segundo os rezadores do Estado de Guerrero as suas técnicas foram-lhes legadas pelos seus antepassados numa ininterrupta genealogia que se remonta a épocas pré-hispânicas. De pais a filhos e de avós a netos transmitiram-se-lhes os procedimentos que a continuação descrevo.

COSMOVISÃO

Os rezadores dedicam-se a curar doenças utilizando a ajuda de «espíritos perdidos no espaço». Segundo eles quando uma pessoa morre de forma accidental ou como produto de uma briga ou uma catástrofe natural o

seu «espírito» não abandona a terra senão que permanece ligado a ela sem escapatória e sem encontrar um caminho de desenvolvimento que lhe permita abandonar o seu estado «errante». Alguns casos de doenças devem-se às ações destes «espíritos errantes» sobre a mente e o corpo de pessoas débeis às quais martirizam. Os «espíritos perdidos» estão ávidos de satisfatores sensoriais aos quais estavam acostumados em vida e o rezador aproveita-se desta necessidade para efetuar um trato com eles a troca da saúde dos seus doentes.

Em lugares especiais realiza-se uma cerimónia na qual apresenta e oferece tabaco chocolate pão doce elotes aguardente sacrifica galinhas ou cabritos acende velas zahena com copal e sobre tudo reza. A troca desta oferenda o rezador pede-lhes aos «espíritos» deixar de martirizar a sua vítima e ajudá-lo a saná-la. Em alguns casos esta ajuda solicita-se para outros doentes desligados dos «espíritos». É fé do rezador que de serem atendidas as suas súplicas e aceites as suas oferendas os «espíritos» colaborarão com ele e sanarão o doente. O rezador considera o poder dos espíritos como maior que o seu próprio e suficiente como para sanar qualquer doença.

OS SONHOS

Os «espíritos» podem ou não aceder ao pedido do rezador. Que o façam depende de se as oferendas que se lhes deram foram do seu agrado e da sinceridade e poder pessoal do rezador. Segundo os rezadores as oferendas devem fazer-se no cruzamento de dois rios na montanha junto a uma cruz ou em lugares especiais nos quais ocultam ídolos construídos pelos seus antepassados pré-hispânicos.

Durante a cerimónia de oferenda o rezador reconhece a chegada dos espíritos.

Este reconhecimento manifesta-se com uma sensação de temor escalofríos e contacto corporal desagradável. A noite depois da oferenda o rezador atende com sumo cuidado o conteúdo dos seus sonhos. Se neles sonha que o doente sanará ou recebe ajuda em alguma travessia interpreta-o como sinal de que os espíritos aceitaram a sua oferenda e iniciaram a labuta de cura. Se sonha com uma briga uma morte ou acidente interpreta-o como sinal de que a sua oferenda não foi aceite e premonição de agravamento ou morte do seu doente. Em ocasiões os «espíritos» adonam-se do rezador e

este deve ir solicitar o auxílio de um rezador mais poderoso que ele com o objeto de que este último faça uma oferenda reze e o liberte.

Estas práticas são comuns entre os rezadores da Serra de Guerrero embora existam povoados nos quais são mais utilizadas como San Lucas onde vivem uma grande quantidade de rezadores. Existem variações nas práticas um extremo das quais é o que utiliza um rezador ancião da tribo dos Amuzgos da Costa Chica de Guerrero.

A LEITURA DO GIRO DA TESOURA

Este rezador utiliza uma pequena cesta de palha e umas tesouras para comunicar-se com os «espíritos». Este rezador senta-se frente ao seu doente e inicia o seu trabalho pedindo a Deus ajuda. Logo toma o braço direito do paciente e ao tato coloca os seus dedos sobre a sua boneca com o objeto de palpar o seu pulso. Segundo ele o pulso «platica-lhe» acerca da doença as suas causas e efeitos e Deus «platica-lhe» acerca dos remédios que deve utilizar no tratamento. Neste «diálogo» o rezador continuamente pede ajuda e atende as respostas de Deus e as do sangue. Ao terminar de pulsar o rezador Amuzgo sopra dirigindo o ar para o braço do seu paciente subindo desde a boneca até ao ombro e a cara. O rezador afirma que este procedimento «limpa» o doente. Depois verifica o seu diagnóstico.

Extraí de um pequeno bolso umas tesouras velhas e enferrujadas e uma diminuta cestinha de vime. Logo coloca as tesouras abertas em forma de cruz sobre a parte posterior da cesta e volta a rezar dirigindo toda a sua atenção para o seu instrumento de trabalho. De vez em quando toma a cesta com as tesouras e sopra em ambas «limpando-as».

Mais tarde encaixa um dos filos das tesouras na cesta e com os dedos médios de ambas as mãos sustenta os anéis das tesouras. Desta forma logra construir uma espécie de pêndulo capaz de girar para a esquerda ou a direita apoiado nos seus dedos. Reza ao seu pêndulo e faz-lhe perguntas. Quando estas são respondidas afirmativamente o pêndulo sofre um súbito giro para a esquerda perdendo inclusive o seu apoio. Quando em troca a resposta é negativa o pêndulo mantém-se imóvel. O rezador efetua uma «limpeza» do seu instrumento soprando no término de cada pergunta e reza-lhe no início da seguinte. Estabelece um diálogo com o seu paciente no qual retroalimenta-o explicando-lhe as respostas que obteve e pedindo-lhe dados que completem o diagnóstico.

AS ERVAS E AS MASSAGENS

Embora a sua especialidade sejam os rezos e os procedimentos de contactação com os «espíritos» junto com as oferendas e os sonhos alguns rezadores também se auxiliam de ervas que fazem ingerir em forma de infusões aos seus doentes e de massagens ou «sobadas». Nestes últimos procedimentos o rezador localiza a zona corporal afetada e aplica os seus dedos nela intentando desvanecer as «bolas» que nela se encontram. Os sonhadores expertos afirmam ser capazes de desfazer estas «bolas» e com isso aliviar o sofrimento dos seus doentes.

CONCLUSÕES

Os rezadores do Estado de Guerrero praticam um sistema terapêutico que parece haver sido originado há séculos presumivelmente em épocas pré-hispânicas. Através de um treino especial lograram desenvolver as suas habilidades perceptuais e oníricas de forma extraordinária.

A sua cosmovisão está baseada na consideração da existência de seres espirituais com os quais se comunicam e estabelecem alianças.

Embora não existam estudos fisiológicos da sua atividade cerebral possivelmente desenvolveram uma capacidade para decodificar a atividade do seu hemisfério direito num grau desconhecido para a ciência.

Similares conclusões desprendem-se de estudos de xamãs do Estado de Morelos e outras partes do México (ver outros volumes nesta série).

REFERÊNCIAS

Castaneda C. 1984. O Fogo Interno Edivisión. México.

Corsi-Cabrera M. Grinberg-Zylberbaum J. y Arditti L.S. 1975.

Caudate nucleus lesion selectivity increases paradoxical sleep episodes in the rat. Physiology and Behavior. Vol. 14.

Grinberg-Zylberbaurn J. 1987. Meditação Autoalusiva. INPEC. México.

APÊNDICE A

RELATORIA DO PRIMEIRO ENCONTRO DE MÉDICOS TRADICIONAIS DA ALTA SERRA TARAHUMARA CENTRO COORDENADOR INDIGENISTA DA TARAHUMARA GUACHOCHI CHIHUAHUA Do 20 ao 22 de novembro de 1987

A continuação reproduzem-se extractos da relatoria do primeiro encontro de médicos tradicionais da Alta Serra Tarahumara organizado pelo Centro Coordenador Indigenista da Tarahumara do Instituto Nacional Indigenista com o fim de que os médicos tradicionais da zona se reunissem para dialogar e analisar diferentes pontos relacionados com o seu trabalho de cura.

Sexta-feira 20 de novembro

APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Mariano Ventura: «Tenho 55 anos e venho da comunidade de Ohuivo. Aproximadamente levo cinco anos como ogüiruame. A minha avozinha foi a que me transmitiu os conhecimentos que agora tenho por se ela falecesse. Curo principalmente a crianças com tesgüino ervas e medicina. Recebo pelos meus serviços certa quantidade de dinheiro.»

Teresa Martínez: «Sou da comunidade de Ohuivo tenho 44 anos. Estes conhecimentos transmitiram-mos a minha avozinha e a minha mamã. Sou espiritista desde há quatro anos e só brindo atenção a crianças para as curas utilizo tesgüino e quando não tenho o suficiente poder mental dou algumas ervas. Crianças sob o meu mando não faleceu nenhuma.»

Isidora Holguin Cruz: «Eu vivo aqui em Guachochi e tenho 58 anos os conhecimentos adquiri-os por parte da minha mamã e levo nisto quinze anos.

Nunca manifestei que tinha esse poder senão que a comunidade foi a que se deu conta. Batizo as crianças recém-nascidas e curo em geral com plantas. O pagamento é à base de alimentos económico nenhum porque não está permitido.»

Federico González Valerio: «Sou da comunidade de Cusárare tenho 68 anos e curo desde há quinze anos. Os conhecimentos adquiri-os por puro

sentido de Deus. Curo à base de ervas com uma bebida de maguey para que não lhe chegue o diabo às vezes utilizo medicinas. O pagamento é com tesgüino e alimentos.»

Mariano Santiago: «Tenho 46 anos e venho da comunidade de Cusárare. Levo curando dezassete anos. Sou espiritista e atendo os recém-nascidos (batismo). Também curo com erva e medicinas e o pagamento é à base de alimentos (carne milho tamales tortilhas e caldo).»

Guadalupe Ramírez: «Levo oito anos como curandeiro tenho 66 anos e sou da comunidade de Cusárare. Curo a crianças e adultos e realizo batismo aos recém-nascidos. Eu pensei que tinha poder e desde então curo. O pagamento é com alimentação ou o que me deem.»

Ma. Susana: «Sou espiritista e curo a puros crianças. Sou da comunidade de Cusarare tenho 65 anos e 25 anos como curandeira. Em ocasiões utilizo ervas. Os conhecimentos adquiri-os por parte do meu esposo. Recebo de pagamento alimentos.»

Virginia Bustillos Yáñez: «Sou da comunidade de Cabórachi tenho 48 anos e levo curando seis anos. Só curo a queda da moleira. Os meus irmãos transmitiram-me os conhecimentos recebo de pagamento puros alimentos.»

Marta Santa Rosa: «Venho da comunidade de Cusárare tenho 37 anos e levo dez anos curando. Sou espiritista e os conhecimentos adquiri-os por meio dos meus pais. O pagamento que me dão é com alimentos.»

Guadalupe Rosa Plasencia: «Sou da comunidade de Cusárare tenho 37 anos e levo curando seis anos a crianças e adultos pelo meu próprio poder sou espiritista e em ocasiões utilizo as ervas. De pagamento recebo somente alimentos.»

Ambrosia Caro Moreno: «Venho da comunidade de Agua Zarca tenho 75 anos. Comecei como parteira desde há cinquenta anos os conhecimentos aprendi-os eu sozinha e agora atendo aos que me ocupam também componho ossos dinheiro nunca cobre e o pagamento sempre foi com alimentos.»

Filomena Rosa: «Sou da comunidade de Cusarare tenho cinquenta anos e levo dez anos de serviço os conhecimentos adquiri-os por meio do meu pai. Sou espiritista e curo crianças e adultos. Recebo de pagamento puros alimentos.»

Maclovio Moreno: «Tenho 52 anos e venho da comunidade de Caborachi; levo trinta anos como curandeiro. Os conhecimentos adquiri-os por si só por meio dos sonhos também realizo o batismo aos recém-

nascidos utilizo para as minhas curas ervas e recebo dinheiro e alimentos como pagamento.»

Calixto Quintero Salmerón: «Tenho 68 anos e venho do Ejido de Poroichi Município de Urique tenho trinta anos curando a crianças e adultos. A forma como adquiri o poder para curar vou-vos contar: Tinha eu dez anos quando estive doente em Témoris levava eu como um mês quando chegou um velhinho e então levava um copo uma garrafinha pequena e uma pedrinha pintada e com isso o velhinho cura dando poder à pessoa doente para curar e lá em Témoris estava uma senhora que se chamava María Juana Frías que era a minha menina ela não me deixou então a minha menina Juana cabeceando então despertei e vi a luz abriu-se o céu senti que não estava a dormir um mês quase morrendo e estava eu de gravidade e graças a Deus que ando a gosto curando fazendo curas já que o Senhor mo mandou creio em Deus em mãe minha de Santíssima Virgem Maria este é que a rogo eu. Curo à base de ervas e tenho dois patronos Santo Rosário e San Martín Caballero de Guasave. De pagamento dão-me o que queiram e às vezes dão-me dinheiro.»

Mauricio Holguin Bustillos: «Sou da comunidade de Caborachi e tenho 61 anos. Levo vinte anos atendendo doentes à base de bebidas curo a queda da moleira. Há que cuidar o espírito para não adoecer e que se retire da família o diabo. Temos a Cristo como patrono para curar e a cruz utilizamo-la para proteção de um mesmo. Recebo de pagamento valores e o meu tata Deus não quer que cobremos. As comunidades respeitam-nos muito.»

Bernabé Quintero: «Tenho 58 anos e sou da comunidade de Cusarare desde pequeno curavam-nos com plantas e ervas e agora sei mais porque faço provas para me curar conheço várias plantas e curo a nível familiar e em ocasiões dou conselhos; há que ter um santo para ter um patrono para poder curar.»

Ventura Palma Guevara: «Sou da comunidade de Ohuivo e tenho 28 anos. Apenas estou a conhecer como curar com plantas.»

Santos Armendáriz: «Tenho 65 anos e sou da comunidade de Cabórachi e levo trinta anos de práticas médicas. Os conhecimentos adquiri-os por parte de uma pessoa que não era da minha família. Sou espiritista. O pagamento que recebo é com dinheiro.»

Silverio Bustillos: «Tenho 55 anos e sou da comunidade de Caborachi. Levo quinze anos como espiritista em ocasiões utilizo ervas

para curar os conhecimentos adquiri-los por parte da minha mamã. O pagamento que recebo é com dinheiro e alimentos.»

Posteriormente definiram-se as especialidades da Medicina Tradicional Tarahumara:

Ogüiruame ou Curandeiro: Cujas missões são a cura de diversas doenças. Utiliza plantas medicinais e necessita de um santo patrono que o ajude a curar.

Sucuruame: Cujas manobras das forças sobrenaturais faz-lhe especialmente perigoso já que tem capacidade para produzir doenças graves já seja por interesse próprio ou a solicitação de indivíduos desejosos de prejudicar outros.

Espiritista ou Espiritualista: Também tem a seu cargo exclusivamente a restauração da saúde mas não tem capacidade para produzir danos ou males.

Raspador: Este tipo de especialista cura com o poder do peyote por isso chama-se-lhe peyotero. Utiliza uma cruz e para as suas curas fá-lo num lugar afastado da vivenda do doente. A família do doente mata um animal para dar de comer ao raspador e a outros assistentes para isso separam a cabeça do animal (este deve ter cornos) e penduram-na na cruz junto com um ou dois espelhos. A cura deve fazer-se durante a noite perto das doze tem de aparecer uma cara no espelho que supostamente é o demónio que entrou no corpo do doente a partir desse momento o peyotero faz um esforço tremendo para sacar este demónio do corpo do doente e começam-se a notar mudanças nos olhos e sudoração no peyotero e também no doente. Também é importante mencionar que antes da cura os familiares têm de limpar o pátio de forma circular e o peyotero tem de acompanhar-se de um músico para que toque música misteriosa todo o tempo que dure a cura. A cura é toda a noite desde as oito da noite até às seis da manhã. Há que mencionar que se utilizam ollas de tesguino e colares que levam cruz e que nenhuma pessoa pode entrar no círculo mais que a ou as que se vão curar.

Ao terminar a cura o peyotero entrega todo o material que utilizou na cura.

O peyotero faz o sinal da cruz aos doentes e estes dizem-lhe «Mateteraba» que significa obrigado.

Para os outros especialistas o tratamento de cada padecimento leva consigo certo padrão de conduta. A solicitação ao ogüiruame para que se faça cargo do caso precisa que no lar se iniciem os preparativos para elaborar uma quantidade indeterminada de «tesgüino» bebida elaborada à base de milho moído e fermentado. Este aviso requer uma primeira visita do ogüiruame ao paciente e um reconhecimento do doente; em vista de que a elaboração do tesgüino precisa vários dias em muitos casos o Ogüiruame assinala que deve «sonhar» a cura.

O sonho cumpre a função de «iluminar» o especialista; geralmente este decide-se pela atividade de curar devido a que «sonhou» que devia fazê-lo. Uma vez que o tesgüino se encontra pronto para o seu consumo realiza-se a fase básica do tratamento ao doente. O ogüiruame utiliza uma ollita de tesgüino uma cazuelita de barro com mezcal remojado (o branco ou tierno de abaixo da planta) e uma cruz para a realização das suas curas. O ogüiruame recebe o seu pagamento geralmente em bens (ovelhas peles frazadas de lã) alimentos e excepcionalmente em dinheiro.

Faz-se a aclaración que estes aspetos ver-se-ão mais adiante com mais detalhe.

Também se analisaram vários tipos de doenças estas são:

a) Doenças Naturais: Neste grupo encontram-se algumas doenças nas quais o critério prevalecente assigna como origem das mesmas a ação sobre o corpo humano de certos agentes.

Ripiwuiri: Ação de um remoinho do vento sobre o corpo humano.

Risagi: A doença produz-se quando penetra no organismo por via oral uma espécie de mosquito ou de zancudo que vive na água.

Rurusi: O padecimento origina-se pela introdução no corpo por via intradérmica de um verme pequeno de cor amarelada que habita em ciénagas (bajichi) charcas ou em saltos de água.

b) Doenças Sobrenaturais: As doenças desse tipo são a ação exercida sobre o corpo por fenómenos inexplicáveis imateriais de parte de agentes que se consideram envoltos no mistério e as forças sobrenaturais.

Majarike (susto): Produto de uma emoção especialmente de temor; além pode apresentar-se por desconhecimento do lugar ou das pessoas o que afeta o espírito do indivíduo.

Rosíware: Esta doença é produto do contacto com um ser cuja forma e tamanho recorda o de uma rã pequena. Esta doença é altamente perigosa

como agente causal e identifica-se já seja como um animal vivo ou como uma pedra em forma de rã que o indígena teme e evita.

Korimakaka: Neste padecimento encontra-se uma mistura de conceitos de tipo mágico muito generalizados o agente causal pode ser: a) um pássaro pequeno que voa durante a noite e geralmente vive nas caídas de águas; b) queda de estrelas fugazes e c) a ave descobre a sua vítima e afeta-a quando descansa boca acima e ao exterior.

DEFINIÇÃO DO CONCEITO «SAÚDE-DOENÇA»

Cada um dos terapeutas expõe a sua interpretação do conceito saúde-doença fazendo-se um breve análise da seguinte forma:

Doença

É aquele que sofre qualquer tipo de dor.

Distingue-se nos olhos.

Vê-se muito triste a pessoa doente não se alimenta e vê-se muito pálida.

O coração late diferente quando está doente.

Vê-se diferente a pessoa quando está doente.

Vê-se quando estão doentes estão-se a queixar e há que buscar onde lhe dói.

Os doentes não dormem de noite não bebem e não veem bem.

O doente não tem ânimos de nada está molesto e enojado. Uma criança não mama e está chorosa e inquieta.

Em ocasiões a pessoa está doente porque tem o diabo dentro do seu corpo.

A pessoa doente tem alterado o pulso e o coração o Coração não trabalha nem a pessoa.

Ao doente treme-lhe o corpo onde está mal.

Revê-se com um carrizo quando está doente do peito ou cabeça chupa-se com o carrizo e sonha curando através do espírito.

Vê-se espiritualmente nos sonhos que está doente.

O doente da queda da moleira não pode comer tem os olhos hundidos ao dormir não fecha os olhos e pode apresentar-se a qualquer idade.

Saúde

Vê-se muito alegre a pessoa sã e contente. A pessoa vê-se muito bem quando está sã.

Toda a alma tem-na dentro do seu corpo está completa fala e come bem.

O mesmo diz que já está bem e dá-lhe as graças.

A pessoa sã faz brincadeiras e visita os seus familiares.

Dá as graças de que a sua alma já está bem à pessoa que o curou e pede-lhe que o diabo já não volte para que já não lhe faça dano.

Saúde é quando o seu coração late bem.

Nos sonhos vê que está bem.

Algumas Opiniões

Os médicos tradicionais têm o poder de sacar o diabo a outras pessoas que não sejam raramuri.

Estão de acordo em ter encontros com médicos tradicionais de outros Estados.

DESCRIÇÃO DA CONCEIÇÃO DO CORPO HUMANO

A pessoa em caso de que esteja doente a alma encontra-se fora da casa e através de sonhos busca-se e regressa-se ao corpo do doente para que se alivie.

Nós somos somente uma caixa formada e dentro dessa caixa encontra-se a alma que faz viver a caixa.

Quando a alma está fora acode com outras pessoas.

Ao cair-se a moleira no paladar saem ampollas e ao sacar-se morrem-se.

Em caso de não encontrar a alma falece o doente.

A alma a mente e o sangue trabalham juntos.

A alma dá movimento a todo o corpo e é quando estamos bons e sãos.

Os curandeiros têm um poder humano que lhos deu Deus e que cuidam as pessoas que não têm poder por isso usam a cruz e o tesgüino para continuar com esse poder.

O que é que faz mover a alma?

Na gestação a alma já está no interior do corpo no processo de gestação tem dentro a sua alma a mãe tem a sua alma. O que dá movimento à alma é o Senhor. O Senhor Deus vai junto com a cruz. Vão ligadamente entre os sonhos espiritualmente e desta forma fazem a cura.

Sábado 21 de novembro

Algumas opiniões do tema do dia anterior

A alma dos curandeiros não se pode transportar a outro corpo porque não teriam o suficiente poder durante as noites e não teriam força para defender-se das doenças.

A alma distingue cores também vê como se estivesse viva.

Um médico alópata sim pode adquirir poder só que teria de viver no mundo deles e deixar o seu contexto e forma de vida.

Durante o evento para realizar as curas vários curandeiros aportam os seus conhecimentos não há ciúmes nem invejas entre eles também existe um intercâmbio de conhecimentos e há convívio de comunidade a comunidade para realizar as suas curas.

DESCRIÇÃO DAS CAUSAS DAS DOENÇAS MAIS COMUNS

Cada terapeuta dá as suas opiniões sobre este tema concluindo o seguinte:

DOENÇA – CAUSA

Susto – Espanto ou acidente

Calentura – Espanto

Fiebre – Espanto

Caída de la mollera – Movimentos bruscos quedas mal cuidado das crianças.

Dor de cabeça – Mudanças climatológicas

Dor de estômago – Cargar muito o estômago

Diarreia – Espanto alimentos contaminados.

Dor de coração – Inflama-se pelo vento não tem saúde e há fadiga.
Caloroso pelo sol.

Quebraduras – Queda

Tuberculosis – Por fome contágio de pessoa a pessoa nas tesgüinadas.

Dor de corpo – Pelo vento não se cura por nada.

Dor de garganta – Mudanças climatológicas.

Dor de muelas – Não se sabe a causa e estes doentes não recorrem ao ogüiruame.

Os que padecem estas doenças têm a alma fora do seu corpo.

Para curar a queda da moleira necessita-se de uma pessoa em crianças e duas pessoas em adultos.

Quando estão muito doentes e o ogüiruame não os pode curar não há nenhuma ciência que os vá aliviar e o paciente morre-se.

Se analisamos o dito na reunião poderíamos concluir que as causas das doenças podem ser: naturais e sobrenaturais.

Os médicos tradicionais referem que a sua alma é capaz de sair do seu corpo porque a sua alma e o seu corpo curam como um só. A alma durante as noites sai para tratar de resgatar a alma do doente lutando com outras almas e para que não levem a alma do doente.

PLANTAS E ANIMAIS COM CARÁTER MEDICINAL

Os terapeutas de algumas comunidades apresentam mostras de algumas plantas medicinais sendo estas as seguintes:

Estafiate: Serve para curar doenças do estômago. Recolhe-se já seja a folha ou a raiz no mês de Outubro dura um ano e toma-se como chá.

Epazote: Cose-se junto com a erva do zorrillo e serve para curar doenças do estômago e também serve para acelerar o parto. Recolhe-se em Outubro dura um ano e toma-se como chá.

Lechuguillas ou chucaca: Recolhe-se em qualquer época do ano durante todo o ano e serve para dor de estômago toma-se como chá.

Mesquite: Serve para a calentura compra-se na barranca porque não se recolhe na Serra.

Matarique: Serve para dor de corpo e tos também usa-se para a reuma. Recolhem-se as folhas e a raiz nos meses de Setembro e Outubro. Toma-se como chá.

Verbena: Serve para machucones põe-se como plasma ou lava-se a ferida. Recolhem-se as folhas no mês de Outubro.

Manzanilla de río: Serve para a diarreia toma-se cozido como chá até que se corte a diarreia. Recolhe-se a folha a flor e talo durante as estações de verão e outono.

Azarva ou palo ocotillo: Serve para sustos dores de cabeça e dor de muelas recolhe-se em tempos de secas quando não chove. Raspa-se e utiliza-se com o sebo.

Espina de maguey: Serve para sacar espinhas e recolhe-se em todas as épocas do ano.

Yerba del zorrillo: Serve para os parasitas.

Sogüiguare: Serve para golpes para a calentura ou como parche. Recolhe-se a raiz no mês de Agosto.

Yerba del indio: Serve para curar diarreias e toma-se como chá.

Pionía: Serve como purgante e recolhe-se a raiz em Setembro.

Babiza: Serve para o empacho usa-se a raiz e toma-se como água ou como o pinole.

Yerba del cerillo: Serve para o mal de urina.

Tojo de pino: Serve para a tos como bebida recolhe-se em qualquer momento e é do pino branco ou pinabete.

Karnaguala: Recolhe-se em Setembro ou em Outubro cose-se e toma-se como chá. Serve para a dor do Coração.

Guachihuiguare: Recolhe-se antes das nevadas serve para a calentura. Revolve-se com cal e mói-se põe-se tudo no corpo como plasta ou friccionado.

Yerba de la Muela: Serve para a dor de muelas mói-se com água e coloca-se na muela. Usa-se a raiz. Recolhe-se em qualquer época do ano quando há lua cheia.

Yerba de manzanilla: Serve para o rim toma-se como chá ou colocado como parche. Recolhe-se em qualquer época do ano. Usam-se as folhas e os talos.

Tojo del encino: Serve para o catarro toma-se como água ou como chá.

Palo de gorillo: Serve para a calentura por dentro toma-se como chá e recolhe-se todo o ano.

Sereke ou Sotol: Serve para o susto passa-se pela cabeça durante vários dias. Recolhe-se durante todo o ano.

Rubuínori: Serve para a febre coloca-se ao redor do corpo do doente; usa-se a folha das árvores recolhe-se quando a folha está branca e toma-se como chá.

Chucaça: Serve para doenças venéreas para grãos toma-se como água ou chá. Usa-se toda a planta e recolhe-se durante todo o ano.

Zetacape ou Bracilio: Serve para a tiricia encontra-se na barranca toma-se como chá. Em banho serve para tingir a lã de borrego. Recolhe-se durante todo o ano usa-se o tronco e também utilizam-no para bendecir a terra.

Onva: Serve para dor de cabeça de peito e de coração. Utiliza-se como lavados. Recolhe-se a raiz em setembro.

Gordolobo: Serve para curar a dor de estômago.

Tonino ou cola de mula: Serve para a diarreia usa-se a raiz (recolhe-se em Setembro) toma-se como água de tempo ou chá. Também utiliza-se para pacotes e coloca-se como plasma.

Matarique: Utiliza-se para reumas e para limpar a bexiga usa-se a raiz e recolhe-se em Setembro.

Santa rosa e yerba de anís: Utiliza-se para a diarreia usam-se as folhas a flor e o talo.

Guacia ou Chirhupate: Usa-se a raiz para a gastrite e a sufocação. Recolhe-se em Setembro e encontra-se na sombra.

Tepozana: Serve para grãos usa-se a folha para feridas coloca-se como parche.

Flor de Cerro ou Peine: Serve para limpar a bexiga usam-se as folhas flor e talo. Recolhe-se no mês de Setembro.

Yerba del Pastor: Com óleo serve como purga: caça-se e dá-se em jejum cada dez dias e usam-se a flor o talo e as sementes.

Anicillo: Usa-se como chá e serve para a disenteria. Utilizam-se a flor as folhas e o talo recolhem-se no mês de Setembro.

Cochana: Serve para a úlcera para golpes e doenças venéreas.

Porchonera: Serve para limpar os rins junto com lanita de pedra. Recolhe-se a raiz no mês de Setembro.

Yerba de zorrillo: Serve para empachos junto com a babiza toma-se como chá e utilizam-se a flor o talo e as sementes. Recolhem-se no mês de Setembro.

Pelo de elote ou barba: Serve para limpar a bexiga junto com a manzanilla do campo. Recolhe-se quando se pisca.

Orégano ou Napaka: Serve para doenças do fígado usam-se as folhas flor e talo toma-se como chá. Utiliza-se também para lavar feridas e põe-se como parche.

Koronia: Usa-se a raiz e serve para doenças dos Pulmões dor do corpo para T.B.P. e varizes. Recolhe-se em Setembro.

Manzanilla del Campo: Serve para grãos enterrados. Usam-se as folhas flor e talo. Machuca-se e coloca-se como parche. Recolhe-se no mês de Setembro.

Huipaca: É um tipo de tabaco que cura muitas doenças e consideram-na sagrada.

Bacanare: É um tipo de tabaco é aromático e serve para a tosse dor de coração dor de muelas e cura muitas doenças das crianças. Consideram-na sagrada.

Domingo 22 de novembro

PRÁTICAS MÉDICAS AUXILIARES AO TRATAMENTO (CURAS)

Caída de la mollera.

a) - Pode fazer-se a qualquer hora.

A cabeça põe-se para baixo sacode-se e metem o dedo (médio) no paladar para levantar a moleira à criança tomam-na pelos calcanhares.

Esta prática pode fazer-se várias vezes de acordo ao estado do paciente.

Quando está muito seca a moleira rebenta e morre o paciente.

Por isso esta prática deve fazer-se imediatamente.

Em adultos faz-se da mesma maneira mas realizam-na duas pessoas.

É mais frequente nas crianças já que o adulto aguenta mais e tem maior resistência.

b) - Quando uma senhora está grávida toma tesgüino e cai-se a criança pode nascer com a moleira caída.

Cose-se uma bebida com manzanilla de castilla chupar com essa bebida e o paciente deve tomá-la.

Deve menear-se um ovo até que se faça espuma e utiliza-se como parche.

Faz-se durante oito dias.

No paladar mete-se o dedo polegar em ocasiões utiliza-se óleo para realizar a cura.

c) - A pessoa sofre um acidente e cai-se a moleira.

Há que permanecer três dias com esta prática para que esteja parelho tem de ficar completo põe-se-lhe um parche e vick vapor rub para que absorva várias vezes mete-se o dedo polegar no paladar para levantar a moleira.

No paladar há um buraco e não há palpitações e não respira.

Depois da cura começam as palpitações e a criança já está sã.

Batismo

Faz-se a partir de uma semana a um mês de nascido.

Faz-se para que não se enferme a criança e esteja crescendo bom e sã.

Ao que não lhe fazem o bautismo a pessoa enferma-se mais frequentemente e não anda correto e tem mau comportamento porque não está com o Senhor.

Esta prática pode fazer-se posteriormente para que já não se enferme (aos seis meses ou ao ano).

Esta prática consiste numa tesgüinada com uma vela (ocote u ocotillo) acesa e passam-na sobre a cabeça em forma de cruz.

A cruz têm-na desde que existiu o primeiro tarahumara ou seja desde muito antes da conquista dos espanhóis.

Os seus conhecimentos deverão ser transmitidos aos seus filhos e netos.

Há que aprender as duas línguas para que os nossos descendentes sigam falando e preservando as nossas costumes tarahumaras.

Outra prática médica

Para fazer a cura tem de ir acompanhada por uma ollita de tesgüino acima desta olla tem de estar uma cruz (ware) também pinole.

Ninguém deve provar nem o tesgüino nem a comida.

Também se utiliza a cabeça ou meke do maguey (cosita branca) para a cura.

O casero tem de fazer uma festa e tonare.

Necessita-se de um contador de yumare onde está a cruz e o curandeiro deve estar aí.

Baixa Deus para devolver-lhe a sua alma ao doente e desta forma curá-lo.

Se não se alivia ou se enferma de outras doenças então sim damos ervas.

Têm de estar clamando a Deus e vão-se persignando quando vão chegando à cruz.

Se o doente se aliviou dão-lhe as graças ao Senhor tomam o tesgüino e comem a comida e vai cumprir com o Senhor do curandeiro.

Esta prática faz-se três vezes em caso de que o doente seja homem e quatro vezes no caso de mulheres.

Outra prática médica

Os espiritistas ou curandeiros realizam as suas curas por meio de sonhos e fazem um esforço para saber por que está esse doente assim.

Pode fazer-se a qualquer hora.

Fazem clamações a Deus para que lhes diga como curar o doente.

Sempre se deitam com um crucifixo.

Os pais perguntam como vai a cura e se o está aliviando dão-lhe forças.

Eles buscam o Senhor espiritualmente.

Buscam a alma do doente para protegê-lo e pedem a Deus que lhe regresse a alma ao doente e se Deus lhes diz que se vai morrer o doente comunicam-no aos seus familiares.

Os pais sempre comunicam ao curandeiro a doença que padece o seu filho e depois de que se alivie fazem uma festa.

O espiritista e o curandeiro dizem aos familiares que vão fazer todo o possível para curá-lo.

A primeira noite sonham a gravidade do doente e depois comunicam-no aos seus familiares.

Quando estão muito graves curam com as ervas para que o doente se levante mas a sua cura baseia-se principalmente nos sonhos e pela mente.

NOTA FINAL

O autor agradece ao Instituto Nacional Indigenista (INI) o haver permitido reproduzir o material deste apêndice.

APÊNDICE B

RENCONTRE AVEC DES CHAMANES DE MEXIQUE

(Excertos)

DONA MARIA SABINA DE HUAUTLA E DOM IVÁN RAMÓN

O relato que se segue não tem a pretensão de ser um estudo exaustivo sobre María Sabina, nem sequer uma análise mais ou menos completa da sua personalidade, atividades e poderes. Não conheci suficientemente esta xamã para empreender um trabalho verdadeiramente sério sobre a sua obra; trata-se antes de uma tentativa destinada a partilhar com o leitor uma experiência concreta.

María Sabina viveu em Huautla, na Serra de Oaxaca. Durante a infância, ganhou o hábito de consumir os cogumelos alucinogénios que crescem em abundância nas montanhas durante a estação húmida. Um biólogo de nome Wasson descobriu-a e deu-a a conhecer ao mundo. A partir desse momento, María tornou-se célebre, mas perdeu ao mesmo tempo uma parte do poder que lhe era transmitido pelos cogumelos.

María Sabina serviu de mestra a inúmeros investigadores — entre os quais o autor deste capítulo — que a procuraram na esperança de encontrar uma solução para os seus problemas. Através da ingestão de cogumelos alucinogénios, esta xamã possuía o dom de guiar os seus companheiros de viagem temporários por realidades estranhas e fantásticas. Possuía, além disso, o dom de «ver» a situação interior daqueles que tinham o privilégio de a encontrar.

Como o leitor se dará conta ao ler este capítulo, María Sabina mostrava-se capaz de estabelecer com outrem uma comunicação direta, isto é, que não passava pelos canais sensoriais. Em laboratório de investigações psicofisiológicas, apercebemo-nos de que a comunicação direta entre seres humanos é possível quando existe concordância entre as variações de coerência inter-hemisférica dos cérebros dos sujeitos. Quanto mais as oscilações individuais de coerência inter-hemisférica se assemelham de um sujeito para outro, mais forte é a comunicação direta que entre eles se estabelece. Segundo a Teoria Sintérgica, o que precede significa que os

campos neuronais, provenientes do cérebro dos que comunicam, se ajustam numa interação perfeita, fundada na mesma coerência individual.

Na realidade, e ainda de acordo com a mesma teoria, a interação entre todos os campos neuronais e a estrutura do espaço-tempo forma um hipercampo complexo no interior do qual todos estamos implicados.

María Sabina podia descodificar o hipercampo e nele distinguir as zonas correspondentes ao espírito de cada um dos seus visitantes.

Já há algum tempo que María Sabina morreu, e todos os que tiveram ocasião de se aproximar dela sabem que com ela desapareceu uma das maiores xamãs do México. Saber a partir de que nível de consciência esta mulher percebia a realidade é coisa impossível. Só ela o sabia, porque o vivia. O que cada um de nós, seus discípulos, pode fazer é atestar e partilhar as experiências que viveu junto dela. É precisamente com esse objetivo e, um pouco, como homenagem póstuma, que vou tentar descrever o que nos aconteceu, a alguns amigos e a mim, quando fomos visitá-la a Huautla.

Há quinze anos, chegar por via terrestre a Huautla, no Estado de Oaxaca, ainda era uma façanha. A estrada estava em plena construção; por toda a parte máquinas gigantescas transportando blocos de rocha impediam a circulação nas curvas e nas subidas de montanha. Huautla recebeu-nos escondida numa bruma quase impenetrável. Estava tudo húmido, incluindo a nossa roupa e os nossos pertences pessoais. No meio de uma rua da aldeia, uma menina correu na direção do jipe-safari em que viajávamos. Trepou para um dos estribos e, com voz ofegante, gritou-nos que a avó queria ver-nos. Quando lhe perguntámos qual era o nome dela, respondeu que se chamava María Sabina.

Olhámo-nos todos, estupefactos. ¡María Sabina! Soava a milagre. Tínhamos ouvido falar dela através dos trabalhos de Wasson, mas não esperávamos que nos cruzássemos com ela por intermédio da sua sobrinha, e menos ainda que desejasse encontrar-se connosco. Naturalmente, aceitámos o convite, e menos de trinta minutos depois estávamos em sua casa. Conduziram-nos a uma sala cheia de sacos de café e de milho, entre os quais nos sentámos a esperar. Pouco tempo depois, a anciã apresentou-se acompanhada de um intérprete. Este, que na realidade era seu filho, disse-nos que María desejava fazer connosco uma «viagem» com cogumelos. Instou-nos a ir procurá-los e falou longamente do preço que a experiência

nos custaria. Lembro-me de que insistiu tanto nas questões de dinheiro que nós, os três, nos entreolhámos com ar de dúvida.

Após várias horas de busca, conseguimos encontrar uma boa quantidade de cogumelos. Roberto, um dos nossos companheiros, perito na matéria, ensinou-nos que certas espécies aumentavam a capacidade introspectiva, enquanto outras produziam efeitos sensoriais extraordinários.

Sendo a variedade de cogumelos que encontráramos pertencente à primeira categoria, recomendaram-nos que esperássemos pela noite para fazer a experiência. Voltámos a casa de Sabina pelo mesmo caminho que, ao contrário da primeira vez, nos pareceu muito largo. Sentámo-nos e observámos a família da xamã. Um dos seus sobrinhos, um rapaz de doze ou treze anos que nos acompanhava, bebia álcool à garrafa. Embriagou-se muito depressa. Isto, somado ao expediente mercantil, acabou por nos enojar. Nós, que vínhamos para viver uma experiência mística, estávamos realmente desiludidos.

María Sabina chegou ao anoitecer. Trazia um incensário de copal cujo perfume suave aliviou um pouco o nosso mal-estar e a nossa apreensão. A xamã aproximou-se de cada um de nós e esfregou-nos os antebraços com um pó escuro. Depois convidou-nos a comer os cogumelos e fez o mesmo.

Como trouxera comigo um caderno, preparei-me para nele registar as minhas experiências, enquanto os meus amigos, deitados nos seus sacos-cama, troçavam do meu espírito académico. Ao fim de meia hora, a vontade de escrever desvaneceu-se no meio de distorções perceptivas e de emoções misturadas de alegria e receio. Ao perceber que tomar notas não era importante, enfiei-me debaixo das cobertas, que me deram mais a sensação de casulo do que de cama improvisada. Mal fechei os olhos, surgiram imagens, que depois se transformaram numa sensação de mal-estar corporal. Fazia muito frio e a humidade incomodava-me. O meu corpo começou a distorcer-se e todo o meu ser passou a não ser mais do que uma mistura de frio, chuva e desânimo.

Apareceram-me imagens, ruas ondulantes ladeadas de casas pelas quais eu viajava. A minha sensação de incómodo tornou-se intolerável. De súbito, surgiu na minha consciência a visão da minha poltrona favorita. Eu estava em casa a ler, sentado ao quentinho, bem abrigado. O frio desaparecera e eu sentia-me bem. Nesse preciso instante, a

xamã entoou uma oração... São Pedro, São Paulo..., repetia ela, entrecortando o nome dos santos com frases em mazateco.

Imediatamente, a minha sensação de bem-estar tão dificilmente conquistada, o aconchego de minha casa e o meu eu inteiro regressaram ao frio, à humidade e ao desespero de um corpo distorcido deitado numa cabana perdida no fundo do bosque. Levou-me uma eternidade a recompor-me; voltei a ver as ruas ondulantes antes de regressar de novo à minha poltrona. Foi então que María retomou... São Pedro, São Paulo..., atirando-me de volta, com a mesma rapidez, para o meu desespero.

Assim se repetiu sete vezes: mal eu conseguia sentir-me descontraído e feliz, a xamã começava a cantar, arrancando-me do bem-estar para me mergulhar na tristeza do presente. Era evidente que María Sabina examinava o meu espírito e conhecia-lhe as flutuações. O seu canto era de tal modo sincrónico com os meus estados psíquicos que, de súbito, fiquei convencido de que era movida por más intenções. Desesperado, levantei-me e saí ao ar livre, deparando-me com um aguaceiro violento, mil vezes preferível ao inferno sabiniano que reinava no interior da cabana. Depois amanheceu, e dei graças a Deus pelo regresso da luz e pelo milagre de um novo dia.

Levaram-me vários anos a compreender e apreciar esta experiência. María Sabina revelou-me um dos meus refúgios emocionais, a minha incapacidade de viver o instante presente, bem como a minha tendência para fugir da realidade e refugiar-me num quadro de conforto. Agradeço-lhe por esse terrível ensinamento.

Obrigado, María Sabina, e, onde quer que estejas, mantém a fé! Entre os xamãs, Iván Ramón é um talentoso psicólogo autóctone.

Aos cinco anos, Iván começou a manifestar sinais de uma sensibilidade extraordinária e estranha. De repente, a sua personalidade mudava, ao mesmo tempo que a voz e a conduta se transformavam. Tomando-o por louco e longe de imaginar que se tratava dos primeiros sinais de uma mediunidade prodigiosa, a mãe castigava-o em vez de o encorajar. Reprimido, este psicólogo autóctone só «se abriu» de novo aos quinze anos, quando entrou espontaneamente em transe e começou a relatar as suas visões.

Atualmente, Iván Ramón trabalha na Cidade do México, onde recebe todos os que o procuram por diversos problemas e doenças.

Quando um paciente entra no seu gabinete de consulta, Iván sente, na ponta dos dedos, a «vibração» característica da pessoa. Uma vez detetada, pousa os dedos numa vara e espera pacientemente um sinal.

Este psicólogo autóctone diz ser capaz de identificar a energia específica e individual de cada paciente; afirma que o facto de pousar os dedos na vara lhe permite enviar um código energético pessoal a inteligências superiores, que o recebem e descodificam. Consoante o que detetam, transmitem um diagnóstico. E, se não respondem, isso significa que o doente morrerá ou que o seu estado é incurável.

Iván Ramón diz que a percentagem de previsões acertadas obtida por este método é particularmente elevada.

Depois de receber uma resposta ao código energético de cada paciente, Iván decide o tratamento a prescrever. Por vezes, trata por meio de plantas e de massagens. Estas consistem numa manobra complicada durante a qual, depois de friccionar a nuca e a testa do doente com um líquido especial, Iván percute e massageia diferentes partes do corpo. Segundo ele, o tratamento tem por efeito restabelecer o equilíbrio energético de forma duradoura.

Outros tratamentos incluem banhos de vapor alternados com fricções de água fria, e a introdução do paciente numa câmara de onde se libertam vapores de plantas.

Iván Ramón diz habilitar-se a tratar doenças como o cancro, as úlceras, a epilepsia, as infeções virais, etc.

Contudo, uma das suas atividades mais específicas é o exorcismo. Conforme a sua visão das coisas, na realidade evoluem seres que morreram e não encontram o caminho de uma evolução salutar. São eles que se apoderam de espíritos inocentes e os martirizam, crendo que lhes pertencem. Quando um paciente vai ver este psicólogo autóctone e se queixa de ouvir vozes estranhas que lhe ordenam cometer atos absurdos e nocivos, Iván prepara uma cerimónia especial destinada a proteger o seu paciente e a dar-lhe o poder de repelir as entidades intrusas. Nessa cerimónia, Iván entra em transe, e é um ser de luz e de força que realiza, através do seu corpo, o trabalho de exorcismo. Tudo o que Iván Ramón conhece em matéria de psicologia autóctone, deve-o a esses seres sobrenaturais.

Foi-me dado assistir a várias sessões, durante as quais testemunhei a maneira como Iván Ramón entra em transe. Executa uma

série de movimentos e respirações intensas, semelhantes a profundos suspiros, que induzem uma mudança total na sua personalidade. Pude observar nele pelo menos quatro manifestações diferentes: um ancião, uma criança, um guerreiro e um filósofo. Durante esses transes, o recinto em que opera parece impregnar-se de uma atmosfera eletrizante, poderosamente sugestiva da existência real de seres extraordinários. Estes proferem discursos brilhantes e executam o trabalho de purificação e as massagens.

Os procedimentos de cura e todos os fenómenos existentes são, segundo Iván, regulados pela interação de dois poderes. Por um lado, um poder feminino: a Natureza e a Terra; por outro, um poder masculino: o Pai e Deus. O Pai guia e a Mãe manifesta; Deus decide e a Terra executa.

Deus e a Natureza servem-se ambos de intermediários para realizar os fenómenos. Deus serve-se de seres realizados que estabelecem comunicação com iniciados como os xamãs e os Santos. A Natureza serve-se dos quatro elementos naturais: fogo, terra, ar e água. Iván Ramón deve o seu poder ao uso desses elementos, bem como aos seres de luz que cumprem o seu mandato através dele. Isso permite-lhe agir como instrumento durante as sessões de cura.

Numa tal concepção da realidade, o equilíbrio entre todas as forças representa um fator fundamental de evolução e de saúde. A saúde só existe pela manutenção desse equilíbrio: a doença é a consequência de um desequilíbrio.

Para este psicólogo autóctone, um dos fatores de desequilíbrio mais importantes na atualidade provém dos produtos químicos que o homem absorve na alimentação e nos medicamentos alopáticos. Em resposta a isso, Iván Ramón prescreve remédios naturais que, esses sim, contêm as forças elementais da Natureza. Os seus tratamentos incluem igualmente numerosos atos de purificação pelo fogo e pela água.

A doença mental provém, segundo este xamã, da interferência que por vezes se cria entre seres pouco evoluídos e o cérebro ou a alma humana. Essas interferências devem-se à obra de feiticeiros, que ordenam a um «baixo astral» interagir com um cérebro normal a fim de afetar os seus circuitos neuronais e desencadear explosões energéticas desequilibrantes. Os «baixos astrais» são seres, com ou sem corpo, que não conseguiram cumprir-se enquanto homens ou causaram graves prejuízos. Esses seres tornam-se escravos dos feiticeiros, que os utilizam para cometer o mal.

Entre as crenças de Iván Ramón, a reencarnação, a lei de causa e efeito e a existência de diferentes níveis de realidade e de consciência fazem as vezes de lugares-comuns. Afirmar conhecer as suas próprias vidas anteriores, bem como as dos seus doentes, e certificar ter vivido no tempo dos Astecas como servo ligado a um dos templos, o do deus Huixilopochtli. Diz desse deus que era um devorador de corações astrais, não com o intuito de fazer o mal, mas com o de ativar o seu próprio cumprimento.

Ainda no âmbito do seu contacto com o México antigo, Iván Ramón afirma receber mensagens dos habitantes etéreos do panteão asteca, os quais o podem prevenir da erupção iminente de um ou vários dos nossos vulcões (a que chama «luminares»). Acrescenta que existe, em Guanajuato, uma lagoa chamada Yuridia onde se pode ler o presságio de acontecimentos futuros. Consoante a coloração da água e o seu nível, seria possível conhecer o futuro.

O conceito de seres vivos, supra-humanos e independentes, com os quais um xamã pode entrar em relação, é uma das crenças mais difundidas entre os homens de conhecimento. Don Florencio, Don Lucio, Doña Pachita e o próprio Don Ramón sustentam-na como um facto indubitável.

É evidente que a verificação de um facto desta natureza ultrapassa os conhecimentos atuais da ciência, que não pode nem validar nem desmentir tal possibilidade. Basta manter em mente que continuamos sem saber de onde vem a nossa capacidade de consciência e de experiência, o que nos permite compreender o que antecede.

1. Ou Huitzilopochtli: deus asteca da Guerra (N. do T.)

A psiquiatria contemporânea, em geral, interessa-se por algumas das atividades xamânicas, por exemplo, o uso de ervas medicinais. No entanto, existem na psiquiatria duas correntes: uma que sustenta que as práticas dos curandeiros, e em particular o xamanismo, são abordagens totalmente à parte que não podem ser equacionadas no contexto da prática científica; outra que entende que o xamã é detentor de uma sabedoria milenar que merece ser conhecida e reconhecida.

Um estudo comparativo sério levado a cabo junto dos pacientes tratados pelos xamãs e junto dos seguidos por psiquiatras mostraria bem o que sucede num e noutro caso. E creio que uma investigação deste tipo poderia reservar-nos muitas surpresas.

DOM ANTÓNIO DE CHENALHÓ

Conheci o Dom António no dia seguinte à festa de Santa Rosália. De aparência robusta e saudável, vestido com uma camisa branca típica e um cinto de camurça à cintura, impressionou-me muito pela limpeza e pela força. Dom António é um dos Iloles mais respeitados das montanhas de Chiapas. Vive em Chenalhó e todos os membros da comunidade vêm pedir-lhe conselhos ou assistência médica.

Dom António confessou-me ter sido avisado da minha visita em sonho. Explicou-me que o poder de previsão que assim lhe vinha lhe permitia conhecer as doenças que uma região ou uma comunidade específica teria de enfrentar. Logo que recebia a mensagem de uma epidemia futura, comunicava-a às autoridades religiosas, aos outros Iloles e a mensageiros que, todos juntos, partiam a rezar na montanha para tentar afastar a doença, ou então preparavam, para a combater, plantas medicinais de virtudes particulares. Nisso, a atividade de Dom António não é apenas curativa, mas também preventiva.

O Ilol é o inimigo do Akchamel (o feiticeiro) que causa doença às pessoas. O Ilol recebe a sua iniciação em sonho e deve depois provar perante a comunidade os seus dotes de cura. Dom António diz que as pulsações do sangue lhe falam e lhe comunicam a doença do paciente. O sangue fala-lhe e diz-lhe se o mal é físico ou psicológico, se é natural ou provocado por um Akchamel. Revela-lhe igualmente a maneira de o tratar.

A acreditar nos Iloles, um Akchamel pode cortar a vida (tush chihora) de um paciente. O Ilol deve então reunificá-la (sacord) para que o doente conheça um fim natural e não seja arrancado prematuramente à vida.

Dom António e os Iloles de Chiapas acreditam na existência de uma pequena alma (chulel bikik) e de uma grande alma (chulel muk). Quando a chulel muk adoece, o paciente demora a morrer. Quando é a chulel bikik que fraqueja, a doença é fulgurante.

É relativamente fácil curar uma doença enviada como castigo de Deus. Em contrapartida, quando esta provém do Pujuk, é difícil tratar o paciente, pois o Pujuk é um ser malévolos e egoísta que quer o mal.

Os Iloles pensam que certas partes da terra, os Yahualbalumil, são ocupadas pelo Pujuk. Esses Yahualbalumil não devem ser nem visitados nem habitados por seres humanos. Se alguém viver num tal lugar, adoece e pode morrer.

Segundo Dom António, o «tomador do pulso» aprende a sua arte de maneira mágica, geralmente através dos sonhos.

Um dos elementos diagnósticos mais interessantes no procedimento de deteção do pulso é a comparação bilateral. Dom António sustenta que quem tem o pulso da mão direita idêntico ao da mão esquerda é um sujeito são que possui apenas uma alma imersa em Deus. Pelo contrário, quem manifesta pulsações bilaterais diferentes não está de boa saúde e possui mais de uma alma. As pessoas habitadas por treze almas estão irremediavelmente doentes, embora fortes e resistentes. As pessoas que têm apenas uma são vulneráveis, pois aquele que vier a apoderar-se delas não lhes deixará qualquer hipótese de sobrevivência. Por essa razão, os pacientes que apresentam o mesmo pulso bilateral e são habitados por uma só alma devem permanecer muito prudentes.

É evidente que o conceito de pulso bilateral idêntico se assemelha muito ao conceito de alta coerência inter-hemisférica. Eu iria mesmo ao ponto de sugerir que ambos falam da mesma realidade. Um ser dotado de grande coerência inter-hemisférica (cujo pulso direito é idêntico ao pulso esquerdo) é alguém unificado que, por conseguinte, possui apenas uma alma. Inversamente, um indivíduo que viva num estado de coerência inter-hemisférica menor é um ser disperso e não unificado, isto é, habitado por mais de uma alma.

Em termos sintérgicos, o que precede implica que as coerências locais só existem na ausência de uma coerência de base, o que conduz à existência de um sistema isento de coesão e de unidade.

O facto de Dom António ser capaz de sentir a presença de doenças coletivas, e até de prever a sua chegada, mostra que este Ilol evolui a um nível de alta neurosintergia que lhe permite detetar ou sentir diretamente o estado do hipercampo.

Existe uma instituição «ilólica» chamada C'oponejuits, isto é, os rezadores das colinas.

Presume-se que, além de serem capazes de detetar o hipercampo, os C'oponejuits têm o poder de modificar as suas características.

Dom António considera-se a si próprio como alguém que possui uma só alma e que, por conseguinte, goza de uma verdadeira semelhança bilateral. Em termos fisiológicos, reconhece-se num estado de grande coerência inter-hemisférica, de unidade e de neurosintergia.

Deste ponto de vista, pode compreender-se que seja dotado de uma profunda sensibilidade, que saiba fazer previsões e modificar o estado do hipercampo.

Por outro lado, a iniciação xamânica durante o sono, bem como o ensino onírico, são fenómenos bastante comuns no xamanismo mexicano. Grandes xamãs, como Don Panchito, Don Lucio e o próprio Dom António, falam disso como de uma experiência verídica. As descobertas recentes que revelam uma coerência inter-hemisférica acrescida durante o sono (Corsi, 1986) vão ao encontro das que dão conta de estados de alta sintergia igualmente durante o sono.

Além dos que descrevi, os Iloles utilizam outros procedimentos terapêuticos. Dom António afirma ter tratado diferentes casos de chulel bikik por meio de galinhas. Estas são esfregadas no corpo do paciente com o objetivo de absorverem a sua doença. Depois desse tratamento, o Ilol observa o comportamento da galinha: nos casos de chulel bikik, ela morre geralmente dentro de três dias. Quando assim acontece, o Ilol sabe que a doença será curada pelo facto de ter sido integralmente transferida para o corpo da galinha. Esse procedimento é igualmente utilizado por outros xamãs do México, como, por exemplo, Don Lucio.

Outro procedimento comum entre os Iloles e todos os demais xamãs mexicanos é a purificação com ovos. Os Iloles praticam-na, porém, sem se entregarem ao diagnóstico de «clarividência» que realizam outros xamãs. Don António diz que o pulso do braço direito pode, por vezes, mentir e, por conseguinte, não é muito fiável. Em contrapartida, o pulso do braço esquerdo nunca mente porque está mais perto do coração. Por outras palavras, tudo o que toca o coração — as emoções, os sentimentos, o amor — reveste grande importância aos olhos dos Iloles.

A chulel bikik ocorre quando há intromissão de uma alma estranha. Cabe ao Ilol afastá-la para que o paciente possa reencontrar a sua alma integral e manter-se apenas nela.

Don António afirma que os antigos Iloles sabiam curar à distância unicamente pelo seu poder mental. Hoje, segundo ele, esse poder

é menor e eles não conseguem realizar curas à distância a menos que possuam algum objeto que tenha pertencido ao doente.

Por fim, ainda de acordo com este xamã, duas almas podem unificar-se num mesmo sujeito através da observação. Mas, se a observação serve para unificar, ela não é suficiente como procedimento terapêutico. É preciso juntar-lhe a oração. Em conjunto, a oração e a observação podem unificar e curar.

Com efeito, o Ilol considera que os atos particulares e individuais de observação não são completos, porque omitem a existência de algo exterior e muito mais poderoso. Esse algo, diz Don António, é o que alimenta o espírito: é Deus.

Deus e o ato de observação unificam e reconfortam.

Transcrição de uma entrevista
com Don António de Chenalhó

Don António autorizou-me a gravar uma conversa que mantive com ele em Chenalhó.

A entrevista decorreu sob a varanda da sua casa, num dia soalheiro do mês de setembro de 1986. Estavam presentes Don António, José Vicente Recino, que é o diretor dos Arquivos Etnográficos de Chiapas, um tradutor, a esposa de Don António, duas das suas filhas e eu próprio.

Algumas das questões tratadas foram traduzidas para espanhol, pelo que é preciso aceitar certas falhas na interpretação. Com efeito, apercebi-me de que o tradutor transformou as perguntas e as respostas simplificando-as, quando deveria ter mantido um diálogo mais literal. Por conseguinte, o facto de o texto ser tão concreto cabe à sua responsabilidade e ao seu desejo de simplificação.

Depois deste aviso, eis então a gravação:

Tradutor: ... Porque é que se sente tão bem, tão forte? Ele (Don António) não compreende. Pode explicar-lhe isso? Por exemplo, porque diz que se sente assim e a que é que isso se assemelha?

O autor: É como uma grande alegria interior, uma grande felicidade, como se tivesse uma luz em mim. Mas sinto-a sobretudo aqui, é aqui que a sinto mais. Ele pode dizer-me porquê?

(DIALETO)

Tradutor: É por ver que o ambiente é agradável, seja qual for a pessoa que chega, mas não os estrangeiros, a menos que tenham o coração aberto. Obviamente, a atmosfera também conta muito, mas ele diz que

depende sobretudo das pessoas que estão presentes, da sua atitude e das relações que se criam. Porque também há quem chegue com más intenções: em aparência, procuram coisas boas e, de repente, é precisamente o contrário. Já tivemos gente assim, ele sabe. Os que fazem uma verdadeira busca pelo bem da aldeia, ou da humanidade, são bem recebidos. Mas há quem apenas finja. Isso depende da forma como a pessoa se apresenta, porque nem toda a gente é tão simpática como você; para ele, isso é um sinal.

O autor: Agora, quem é que dá as boas-vindas ao outro? Porque é que um homem dá as boas-vindas a outro homem? E os lugares também podem dar as boas-vindas?

Tradutor: Ele diz que, neste momento, é ele quem lhe dá as boas-vindas. Repete que, se se aproximar dele da maneira certa, pedirá ao Senhor Deus que seja bem recebido, que volte de tempos a tempos e que atue em benefício dos outros.

O autor: Quando toma o pulso para estabelecer um diagnóstico, como é que sabe o que é, como comunica com o sangue? O que é que lhe fala? O sangue serve de mediador? Como é que isso funciona?

Tradutor: Não entendo o que está a dizer. Bom. Admitamos que vamos começar uma consulta, de acordo? Para poder fazer um diagnóstico, preciso de colocar uma série de perguntas, sou médico, vamos iniciar a consulta. Pergunta como é que uma consulta pode permitir diagnosticar tal doença? É que o diagnóstico que ele vai dar dependerá das pulsações do pulso, não vai utilizar nenhum aparelho, nenhum estetoscópio.

(PERGUNTA EM DIALETO E RESPOSTA)

Tradutor: Ele diz que, se chega um paciente, toma-lhe o pulso e fala em voz alta. Ali, no meio das batidas do coração, sente se o doente tem febre, se se trata de um ato de feitiçaria, se sofre de uma doença da alma. A menos que seja simplesmente efeito do ciúme de outros. Mas é no sangue que ele sente a pulsação, e é como se viesse do seu próprio coração.

O autor: Do coração dele?

Tradutor: Sim! E diz que os seus diagnósticos não são fruto da imaginação, mas que é Deus quem lhe deu esse poder de conhecer a natureza das doenças por intermédio do pulso.

Outra voz: Nem toda a gente o pode fazer?

Tradutor: Não, ele diz que nem toda a gente o pode.

O autor: Poderia tomar-me o pulso, dizer-me como me vê? Para fazer a experiência, para eu compreender melhor.

(PERGUNTA E RESPOSTA EM DIALETO)

Tradutor: Ele concorda.

O autor: Aproximo-me?

Don António: (Em espanhol) O homem está bem, o coração está bem.

(DIALETO E ESPANHOL)

Tradutor: O seu coração é bom; há quem venha apenas para enganar, uma mão diz que mentem, mas a outra não. A que está do lado do coração diz que não, o coração deles não mente. Mas aqui os dois lados estão muito bons, são iguais, vigor, força com Deus... enquanto há outros muito fracos.

O autor: É desigual.

Outra voz: E eu, como estou, Don António?

Don António: —

O autor: Disse-me que estou bem.

Tradutor: Ele diz que o senhor está bem.

Outra voz: Seria preciso poder ficar ao mesmo nível.

Outra voz: É possível?

Outra voz: Sim, mesmo que o nível seja um pouco fraco, seria preciso que os dois lados fossem idênticos.

Outra voz: Iguais.

Don António: (em espanhol) Em equilíbrio.

O autor: Diga-lhe que é isso que estou a estudar, o equilíbrio entre os dois lados, e que, portanto...

Don António: (Frases em dialeto não traduzidas).

O autor: ... há uma coerência. Estamos a fazer investigação sobre essa coerência, dizemos que os dois lados estão em coerência.

(DIÁLOGOS EM DIALETO)

O autor: Quando há coerência, isto é, quando o pulso é o mesmo dos dois lados, isso significa que Deus começa a falar? Está relacionado com essa paridade?

Don António: (em espanhol) Está a fazer-me uma pergunta?

O autor: Sim, sim, sim. Então, é exato, Don António?

Don António: É isso, sim, sim, sim.

O autor: Quando há paridade, significa então que a pessoa está mais unida e que se une a um todo?

Don António: É isso, sim.

O autor: Don António, disseram-me que vocês, os Iloles, pensam que existe uma chulel bikik, uma chulel muk e um Pujuk.

Don António: (em espanhol) Ah! chilel bikik. Sim, é isso.

(DIÁLOGOS EM DIALETO)

Tradutor: Sim, falemos da bikik chulel, chulel kikik.

O autor: Chulel kikik?

Tradutor: É apenas o inverso.

O autor: Ah, bom! É a bikik chulel?

Tradutor: Bikik chulel.

Outra voz: É muito grave, isso mata imediatamente.

Tradutor: Ele diz que é muito perigoso porque a palavra bikik chulelal... é como certas pessoas que se tornam, digamos, neuróticas ou muito nervosas diante de algo de que não gostam; isso pode matar imediatamente. Portanto, é isso a bikik chulelal, pode matar muito depressa. Mas, se tivermos tempo de tomar o pulso, percebe-se que basta simplesmente soprar para curar a pessoa. O pulso também diz se a bikik chulelal quer que se reze, que se acendam velas, incenso ou que se lhe ofereça uma galinha para comer, ou um *tamal*, um pouco de álcool, tudo isso para tratar essa pequena alma, como lhe chamam, a bikik chulelal, a pequena alma.

O autor: Mas todos possuímos uma?

Tradutor: Todos.

O autor: Só que, às vezes, ela fica mal e põe-nos à prova.

(DIÁLOGOS EM DIALETO)

Tradutor: A pequena alma não pertence a ninguém, nem a si, nem a mim; é uma alma estranha que vem importuná-lo.

O autor: Ah!

Tradutor: Outra alma que nos ataca.

1 (Galette de carne e farinha de milho.)

O autor: Está bem, e é por isso que adoecemos.

Tradutor: Por exemplo, está a conversar há algum tempo com uma pessoa neurótica e, de repente, porque não percebeu bem o que lhe disse, dispara sobre si com uma pistola ou uma espingarda, e pode matar outras almas, outras pessoas.

(DIÁLOGOS EM DIALETO)

Tradutor: Se for preciso acender velas, devem ser seis de cores diferentes e treze pequenas que não se acendem.

Outra voz: Diz-se que estas são para Deus no céu, e as coloridas para o Pujuk. As outras são para Deus.

(DIÁLOGOS EM DIALETO)

Tradutor: Sobre as velas, ensinaram-nos que as brancas são reservadas a Deus, porque é Ele quem nos deve falar primeiro para nos poder ajudar a dirigir-nos depois ao Pujuk, o demónio, Satanás, chamem-lhe como quiserem. Porquê? Porque é ele quem faz o mal contra a vontade de Deus; por isso é que primeiro nos devemos dirigir a Deus antes de poder falar com o demónio, com o Pujuk. As velas vermelhas e as coloridas servem para pedir ao Pujuk que deixe de acostrar um inimigo. Se, por exemplo, o ataca, pode dizer-se: pára, vai-te embora. É isso que se faz com o demónio para que deixe de torturar uma alma ou alguém — enfim, para que deixe de viver.

(DIÁLOGOS EM DIALETO)

Tradutor: Para dar um exemplo, o médico tradicional é como um advogado, um advogado que deve primeiro dirigir-se ao seu superior, que é Deus, para poder reunir as três pessoas, isto é, o médico, Deus e o demónio. Portanto, antes de tudo, deve falar com Deus, pedir-Lhe que o ajude a convencer o demónio, que quer levar e matar a pessoa: além das velas, é preciso fazer-lhe uma oferta — digamos, uma galinha ou um galo. Dá-se-lhe o animal para que, em vez de tomar a alma da pessoa, tome a dela. Assim, o demónio — ou não sei, o mal, aquele que faz o mal — vai-se embora aplacado pelas velas e pela alma da galinha, e deixa de vir atormentar o paciente.

(DIÁLOGOS EM DIALETO)

Tradutor: Depois de rezar e acender a vela, oferece a galinha com incenso. No seu altar, dispõe alguns ramos ou flores, onde reza pela cura do doente. Quando termina, agarra a galinha ou o galo e oferece-o em troca da alma da pessoa. Enquanto lava a galinha, fala com Deus e diz-Lhe como é: se o doente tem febre ou se tem frio. Pede-Lhe que retire a doença do seu corpo para a colocar na galinha ou no galo, e vai retirar a doença — ela passará pelo ombro e desaparecerá. No momento em que diz que a pessoa vai realmente curar-se, a galinha morre e não se come.

(DIÁLOGOS EM DIALETO)

O autor: O Pujuk também recebe a chama da vela? Para ele, essa chama é uma oferta, dá-se-lha?

Tradutor: É como se se fizesse um inquérito com um juiz ou um advogado. Há um choque entre duas pessoas que, por exemplo, andam às pancadas ou que sei eu. Então, para que isso acabe, é preciso convocar as duas, e cabe ao juiz ou ao representante da autoridade convencê-las para que não haja mais esse tipo de problemas, ou apaziguar-lhes o rancor com ofertas, para que saiam satisfeitas e deixem de se agredir. A propósito das velas, já disse que as brancas se destinam a Deus; as amarelas e as coloridas, ao espírito do mal, para que parta contente com essa oferta... e dá-se também a galinha para que deixem de haver problemas.

O autor: E o *muck chuletak*?

Tradutor: Aí é como se aquilo tomasse um rumo político: há pessoas, em estado de vigília, que parecem tão simpáticas que te oferecem de beber, mas é um engodo; em aparência, convidam-te. No entanto, o problema não está no estado de vigília, mas no sono, porque agora, por enquanto, estamos acordados, conscientes do que fazemos, e o nosso espírito, a nossa alma, está dentro de nós. Mas o problema vem depois, quando dormimos...

(INTERRUPÇÃO PARA VISITAS, DIÁLOGOS EM DIALETO)

Tradutor: Acredita nos sonhos? Acredita, ou não? É uma pergunta que ele lhe faz.

O autor: Tenho a impressão de que existem dois tipos de sonhos: um sonho interior, ou melhor, um género de sonho que vem do interior, como a imaginação. Mas também há interações — isso faz dois. Creio que há dois: um sonho interior e um sonho exterior ou misto.

Tradutor: Ele disse que já o sabia, que dois dias antes tinha visto em sonho que você viria. Antes de você chegar a San Cristóbal, soube em sonho que iria receber visitas e viu-o, mas no seu sonho, na sua alma ou no seu espírito. Então deu-se conta de que você ia chegar.

O autor: Bom, isso leva-nos à terceira pergunta. Nós acreditamos que o tempo existe, não é? Que há um passado, um presente e um futuro bem reais, tal como pensamos que tal coisa é real. Mas não estaremos a enganar-nos? Eu, que estou longe de ter a cultura do Don António, pergunto-lhe isto: quando se quer ver o futuro em sonho, o que é que acontece realmente?

(DIÁLOGOS EM DIALETO)

Tradutor: Ele diz que há casos de doença que dão febre, diarreias ou problemas respiratórios, mas que já faz vários dias que sonhou com isso e lhe aconselharam que tivesse cuidado porque ia haver imensos casos. Não disse nada, e agora há muita gente da região que o procura com febre — os que vivem em Can Cuc, Oxchuc, Ocosingo e San Pablo, ou noutros lugares onde a doença já se propagou. Mas tudo isso, ele soube-o antes.

Don António: (em espanhol) Gripe e febre.

Outra voz: E de onde vem a doença, Don António, sabe?

Don António: (em espanhol) Conforme o lugar e a manifestação: doença de Deus, castigo de Deus.

(DIÁLOGOS EM DIALETO)

Uma voz: Gostaria de lhe fazer uma pergunta sobre o que acabou de dizer, Don António. Quando a doença é provocada pela vontade de Deus, quando é um castigo de Deus, pode curar-se?

Don António: (em espanhol) Pode-se muito facilmente; é muito simples no caso da doença que vem de Deus, que é castigo de Deus. Pode tratar-se. Mas o que é mais difícil é o calor do Pujuk.

(RISO)

Tradutor: A propósito do que ele acaba de dizer, do sonho que teve: como sabe que não terá tempo para tratar toda a gente doente, vão juntar-se vários para preparar uma medicina preventiva; ele vai reunir-se esta noite com os seus colegas, os médicos tradicionais. Vão celebrar uma cerimónia preventiva que consiste em vigílias, oferta de incenso, ramos, bebidas — talvez até álcool, mas pouco — para pedir ao Nosso Senhor Deus que estanque essa epidemia. E, ao mesmo tempo que a Deus, vão dirigir-se ao demónio para que ambos cheguem a acordo e deixem de se desentender.

Uma voz: E quando vão fazer isso? Convida-me, Don António?

Don António: (em espanhol) Está bem. Assim, não haverá doenças.

Uma voz: Obrigado, Don António.

Tradutor: Entretanto, conheço as suas sessões de cura; chamam-lhes *misha*.

Uma voz: Ah! é a *misha*; vão celebrar uma *misha* especial para pedir ajuda.

Tradutor: Sim, mas não apenas para isso: agradecem a Deus por estarem vivos, por terem boas colheitas, por terem que comer — milho, feijão. Ao mesmo tempo, pedem-Lhe que vele pela sua saúde e que afaste o demónio, para que deixe de os importunar.

O autor: Tenho perguntas a fazer-lhe. Quando alguém está unificado, isto é, quando os dois lados são iguais, então está unificado e unifica-se. O que essa pessoa faz afeta os outros?

Tradutor: Ele não entendeu.

O autor: Quando alguém conhece a unidade e, por conseguinte, está em contacto com Deus — aliás, não só com Deus, mas com o todo —, os seus atos mudam o resto? Ou melhor, que influência julga Don António que uma pessoa pode ter sobre o exterior, sobre as outras pessoas? Pode, por exemplo, modificar-lhes os pensamentos? Ou influir nos acontecimentos da aldeia pelo poder do seu espírito? Enquanto indivíduo, que relação tem essa pessoa com o que a rodeia? Suponhamos, por exemplo, que há problemas na aldeia, histórias de ciúmes; pode, Don António, mudar isso por si só, sem a ajuda de ninguém e ficando sentado em casa?

Tradutor: Mentalmente, sim, pode ajudar ou atacar.

O autor: Não atacar, mas resolver um problema?

Tradutor: Sim, sim, eu tinha entendido.

O autor: Mas digamos, em silêncio e de forma direta.

Tradutor: Lembro-me de uma história; parece-me que o meu pai me disse que antigamente havia pessoas chamadas *totilmedil*, isto é, o pai, o pastor. Essas pessoas podiam ter um poder muito benéfico sem se mexer, como diz... Nessa época, utilizava-se apenas a comunicação direta. O pai ou a mãe do doente vinha trazendo *tortillas*, um *pozolito*, uma ou duas *gorditas*¹, que eram a comida tradicional da região, e falava com o ancião. Dizia: vim dizer-te que o meu filho está muito doente, tem o mesmo que fulano; aqui tens uma oferta para ti. O ancião respondia: eu sei o que o teu filho tem, não te preocupes; quando voltares a casa, ele já estará melhor. Era assim que se tratava — o ancião nunca ia ter com o doente, mas curava-o mentalmente, de sua casa, à distância e de forma invisível, porque quem é que lhe podia levar o doente? Ninguém. Isto responde à sua pergunta?

O autor: E isso também é válido num plano mais geral, não é? Por exemplo, Don António, é possível mudar o destino do México? Explico-me: alguém que possua poder pode modificar a sorte de um país ou do planeta? Que pensa disso?

(DIÁLOGOS EM DIALETO)

Tradutor: Diz que antigamente isso era possível, existia. Mas hoje ele não consegue curar mentalmente nem arranjar seja o que for à distância, não o pode fazer. No entanto, é capaz de tratar uma pessoa vinda de San Cristóbal ou de outro lugar do México, desde que lhe tragam uma peça de roupa pertencente ao doente e lhe digam o nome deste. Mas curar à distância, pelo simples poder do pensamento, não o consegue.

Uma voz: E não há ninguém... Não conhece ninguém que saiba fazê-lo?

1 Sopa de grão-de-bico com malaguetas (N. T.)

2 Pequenas *tortillas* (galettes de milho).

Tradutor: Não há, isso já não existe.

O autor: Ainda tenho muitas perguntas para fazer, mas não sei se Don António concorda. Por exemplo, há algo chamado *sacord*, que é a reunificação da vida depois de ela ter sido cortada. Gostaria de saber em que consiste. Disseram-me que são dois *Akchamels* que fazem a *tush chihora* e que é o *Ilol* quem pratica a *sacord*.

(DIÁLOGOS EM DIALETO E EM ESPANHOL)

O autor: Don António pensa que a alma está unida a Deus ou que dela é distinta, e que pode existir em nós uma só alma — acaba de me dizer que eu só tinha uma —, ou então várias. Como é isso possível? Como é que essa alma está unida a Deus e que relação têm todas essas almas com Ele?

(DIÁLOGOS EM DIALETO)

Tradutor: Diz que só as almas boas, como a sua, estão com Deus, bem perto de Deus. Ele fica ao lado delas como um amigo e permite-lhes realizar muitas ações generosas; em contrapartida, as pessoas que possuem várias almas estão perto dos demónios, pois só cometem atos maldosos: convidam-nos — «Venham incomodar fulano, vamos, vamos, venham beber cervejas para “planar”, para agredir os outros.» Mas a pessoa que tem apenas uma alma, como você, não é perigosa para os outros porque está com Deus e pode realizar coisas boas. Além disso, em contacto com uma pessoa grande e generosa, os outros, que na sua maioria não são bons,

sentem uma espécie de inveja: «Porque é que este não vem connosco?» E arranjam-lhe sarilhos.

DOÑA PRAGEDIS

Nascida em 21 de julho de 1932, Doña Pragedis pertence ao linhagem dos *graniceros* do estado de Morelos. Afirmar ter parentesco com Don Lucio por via dos respetivos pais, mas defende-se de depender dele ou mesmo de algum dos seus colaboradores no seu trabalho xamânico. Por outras palavras, embora Don Lucio e ela desempenhem as mesmas tarefas e se conheçam, continuam, apesar disso, independentes um do outro.

Doña Pragedis descende de uma família mais ou menos votada ao xamanismo. O pai celebrava purificações e tratava as pessoas da sua comunidade, como já fizera antes o seu avô. Isso mostra que Doña Pragedis é herdeira de uma tradição que remonta pelo menos a três gerações, tradição da qual retirou numerosos conhecimentos e técnicas que hoje põe em prática no seu trabalho de psicóloga autóctone.

Doña Pragedis é bem conhecida dos habitantes da sua aldeia que, quando ela não está ocupada com trabalhos domésticos, a procuram para aliviar os seus sofrimentos psíquicos e físicos. Nisso, presta um serviço considerável à comunidade.

A vida quotidiana de Doña Pragedis

A vida desta xamã não difere em nada da de uma camponesa mexicana comum. Enquanto o marido se ocupa da lavoura das terras e das colheitas, ela mói o milho, prepara a massa para as *tortillas*¹, confecciona as refeições da família, lava a roupa, ocupa-se das crianças, vela pela sua educação, etc. Em suma, Doña Pragedis comporta-se aparentemente como alguém absolutamente normal e aceita as imposições da vida quotidiana como coisas reais e necessárias.

Nesse sentido, encarna na perfeição uma das particularidades inerentes ao xamanismo mexicano: a capacidade de se projetar em dois níveis de realidade diferentes, reconhecendo as leis de cada um deles, respeitando-as e agindo em conformidade. Esses dois níveis são, por um lado, o da existência quotidiana, com o seu cortejo de regras, obrigações, compromissos e necessidades: quando um xamã vive o nível da realidade quotidiana, cumpre-o de maneira irrepreensível, sem que se note a mínima diferença entre o seu comportamento e o de uma pessoa comum. Por outro

lado, o nível da existência xamânica, que implica o contacto com os seres etéreos, o seu chamamento, as terapias, os diagnósticos — um conjunto de atividades particulares que o xamã também realiza de modo impecável, aceitando as regras e as leis desse outro nível de realidade. Para ele, parece não haver qualquer conflito, qualquer contradição no facto de levar aquilo que, de um ponto de vista exterior, se assemelha a duas vidas totalmente diferentes, fundadas em situações e regras bem distintas. Doña Pragedis passa de um nível para o outro de forma impercetível, sem por isso manifestar nada de vistoso, assombroso ou inclusivo.

1. *Gallettes de farinha de milho*

Quando conheci Doña Pragedis, pedi-lhe autorização para a fotografar, o que ela recusou categoricamente, com o pretexto de não saber que uso seria dado à fotografia nem em mãos de quem iria parar. Eis porque não posso oferecer aqui o retrato desta psicóloga autóctone. A única coisa que posso fazer é descrevê-la: uma pessoa que parece muito mais idosa do que deve ser na realidade, robusta, com cabelos brancos, traços índios muito vincados, tez escura, um olhar penetrante e uma maneira de ser muito «fluida». Doña Pragedis anda descalça e parece viver em relação muito estreita com a terra. Emanam dela coisas profundamente naturais e familiares. Não revela qualquer sofisticação — não está sujeita a qualquer constrangimento nem simulação no seu comportamento; as suas expressões e a sua voz são do mais simples que há; não ostenta qualquer posição de autoridade, nem de dependência, nem de humildade exagerada. Em suma, esta xamã conduz-se com a maior naturalidade, atitude que comunica a todos os que se aproximam dela.

A iniciação de Doña Pragedis

Doña Pragedis conta que o pai contraiu um dia uma doença que os médicos da região não conseguiram curar. Numa noite, quando ele estava deitado na cama, começou a gemer de uma maneira invulgar e alarmante, o que a levou a tentar tratá-lo com as próprias mãos. Para isso, pegou num ovo, aproximou-se do pai e começou a esfregá-lo por todo o corpo. Diz que, nessa noite, sem conseguir dormir, ouviu uma série de trovões e viu relâmpagos acompanhados de ligeiros tremores de terra, prenunciando uma violenta tempestade. Além disso, conta ter sido visitada, nessa mesma noite, por seres que a convidaram a percorrer o espaço com

eles — convite que aceitou. Então, foi levada para regiões afastadas de sua casa por esses seres que se comportavam como pessoas normais, salvo o facto de serem capazes de levitar e deslocar-se pelo ar.

Após essa viagem, Doña Pragedis foi trazida de volta a casa, e os referidos seres entregaram-lhe vários objetos que lhe conferiam a responsabilidade de tratar a comunidade e, por conseguinte, de os alimentar a eles próprios.

Quando perguntei a Doña Pragedis o que significava alimentar esses seres, respondeu-me que, em troca do dom de cura, devia oferecer-lhes comida durante as cerimónias. Essa comida consistia em diversos géneros que os doentes, antes da sessão, dispunham num altar consagrado aos seres do tempo.

A iniciação de Doña Pragedis, iniciada ao longo do relato que antecede, atingiu o seu ponto culminante no momento em que esses objetos lhe foram confiados a título pessoal.

Pode notar-se a semelhança de elementos e de acontecimentos existentes entre a iniciação de Doña Pragedis e a de outro *granicero* de Morelos, Don Lucio. Tendo já descrito a iniciação deste último, recordar-ei apenas que também ele foi arrebatado pelos ares por entidades que se deslocavam em levitação; que passou a realizar curas após um contacto prolongado com essas entidades e que, por fim, também hoje celebra cerimónias nas quais os seus pacientes fazem oferendas de comida aos seres etéreos. Don Lucio chama a essas entidades os Trabalhadores do Tempo, enquanto para Doña Pragedis são simplesmente «os seres».

As provações

No relato da sua iniciação e do seu aprendizado, Doña Pragedis confiou-me que, depois de receber os presentes dos seres bem como a ordem de os utilizar para tratar a sua comunidade, decidiu furtar-se a esse pedido e permaneceu algum tempo sem cumprir o que lhe fora determinado; isto é, recusou ocupar-se das pessoas que vinham solicitar a sua ajuda. Esta xamã conta que começou então a deparar-se com toda a espécie de dificuldades, entre as quais ataques de reumatismo, constipações repetidas e outros incómodos de saúde, assim como a morte de várias pessoas próximas, entre elas a própria filha. Perante essas catástrofes, resolveu aceitar o convite e o compromisso estabelecido com os seres. A

partir do momento em que se dedicou às curas dos doentes, cessaram os seus aborrecimentos, as suas doenças e as suas provações familiares.

O trabalho terapêutico de Doña Pragedis

As modalidades de trabalho desta xamã são variadas. Eis, no entanto, as principais:

1. Purificação por meio de ovos e plantas
2. Sonhos premonitórios e de diagnóstico
3. Cerimónias de iniciação
4. Trabalho em colaboração com os seres.

No que respeita às sessões de purificação com ovos, decorrem exatamente da mesma maneira que as de Don Lucio, de Doña Licha, de Puebla, e da maioria dos psicólogos autóctones.

Nos casos mais graves, antes de realizar a purificação propriamente dita, Doña Pragedis mergulha o ovo em álcool e depois fricciona o corpo do paciente com plantas que ela própria cultiva no seu jardim. Previamente, essas ervas foram mergulhadas em álcool e depois aquecidas, antes de serem utilizadas sob a forma de loção. Durante essas sessões de tratamento com plantas, o doente deve ficar três dias sem tomar banho, em isolamento, para que o efeito produzido seja o mais potente possível.

No que toca à técnica dos sonhos, Doña Pragedis interpreta o seu conteúdo a partir da segunda sessão de purificação dos pacientes. Ou seja, quando alguém vai pedir-lhe assistência, ela efetua uma primeira purificação e marca depois outro encontro para realizar uma segunda. Só depois disso a xamã examina o conteúdo dos sonhos do seu paciente e procura neles as causas da doença e os tratamentos terapêuticos a seguir para o curar.

Doña Pragedis confiou-me que, desde a sua iniciação, tem sido continuamente visitada pelos seres, que lhe aparecem em sonhos e a fazem percorrer longas distâncias, para lhe mostrarem novos procedimentos terapêuticos, bem como os lugares e as situações de que deve ter em conta para tratar os seus doentes.

Se lho pedirem expressamente, Doña Pragedis celebra iniciações que consistem em pôr o candidato doente em contacto com os seres, para que estes possam intervir e colaborar na melhoria do seu estado de saúde, assim como na sua evolução interior. Por ocasião dessas cerimónias de

iniciação, Doña Pragedis oferece comida aos seres e conclui com eles um pacto pelo qual abre uma via de comunicação entre o paciente e os seres.

Don Lucio utiliza um procedimento muito semelhante a este, o que permite afirmar que ambos pertencem, indubitavelmente, ao mesmo linhagem xamânica.

Os seres

Segundo Doña Pragedis, os seres que a guiam no seu trabalho e a levam para longe pela via dos ares são pessoas falecidas, mais ou menos em busca de luz interior. Doña Pragedis identifica-os como antigos soldados da revolução, indígenas mortos em batalhas do passado, etc.

Estes seres, encontrando-se na obrigação de se alimentar, fariam do trabalho dos xamãs a satisfação dessa necessidade, oferecendo-lhes a possibilidade de continuar a nutrir-se.

Os instrumentos de trabalho

Além da sua vocação de curandeira, Doña Pragedis é parteira para as pessoas da sua comunidade, bem como *granicera* da sua região.

Como curandeira, o principal instrumento que utiliza nas consultas é um ovo, que mergulha em álcool antes de o passar por todo o corpo do paciente, com o objetivo de lhe absorver a doença. Em seguida, toma diferentes plantas, entre as quais *estafiate*¹, murta e sálvia, humedece-as com água e aquece-as antes de acrescentar álcool. Obtém assim uma pasta vegetal, que segura nas mãos para friccionar o corpo do doente.

Nas suas intervenções como parteira, serve-se também de ovos, além dos métodos tradicionais utilizados pelas parteiras.

Enquanto *granicera*, diz que, quando vê aproximar-se uma saraivada suscetível de destruir as colheitas, pega em cinza de chaminé, numa colher, e grita com todas as suas forças na direção das nuvens para que se afastem da sua região e vão despejar o granizo num lugar onde não corram o risco de estragar os campos, destruir a floração das árvores de fruto, ou causar feitiços às casas e aos habitantes das aldeias.

1. Losna (N. T.)

Já referi que, para Doña Pragedis, é essencial alimentar as entidades espirituais para que, uma vez satisfeitas, deixem de vir atormentar os seres humanos. Por experiência pessoal, posso dizer que, depois de ter sido objeto de várias purificações por parte de Doña Pragedis, esta me revelou que, nos seus sonhos, lhe aparecera uma grande quantidade de pequenos seres espirituais a reclamar comida. Segundo ela, essa visão

significava que à minha volta evoluía um grande número de pequenos seres, a quem ela atribuía a responsabilidade pelo mal-estar que eu vinha sentindo, havia alguns anos, numa cabana que me pertencia.

É interessante mencionar aqui que, na sua relação com esses seres espirituais, Doña Pragedis adota a mesma posição que com as nuvens e as quedas de granizo. Por outras palavras, parece considerar que os seres que vê em sonhos, assim como as condições climatológicas, possuem uma realidade espiritual com a qual é possível interagir e comunicar. Além disso, esses seres parecem de facto aceder aos pedidos do xamã, desde que este os formule com força e convicção suficientes.

A visão da realidade de Doña Pragedis

À semelhança da maioria dos psicólogos autóctones que pude estudar, Doña Pragedis testemunha a capacidade de evoluir em dois níveis distintos de realidade. Contudo, ao contrário de outros xamãs, parece incapaz de diferenciar ambos, ou sequer de os conceber como diferentes um do outro. Não fala, como faz Don Lucio, de um mundo visível e de um mundo invisível, mas experimenta as duas realidades sem as distinguir, como se formassem uma só.

Como a maior parte dos psicólogos autóctones, Doña Pragedis revela uma menor capacidade de conceptualização, de tal maneira que as suas experiências vividas e as suas capacidades curativas, longe de dependerem de uma ideologia ou mesmo de uma teorização sofisticada, exprimem-se de modo natural e espontâneo e dispensam qualquer explicação complexa.

No seu discurso, Doña Pragedis raciocina como se considerasse que o universo material não se distingue, fundamentalmente, do universo mental, psíquico ou espiritual, pois atribui a ambos a mesma realidade viva; assim, comunica com as nuvens como se fossem seres vivos, do mesmo modo que comunica com os filhos, com os animais que a rodeiam e até com as entidades espirituais que, diz, a visitam e a aconselham durante os seus sonhos. Esta visão da realidade coincide com a ideia segundo a qual o xamã vive num mundo mágico, em que cada acontecimento reveste um significado preciso e onde as forças da natureza colaboram com o psiquismo e a consciência humanos — ou se lhes opõem —, possuindo elas próprias características de seres vivos cons...

DON NICOLÁS

Don Nicolás, nascido em 10 de setembro de 1911, é um homem magro, de cerca de metro e meio, cujo rosto exprime grande bondade. Vive com o filho, a nora e alguns dos sobrinhos numa humilde casa com pátio de terra batida. Para além de levar a vida de um camponês mexicano dedicado aos trabalhos do campo, Don Nicolás é curandeiro. As gentes dos arredores vão procurá-lo para tentar encontrar resposta para os seus problemas e inquietações. A sua nora, Doña Virgínia, confidenciou-me que, mal regressava do dia de trabalho nos campos, ele ia visitar os doentes para se assegurar da melhoria do seu estado.

Mostrei-me interessado em conhecer este xamã. Além disso, estava preocupado com uma dor no ombro que desejava ver aliviada. Tive de fazer três visitas à família de Don Nicolás antes de ele aceitar receber-me. Quando finalmente foi possível, perguntou-me o motivo da visita. Expliquei-lhe que se tratava de uma dor no ombro e, com grande amabilidade, convidou-me a segui-lo para outra divisão, onde me ofereceu uma cadeira. Depois, de pé, segurou num dos meus braços, colocou o polegar sobre o meu pulso e, após procurar a zona de irrigação, escutou em silêncio o meu pulso. Em seguida, fez o mesmo no outro pulso.

Explicou-me que utilizava a deteção do pulso como diagnóstico para saber se o meu sofrimento era bom ou mau, causado por «ventos» ou apenas de origem material. Precisou que os «ventos» eram espíritos negativos que se introduziam no corpo dos doentes e que o volume do pulso, isto é, a sua intensidade, indicava até que ponto o sofrimento dos doentes era imputável a esses «ventos». A gravidade do vento que se apoderava do corpo manifestava-se, em primeiro lugar, pela fraqueza do pulso e pela altura a que este podia ser detetado. Se o pulso se mostrava fraco ao nível do pulso (punho), isso significava a presença de um «vento» negativo. Se, além disso, o pulso só era detetável na parte superior do braço, a situação tornava-se muito preocupante; isso indicava que o «vento» era extraordinariamente perigoso. Se este chegasse ao coração, era para o paciente sinal de morte certa.

Depois de escutar as pulsações do meu coração, Don Nicolás pegou num ovo e numa garrafa de álcool. Limpou o ovo com álcool e preparou-se para celebrar um rito de purificação. Este consistiu em esfregar

suavemente o ovo sobre diferentes partes do meu corpo, efetuando movimentos circulares e insistindo nas zonas — ou na zona — que eu lhe tinha assinalado como problemática. Depois, Don Nicolás verteu o conteúdo do ovo para um recipiente cheio de água e observou as formações proteicas deixadas pela clara, bem como a disposição e a coloração da gema. Essa observação permitiu-lhe obter a confirmação do diagnóstico revelado pelo pulso.

Após esta operação, Don Nicolás receitou-me uma preparação de plantas maceradas em álcool, destinada a ser espalhada na zona dolorosa do meu corpo antes de dormir. Depois, pediu-me que regressasse na manhã seguinte, precisando que iria sonhar, durante a noite, com o diagnóstico e o tratamento preciso que me deveria prescrever.

Questionado sobre esta técnica onírica, relatou-me assim a sua iniciação e o que se passa nos seus sonhos:

«Há trinta e cinco anos, quando estava no meu campo, fui atingido por um raio: perdi os sentidos e espíritos revelaram-me o segredo das curas, das plantas e dos tratamentos. Depois, voltei a ser atingido pelo raio e acordei. Os espíritos falaram entre os dois relâmpagos; um deles foi enviado por Deus para realizar curas. O segundo relâmpago trouxe-me de volta assim que os seres disseram o que tinham a dizer.

«Acontece por vezes as pessoas comerem plantas odoríferas que crescem em certas ravinas; então, os ventos apoderam-se delas e muitas morrem, porque os médicos não conseguem compreender o que lhes sucede, nem ajudá-las. Depois do raio, comecei a curar as pessoas. Os espíritos dizem-me como devo agir. À noite, vêm durante o meu sono e, como você e eu aqui, indicam-me o que há a fazer. Por vezes, tenho de lhes oferecer pão, laranjas e chocolate para que deixem de atormentar alguém.»

Segunda visita

Voltei a ver Don Nicolás no dia seguinte, às nove da manhã. Ao chegar, encontrei-o a mondar o seu pequeno jardim, onde cultivava ervas e plantas medicinais. Calmo e de excelente disposição, irradiava uma sensação de paz e gentileza. Depois de me acolher calorosamente, convidou-me a entrar na divisão onde me recebera na véspera.

Perguntou-me como estava e contou-me o que vivera na noite anterior.

Tinha sido visitado pelos espíritos que me importunavam e verificara que se tratava de crianças desencarnadas.

Isto surpreendeu-me muito porque, uma semana antes, na mesma aldeia, Doña Pragedis me anunciara exatamente a mesma coisa.

Acrescentou que o que me acontecia era provocado por espíritos que viviam no mesmo lugar que eu e não queriam abandonar o local. Estes tinham-lhe feito entender que desejavam receber certas coisas em troca da sua partida.

Don Nicolás pediu então ao neto que lhe trouxesse uma planta de Santa Maria e, quando isso foi feito, mergulhou-a em álcool antes de me friccionar o corpo com grande cuidado e delicadeza. Tal como nas purificações com um ovo, a erva é esfregada suavemente nas diversas partes do corpo, da cabeça aos pés. Durante a operação, experimentei uma extraordinária sensação de bem-estar e de paz interior, da qual dei conta a Don Nicolás. Este explicou-me que o efeito da planta consistia em afastar do meu corpo todos os elementos negativos, insistindo particularmente na parte do ombro que me fazia sofrer.

Os espíritos-criança e os espíritos auxiliares

Don Nicolás afirmou que, na noite anterior, não só fora visitado pelos espíritos-criança, como tivera também um encontro com os seus espíritos protetores, os quais lhe tinham explicado que o tratamento destinado a afastar os espíritos-criança consistia numa cerimónia de purificação em casa da pessoa em causa, bem como em oferendas de comida.

Don Nicolás estava absolutamente certo de que estes dois procedimentos poriam definitivamente fim às minhas dificuldades. Aderi a essa opinião e combinámos um novo encontro para a semana seguinte.

Don Nicolás pediu-me que, nessa ocasião, levasse quatro objetos de prata que ele enterraria nos quatro cantos da minha cabana, e um quarto de litro de álcool destinado aos espíritos-criança.

Terceira visita a Don Nicolás

Chegando com algum atraso à hora marcada, não encontrei Don Nicolás em casa, mas o neto conduziu-me ao seu campo, situado a meia hora de caminhada da aldeia.

Fomos caminhando entre os campos aquecidos pelo sol da manhã, milheirais acabados de germinar numa terra húmida, cheia de cristais de obsidiana, até darmos com Don Nicolás ocupado a trabalhar na sua horta plantada de tomates. Fiquei estupefacto por ver que, com a sua idade, setenta e cinco anos, ainda tinha forças para manejar o ancinho e schar a terra.

Dirigimo-nos para a serra até chegarmos à minha cabana, onde Don Nicolás devia celebrar a cerimónia de purificação. Para tal, apanhou plantas pelo caminho, além do que trouxera de casa: recipientes cheios de líquidos e algumas folhas de palmeira destinadas, como as de Don Lucio, a afastar os espíritos negativos.

A cerimónia consistiu em delimitar o terreno nos quatro cantos, colocando aí os pequenos objetos de prata, velas e folhas de palmeira; depois, realizar a mesma operação nos quatro cantos da cabana e, finalmente, celebrar a purificação propriamente dita, friccionando-me com ervas.

Don Nicolás afirmou que, assim, a casa ficava purificada, mas que, durante as suas comunicações, os espíritos lhe haviam dito que desejavam receber dinheiro antes de poder libertar definitivamente o terreno, a cabana e os seus habitantes das contínuas interferências mentais de que eram vítimas. Don Nicolás explicou-me que os espíritos levariam apenas o aroma da prata, deixando no local o próprio metal. Revelou-me igualmente que, no decurso das suas trocas noturnas e oníricas, os espíritos lhe tinham aconselhado que me fizesse beber, durante dois dias, em jejum, uma bebida especial que mostrava que eu acabara de ser recentemente purificado.

Depois desta explicação e considerando que o seu trabalho estava perfeitamente concluído, Don Nicolás pediu-me a quantia de 15.000 pesos em pagamento do esforço e do labor que realizara.

Assegurou-me que, não só deixaria de sofrer contratempos e interferências psíquicas, como também toda a zona circunscrita pela prata enterrada permaneceria protegida contra qualquer espécie de perturbação atmosférica — tempestade, trovoada, inundação — que pudesse prejudicar a terra ou os seus habitantes.

Tamanha confiança no poder dos seus atos e na eficácia das suas relações com os Trabalhadores do Tempo prova que, no espírito de Don Nicolás, a crença relativa à existência dessas entidades é absoluta.

Uma das considerações mais surpreendentes relativas aos espíritos com os quais Don Nicolás comunica é que ele os considera seres negativos, cuja tarefa essencial consiste em fazer o mal. Mantém, no entanto, com eles uma relação permanente, que o obriga a colaborar para impedir que levem a cabo os seus desígnios maléficos.

Esta crença é extraordinariamente interessante e lógica, na medida em que dá sentido ao trabalho de Don Nicolás e esclarece o seu destino.

Por outras palavras, este xamã considera-se um homem de bem que se viu obrigado a estabelecer contacto com espíritos malignos, único meio, segundo ele, de proteger a sua comunidade dos golpes que esses seres lhe desferem, como se essa ocupação fosse, entre eles, uma característica idiossincrática. Don Nicolás oferece, pois, a essas entidades o que elas desejam, em troca do que deixam as pessoas em paz, em particular aquelas a quem o xamã está ligado por um compromisso terapêutico.

Don Nicolás estará obrigado a efetuar este trabalho toda a vida, mas aceita-o como o seu destino e um meio de se realizar a si próprio, apesar de isso o forçar a manter uma relação constante com entidades negativas.

Experiências pessoais

Para facilitar a compreensão do texto, sinto-me na obrigação de relatar aqui algumas experiências pessoais resultantes da minha relação com Don Nicolás.

Depois de construir uma cabana na serra, vivi, durante cerca de seis anos, experiências que não conseguia compreender e que, por vezes, me enchiam de terror, porque me davam a impressão de estar rodeado de presenças estranhas que me impediam de dormir e provocavam em mim uma ansiedade incontrolável. Consultei os psicólogos autóctones da região para lhes pedir ajuda. Foi isso que esteve na origem do meu encontro com Don Nicolás, assim como um excelente meio de empreender uma investigação exaustiva sobre a personagem.

Perante Don Nicolás, a minha primeira impressão foi a de me encontrar diante de alguém fundamentalmente bom, sensível e amável, incapaz de se tornar culpado de qualquer ato maléfico ou de estar associado a qualquer elemento negativo.

Todavia, à medida que o fui conhecendo melhor, comecei a sentir uma força superpoderosa a irradiar de toda a sua pessoa, que só posso comparar com as experiências interiores que, por vezes, vivia no meu abrigo de montanha. Quero dizer com isto que a qualidade da presença de Don Nicolás era muito semelhante à das experiências que eu sofria na minha cabana.

É evidente que essa semelhança me levou a supor que existia um vínculo entre as duas experiências; e as explicações de Don Nicolás acerca da sua relação com os Trabalhadores do Tempo, que se alimentam de uma maneira ou de outra da presença humana, esclareceram-me quanto à natureza das minhas experiências, embora deva admitir que não pude, nem posso, aceitar a sua interpretação como sendo a única explicação a dar aos fenómenos que vivi. Além disso, várias abordagens teológicas dos casos de possessão por espíritos confluíam tanto com as explicações de Don Nicolás como com as de toda a linhagem dos *graniceros* do estado de Morelos — abordagens segundo as quais existiria efetivamente entre os seres humanos e os espíritos uma interação energética, querendo isso dizer que os espíritos se alimentam de todo o nível ou estado próprio do ser humano e que necessitam dessa alimentação psíquica para subsistir. Não posso caucionar esta explicação não objetiva nem rejeitá-la totalmente; a única coisa que me é permitido fazer é descrever as minhas próprias experiências e relatar o mais fielmente possível as explicações autóctones, sem lhes emitir qualquer juízo.

Os psicólogos autóctones pensam que existe um certo número de interações energéticas e que lhes cabe a responsabilidade de fazer com que essas interações sigam vias positivas e não causem mal aos pacientes a seu cargo. Foi assim que Don Nicolás pressentiu a minha cabana e celebrou o ritual de uso, a saber, enterrar objetos de prata nos quatro cantos do terreno para alimentar os seres etéreos e velar por que deixassem de se nutrir do psiquismo dos habitantes do local — no caso, eu. Uma das operações mais surpreendentes realizadas por Don Nicolás para alcançar o seu objetivo terapêutico foi o que poderíamos chamar de «marcação energética»: no final do seu ritual, entregou-me plantas prescrevendo que as escaldasse e as bebesse em infusão, em jejum, durante duas manhãs consecutivas. Quando lhe perguntei a razão e o objetivo de tal prescrição, disse-me que as substâncias que eu ia ingerir marcariam a minha presença; fariam com que os Trabalhadores do Tempo me identificassem e deixassem de me afetar.

Assim, por efeito de alguma modificação induzida pela ingestão dessa tisana, isso lhes indicaria que eu fora submetido a uma purificação e que, por conseguinte, me deviam deixar em paz.

Não conheço o correlato fisiológico da substância que Don Nicolás me fez beber, nem tenho meio de verificar se provoca efetivamente alterações no campo energético. Tudo o que posso fazer é descrever algumas experiências subjetivas provocadas por essa «marcação energética». Em primeiro lugar, cerca de trinta minutos após a ingestão da bebida, comecei a sentir uma atividade emocional que, não sei como, me levou a exprimir uma série de conteúdos. Estes, inicialmente insignificantes, tornaram-se de súbito portadores de uma carga emocional intensa. Esses conteúdos referiam-se a sucessos da minha vida, a relações e acontecimentos que haviam suscitado em mim certa dor psicológica e que, quando eu os julgava resolvidos, ressurgiam sob o efeito dessa infusão.

Reconheci também um conjunto de circunstâncias com as quais me identificara, supondo-as associadas a pontos de referência absolutos, e aperceber-me disso permitiu-me ganhar distância em relação a elas e perceber que, na realidade, não tinham caráter absoluto. Por outras palavras, fui capaz de me desprender de identidades relativas, recolocando-as na sua perspetiva adequada. Esse desidentificar despertou em mim uma viva sensação de solidão e abandono, ao mesmo tempo que um impulso para mais independência e força, para não voltar a ceder a nenhuma identificação.

Paralelamente a todos esses efeitos psicológicos, a infusão mergulhou-me num estado de fraqueza e de fadiga extremas.

As minhas experiências psicológicas coincidiram com uma das afirmações de Don Nicolás, no sentido de que os espíritos que me haviam torturado durante tantos anos largaram-me e se afastaram de mim à meia-noite em ponto, hora a que Don Nicolás terminou o seu trabalho. Quero dizer com isto que a minha sensação de solidão e de desidentificação em relação às coisas era o que Don Nicolás chamava abandono e afastamento dos seres etéreos.

Esta consideração permanece, não obstante, muito interessante de analisar, porque mostra que o ponto de vista a partir do qual Don Nicolás percebe a realidade depende do seu meio e do seu nível de conceptualização, e não coincide necessariamente com o ponto de vista de

outro nível de conceptualização, como o meu — ainda que ambos tenham numerosos pontos em comum.

Assim, o que Don Nicolás chama afastamento dos espíritos malignos representa, para mim, um distanciamento psicológico relativamente a certos aspetos concretos da realidade. Por outras palavras, aquilo a que qualificamos de restabelecimento da saúde psicológica e de independência é, para Don Nicolás, a libertação dos efeitos malignos produzidos por entidades espirituais que se alimentam do psiquismo de certas pessoas.

Na realidade, toda a identificação com um conteúdo concreto acarreta um enfraquecimento energético, no sentido em que o conteúdo concreto absorve, por assim dizer, a energia psíquica do sujeito — como se um ser dotado de consciência e de espírito independentes se alimentasse da energia humana.

O que precede corrobora a ideia de que uma das principais características dos curandeiros é atribuir a todo e qualquer acontecimento do universo um espírito e intenções específicas. Por exemplo, pensar que o raio enviado pelos Trabalhadores do Tempo decide o lugar onde vai cair é, em si, uma forma de atribuir intencionalidade a esse fenómeno — fenómeno que o ocidental de hoje vê como um acontecimento físico e natural, independente da consciência e do espírito.

Assim, a ideia de que o universo é dotado de um espírito e de que cada um dos seus fenómenos possui uma consciência opõe-se à ideia materialista segundo a qual os fenómenos físicos são totalmente independentes do espírito — duas considerações que produzem dois tipos distintos de explicação da realidade: por um lado, a explicação animista; por outro, a explicação materialista. Vimos, no entanto, que essas duas explicações convergem em efeitos comuns e em experiências subjetivas inteiramente semelhantes, independentemente do respetivo suporte ideológico e da sua posição perante a causalidade.

Quão interessante é, para a ciência contemporânea, saber que existem pessoas detentoras de conhecimentos tão elaborados como os de Don Nicolás, capaz de ativar um processo de libertação psicológica subtil dando a beber aos seus pacientes uma simples infusão de planta! Quais são as características de tal planta e como provoca esses efeitos? Perguntas que deveriam constituir um tema de investigação para a farmacologia psicológica.

Por outro lado, os efeitos dessa infusão fizeram-me lembrar um acontecimento semelhante ocorrido quando conheci Don Lucio. Esse xamã receitou-me também uma bebida concentrada à base de plantas, que devia ser tomada dissolvida em óleo de cozinha. Lembro-me perfeitamente de que, após ingerir essa mistura, senti o mesmo que com a poção de Don Nicolás: uma impressão de desidentificação relativamente ao aspeto concreto das coisas, a par de uma sensação de libertação psicológica em relação a elas.

Nessa ocasião, Don Lucio explicou-me que esses efeitos se deviam à ativação de um sistema de defesa que impedia os seres mal-intencionados de se aproximarem de mim e de me afetarem. Eis que o que eu havia vivido com Don Lucio se repetia agora com Don Nicolás, sendo que ambos os xamãs, embora ativando o mesmo tipo de experiência, propunham duas explicações diferentes da realidade.

Por fim, uma das experiências recorrentes na minha relação com Don Nicolás foi sentir uma sensação especial na parte superior do ombro sempre que o xamã parecia concentrar-se na sua comunicação com os Trabalhadores do Tempo. Essa sensação vinha acompanhada, na minha consciência, de uma modificação que me levava a aceitar de pronto o que Don Nicolás dizia acerca dos Trabalhadores do Tempo.

Essa sensação no ombro parece corresponder ao que Carlos Castaneda chamou o deslocamento da posição do ponto de montagem, um fenómeno que provoca uma modificação no sentido de um estado de consciência acrescida. Segundo Carlos Castaneda e o seu mestre Don Juan Matus, o ponto de montagem é um mecanismo que focaliza e mantém um certo nível de alinhamento entre as emanções, as quais, por sua vez, determinam uma forma particular de perceção.

Ainda de acordo com Castaneda, o corpo físico seria rodeado por um corpo energético, e o ponto de montagem localizar-se-ia no corpo energético, precisamente num lugar correspondente à parte superior do ombro. Embora eu não possa estar totalmente seguro de que a sensação experimentada na presença de Don Nicolás seja a de uma modificação do ponto de montagem, a semelhança entre a descrição dessas modificações vividas por Castaneda e a alteração do meu próprio estado de consciência na sequência do que senti no ombro leva-me a crer que deve existir alguma relação entre ambas.

Se tal for o caso, então pode considerar-se que uma das características mais interessantes de Don Nicolás é a sua capacidade de afetar o ponto de montagem das pessoas à sua volta, modificando a sua posição de forma direta.

A concepção que Don Nicolás tem da realidade espiritual parece provir da concepção que tem da realidade quotidiana. Com efeito, no dia a dia cultiva tomates para os vender e assim obter uma satisfação económica que lhe permita sobreviver. Uma vez que a vida quotidiana é uma espécie de reflexo da vida espiritual, é de esperar que as suas leis sejam semelhantes. Daí a existência desses seres, os Trabalhadores do Tempo, que estabelecem uma espécie de tratado comercial com os xamãs e os curandeiros, fazendo com que estes sejam fulminados pelo raio e possam receber as instruções necessárias à instauração de um trabalho em comum. O curandeiro recebe dinheiro pelas suas curas, e os Trabalhadores do Tempo recebem as satisfações etéreas de que, ao que parece, tanto necessitam na sua dimensão.

É claro que, sendo-me impossível falar mais a fundo da realidade tácita dos Trabalhadores do Tempo, a única coisa que posso fazer é relatar ao leitor as concepções dos curandeiros, tal como as apresentam, manifestam e vivem. Das investigações que realizámos junto dos *graniceros* do estado de Morelos, representados por Don Lucio, Doña Pragedis e Don Nicolás, pode concluir-se que esse linhagem possui a sua própria explicação da realidade e que os seus membros parecem incapazes de transcender esse nível de explicação e de se interrogarem sobre a origem das suas crenças, bem como sobre a da experiência e da criação da sua realidade. Por conseguinte, o nível conceptual dessas personagens obriga-as a identificar-se com toda uma série de relações causais derivadas da sua vida quotidiana e aplicadas à escala do Universo transcendente.

Nota final

Todos os arredores da aldeia, incluindo a serra onde se ergue a minha cabana, estão praticamente tapetados de cristais de obsidiana de diferentes tamanhos. A descrição que fiz das espigas de milho a crescer no meio de cristais de obsidiana não é uma imagem literária nem um exercício de retórica, mas sim uma descrição real das características do local.

É impossível saber se essa enorme quantidade de cristais de obsidiana e os acontecimentos xamânicos da região têm alguma relação de causa e efeito.

No que respeita ao quartzo, descobrimos que os seus cristais exerciam uma influência determinante sobre a comunicação interpessoal, que eles ativam e aprofundam.

Com efeito, foi demonstrado, em estudos conduzidos em laboratório, que os cristais de quartzo influem na atividade cerebral e aumentam as faculdades de comunicação direta. Ainda não foi provado que os cristais de obsidiana produzam um efeito semelhante, mas, a ser assim, isso explicaria vários fenómenos ligados à capacidade de comunicação xamânica da região e, talvez, certos acontecimentos relacionados com ela.

Seja como for, enquanto o que antecede não for submetido ao exame experimental, teremos de continuar a considerá-lo pura especulação.

DON FLORENCIO

Don Florencio faz parte de um agrupamento de camponeses do estado de Morelos que, há vários anos, se dedicam à elaboração de certas práticas orientadas para a expansão da consciência.

Atualmente, Don Florencio é o guardião do grupo: cabe-lhe velar para que essas práticas não percam vigor nem se desviem do objetivo inicial.

Tentarei descrever, neste capítulo, o trabalho realizado por este homem e pelo grupo a que pertence.

Antecedentes

No final do século passado nasceu, em Xochimilco, um novo linhagem de psicólogos autóctones. Esse linhagem fixou-se o objetivo de desenvolver, nos seus membros mais sensíveis, a faculdade de aceder a níveis de consciência alterada e de experimentar outra realidade, na qual se torna possível receber mensagens e tomar conhecimento de certos acontecimentos históricos e pessoais. Todos os domingos, há mais de meio século, os adeptos desta doutrina reúnem-se para assistir ao que chamam «cátedras»: encontros em que um membro iniciado entra em transe e recebe diversas mensagens, que por sua vez transmite aos ouvintes. Este grupo de

camponeses pertence a um conjunto de congregações que trabalham na Cidade do México, bem como em Yautepec, Totolapan e noutras aldeias do estado de Morelos, e que parecem ser herdeiras do linhagem mencionado acima.

O grupo de Don Florencio organiza-se da mesma maneira que os outros: é dirigido por um triunvirato composto por um guardião, um guia e uma personagem chamada Pedro.

Como disse, o papel do guardião consiste em supervisionar as práticas do grupo; o guia assegura o seu desenvolvimento espiritual, e Pedro encarrega-se de manter a sua coesão.

Paralelamente a esse triunvirato existem as chamadas «faculdades», médiuns que atuam como recetores e transmissores de mensagens espirituais. Essas «faculdades» recebem um ensino que as prepara para a sua função. Em estado de transe, comunicam as suas mensagens à assistência através de discursos proferidos durante as cátedras dominicais.

Os grupos são também compostos por «colunas», encarregadas de velar para que as mensagens das «faculdades» sejam escutadas atentamente.

Na transcrição de uma conversa que tive com Don Florencio, ele relata o fenómeno de entrada em transe antes da celebração de uma cátedra. Esse relato encontra-se no final do presente capítulo.

O conceito de vida de Don Florencio

Para este psicólogo autóctone, o Ser não morre. Apenas morrem definitivamente aqueles que se comportaram de maneira negativa durante a vida, gerando o mal e o sofrimento. Em contrapartida, os seres generosos e inclinados para o bem vivem eternamente. Don Florencio acredita na reencarnação. Segundo ele, o verdadeiro sentido da vida é alcançar uma comunhão cada vez mais estreita com a Essência.

A Essência é acessível a um médium capaz de sustentar uma cátedra. É real quando se podem constatar mudanças entre os diferentes discursos; é «fativa» ou «materializada» quando se trata sempre do mesmo discurso. Neste caso, isso significa que a «faculdade» está pouco avançada no seu desenvolvimento pessoal. Sendo a Essência interior e não exterior, é

antes de mais um contacto consigo mesmo que o médium deve aprender a estabelecer.

A iniciação de uma «faculdade» passa pela aprendizagem do desapego. O candidato aprende a separar-se ou a desapegar-se do corpo para poder unir-se à Essência ou a um ser espiritual de categoria intermédia entre os seres humanos comuns e a Essência.

As tribos de seres espirituais

Segundo Don Florencio, cada ser espiritual encontra-se em contacto com a Essência num grau que lhe é próprio. Por conseguinte, um médium que capta um ser espiritual beneficia do grau de contacto desse ser com a Essência.

O cérebro de uma «faculdade» ou «aparelho» serve para estabelecer uma comunicação específica e seletiva com um espírito determinado ou com a Essência.

Don Florencio cita nomes como Benjamim da Selva¹, Pena Azul², Pele Vermelha³, etc., para identificar a tribo de seres espirituais com os quais as faculdades do seu templo entraram em relação.

1. Benjamim da Floresta.
2. Pena Azul.
3. Pele Vermelha.
- 4.

A aprendizagem de Don Florencio

Este psicólogo autóctone confiou-me que a sua formação durou dez anos e que teve por mestres as «faculdades» de diferentes templos na Cidade do México, em Yautepec e em Totolapan.

Don Florencio passou por várias etapas ao longo da sua aprendizagem. No início, acreditava que os seres espirituais, tal como a Essência, eram exteriores e independentes de si. Hoje sabe que a Essência é interior e que se encontra em todos os níveis de organização do ser humano, desde as suas células, tecidos e órgãos, até à sua pessoa considerada como totalidade.

As cátedras

Todos os domingos, Don Florencio organiza uma cátedra para os membros da sua comunidade. Nessa ocasião, o guia e o Pedro do grupo, bem como as «faculdades» e os habitantes da aldeia (na sua maioria mulheres) reúnem-se num recinto fechado. Acendem-se três grandes círios diante do altar sobreelevado de sete degraus e, então, o guia toma a palavra. O seu discurso é apoiado por flores no altar e por um quadro representando um olho de onde se desprendem sete raios. Convida a assembleia ao recolhimento, à oração e à meditação. Evoca em seguida a vinda da Essência e prepara o guardião para cair em transe e dirigir-se à comunidade.

Alguns minutos depois, este (Don Nicolás) mergulha numa espécie de torpor acompanhado de ligeiras ondulações corporais. De olhos fechados, mantém-se sentado na cadeira mais alta da estrada. Assim que o guia termina o seu discurso, Don Florencio começa o seu.

O conceito de realidade segundo Don Florencio

Como disse, Don Florencio sustenta a ideia de que existem, noutra dimensão, seres conscientes (espirituais) com os quais é possível comunicar após um treino adequado. Esse treino estimula a capacidade de desapego ou de separação do corpo e do «espírito».

Para além dos seres espirituais, e sustentando o espírito, encontra-se aquilo a que o linhagem de Don Florencio chama a Essência. Esta é comum a todos os seres, que apenas se diferenciam entre si pela distância maior ou menor que os separa dessa Essência.

Este psicólogo autóctone não crê que a morte do corpo acarrete necessariamente a morte do espírito. Pelo contrário, este sobreviveria e reencarnaria noutro corpo e noutro cérebro, ou «aparelho». Por fim, a sobrevivência do espírito dependeria da qualidade das suas obras.

Eis alguns comentários de Don Florencio numa das nossas conversas:

— Don Florencio, trabalha no templo?

— Trabalho.

— E quando é que lá está?

— Amanhã estarei lá, amanhã, domingo.

— E vai sustentar uma cátedra?

— Eu próprio.

- A que horas?
- Às dez da manhã; o mais tardar, às dez e meia. E à terça-feira são as curas.
- À terça-feira? E o senhor também efetua curas?
- À quarta-feira é o dia do conselho. Há um na primeira quarta-feira de cada mês. Faz-se um conselho, o que quer dizer que o conhecimento espiritual vem ao conselho, vem à assistência que escuta. O conselho tem por objetivo instruir as pessoas.
- Mas que diferença há entre a cátedra e o conselho?
- São duas coisas diferentes. É o conselho que compõe a cátedra. O conselho é um espírito como, por exemplo, Castor, Pele Vermelha, Pena Azul.
- Pena Azul existe?
- Claro que sim! E Benjamim da Selva também, e ainda outras tribos. Agora, descobrimos os gigantes.
- Os gigantes?
- Sim, apercebemo-nos de que, naquele tempo, na época de Noé, a raça dos gigantes predominava. E notou-se que faziam muito mal ao resto da humanidade. Eram homens grandes, com mais de dois metros, muito fortes, que constituíam uma ameaça para os homens comuns. E a história, o Antigo Testamento, conta que Noé começou a falar-lhes do Dilúvio e que, quando o Dilúvio aconteceu, todos pereceram. Mas, antes disso, tinham conseguido dominar David.
- Não, Golias.
- Sim, Golias; David é quem o matou, e não fomos nós que o descobrimos, foi um espírito, foi o Castor.
- Mas esses gigantes ainda existem?
- Não, agora já não, mas estamos a aperceber-nos de até que ponto dominaram a sua época. Lançámos investigações por intermédio de espíritos e através do papel.
- O papel?
- Sim, enfim, o jornal.
- Ah! E isso coincide com o que dizem os espíritos?
- Completamente.
- Diga-me, que sente quando um ser espiritual o investe, quando sustenta uma cátedra?
- Está bem, está bem, falemos disso para que fique com uma ideia do que

é. Primeiro, antes de ir trabalhar, não como nada, só um pedaço de pão e um café ao pequeno-almoço. A partir do momento em que saio de casa, já não me devo preocupar com coisas materiais. Chego, sento-me um momento. Quando é hora, instalo-me na cadeira, começo a meditar e, enquanto medito, o meu espírito desprende-se e já não me lembro de nada, tudo desaparece, já não penso em nada. Algo materializa-se, um espírito vem em mim, mas não sei de onde.

Então, quando aparece aquele que se vai mostrar e proferir o discurso, é como se me viessem frases e me soprassem ao espírito o que devo dizer. Mas isso passa e, em seguida, sinto vir algo que se centra no meu espírito e sou tomado pelo sono. Vou adormecendo pouco a pouco; então, a única coisa que me resta fazer é preparar-me bem, e começa... Subitamente, o meu espírito deixa-me, como se algo o levantasse. Fica a cerca de um metro e meio de mim, e é aí que algo vem, que as luzes chegam de toda a parte.

— Luzes coloridas?

— Não, brancas. É como se me penetrassem. Ainda ouço o que as pessoas dizem, dou-me conta de que se fala a dezenas de metros, ouço barulho, mas eu já parti e fico impassível. Como se uma rádio me repetisse sem cessar: diz isto, diz aquilo, é disto que vais falar. Quando o outro ainda está no seu discurso, você já está concentrado. Sabe que já está concentrado.

— Mas sente-se a si mesmo?

— Já não, sente que é um aparelho que está a emitir.

— No entanto, lembra-se do que diz?

— Não, não me lembro de nada.

— Não se lembra de nada quando volta a si? Mesmo de nada?

— Não, de nada. Não sabe de nada, fica como embriagado, atordoadado. Não se lembra da cátedra, não se lembra de nada. Nem sequer sabe durante quanto tempo trabalhou, se foi uma hora, duas horas ou três horas. Esteve a dormir. Depois são as pessoas, ao conversarem, que lhe dizem como foi, qual foi o tema e o ensinamento da cátedra.

— E quando dorme, para onde vai?

— Não sente nada, não se sente. Dá-se conta de que está a dormir, não sabe de que fala o discurso. É então estranho, porque depois dizem-lhe «falou disto», e você não sabe de nada. E há quem não acredite, que pensa que você se lembra muito bem do que disse. Então toda a gente lhe faz

perguntas, e você não sabe de nada. Depois, volta a ser você mesmo; isso pode levar meia hora, conferi no meu relógio.

Qual é o espírito que entra em contacto consigo? É sempre o mesmo?

— Não, são diferentes.

— Mudam em cada uma das suas cátedras?

— Sim, dissipo já as suas dúvidas. Sabe porquê? Porque vi aparelhos que nós chamamos sacerdotes.

— O que são os aparelhos? É o espírito?

— O espírito é o nosso aparelho; por exemplo, eu não sou quem vai trabalhar, é outro que o vai fazer... Pois bem, vi aparelhos que proferem sempre os mesmos discursos.

— O discurso deles é sempre o mesmo?

— Exatamente. Suponhamos que no primeiro domingo esse aparelho faça um discurso com determinada mensagem, e que no segundo e no terceiro domingo profira o mesmo. Eu penso que esse aparelho aprendeu com demasiada materialidade. Sabe o que é a materialidade?

— Sim.

— Ou seja, aprendeu um discurso, conhece-o e repete-o sem cessar. Isso significa que esse aparelho não muda. Bem, para sua informação, saiba que fui receber ensinamento na casa-mãe, como lhe chamam, na Cidade do México.

— Onde fica exatamente?

— Na Neptuno, 22, na Colonia Guerrero. Pois foi aí que aprendi o que sei. Esse ensinamento durou dez anos.

— Na própria Cidade do México?

— Às vezes lá, às vezes aqui. E, uma vez que me aceitaram, já não quis ir, metia-me medo. Puseram-me à prova e eu pensava: «vão dizer que eu me estou a esquivar».

— Sabe de uma coisa? Sinto que há aqui um espírito.

— Sim, sim, há.

— Um espírito muito poderoso.

— Pois claro, pois claro. Portanto, era esse o meu estado de espírito e, no início, não quis ir. Porque lá há muitos médiuns muito treinados. É a casa-mãe, um verdadeiro colégio, uma universidade, se quiser. Havia muitos alunos e eu não queria ir. Passaram-se três meses e continuavam a insistir, mas eu mantinha-me na minha. Não me sentia preparado! Antes disso,

tinha ido apenas um dia para trabalhar. Um irmão aproximou-se de mim e disse-me: «vem ver». O médico, que ao mesmo tempo desempenhava a função de diretor, era um tal Dr. Gustavo Delgado, da Baixa Califórnia. Tinha sob as suas ordens outros vinte e três médicos. Nesse dia, chegou um estudante doente. Os médicos reuniram-se e, como não faziam nada, então eu agi.

— Quer dizer? O que é que fez?

— Adivinhei o que o estudante tinha: uma parte da coluna vertebral estava fraturada. Localizámos o ponto da fratura e o doutor deu imediatamente ordem de operar. Vinte dias depois, o rapaz regressava à universidade, curado. Então deixei de ter medo, senti-me capaz de agir. Ao cabo de uns dez dias, disseram-me: «agora, gostaríamos que fosses pregar», e eu respondi «sim, está bem», mas preveni-os de que, se eu não adivinhasse as doenças e não conseguisse nada, me retiraria. Consegui, e isso permitiu-me aceder a visões superiores.

— Como assim, visões superiores?

— Aconteceu durante uma cátedra; eu estava sentado a observar todo o desenrolar das coisas, como se estivesse a ver um televisor. Então, dei a chave de tudo o que a Essência tinha dito.

— Isto é, entrou em contacto com a Essência.

— Exatamente, dei a explicação de tudo. Então o mestre mandou chamar-me e disse: «Muito bem, chegou o momento da tua consagração». Em seguida, entregou-me o diploma. «A partir de agora, deves preparar-te para entregar a essência das essências.» E foi isso que fiz durante esses dez anos.

— Aconteceu, ao longo desses dez anos, ter renunciado ao seu aprendizado?

— Não, desde esse momento trabalhei, trabalhei, como se estivesse na escola. E, quando as «faculdades» não vinham, era eu que ia a Yautepec.

— E que opinião tem de Don Lucio Campos?

— Está muito, muito atrás. Veja, quando se pratica este tipo de atividade, não se deve tomar nada para si, e ele toma muita coisa. Há pessoas, há duas mulheres que não têm todos os conhecimentos necessários; então, quando já não conseguem curar certas pessoas, mandam-mas. E eu passei por momentos muito, muito difíceis por causa dessas pessoas que já não tinham força nenhuma.

— Mas o senhor pertence ao templo.

— É o meu berço de origem.

— E as pessoas que seguiam um ensinamento, por exemplo a filha de Don Ramiro?

— Não, essa não. Essas pessoas, por mais que continuem, não têm dom para isso. Como lhes falta confiança, não conseguem. Conheço pelo menos cinco mulheres que chegaram ao desapego, mas isso já não dá em nada, já não conseguem.

— Desapegaram-se? Quer dizer que um espírito as penetrou?

— Sim, um espírito evoluído.

— Em que dias se dão as aulas?

— Às segundas e quartas.

— E o senhor inicia-as?

— Começo. Faço-lhes massagens para estarem descontraídas no momento em que vier a corrente. Se estiver bem treinado e guiado, ainda que por um pequeno aparelho, é porque já está conectado.

— Sabe o que me acabou de acontecer? Sentia um espírito muito poderoso — pois bem, entrou em mim!

— Sim, eu vi-o.

— Viu-o?

— Sabe quem é? É o seu espírito protetor.

— Possível. A menos que seja um protetor encarregado de velar constantemente por si.

— E sabe quem é?

— Hum, mais ou menos. Segundo me parece, o ser que o protege é Macazehuatl.

— Macazehuatl?

— Sim, Macazehuatl. Um espírito muito inteligente e muito bom.

— E de onde vem?

— Bem, se retomássemos?

— O que chama a Essência?

— Para nós, digamos que a Essência é um espírito, um Deus que não conhecemos.

— É um espírito, ou uma consciência pura?

— É um espírito, mas nós não o conhecemos; apenas sentimos que vem até nós e nos protege.

— Trata-se sempre da mesma Essência?

— É a mesma Essência, mas as suas versões são diferentes. É o que dizíamos há pouco: quando é sempre o mesmo aparelho a exprimir-se, ele não é inteligente.

— No fundo, trata-se de uma imposição?

— Exatamente, percebeu bem. Mas, quando o aparelho fala, cada discurso deve ser diferente.

— Diga-me, os templos de Yautepec, Tecolapan, Cidade do México, têm todos a mesma organização? Também são compostos por um Pedro, um guia e um guardião? Como é que isso se processa?

— Bem, digamos que somos três.

— Três guias?

— Não, um guia, um Pedro e um guardião. Começamos por construir uma elevação para podermos meditar, rezar. Depois vêm os outros, os médiuns, que pouco a pouco se desapegam. São os chamados «faculdades».

— Os que recebem a Essência.

— Sim.

— Mas quem é o guia? É o iniciador?

— O guia é quem ensina os outros, quem os dirige, quem organiza, quem antecipa tudo.

— E o guardião, o que faz?

— Pois, o guardião é uma personagem essencial. É ele quem faz com que tudo corra bem dentro do recinto.

— O senhor é o guardião? Então é o senhor que vela para que tudo se passe bem?

— Cabe-me ver se alguém vai — e quer — desapegar-se e, se o faz mal, explico-lhe como agir. Por isso sou o guardião. Porque esse conhecimento veio-me à força de me desapegar, de trabalhar sobre mim mesmo. Por isso sou o guardião.

— E depois vêm as «faculdades»?

— Sim, as «faculdades» e as «colunas».

— O que são as colunas?

— As colunas são os que vão e vêm pelo meio da assistência para vigiar que as pessoas não adormeçam. Porque, quando uma pessoa

adormece, é porque o diabo a corteja, já que não quer que escutemos as palavras de Deus. O diabo é precisamente aquele que se transformou em gigante. É assim que o reconhecemos: quando está a acontecer algo de bom e alguém vem e deita tudo abaixo. É o diabo em pessoa. Por exemplo, às vezes pode introduzir qualquer coisa no espírito de um homem e este fica como louco, começa a ter maus pensamentos, mostra-se de mau génio. É o demónio em pessoa. Ao passo que quem mantém o controlo de si e medita, esse é bom; não precisamos que Deus desça do céu — não sabemos sequer se o homem bom existe ou não.

— Creio que cada um é responsável.

— Pode ser o seu próprio Deus, aí está a chave. Você é responsável.

— E a Essência? Acha que a Essência está em nós ou é outro ser?

— Não, não está em nós. Se você é bom, se tem bons pressentimentos, se sabe reconciliar as pessoas, compreendê-las, isso é a própria Essência.

— Mas, segundo você, o seu aprendizado condu-lo ao conhecimento de si mesmo ou ao dos outros?

— No início, eu acreditava que o meu conhecimento não vinha de mim. Era o que pensava. Mas, à medida que as minhas capacidades se desenvolveram, apercebi-me de que ele estava muito próximo do nosso coração, das nossas células, do nosso espírito, que existia no nosso pensamento.

— Portanto, se servimos de intermediários, é para nós próprios.

— Exatamente.

— Não para nenhum espírito, embora possa haver quem se introduza em nós. Aliás, o que é um espírito introduzido em nós?

— O nosso mental é o pensamento justo, a meditação divina que existe em nós, que nos penetra. E é ela que transmite boas palavras.

— E quem são Pluma Blanca, Gacela...?

— São representantes de tribos que se formaram desde os faraós. Dois grandes sábios.

— Mas, por exemplo, Benjamim da Selva é um espírito, certo?

— Sim, claro.

— E no entanto a Essência é a sua?

— Sim, é a mesma coisa; só se distingue pelas tribos.

— Mas a Essência está em tudo — tanto em Benjamim da Selva como naquele que atingiu a Essência.

— Se lá chegou, adquiriu mais sabedoria. Noutros locais de culto, lugares de oração, diz-se que esses espíritos, essa infância espiritual, desejam evoluir.

— Podem fazê-lo se quiserem, se tiverem vontade de evoluir.

1 *Pluma Branca*

2 *Gazela*

OS CONCEITOS XAMÂNICOS DE DON JUAN MATUS, DE SONORA

Herdeiro de um xamã-nahual mexicano, Carlos Castaneda tornou público um dos ensinamentos mais completos e abstratos do xamanismo mexicano.

Infelizmente, o conhecimento que tenho desse xamã-nahual, Don Juan Matus, de Sonora, é indireto, e o estudo que se segue apoia-se nos escritos de Castaneda, em particular no seu livro *O Fogo Interior*¹, no qual o autor apresenta um resumo das ideias do seu mestre Don Juan.

Segundo Don Juan, cada ser humano possui um corpo energético que rodeia e compreende o corpo físico sob a forma de um ovo luminoso. Dentro desse ovo, ou casulo, encontra-se um número considerável de emanções de energia. Fora do ovo existem também emanções exteriores. Na sua vida, cada ser humano utiliza um feixe de emanções. Cada emanção interior, ao alinhar-se com uma emanção exterior correspondente, dá origem ao mundo da percepção ordinária. A interação das emanções é ditada por um modulador que, na linhagem de Don Juan, é chamado «Ponto de Montagem».

O Ponto de Montagem atua como um íman luminoso que atrai e põe em contacto as emanções exteriores e interiores. A origem das emanções exteriores é a fonte da consciência, representada de modo mítico por uma Águia gigantesca.

¹ *Le Feu du dedans (O Fogo Interior)*, Carlos Castaneda, Gallimard, 1984

Quando uma criança nasce, o seu Ponto de Montagem não é fixo; por conseguinte, viaja entre os diferentes mundos reais criados pelas oscilações sucessivas do seu Ponto de Montagem. Mais tarde, os adultos que a rodeiam ensinam-lhe a fixar o seu Ponto de Montagem na mesma

posição que o deles, isto é, no mundo da vida quotidiana. Isso faz com que a criança deixe de se deslocar para outras realidades e acabe por aceitar como único «real» aquele que o alinhamento particular de emanções, fixado pela posição do seu Ponto de Montagem, lhe dá a ver.

Uma vez adulta, essa criança ministrará o mesmo ensinamento aos seus próprios filhos, considerando que a realidade ordinária é a única existente.

O Homem de Conhecimento, pelo contrário, sabe que existe um número infinito de realidades devido às diferentes posições que o Ponto de Montagem pode adotar e, portanto, às diferentes emanções que «se acendem» ao alinhar-se.

Enquanto o homem comum é limitado pela posição única do seu Ponto de Montagem, o xamã aprende a controlar à vontade as posições do seu, o que lhe permite penetrar outras realidades quando o decide.

O desenvolvimento pessoal de um Homem de Conhecimento implica igualmente o controlo do seu Ponto de Montagem e a perda da própria importância. Segundo Castaneda e a sua linhagem, as modificações da posição do Ponto de Montagem só podem efetuar-se com segurança quando o Homem de Conhecimento possui energia suficiente — energia que se desvia quando é empregue em benefício do ego pessoal.

Uma vez deslocada a posição do Ponto de Montagem, a economia de energia do xamã basta para manter o seu desenvolvimento no rumo certo, como se algo o guiasse. Esse «algo», Castaneda chama-lhe o «Poder».

As emanções exteriores a que o homem pode aceder estão representadas na zona interior do seu casulo. Entre elas, as que são fixas correspondem ao mundo conhecido. As emanções interiores ainda não exploradas formam uma parte do mundo desconhecido. As emanções exteriores que não encontram correspondência com as emanções interiores representam uma parte do que não se pode conhecer. Existem também feixes de emanções a que se chamam bandas. Ainda segundo a linhagem de Castaneda, o mundo desconhecido constitui o «Nagual», enquanto o mundo conhecido é o «Tonal». O mestre dos xamãs também se chama o Nagual, pois é quem melhor acede às bandas desconhecidas e está preparado para as mostrar aos seus discípulos.

Para Don Juan, a razão essencial da nossa vida é alcançar a consciência de si. Quando o xamã percorre, uma a uma, todas as bandas

desconhecidas possíveis e acede à consciência de si em cada uma das suas realidades, chega ao pináculo da sua evolução. Nesse momento, pode optar pela liberdade total.

Se fizer essa escolha, desaparece por um ato supremo e prodigioso de vontade, consistente em acender simultaneamente todas as emanções de todas as bandas. Carlos Castaneda foi, por duas vezes, testemunha desse acontecimento incrível: a primeira, quando Don Juan desapareceu deste mundo; e a segunda, em 1985, quando Florinda, uma das discípulas de Don Juan, fez o mesmo. Castaneda conta que Florinda, tendo-o convocado com outros membros do seu grupo, se despediu deles; depois disso, acendeu as suas bandas e desapareceu instantaneamente sem deixar qualquer rasto — nem sequer as roupas.

Segundo Castaneda, se alguém morre assim, a sua Consciência permanece viva e totalmente livre.

O conceito mais interessante desta linhagem é a noção da existência do «Moldes do Homem». O Molde do Homem é um feixe de bandas que nos caracteriza enquanto humanos. Quando alguém consegue sentir esse Molde, vive uma experiência extática. É isso que leva Castaneda a dizer que esse Molde é aquilo a que chamamos Deus.

DON LUCIO DE MORELOS

O PRIMEIRO ENCONTRO

Os xamãs do México estão agrupados em diferentes linhagens, segundo as suas técnicas, procedimentos e a sua particular conceção da realidade. Entre essas linhagens está a dos graniceros de Morelos, que se dedicam a gerir as condições atmosféricas, a fim de evitar que as tempestades, as quedas de granizo ou as geadas destruam as sementeiras das comunidades que protegem. Don Lucio Campos é um dos diretores da linhagem dos graniceros de Morelos. Para Don Lucio, a realidade divide-se em duas grandes secções: a do mundo visível e a do mundo invisível. O mundo visível é a realidade dos objetos, dos corpos e das condições físicas e materiais. O mundo invisível, por sua vez, é a realidade dos seres que vivem no espaço, os trabalhadores do tempo.

Segundo Don Lucio, um xamã da sua linhagem pode entrar em contacto com os trabalhadores do tempo se for escolhido para tal. A

manifestação dessa escolha é um acontecimento de proporções terríveis, que consiste em um raio cair sobre o corpo do candidato e este sobreviver. O próprio Don Lucio foi atingido há mais de trinta anos, após o que se tornou xamã. Como tal, dedica-se a curar os membros da comunidade que assim o solicitam. Para além do seu labor como curandeiro, Don Lucio é mestre e guia de um grupo de discípulos que o visitam. Uma vez por ano, a 5 de maio, este xamã, juntamente com os membros da sua linhagem e os seus discípulos, realiza uma cerimónia em El Caleca, uma gruta situada entre os vulcões Popocatepetl e Iztaccíhuatl. Nessa gruta, Don Lucio pede poder para enfrentar com êxito as tempestades e as quedas de granizo.

O quotidiano de Don Lucio decorre como o de um camponês de Morelos, dedicado ao cuidado da sua milpa, dos seus animais e do seu lar. Casado e com vários filhos, Don Lucio afirma que o seu trabalho como xamã deve manter um equilíbrio saudável e uma integração sem atritos com a sua vida de marido, pai, avô e camponês. Ele reserva um lugar especial da sua casa para o altar, onde pratica as suas artes de curandeiro e o seu magistério xamânico. Foi através de um amigo que soube da existência de Don Lucio. O meu interesse pelo estudo das concepções relativistas do tempo levou-me a procurá-lo. O que se segue é o relato do meu primeiro encontro com ele.

Numa tarde dirigi-me a Tlayacapan. Não conhecia a morada de Don Lucio, por isso decidi deixar-me guiar pela intuição. À altura de um celeiro, reconheci uma cabana estranha e, pensando que aí vivia Don Lucio, explorei-a. Depois dessa e de outra tentativa falhada, optei por perguntar ao meu amigo a morada de Don Lucio. O meu amigo, antropólogo especialista em xamanismo e cineasta experimental, informou-me onde o podia encontrar. Saí de Tlayacapan e, pelo caminho, envolveu-me uma tempestade terrível. Uns miúdos fizeram-me hesitar em prosseguir e isso fez com que encontrasse Don Lucio na sua carrinha, já na estrada. De qualquer forma, conheci a sua família. A esposa, uma índia belíssima e já de idade, impressionou-me pela pureza dos seus traços, com rugas que lhe saíam dos olhos em direção às têmporas, as mesmas rugas que Don Lucio tem.

Dois dias depois voltei a encontrar-me com Don Lucio. Saí de manhã da Cidade do México e, à hora marcada, encontrava-me ainda no miradouro de Cuernavaca. Sentia-me cansado e mal-disposto. Depois de cabecear uns instantes, senti de repente necessidade de partir. Pus o

automóvel em marcha e, em menos de seis minutos, já estava em Tepoztlán. Aconteceu algo, pois à velocidade a que viajava esse trajeto dura doze ou treze minutos. Parecia que uma força me tinha engolido e depositado depois em Tepoztlán.

Mais tarde, Don Lucio recebeu-me amavelmente, oferecendo-me uma pequena cadeira no seu quarto dos altares e oferendas, repleto de imagens de santos e cruzeiras colocadas no centro de uma mesa. Depois de nos cumprimentarmos e de perguntar pela minha origem e local de residência, sorriu abertamente e questionou-me: “De que precisa?”. Senti-me obrigado a explicar as minhas intenções. Falei-lhe do meu trabalho e da minha convicção quanto ao tempo como porta de acesso à sabedoria. Depois da explicação, calei-me. Don Lucio apoiou o queixo na palma da mão e, semicerrando os olhos, meditou uns instantes. No final, olhou para mim e disse: “O tempo é muito importante, mas aprender com ele é muito difícil e caro”.

Senti uma incongruência. Não podia misturar o económico com o espiritual, e menos ainda tratando-se de um índio. Fui criado por uma índia que, ao morrer a minha mãe, ocupou o seu lugar em casa. Conheci a beleza, a pureza e a honestidade que se escondem na alma e no coração de um índio. A referência que Don Lucio fazia ao quão caro seria o meu aprendizado deixou-me confuso e alarmado. No entanto, havia algo na sua expressão que não coincidia com o fator monetário. Don Lucio, seguramente, estava-me a pôr à prova. Quando cheguei a essa conclusão, tranquilizei-me e disse: “Pois diga o senhor, e logo veremos se me chega”.

Don Lucio soltou um “mmmh...” e, depois de meditar outro momento, mudou abruptamente de tom. “É preciso muito entusiasmo — disse suavemente — e, além disso, o risco é elevado. A gente do tempo é muito dura e aí não existem caminhos.” Pensei que tinha ouvido mal. Don Lucio falava de gente do tempo e mencionava um lugar específico em que habitavam. Pensei que talvez se referisse a outro plano de existência. “Em que lugar vivem essas gentes, Don Lucio?” Ele sorriu de novo, com uma expressão de serenidade misturada com mistério e ironia. “Eu sei do que falo, Jacobo. Vivi três anos com eles e não é fácil.” “Três anos?” — perguntei, espantado. “Sim, senhor” — respondeu-me Don Lucio com convicção. — “Estive três anos com eles e ensinaram-me o que é o tempo.”

O meu entusiasmo aumentava a cada instante. Creio que, se tivesse conhecido Don Lucio uns meses antes, não lhe teria acreditado, mas

já aceitava a realidade de outros planos de existência. “Quero saber mais, Don Lucio; não me importa o que tenha de fazer. Além disso, aceito o risco.” Don Lucio olhou-me de novo e uma expressão que interpretei como de confiança surgiu-lhe no rosto. De novo pareceu meditar um instante antes de falar. “Vejo que há entusiasmo e força, e é disso que se precisa. O que quero saber são as intenções que tem.” A minha intenção era saber e voar, assim, literalmente. No entanto, não sabia como explicá-lo. Por outro lado, tinha dedicado a minha vida a escrever e, com cada novo livro, sentia que contribuía com algo positivo para o ser humano. Foi isso que lhe fiz saber, acrescentando uma comparação: “O senhor dedica-se a curar, Don Lucio, porque sabe que é bom e com isso contribui para o bem-estar humano. Eu escrevo pelas mesmas razões. A minha intenção é saber mais e partilhar os meus conhecimentos.” “Muito bem, muito bem — disse Don Lucio com doçura —, vejo que não há nada de mau. Creio que posso fazer algo. Convocarei os espíritos (já não lhes chamo gentes) e dir-lhes-ei que quer falar com eles para assim obter sabedoria.”

Isso pareceu-me excelente. Precisava de falar das minhas ideias e ninguém melhor para me compreender e instruir do que entidades espirituais. Agradei-lhe e, além disso, fiz-lhe entender que o que queria era percorrer aquele caminho sozinho, sem depender de alguém. “A única coisa que será necessário fazer — disse de repente Don Lucio — é uma cerimónia na qual darei luz.” No final, perguntei-lhe se o manejo do tempo permitia viajar de um lugar para outro. “Em espírito, sim — respondeu-me —, mas não em corpo. O tempo pode deter-se, acelerar-se ou retardar-se, mas ninguém pode viajar com o corpo nele.”

Na terça-feira fui comprar todas as coisas necessárias para a cerimónia e levei-as a Don Lucio. Ele reviu as velas, o mole, as flores, as frutas e os doces. Depois sentámo-nos a conversar.

— Estive a falar com eles — disse, com seriedade, Don Lucio — e perguntaram-me o que é que eu ia fazer com o conhecimento que me dessem.

— Vou escrever, Don Lucio — disse-lhe.

Pois eles dizem que haverá coisas que não poderá escrever e, além disso, querem saber o que fará com os lucros dos seus livros.

Devo confessar que aquilo me dececionava. Ninguém, exceto a minha própria consciência, tinha direito a decidir sobre o que eu escreveria. Por outro lado, os lucros seriam absurdos, pois, por mais livros que se

vendam no México (se é que os editores aceitam publicá-los), o ganho para o autor é sempre ridículo.

Fiz isso saber a Don Lucio, acrescentando que não aceitava imposições quanto ao que escrevia, mas que me apercebia do cuidado e respeito que deveria ter ao fazê-lo. Mencionei-lhe que compreendia que algumas coisas não se deviam dizer e que não se preocupasse. Don Lucio parecia convencido e perguntou-me o que me tinha sucedido desde que nos vimos da última vez. Contei-lhe as dificuldades por que passava e disse-lhe que tinha a sensação de estar a ser posto à prova.

— Sobretudo — acrescentei —, há alguém com quem me tenho encontrado em lugares inesperados. Um senhor de idade avançada e rosto muito estranho atravessou-se tantas vezes no meu caminho que não podia ser coincidência.

Don Lucio pareceu preocupar-se e fez-me várias perguntas acerca das características do senhor. No final, disse-me que o veria no seu percurso noturno.

— Se for dos deles — disse, sorridente —, hão de trazê-lo, e se não for dos deles, logo se verá o que quer.

Ao despedir-me, explicou-me a razão das velas votivas que me pedira para a cerimónia. Disse que, ao acendê-las, se daria conta (pelo tamanho da luz) da resposta dos espíritos.

Ao princípio tinha-me solicitado seis velas, mas, desta vez, duplicou a quantidade.

— É porque a coisa é mais séria do que eu pensava. Precisam-se de doze, pelos apóstolos — disse, seriamente.

Pedi-me também álcool e charutos. A razão que me deu foi que, na cerimónia, estaria “gente” de todas as idades.

Era necessário álcool porque, quando essa gente vivia no mundo, não existiam bebidas como as de agora. Para as crianças, pediu-me chocolates e doces.

Na quinta-feira, cheguei trinta minutos mais tarde do combinado. O netinho de Don Lucio saudou-me pelo nome, e o avô explicou-me que, antes de iniciar a cerimónia, ia fazer uns trabalhos no monte com alguns discípulos. Decidi acompanhá-lo e, após caminharmos um bom bocado, encontrámo-nos numa pequena esplanada rodeada por campos de cultivo. A dois ou três metros do lugar em que o discípulo de Don Lucio tinha sentido o início da sua doença, havia uma árvore danificada e queimada por

um raio. A Don Lucio aquilo pareceu-lhe lógico. Acendeu copal e iniciou a cerimônia de “limpeza”, a qual incluiu várias etapas. Primeiro, o copal, cuja fumaça Don Lucio espalhou por todo o lugar. Depois cobriu o doente com flores e lançou-lhe álcool. Por fim, aspergiu uma limonada em todas as direções e, com duas palmas nas mãos, afugentou e desenredou (assim disse depois) os espíritos que se haviam apoderado do seu aluno.

No caminho de regresso, perguntei-lhe se ele podia ver os espíritos e respondeu-me com um “claro que sim! Se não, como haveria de fazer para curar?”. Por fim, chegámos a sua casa. Enquanto assistíamos à “limpeza”, a esposa de Don Lucio tinha colocado as flores, as frutas e as velas votivas sobre a mesa. Don Lucio explicou que os males dos seus discípulos também eram dele e, portanto, devia curá-los e cuidá-los como a filhos.

A cerimônia iniciou-se com o acender das velas. Don Lucio observava as chamas e, de acordo com a sua altura ou coloração, soltava expressões de contentamento ou de preocupação. Depois fez a apresentação perante a assembleia de espíritos, dizendo que me recomendava e sublinhando o meu entusiasmo, boa-fé e intenções. Don Lucio continuava a olhar as chamas e a anunciar que tudo ia bem, que não tinha problemas e que eu fora aceite.

Mais tarde, sentámo-nos a comer e comecei a fazer perguntas:

Existe a reencarnação? As gentes do tempo reencarnam? A consciência adquire-se ou deposita-se num corpo? Don Lucio ria-se das perguntas e respondia uma a uma.

— A reencarnação existe, sim — disse, solenemente —; os trabalhadores do tempo nunca regressam e a consciência dá-se.

Discutimos depois uma profecia tibetana que mencionava o México como lugar de início de uma grande mudança de consciência.

— A mudança já foi iniciada — disse Don Lucio — e será muito grande.

Não me quis dizer como nem quando se tinha iniciado, mas contou-me a história do avô do discípulo que acabara de “limpar”.

— Era um homem muito bom, mas os raios implicavam com ele. O raio caiu-lhe três vezes e, da última, matou-o. Converteu-se em trabalhador, pois estes andam sempre com os raios. Agora o neto tem um trabalho, mas tem-se “deixado” e por isso lhe veio a doença.

Continuámos a falar por várias horas e, ao final, combinámos ver-nos na segunda-feira para conversar acerca das nossas experiências. Despedimo-nos e Don Lucio desejou-me toda a sorte de bens.

O que continua é a reprodução quase literal do relato da iniciação de Don Lucio ao xamanismo, narrada pelo mesmo autor, durante uma conversa realizada no recinto dos altares de sua casa. Um relato deste tipo requer, para ser obtido, a confiança do xamã, e esta só se consegue depois de passar por provas de intenção. Neste caso, Don Lucio permitiu inclusive a reprodução do seu relato.

Encontrei Don Lucio a brincar com o seu recém-nascido neto, na ponta de uma pequena mesa de madeira onde comia o resto da família. As risadas misturavam-se com os vapores húmidos que fumegavam do temazcal, seguramente preparado para a mãe que havia parido há pouco. Receberam-me como se fosse mais um membro da família e fizeram-me acompanhá-los. Eu vinha de Tepoztlán e, de repente, senti que a aldeia de Don Lucio era muito mais o meu verdadeiro lar.

O neto de Don Lucio olhava-me, plácido e relaxado, enquanto o avô, quase surdo, me dizia que Deus o tinha abençoado de novo. Eu sentia um fogo interno quase insuportável e decidira vir visitar Don Lucio para lhe pedir conselho. Ele pareceu entender a minha urgência e convidou-me para o quarto contíguo, no qual uma mesa cheia de estatuetas e velas servia de altar, junto a duas pequenas cadeiras de madeira. Sentámo-nos um em frente ao outro e Don Lucio apercebeu-se de que a sua vela vermelha tinha libertado toda a parafina através de uma fenda no copo de vidro que a continha. “Estalou por calor a mais”, disse-me com um sorriso. Eu entendi-o como reflexo do fogo que me consumia.

Don Lucio olhou-me nos olhos e senti que me trespassava. “É preciso conservar-se”, disse, com seriedade. “Nestes tempos o mal anda solto e tenta meter-se, mas devemos rejeitá-lo para nos mantermos em alto. Nada deve fazer cair e, com a ajuda de Deus, tudo se arranja.” Gostei das suas palavras, eram um reflexo exato do que eu sentia, e agradeci-lhas. Depois de um instante de silêncio concentrado, prosseguiu:

“É como no outro dia. Veja que até no tempo se reflete o outro e tenta deixar-nos sem colheitas. Vi no céu uma nuvem negra como um redemoinho e dei-me conta de que, das quatro direções, vinham nuvens iguais, todas a arremoinhar e a dar voltas. Disse para comigo que aquilo era muito grave e que uma grande batalha se estava a travar lá no céu. Peguei

na minha luz e pus-lha do lado direito e, do esquerdo, acendi o meu carvão e preparei-me para sahumar. Sentei-me no meio de ambas, à porta de minha casa, preparado para rejeitar aqueles seres. Começou a cair granizo e, veja, Jacobo, num instante a terra embranqueceu. Fiquei forte e mandei-a para cima e lá se foram, tão depressa como tinham vindo; via-se que se dirigiam para Tepoztlán e Zempoala, as condenadas.”

Não pude ocultar a minha alegria; ri e, de puro gosto, batia palmas a Don Lucio, que fazia o mesmo que eu.

“É o mesmo com a gente”, disse eu de improviso, surpreendendo-me com as minhas próprias palavras; “tratam de se introduzir em nós como as nuvens e é necessário mantermo-nos à parte.”

“Assim é”, respondeu-me, mostrando a mão esquerda. “Vês estes dedos? Pois com eles aprendi a dirigir o raio.”

A súbita mudança no tema da conversa apanhou-me desprevenido. Eu estava a formular uma pergunta que não teve tempo de vir à superfície da consciência, mas que, depois da observação de Don Lucio, apareceu com clareza. Quem eram os seres por detrás das nuvens?

Coloquei a questão a Don Lucio e ele olhou para mim, surpreendido. “Pois não lhe contei!”

“Se calhar, mas já não me lembro”, respondi, com timidez.

“Ah, caramba, Jacobo... então aí vai. Olhe, no outro dia, no campo, uma árvore forte, de tronco muito largo, amanheceu arrancada da terra com tudo e raízes e tombada sobre o trigal de um compadre. Chamaram-me para ir ver e dar testemunho. A árvore tinha sido extraída do solo por uma mão muito forte e deixada a certa distância do seu lugar de origem, sã, sem o menor sinal de dano, completa, com ramos e tudo. Eu soube que isso fora obra dos do tempo, que são muito fortes e trabalham juntos. Eu também fazia esses trabalhos quando andava com eles.”

“E como chegou até eles?”, perguntei, com vontade de voltar a ouvir a história.

“Bom, pois não lha tenho já contado, homem?”

“Olhe”, prosseguiu com decisão, “um dia levei o meu gado a pastar ao monte. Estava lá por volta das três da tarde quando, de repente, olhei para o céu e vi como que uma bola, feita de gomos de todas as cores, que se aproximava de mim muito depressa. Essa bola brilhava e era tão bonita que estendi as mãos para tentar apanhá-la. Assim estava quando, de súbito, tudo ficou negro. Por volta das cinco e meia acordei no chão, sem

saber o que tinha acontecido. Corri a ver as minhas vacas e, ao tocar na cabeça, senti-a húmida e sem chapéu. Vi que a erva onde eu estivera estava espalmada e, de repente, lembrei-me do que tinha acontecido. Apoderou-se de mim um medo de morte porque percebi que o raio me tinha caído em cima. Corri para o meu gado e encontrei-me com um amigo. Disse-lhe que queria abrigar-me em casa com receio de que o raio me voltasse a encontrar. O meu amigo riu-se de mim e disse que, mesmo em casa, me podia acontecer. Entendi que ele tinha razão e conformei-me. Ao fim e ao cabo, em todo o lado era o mesmo! Sentei-me sobre uma pedra a contemplar o campo. Estava um sol muito bonito e eu sentia-me bem, mas com uma fome do caracas. Nunca tinha sentido tanta fome. Levantei-me e cheguei a casa.

A minha mulher estava grávida do nosso primeiro filho e não lhe quis dizer nada para não a assustar. Pedi-lhe que me ajudasse a tirar o meu gabão e ela aproximou-se e cheirou a queimado. ‘Então, de onde vem esse cheiro?’, perguntou-me. Eu não lhe disse nada. Comi como um desesperado, mas foi a última vez que o fiz. A partir desse dia já não queria comer e, passados quinze dias, estava só pele e osso. Adoeci de morte, Jacobo, e tinham de me levar ao colo de um lado para o outro porque eu já nem conseguia andar.

Pedia-lhes que me deixassem morrer na minha cama e que já não me andassem a passear, porque só me dava vergonha. Levaram-me a médicos, a centros de cura, e ninguém sabia o que se passava comigo. Assim passei três anos da minha vida. O meu corpo estava a morrer, mas o meu espírito tinha-se desprendido e estava com os do tempo... conheci muitas coisas, Jacobo, e percorri os rebanhos de todas as cores e os seus pastores.”

“Ouça, Don Lucio”, interrompi, “de onde são os seres dos rebanhos?” A expressão de Don Lucio mudou. Olhou-me fixamente nos olhos, como a perguntar se eu falava a sério, e depois deu-me uma palmada nas costas, rindo-se.

“Como assim, de onde são os seres dos rebanhos?”, disse, a rir. “Que se passa, Jacobo, que se passa? Onde anda a sua cabeça? Pois somos nós... Sim, homem, nós é que somos os rebanhos! Então não sabe? Caramba!”

Senti-me envergonhado, embora a interrogação permanecesse dentro de mim. Olhei inquisitivamente para Don Lucio e ele parecia adivinhar a minha dúvida. Tossiu ligeiramente e prosseguiu dizendo:

“As cores são várias: branco, amarelo, depois ouro, preto. Ora diga, Jacobo: de onde saem as cores?”

“Pois... não sei, Don Lucio.”

“Eh, caramba! Então onde anda essa cabeça, homem? Veja: os brancos somos nós, os mexicanos; os louros são os americanos; os de ouro são os alemães.”

“Eu julgava que os negros eram os americanos, Don Lucio.”

“Não, homem, que é isso, que é isso; somos todos iguais e, mais além, mais ainda — entre os do tempo. Lá trabalha-se em igualdade, embora as cores continuem a existir.”

“Em que é que se trabalha?”, perguntei com curiosidade, sentindo-me como uma criança pequena diante de um velho enorme e sábio.

“Isso é que é bonito”, disse Don Lucio com um sorriso. “Existem muitos trabalhos; então, não lhe tenho já contado?”

“O primeiro ano estive a trabalhar com o tempo. Caminhava com os rebanhos de um lado para o outro. Ali, num minuto, caminha-se do México aos Estados Unidos. Vigiávamos as nuvens e os relâmpagos e dávamos a volta ao mundo, cuidando e mudando o rumo das tempestades.

“Veja, vê esta mão? Dos dedos saíam luzes para mover os raios.

“O segundo ano estive a trabalhar a terra. Aprendi a reconhecer as sementes, a semear e a colher. Hoje sei como cuidar do milho, do trigo, do feijão, das favas, de tudo o que se possa plantar.

“O terceiro ano conheci todos os rebanhos e os seus pastores. Como já disse, os rebanhos são de todas as cores e o primeiro deles é o branco — e esse somos nós, os mexicanos.”

Eu tinha estado numa reunião em Tepoztlán na qual um arqueólogo, Alexander Von Wuthenau, defendera a tese de que o México fora visitado por homens de todas as civilizações muito antes de Colombo. Perguntei-lhe se isso significava que o mexicano atual era o produto da mistura de todas as raças e ele disse que sim. A luz branca é a mistura de todas as luzes e isso coincidia com o que dizia Don Lucio. Fi-lo saber e ele respondeu-me dizendo que o México estava no centro.

“Assim é, Jacobo, o México é o centro e por isso nos visitam tanto; nós temos essa luz.”

Eu acabava de regressar da Índia e do Nepal e a observação de Don Lucio refletia a minha própria opinião. O mexicano parecia possuir o contacto com o próprio centro da consciência, sobretudo o mexicano do campo.

“Por isso mesmo, antes não suportávamos os estrangeiros; sentíamos-los longe e estranhos desse centro, e isso era-nos muito difícil”, disse-me Don Lucio com convicção.

“É que esse centro”, acrescentei eu, “é o maior tesouro. É daí que se pode sentir o infinito. É novo a cada instante e, ao mesmo tempo, o mesmo. A partir daí pode curar-se; tudo adquire significado.”

“Assim é”, disse Don Lucio, palmeando-me as costas. “Vejo que o senhor me entende e, por isso, venha um dia de madrugada e em jejum para que possa ter o testemunho das cores e dos rebanhos. Isso é muito importante sabê-lo, muito, muito importante.”

Obviamente, o convite seduziu-me e disse que viria num sábado para dar testemunho.

Lembrei a Don Lucio que me estava a contar o seu encontro com todos os rebanhos. Aclarou a garganta e continuou o seu relato.

“Caminhava entre eles e, assim, um dia cheguei a um vale muito grande, onde estavam reunidos todos os rebanhos e os seus pastores. As montanhas estavam cheias deles e tudo se via muito precioso. A meio do vale estava o pastor de todos os pastores, sentado numa rocha, com uma barba branca muito comprida e um cajado sobre os joelhos. Eu estava à beira do vale quando os rebanhos, ao sentirem-me, abriram caminho. Caminhei entre eles e, pouco a pouco, fui-me aproximando do pastor-mor; quando cheguei até ele, olhou para mim e ergueu o seu cajado. Deu-me as boas-vindas e disse que eu estava ali graças à bondade de Deus; perguntou-me se desejava seguir até ao fim do caminho e, ao dizer-lhe que sim, apontou-me uma vereda e indicou-me que, depois de a percorrer, regressasse ao lugar onde ele estava. Assim, continuei a caminhar até chegar a uma montanha que obstruía o caminho. Outras duas montanhas, nos lados, resguardavam um pequeno vale. À esquerda, uma cruz com Cristo nela olhava para mim. Jesus estava ali, sem cravos, por sua própria vontade. À direita havia três arcas e uma trave. Aproximei-me da primeira e quem a guardava perguntou-me se desejava ver o seu interior. Disse que

sim, e ele abriu-a. Uma água cristalina estava ali, a rodopiar tranquila. Umas gotas salpicaram-me e uma caiu-me na testa. Compreendi que era o líquido do bem.

“A segunda arca continha um líquido acinzentado e turvo, e também dava voltas e rodopiava em remoinhos.”

“Também foi salpicado por essa água?”, perguntei.

“Sim, também; e então disseram-me que a terceira arca era terrível, que, se eu quisesse, nem ma mostrariam. Recusei, e a tampa foi aberta. Um remoinho terrível lançou-a ao ar e pude ver o interior. Viviam lá dentro animais horríveis; víboras espantosas cruzavam-se com rãs e as suas bocas venenosas emergiam à superfície de um líquido muito escuro, tentando morder-me. Depois de ver tudo isso, regressei ao pastor-mor. Deu-me de novo as boas-vindas e disse que tudo me fora mostrado porque essa tinha sido a sua vontade.

“‘Agora’, continuou a dizer-me, ‘é minha vontade que regreses ao teu lugar de origem e lá recebas todos estes rebanhos, que os orientes para a luz e os desembuces.’ Eu senti-me morrer. Depois de três anos na glória, faziam-me voltar ao inferno da terra. Apesar do meu desagrado, aceitei a minha missão, mas pedi ao pastor que a sua presença me acompanhasse no meu trabalho. ‘Não só isso’, respondeu-me; ‘também terás a ajuda do mundo espiritual.’”

“Regressei, pois, a este mundo e, numa tarde, disse à minha mulher que me aparelhasse uma burrinha. Assim fez, e eu montei-a e fui para o campo. Encontrei um prado junto a uma árvore e ali me deitei. Levantei-me depois de umas horas e regressei a casa. A minha mulher recebeu-me e, pouco a pouco, fui-me curando sozinho com a ajuda do campo.”

“O pastor-mor também me permitiu cobrar as minhas curas e dar-me tempo para cultivar a terra e, assim, sustentar os meus.”

“Um dia veio um senhor a quem eu tinha ajudado. Ofereceu-me um lugar na Segurança Social, na Cidade do México, para eu fazer o meu trabalho. Eu disse-lhe que não; limitei-me a olhá-lo nos olhos e disse-lhe: ‘Então, que é isso?’ Eu não queria tornar-me como um deles, mas sim manter-me responsável pelo meu trabalho. Ele insistiu; disse que tinha muitas influências e que era só uma questão de eu assinar uns papéis, e isso bastava para me assegurar a vida inteira. ‘Então, que é isso?’, tornei eu a dizer, e voltei a recusar. Ele zangou-se e disse que eu nem o que era dado

aceitava. Ora, eu dou-me conta de que aqui é o meu lugar e é aqui que recebo as gentes dos rebanhos. Às vezes vêm sacerdotes e eu pergunto-lhes pelos seus rebanhos e eles não entendem do que lhes falo. Faça-me o favor: se eles não entendem, então quem entende?”

“Um sacerdote vem sempre pedir-me a minha bênção. Pois essa é que é grande! Eu a dar a bênção a um sacerdote — e, quando lhe pergunto porquê, ele diz-me que é porque lhe corre sempre tudo bem quando eu o abençoo.”

“Agora cuido dos campos e afasto os seres maus que querem acabar com as colheitas; e digo aos camponeses que vão benzê-los os foguetes e que os façam rebentar no ar sempre que venha uma nuvem má. E assim fazem, e tudo corre muito bem.”

“O senhor, Jacobo, venha dar testemunho quando quiser. Aqui o espero.”